HISTORIA
DA PRODIGIOSA IMAGEM
DO
BOM JESUS
DE BOUÇAS

HISTORIA
DA PRODIGIOSA IMAGEM
DE
CHRISTO
CRUCIFICADO,
Que com o titulo de
BOM JESUS DE BOUÇAS
SE VENERA NO LUGAR DE MATOZINHOS
na Lusitania,
Em que se referem notaveis Antiguidades deste Reyno,
DEDICADA AO MESMO SENHOR,
E OFFERECIDA
A ELREY DE PORTUGAL
D. JOAÕ V.
POR
ANTONIO CERQUEIRA PINTO
Cidadaõ da Cidade do Porto, Academico supranumerario da Academia Real da Historia Portugueza.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de ANTONIO ISIDORO DA FONSECA
Impressor do Duque Estribeiro Mòr.

M. D. CC. XXXVII.
Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real.
Impresso à custa da Irmandade do Senhor de Bouças.

DEDICATORIA
A' SAGRADA IMAGEM
DE
CHRISTO
CRUCIFICADO,
Que em Matozinhos ſe venera.

SENHOR

VOS, que ſois o ſoberano Aſſumpto deſta empreza, como Retrato admiravel de Chriſto na Cruz exal-

tado remindo o Mundo, e veneravel Imagem do meſmo, que o he de Deos inviſivel : Qui eſt Imago Dei inviſibilis : *Eſplendor da gloria, e Figura da ſubſtancia do Eterno Pay :* Qui eſt ſplendor gloriæ, & Figura ſubſtantiæ Patris : *Sagrado Prototypo, que a luzes da contemplaçaõ viſto, e a noſſos olhos expoſto ſois Filho de Deos acclamado :* Imago coram oculis noſtris, dicitur Filius Dei, cum in contemplatione cernitur; *como com Origenes, Santo Agoſtinho, e Santo Ambroſio allegoriza Laureto. Prodigioſo aſſombro, na affluencia de beneficios, que por eſte eſclarecido meyo alcançamos ſempre da Divina Clemencia, a que por taõ altos principios, ſe deve a mayor, e mais reverente adoraçaõ em todo o Univerſo, razaõ he, e preciza obrigaçaõ, ſe vos dedique huma obra, que he toda voſſa pela materia, poſto que deſproporcionada na forma, atenta do Eſcritor a inſufficiencia.*

Paulus Epiſtol. ad Colaſſ. c. 1. ℣. 15.

Lauret. Syl. Alleg. verbo Imago.

Mas pois Senhor, que neſſe Divino Exemplar eſtais copiado, permitiſtes ſe

nos

nos destinasse empreza taõ grande, que bem requeria hum agigantado talento, por talvez se conformar o interior influxo com os vossos dictames, em eleger as couzas humildes, e desprezìveis: Ignobilia mundi, & contemptibilia elegit Deus, *e porisso vos dignastes sempre attender á oraçaõ dos humildes*: Respexit in orationem humilium, *pois là dessas alturas infinitamente estais vendo as humiliações no Ceo, e na terra*; Et humilia respicit in Cœlo, & in terra: *sede, amorosissimo Senhor, servido agora aceitar benigno esta victima obsequiosa, que ainda que quanto a nòs, seja humilde no estilo, e desprezivel no modo, he com tudo, quanto a vòs, conforme ao talento, que dispuzestes concedernos, para que por todas as maneiras sejais louvado eternamente*: Omnis spiritus laudet Dominum; *e todos nos gloriemos em vosso louvor*: Et gloriemur in laude tua: *repetindo continuamente, em vosso aplauso, fervorosas Alleluias.*

Paul. Epist. 1. ad Corint. c. 1. ℣. 28.

Psal. 101. ℣. 18.

Psal. 112. ℣. 6.

Psal. 150. ℣. 6.

Psal. 105. ℣. 47.

Antonio Cerqueira Pinto.

OFFERECIMENTO
A ELREY NOSSO SENHOR
D. JOAÕ V.
SENHOR.

OM o mesmo rude, „ mas sincero estylo, com que Deos per- „ mitio escrevessemos, e lhe dedicasse-mos „ esta

,, esta resumida Historia, a offerecemos
,, tambem humilissimamente a Vossa Ma-
,, gestade, pelo que tem de relevante a
,, materia della, digna toda de exporse na
,, Real presença de Vossa Magestade; co-
,, mo Soberano feliz Monarqua de hum
,, Reyno, que para ter a gloria de ser o
,, mais esclarecido, logo com o grande
,, nome de Imperio seu, o instituio o mes-
,, mo Christo em hum Real Ascendente de
,, Vossa Magestade, e em seus Regios des-
,, cendentes: *Volo in te, & in semine tuo im-*
,, *perium mihi stabilire*, dando-lhe por sin-
,, gularissimo Brazaõ as cinco Chagas, que
,, foraõ o inestimavel preço da Redempçaõ
,, humana, e saõ as Divinas copiosas fon-
,, tes, de que manaõ as piedosas affluen-
,, cias, com que Vossa Magestade sempre
,, Augusto, e Magnifico, se ostenta no
,, zeloso Culto da Religiaõ Catholica, por
,, infallivel continuado effeito da primeira
,, causa, que se dignou segurar, lhe seria
,, este Reyno de Vossa Magestade santifi-
,, cado, na Fè puro, e na piedade ama-
,, do: *Et erit mihi regnum sanctificatum, fide*
,, *purum, & pietate dilectum.*

,, Estes celestial favor havia sido an-
,, terior-

,, teriormente a Portugal annunciado no
,, raro prodigio, com que por alta diſpo-
,, ſiçaõ da Divina Providencia, veyo da Pa-
,, leſtina à Luſitania, por extraordinario
,, modo, a Sagrada Imagem de Chriſto Cru-
,, cificado, que de muitos ſeculos em Ma-
,, tozinhos ſe venera continuamente mila-
,, groſa, como em perenne depoſito, e
,, penhor certo, naõ ſó do que o Mundo,
,, com notavel aſſombro, tem jà admira-
,, do, e viſto na maravilhoſa inſtituiçaõ
,, da Real Monarquia de Voſſa Mageſtade,
,, e ſuas glorioſas conſequencias, mas em
,, abonado ſinal, de que ſerá ſempre feli-
,, ciſſima, para dezempenho admiravel da
,, Divina promeſſa.

,, Sendo pois, Senhor, pelo aſſumpto
,, digna, poſto que na conſtrucçaõ groſ-
,, ſeira, e toſca, eſta limitada offerta da
,, piedoſa attençaõ de Voſſa Mageſtade, em
,, que reſplandece toda a circunſpecçaõ,
,, e beneficencia, naõ ſerà menor grandeza
,, da benignidade Real de Voſſa Mageſta-
,, de o admitilla, naõ obſtante o ſer ella
,, taõ humilde na fôrma; por imitar em
,, tudo a Bondade Divina, que de reveren-
,, tes humiliações ſe agrada, mayormente
,, quando

,, quando na Real Peſſoa de Voſſa Mageſ-
,, tade continuamente brilha, junto com
,, o eſplendor da magnificencia, o decoro
,, da virtude; e ainda que ſeja rara no Or-
,, be eſta gloria, por em Voſſa Mageſta-
,, de ſer unica, he notoriamente ao ſeu
,, Imperio taõ adequada, que ſe lhe naõ
,, conhece pelo diſcurſo dos tempos varie-
,, dade alguma; porque a Real vea, don-
,, de deriva, como no Campo de Ourique
,, celeſtialmente illuſtrada, coſtuma produ-
,, zir ſempre eſclarecidos Principes, em
,, tudo primarios, e o he Voſſa Mageſta-
,, de ſobre todos, tanto, que melhor,
,, que Caſſiodoro da famoſa Roma, pode-
,, mos dizer os ſeus venturoſos vaſſallos:
,, *Tot annis continuis ſimul ſplendet claritate*
,, *virtutis, & quanvis rara ſit gloria, ſæcu-*
,, *lis ſuis producit nobilis vena primarios.*

Caſſiodorus. lib.7. Epiſt.7

C

Antonio Cerqueira Pinto.

PROLO-

PROLOGO
AO LEYTOR.

NAõ a conciliar applausos, que certamente naõ merecemos, nem a elles, sem duvida, aspiramos; mas a satisfazer, do modo possivel, aos fervorosos desejos, e cortezãa recomendaçaõ dos Irmãos da Mesa da Sagrada Imagem do Bom JESUS de Bouças, suppondo talvez em nós a capacidade necessaria ao seu piedoso empenho, nos resolvemos a escrever esta resumida Historia, afim de com ella darem à luz os tres Sermões do solemnissimo Triduo, que celebraraõ na occasiaõ de tresladarem a novo, e reformado Trono este Sagrado Penhor da Redemp-

çaõ

çaõ humana, e noticiarem ao Mundo o esclarecido Triunfo, com que executaraõ hum taõ glorioso projecto.

E supposto que alguns gravissimos Escritores ponderaraõ já em tratados particulares, e outros tocaraõ muy ligeiramente em seus escritos, parte das Antiguidades, que respeitaõ á vinda desta Sacrosancta Imagem da Palestina à Lusitania, e do seu Culto em Matozinhos, como naõ averiguaraõ tudo, e foraõ tambem diminutos em parte, nos pareceo precizo nesta propria, e proporcionada occasiaõ indagar, *ad unguem*, a materia com todas as circunstancias, que a podiaõ constituir mais notavel, e gloriosa, e resumir della huma breve Historia, regulada pela mais severa critica, que na sua composiçaõ formamos contra as nossas mesmas intelligencias, e discursos em varios pontos, que se nos reprezentaraõ difficultosos, para effeito de

sairem

ſairem mais apuradas as noticias, de que expomos formada a meſma Hiſtoria.

Nella naõ deſculpamos os noſſos defeitos, por ſerem taõ notorios, que naõ póde valerlhes eſſe affectado refugio; mas ſe *facienti, quod in ſe eſt, Deus non denegat auxilium*, o meſmo Senhor, que conhece o ſincêro animo, com que em ſeu obſequio proſeguimos eſta empreza, diſporà, tenha ella a aceitaçaõ, que for mais ſervido, por ſer iſto o a que ſómente deve aſpirar todo o fiel Catholico.

Vale.

O di-

LIÇENÇAS
DA ACADEMIA REAL

CENSURA DE D. FRANCISCO de Almeida Arcediago de S. Pedro de França na Sè de Viſeo, Promotor do Santo Officio na Inquiſiçaõ de Coimbra, e Deputado na de Lisboa, e Academico do numero da Academia Real.

EXCELLENTISSIMOS SENHORES

O Nome de Antonio Cerqueira Pinto, a ſua grande erudiçaõ, e indagaçaõ de todo genero de noticias Eccleſiaſticas, e Seculares, ſe tem feito taõ notorios neſta Real Academia, que parecia deſneceſſario ſogeitar à Cenſura a Hiſtoria, que compoz do Senhor de Matozinhos, que apprezenta a Voſſas Excellencias para que ſem eſta diligencia lhe concedeſſem licença para uſar do nome de Academico. Muytas, e repetidas vezes temos ouvido referir aos Academicos, que eſcrevem as Memorias, e Hiſtoria do Biſpado do Por-

to, a grande abundancia de noticias daquelle Bispado, que tem recebido deste douto Academico, que naõ só procurou ajuntallas com trabalho, se naõ tambem distribuillas, ordenallas, e illustrallas com grande erudiçaõ. Eu tambem posso ser testemunha nesta materia; porque aproveitando-me do que ouvia referir a outros da vasta noticia deste douto Academico, recorrî a elle, consultando-o em muitas, e diversas materias da Disciplina, e Ritos Ecclesiasticos de Portugal; e em todos os pontos recebî da sua mão hum precioso thesouro de noticias; conhecendo ao mesmo tempo, que supposto se tenha aplicado particularmente a examinar tudo o que pertence às antiguidades da Cidade do Porto, de todo este Bispado, e de toda a Provincia do Minho: he igualmente bem instruido em toda a Historia Sacra, e profana de Portugal, e Hespanha.

Porém por naõ faltar ao preceito de Vossas Excellencias lí a dita Historia do Senhor de Matozinhos, e naõ servio esta diligencia de outra cousa mais, que de me confirmar o mesmo conceito, que jà tinha do seu Author. Nella se vè tratado com

com particular indagaçaõ, e erudiçaõ bem exquiſita, tudo quanto pertence àquella prodigioſa Imagem, diſcorrendo largamente ſobre quem foy o ſeu artifice, em que tempo foy conduzida ao lugar de Matozinhos, o culto, e veneraçaõ, que ſe lhe tem tributado até o prezente. Por occaſiaõ diſto examina eſte erudîto Academico a Origem, e antiguidade do Lugar de Matozinhos, e o tempo em que por aquellas partes entrou a Religiaõ Catholica; e com eſte motivo refere muitas noticias, dignas de eſtimaçaõ, da Cidade do Porto, e quaſi todo Portugal.

Das Hiſtorias particulares de qualquer Provincia, Cidade, ou Villa coſtuma receber grande utilidade a Republica literaria; porque ſuppoſto ſe limitem a menor territorio, que as geraes dos Reynos, ou Regiões dilatadas, referem com mais particular miudeza, e indagaçaõ muitas noticias, que, ou naõ tem lugar nas Hiſtorias geraes, ou ſaõ ignoradas dos ſeus Authores: e eſta he a razaõ, porque as Hiſtorias geraes naõ fazem inuteis as particulares.

Na Hiſtoria, que compoz, e per-

tende imprimir Antonio Cerqueira Pinto, ſe acharà eſta meſma utilidade, porque nella ſe vem muitas Origens inveſtigadas com particular cuidado, e muitos factos na verdade dignos de attençaõ, expendidos com grande diligencia, e erudiçaõ; e finalmente muitas outras circunſtancias, que atégora eraõ deſconhecidas, e ſe naõ achaõ em outro Author. E além deſta utilidade, que he geral a todos, naõ ſerà pequena a que receba a noſſa Academia, principalmente aquelles, que eſcrevem as Memorias, e Hiſtorias do Biſpado do Porto, pelas muitas noticias q́ ſe contém neſta obra pertencentes ao ſeu emprego.

Por todas eſtas razões me parece eſta Hiſtoria muy digna de ſahir à luz, e que ſeu Author deve uſar do titulo de Academico para gloria da meſma Academia, que ſem duvida naõ experimentaria tanta falta de noticias, ſe pelos outros Biſpados, ou Provincias encontraſſe Authores taõ curioſos, e doutos indagadores das ſuas antiguidades, como he Antonio Cerqueira Pinto. Lisboa Oriental 7. de Outubro de 1734.

D. Franciſco de Almeida.

CEN-

CENSURA DO DOUTOR ALEXANDRE FERREIRA Collegial do Collegio Real, Lente de Leys na Universidade de Coimbra, e nella Ministro da Meza Ecclesiastica, Dezembargador dos Aggravos na Caza da Supplicaçaõ, Juiz Privativo dos Cattivos, Adjunto das Cauzas de Justiça no Conselho de Guerra, e na Junta da Inconfidencia, Deputado da Junta da Bulla da Cruzada, Deputado da Meza da Consciencia, e Ordens, Cavalleiro professo da Ordem de Christo, Secretario Regio da Embaixada extraordinaria à Corte de Madrid, Conselheiro da Rainha Nossa Senhora, e Ouvidor Geral das suas terras, Deputado da Serenissima Caza de Bragança, e Academico do numero da Academia Real.

EXCELLENTISSIMOS SENHORES

POr commissaõ, e Ordem de Vossas Excellencias, li o Livro, e Historia da prodigiosa Imagem de Christo Crucificado, que com o titulo do Bom JESUS de Bouças se venera no Lugar de Matozinhos, escrita por Antonio Cerqueira Pinto, Cidadaõ da Cidade do Porto, e nosso Academico da Academia Real da Historia Portugueza. Muito temo faltar ao preceito, porque lendo este Livro com miudo exame, naõ pude descobrir causa para a censura, e só gloriosos motivos para a admiraçaõ.

Muitos eſcreveraõ, e todos pouco, deſta Prodigioſa Imagem: viſta, a todos faz hum extraordinario reſpeito, para a veneraçaõ; mas conſiderada para a ſua Hiſtoria, a todos fazia temor a ſua antiguidade, no juſto medo de errarlhe os principios, e appariçaõ, tropeço, em que ſempre cahem, os que eſcrevem de couſas antiguas, como eſcreve Diodoro Siculo *de antiquitatib. Lib.* 5. (*Haut ſané nos fugit vetuſtarum rerum ſcriptoribus, ut in multis labantur contingere. Nam, & antiquiora illa paululum ſubobſcuram ambiguitatem præbent ſcribentibus, & temporum deſcriptio, haut facilis cognitu, quandoque detrahit legentibus fidem. Accidit inſuper quod omnium eſt difficilimum, ut de antiquorum geſtis ſcriptores inter ſe admodum diſſentiant.*)

Pelo que lhes pareceo deixar eſte negocio antes confuſo, que errado: a devoçaõ, e o amor a eſta ſacratiſſima Imagem pela ter viſto algumas vezes, e ſempre com reverente veneraçaõ, e pela gloria de naſcer naquellas viſinhanças, me fazia hum ancioſo deſejo de ſaber o Author deſta ſantiſſima Imagem, o tempo, e o modo da ſua appariçaõ, de donde

de viera a eſtas prayas, e ſe com ambos os braços, e quando appareceo o que lhe faltava, e qual era, e como ſe conſervou a meſma Imagem na infelicidade, com que eſtas terras foraõ invadidas, e occupadas de tantas, e taõ diverſas Nações barbaras, em que todos fallaraõ, ſem mais diſcurſo, que a tradiçaõ, que ſendo eſta ſempre veneravel, ſe juſtifica melhor pelos diſcurſos, com que ſe lhe deſcobrem os fundamentos, e os principios.

Mas deſte affectuoſo cuidado, que como eu, teriaõ muitos, nos livra, e enſina o Author deſta Hiſtoria Antonio Cerqueira Pinto, pois ninguem com mais prudente diſcurſo, com mais profundo exame, com mais advertido cuidado, e com taõ madura reſoluçaõ, podia vencer, diſpor, e expedir eſtas grandes difficuldades, que a antiguidade fazia mayores, como com menos verdade eſcreveo Auzonio no Panegyrico de Graciano: *Quis aut dicenda prudentius cogitavit? Aut conſultius cogitata diſpoſuit? Aut diſpoſita maturius expedivit?* Porém naõ quero paſſar de Cenſor a Panegyriſta, lea-ſe eſta Hiſtoria, que he o mais eloquente Panegyriſta deſte gran-

de Author; como eſcreveo Oven lib. 3. Epigram. 8.

Nil opus Authorem hunc, nihil hunc laudare libellum
Hoc opus Authorem laudat, hic Author opus.

Neſta Hiſtoria naõ ſe offendem, mas antes ſe obſervaõ religioſamenre os preceitos dos noſſos Eſtatutos Academicos, naõ averà razaõ para ſe lhe negar a approvaçaõ, que pede; mas muita para ſe lhe perſuadir continue as grandes idêas, que tem diſpoſto, para que ſe logrem com goſtoſo applauſo os grandes, e curioſiſſimos eſtudos deſte noſſo Academico. Lisboa Occidental 30. de Novembro de 1734.

O Doutor Alexandre Ferreira.

(

O Di-

O Director, e Censores da Academia Real da Historia Portugueza mandaõ imprimir este Livro, vistas as Approvações dos dous Academicos, a que se cometteo o seu exame. Lisboa Occidental a 3. de Dezembro de 1734.

Marquez de Valença. *Conde da Ericeira.*

D. Manoel Caetano de Souza. *Conde do Assumar*

Marquez Manoel Telles da Sylva.

LICEN-

LICENÇAS

DO SANTO OFFICIO.

CENSURA DO MUITO REverendo Padre Dom Caetano de Gouvea Clerigo Regular, Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e Academico do numero da Academia Real.

EMINENTISSIMO SENHOR

VI por ordem de V. Eminencia o Livro de que esta petição trata, com tres Sermões appensos, e assim no Livro, como nos Sermões não achei couza alguma opposta á Nossa Santa Fè, ou bons costumes. Lisboa Occidental nesta Casa da Divina Providencia 17. de Janeiro de 1736.

D. Caetano de Gouvea.

CENSU-

CENSURA DO MUITO REVERENDO P. Fr. Antonio de Santa Maria, Lente jubilado na Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e do Priorado do Crato, e Relaçaõ Ecclesiastica Oriental, e Prior actual do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora de Agostinhos Descalços.

EMINENTISSIMO SENHOR

HE muito digno da Licença de Vossa Eminencia para se imprimir o Livro, e os tres Sermões, de que trata esta petiçaõ, porque naõ achei nelles, e em toda a Historia couza alguma contra nossa Santa Fé, e bons costumes. Vossa Eminencia mandarà, o que for servido. Lisboa Occidental Convento da Boa Hora dos Agostinhos Descalços 30. de Janeiro de 1736.

Frey Antonio de Santa Maria

Vis-

VIſtas as informaçóes, póde-ſe imprimir o Livro, e Sermoens que ſe aprezentaõ; e depois de impreſſos tornaraõ para ſe conferir, e dar licença que corraõ, ſem a qual naõ correráõ Lisboa Occidental, 31. de Janeiro de 1736.

Fr. Lancraſte. Sylva. Cabedo. Soares.

LICEN-

LICENÇAS
3
DO ORDINARIO.

CENSVRA DO MVITO REVErendo P.M. Fr. Antonio da Expectaçaõ Religioſo da Obſervancia da Provincia de S. Franciſco de Portugal, Lente Jubilado na Sagrada Theologia, Examinador das Ordens Militares, Calificador do Santo Officio, e Penitenciario Geral de toda a Ordem Serafica nos Reynos de Portugal, &c.

ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR

POr mandado de V. Illuſtriſſima Reverendiſſima vi o Livro intitulado, *Hiſtoria da Prodigioſa Imagem de Chriſto Crucificado, o Senhor de Bouças*, compoſto por Antonio Cerqueira Pinto; e logo pela grande noticia de ſeu Autor dera eſta obra por qualificada, ſe lendo-a para doutrina, mais que para exame, me naõ achara obrigado, pela uſura, que me deixa, a alguma compenſaçaõ agradecida.

Tomou

Tomou eſte Autor para ſeus eſtudos huma materia taõ alta, que ſó a podia comprehender a ſua infatigavel facundia, praticando no ſeu eſtudioſo genio o diſcreto Aphoriſmo de Horacio

Sumite materiam veſtris, qui ſcribitis, æquam viribus

E ainda que o aſſumpto deſte Autor foy temporal quanto ao ſucceſſo, teve tanta analogia com o Divino, que bem pode por ſua materia chamarſe ſacro: porque ſe na antiguidade chamavaõ remedios ſacros aos que punhaõ pendentes no Templo, como ſe naõ chamarà ſacro hum manifeſto, que do meſmo Filho de Deos apparecido, foy, e ſerà venerando tranſſumpto?

Mas certo ſaõ muitas as forças da ſua eſtudioſa intelligencia, quando a perſiſtencia de ſeus eſtudos pòde deobſtruir quaſi dezeſete ſeculos para facilitar a circulaçaõ da deleitoſa noticia à prodigioſa Invençaõ, de que trata neſta rezumida Hiſtoria; e o conſeguio com tanta felicidade, que parece prezenciou as verdades mais

na

na coexiſtencia dos tempos, que na habituaçaõ, e frequencia dos eſtudos; e ſe na ſentença de alguns Filoſofos: *Quidquid ætatis eſt retro, mors eſt, (Lang.verſ.Temp.ſent.Philoſ.)* fez a liçaõ do Author o milagre de reſuſcitar verdades ha tantos ſeculos defuntas.

Neſta parte me parece podia dizer que na ſua mente tivera eternos annos, *annos æternos in mente habuit*, e aſſim como ſoube fazer Hiſtoria, em que fez preſentes os paſſados, infiro eu poderà tambem fazer Hiſtoria dos futuros, dando aſſim hum ſegundo a outro Oraculo *(Vieira Hiſtor. do Futur.)* jà que lhe naõ pode tirar o ſer primeiro, mas naõ fica mal reputado em ſer daquelle primeiro o ſegundo.

A razaõ da minha illaçaõ he, porque ſendo a eternidade huma poſſe ſimultanea de preteritos, preſentes, e futuros, como dizem os Theologos, *eſt tota ſimul, & perfecta poſſeſſio*; ſe o Author teve preſentes os preteritos, porque naõ terà tambem arguiçaõ para fazer preſentes os futuros? Principalmente os que cabem na eternidade de tempo, ſem offender os que ſaõ contingentes livres, por ſerem reſer-

§§§ vados

vados a outra ſuperior, e unica idéa.

Tanto ao natural deſcreve a fauſtoſa Prociſſaõ, que ſe fez na declamaçaõ daquella portentoſa Imagem apparecida, que parece a vè paſſar, quem a paſſa pelos olhos; e figurando nella os Deozes Gentilicos, como deſpojos daquelle renovado triunfo, fez tal armonia aquella fabuloſa guarniçaõ, que alli ſervio o profano ſem diſſonancia aos cultos do Divino.

Tres Sermões, que ſe prègaraõ na deſcripta Solemnidade traz poſthumos á ſua obra; e ſuppoſto muito differem o predicativo do hiſtorico, ſendo a materia a meſma, nem a huns, nem a outra lhe ficou lugar de emulaçaõ, ou inveja: porque todos, e toda a obra he taõ livre de alguma eſcrupuloſa critica, que nem a malicia teria confiança para macular a immunidade de huma obra em nada repugnante aos Dogmas, e Conſtituições da Igreja.

He taõ util eſta doutrina para a Naçaõ Portugueza, que a eſte Indagador dos anteriores ſeculos, devemos deſejar o ardente eſpirito, com que certo Grego eſcreveo ſeis mil volumes dando alma a ſeis mil

mil corpos, atè que invejosa a morte lhe embargou a penna para lhe naõ usurpar de vida a muita que em seus escritos trasladou para a immortalidade da fama.

Muitas almas deixou o Grego nos seus volumes, mas tanta alma infundio neste seu Livro o nosso Lusitano, que se em o Grego foy admiraçaõ o numero, no nosso Lusitano sempre ficarà admiravel o estylo, pois juntando ao discreto o deleitavel, faz a liçaõ hydropezia para fazer incançavel, ou insaciavel a ambiçaõ da leitura; maxima, que praticava Cicero chamando intemperada a escrita, que naõ leva o deleitavel, para convidar a fadiga: *(Lang.v.script.)*

Mandare quemquam cogitationes suas litteris sine delectatione ad alliciendum lectorem hominis est intemperanter abutentis otio, vel litteris.

Deixou finalmente o nosso Escritor este volume para noticia do passado reverente culto ao Senhor apparecido, e para lizonjear os animos na frequencia dos estudos, e liçaõ dos Livros. *(Ovid.* I. *remed.)*

Conſtantes animos ſcripta relicta movent.

Por todas eſtas razões me parece ſe deve dar eſte volume ao prelo. S. Franciſco da Cidade em 28. de Mayo de 1736.

Fr. Antonio da Expectaçaõ.

Viſtas

VIsta a informaçaõ pode-se imprimir o Livro de que se trata, e despois de impresso tornarà para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 30. de Mayo de 1736.

Gouvea.

LICENÇAS

DO PAÇO,

SENHOR

OBedecendo à Real ordem de V. Mageſtade vi a *Hiſtoria do Senhor de Matozinhos*, que eſcreveo, e compoz Antonio Cerqueira Pinto Cidadaõ da Cidade do Porto. Deſta Sagrada Imagem foy ſempre neſte Reyno taõ glorioſa a fama, como o infinito numero de milagres, com que a mereceo. Chriſto, que em toda a parte he o meſmo, e que em toda a parte tem o meſmo poder, naõ ſe deve negar, que em alguns Reynos tem dado mais a conhecer a ſua Clemencia, e que ſe inclina mais piedoſamente aos rògos de quem ſe vale da ſua miſericordia. Neſte noſſo Reyno, que elle amou, e que elle elegeo para Trono particularmente ſeu, ſe veneraõ muitas Imagens do meſmo Senhor Crucificado, porém naõ ouvimos que ſejaõ taõ repetidas as maravilhas do ſeu amor, como neſta de Matozinhos.

Neſte anno de 1736. ſe cumprem mil ſeis centos e doze annos, que aquella Sagrada Imagem aportou miraculoſamente nas prayas da mais venturoſa, e mais feliz terra do Mundo, qual he a de Matozinhos; e deſde aquelle tempo começou a ſer venerada pelos ſeus prodigios, que como derivados da Fonte perenne da piedade, nunca teraõ fim. Imagens do meſmo Senhor tem havido, que conſervando hum myſterioſo ſilencio eſtiveraõ muitos ſeculos ſem mais acclamaçaõ, que o reſpeito, que era devido á ſua repreſentaçaõ; mas o Senhor de Matozinhos naõ houve tempo, em que deixaſſe de moſtrar em beneficio dos neceſſitados, e dos afflictos o ſeu poder, o ſeu amor, a ſua piedade, e a ſua compaixaõ.

Naquelle infeliciſſimo tempo, em que Eſpanha foy invadida, conquiſtada, e aſſollada pelo furor barbaro dos Mouros, padeceraõ muitas Imagens, que eraõ veneradas pelos Fieis, a ſua ruina, porque temeroſos os Chriſtãos das irreverencias, que lhes havia de fazer o odio injuſto dos Sarracenos, para as ſalvar de taõ ſacrilegas mãos, as foraõ eſcondendo em bre-

nhas,

nhas, e matas taõ aſperas, e taõ incultas, que ſó eraõ viſtas pelos rayos do Sol. Mas como o dominio dos Mouros ſe dilatou em Eſpanha por muitos annos para caſtigo ſeveriſſimo dos peccados dos ſeus naturaes, foraõ morrendo os Chriſtãos, que as haviaõ occultado, e com as ſuas mortes o conhecimento dos lugares, em que eſcondera o ſeu zelo as Sagradas Imagens, ſuccedeo que mortas tambem eſtas noticias, ſe perdeo a memória dellas, como ſe vè no grande numero de Imagens, que pelo diſcurſo do tempo mais deſcobriraõ prodigios celeſtes, que ſciencia humana. Porèm o Senhor de Matozinhos ſempre ſe conſervou no meſmo lugar, em que apparecera, permittindo que àquella Corte da ſua Crucificada Mageſtade, e àquelle venerado Trono do ſeu reſpeito ſe naõ atreveſſe a cega furia dos impios ſequazes de Mafoma.

Por eſtas, e por outras muitas razões teve ſempre eſta Sagrada Imagem huma particular veneraçaõ em todo eſte Reyno, merecida pelos repetidos, e portentoſos beneficios, que ſe tem dignado fazer a favor de todos, mas eſpecialmente

da

da Cidade do Porto, como ſe vio naquel-
le anno de 1644. em que mudadas as Eſ-
tações, ou por caſtigo do Ceo, ou por
deſordem da natureza, choravaõ os La-
vradores a ruina das ſementeiras, naõ ſó
naufragantes, mas já afogadas em agua,
que nem de dia, nem de noite ceſſava. Re-
correo o Senado do Porto à Irmandade do
Senhor de Matozinhos, que condeſcendeo
com os ſeus rogos a favor de huma cauſa,
que era commua. Sahio da ſua Igreja
aquella Sagrada Imagem poſta em hum
grande, e bem ornado andor ſobre os
hombros de quatorze Sacerdotes, e acom-
panhado de mais de quarenta mil almas,
que concorreraõ dos lugares naõ ſò vizi-
nhos, ſe naõ diſtantes, chegou à Cathe-
dral daquella antiga Cidade, ouvindo-ſe
por taõ dilatado caminho taõ repetidos os
clamores, os ays, os ſoluços, os ardentes
indicios da contriçaõ, e os rios de lagry-
mas, que até parece ſe compungia a terra,
como penetrada de taõ penitentes expreſ-
ſoens. Ainda hoje naquella populoſiſſima
Cidade eſtà taõ viva a tradiçaõ do benefi-
cio do Senhor ſuſpendendo os diluvios de
agoa, e dando hum anno memoravelmen-
te

te fertiliſſimo, como o innumeravel concurſo de gente, e as demonſtrações Catholicas de todo o Povo, entaõ, da ſua dor, depois, do ſeu agradecimento.

Como a devoçaõ com o Senhor de Matozinhos foy ſempre por eſta cauſa em mayor augmento, e como o tempo tudo conſome, e tudo gaſta com a imperceptivel violencia do ſeu curſo, foy neceſſario reedificarſe-lhe a ſua Capella, e depois de acabada tresladarſe para ella a Santa Imagem, o que a ſua devotiſſima, e nobiliſſima Irmandade fez com deſpeza igual ao ſeu zelo, ordenando hum mageſtoſo Triduo com tres doutiſſimos Sermões, que para louvar o do primeiro dia, em que officiou a Miſſa o Illuſtriſſimo Cabido do Porto, baſtará dizer, que foy eſtudo do Reverendo Doutor Manoel dos Reys Bernardes Conego Prebendado na meſma Cathedral, e nella Magiſtral da Eſcritura, Commiſſario do Santo Officio, e Juiz Conſervador de algumas Religiões neſte Reyno, cujas grandes, e conhecidas letras ſeria aggravallas, ſe eu entraſſe no atrevido penſamento de as ponderar.

Eſte tezouro de noticias antigas, e

novas

novas entrou a deſcrever a ſingular penna de Antonio Cerqueira Pinto, a cuja narural elegancia acreſcentou nova excellencia a grandeza, e a piedade do Aſſumpto. Aqui ſe eſtaõ vendo ſucceſſos de mais de dezeſeis ſeculos taõ vivamente repreſentados, que parecem de hontem: aqui ſe eſtaõ vendo as antiguidades taõ doutamente tratadas, que ficaõ incontraſtaveis: e aqui ſe eſtaõ vendo as conjecturas taõ prudentemente fundadas, que paſſaõ a evidencias. Aqui ſe vè o quanto importa, e o quanto ſerve para ſemelhantes obras a ſciencia da lingua latina, como a tem o Autor, para averiguar nas fontes os lugares, que ou approva, ou condenna; porque de outra ſorte he andar como em trevas vendo traducções, que muitas vezes eſtaõ viciadas jà por malicia, jà por ignorancia. Com a delicada, e ſubtiliſſima força da Logica, que aprendeo, ſabe provar, e concluir a ſua propoſiçaõ, cuja falta ſe conhece em muitos Autores, que naõ podem como deſtituidos dos preceitos Logicos provar com arte o ſeu intento, de que naſce ficar languido o diſcurſo, e o argumento ſem força.

Eu

Eu que tive a fortuna de tratar no Porto ao Autor, reparey que a ſua livraria naõ era numeroſa, mas que ſe compunha de bons livros: e daqui argumentey, que naõ ſaõ os muitos livros os que fazem aos homens doutos, mas poucos livros lidos com cuidado, e examinados com attençaõ.

Entendo que o grande numero de livros ſe fez, e ſe inuentou para confuſaõ, porque vejo que houve mayores homens, quando havia menor numero de livros. Antigamente tudo era eſtudo proprio, porque trabalhava o entendimento, ſem mais ſoccorros, que a ſua eſpeculaçaõ; hoje cança o entendimento, e falta o tempo, para ver Tratados das meſmas materias. Antigamente cada hum eſcrevia conforme o havia imaginado; hoje accomoda-ſe a imaginaçaõ ao diſcurſo alheyo. Naõ nego, nem poſſo negar a incrivel fecundidade, de que tem ſido cauſa o artificio nunca baſtantemente louvado da impreſſaõ, pois por ella ſe communicou a todos, o que era ſó para alguns, e vio o Mundo em infinitas copias, o que reſervava a curioſidade como precioſo teſouro; mas tambem

he

he certo, que depois da ſua rara invençaõ he mais o que ſe treslada, do que o que ſe compoem. Da-ſe ao velho nova forma, da-ſe metodo ao que o naõ tinha, qne naõ he pequeno beneficio; mas a ſubſtancia he a meſma, porque a differença ſó conſiſte nos accidentes, do que pudera fazer huma nobiliſſima inducçaõ, ſe me dera tanta licença huma Cenſura.

Como a cegueira da Critica tem feito o ſeu fundamento em naõ perdoar a obra alguma, que ſaya à luz publica, naõ faltou quem reparaſſe em ſer ſecular o Autor deſta Hiſtoria, perſuadindo-ſe, ou pertendendo perſuadir que a penna de hum Eccleſiaſtico era mais propria para hum Aſſumpto taõ ſagrado, como eſte. Eſte he o caſtigo da Critica, porque muitas vezes ſuccede que no meſmo, que reprova, tenha por juſtiça do ſeu fado a ſua condenaçaõ. E em que praça remataraõ os Eccleſiaſticos todos os aſſumptos Eccleſiaſticos? Que Rey, ou que Principe lhes deo o privilegio de ſerem elles os unicos, que eſcreveſſem materias Sacras? Eſtes Criticos devem de ter aſſentado que o meſmo he eſcrever, que ſacrificar. A todos he per-

permitido occuparem o tempo com o que for de ſeu agrado. Sem ſahir de Eſpanha, Advogado era Andrè del Marmol, e eſcreveo a *Vida de Fr. Jeronymo Gracian*: Gregorio Lopes Madeira Cavalleiro do Habito de San-Tiago era Miniſtro do Conſelho de Caſtella, e eſcreveo *Excellencias de S. Joaõ Bautiſta*, e hum Tratado da *Conceyçaõ da Senhora*: Manoel Mendes de Barbuda e Vaſconcellos era Secular, e compoz a *Vida de N. Senhora* em Oitava Rima com o titulo de *Virginidos*: Gaſpar de Seixas de Vaſconſellos Cavalleiro do Habito de Chriſto era Secular, e eſcreveo *la Corona de Eſpinas de Chriſto*: Affonſo Nunes de Caſtro era Medico, e eſcreveo a *Hiſtoria Eccleſiaſtica, e Secular de Guadalaxara*, e as *Vidas das Veneraveis Madres Maria de S. Paulo, e Anna de Santo Antonio*: Nuno Barreto Fuzeiro Cavalhero muito eſtimado pela ſua erudiçaõ, e muito mais pela piedoſa Fundaçaõ do Convento das Religioſas de Noſſa Senhora da Conceyçaõ da Luz, eſcreveo em Oitava Rima a *Vida de S. Joaõ Euangeliſta*: Troillo de Vaſconcellos da Cunha Fidalgo bem conhecido, e Secretario, que foy da Junta dos Tres Eſtados eſcreveo hum grande

Poema

Poema do Myſterio da Santiſſima Trindade com o titulo *Eſpelho do Inviſivel.* Do meſmo Aſſumpto, que he o Senhor de Matozinhos, eſcreveo huma Relaçaõ, impreſſa em Coimbra, Manoel Tavares de Carvalho, que era Capitaõ Fronteiro da Praya, e lugar de Matozinhos; e outros muitos Seculares, de que por agora naõ faço mais memoria, eſcreveraõ de Aſſumptos Sagrados. E ſe eſte reparo mereceſſe attençaõ, ſeria neceſſario que os Pintores, e Eſcultores foſſem Eccleſiaſticos para ſalvar a indecencia de ſerem pintadas, ou feitas as Imagens por mãos de Seculares.

Naõ he melhor que hum Secular ſe occupe em eſcrever acções religioſas, e eſpirituaes, do que eſcrever hum Eccleſiaſtico, Prelado de huma Igreja, Retiro de Cuidados, Roda da Fortuna, Alivio de Triſtes, e Conſolaçaõ de Queixoſos, que tem ſervido de fazer ignorantemente diſcreta a muita gente ocioſa? Naõ he melhor que eſcreva hum Secular Vidas de Santos, do que eſcrever hum Eccleſiaſtico Criſtaes da Alma, que naõ tem de bom ſe naõ o que repreſenta aos ouvidos eſte devoto,

voto, e enternecido titulo, que julgaõ que saõ affectos de huma Alma arrependida, e penitente, naõ sendo nada do quê parece depois de examinado? Naõ faça a Critica reparos taõ dignos de censura!

Huma das grandes, e dignissimas eleições, que tem feito a Real Academia de Vossa Magestade, foy aggregar à sua doutissima Sociedade hum homem taõ benemerito de semelhante beneficio, como Antonio Cerqueira Pinto, porque elle naõ veyo participar da honra de Academico Real para juntar materiaes historicos; entrou com elles jà digestos, e ordenados, como saõ as principaes Antiguidades do Porto, chamadas a hum exame severamente douto, e critico; de que resultarà, dando-se à luz, que merecem, huma nova gloria tanto à Historia Ecclesiastica, como Secular daquelle Bispado; e se as suas continuas, e publicas occupações lho permitissem, veria este Reyno renovados na sua exactissima penna os Rèsendes, os Britos, os Estaços, os Severins, e os Brandões, que tiraraõ das trevas da confusaõ, e da ignorancia a Historia Portugueza, que ainda com todas estas luzes, senaõ

§§§§ està

eſtà informe, naõ eſtà perfeita. Neſte volume da Hiſtoria do Senhor de Matozinhos naõ vejo clauſula, nem palàvra contra o Real ſerviço de Voſſa Mageſtade, e me parece muito digna de ſe lhe dar a licença que pede para ſe haver de imprimir. V. Mageſtade mandará o que for ſervido. Lisboa Occidental, neſta Caſa de N. Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares 20. de Julho de 1736.

D. Jozè Barboza C. R.

Que

QUe ſe poſſa imprimir viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornarà á Meſa para ſe conferir, e taixar, que ſem iſſo naõ correrà. Liſboa Occidental 24. de Julho de 1736.

Pereyra. Rego.

ALLOQUITUR OCEANUS

SOLEMNEM ENARRANS POMPAM;
Quâ venerabilis Imago Christi e Cruce pendentis

VULGO
O SENHOR DE BOUÇAS

In novum ſacellum translata eſt die tertia Maii, Anno 1733.

PROSOPOPŒIA POETICA.

SIſte gradum quicumque vides vaga littora, lentum
  Siſte gradum: felix littora ſacra vide.
Littora, quæ cernis, cœlo confinia crede,
  Nam modo cæleſti lumine terra nitet.
Ille ego cunctarum Princeps ſpumoſus aquarum,
  Cujus ad imperium flumina prona fluunt:
Ille ego, ne poſſem fines excedere certos,
  Vincula conjecit dextera Sacra Dei.
Scilicet injecit, quando fremo littore curvo,
  Obtenebroque undis ſidera clara poli:
Ille ego, qui ſcelerum vindex furioſus Adami
  Lympharum extinxi mole cadente genus.
Ille ego Lamechidis placidis qui fluctibus Arcam
  Extuli, ut Armenis ſideret illa jugis.

Ille ego, qui cecini merſo Pharaone triumphos,
Diſceret ut Domino ſubdere colla ſuo.
Ille ego, qui ſtruxi cryſtallina mænia lymphis,
Quà vocor ex imo murice jure ruber:
Cùm fugeret dilecta Deo gens illa potenti
Memphitici Regis juſſa ſevera timens:
Ille ego Jordanis qui pura fluenta coegi
Vertere, cùm præſens ſubſtitit Arca Dei.
Ille ego cui multæ variarunt nomina gentes,
Qui ſolo Oceani nomine notus eram.
At nunc irarum ſedato turbine cogor
Obſequio promptus juſſa benigna ſequi.
Cur modo non repetam veteris mea munera cultus,
Si majora mihi ſorte videre datur?
Cernere ſorte datur pendentem e ſtipite Chriſtum,
Cujus ab aſpectu gloria tota venit.
Illius effigies hæc eſt, quem perfidus olim
Iſrael infamem fecit adire Crucem.
Illius effigies hæc eſt, quem ductus amore
Diſcipulus mira condidit arte pius.
Hæc eſt, quam mites fluctus venerantur euntem
Cúm pius attingit littora, *Bouça*, tua.
Quid mirum! ſi ſacra pedum veſtigia prona,
Terraque, vel cælum, ventus, & vnda colunt.
Hæc eſt effigies lævo ſpoliata lacerto,
Ars cui non valuit fingere docta parem.
Hæc eſt, quam celebrant *Matoſinia* littora grata
Clamore, et lacrimis, pectore, voce, manu.
Hæc eſt theſaurus populi plorantis, ægrorum,
Atque infirmantûm maior, et una ſalus.
Ah! quoties plebem contagia dura premebant:
Solo conſpectu depulit illa necem.
Ah! quoties æſtus, torrentia ſidera, fervor
Ignito butto grana cremanda dabant!

Ah!

Ah! quoties messes constantibus imbribus albæ
Languentes miserè damna suprema petunt!
Sufficit effigies grato deducta triumpho:
Absistunt imbres, soluitur imbre polus.
Innovat ergo vagâ pulchrum plebs arte sacellum,
Nam deturparunt secula longa vetus.
Ligna cadunt silvis; surgunt fabrefacta, metallo
Splendescunt fulvo; nobile surgit opus.
Indicunt pompam, quâ dignâ in sede locetur
Vt cunctis pateat, lux, medicina, salus.
Iam sacer à veteri *Portu* venit ergo Senatus,
Offerat ut supplex thura vapora Deo.
En bellatoris veniunt Mavortis alumni,
Vt summo præstent munera prompta Duci.
Fervere jam video *Matosinia* rura catervâ,
Vndique quam novitas optima jure trahit.
Illuxit tandem Maii lux tertia, quando
E tenebris arbos eruta sacra fuit.
Ordine procedunt: *Matosinia* præit Imago;
Quam tardi formant ora verenda senis.
Illa premebat equi phalerati terga, corona
Inclita munitæ Turris ad instar erat.
Altera, qnæ sequitur, monstrabat *Biblia Sacra*,
Dextera fert calamum, candida læua librum.
Tertia signabat jactatum marmore *Jonam*,
Esset ut exanimis viva figura Dei.
Fæmina quæ graditur, dicta est *Allegoria*, alto
Pectore quæ servat, reddere clara solet.
Nereis illa Thetis Titanis nataque Vestæ,
Quæ gerit immensi sceptra profunda maris.
Illa mihi dudùm sociata est sorte jugali,
Vt pelagi colerent flumina cuncta Deam.
Insequitur signans fatalia tempora Jonæ,
Cùm fuit à puppi præcipitatus aquis.

Æolus ille truces qui ventos carcere frænat,
Cogit & ad nutus mittere flabra suos.
Ibat, ut exprimeret miseranda pericula Jonæ,
Cùm fuit à puppi præcipitatus aquis.
Occupat inde locum domitor generosus aquarum;
Quem mare, quem venti, quem fera bruma timet.
Hic est *Neptunus*, qui temperat æquora curru:
Tempore sic Jonæ flectitur unda maris.
Neptunum insequitur varianti corpore *Protheus*,
Principis æquorei cui data cura gregum.
Littore pascebat Phocas deformia monstra,
Qui Jonam excepit marmore, cetus erat.
Ille *Athamantiades* Thebarum Regis, & Inùs
Filius est, pelagi portubus ipse præest.
Designat portum, tenuit quem naufragus olim
Infidis Jonas præcipitatus aquis.
Nympha venit speciosa chori pars inclita salsi,
Festivis animos docta movere modis:
Innuit oppressum Jonam refluentibus undis,
Clamorem que simul, quo ferit ipse polum.
Durius ille senex aurato flumine diues
Cæruleum cingit flore micante caput.
Ille coronato fulget qui vertice, *Leça*
Dicitur, est cujus blanda fluenta fluunt.
Gaudentem hic leni demonstrat murmure Jonam;
Cùm reddit justo vota sacrata Deo.
Quæ rutilat sacrâ triplici redimita coronâ,
Et triplici splendet dextra decora Cruce:
Arx est *Christiadûm*, fuso fundata cruore
Illius, est hominum qui via, vita, salus.
Profert illa pii lacrimosa vocabula Jonæ,
Cùm vovit rursus Templa videre Dei.
Lætitiam insignem videas modò claudere pompam,
Dulcis, Io, resonâ voce, triumphe, canens.

Pectora

Pectora ſic Chriſto plaudunt *Matoſinia* turpi
E Cruce pendenti; nam pia corda flagrant.
Ardet amore Dei celebris plebs illa vetuſta,
Qui viſu effringit ſpicula dura necis.
Idcircò eximia pompâ veneratur amicum
Sidus, quo placido vita beata viget.
Fas erat, ut feſtam celebrarent ſecula pompam,
Servaretque pium nuncia charta diem.
Solus ad optatum poterat perducere finem
Hoc opus, & tanto munere dignus erat
Flos novus; Auſoniis redolens *Antonius* hortis;
Qui novit doctâ promere ſcripta manu.
Qui leget, aſpiciet, tanta eſt facundia mentis,
Nam quæ viſa volant, ſemper adeſſe putes.
Dignum laude virum celebrant ſua ſcripta perenni,
Venturo aſſiduè tempore maior erit.

Cecinit

Elegantiſſimo Authori addictiſſimus

O. V. J. R. D. B. C.

EPISTO-

EPISTOLA.

AUTHORI.

MAxime vir, noſtri rariſſima gloria Sæcli,
Grande decus Lyſiæ, grande decuſque mihi.
Digna tui poſſim facili quo dicere plectro
Carmina, queis tollam nomen ad aſtra tuum.
Ipſe licet ſuperem frondoſa cacumina Pindi,
Caſtalioque licet largius amne bibam.
Inſpiret quanvis mihi pectore tota ſororum
Plus ſolito vires ingenioſa cohors.
Quæque minora tibi venient præconia ſemper,
Nulla quidem meritis laus erit apta tuis.
Unus Alexandrum merito depinxit Apelles,
Non alius tanto munere dignus erat.
Æolidemque Ducem cantu celebravit Homerus,
Non alia poterat voce per aſtra vehi.
Virgilius Prygii cecinit facta inclita, tanto
Heroi inferior forſitan alter erat.
Luſiadas toto celebris Camonius Orbe
Perſonat, apta quidem non foret ulla, tubâ.
Magnos magna decent ſi ſic, mea, Maxime vir, nunc
Muſa tuis meritis me negat eſſe parem.
Te ſolum tua ſcripta queunt celebrare politum,
Ingenua arte tuum teque beabit opus.
Nam brevis immenſum te fecit pagina, fama
Grandior, & parva es magnus in hiſtoria.
Nempe nitor verbis ſimul eſt, & copia dives,
Eloquii gravitas, & rationis apex.
Materies ſuperat vires; mortalia vincit
Pectora; laudis erit quam tibi larga ſeges.!

Hiſtoriam

Historiam ſcribis ſimulachri dulcis JESUS,
Quod Lyſii magna religione colunt,
Aſpice quod Cœlo, ripæ crepitantibus undis
Eripitur mirum ſede locanda ſacra.
Arte modo ſuperas reliquos tu maximus Author,
Sic tuus in chartis eminet arte labor!
Nulla tibi ſimilem, nec talem proferet ætas;
Sic micat ingenii gloria rara tui!
Namque voluminibus clauſiſſe ingentia magnis;
Tritum opus ingeniis eſt, tenuiſque labor:
Magna ſed in parvo deſcribere margine facta,
Hoc opus, hic magnis eſt labor ingeniis.
Hinc te magna manet ventura in ſæcula fama,
Hinc tuus æterno tempore vivet honos.
Sed quid ego exîli Oceeanum trabe currere tento?
Carmine quid laudes perſequor uſque tuas?
Pallade conſpicuum commendat pagina, teque,
Quæ diviſa omnes, gloria juncta beat.

T. C. De B. C. R.

AUTHO-

AUTHORI.

MAxima Lusiadum consurgit gloria genti,
Cum Christi Occeani Litus imago petit:
Ipse voluntates petit, ast Antonius offert
Et mentem, cunctis plus dedit iste Deo.

ALIUD

LAtior Occeano tua mens nunc proditur orbe,
Quando orbi præstas, Vir venerande, librum:
Nam tumida Occeani Christus lata æquora linquit,
Ut tua mens caperet, quod mare non potuit.

CHRISTI DOMINI IMAGINI die Martis inventæ sine brachio, & eodem die Martis brachium recuperanti.

JESUS imago die Martis se prodit, eodem
Sic etiam sumpsit brachium utrumque die:
Cur? Quia Lusiadis Mars est fortissimus: ergo
Nullus Lusiadis jam timor esse potest.

D. Fr. E. a S. H.

SONE-

SONETO.

AUthor egregio de piedoſa Hiſtoria
Que com penna elegante, e reverente
De hum Deos amante de huma Cruz pendente
Pelo martyrio deſcreveis a gloria.

Vòs fazeis que conſiga outra victoria
O milagre que obrara a chama ardente,
Deixando a Fé quando o fazeis patente
Mais ſegura nos olhos da memoria.

Tinha o tempo entre ſombras duvidoſo
O Milagre de Bouças adorado
Conſtante o culto ſim, porèm medrozo.

Mas por voſſa eloquencia declarado
O patibulo fica mais glorioſo,
Porque fica o milagre eternizado.

De hum Amigo do Author.

AO

AO MUY DOUTO, E SABIO
Academico da Academia Real
ANTONIO CERQUEIRA
PINTO,
Author deſte Livro Hiſtoria do Senhor de Matozinhos;
POR SEU GRANDE AMIGO
ANTONIO DIAS PALHEYROS
Portuenſe.

SONETO.

FAmoſo Hiſtoriador eſta leitura
Do Bom JESUS, Hiſtoria intitulada,
Sendo Hiſtoria a meu ver da Cruz Sagrada,
Bem ſe pòde chamar Sacra Eſcritura:

Voſſa Eſcritura juſta, Santa, e pura
He de nota; porèm naõ he notada;
Antes denota ſer Canonizada
Por liçaõ infallivel, e ſegura.

Ex vi deſta noticia, que reſpeita
Do Bom JESUS a Imagem, conhecemos
Ser verdadeira, e livre de ſuſpeita:

Quando Antonio de ti hoje ſabemos
Naõ ſer por Phydias eſta Imagem feita,
Ser effeituada ſim por Nicòdemos.

SONE-

SONETO.

DE Apollo o Coro entoe o doce accento
Em as margens do Leça laureado
Dando palmas a Antonio ſublimado
Com ſuave, e honrozo acatamento:

Eſſas Ninfas do Douro, com portento,
Te acclamem Eſcrittor Sabio, elevado;
Pois ſó tu entre todos has achado
Pura verdade do Apparicimento:

Daquella Sacra Imagem Sacroſanta
Que a Matozinhos grande, e nobre fez
Desde o dia em que o Mar fora a lançou:

A Fama no Clarim Antonio canta
Tua penna, que eſcreve dia, e Mez,
Anno, lugar, e quem a effigiou.

Do meſmo Autor

CARTA

CARTA,

QUE MANDOU AO AUTOR

AGOSTINHO JOZE' DE ATTAIDE

Sacerdote, Theologo, do Habito de S. Pedro, natural da Cidade do Porto, tendo a noticia de estar findo o Livro.

„ MEu amigo, e Senhor. Hoje, que
„ me certifico, concluyo Vm. o Li-
„ vro, a que tinha dedicado a louvavel
„ fadiga de ſeu incançavel eſtudo, he juſ-
„ to lhe renda as graças de dar com o fim
„ da obra, gêral principio ao goſto, dos
„ que eſtamos na ſua expectaçaõ. Dan-
„ do-lhe juntamente os parabens, pois
„ principiou Vm. e conſummou, o que
„ parecia jà mais que difficil, impoſſivel,
„ havendo de fundamentarſe em taõ anti-
„ gas noticias, como ſaõ as da appari-
„ çaõ myſteriosa da Sagrada Imagem do
„ Senhor JESUS em Matozinhos.

„ Neſta obra, faz Vm. a Deos o goſ-
„ to; porque goſtava Deos que os Iſraeli-
„ tas indagaſſem as antiguidades, para nel-

§§§§§ „ las

,, las toparem o conhecimento das finezas,
,, que lhes fizera, e como Vm. com as eſ-
,, crutaçaõ do antigo beneficio, que Deos
,, obrou com a noſſa Provincia, mandan-
,, do-lhe a impulſos de ſua providencia,
,, lá de Jeruſalem a Sagrada Imagem do
,, Noſſo Redemptor, nos renova a obriga-
,, çaõ de taõ avultada merce, quem du-
,, vida, faz Vm. a Deos goſto neſta obra?

,, Dâ Vm. tambem gloria aos Patri-
,, cios; porque renovando a memoria de
,, taõ antigo beneficio, conhecerà o Rey-
,, no, e entenderá o Mundo quanto ſe
,, avantaja eſta Provincia a todas, tendo a
,, gloria de ſer preſenteada pela Divina Pro-
,, videncia, naõ menos, que com a Sa-
,, grada Imagem do meſmo Filho de Deos.
,, Naõ ſey ſe diſſera, veyo aquella Sagra-
,, da Imagem a ſer teſtemunha da razaõ;
,, porque o ſeu Divino Prototypo ficara no
,, Calvario virado para o Occidente: co-
,, mo moſtrando aquelle Sol Divino, que
,, quando no Occidente da vida, morria
,, por todos, tinha o ſeu amor para com-
,, noſco neſte occidente do Mundo, o pri-
,, meiro lugar, e parece, que poriſſo.

,, Diſpoz a Divina Providencia, que
,, ſe

„ ſe formaſſe no Calvario, daquelle Ori-
„ ginal Divino, eſta Sagrada Imagem,
„ que logo nos nviara como ſinal do eſ-
„ pecial amor, que nos tinha. Praticaõ
„ os amantes dar ſeus retratos para pro-
„ va de ſeus affectos, e talvez que por eſ-
„ ta razaõ formou Deos o homem a quem
„ ab initio amava, pondo nelle a ſua
„ Imagem, para moſtrar neſta acreditado
„ o amor do Original que lha dera, e que
„ mayor teſtemunho do eſpecial amor,
„ com que o Filho de Deos morreo por
„ nòs, que permitir ſe fabricaſſe na ſua
„ morte a Imagem, que nos remetera?

„ Tambem Vm. adquire para ſi os
„ creditos de hum louvavel eſpirito; por-
„ que ſe o eſcrutar as antiguidades, como
„ ſe pòde entender de S. Paulo, he officio
„ do Eſpirito, na indagaçaõ de taõ an-
„ tigas noticias, quem lhe pòde negar eſ-
„ pirito grande? Mayormente; porque
„ naõ ha melhor teſtemunho do ſugeyto,
„ que as ſuas obras, e poriſſo naõ expli-
„ cando Chriſto aos legados do Bautiſta,
„ quem era, ſó lhe encommendou a me-
„ moria das ſuas acções; porque eſtas
„ eraõ o mais cabal teſtificativo da ſua

 „ peſſoa

,, peſſoa: e ſendo eſta obra de Vm. fervo-
,, roſo trabalho de hum conhecido eſpi-
,, rito de virtude, porque ao Sagrado ſe
,, dedica, devemos confeſſar de ſeu eſpi-
,, rito a virtude, pela obra de que trata:
,, tambem porque

,, Dizia David, que os peccadores
,, tambem eſcrutavaõ noticias, mas que
,, era para fomentar iniquidades, porèm
,, ſe a indagaçaõ das noticias, em que Vm.
,, ſe cançou, além de ſerem juſtificadas
,, pelo ſeu aſſumpto, o ſaõ, porque inci-
,, taõ virtuoſo zelo com a Sagrada Imagem
,, de que trataõ, havemos confeſſar neſta
,, eſcrutaçaõ de noticias a virtude de ſeu
,, eſpirito.

,, Finalmente patentea Vm. tambem
,, a ſua elevada ſciencia; porque como
,, dizia o Eccleſiaſtico, a eſcrutaçaõ de
,, noticias he clara moſtra da ſabedoria.
,, As noticias, que deſta materia haviaõ,
,, eſtavaõ encerradas no coraçaõ da anti-
,, guidade, centro do eſquecimento, e
,, ou por antigas, ou por poucas, eſtava
,, como perdida a ſua memoria, porèm
,, pòde tanto a ſciencia de Vm. que eſcru-
,, tando o coraçaõ, e centro das antigui-
,, dades,

,, dades, manifeſtou o que a todos eſtava
,, occulto. Para credito da Sabedoria Di-
,, vina diz David, conhece Deos os oc-
,, cultos ſegredos do coraçaõ humano. Se-
,, ja muito embora timbre da ſciencia Di-
,, vina conhecer o que nunca ſe fez publi-
,, co, porèm na limitada ſabedoria dos
,, homens fique a de Vm. elevada, conhe-
,, cendo aquillo, que poſto foy ſabido, jà
,, o tempo o tinha encuberto com taõ di-
,, latados ſeculos, que fazia perdida a ſua
,, mayor memoria.

,, Entre tantos Heròes da noſſa Pa-
,, tria, quiz a Divina Providencia ſe ap-
,, plicaſſe Vm. a eſte emprego; porque ſó
,, tiveſſe a gloria, de que na zeloſa vene-
,, raçaõ, que ſe eſpera augmentada àquel-
,, la Sagrada Imagem, lhe ficaſſe eſta de-
,, vedora, do modo poſſivel. Deve Vm. a
,, Deos a ſabedoria que lhe deo, porém
,, applicando-lhe eſta a deſpertar o noſſo
,, zelo na veneraçaõ daquella Sagrada Ima-
,, gem de Deos Filho, parece, que na
,, veneraçaõ, que ſe lhe ſeguir deſta obra,
,, lhe fica o meſmo Senhor em divida.

,, Eu bem ſey, que como ſomos
,, obrigados dar a Deos tudo quanto nos

,, dâ, em lho darmos, como ſatisfazêmos
,, ao que devemos, em nada nos fica de-
,, vedor, porêm, agradaſe Deos tanto
,, de o ſervirmos com o que nos dà (por-
,, que damos o ſeu a ſeu dono) que parece
,, como obrigado da noſſa virtude, nos
,, premia os acertos com o beneficio do
,, premio, e aſſim para que eſte ſenaõ de-
,, more, nem ao Senhor crecida venera-
,, çaõ, nem aos Patricios a gloria, peço
,, a Vm. dê a eſtampa eſte Livro, que em
,, laminas de bronze devia de ſer impreſſo
,, com letras de ouro, para ſua eterna me-
,, moria, que toda ſeja para ſalvaçaõ de
,, Vm. e honra de Deos, que o guarde fe-
,, lices, e dilatados annos. Porto oito de
,, Dezembro de 1735.

Senhor Antonio Cerqueira Pinto

De Vm.

Patricio, e Capellaõ amante

Agoſtinho Jozè de Attaide.

CARTA

CARTA,

QUE MANDOU AO AUTOR
deste Livro;

BENTO DE MATOS

„ MEu Senhor. Tres cousas conci-
„ liaõ a veneraçaõ a este Livro. A
„ primeira o seu Autor, a segunda a ver-
„ dade exacta, com que Vm. escreve, e
„ a terceira o elegante estylo, com que
„ falla: para que em todas as suas partes
„ se admire a grande erudiçaõ, e profun-
„ do juizo do seu Autor; de sorte, que
„ esta obra, me parece, excede a quantas
„ Historias de semelhante assumpto tem
„ sahido ao theatro do Mundo.

„ Elegeo Vm. para elevado assump-
„ to da sua penna a *Historia do Senhor de Ma-*
„ *tozinhos*: liçaõ tanto mais util, e necessa-
„ ria, que a das Historias humanas, quan-
„ ta he a differença dos interesses tempo-
„ raes aos eternos, do corpo mortal, à
„ alma immortal. Nem os successos, que
„ comprehende esta Historia, pediaõ me-
„ nor Escritor, nem a penna de Vm. ma-

„ yor aſſumpto. Naõ baſta que as couſas,
„ que ſe dizem, ſejaõ grandes, ſe quem
„ as diz, naõ he tambem grande. Para a
„ pintura roubar as admirações, baſta ſer
„ empreza do pincel de Apelles. Para a
„ eſtatua dever venerações à eternidade,
„ baſta ſer fadiga do eſcopro de Fidias.
„ Para eſta obra merecer as approvações
„ de grande, baſta olhar para a grandeza
„ do ſeu Autor: baſta conhecerſe que he
„ erudíto deſvello da ſua penna, primoro-
„ ſo artificio de ſua idêa, e elevada pro-
„ ducçaõ do ſeu juizo. Tanto reſpeito con-
„ cilia nos ſeus eſcritos a grandeza do Au-
„ tor!

„ Entrou Vm. na conſtrucçaõ deſta
„ nova obra, e para que toda ella ſe eſtri-
„ baſſe nos ſolidos fundamentos da ver-
„ dade, primeiro, e eſſencial requiſito,
„ que aponta a Arte na regular fabrica do
„ edificio Hiſtorico, tratou abrirlhe os
„ aliceſſes na alta conſideraçaõ do empre-
„ go, que tinha. Entendeo Vm. que fal-
„ taria às Leys do Real Inſtituto Acade-
„ mico, que profeſſa, ſe expuzeſſe ao
„ publico eſtas noticias defraudadas da-
„ quelles principios, em que ſe coſtuma
„ ſuſten-

„ ſuſtentar a fé dos homens. Começou Vm.
„ logo a examinar os Autores, a inveſti-
„ gar os cartorios, a indagar nos eſtragos
„ do tempo monumentos incorruptos, e
„ com eſtudioſa ambiçaõ a converter em
„ ſeu uſo os mais precioſos teſouros da
„ antiguidade. He a verdade a Alma da
„ Hiſtoria, ſem a qual ſaõ de pouco, ou
„ nenhum credito todos os eſcritos. Naõ
„ he a verdade hum Jano com duas caras:
„ naõ he hum Proteo, que em muitas fi-
„ guras ſe transforma: he ſim, no enten-
„ dimento humano, o conhecimento da
„ couſa, ſegundo eſtà real, e effectivamen-
„ te em ſi, a couſa nas ſciencias humanas
„ mais difficultoſa de achar. Na inveſtiga-
„ çaõ della gaſtaraõ os Antigos Filoſofos
„ o tempo, e a vida; gaſtaraõ outros mui-
„ ta fazenda; outros pregrinaraõ pelo
„ Mundo, frequentaraõ as Academias,
„ conſultaraõ os homens mais doutos;
„ cançaraõ o juizo, e a memoria, e ain-
„ da ſe naõ ſabe a utilidade do ſeu traba-
„ lho. PorèmVm. ajuntando com laborio-
„ ſo cuidado a Chronologia dos tempos,
„ e outros Elementos hiſtoricos preciſos
„ para verificar as verdades dos factos al-

„ can-

,, cançou totalmente a verdade no que ef-
,, creve.

,, O modo de efcrever para bem ha
,, de fer antes breve, que diffufo, e mais
,, grave, que dilatado, ha de correr, mas
,, naõ ha de fuperabundar; e mais fe ha
,, de attender ao folido do fentido, que
,, ao fonoro das vozes. Confifte a perfei-
,, çaõ do eftylo em huma certa medianîa
,, entre a efcaffeza, e redundancia dos vo-
,, cabulos. Morre o conceito attenuado
,, (deixeme Vm. explicar affim) e myrrado
,, na efterilidade do difcurfo; inchado, e
,, exuberante opprime a memoria, e a pa-
,, ciencia. Ha de ter accommodaçaõ de
,, frafes, e palavras, nem antiquadas,
,, nem muito efcuras. Peccava o eftylo de
,, Mecenas em palavras defuzadas, e af-
,, fectadas. Efcrevia Augufto com eftylo
,, natural, intelligivel, e facil. Efcreve Vm.
,, com hum eftylo grave fem baixeza, pro-
,, fundo fem efcuridade, elegante fem af-
,, fectaçaõ, fertil fem redundancia, por-
,, que defprezando o fuperfluo, diz com
,, brevidade taõ clara, que tudo fe perce-
,, be com diftincçaõ: a pureza da lingua
,, fe vê no genuîno das palavras verdadei-

,, ramente

,, ramente portuguezas, na propriedade
,, das locuções, e na elegancia das frases,
,, com que falla em toda esta Historia.

,, Dizem os Criticos, que na Arte
,, Historica os artificios da eloquencia saõ
,, delictos, porque a pomposa elocuçaõ
,, naõ he propria do Historiador, que só
,, tem por officio fazer huma simples nar-
,, raçaõ das acções, e dos successos. Ho-
,, je saõ tantos os comprehendidos nesta
,, culpa, que o naõ cahir nella, antes pa-
,, rece vicio, que virtude: de sórte, que
,, tem hoje o estylo Historico tantas seitas,
,, e taõ oppostas humas às outras, que he
,, quasi impossivel conciliar as opiniões,
,, para formar á idêa de hum perfeito His-
,, toriador. Vm. para se naõ apartar das
,, leys rigorosas, que os Historiadores An-
,, tigos fielmente guardaraõ para exemplo
,, dos futuros, e para contemporizar com
,, o genio deste seculo, do mesmo modo,
,, que a virtude està no meyo, assim quiz
,, dar ao estylo Historico, com que escre-
,, veo esta Obra, huma gloriosa medianîa,
,, entre o rigor dos Antigos, e a liber-
,, dade dos Modernos. Na Arquitectura
,, inventaraõ os Romanos a ordem Com-

,, posita,

,, posita, que usa dos ornatos das duas or-
,, dens, Jonica, e Corinthia, e ainda
,, que desta ordem naõ haja exemplo nos
,, primeiros Arquitectos, naõ só he admit-
,, tida, mas leva hoje a preferencia. Sen-
,, do pois a Historia huma Arquitectura ra-
,, cional, com a verdade por fundamento,
,, com o titulo por frontispicio, e com a
,, symmetria das partes por corpo, por-
,, que razaõ naõ serà naõ só admitido, mas
,, tambem applaudido hum estylo compo-
,, sito, ou composto da gravidade antiga,
,, e da pompa moderna?

,, Para observar a medianîa, com
,, que o estylo Historico se faz utilmente
,, agradavel, naõ reparou Vm. em mode-
,, rar os brios da sua natural elegancia,
,, conhecendo, que na moderaçaõ deste
,, engenhoso excesso consiste a vitoria da
,, discriçaõ, que da penna de Vm. sahe
,, como agoa da fonte, porque corre, mas
,, naõ inunda, e correndo, naõ mingua,
,, porque sempre està nascendo.

,, Esta he a razaõ, porque se eu sou-
,, bera formar hum Panegyrico, corres-
,, pondente às excellencias de Vm. bem
,, me lembrava dizer, que se Vm. existisse

,, no

„ no meſmo tempo que o Mileſio Thales,
„ injuſtamente julgaria a eſte Filoſofo o
„ Tripode aureo, que ſe peſcou no mar
„ de Coos, o Oraculo de Jonia. Que com
„ mais razaõ, que a Beroſo, lhe erigiriaõ
„ os Athenienſes Eſtatua com lingua de ou-
„ ro; porque Vm. excedeo a Thales nas
„ composições, porque ſe aventejou a Be-
„ roſo na eloquencia. Porèm como o lou-
„ vor ha de ſer commenſurado ao mereci-
„ mento, e o de Vm. notoriamente grande
„ excede qualquer elogio, ſerà em mim o
„ ſilencio o Panegyriſta dos ſeus louvores.
„ No encomio das glorias de Alexandre, diz
„ o Texto Sagrado, que conſiderando nelle
„ a terra ficara muda: *Siluit terra in conſpectu*
„ *ejus* (1.*Machab*. 1.3.) Eſte he o mayor dos
„ louvores, hum reſpeitoſo ſilencio: em
„ ſemelhantes empenhos muito mais ſigni-
„ fica a admiraçaõ, que a eloquencia, por-
„ que a eloquencia ſe eſgotta fallando, e a
„ admiraçaõ callando ſe conſerva. Deos
„ guarde a Vm. muitos annos. Lisboa
„ Oriental 25. de Julho de 1736.

Amigo, e criado de Vm.

Bento de Matos.

ERRA-

ERRATAS.

NO Capitulo 3. pagina 8. no titulo do mesmo Cap. onde diz *Venevel Imagem* ; ha de dizer : *Veneravel Imagem.*

No numero 19. p. 10. na 2. regra da p. onde diz *cauza* ha de ser *couza.*

Na pag. 14. no fim do n. 27. onde na penultima regra do n. *historia* ; ha de ser *historica.*

Pag. 16. nas ultimas palavras do n. 30. onde diz *divino principio* ha de ser *diverso principio.*

Na 1. regra da p. 17. n. 33. onde diz *na nossa Hespanha*, ha de ser *da nossa &c.*

Na pag. 29. e no n. 59. na antepenultima para a penultima regra, onde diz *pelos menos fundamentos*, ha de ser *pelos mesmos fundamentos.*

No fim da p. 32. no n. 66. e segunda regra delle, onde diz *e mais plauzivel dos antigos* ha de ser, *e mais plauzivel que o dos antigos.*

Na pag. 95. na 9. copla do Hymno alli transcripto, e ultima regra della, onde diz, *Pandatur ut mysterium*, ha de ser *Pandetur &c.*

Na p. 103. n. 197. onde diz *de pouca idade, e pelos Romanos estabelecida*, falta hum *a* e deve ser *de pouca idade, e a pelos Romanos estabelecida.*

Na p. 116. n. 218. na 3. para a quarta regra da p. onde diz *a conduzipáo a Jope*, ha de ser *o conduziraõ.*

Na p. 133. na ultima regra do n. 248. onde diz *o tinhaõ* ha de ser *o tinha.*

Na p. 134. e 3. regra do n. 150. onde diz, *e devia no mesmo Concilio*, ha de ser, *e devia dar no mesmo Concilio.*

Na p. 135. na 1. para a 2. regra, n. 252. onde diz *estabelecer*, ha de ser *estabelecerem.*

Na p. 137. na penultima regra della, n. 256. onde diz *a ceacaõ*, ha de ser *erecçaõ.*

Na p. 148. n. 272. na antepenultima regra do mesmo n. onde diz *ElRey Joaõ III.* ha de ser *ElRey D. Joaõ.*

Na p. 168. na 2. regra delle, e penultima do n. 306. onde diz, *e jà entaõ trinia cinco* ha de ser, *e jà entaõ havia trinta e cinco.*

Na p. 178.

Na p. 178. e n. 323. onde diz, *o foy destas* ha de ser *o foy desta*, e na regra seguinte, onde diz *occazionavaõ nas multiplicadas doenças*, ha de ser *as multiplicadas*.

Na p. 179. na 2. regra della, e ultima do mesmo n. 323. onde diz *e sem vigo*, hade ser *e sem vigor*.

Na p. 183. no n. 332. onde diz *anno* 134. ha de ser *anno* 124.

Na p. 184. no mesmo n. 332. perto do fim, onde diz *e tyranias invazões*, ha de ser *e tiranas &c.*

Na p. 188. na 2. regra della, e quasi no fim do n. 337. onde diz, *que parece as amenas ostentações*, ha de ser *que parece que as amenas &c.*

Na p. 193. no n. 347. onde diz, *e de anno a esta parte*, ha de ser, *e de annos &c.*

Na p. 200. no n. 358. onde diz, *dos Serafins Religiosos*, a palavra *Serafins*, ha de ser *Seraficos*.

Pagina 359. no n. 460. onde diz; *por todo que logrou a gloriosa vista*, ha de ser *por todo o tempo que logrou &c.*

Na pagina 262. no n. 464. faltaõ as allegações marginaes.

Na pagina 263. n. 465. onde diz, *remataraõ este obzequio incidente*: o *obzequio*, ha de ser *obzequioso*.

Na p. 265. onde diz, *nas rubricas taõ frescas*, ha de ser *nas rubricas taõ fresca*.

Na p. 273. no fim do n. 481. onde diz *daquelles que aspiraõ*, ha de ser *daquellas que aspiraõ*.

Na p. 286. n. 503. aonde diz, *aos Magnatas*, ha de ser, *ao Magnates*.

Na p. 287. n. 506. onde diz *Dyctima* ha de ser *Dictynna*.

Na p. 291. quasi no fim do n. 512. onde diz *das mas solidas virtudes*, ha de ser *das mais solidas &c.* e onde diz, *de regular humilde*, ha de ser, *de regular humildade*.

Na p. 304. no n. 535. *as que nos quatro do Triunfo*, ha de ser *a que nos quatro &c.*

DO SANTO OFFICIO.

VIſto eſtar confórme com o original, pòde correr. Lisboa Occidental 18. de Outubro de 1737.

Fr. Lancaſtre. Teixeira. Sylva. Soares. Abreu.

DO ORDINARIO.

VIſto eſtar confórme com o original, pòde correr. Lisboa Occidental 18. de Outubro de 1737.

Gouvea.

DO PAC,O.

QUe poſſa correr, e taixaõ em oitocentos reis. Lisboa Occidental 19. de Outubro de 1737.

Pereira. Teixeira. Rego.

HISTORIA DO SENHOR DE MATOZINHOS.

Dividida em dous Assumptos, expendidos em Capitulos, e numeros continuados: consiste o primeiro Assumpto em descrever todas as antiguidades, que respeitaõ à Veneravel Imagem de Christo Crucificado, que com o Titulo de Bom JESUS de Bouças se venera no insigne Lugar de Matosinhos, termo da Cidade do Porto na Lusitania, desde o tempo do milagroso apparecimento desta Veneravel Imagem naquelle Lugar, continuados progressos de seos prodigios, estado de sua Igreja atè os tempos de ser mudada ao sitio, em que existe agora, com tudo o mais pertencente ao mesmo Assumpto.

Consiste o segundo Assumpto em manifestar o solemne Triduo, e Procissaõ do Triunfo, com que no Mez de Mayo de 1733. foy collocado no reformado magnifico Trono da Capella mòr da sua Igreja, estado presente della, e do Lugar de Matosinhos, Com tudo o mais pertencente ao mesmo Assumpto.

ASSUMPTO I.

CAPITULO I.

Do motivo desta Historia, antiguidades, Veneraçaõ, e Culto da sagrada Imagem do Senhor de Bouças desde o seu Prodigioso apparecimento em Matozinhos.

1. COLLOCACAM admiravel da prodigiosa Imagem de Christo Crucificado, que com o especioso titulo do Senhor de Bouças se venera no venturoso lugar de Matozinhos, ao reformado, e magnifico trono, que em seu magestoso Templo lhe erigio o ar-

dente zelo, e devoçaõ reverente dos Irmãos da sua Mesa, naõ só servio de glorioso assumpto aos triplicados panegyricos, com que em solemnissimo Triduo a celebràraõ, havendo-lhe em huma pomposa Procissaõ precedido o vistoso Espetaculo do mais esclarecido triunfo.

2 Mas occasionou tambem o fervoroso estimulo de diligenciarem perpetuar-lhe a memoria, tanto na exposiçaõ destes festivos applausos, quanto na indagaçaõ criticamente judiciosa dos antiquissimos, raros progressos, com que esta sagrada Imagem desde que milagrosamente aportou nas occidentaes maritimas prayas deste aprasivel terreno, o tem illustrado com credito universal do Lusitanico Reino, como Imperio seu, singularmente escolhido para assombro do Mundo.

3 Sendo pois dous os empenhos do presente systema: hum da Collocaçaõ o triunfo: e outro a ponderaçaõ das antigas memorias, que respeitaõ à vinda desta sagrada Imagem do Oriente ao Occidente: da Palestina Oriental na Asia a Matozinhos, termo Occidental da Europa na Lusitania, para que de hum ao outro extremo seja louvado o Senhor do Universo: *A solis ortu usque ad occasum laudabile nomen Domini*: e se manifestem a todo o Mundo as maravilhas do Altissimo: *Mirabilia opera Altissimi.*

Psalm. 112. 3.

Eccles. 11. 4.

4 Serà o segundo empenho vistoso apparato do primeiro empenho, para que na grandeza deste, pela precedente, continuada relevancia daquelle, fique o intento presente do modo possivel desempenhado, permittindo o mesmo

Senhor

Senhor inſpirar auxilios : *Dominus Deus auxiliator*, para deſcrever com acerto as ponderaveis circunſtancias de taõ remontados aſſumptos.

Iſai. 50. 7.

5 Permittio a Providencia divina, que desde a Creaçaõ do Mundo deſtinou a grandes emprezas a noſſa Luſitania, que o lugar de Matozinhos della, aſſim como foy o primeiro das Heſpanhas, que nos matutinos creſpuſculos, com que nellas amanheceo a luz da Graça, univerſalmente recebeo a Fè Catholica, foſſe tambem logo em merecido premio do ſeu rendimento, ſoberano depoſito daquelle ſagrado penhor, que ſendo da Redempçaõ humana exemplar o mais claro, ficaſſe tambem ſendo feliz anticipado annuncio, de que Portugal havia de ſer Reino proprio de Chriſto, como depois ſe vio no Campo de Ourique glorioſamente inſtituido, e pelas cinco Chagas do meſmo Senhor com tymbre o mais elevado.

6 Mas entrando jà na indagaçaõ do tempo, em que eſta ſoberana Copia do Prototypo da noſſa Redempçaõ milagroſamente ſurgio nas maritimas prayas deſte Occidente; pela perpetua invariavel tradiçaõ de muitos ſeculos na memoria dos homens eſtabelecida, e por obſervaçaõ de prodigios continuada, como herança feliz nas deſcendencias, ſómente ſe ſabia atègora, depois que ſe confundiraõ, e ſe perderaõ outras noticias pelas ruinas, que entre varios incidentes cauſáraõ as repetidas invaſoens de Naçoens barbaras em Heſpanha, que o apparecimento ſuccedera nos principios da primitiva Igreja; fundouſe niſto a igualmente invariavel tradiçaõ, de

que o insigne Varaõ Nicodémos fora desta sagrada Imagem o piedoso Artifice, ficando confusamente ignorado o anno de taõ prodigioso successo.

7 Da mesma sorte, e com as mesmas circunstancias permanece a tradiçaõ incontrastavel, que esta divina Imagem apparecera diminuta de hum braço, que por boas razoens se entende haver sido o esquerdo, de que por muitos annos com assombros do caso, naõ admittio o supplemento, que anciosamente lhe repetiraõ os Catholicos, até que apparecendo com igual prodigio o proprio braço, e applicado com reverente culto, se lhe unio em fórma, que naõ só ficou integralmente completo aquelle divino Composto, mas sem mais indicio da precedente falta, que a tradiçaõ de a ter havido.

8 Destas tradiçoens, como de monumentos successivamente animados, a que naõ corromperaõ as anteriores calamidades de Hespanha, escreveraõ sómente os que deste Senhor escreveraõ, quaes foraõ o Licenciado Jorge Cardoso, o Padre Frey Luiz dos Anjos: o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha: o Padre Antonio de Vasconcellos: Manoel de Faria, e Sousa: Manoel Tavares de Carvalho: o Reverendissimo Doutor Antonio Coelho de Freitas, o Padre Antonio Carvalho da Costa, e outros que doutamente trataraõ, quanto puderaõ alcançar desta materia, que sem duvida, por grande requeria indagaçaõ mais extensa, pois he digna toda naõ só de elogios multiplicados, mas de muy largos panegyricos.

Cardoz. Agiol. Lusit. tom. 3. *dia* 10. *de Junho, e seu comment. lit. A.* pag. 615. e 625. *Fr. Luis dos Anjos Jard. de Port.* n. 182. p. 558. *Illust. Cunha Cat. dos Bisp. do Porto* 2. part. Cap. 45. p. 393. *P. Vasconc.*

CAPI-

CAPITULO II.

Continua a meſma materia.

9 ALguns annos ha, que bem caſualmente reparou a noſſa advertencia em occaſiaõ de eſtar venerando com jucundo jubilo aquelle famozo Labaro, e devoto Padraõ, que ſe erigio em glorioſo tropheo, e ſagrado monumento do ſitio, em que na praya de Matozinhos ſe manifeſtou eſte Celeſtial prodigio, que na baze delle ſe achava gravada em caracteres de Arithmetica Arabiga, que nas Heſpanhas ſe pratica ordinariamente agora, a Epoca de 162.

10 E reflectindo na ponderaçaõ della repetidas vezes eſprayando na meſma praya o diſcurſo a varios rumos para a intelligencia deſte arithmetico lemma, ou abbreviado enigma, a que fazia mais impenetravel a circunſtancia de o naõ acompanhar alguma inſcripçaõ, ou epigraphe, que o reduziſſe a termo algum perceptivel, ſe nos moveo ultimamente o penſamento a conſiderar, que poderia ſer huma breve memoria, e reſumida declaraçaõ da Era do divino apparecimento do Senhor naquella praya.

11 As prateadas caãs de hum antigo velho reccorreo na meſma occaſiaõ curioſamente o noſſo reparo, a inveſtigar, ſe ao menos por tradiçaõ haveria no meſmo lugar noticia alguma, de que pudeſſe colherſe a proporcionada intel-

Deſcr. Regni Luſit. a pag. 560.
FariaNoches Clar. 1. p. Paleſt. 3. p. 117.
Tavares de Carv. Relaç. da prociſſ. do Senhor de Bouças noanno de 1644. *impreſſ. no de* 1645.
Doutor Coelho de Freitas Trat. da Vener. Imagem do dito Senhor.
P. Carvalho da Coſta Corograf. Portug. tom. 1. trat. 6. Cap. 5. pag. 361.

ligencia deste confuso emblema, ao que satisfez respondendo lembrarse de ter ouvido dizer a sogeitos seus ascendentes, dos que com escasso conhecimento alcançára no largo gyro dos seus annos, que a referida gravada conta lhes parecia ser indicio breve do tempo, em que a sagrada Imagem de Christo Crucificado havia nesta praya apparecido, por terem tradiçaõ, que assim constava dos antigos Cartorios das Igrejas de Bouças, e Leça do Ballio, que haviaõ perecido em vorazes incendios.

12 Por esta notavel circunstancia, que naõ tinha sido com reflexaõ advertida, parecendo-nos de verosimel abonada pela attenta ponderaçaõ de tantos, e taõ continuados prodigios, quantos nesta veneravel Imagem se experimentáraõ sempre, corroborado tudo com efficazes argumentos deduzidos de outros bem relevantes, que em proprios lugares se hiráõ expendendo; concluio o nosso conceito em assentir na intelligencia, de que naõ só era proporcionada a tradiçaõ constante de haver sido Nicodémus o piedoso Artifice deste Divino Retrato; mas que o seu prodigioso apparecimento em Matozinhos succedera na era de Cesar de 162.

13 Reflectindo depois com mais larga ponderaçaõ neste ponto, reparámos, que da Epoca de Cesar 162. diminuidos 38. annos, que ao Nascimento de Christo precedeo a origem daquella Era, pela qual se computavaõ em Hespanha os annos atè os de 1383. e de 1422. em que os Serenissimos Reys D. Joaõ I. de Castella, e D. Joaõ I. de Portugal, cada hum em seus dominios, estabe-

eſtabeleceraõ conforme ao Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha ſe contaſſem pelo Naſcimento de Chriſto, veyo a ſucceder eſte milagroſo apparecimento no anno de 124. do Naſcimento do meſmo Senhor.

Illuſtriſſimo Cunha Catal. dos Biſp. do Porto 2. part. Cap. 26. p. 243.

14 E diminuidos delle tambem mais 34. annos naõ completos, que Chriſto viveo no Mundo atè conſumar a noſſa redempçaõ, do tempo do qual ſe devem contar os progreſſos da Igreja Catholica, que na morte do meſmo Senhor teve principio, e algum mais dos que com graviſſimos Eſcritores moſtraremos, ſuperviveo Nicodémus retirado da perſeguiçaõ judaica, em huma herdade de Gamaliel, Meſtre que havia ſido de S. Paulo, tempo em que ſem duvida eſculpio eſta ſagrada Imagem para piedoſa conſòlaçaõ da ſaudoſa memoria do ſeu Divino Meſtre, vinha a meſma a ter de eſculptura 90. annos, ou pouco menos, ao tempo da ſua appariçaõ em Matozinhos, e por conſequencia agora neſte anno de 1733. a de 1699. de permanencia, e a de 1609. neſte por todas as razoens venturoſo lugar.

CAPITULO III.

Continua a mesma materia, e averiguaçaõ do anno, em que esta veneravel Imagem appareceo em Matozinhos.

15 FOrmada com as referidas circunstancias na nossa ponderaçaõ a idèa, de que na Era de Cesar de 162. apparecera na praya de Matozinhos aquella Imagem sagrada, e sendo pela expendida combinaçaõ de Epocas advertida, foy esta huma de duas opinioens, que no discurso historico de seu Sermaõ panegyrico expoz no dia primeiro do proximo Triduo o Reverendissimo Doutor Manoel dos Reys Bernardes, Conego Magistral na Sé do Porto, com aquella vasta elegancia, e sublime erudiçaõ, que em semelhantes emprezas ostentou sempre.

16 Mas porque mencionou tambem outra opiniaõ ideada pelo Reverendissimo Padre Mestre Frey Raphael da Purificaçaõ, Religioso Capucho da Provincia de Santo Antonio do Brasil, e natural do mesmo lugar de Matozinhos, que com elevado engenho, em concionatoria palestra tinha exposto, que entrando no dito lugar a Fé, e o Bautismo, donde se difundira a toda a Hespanha na Epoca de Christo de 46. por estes, e outros fundamentos se persuadira, que no anno

no de 50. fora da ſagrada Imagem o apparecimento, vindo a ter alli 1683. annos, fazendo o calculo pelos do Nacimento de Chriſto, nos moveo eſta noticia outra confuſaõ, e nova duvida.

17 Para mais exacta reſoluçaõ della tornámos peſſoalmente ao lugar de Matozinhos, a fazer miudo exame, ſe haveria algum ſinal, inſcripçaõ, monumento, ou veſtigio, em que eſta ſegunda, e mais antiga opiniaõ ſe fundaſſe tanto no Templo, e Padraõ exiſtentes, como nas ruinas, que ainda permanecem do primitivo Moſteiro de Bouças, aonde pelo continuado circulo de largos ſeculos havia ſido eſta ſagrada Imagem de Chriſto com reverentes cultos venerada.

18 Achámos porém com evidencia, que na baze daquelle Padraõ naõ havia gravada mais que a referida Epoca de 162. mas conſtou-nos por fidedignos teſtemunhos, que em outro lado da meſma baze eſtivera tambem gravado o numero 50. até que pelos annos de 1726. brotando prodigioſamente junto do meſmo Padraõ huma perenne fonte, em que ſe tem feito obras magnificas, e renovando-ſe a golpes de picaõ aquella baze, ſuccedera por inadvertencia apagarſe-lhe o numero 50. ficando ſómente a Epoca 162. conſervada, mas ignorada ſempre a ſua verdadeira intelligencia.

19 Conſtou-nos mais, que ſobre o arco da Capella Mayor do Templo exiſtente ſe acha tambem gravada a meſma Epoca de 162. que agora ficou cuberta de talha dourada, pela com que de novo ſe adornou toda a Capella; porèm nos

veſtigios

vestigios do antigo Mosteiro de Bouças naõ achamos causa alguma pertencente a este ponto, havendo-as ainda em abono de outros, que adiante expenderemos. De sorte que só na Igreja, e no Padraõ existentes se reconhece repetidamente transcripta a Era de 162. e demais haver tambem no Padraõ decifrado o numero 50. sem outro algum caracter, letra, ou sinal, que pudesse servir-lhe de notorio commento.

20 E logo he digno de reparo estar decifrada tanto no Padraõ, como no Templo a Era de 162. sem discrepancia, pela conformidade notavel de sua repetida existencia! E mais o naõ ter sido advertida, e menos ponderada atègora, estando a todas as luzes taõ manifesta! Se jà naõ fosse, que o verse tambem no Padraõ de 50. o numero, confundisse pela multiplicidade dos termos, de huma, e outra conta distincta a bem diversa importancia! Conservando-se ellas só como enigmas expostas a se lhe poder dar com genuina interpretaçaõ a mais proporcionada intelligencia.

21 E reparando que com algum positivo fundamento haviaõ sido gravados na referida baze aquella Era, e aquelle numero: certificados tambem depois que na noticia deste senaõ estabelecera a segunda opiniaõ sobredita, mas unicamente na intelligencia, de que continuando em Jerusalem a perseguiçaõ, que contra a Igreja movera Herodes Agryppa, de que resultou o martyrio de Santiago, e a prisaõ de Saõ Pedro, se resolvera Nicodémus (que suppunha ainda vivo no anno de 50. e continuar tambem da per-

seguiçaõ

ſeguiçaõ o diſturbio) a lançar ao mar no porto de Jope a Imagem Sagrada, por evitar nas correntes da agoa as irreverencias da terra, até chegar a eſta, que prodigioſamente buſcára, como jà illuſtrada pela Fé, e pelo Bautiſmo, que no anno de 46. univerſalmente tinha recebido; ficamos na certeza de que naõ paſſàra aquelle engenhoſo diſcurſo de huma bem ponderada conjectura movida da tradiçaõ antiquiſſima, de que nos principios da primitiva Igreja aportára a dita veneravel Imagem neſta feliz parte da Luſitania.

22 O que tudo ſuppoſto, fica ſem duvida certo naõ haverem ſido anteriormente indagadas, tanto da Era, como do numero as miſterioſas circunſtancias, as quaes judicioſamente ponderadas parece que com evidencia da repetidamente gravada Era ſe manifeſta, que na de Ceſar de 162. pela qual naquelle tempo ſe contavaõ em Heſpanha os annos, e no de 124. do Naſcimento de Chriſto 90. depois de ſua Paixaõ Sagrada, aportára felizmente em Matozinhos eſta veneravel Imagem prodigioſa.

23 Manifeſtando-ſe igualmente do tambem gravado numero 50. que faltando por muitos annos o braço eſquerdo, de que por todos elles naõ tinha admittido o diligenciado ſuplemento, apparecera para mais aſſombro dahi a cincoenta annos o proprio, e haver-ſe diſſo ſymboliſado a memoria no dito numero. E como niſto naõ ha contradiçaõ repugnante, nem parece poder ter outra applicaçaõ hiſtorica mais congruente, e mais conforme às tradiçoens antiquiſſimas,

antes

antes deste modo ficarem ellas melhor corroboradas, se conclue ser esta a mais verdadeira, e mais propria intelligencia de huma, e outra conta mysteriosa.

CAPITULO IV.

Ponderaõ-se algumas razoens em confirmaçaõ do referido.

24 NEm contra a ponderada intelligencia pòde obstar o achar-se a Era de 162. em algarismos da Arithmetica Arabiga, que dos tempos do dominio Sarraceno ficou introduzida em Hespanha, e naõ em Caracteres da Latina, que do dos Romanos se praticava nella, havendo na continuaçaõ do seu Imperio succedido aquelle prodigio; porque o Padraõ, em que se acha gravada, jà he reformado, e de quando pelos annos de 1542. como refere o Licenciado Jorge Cardozo, ou pelos de 1550. tem para si Manoel Tavares de Carvalho erigio a Universidade de Coimbra o novo Templo existente, e poressa razaõ se acha tambem sobre o arco da Capella Mayor delle decifrada da mesma sorte a sobredita Epoca.

Card. Agiol. Lusit. tom. 3. *comment. ao dia* 10. *de Junho* lit. A. pag. 625. *Tavares de Carvalho na Relaçaõ deste Senhor impress. no anno de* 1645.

25 A razaõ que haveria para se gravarem, e só por algarismos estas repetidas memorias na Igreja, e no Padraõ da praya existentes, entendemos procedeo de que ao mudar da Igreja, e renovar o Padraõ, se expressou em hum, e outro novo, e reformado edificio, o mesmo que nos

nos antigos havia delineado, que tudo eſtaria em Caracteres, e numeros Romanos do primitivo tempo, em que haviaõ ſido tranſcriptos, formando-ſe depois em algariſmos Arithmeticos, no deſta reformaçaõ praticados: e como nos antiquados monumentos naõ havia inſcripçaõ alguma, que os declaraſſe, e tinhaõ jà perecido em particulares incendios as occultas memorias dos Cartorios, entendendo-ſe que ſem duvida continhaõ myſterio, poſto que jà entaõ ignorado, os deſcreveraõ da meſma ſorte, que no Padraõ, e no Templo os tinhaõ achado, e ſó com a differença de eſtylo introduzido.

26 Sendo a fundamental primaria razaõ de nos antigos edificios ſe acharem ſómente ſem inſcripçaõ alguma gravados aquelles myſterioſos monumentos, porque como tinhaõ ſido formados nos tempos da primitiva Igreja, em que ſe naõ permittia aos Catholicos fazerem publica oſtentaçaõ das couſas ſagradas, e ſó ſe lhes concediaõ, ou diſſimulavaõ os Oratorios, e templos, que das Hiſtorias conſta tiveraõ, e conſervaraõ, do modo poſſivel pelos meſmos tempos atè os de Conſtantino Magno, em que jà deſaſſombrada principiou a ter na exaltaçaõ a mageſtade, que pelos ſeguintes ſeculos ſe foy augmentando; lhes foy preciſo acommodarem-ſe entaõ à diſpoſiçaõ do tempo, deſcrevendo unicamente quaſi em enigma os numeros referidos.

27 E como os numeros de conta, ainda que eſtiveſſem publicos no Padraõ da praya, naõ tendo inſcripçaõ, que os declaraſſe, eraõ indifferentes a varios ſentidos, poriſſo os deſcreve-

raõ

ţaõ ſem mais expoſiçaõ os Catholicos ; mayormente ficando nelles , e em ſeus deſcendentes por tradiçaõ continuamente invariavel conſervada a memoria do que ſignificavaõ os gravados numeros. E ſuppoſto que a intelligencia delles ſe eſcureceſſe, ou confundiſſe na larga ſerie dos ſeguintes ſeculos pelas varias irrupçoens de dominios barbaros, ſe naõ apagou comtudo na principal ſubſtancia a tradiçaõ conſtante, por ſempre haverem em Matozinhos ſucceſſivas deſcendencias dos ſeus primitivos Catholicos ; e como a tradiçaõ principal concorda, atè nas particulares circunſtancias , com a expoſiçaõ ponderada dos decifrados monumentos, nos parece ſe lhes naõ póde applicar outra mais genuina hiſtoria , e verdadeira intelligencia.

28 Tem abonado a experiencia de muitos ſeculos, ſer o lugar daquelle Padraõ verdadeiramente o ſitio de hum, e outro milagroſo apparecimento ; porque eſtando defronte delle metidos ao mar huns eſcabroſos penhaſcos, a que chama *Leixoens* o vulgo ; por mais que as tempeſtades embravecidas oſtentem nelles com encapellada inchaçaõ horroroſos deliquios, nunca nelles ſe vio haver naufragio, antes ſim ſeguro aſylo a toda a embarcaçaõ , que de propoſito encaminha o rumo a eſte ſurgidouro admiravel, para ſalvar-ſe de todo, o que de outra ſorte ſeria infallivel eſtrago, e notorio perigo, conſeguindo deſte modo bonança na mais furioſa tormenta.

29 Com propriedade notavel ſe denomina do *Eſpinheiro* aquelle protentoſo ſitio ; porque

que ſe em hum abraſado oſtentou Deos com Moyſés admiraveis prodigios: *Apparuitque ei Dominus in flamma ignis de medio rubi*: e reconheceo o grande Eſcriptor do ſagrado Texto, que o Eſpinheiro ardendo em chammas, ſenaõ reduzia a cinzas: *Et videbat quod rubus arderet, & non combureretur*; neſte naõ reveſtido de incendios, mas de chriſtalinos refluxos admiraõ ſempre os Catholicos, que por haver nelle ſurgido a ſagrada Imagem de Deos humanado, ſe achaõ alli ſempre vitaes alentos, e nunca ceruleos eſtragos.

Exod. 3. 2.

CAPITULO V.

Moſtra-ſe o dia do apparecimento da Veneravel Imagem do Senhor de Bouças em Matozinhos.

30 AVeriguado que o apparecimento da Veneravel Imagem do Senhor de Bouças em Matozinhos ſuccedera na era 162. de Ceſar, e no anno 124. do Naſcimento de Chriſto parece digno tambem de ponderar o dia, em que ſe vio taõ admiravel prodigio na Luſitania. O Reverendiſſimo Doutor Antonio Coelho de Freitas no Tratado, que compoz deſte Divino Aſſumpto, affirma pro tradiçaõ conſtante que em tres de Mayo, o que ſe manifeſtava da prociſſaõ ſolenne, que neſte dia coſtuma ſempre fazer-ſe ao lugar do apparecimento; e ſem duvida

Coelho de Freitas Trat. do Senhor de Matozinhos Cap. 4. pag. 14.

duvida que naõ ha positiva memoria de tempo posterior, em que a expediçaõ deste culto tivesse divino principio.

31 Para se abonar de certa esta circunstancia faz argumento formal a tradiçaõ permanente, pelo que della em proporcionados termos pondera o Padre Doutor Frey Manoel Leal Chronista Augustiniano, concluindo com o vulgar axioma de Direito: *Quod in antiquis rebus confirmandis plenam probationem à fama peti debere.* A'lem do mais em que a este respeito assenta communmmente a judiciosa, e mais bem acertada critica dos melhores Escriptores, que nas tradiçoens uniformes estabelecem as antigas, e remontadás emprezas de seus assumptos.

Doutor Leal. Chrys. Purificativo. Purificat. 2. Exam. 5. n. 8. p. 95.

32 Disto se infere huma notavel excellencia da Lusitania a reconhecerse o quanto ella foy sempre da Divina Providencia favorecida; pois permittio, que em tres de Mayo do anno 124. do Nascimento de Christo succedesse em Matozinhos o apparecimento da Imagem do mesmo Senhor Crucificado, em presagio, e anticipado annuncio, de que depois em semelhante dia do anno de 326. confórme Lourenço Beyerlinch, e outros muitos, havia de descubrir em Jerusalem Santa Helena o proprio Lenho, em que foy consummada a Redempçaõ do genero humano. Mas naõ foy esta a primeira, nem a unica vez, que por este sagrado final foraõ as glorias de Hespanha singularmente symbolisadas, porque desde a Creaçaõ do Mundo tem sido prodigioso emblema dos seus triunfos.

Beyerlinch Theatr. Vit. human. tom. 5. lit. O. p. mihi 610. Not. A. B.

33 Occasiaõ houve jà de reparar-mos em abono

abono admiravel na noſſa Heſpanha ; que na Creaçaõ do Mundo diſpuzeſſe Deos, principiaſſe pela Veſpera o dia primeiro delle : *Factum eſt Veſpere , & mane dies unus*; e deſte prodigio entaõ repetido , além de varias ethymologias , que allegoriza Laureto , e pondera Durando , tomou talvez à Igreja Catholica o Religioſo Rito de principiarem pela veſpera , nos ſeus dias ſolennes , os feſtivos cultos.

34 *Veſper*, ou *Veſperus* para com os Latinos , e *Heſperus* para com os Gregos , ſignifica , e ſignificou ſempre a Venus , Planeta Occidental , em que desde aquelle principio ſe conſiderou , e com razaõ , a meſma Heſpanha ſymbolisada , que poriſſo ſe chamou , e denomina ainda : *Veſper* , *Veſperugo* , e *ultima Heſperia*, como he bem vulgar no commum dos Eſcritores, que tratáraõ della , ſendo eſtes os ſeus primitivos epitetos , que como proprios lhe foraõ em todos os tempos reconhecidos , poſto que depois por motivos particulares , ſe lhe impuzeſſem tambem outros.

35 A eſte veſpertino Planeta , que no noſſo caſo he maſculino , e naõ a fabuloſa Venus , de que trataõ os Mythologicos , figuràraõ ſempre commummente , com Joaõ de Sacroboſco , os Mathematicos , pondo-lhe huma Cruz por diviſa , prodigioſo ſinal em todos os ſeculos das prerogativas de Heſpanha , ſignificada neſte eſclarecido Planeta , de cujo benigno influxo , e tambem de haverem ſido os antigos ſeptemtrionaes Heſpanhoes , quaes os Aſturianos , e Cantabros , conforme Garibay , os primeiros , que entre outras

Geneſ. 1. 5.

Lauretus. *Sylva Aleg. verbo Veſp.*

Durandus in Rational. lib. 5. Cap. 9. a num. 1.

Garib. Comp. Hiſtor. de Heſp. tom. 1. lib. 4. Cap. 4.

tras ſciencias, tiveraõ noticia da dos movimentos Celeſtes, procedeo ſem duvida o notavel brazaõ, que conſervavaõ, de terem a ſagrada Cruz por Armas.

36 E em tanta forma obſervàraõ em todos os ſeculos eſta regalia, que quando o Emperador Octaviano Ceſar Auguſto acabou de conquiſtallos, ficando aſſim das Heſpanhas Senhor abſoluto, para mayor gloria de ſeus triunfos, tomou por Armas do Romano Imperio aquelle eſclarecido ſinal, que por eſte principio ſe chamou Cantabro, como além de outros muitos referem Rodrigo Mendes Sylva, e o Doutor Franciſco de Amaya.

Mendes Sylva Poblac. gener. de Heſp. Deſcrpc. de las Provinc. de Biſcaya, Alaba, y Guipuſcua.

Amaya Com. in lib. 1. *Cod. de Excuſat. tit.* 47. pag. 358. *à* n. 16.

37 E ſendo pelo commum dos Eſcritores bem ſabido, que dos tempos de Auguſto, as principaes inſignias do Romano Imperio, foraõ o *Cantabro* pela occaſiaõ referida, e o *Làbaro* pelo admiravel prodigio, que depois ſuccedeo a Conſtantino Magno, ſe faz digno de notar que os nomes de hum, e outro eſtandarte, dizem o meſmo Amaya, e o Padre Fr. Paulo de Saõ Nicolao, tiveraõ origem de Heſpanha; e aſſim nella foraõ preconiſadas ſempre as mais relevantes emprezas daquelle Imperio.

Amaya loco ſup. citat. à num. 22.

P. Nicol. Antiquid. Eccleſ. de Heſp. ſigl. 4. C. 22. p. 392.

38 Mais he de notar, que ſuppoſto a Cruz antigamente foſſe entre varias Gentes afrontoſo patibulo, o naõ era em Heſpanha; porque dos Cantabros, e mais Luſitanos affirmaõ expreſſamente Eſtrabaõ, e Alexandre ab Alexandro, que os culpados deſtinados à morte entre elles eraõ com montes de pedras opprimidos; e adverte Eſtrabaõ ſer eſte coſtume obſervado de todos, os que

Strab. Geog. lib. 3. p. *mihi* 147.

Alexand. ab Alex. apud Tiraq. Annot. Genial. dier. lib. 3. Cap. 5.

que occupavaõ o lado Septemtrional de Hespanha, como Callaicos, Asturianos, e Cantabros.

39 Por todo o referido entendemos, que nunca em Hespanha se vio que a Cruz servisse de patibulo, senaõ quando o mesmo Octaviano Augusto na Conquista dos Cantabros, para horroroso espanto delles, como por authoridade de Estrabaõ diz Garibay, mandou Crucificar alguns; mas tanto lhes naõ servio de horror este conflito, que o toleràraõ com alegre canto, presagio sem duvida do jucundo jubilo, com que depois haviaõ de sopportallo varios esquadroens de Santos Martyres, principiando no Collegio Apostolico este esclarecido triunfo, jà em Hespanha, e só nella, anteriormente symbolisado.

Garib. Comp. Historic. de Hesp. tom. 1. lib. 6. Cap. 27. in fine pag. 176.

CAPITULO VI.

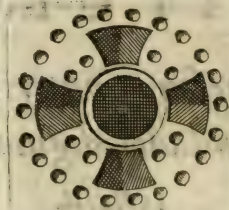
Continua a mesma materia, com algumas antiguidades dignas de advertencia.

40 SEmelhantes ponderaçoens, a outro intento, nos moveraõ tambem jà a conjecturar a vinda de Noè a Hespanha, naõ só primeira, mas segunda vez, e desta com sua mulher Vesta a buscar o ultimo descanço, e esperar o eterno na nossa Lusitania, e serem nella com Tubal sepultados no Promontorio, a que disso resultou o nome de Sacro, e haver instituido a mesma Vesta no valle de Chèllas junto a

 Lisboa

Lisboa a Religiaõ de Virgens Vestaes em sagrado Rito, que depois redusido ao Gentilico, introduziraõ em Troya os Gregos, donde passando aos Romanos o ampliou de sorte Numa Pompilio, que de entaõ se ficou reputando por seu particular instituto, sendo-o só na superstíciosa ostentaçaõ dos erros, com que no Gentilismo foy cegamente venerado; mas conservando sempre, como logo veremos, huma clara sombra do que tinha sido, a confirmar o que deste sagrado final himos ponderando.

41 Reparamos com particular attençaõ; em que na antiga estatua de Vesta, que no fim do Tratado della traz copiada Justo Lipsio, estava pendente do peito huma insignia na fórma, que vay transcripta.

Just. Lipsius Syntagma de Vesta, & Vestalibus in Notis ad Cap. 15. *in fine.*

Notavel circunstancia por certo! Pois he sem duvida ser este vistoso emblema, naõ só expressa figura da Cruz sagrada; mas ainda das cinco Chagas, que formadas nella, haviaõ de ser o meyo principal da Redempçaõ humana, e parece que antecipado profetico molde das singularissimas Armas, com que no campo de Ourique foy instituido Portugal em Reino de Christo escolhido.

42 E ad-

42 E advertimos mais, se he que fielmente se acha este divino lemma copiado na impressaõ de Justo Lypsio, que as cifras intermedias, e da circumferencia, completaõ justamente o numero de 30. em alluzaõ talvez misteriosa aos trinta dinheiros, porque depois em Jerusalem foy vendido o Redemptor do Mundo, e por tudo nelle ideado o Portuguez Real escudo pelos altissimos fins a que a Divina Providencia o hia dispondo, e tem jà o mesmo Mundo com assombro universal admirado, e visto.

43 Mas para que claramente se veja, que todas estas excellencias da nossa Lusitania foraõ delineadas, naõ só na disposiçaõ admiravel da creaçaõ dos Celestes Orbes; mas dentro dos limites da mesma Lusitania, noticiamos aos curiosos (ainda que isto pareça digressaõ, mas precisa) que a miuda reflexaõ em nossas Historias nos fez advertir, e *ad unguem* indagar haver no principal dellas huma grande confuzaõ, occasionada de os Nacionaes Escritores naõ distinguirem formalmente as divisoens de Hespanha, tempos, e occasioens, em que foraõ feitas antes do Nascimento de Christo. E porisso equivocamente suppuzeraõ que ella sempre estivera pelos Romanos dividida em tres Provincias, Tarraconense, Betica, e Lusitania, e que esta nunca passára do Douro para o Septemtriaõ, atè donde nace nos Cantabros o rio Ebro.

44 O que procedeo sem duvida, de naõ examinarem com plena advertencia o historiar de Plinio, Estrabaõ, e Pomponio Mella confrontados, e construidos, naõ só literal, mas histori-

camente no ſeu genuino, e verdadeiro ſentido, occaſionando-ſe diſto, e de entenderem que a Luſitania fora ſempre reſtricta entre os rios Guadiana, e Douro, o diſvellarem ſe deſneceſſariamente em eſpecularem nella a ſituaçaõ da famoſa Cidade Cinania, de que tanto celebra Valerio Maximo a valeroſa repoſta, que deu ao Conſul Decio Junio Bruto, ſem advertirem, que eſte, e ſemelhantes caſos ſuccederaõ em tempo, que a Luſitania ſe extendia àquellas regioens Septemtrionaes, e muito antes de Octaviano Auguſto, que foy o que a conſtituio entre os rios Guadiana, e Douro.

Valer. Max. lib. 6. cap. 5.

45 Mas examinado bem eſte eſſencialiſſimo ponto, temos averiguado, que a primeira diviſaõ de Heſpanha pelos Romanos (ſem tocarmos em outra diverſa, e mais antiga) expulſos jà della por Scipiaõ Africano o Mayor os Carthaginezes, foy no anno 557. da fundaçaõ de Roma, ſendo Conſules Cn. Cornelio Cethego, e Q. Minucio Rufo, tempo em que a dividiraõ em duas Provincias, Citerior, e Ulterior, entre as quaes mediava o rio Ebro.

46 E ſuppoſto depois ſe extendeſſe algum tanto mais a Citerior, como ſentem, ou talvez confundem varios Eſcritores: e ſuppoſto tambem algumas vezes ſe fizeſſe, ou ſe denominaſſe em Roma huma ſó Provincia, e tornaſſe logo a ter a reputaçaõ de duas, iſto era quanto à adminiſtraçaõ do governo, e das conquiſtas conforme as occaſioens o pediaõ; ſempre porèm com tudo, quanto ao terreno, era dividida nas duas Provincias referidas, Citerior, e Ulterior, na forma, que bem explica Joaõ Vazeo.

Vaſæus Chron. Hiſp. Cap. 8. fol. mihi 13. verſ. & 14.

47 Deſ-

47 Desta maneira permaneceo dividida em duas Provincias até o tempo, em que Octaviano Cesar, constituido Emperador absoluto, fez com o Senado a bem sabida repartiçaõ das Provincias do Romano Imperio, e nesta occasiaõ instituio Provincia particular a Andaluzia, que com o nome de Betica largou ao Senado, o que succedeo no anno 727. da fundaçaõ de Roma, e no 7. Consulado de Octaviano, jà desde entaõ Augusto conforme Dion Cassio, e entaõ he que restringio, e limitou entre os rios Guadiana, e Douro a Lusitania, que de antes se extendia ao màr Cantabrico, accrescentando à nova Provincia Tarraconense tudo, o que corre do Rio Douro para aquella parte.

Dio Cassius lib. 53.

48 De sorte que do tempo da dita primeira divisaõ de Hespanha em duas Provincias Citerior, e Ulterior até o sobredito, em que Octaviano Augusto a dividio em tres, Tarraconense, Betica, e Lusitana, senaõ acha mençaõ alguma destas tres Provincias como taes em Historia Romana, nem que ao governo politico, e administraçaõ de cada huma dellas, se mandassem particularmente destinados, Consules, Proconsules, Pretores, ou Legados, como se manifesta do que das mesmas, e outras Historias, e ainda de Direito recopila Joaõ Vazeo.

Vasæus Chronic. Hesp. C. 12. per totũ, & 13. in principio.

49 E o que mais he, que tudo o que antes desta divisaõ de Augusto se denominava Hespanha Ulterior, tudo era Lusitania, que comprehendia em Regioens diversas, mas contiguas, varias gentes de nomes distintos, como Andaluzes, Turdetanos, Lusitanos, Turdulos, Pesures,

 Vetoens,

Vetoens, Callaicos, Bracaros, Afturianos, Cantabros da parte Occidental do Rio Ebro, e outros muitos. Bem fe hia chegando a efta verdade, fe nella mais reflectiffe o infigne Hiftoriador Ambrozio de Morales, que em varias partes de fuas obras advertio, e tocou, que tanto Tito Livio, como os mais Efcritores Romanos ordinariamente ufavaõ do nome geral de Lufitanos, para fallarem de todos os da Ulterior.

Morales lib. 7. Cap. 8. *e* 23. *e* lib. 8. Cap. 52. e nas Addic. aos livros 6. 7. e 8. de fua Hiftoria.

CAPITULO VII.

Continua a mefma materia.

50 COm igual diligencia averiguamos tambem, que Eftrabaõ, como Efcritor admiravel antes de Plinio, e dos tempos de Augufto, e Tiberio, no lugar em que diffe, que a Lufitania, como Regiaõ, a cingia pelo lado Auftral o rio Tejo: *Hujus regionis latus auftrale Tagus cingit*, em que a muitos Efcritores pareceo haver contradiçaõ, a naõ havia; porque Eftrabaõ, como efcreveo de Hefpanha (o que depois obfervaraõ Plinio, e Pomponio Mella) pelo que tinha fido, pelo que era, e pelo que naõ acabava de deixar de fer quanto às fuas divifoens, para declarar tudo, fallou aqui da Lufitania, *qua Lufitania*, e dos primitivos Lufitanos, *qua Lufitanos*, de que pelo tempo adiante fe foraõ deduzindo, multiplicando, e extendendo todos os mais Lufitanos, que com os diverfos nomes jà referidos occuparaõ toda a Provin-

Strabo Geograph. lib. 3. pag. mihi 144.

Provincia Ulterior atè a diviſaõ de Auguſto.

51 Niſto quiz Eſtrabaõ ſingularmente pôr mayor antiguidade manifeſtar, que a regiaõ dos Luſitanos, *qua Luſitanos* a cingia pelo lado Auſtral o rio Tejo, inſinuando-o do primitivo principio, e primeiro tempo, em que depois da vinda de Tubal a Heſpanha, ou na occaſiaõ della, fundou Elyſa neto de Noè a famoſa Cidade de Lisboa; porque a Elyſa, e naõ a Luzo, filho, ou companheiro de Bacho, nem a Ulyſſes, ſe deve verdadeiramente attribuir a primaria fundaçaõ daquelle celebre emporio do Mundo, e a origem dos Luſitanos, *qua Luſitanos*; pois tudo o mais, que de outros fundadores ſe eſcreve, ſe ha de entender que foy ſó reedificaçaõ, e augmento, de que temos bons exemplos, e muitos bem poſteriores.

52 Tratáraõ pois Eſtrabaõ, Plinio, e Pomponio Mella, bem entendidos, de Heſpanha quanto às ſuas diviſoens pelo que tinha ſido, dividida em duas Provincias: pelo que era em tempo de Auguſto (no qual, e depois eſcreveraõ) dividida em tres: e pelo que naõ acabava de deixar de ſer quanto à Luſitania; porque naõ obſtante a politica diviſaõ, em que Auguſto a limitou no rio Douro, ainda depois por muitos annos, ſe ficaraõ reputando da meſma Luſitania varias povoaçoens, e Cidades, que della tinhaõ ſido nas Provincias de Entre-Douro, e Minho, e Galiza; e por eſta razaõ ſe acha no Martyrologio Romano, e outros eſcritos, mencionada Braga repetidas vezes, como Cidade da Luſitania; e pela meſma he, e foy ſempre Matozinhos

tozinhos

tozinhos, hum dos antigos lugares della; o que naõ especificamos aqui com evidentissimas provas, por naõ fazermos a digressaõ muy larga.

53 Mas jà se manifesta, que chegando, como chegava a antiga Lusitania, pelo Septemtriaõ, ao màr Cantabrico, e fontes do rio Ebro, e tendo os Cantabros, Asturianos, e mais povos occidentaes desta parte, entre outros ritos, e costumes, a Cruz por brazaõ, e por armas, que dentro dos limites da mesma Lusitania teve origem a veneraçaõ della, e ainda ao mesmo tempo, que nas outras Provincias do Mundo era a Cruz affrontoso patibulo, a veneravaõ os Occidentaes Hespanhoes, como portentoso sinal de seus esclarecidos triunfos.

54 Por todo o referido, e por varias razoens de conjectura verosimel, porque jà deduzimos antiquissimos principios à Cidade do Porto com o seu primitivo nome de *Cale*, attribuindo-os aos tempos de Tubal, e Noè: reparando a respeito deste em affirmar Josepho, que vivera 950. annos, 350. delles depois do diluvio, que huma das razoens, porque Deos permittira taõ larga vida aos primeiros Patriarchas, fora para poderem conseguir a certeza das Artes inventadas, como a Astronomia, e Geometria, das quaes naõ podia haver sciencia completa em menos de 600. annos, espaço, de que diz o mesmo Josepho, chamarse anno Grande.

55 Disto inferimos a primeira vinda de Noè a Hespanha, naõ só a conduzir a Tubal, e suas familias para a renovaçaõ della aos 100. ou 130. annos do diluvio; mas tambem com elle

elle Japhet, e ſeus filhos, e outros Principes, e Cabeças de familias, antes de paſſarem às Provincias, que lhes eſtavaõ deſtinadas, a verem, e experimentarem no Occaſo o Sol, e os movimentos celeſtes, de que jà eſtavaõ no Oriente com grande obſervaçaõ inſtruidos, e poderem conſeguir deſte modo ſciencia completa daquellas Artes, que reconheciaõ preciſas, viſto que tambem para iſſo lhes permittia Deos as vidas taõ largas.

56 E como neſte Occidente tinha tambem Noé para obſervar a Heſperia Veſpertina, em que desde a creaçaõ do Mundo eſtava Heſpanha ſymboliſada, e na Cruz da ſua inſignia, como penacho della, a noſſa Luſitania, regiaõ Occidental, de que por virtude da prophetica bençaõ, lançada a ſeu filho Japhet, haviaõ de hir os Portuguezes ſeus deſcendentes, no tempo pela Divina Providencia deſtinado, levar aos Orientaes tabernaculos de Sem a Fé Catholica, viſto como tambem a Noé foraõ revelados os myſterios do Naſcimento, e Paixaõ de Chriſto, os quaes bem moſtra o Doutor Manoel do Valle de Moura annunciou antes do diluvio aos mortaes, que pereceraõ nelle, bem de tudo ſe infere a primeira vinda deſte Santo Patriarcha a Heſpanha, e naõ menos o motivo da ſegunda.

Geneſ. 9. 27.

Dout. Moura de Incantat. Opuſcul. 1. ſect. 3. Cap. 4. a n. 14. à pag. 493.

CAPI-

CAPITULO VIII.

Prosegue-se a mesma materia.

57 A Respeito de conjecturar a segunda vinda de Noé, e com sua mulher Vesta a Hespanha, com reflexaõ advertimos dizer o Padre Joaõ Bussieres da Companhia de JESUS, resumindo no fim da vida deste Santo Patriarcha os seus trabalhos, que elle, para que ninguem desejasse muito os Imperios, morrera, como particular, privado delles: *Sed nequis imperia nimium arderet, privatus obiit Noé Sanctissimus.* E como do sagrado Texto, e tambem de Josepho só consta, que elle morrera, sem declararem onde, e naõ haja fundamento certo, para dizer com Cedreno, e menos com Beroso, que aponta o Padre Fr. Joaõ de Pineda, que elle fallecera em Italia, e fora sepultado em Armenia, fica lugar ao discurso de ponderar neste ponto o mais verosimel.

P. Bussieres Floscul. Hist. Areola. 2. in fine pag. 11. & 12.

Genesis. 9. 29.

Josephus de antiquit. lib. 1. Cap. 3.

58 Porque supposto entre os muitos nomes, que a Noé attribuiraõ com notavel confusaõ os Antigos, fosse hum o de Jano, e deste digaõ commummente os Mythologicos, Poetas, e varios Escritores, que reinàra em Italia, delles mesmos se colhe haver entre Jano, e Noé huma grandissima differença; pois dizem, que admittira Jano em sociedade no governo daquelle Reino a Saturno, por este lhe ensinar, e a seus Vassallos, semear, e cultivar as terras, e as

vinhas

vinhas; donde se manifesta bem naõ ser este Jano, o Patriarca Noé, que foy o primeiro, que depois do diluvio, de tudo deu documentos, como he bem notorio.

59 Mayormente, porque o referido Padre Bussieres tratando do Patriarca Noé, poem a sua morte no anno 2606. da creaçaõ do Mundo, e mencionando o reinado do Jano com Saturno em Italia, lha assina entre os annos de 2700. e 2741. do mesmo Mundo, com mediaçaõ de mais de hum seculo. E assim por huma, e outra razaõ manifesto, naõ haver sido este Santo Patriarca o Jano; que na Italia reinou com Saturno, e que nesta parte houve confusaõ grande entre os Escritores; e naõ haver tambem, pelos menos fundamentos certeza, de que Noé fallecera em Italia, e se sepultàra em Armenia.

P. Bussieres loco supra cit. & Areola 4. pag. 25. & 26.

60 Mas ainda dado que Noé houvesse de antes reinado particularmente em Italia (sendo que naõ consta tivesse especial Imperio, mais que o universal do mundo, em quanto o soberbo Nembròt se naõ arrogou o particular, a que deu principio em Babylonia) como o largasse, querendo acabar em descanço, parece naõ havia para isso Provincia mais retirada, e mais propria, que a nossa Lusitania, que he verosimel escolheria por todas razoens jà ponderadas, e acompanhando-o precisamente sua mulher Vesta, instituir ella em Lisboa, pelos mesmos motivos, a Religiaõ de Virgens, que em memoria do seu nome se chamàraõ Vestaes, de que saõ claros vestigios, os que doutamente refere Luiz Marinho de Azevedo, e naõ em Italia, como

Marinho de Azevedo. Fundac. e Antig. de Lisboa lib. 2. à C. 1.

como por authoridades de Pineda, e Matute fundadas em Berozo, ponderou o Doutor Antonio de Sousa de Macedo.

Macedo Eva e Ave 2. part. Cap. 2. n. 7.

61 Concluindo-se, por tudo, que dentro dos limites da antiga Lusitania foy por permissaõ Divina o Real escudo de Portugal na insignia de Vesta ideado em attençaõ à Cruz, com que na creaçaõ do Mundo se adornou a Vespertina Hesperia, e tiveraõ sempre estas Regioens Occidentaes por Brazaõ, e por Armas: Labaro singularmente pelo Ceo confirmado no apparecimento da sagrada Imagem de Christo em Matozinhos, e depois no campo de Ourique restabelecido, para desempenho das gloriosas emprezas a Portugal destinadas, tanto antes, como depois do Universal Cataclysmo.

CAPITULO IX.

Trata-se do apparecimento do braço da Veneravel Imagem do Senhor de Bouças; com averiguaçaõ do dia, mez, e anno, em que foy descuberto.

62 VIsto jà com a probabilidade possivel, e por taõ admiraveis circunstancias bem fundada, que em tres de Mayo do anno 124. do Nascimento de Christo apportou em Matozinhos a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças, e das mesmas tradiçoens conste,

te ; que muitos annos eſtivera com a falta de hum braço, ſem poderſe averiguar atègora quantos foraõ, e do numero 50. que tambem havia gravado no Padraõ da praya referido, temos conjecturado, que tantos foraõ os annos, em que a veneraçaõ Catholica deſenganada de que naõ admittia outro effigiado ſupplemento, o ſentia, em quanto naõ teve a celeſtial conſolaçaõ, de que, com igual prodigio, appareceſſe o proprio no meſmo ſitio, reſta ponderarmos o anno, o mez, e o dia deſte memoravel ſucceſſo.

63 Quanto ao anno, ſendo elle aos cincoenta do apparecimento da ſoberana Imagem, como eſte havia ſido em tres de Mayo do de 124. do Naſcimento de Chriſto, ficou ſendo o da milagroſa invençaõ do braço o de 174. do meſmo naſcimento: e pelo que reſpeita ao mez, e ao dia deſte ſegundo portento, viſto que do primeiro ſe comprova a tradiçaõ, de que fora em tres de Mayo do anno 124. pela ſolenne prociſſaõ, que em tal dia coſtuma fazer-ſe ao maritimo ſitio, em que ſuccedera; da meſma ſorte por coſtumar ſolemniſar-ſe a feſta mais plauſivel deſte Senhor na ſegunda Oitava do Eſpirito Santo, ſe colhe, que no dia, em que no anno de 174. cahio eſta Oitava, que pelo calculo mais ajuſtado foy em terça feira 25. de Mayo daquelle anno, por nelle ter ſido a Dominga de Pentecoſte a 23. do meſmo mez, que neſſe dia de ſegunda Oitava eſte braço apparecera.

64 E como por taõ raro prodigio, ficou integralmente completo eſte Divino Artefacto, foy tal o prazer, e o jubilo dos Catholicos, que per-

poriſſo o ficàraõ ſolemniſando com propria feſta no dia de ſegunda Oitava do Eſpirito Santo, e ſempre nella, poſto que mudavel, pelo ſer tambem na Igreja a celebridade do Pentecoſte, de que he acceſſorio, e cahio em 23. de Mayo naquelle anno. Circunſtancia he digna de attençaõ, e advertencia, que tanto hum, como o outro apparecimento ſuccederaõ ambos em terça feira, porque tal foy o dia do primeiro, em tres de Mayo do anno de 124. em que, por ſer Biſſexto, corria Dominical affixa áquelle mez a letra B.

65 Da meſma ſorte o dia do ſegundo apparecimento foy tambem em terça feira ſegunda Oitava do Eſpirito Santo, que no anno de 174. ſegundo depois de Biſſexto, em que foy Dominical a letra C. cahio em 25. de Mayo. Naõ he de menos conſideraçaõ a circunſtancia de haver ſido tambem terça feira o dia de tres de Mayo do anno de 326. em que Santa Helena deſcubrio em Jeruſalem a Cruz ſagrada, por ſer nelle Dominical a letra B. razaõ porque jà notamos, que o apparecimento do Senhor de Bouças na Luſitania fora feliz preſagio, e antecipado annuncio, daquelle apparecimento na Paleſtina, ſendo aſſim admiravelmente correſpondentes neſtas diarias circunſtancias, de Matozinhos as prerogativas.

66 Prodigioſo tem ſido para eſte lugar o mez de Mayo, e mais plauſivel dos antigos, tanto por nelle ſe terem admirado, e viſto os referidos portentos, quanto pelo novamente alli ſuccedido tambem em Mayo do anno de 1726.

em que andando huma afflicta mulher fazendo novena ao Senhor no Padraõ do ſitio, em que havia apparecido, para alcançar remedio divino, pelo naõ ter achado humano, a huma enfermidade, que padecia no roſto, lhe occorreo ao penſamento hum dia deſejar, e pedir agoa, com que lavaſſe aquella mancha; e lavrando por maõ propria, e com Fé viva ao pé do Padraõ huma pequena cova, de repente lhe brotou della o liquido criſtal, que applicou á queixa; e repetindo nos ſeguintes dous dias a meſma diligencia, conſeguio, naõ ſó a melhoria, que deſejava; mas o ſer perenne aquella fonte, que o ficou ſendo atégora de correntes claros prodigios em milagroſos effeitos.

67 Neſte prodigio he de notar com aſſombro, que manou, e mana eſta fonte admiravel por cinco partes, diſpóſtas em fórma de huma Cruz perfeita, para que o Mundo reconheça, que da ſoberana Imagem de Chriſto alli apparecida, lhe procede a virtude, em tanta copia, que por mais agoa que continuamente ſe lhe tire, eſtá ſempre na meſma enchente com abundancia de graças, quaes experimentaõ, naõ ſó a immenſidade de Romeiros, que todos os dias a ella concorre; mas quantos enfermos de varias, e diſtantes partes mandaõ procuralla. E teve tambem eſta milagroſa fonte a circunſtancia, de que principiando o devoto impulſo, e ardente ſupplica da mulher neceſſitada em Domingo 19. de Mayo do dito anno, tiveraõ ſeu pleno effeito na terça feira 21. do meſmo; e por tudo ficou ſendo o dia de terça feira para Matozinhos ſempre notavel.

 68 A di-

68 A diligencias de duas mulheres permittio Deos oſtentar em Matozinhos dous ſingulares prodigios, hum o da invençaõ do ſoberano Braço, quando já ſe ſuppunha, e por experiencia conſtava, naõ haver humano rêmedio a ſupprir da ſua falta o defeito; outro romper aquella fonte nunca viſta, nem eſperada, nas miudas areas de hum eſprayado terreno. A primeira buſcando nos deſperdicios do mar arrojados com que deſſe calor a remir ſeus deſabrigos, achou bem caſualmente o portentoſo braço, que ſuppondo ſem reflexaõ deſpedaçado lenho, o lançou entre outros repetidas vezes no fogo, donde em todas ſaltando fóra, e accudindo aos clamores do ſeu aſſombro os viſinhos, ſe acriſolou o deſengano, e purificou o conhecimento, de que era o penhor deſejado.

69 A ſegunda deſejando, e pedindo a Deos agoa na meſma parte (como no deſerto a pedio Moyſés) com que déſſe cura à ſua queixa, a deſcubrio taõ ſalutifera, que como em fonte de agoa viva, conſeguio o que pertendia. Prodigio ſe faz à ponderaçaõ notavel, que pelos elementos do Fogo, e Agoa, que ſaõ ſempre os mais activos, manifeſtaſſe Deos naquella praya dous piedoſos portentos, mais benigna, e ſuavemente, do que foy o da agoa no diluvio, e ſerá o do fogo no juizo.

CAPITULO X.

Proſegue-ſe a materia do aſſumpto, com outras antiguidades dignas de advertencia.

70 MAnifeſto a luzes do deſengano o Divino Braço, affirma a antiga tradiçaõ perpetuamente conſtante, que fora em ſolenne prociſſaõ conduzido ao ſagrado Templo, em que, cincoenta annos havia, eſtava a ſoberana Imagem em Religioſo depoſito, e que milagroſamente ſe lhe unira em fórma, que nem parecia haver-lhe faltado, nem ficara indicio algum (fóra da tradiçaõ) de qual era, o de que a ſagrada Imagem havia apparecido diminuta. Prodigio taõ raro; que poriſſo, e pela precedente circunſtancia, de naõ haver admittido outro artificial ſupplemento, àlem de algumas clarezas adjacentes, que eſcureceo a mobilidade dos ſeculos, ſe corrobora bem a tradiçaõ, nas principaes circunſtancias invariavel, de haver ſido Nicodemus o ſeu piedoſo Artifice.

71 Eſcritor houve, e de boa nota, qual o noſſo Manoel de Faria, e Souza, que affirmou, que tambem o primeiro apparecimento deſte Senhor naquella praya fora viſto, e annunciado por huma mulher, que, qual outra Magdalena na Reſurreiçaõ de Chriſto aos Diſcipulos, o noticiára em Matozinhos aos Catholicos; e aſſim

Faria.Noches claras. 1. p. *Noc.* 2. *Pal.* 3. pag. 119.

ſeria, para que ſuccedeſſe tudo com admiravel proporçaõ da figura ao figurado.

72 Nem pareça incoherente à chronologia dos tempos da primitiva Igreja o dizer-ſe, que tanto o Senhor de Bouças, como o ſeu Braço foraõ levados em prociſſaõ ao Templo; porque o uſo das prociſſoens, e dos templos, principiou logo com a meſma Igreja por inſtituiçaõ Apoſtolica, como entre outros bem moſtraõ Lourenço Beyerlinch, e o Padre Fr. Jeronymo Roman; ainda que entaõ naõ foſſem com a magnifica pompa, que depois tudo foy tendo pela paz univerſal da Igreja, em que a conſtituio Conſtantino Magno.

Beyerlinch. Teatr. vit. hum. tom. 6. *tit. Proceſſio.* pag. *mihi* 630. & tom. 7. *tit. Templũ a* pag. *mihi* 35. *à Not. G. Roman Rep. del Mundo* tom. 1. *Rep. Chriſt. lib.* 4. *Cap.* 1.

73 E notou bem Beyerlinch, por authoridade de Euſebio, que tanto antes diſſo tinhaõ Igrejas por toda a parte os Catholicos, que aſſim ſe manifeſtava dos editos dos Emperadores, em pertenderem demolillas, eſpecialmente Diocleciano, e ainda mais no que aponta de Alexandre Sevèro, que na meſma Roma permittio havellas, e teve vontade de nella erigir a Chriſto hum templo, como delle affirmaõ Lampridio, e Alexandre Ab Alexandro; advertindo Lampridio, que tambem de Hadriano ſe dizia o meſmo, e que para iſſo ordenára, que em todas as Cidades ſe edificaſſem templos ſem Imagens algumas, inſinuando que a Chriſto os queria dedicar todos, o que naõ teve effeito por infames razoens de eſtado advertidas dos conſulentes, para que com taõ geral permiſſaõ ſe naõ fizeſſem os póvos todos Catholicos.

Lampridius in Alexand. Sever. Alexander ab Alex. lib. 6. *Genial. C.* 14.

74 Naõ deixou porém o Emperador Alexandre

xandre Severo de particularmente venerar a Christo em seu Oratorio, como delle escrevem Lampridio, e Alexandre ab Alexandro, manifestando-se assim, que se as Igrejas no Centilico Romano Imperio naõ eraõ totalmente permittidas, foraõ sempre bastantemente dissimuladas, e feitos com mais particularidade, e menos pompa os cultos dellas; sendo que com boa, e luzida decencia, como por authoridade de Santo Agostinho refere Baronio. Aqui advertimos que desta materia de Religiaõ tratamos sómente em commum as noticias, que saõ precisas ao presente assumpto, porque a individuaçaõ da antiga Disciplina Ecclesiastica da Lusitania he proprio emprego do doutissimo Academico Real D. Francisco de Almeida, a cujo esclarecido talento sogeitamos, quanto neste particular escrevemos.

*Baronius Annal.Ecc.*tom. 1. *annoChristi* 58. pag. *mihi* 623. *n.* 59.

CAPITULO XI.

Continua a mesma materia.

75 ENtre os apontados Escritores deste assumpto, seguindo a Mariz, diz o Reverendissimo Doutor Antonio Coelho de Freitas, depois de referir a invençaõ da Soberana Imagem do Senhor de Bouças, que collocada ella na Igreja pelos Catholicos, desenganados estes, de que naõ admittia diverso supplemento ao braço, que lhe faltava, lhe instituiraõ Confraria, fizeraõ festas, e determinàraõ solemne procissaõ em o dia de sua invençaõ milagrosa

Coelho de Freitas Trat. do Senhor de Matozinhos cap. 4. pag. 16. *e* 17.

lagrosa, que se celebra todos os annos, em tres de Mayo, ao lugar onde o mar o lançou, em que levantárao padraõ em memoria daquella felicidade.

76 Naõ parece haver na Chronologia dos tempos repugnancia formal, em que logo aquelle padraõ se erigisse, e depois por algumas vezes se reformasse; nem em que a procissaõ ao lugar do apparecimento, no dia delle, se instituisse; porque já de muito antes temos visto o quanto a sagrada Cruz era venerada, e conhecida na Lusitania, e muito mais desde os primitivos principios da Igreja Catholica, em que tambem as procissoens com Religioso culto se proseguiaõ.

77 Mas parece havella, em que logo entaõ se lhe instituisse a Confraria mencionada; porque supposto dos antigos moradores de Matozinhos possa entender-se, entre os mais, este culto, por haver sido o primeiro lugar das Hespanhas, que universalmente recebeo a Fé Catholica; com tudo, como naõ consta que naquelles principios se praticasse o haver Confrarias, parece posterior a instituiçaõ desta, mayormente naõ havendo mençaõ dellas nas antigas Historias Ecclesiasticas.

78 Pareceo-nos precisa esta advertencia, para que os leitores menos versados daquelles doutos dous Escritores entendaõ, que elles fallàraõ neste sentido, querendo insinuar que a instituiçaõ da Confraria do Senhor de Bouças era das mais antigas da Lusitania, e modello talvez de todas, as que a seu exemplo se instituissem em Hespanha; porque das de leigos na

Italia

Italia affirma Carlos Sigonio tiveraõ principio no anno de 1233. chamado poriſſo anno de geral devoçaõ.

Sigonius de Regno Italiæ l.17. pag. mihi 45.

79 E ſuppoſto que o Padre Joaõ Gabriel Biſciola da Companhia de Jeſus no Epitome dos Annaes de Baronio diga, tratando da perſeguiçaõ, que contra os Catholicos continuara Trajano nos principios do ſeu Imperio; tempo em que affirma era florentiſſimo o eſtado da Igreja, e os templos dos Idolos ſe viaõ quaſi extintos, que ſe prohibiraõ os Collegios, que explica pelas palavras Latinas: *Collegia, ſeu ſodalitia*; naõ ſe deve entender da dicçaõ *ſodalitia*, que eraõ Confrarias, da ſorte que ſe uſaõ agora; mas ſim as particulares juntas dos Fieis, que entaõ ſe praticavaõ, e ſe ſuſtentavaõ em commum, o que propriamente ſignificava a palavra *Sodalis*.

P. Biſciola Ep. Annal. Baronii anno Chriſti 100. pag. mihi 71.

80 Por eſta razaõ o meſmo Padre Biſciola continuando a tratar daquella fatal perſeguiçaõ, nomea por eſte termo cabeça do Chriſtianiſmo ao Pontifice Saõ Clemente I. que entaõ foy de Roma deſterrado: *Princeps Chriſtiani ſodalitii*; e neſta occaſiaõ padeceraõ nella, e nas Provincias do Romano imperio muitos Martyres; creſcia porém com tudo em progreſſos a Igreja Catholica, como a palma, que quando opprimida, mais exaltada.

81 Nem pareça poder-ſe attribuir a impericia dos Eſcultores daquelle tempo, o naõ fabricarem braço, que acertaſſe a ſupprir a falta, do de que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças appareceo diminuta, porque como entaõ florecia em Heſpanha toda a policia de Roma,

he certo, que em todas as faculdades houve nas noſſas Provincias homens inſignes, e muitos com eſplendor, e aſſombro da meſma Roma, como pelas Hiſtorias he bem manifeſto.

82 Sendo de advertir aos que naõ cultivaõ muito a liçaõ hiſtorica, que toda a barbaridade, e toſca groſſeria, que depois ſe introduzio, tanto na lingua Latina, e ſeus caracteres, como nas eſculturas, e outras artes, que entendem antiquiſſimas, procedeo poſteriormente do dominio dos Godos, continuado no dos Arabes, em que ſe acabou de preverter tudo; e aſſim foy prodigio eſpecial da Providencia Divina naõ permittir ſe acertaſſe em ſupprir aquelle defeito, em quanto naõ chegava o tempo pela meſma Providencia diſpoſto, a que o proprio braço vieſſe a ſer o mais abonado teſtemunho de haver ſido Nicódemus o inſigne Eſcultor deſte ſoberano portento.

CAPITULO XII.

Satisfaçaõ a algumas duvidas com averiguaçaõ do antigo uſo das Imagens de Chriſto Crucificado.

Eſpinola Eſcol. Decur. 3. part. *Decur.* 6. *lic.* 9. *n.* 276.
P. Fernandes Alma inſtr. tom. 1. *cap.* 3.

83 AO principal, e ao mais do referido poderá mover alguma duvida o dizerem abſolutamente o Padre Doutor Fr. Fadrique Eſpinola na ſua Eſcola Decurial, e o Padre Manoel Fernandes da Companhia de Jeſus

Jeſus na ſua Alma inſtruida, que principiara a pintarſe, e a eſculpirſe a Chriſto na Cruz em publico do tempo de Conſtantino Magno, porque de antes ſe pintava, ou eſculpia hum Cordeiro, ou outra figura, das que ſignificavaõ a Chriſto, até o 6. Concilio Conſtantinopolitano, em que pelos annos do Senhor de 880. ſe decretara, que em lugar do Cordeiro ſe pintaſſe, ou eſculpiſſe a Cruz, e Imagem de Chriſto Redemptor, e Senhor noſſo, fundando-ſe ambos na unica authoridade de Lyrano, que apontaõ.

84 E como diſto poderá reſultar algum apparente argumento de que mal podia no anno de 124. apparecer em Matozinhos a Veneravel Imagem de que tratamos, ſe ſó deſde o anno de 880. e por determinaçaõ de hum Concilio, principiaraõ a praticar-ſe as Imagens de Chriſto em fórma humana Crucificado! Naõ dariaõ porém taõ doutos Eſcritores occaſiaõ a eſta duvida ſe ainda com mediana reflexaõ advertiſſem, que do 6. Concilio Univerſal da Igreja, celebrado em Conſtantinopla pelos annos de 681. e naõ pelos de 880. foy muy differente o motivo.

85 Mas para desfazermos neſte ponto toda a duvida, ſe nos faz preciſo recorrer aos Concilios, que trataraõ delle. No 3. de Conſtantinopla, que foy o 6. univerſal da Igreia, celebrado pelos annos de 681. e no Pontificado de Santo Agahon, conforme Severino Binio, Lourenço Beyerlinch, e Guilherme Burio, ſenaõ tratou couſa alguma pertencente às Imagens ſagradas, por ſer congregado ſómente contra os Herejes Monothelitas, que em Chriſto naõ admittiaõ mais

Binius in Cōcil Conſtant. 3. & 6. *univ. Beyerl. Teat. Vit. hum.* tom. 2. *tit. Concil.* pag. *mihi* 334. *Not. B. Burius Not. Rom. Pontif. in Elencho ſect.* 3. pag. 337.

mais que huma operaçaõ, e huma vontade.

86 E ſuppoſto que Bartholomeo Carranza, naõ obſtante reconhecer algumas difficuldades, depois de tratar daquelle 6. Concilio geral, ſe reſolveo ajuntar-lhe 102. Canones, que traz copiados, fundando-ſe em parte em achar alguns delles mencionados no Decreto de Graciano, dos quaes o Canon 82. e a Gloſa ao dito Decreto, e tambem Pierio Valeriano na traducçaõ Latina do meſmo Canon, ainda que pareça inſinuàrem, que de antes ſenaõ eſculpia, ou pintava a Imagem de Chriſto Crucificado; naõ pode poriſſo ſubſiſtir bom argumento contra o noſſo aſſumpto.

Carranza ſum. Concil. da impreſſ. de Salam. do anno de 1549. *à* p. *mihi* 376.*&* 396.*&*415. *Decretum de Conſecrat. Diſt.* 3. cap. *Sextam. Pierius Valer. in Hyeroglif.* lib. 10. Cap. 21. *fol. mihi* 75. verſ.

87 A razaõ he, porque Severino Binio no meſmo Concilio, depois de tratar largamente o que delle foy verdadeiro, e pela Igreja recebido, moſtra com toda a evidencia, que os ditos 102. Canones, como formados muito depois no meſmo Palacio de Trullo em Conſtantinopla, ſaõ apocrifos; e naõ do Concilio 6. recebido; mas de outro diverſo reprovado, e por iſſo chamado, para differença do legitimo: *Quiniſexto Conſtantinopolitano.* O que tambem, com bom numero de authoridades, contra o Decreto de Graciano, confirmaõ Lourenço Beyerlinch, e o Doutor Agoſtinho Barboſa.

Binius in Notis ad Concili. 6. Ecum. receptum, & in Notis ad reprobatum.

Beyerlinch. loco citat. Barboſa in Coll. ad 1. part. *Decreti Diſtinct.* 16. *à* pag. 74.

CAPI-

CAPITULO XIII.

Proseguese a mesma materia.

88 OS Concilios, em que se tratou a veneraçaõ das Imagens sagradas, foraõ o 7. geral 2. Nisseno, celebrado pelos annos de 787. no Pontificado de Adriano I. e o IV. Constantinopolitano 8. geral pela Igreja recebido, celebrado pelos annos de 869. no Pontificado de Adriano II. Na oitava Acçaõ deste se estabeleceo continuarse inviolavelmente o antigo costume da Igreja Catholica na veneraçaõ das Imagens sagradas pela mesma fórma, que jà se achava decretado na septima acçaõ do 7. Concilio geral 2. Nisseno.

89 Neste Concilio, discutidos plenamente os erros dos Hereges Iconomachos, que haviaõ perturbado aquelle culto, e averiguado ser o seu principio de tradiçaõ Apostolica, insinuado, e seguido dos antigos Santos Padres, que o praticaraõ, como S. Joaõ Chrisostomo, que usava de hum quadro, em que se via representada a destruiçaõ, que fez hum Anjo no arrayal dos Assirios em tempo delRey Ezechias: o de Saõ Gregorio Nisseno, em que se achava delineada a Historia de Isaac, e o que mostrou S. Sylvestre a Constantino Magno com as Imagens de Saõ Pedro, e Saõ Paulo, por onde elle conheceo serem os mesmos, que em visaõ se lhe tinhaõ representado, àlem do mais que largamente se expende

pende nas Actas do mesmo Concilio ; se estabeleceo a continuaçaõ do referido culto.

Burius in Adriano I. pag. 120.

90 O mesmo se acha definido pelo Pontificio Decreto de Adriano I. que Guilherme Burio traz copiado, onde se vé determinar-se que da mesma sorte que a Cruz vivificante, assim se haviaõ de propagar as Santas Imagens, e de qualquer materia preparadas serem expostas nos templos, nos vestidos, nos vasos, nas paredes, nas casas particulares, e nos caminhos publicos, tudo para os fins declarados no mesmo Decreto; sem que nelle houvesse clausula alguma, de que em lugar do Cordeiro se pintasse, ou esculpisse na Cruz a Imagem de Christo Crucificado; porque já desta se usava desde os principios da Igreja Catholica.

Beyrlinch Theat. vit. hum. tom. 4. *lit. I. tit. Imago à* pag. *mihi* 44. *& à Not. A. Puente Conven. de las Monarch.* lib. 2. Cap. 33. vers. 3. *Baronius Annal. Eccles.* tom. I. *anno Christi* 57. *à* n. 91. a pag. *mihi* 149.

91 E o mais que deste Decreto, e daquelles Concilios poderia colher-se, seria que as Imagens de Christo Crucificado, as da Virgem Senhora, e as dos Santos, que talvez ordinariamente se venerassem em particular, e só nos templos se esculpissem, e se pintassem tambem com a devida congruencia nas cousas, e nos lugares publicos; sendo que tudo isto era já de piedoso, e antigo costume, como bem mostraõ Lourenço Beyerlinch, Fr. Joaõ de la Puente, Eusebio, e Baronio; e a perturbaçaõ, que nisto introduziraõ os Hereges, foy a que deu motivo aos ditos Concilios, para ser definido pela Igreja aquillo mesmo, que ella desde os seus principios já praticava.

92 He porém muito de advertir, que todas as diligencias, e determinaçoens referidas, respei-

respeitavaõ às Provincias do Oriente, aonde sómente se havia negado às sagradas Imagens o devido culto; e naõ consta que por aquelles, nem outros tempos houvesse temeridade semelhante em Hespanha no Occidente, nem disso se deve, ou póde entender o disposto no 36. Canon do Concilio Eliberitano, tanto porque foy celebrado muito antes do 1. Concilio Nisseno, por este o haver sido no anno de 325. e aquelle entre os de 300. e 303. como bem mostra o Padre Frey Paulo de S. Nicoláo, tempo, em que nem ainda no Oriente passava pela imaginaçaõ aquella demencia.

P. Nicolas Antigued. Eccl. de Hesp. sigl. 4. à pag. 266. & 270. & 274.

93 Quanto tambem porque admiravelmente mostraõ o dito douto Escritor, e Garcia de Loaisa, que no referido Canon se naõ prohibiraõ as Imagens de escultura, que os Hespanhoes veneravaõ nos templos, mas sómente as pintadas nas paredes delles, por lhes evitarem as ruinas, e irreverencias, a que entaõ estavaõ expostas, sem poderem ocultar-se nas perseguiçoens gentilicas; e naõ ha duvida que assim se manifesta dos concisos termos, e brevissimas clausulas daquelle Canon.

Loaisa Coll. Concil. Hisp. in Eliberitano pag. mihi 39. & 30.

94 Mayormente porque do mesmo Concilio Eliberitano bem ponderado se confirma mais, serem veneradas as sagradas Imagens em Hespanha de muito antes do Imperio de Constantino Magno, e de quando nella amanheceo a luz da Fé Catholica; pois o multiplicado atrevimento de se lhe negar o devido culto só foy controvertido no Oriente, e fomentado nelle por Emperadores Gregos, como notou Severino Binio,

Binius in Notis ad Concil. Quinisextum Constantinop. reprobatum.

nio, e nunca o houve no Occidente, ainda que nelle o quizesse introduzir Miguel Balbo Emperador Grego por carta escrita a Luiz Pio Emperador Latino, e Rey de França, em que pertendeo persuadirlho; mas sem effeito, como bem ponderou o Cardeal Belarmino; sendo que nem ainda isto chegou às Regioens Occidentaes de Hespanha.

Belarminus in Appendice ad librum de cultu Imaginum.

CAPITULO XIV.

Prosegue-se a mesma materia, e se confirma o antigo culto das Imagens de Christo Crucificado.

95 A Razaõ porque a Igreja Catholica desde o seu primitivo principio praticou sempre o uso, e o culto das Imagens de Christo em fórma humana Crucificado, para notavel assombro, e fervoroso reconhecimento dos Catholicos, parece se colhe toda de São Paulo, que escrevendo aos de Corintho, lhes diz de si, e dos mais Apostolos, que prégavaõ a Christo Crucificado, ainda que isto para os Judeos fosse escandalo, e aos Gentios parecesse loucura: *Nos autem prædicamus Christum Crucifixum: Judæis quidem scandalum; Gentibus autem stultitiam.*

D. Paulus Epist. 1. ad Corint. Cap. 1. *n.* 23. *&* Cap. 2. *n.* 1. *&.* 2.

96 E para lhes expressar mais esta verdade, depois de lhes insinuar, que Deos escolhera as cousas reputadas no Mundo por estultas, para confundir aos sabios do mesmo Mundo, lhes afirma

firma naõ fora a elles a annunciarlhe a Christo em Sermaõ eloquente; mas sómente a Christo, e esse Crucificado: *Ecce ego cum venissem ad vos fratres, veni, non in sublimitate Sermonis, aut sapientiæ, annuntians vobis testimonium Christi. Non enim judicavi me scire aliquid inter vos, nisi Jesum Christum, & hunc Crucifixum.*

97 Deste principio admiravel com a graça Divina procedeo sem duvida a valerosa constancia, com que em todos os seculos da Igreja alcançàraõ glorioso triunfo tantos esquadroens de Santos Martyres, quantos nella veneramos; muitos dos quaes aponta Lourenço Beyerlinch, que à imitaçaõ do Redemptor do Mundo, o conseguiraõ Crucificados; celebrando com alegres jubilos em publicas paleſtras os seus martyrios, por terem a fortuna de os conseguirem, do modo possivel, proporcionados àquelle exemplar soberano.

Beyerlinch. Theat. vit. hum. tom.2. *lit. C. tit. Crux, Crucifixi* pag. *mihi* 607. *à Not. E.*

98 Digno parece de notar, em confirmaçaõ deste assumpto, que muito antes dos tempos dos referidos Concilios, em que se estabeleceo continuarse o antigo culto, e a veneraçaõ reverente das Imagens sagradas, naõ só ostentou Deos grandes prodigios por meyo das de Christo Crucificado; mas foraõ estas por singulares assombros, e admiraveis portentos, com profundo acatamento reverenciadas sempre em varias occasioens, e em tempos diversos.

99 No do imperio de Trajano, e principio do segundo Seculo, computado pelo nascimento de Christo, succedeo a Conversaõ admiravel de Santo Eustachio, de antes Placido, Capitaõ Romano,

mano, que andando à caça lhe appareceo entre a armaçaõ da féra, que perseguia, a veneravel Imagem de Christo Crucificado, que foy o celestial motivo de se fazer Catholico, e conseguir, já no Imperio de Adriano, o glorioso triunfo, que referem os Martyrologios Romano, e de Usuardo, Pedro de Natalibus Bispo Equilino, Simaõ Mayolo, o Padre Pedro de Ribadeneira, e Lourenço Beyerlinch.

Martyrolog. Rom. & Usuardi apud Molanum. die 20. Septembri. Equilinus Catal. Sanct. lib.4. C.22. Mayolus Dieb. Canic. col. 21.pag.mihi 895. Ribadaneira. Flos Sanct. 1. part. mez de Septembro p. mihi 652. Beyerlinch. Theat. vit. hum. tom. 3. lit. F. tit. Fides. à Not. E. & lit. E. tit. Episcopus p. mihi 238. à Not. B.

100 Outro caso refere o mesmo Beyerlinch de Santo Huberto, filho de Bertrando Duque de Aquitania, que sendo ainda Gentio, e retirado da tyrannia de Ebronio na Provincia de Austrasia, andando na Diocesi Tungrense della em Sesta feira da Paixaõ à caça, lhe succedeo semelhante prodigio, com taõ admiravel portento, que sendo por celestial annuncio encaminhado ao Bispo Lamberto, e porelle catechisado, recebido o sagrado Bautismo, se portou pela conversaõ taõ perfeito, que depois no anno de 698. lhe succedeo no Bispado.

CAPITULO XV.

Prosegue-se com mais individuaçaõ a materia do precedente.

101 MAs porque os dous casos referidos só mostraõ particulares prodigios da Divina Providencia por Imagens de Christo na Cruz em visoens representadas, reccorramos à demonstraçaõ de outras humanamente

te eſculpidas; e ſeja a primeira a da Imagem do meſmo Senhor Crucificado, venerada na Cidade de Berito na Syria, huma das attribuîdas ao artificio de Nicodemus, que àlem de conſtar haver ſido transportada de Jeruſalem para aquella Provincia da Aſia nos tempos de Tito, e Veſpaſiano, ſe fez em todo o Mundo conhecida pelo ſuceſſo admiravel, de que achando-a caſualmente os Hebreos cultores da Synagoga, e repreſentando contumazes nella todas as affrontas, que ſabiaõ haverem ſeus predeceſſores executado no Redemptor do Mundo até a ultima lançada no Calvario, brotou do effigiado peito, com aſſombro dos perfidos executores, ſangue, e agua em grande copia, com que fazendo, para mais dezengano, aſperſões em ſeus enfermos, e vendo-os remediados, ficou tambem a olhos viſtos curada a ſua cegueira, na fórma que entre muitos refere o ſobredito Beyerlinch, e apontaõ os Martyrologios Romano, e de Uzuardo nas Addições de Molano.

Beyerlinch. Theatr. vit. hum. lit. I. tit. Imago. pag. mihi 55. à Not. C.

102 Eſte notavel portento affirma Carlos Sigonio, que ſuccedera no anno 766. da Redempçaõ humana, que ſaõ 21. antes do 7. Concilio Geral 2. Niceno, e foy hum dos caſos, que referido com laſtimoſa narração por Santo Athanaſio aos Padres delle, deraõ motivo ao eſtabelecido na ſeptima Acçaõ ſobre a adoraçaõ das Imagens Sagradas; e aſſim manifeſto que de muitos ſeculos antes, e ainda antes de Jeruſalem ſer por Tito aſſolada, havia Imagens de Chriſto em fórma humana Crucificado.

Martyrolog. Roman. & Uſuardi die 9. Novemb. Sigonius de Regno Italiæ lib. 3. pag. mihi 81.

103 No Reinado de Athanagildo Rey Go-

Garibay. Compend. Histor. de Hesp. lib. 8. Cap. 19.
Venero Enchirid. de los tiempos fol. mihi 131. verf.
Tholofanus. de Republ. lib. 12. Cap. 13. n. 29. pag. mihi 784.

do em Efpanha pelos annos do Senhor de 555. affirmaõ Eftevaõ de Garibay, e Fr. Alonfo Venero, que hum Hebreo atrevido, em odio da noffa Santa Fè Catholica, vendo a hum devoto Crucifixo, lhe arrojara hum dardo, que dando no peito da veneravel Imagem, brotara delle verdadeiro Sangue, portento de que admirado, e convencido confeffara o aggreffor no fupplicio, a que fora condennado, que morria convertido. Prodigios femelhantes referidos por Guaguino menciona Pedro Gregorio Tholozano.

P. Fernandes Alma inftr. tom. 2. cap. 1. Repofta à Pergunta 94 pag. 13.
Sigonius. de Regno Italiæ. lib. 4. anno 804. pag. 101. & lib. 8. ann. 1048 pag. 204.
Ilhefcas. Hift. Pontif. lib. 4. Cap. 28. vida de Leaõ III. fol. mihi 188.

104 Defte Sangue, e do da veneravel Imagem de Chrifto em Berito, e de outras do mefmo Senhor em femelhantes cafos, referidos por Baronio, fente o P. Manoel Fernandes da Companhia de JESUS, fer o que por fangue de Chrifto fe venera em varias partes do Mundo. O que fe guarda na Cidade de Mantua, de que dà teftemunho Carlos Sigonio pelos annos de 804. e a que fe renovou prodigiofamente o culto pelos de 1048. affirma Ilhefcas procedera de outra Imagem de Chrifto Crucificado, a que em Antioquia fizeraõ os Judeos femelhante dezacato ao que tinhaõ feito à de Berito na Syria, e que elle mefmo o vira, e adorara.

Boethius. Hift. Scotor. lib. 9. fol. mihi 166.
Pineda. Mo-

105 De Convallo Rey de Efcocia pelos annos de 568. efcrevem Heytor Boecio, e Frey Joaõ de Pineda, que nas jornadas, que fazia, levava fempre diante huma Cruz de prata, com a veneravel Imagem de Chrifto Crucificado nella, a que com toda a fua comitiva, fazia reverente adoraçaõ quando marchava; e fendo certo que efte Principe falleceo no anno de 578. o fica tambem

bem sendo que muito antes dos Concilios, em que se estabelecceo a adoraçaõ das Imagens Sagradas, se praticava entre os Catholicos a de Christo Crucificado.

narch. Eccl. lib. 28. cap. 37. §. 3.

CAPITULO XVI.

Continua a mesma materia com individuaçaõ da antigua veneraçaõ das Sagradas Imagens em Espanha.

106 MAs sem recorrermos a outras Provincias, temos da sobredita verdade bem ponderada, evidentissimas provas na nossa Lusitania em quantas antiquissimas Imagens de Christo Crucificado foraõ descubertas, e veneradas nella, de quando principiaraõ a ser expulsos os Mouros de Espanha, que em todo o tempo de seu tyranico dominio estiveraõ occultas, quaes entre outras muitas, a do Senhor denominado d'Alem, que se venera na Sé do Porto, naõ pescado em rede, como mal informado escreveo o Licenciado Jorge Cardozo; mas de entre brenhas descuberta pelos annos de 1140. na fórma que bem relata o Padre D. Nicoláo de Santa Maria Choronista dos Conegos Regrantes.

Cardoso. Agiolog. Lusit. tom. 3. comment. a 10. de Junho lit. A. pag. 625. P. S. Maria Chronic. dos Coneg. Regr. lib. 12. cap. 18. n. 2.

107 A do Salvador venerada no Convento deste nome de Religiosas Dominicas da Cidade de Lisboa, sendo esta aos Mouros conquistada pelo inclito Rey D. Affonso Henriques, e descuberta entaõ em hum vesinho bosque, da qual

entre outros, eſcreve o Padre Fr. Luiz de Souſa; e he de notar que na meſma occaſiaõ, e no meſmo ſitio foy achada outra veneravel Imagem da Virgem Senhora noſſa com a do Menino JESUS nos braços, na meſma fórma, que a denominada da Sylva na Sè do Porto, e deſtas, e outras muitas, a que ſe faz dificultoſo deſcobrirſe a origem, adverte o Padre Antonio de Vaſconcellos haver muitas veneradas por Portugal, e Caſtella em Templos, que antecedem aos mais de todo o Mundo, o que a reſpeito da da Senhora do Pilar em C,aragoça, douta, e largamente moſtra o Illuſtriſſimo D. Manoel Caetano de Souſa digniſſimo Cenſor, que foy da Real Academia.

Souſa Hiſt. de S. Domingos 2. part. lib. 1. Cap. 2.

Vaſconcellos. Deſcript. Regn. Luſit. à pag. 532. & pag. 562 Illuſtr. Souſa Expedit. Hiſpan. S. Jacobi per totum.

108 E proſeguindo no que reſpeita a Soberanas Imagens de Chriſto Crucificado, ſe faz digna de attenta ponderaçaõ, a que prodigioſa ſe venera na Villa de Valhelhas do Biſpado da Guarda, por ſer huma das occultas no tempo da invaſaõ dos Mouros neſtas Provincias, e de que fazem mençaõ glorioſa o referido Padre Antonio de Vaſconcellos, o Licenciado Jorge Cardozo, o Padre Fr. Fernando da Soledade, e outros Eſcritores. O meſmo parece podemos com reflexaõ entender de outras muitas Imagens Sagradas, que na repreſentaçaõ moſtraõ antiguidade exceſſiva, pelas quaes, em varios tempos, oſtentou Deos grandes, e admiraveis prodigios em diverſas partes da feliciſſima Luſitania.

Vaſconcellos loco citato pag. 561. Cardozo Agiol. Luſit. tom. 3. a 8. de Junho pag. 583. Soledade. Hiſt. Serafic. 4. part. lib. 5 Cap. 2. pag. 596. à n. 1028. & n. 1032.

109 Deſtas mencionaremos ſómente algumas, que por admiraveis circunſtancias podem ſervir a todo o Mundo de aſſombro, qual a que em Santarem, de largos ſeculos, ainda conſerva

deſprega-

despregados da Cruz os braços, em prodigioso abono de hum fiel testemunho, pelo caso que referem Pedro de Mariz, Fr. Leaõ de Santo Thomaz, e Fr. Miguel Pacheco. No antigo Mosteiro de S. Joaõ das Donas em Coimbra, com reverentes cultos se venera outra Sagrada Imagem de Christo Crucificado, de que o Choronista Regrante affirma, que fallara a huma Religiosa. Da do mesmo Senhor, que no Convento de S. Francisco de Alanquer praticava familiarmente com o Santo Fr. Zacharias, fazem piedosa memoria o P. Fr. Manoel da Esperança, e Jorge Cardozo. De outras muitas de Christo, e da Virgem Senhora trataõ copiosamente as nossas Historias com evidentes vestigios de serem veneradas em Espanha, dos principios da Igreja Catholica.

Maris Hist. do S. Milagre de Santarem Cap. 8. Fr. Leaõ Benedict. Lusit. tom. 2. trat. 2. part. 5. Cap. 9. pag. 367. Pacheco Vida de la Infanta D. Maria lib. 2. Cap. 6. fol. 104. & vers.

110 E sendo certo, que a invasaõ dos Mouros em Espanha foy pelos annos 714. do nascimento de Christo, e já entaõ eraõ antigas, e por milagrosas nella veneradas todas as Sagradas Imagens, que em taõ funesta occasiaõ embrenharaõ os Catholicos, o fica tambem sendo, que naõ só antes dos Concilios Geraes 7. e 8. referidos, em que pelos annos de 787, e 869. se mandou continuar o Religioso culto das mesmas Imagens, as havia na Christandade, e entre ellas muitas de Christo Senhor nosso em fórma humana Crucificado; mas serem estas frequentemente praticadas na Lusitania, á imitaçaõ talvez da do Senhor de Bouças, tanto nos principios da Igreja em Matozinhos apparecida, e por tudo mais comprovada a tradiçaõ, que o certifica.

D. Nicolao de Sancta Maria Chron. dos Conegos Regrant. lib. 12 Cap. 6. n. 3. Esperança Hist. Seraf. 1. part. lib. 1. Cap. 16. n. 4. Cardozo Agiol. Lusit. tom. 3. comment. a 3. de Mayo lit. F. pag. 61.

111 Da mesma sórte se adoraraõ sempre

s veneraveis Imagens da Soberana Virgem Máy de Deos, eſpecialmente com a do Menino JESUS nos braços, de que permanecem muitas, e bem milagroſas em noſſas Provincias, que foraõ nellas occultas pela meſma invaſaõ dos Arabes, e depois da ſua expulſaõ manifeſtas, como he vulgar nas noſſas Hiſtorias, e praticando-ſe tambem todas as mais Imagens de Salvador, de Cordeiro, de Paſtor, e outras, em que Chriſto Senhor noſſo pelos paſſos de ſua vida, Paixaõ, e morte he reprezentado, ſe manifeſta, que tudo identicamente ſe praticava antes dos ditos Concilios, ſem que nelles houveſſe alteraçaõ, ou mudança em continuarſe a effigiar, e a eſculpir as Sagradas Imagens univerſalmente, para que em toda a parte, e por todo o modo ſerviſſem aos Fieis de prototypo, e ao Mundo todo de exemplo.

112 Concluindo-ſe finalmente que ſe enganou muito neſta parte o Autor, a que ſem reflexaõ ſeguiraõ o Padre Manoel Fernandes, e o Doutor Eſpinola, e naõ poder haver argumento algum, que encontre a verdade da tradiçaõ antiquiſſima de haver apparecido em Matozinhos a veneravel Imagem de Chriſto Crucificado no anno 124. do ſeu naſcimento, nem as que ha piamente recebidas de outras Imagens do meſmo Senhor, que além deſta ſe attribuem ao artificio de Nicodemus.

CAPI-

CAPITULO XVII.

Do inteiro credito, que ſe deve dar às tradições uniformes, e bem autorizadas, e do tempo que a Chriſto Senhor noſſo ſuperviveo Nicodemus.

113 SEndo pela dilatada ſerie de mais de dezeſeis ſeculos eſtabelecida a ſempre incorrupta, permanente, e invariavel tradiçaõ de que Nicodemus, aquelle Varaõ inſigne, a que o Euangeliſta Aguia deo o ſublime epiteto de Principe dos Judeos, e ſobretudo o meſmo Chriſto o de Meſtre de Iſrael, fora o piedoſo artifice da veneravel Imagem do Senhor de Bouças, ſe nos ſegue agora moſtrar manifeſta, e comprovada, naõ ſó a muita antiguidade deſta Imagem Sagrada; mas tambem a certeza de que a Igreja Catholica praticou ſempre o uſo, e reverente culto de Imagens de Chriſto Crucificado, e ponderarmos que a tradiçaõ referida, pelas ſobreditas circunſtancias, he digna de todo o credito, confirmando-a juntamente pelo tempo, que a Chriſto Senhor noſſo ſuperviveo Nicodemus.

Joan. Cap. 3. 1. 10.

114 De ſemelhantes tradições pias fizeraõ ſempre taõ grande apreço os mais abalizados Eſcritores, que pelas ſuas authoridades ſempre veneraveis devemos aſſentar nas meſmas verdades, em que elles aſſentaõ, ſeguindo niſto o indiſ-

Baronius Annal. Eccl. in locis ex Indice notis verb. Traditio. Traditiones.

indiſputavel exemplo da Igreja Catholica pelas tradições dos Santos Padres: mas porque ſeria exceſſivo individuar o numero de quantos geralmente abraçaraõ eſte piedoſo, e acertado projecto, apontaremos ſómente em particular alguns, que nelle foraõ dos mais attentos, quaes o Cardeal Cezar Baronio, os PP. Pedro de Maris, Fr. Franciſco de Bergança, Fr. Paulo de S. Nicólao, Joaõ Gabriel Biſciola, e com muitos o Illuſtriſſimo P. D. Manoel Caetano de Souſa na ſua admiravel obra da Expediçaõ de Santiago em Eſpanha.

115 Mas nem ſó os Catholicos, porque tambem os Gentios de nome mais celebre, ainda que ſómente com o lume da razaõ illuſtrados, mas doutiſſimos, praticaraõ o meſmo, como de Quintiliano, Plataõ, e Plutarco aponta Pedro de Maris no lugar referido, e do que de Ariſtoteles eſcreve Luiz Marinho de Azevedo, e dos Lacedemonios, Athenienſes, Romanos, Perſas, Caldeos, e outras gentes affirma Lourenço Beyerlinch; que tambem trata das tradições doutamente, e de quanto no gremio da Igreja, antes della, e fóra della as obſervaraõ ſempre, o que he commummente aſſentado entre os mais bem intencionados Criticos. De ſórte que havendo tradiçaõ, nada mais ſe procura, pelo ſabido proloquio: *Traditio eſt, nihil quæras.*

116 Suppoſto, pelo referido, o inteiro credito, que devemos dar à tradiçaõ, de que Nicodemus fora o piedoſo artifice da veneravel Imagem do Senhor de Bouças, vejamos hiſtoricamente as razões de congruencia, em que a meſma

Maris Hiſt. do S. Milagre de Santarem Cap. 6
Berganza Antig. de Heſp. 1. part. lib. 1. Cap. 10. n. 139. pag. 59.
P. Nicolaſ. Antig. Eccl. Heſp. ſigl. 1. cap. 5. pag. 19.
Biſciola Epit. Annal. Baronii. locis ex Indice notis Verb. Traditiones.
Illuſtr. Souza Expedit. Hiſpanic. S. Jacobi locis ex Indice notis Verb. Traditio: Traditiones per totum.
Marinho de Azevedo Grandezas de Lisboa lib. 4 Cap. 9. pag. 334.
Beyerlinch. Theatr. vit.

mesma pòde sem repugnancia alguma estabelecer-se, para o que havemos de assentar primeiramente, que Nicodemus, a que os Ecclesiasticos Escritores nomeaõ Discipulo occulto de Christo, fundados no que delle refere o Sagrado Texto, superviveo ao mesmo Senhor tempo largamente sufficiente, naõ só a poder esculpir a Sagrada Imagem, que em Matozinhos se venera, mas todas as mais, que se lhe attribuem.

hum. tom. 7. lit. T. tit. Traditio. pag. mihi 185.

Joan. Cap. 3.

117 Bem digno he de notarse, que o Bispo Equilino, tratando de Nicodemus, depois de referir o mesmo, que os mais Escritores, que tocaraõ este ponto, affirma, que maltratado elle pelos Judeos gravemente, o recolhera Gamaliel a huma sua herdade, em que por muitos dias o sustentara, e que morrendo, o sepultara no mesmo sepulcro, em que havia muito tempo fora Santo Estevaõ sepultado: *Gamaliel verò ipsum collectum in possessionem suam Gapharga-mala extra civitatem adduxit, & ibi ipsum diebus pluribus refovit. Qui tandem in Christo obdormivit, & sepultus est à Sancto Gamaliele in ejus sepulchro, ubi, & corpus Prothomartyris Stephani jampridem fuerat tumulatum.*

Equilinus Catal. Sanctor. lib. 4. Cap. 3.

118 O mesmo Gamaliel na relaçaõ, que milagrosamente fez ao Presbytero Luciano, e refere Baronio, no que affirma fizera a Nicodemus, vestindo-o, e sustentando-o até o fim da vida, em que o sepultara no mesmo lugar, onde havia sepultado a Santo Estevaõ, insinua bem o quanto elle a Christo, e ao Santo Prothomartyr supervivera: *Tum ego Gamaliel, quasi persecutionem pro Christo passum, sustuli eum in meum agrum,*

Baronius Annal. Eccl. tom. 1. anno Christi 35. n. 290. pag. mihi 287.

& al-

& alvi, & vestivi usque ad finem vitæ ejus; & defunctum honorificè sepelivi juxta dominum Stephanum. Nisto concordaõ sem discrepancia todos os Escritores, que pelo abonado testemunho de Luciano referem a invençaõ dos veneraveis corpos de Santo Estevaõ, Nicodemus, Gamaliel, e Abibon em 3. de Agosto do anno 415. da nossa Redempçaõ; e o confirmaõ os muitos prodigios nella succedidos.

119 De maneira, que sendo Santo Estevaõ martyrizado sete mezes depois da vinda do Espirito Santo, na melhor opiniaõ expendida por Baronio, e muitos, se fosse certa a de que padecera martyrio sete annos depois de ordenado Diacono, e sendo dahy a muito tempo Nicodemus sepultado no mesmo sepulcro, em que o dito Santo o tinha sido, mediando entre hum, e outro enterro, tempo, e annos sufficientes a verificarse, que Gamaliel o vestira, e sustentara de todo o necessario, naõ só muitos dias, mas atè o fim da vida, bem se segue, que a Christo Senhor nosso superviveo Nicodemus tempo superabundante a poder formar as Sagradas Imagens, que lhe saõ attribuidas.

CAPI-

CAPITULO XVIII.

Das Sagradas Imagens, que a pia tradiçaõ affirma que obrara Nicodemus.

120 NA ſuppoſiçaõ indubitavel da ſupervivencia de Nicodemus, que tambem affirma Pedro de Maris na vida, que delle rezumio, colhida dos Eſcritores, que aponta, ſe lhe atribue, como ſem duvida, o artificio de quatro Imagens de Chriſto, que formara no retiro daquella herdade de Gamaliel, em que vivia occulto, ſem mais emprego, que eſte piedoſo exercicio, tanto pela grande capacidade, que delle certifica o Sagrado Texto, quanto para ficarem no Mundo por huma tal teſtemunha de viſta repetidos retratos dos finaes extremos, que o meſmo Senhor obrou no Calvario pela redempçaõ de genero humano, e pudeſſem ſervir de exemplares, aos que depois houveſſe de formar a devoçaõ Catholica em piedoſo eſtimulo do mais profundo, e reverente agradecimento.

Maris vida de S. Joaõ Sahagum 1. part. cap. 9. a fol. 44. verſ.

121 Saõ as quatro Imagens: a de Berito na Syria: a de Luca em Italia: a de Burgos em Caſtella, e a de Matozinhos na Luſitania. De todas dà baſtantes noticias Pedro de Maris jà referido, e tanto elle, como os muitos Eſcritores, que tratáraõ de cada huma dellas, e outros, que apontaõ, ſe fundaõ principalmente na tradiçaõ de largos ſeculos univerſalmente recebida, e comprovada pelos grandes prodigios dos tempos de ſuas inven-

Maris dit. 1. part. a cap. 8. & a fol. 40.

invenções continuados de ſerem obradas por Nicodemus accumulando cada qual quantas razoes lhes pareceraõ congruentes a fazerem naõ ſó provaveis; mas com evidencia certos os ſeus aſſumptos.

122 E ſuppoſto que ao meſmo artificio de Nicodemus, ſe atribua tambem a Imagem de Chriſto Crucificado, que ſe venera na Cathedral de Orenſe em Galiza, como naõ podemos achar atégora Eſcritor, que ex profeſſo trataſſe deſta materia, mais que a Rodrigo Mendes Sylva, que a toca, e ignoramos as circunſtancias, em que ſe funda, e ſerà talvez em tradiçaõ antiga com prodigios confirmada, pela ſua authoridade a referimos; e em tal caſo ſeriaõ cinco as Imagens de Chriſto por Nicodemus eſculpidas, ou em myſterioſo emblema das cinco Chagas, fontes principaes do noſſo remedio, ou em feliz preſagio, naõ ſó das quatro Partes do Mundo já deſcubertas, mas tambem da quinta que ſe eſpera deſcobrir, argumento de que largamente trata o inſigne P. Antonio Vieyra.

Mendes Sylva Poblac. general de Heſp. Deſcrip. del Reyno de Galicia Cap. 5. fol. 226.

P. Vieira Hiſt. do Futuro lib. Ante primeiro.

123 Miſteriosa circunſtancia parece, que tanto a tradiçaõ inveterada, e de muitos ſeculos univerſalmente recebida, como a conformidade uniforme de tantos, e taõ graviſſimos Eſcritores, quantos tocaraõ eſta materia, aſſentem ſem deſcrepancia que Nicodemus fora o artifice das Imagens referidas. Sendo bem digno de reparo, que havendo muitas outras na Chriſtandade bem antigas, e prodigioſas ſe lhe naõ attribuaõ! Singularidade admiravel; mas diſpoſiçaõ talvez da Divina Providencia em abono da tradi-

tradiçaõ, e dos efcritos, que por ella fazem efclarecidos os talentos de feus Autores, manifefta a fupervivencia de Nicodemus, e o piedofo exercicio, em que fe occupava, formando exemplares do mayor eftimulo à devoçaõ Catholica, continuada felizmente nos feguintes feculos.

124 Naõ parece menos digna de attençaõ, e de reparo a circunftancia, de que havendo fido Jofeph de Arimathea igualmente Difcipulo de Chrifto, e fiel companheiro de Nicodemus nas finezas do Calvario, e do Sepulcro, e fendo Gamaliel, e outros muitos tambem Difcipulos, e naõ menos piedofos, fó a Nicodemus attribuaõ a tradiçaõ, e doutiffimos Efcritores fundados nella, a fabrica efpecial de veneraveis Imagens do Divino Meftre, e eftas com taõ raro artificio, que ainda agora, como fempre, infundem viftas, quaes as referidas, hum reverencial temor, e taõ entranhavel refpeito, que quantos o experimentaõ, reconhecem naõ haver humanos termos a poder explicallos, por mais que os exagerem os em que fe achaõ efcritos.

125 Procederia efta fingularidade de permiffaõ admiravel da Divina Providencia, em benigno premio do religiofo culto, e fervorofo zelo, com que Nicodemus fe empregou folicito em guardar reverente, e recolher cuidadofo os defpojos do defcendimento da Cruz, e enterro de Chrifto, porque delle affirma Daniel Malonio, que depois da Refurreiçaõ do Senhor ajuntara com grande diligencia, os lenços, ligaduras, e mais inftrumentos da Paixaõ Sagrada,

e que

e que pela grandeza de engenho de que era dotado, formara em madeira huma Imagem de Chriſto à ſemelhança da que no Sudario ficara impreſſa: *Hic poſt Chriſti Reſurrectionem linteamina, ac reliqua Chriſti Paſſionis inſtrumenta, ſumma cum diligentia collegit, atque ob ingenii magnitudinem, qua pollebat, Chriſti imaginem ex ligno, ad ſimilitudinem ejus, quam Chriſtus in linteamen impreſſerat, dicitur efformaſſe &c.*

Malonius ad Caput. 1. Paleoti. de Stigmatibus n. 13.

126 Parece de notar neſte ponto, que Imagem formada pelo divino molde, em que o Autor da vida deixou vivamente impreſſas as ſombras admiraveis da ſua morte, ſahiria aſſombro tal, que eſta, e as mais copias deduzidas da meſma Idéa, cauſaſſem, e cauzem os prodigioſos effeitos, e eſtupendos prodigios, que de todas, e qualquer dellas ſe experimentaõ no Univerſo continuamente; mayormente porque pela meſma tradiçaõ proſegue a concluir o referido Malonio, que Nicodemus guardara, e tivera em ſeu poder o Sagrado Sudario: *Sacram que ſindonem apud ſe ſervaſſe.* Donde ſe colhe naõ ſó a ſupervivencia deſte Varaõ inſigne, mas tambem nella, tempo de repetir por qualquer modo o admiravel artificio do ſeu emprego.

Malonius loco ſupra cit.

CAPITU-

CAPITULO XIX.

Prosegue-se a mesma materia, e se toca o que pòde entenderse de Imagens attribuidas a S. Lucas.

127 DO Euangelistà S. Lucas duvidaraõ alguns Escritores, e modernamente o Padre Fr. Diogo Jacinto Serry, que pintasse Imagens de Christo, e da Virgem Senhora, naõ obstante a tradiçaõ desde o nono seculo continuada, fundado principalmente, em que o Santo fora Medico, e naõ Pintor, e haver controversia entre os antigos Padres sobre a primeira Religiaõ do mesmo Santo, se fora Judeo, se Gentio; além de que as Imagens, que se lhe attribuiaõ, as naõ conhecera a mayor antiguidade, e por isso se naõ achavaõ mencionadas nas Actas do septimo Concilio Geral 2. Nisseno; sendo que naõ parecem estes argumentos, e outros, que forma, taõ fortes, que naõ tenhaõ soluçaõ muy facil, o que por hora naõ controvertemos.

Fr. Jacobus Hyacintus Serry Exercitat. Hist. Critic. Exercit. 47. à pàg. 323. à n. 8.

128 Mas só notamos, que o naõ se mencionar no 2. Concilio Niceno algumas das Imagens attribuidas a S. Lucas, como argumento negativo naõ faz força; além de que nelle se naõ podiaõ mencionar quantas jà naquelle tempo tinha propagado a devoçaõ Catholica em todo o Mundo, tanto, porque seria processo muy largo, quanto, porque, nem de todo se acharaõ Padres naquelle congresso formado no Oriente, e naõ ser para isso facil

haver

haver nelle individual noticia de todas as Imagens Sagradas, que ſe veneravaõ em taõ diverſas, como remotas partes, quaes as dilatadas Provincias do Occidente, nem iſto parece fundamento ſufficiente a deſvanecer ſó por ſi a tradiçaõ, de que S. Lucas pintaſſe as Soberanas Imagens, que ſe lhe attribuem, e foſſe ao meſmo tempo, que Medico de profiſſaõ, Pintor de curioſidade.

129 Menos parece poder obſtar, que na ſuppoſiçaõ de que S. Lucas foſſe de naçaõ Hebreo; era a eſtes prohibido o pintar, ao menos Imagens em formas humanas, o que no rigoroſo ſentido da prohibiçaõ ſó era no tempo da Ley eſcrita, e o naõ continuou a ſer na Ley da Graça, que pela morte, e Aſcençaõ de Chriſto teve principio. Mayormente porque o meſmo Padre Serry ſegue, que S. Lucas naõ fora Hebreo, mas Gentio, natural de Antioquia na Syria, e ainda que pudeſſe verificarſe, que quando S. Paulo o convertera, e o chamara, elle naõ tinha viſto; nem a Chriſto, nem a Virgem Senhora para poder propriamente delineallos, comtudo, aſſim como elle ſó por informaçaõ dos Apoſtolos eſcreveo o ſeu Euangelho approvado por S. Paulo, ſem prezenciar as ſuas materias, e ſaõ de Fé, tambem pela meſma informaçaõ podia delinear aquellas pinturas, e ſerem perfeitas.

130 Nem tambem parece poder com formalidade arguirſe, que as Imagens attribuidas a S. Lucas, pela diverſidade de ſuas eſpecies, e de ſuas fórmas, moſtrem, ou inſinuem naõ ſerem da meſma mão, e do meſmo pincel; porque alêm de que naõ haviaõ de ſer obradas todas em hu-

huma occaſiaõ, e ao meſmo tempo, eſta variedade ſe experimenta, e experimentou ſempre, naõ ſó no artificio, mas na meſma natureza, que em taõ immenſa formaçaõ de creaturas, nenhuma ſahe a outra totalmente parecida; com que naõ parecem as referidas objecções ſufficientes a fazerem duvidar que S. Lucas pintaſſe algumas Imagens Sagradas, nem obſtar à tradiçaõ diſſo que deſviados della o omitiſſem por equivocaçaõ, ou por amontoado diſcurſo Simaõ Metaphraſtes, e Nicephoro Calixto em ſeus eſcritos.

131 Aqui ſe nos offerece ponderar (e poderà tambem ſervir a confirmar o uſo das Sagradas Imagens na Igreja Catholica deſde os ſeus principios) que o referido Padre Serry entende que as Imagens da Virgem Senhora com o Menino JESUS ao peito principiaraõ a praticarſe do tempo, em que no Concilio Epheſino pelos annos de 430. ou 435. foy condemnada a hereſia de Neſtorio, para que tambem o vulgo rude, e ſimples ficaſſe ſenſivelmente pela reprezentaçaõ conhecendo expreſſa na Senhora a maternidade do Divino Verbo, por conſiſtir o heretico dogma daquelle Hereziarcha, em affirmar que Chriſto aſſim como tinha duas ſubſtancias, havia tambem nelle duas perſonalidades, que faziaõ dous Chriſtos; hum, que era Deos, e Filho de Deos, e outro, que era Homem Filho da Virgem Santiſſima.

P. Serry. loco ſupra n. 8. p. 323.

132 Como porèm eſta execranda blasfemia tinha principio do Hereziarcha Ebion, que entrou a movella no anno 74. do naſcimento de Chriſto, o qual affirmava, que o Filho da Virgem

 gem

P. Bonucci. Epit. Chronolog. lib. 3. Cap. 6. n. 5. a pag. 344. & n. 6. pag. 346

Acta Apostol. Cap. 15.

gem MARIA fora puro homem, como por testemunho de Santo Ignacio Martyr refere o Padre Antonio Maria Bonucci, erro, que jà trazia origem de Cerintho, ou Querintho, hum dos que por authoridade de Santo Epiphanio, diz o mesmo Escritor levantaraõ em Antiochia o motim, que molestou bem a S. Bernabè, e S. Paulo, e menciona o Sagrado Texto. E o mesmo erro proseguiraõ os Nicolaitas no 1. seculo, no 2. Basiliedes, e outros Hereges: alguns no 3. e no 4. Arrio, Photino, e outros, condemnados todos em varios Concilios antes do Ephesino, parece se póde considerar mais antigo o preservativo a tanto absurdo.

133 E sendo por isto evidente, que jà do tempo do Hereziarcha Cerintho, ou Querintho, hum dos que no anno 49. occasionaraõ em Antiochia contra S. Bernabè, e S. Paulo o motim referido, teve origem a negaçaõ da Divindade de Christo em abatimento da regalia da Virgem Senhora, que do principio da Igreja Catholica era adorada, e reconhecida por Mãy ineffavel de Christo, e S. Lucas fiel companheiro de S. Paulo parece com fundamento *in re* bem verosimil, que entaõ pintasse, naõ só Imagens, que persuadissem o elevado daquella maternidade; mas ainda em outras especies de suas acções soberanas, e por isso em diversas fórmas, e por todas estas circunstancias manifesto o antiquissimo uso das Sagradas Imagens, tanto de Christo, como da Senhora na primitiva Igreja.

CAPI-

CAPITULO XX.

Pondera-ſe mais a meſma materia em abono, e confirmaçaõ do arteficio de Nicodemus.

134 NAõ parece poderem-ſe formar ſemelhantes argumentos contra o artificio de Nicodemus. Naõ, o de naõ ſerem conhecidas na mayor antiguidade Imagens de Chriſto por elle formadas; porque a de Berito com o titulo de ſer obra de Nicodemus, foy mudada de Jeruſalem para a Syria dois annos antes de ſer por Tito aſſolada aquella grande Cidade da Paleſtina, ſendo por iſſo a ſua mudança no anno 72. da redempçaõ humana, e aos 38. da Payxaõ de Chriſto; e tambem aos 90. da meſma, e 124. do naſcimento, jà fica viſto aportou a de Bouças em Matozinhos, aonde de entaõ ſe venera com ſemelhante titulo, e tradiçaõ antiquiſſima de ſer por Nicodemus obrada.

135 Muito menos ſe póde formar argumento, de que Imagens de Chriſto por Nicodemus eſculpidas, naõ foſſem no 2. Concilio Niceno mencionadas; porque por relaçaõ de Santo Athanaſio ſe ouvio nelle com aſſombro o prodigio admiravel da ſobredita da Cidade de Berito na Syria, que por haver ſucedido em tempo proximamente antecedente, foy alli manifeſto, e naõ houve naquelle acto ſemelhante motivo, para ſe mencionarem nelle outras Imagens delineadas pelo meſmo Artifice, nem ſe mencionariaõ pela

mesma razaõ que senaõ mencionaraõ as pintadas por S. Lucas.

136 E posto que Nicodemus fosse, como era de naçaõ Hebreo, jà naõ militava nelle depois da morte de Christo, a razaõ de lhe ser prohibido esculpir Imagens do Divino Mestre, de que fora discipulo, como fica ponderado; mayormente permitindo o mesmo Senhor (como he verosimil) que as formasse para ficarem servindo de piedosos exemplares aos Fieis Catholicos do que por todos tinha obrado atè consumar na Cruz a redempçaõ do Mundo, e pudesse igualmente tanto o sabio, como o rude simples vulgo, ter sempre patentes ao conhecimento, de tanto beneficio os admiraveis extremos, e para a devoçaõ reverente fervorosos estimulos.

137 Mysteriosa nos parece seria a causa de que os retratos attribuidos a Nicodemus, sendo todos de Christo Crucificado, e obrados pelo mesmo artifice, sahissem na esculture ao parecer em algumas circunstancias, diversos, como se colhe do que de Matozinhos temos visto, e dos mais achamos escrito, para que por todos os modos ficasse no Mundo o Redemptor delle representado, tanto elevado no Calvario, como descido da Cruz depois de morto; porque o de Berito, e o de Matozinhos saõ daquelle Senhor, em fórma humana, mas ignominiosamente, como servo crucificado; e o de Burgos, quando se achou, foy na figura de morto, e da Cruz descido; e o de Luca na represefentaçaõ de Rey, e Senhor, posto por nosso amor no patibulo pela razaõ talvez, que refere Baronio.

Baronius Annal. Eccl. tom. 11. ad ann. Christi 1099. a. n. 40.

138 E

138 E ſuppoſto que o de Burgos de muitos annos a eſta parte ſe venera na Cruz pendente, foy porque os Religioſos Heremitas de Santo Aguſtinho daquella Cidade, quando a ſeu poder chegou milagroſamente eſte Sagrado penhor, lhe mudaraõ a figura, que repreſentava de Chriſto morto, e da Cruz deſcido, na do meſmo Senhor nella Crucificado, pois de huma, e outra fórma foraõ eſtas veneraveis Imagens em ſuas invençoes deſcubertas, como affirmaõ Pedro de Mariz, e todos os mais Eſcrittores, que hiſtoriaraõ dellas, e neſtes termos a variedade deſtas figuras naõ induz diverſidade no Artifice dellas, para poder duvidarſe que o meſmo as formaſſe todas.

139 Reparamos em qual ſeria a razaõ de permitir a Providencia Divina, que de duas uniformes Imagens de Chriſto Crucificado, ficaſſe huma na Syria Provincia da Aſia no Oriente, e vieſſe logo a outra para a Luſitania Provincia da Europa no Occidente! E parece conjecturar que por ter deſtinado a meſma ſoberana Providencia, que da Luſitania no Occidente haviaõ de hir os Portuguezes ao Oriente arvorar o eſtandarte da Redempçaõ humana, como expreſſamente ſe declarou na viſaõ admiravel do Campo de Ourique, diſpoz que deſte ſó depois viſto, e conhecido progreſſo, ficaſſe conſtituhido aquelle divino ſinal em hum, e outro extremo.

140 E ainda que a Syria naõ ſeja taõ ſituada no extremo Oriental, como o he no Occidental a Luſitania; com tudo ſendo Provincia da mayor Aſia da meſma ſórte que o ſaõ, entre outras, a India, e a Paleſtina, e por iſſo Regiões Orientaes,

taes, ou por eſſa razaõ, ou tomando-ſe a parte pelo todo, parece poder verificarſe proporcionada a relaçaõ de hum ao outro extremo, ſe já naõ foſſe, que o ficar a Imagem de Chriſto Crucificado mais na Syria, do que em qualquer das ultimas Provincias do Oriente, o diſpuzeſſe aſſim a Divina Providencia para o fim admiravel da converſaõ de taõ copioſo Judaiſmo, que depois ſuccedeo na Cidade de Berito, pelo prodigioſo caſo já referido.

CAPITULO XXI.

De alguns ſinaes evidentes, que àlem da tradiçaõ manifeſtaõ ſer a Imagem do Senhor de Bouças de Matozinhos obrada por Nicodemus.

Malonius. loco ſupra ad caput 1. Paleoti de ſtigmat. n. 13.

141 DAniel Malonio no lugar aſſima apontado, tendo referido que Nicodemus fizera huma Imagem de Chriſto à ſemelhança da que no Sagrado Sudario ficara impreſſa, affirma tambem por igual tradiçaõ, que no meyo da meſma Imagem collocara alguns memoraveis inſtrumentos da Payxaõ de Chriſto: *In cujus medio Chriſti ſanguinem, alia que memoranda Paſſionis Chriſti inſtrumenta collocaſſe dicitur.* Donde ſe colhe, que aquella Imagem na parte mais groſſa de ſeu continente havia de ter ſufficiente vaõ a nelle poderem recolherſe alguns inſtrumentos memoraveis da Payxaõ de Chriſto, para por eſte modo poder verificarſe, que no meyo della os collocara.

142 E viſta com attençaõ a Veneravel Imagem

gem do Senhor de Bouças em Matozinhos, he certo ser ella por dentro escavada da cintura àtè os ombros pela parte posterior, que porisso se acha cerrada a formarlhe as costas de materia, que parece pano artificiozamente conglutinado, e por algum especial aromatico ingrediente de corrupçaõ defendido; sendo de advertir, que como os Escrittores, que particularmente trataraõ da Imagem de Berito, e da de Luca, naõ tiveraõ noticia da de Matozinhos, e nem os que della escreveraõ, fizeraõ mençaõ desta circunstancia, talvez que pela mesma fosse a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças a primeira, que Nicodemus formara, e com capacidade de recolher no bojo della alguns memoraveis instrumentos da Paixaõ de Christo, que Malonio aponta: o que por já naõ ser necessario em qualquer das outras Imagens depois fabricadas, naõ teraõ talvez este requisito, e quando o tenhaõ, repartiria Nicodemus por ellas os taes instrumentos.

143 Nem pareça poder haver difficuldade em que Nicodemus, que ajudou a amortalhar o Corpo de Christo, guardasse com attençaõ alguns instrumentos da Payxaõ Sagrada; pois de todos os que serviraõ ao grande mysterio da nossa redempçaõ, por authoridades de S. Gregorio Turonense, e do Veneravel Beda, affirma Baronio que com summa diligencia foraõ guardados, e que Nicodemus fosse executor desta piedosa diligencia, seguindo ao Autor do Suplemento dos Chronicoẽs, o refere Malonio, termos, em que como a portentosa Imagem do Senhor de Bouças fosse obrada com tal artificio, que no meyo della pu-

Baronius Annal. Eccl. tom. 1. anno Christi 34. n. 116. pag. mihi 215.

Malonius. ad Caput 2 Paleoti. de Stigmat n. 2.

deſſe Nicodemus fazer depoſito das Reliquias, que deſcreve Malonio, fica ſendo eſta circunſtancia manifeſto ſinal; naõ ſó de que a eſculpira, mas de que talvez fora a primeira das que fabricara, e confirmada aſſim a tradiçaõ deſta piedoſa fineza.

144 Notavel tem ſido entre os Eſcritores a controverſia de quantos foraõ os Cravos, com que na Cruz foy pregado o Salvador do Mundo. Que com quatro, affirmaõ muitos; e que com tres naõ poucos, havendo por huma, e outra opiniaõ Santos Padres, e Doutores, que doutamente refere o Padre Academico Fr. Manoel de S. Damazo na ſua Verdade Elucidada: ambas declaradas por provaveis, e pela Igreja admitidas, permitindo a Mageſtade Divina eſtas, e ſemelhantes controverſias pelos altiſſimos fins, que no lugar referido expende o meſmo Academico, e como por eſta razaõ fica livre o aſſentir piedoſamente a qualquer dellas, nos inclinamos à primeira por vermos, que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças ſe acha com quatro cravos na Cruz pregada.

P. S. Damazo. Verdade Elucidada Elucidac. 14. à §. 5. à n. 469. & a p. 254. & n. 458. p. 262.

145 Mais nos inclinamos à opiniaõ de haverem ſido quatro os cravos pelas admiraveis razões, que em abono della expendeo o Padre Graveſon ſeguindo-a tambem, e parecem irrefragaveis, e ſer demais veroſimil, que o odio Judaico para duplicar a Chriſto com mais extenſaõ os tormentos, lhe haviaõ de prégar os pés, como tinhaõ prégado as mãos com dois cravos, naõ obſtante entenderem, e niſſo ſe fundarem os da outra opiniaõ, que mayor fora o de ſerem pregados com hum unico cravo; porque diſto

Graveſon. de Vita Chriſti tom. 2. Diſſert. 20. Paragraph. 2. p. mihi. 81.

ſó

ſó rezultava, que ſendo mais groſſo faria, mas ao meſmo tempo, mayor, e mais violenta a rotura, e ainda iſſo ſeria particularmente no pè ſobrepoſto, e naõ que foiſe, como no outro caſo, em dobradas accoẽs repetido, e aſſim reduplicativamente penoſo.

146 Aquelle grande Oraculo Lisbonenſe o Padre Sylveira nos ſeus Comentarios ao Evangelico Texto, referindo huma, e outra ſentença, conclue a dos tres cràvos em dizer que a favorece a frequente pintura de Chriſto Crucificado, que vem a ſer ao uſo commum, mas moderno, poſto que já antiquado; e finaliza a dos quatro cravos em affirmar, a corroboraõ as antiquiſſimas Imagens do meſmo Senhor, que ſe conſervaõ em S.Pedro, e S. Joaõ de Latraõ em Roma, e na por Nicodemus eſculpida, que ſe venera em Luca, e outra na Igreja de S. Miguel de Lovayna, e que por taõ graves fundamentos parecia mais provavel eſta ſentença, mas que diria ſe viſſe a de Bouças em Matozinhos, que naõ vio, como a naõ viraõ outros dos noſſos Eſcritores, que tratando della o fizeraõ, por eſta razaõ, com alguns erros, como adiante veremos?

P.Sylveira. Coment. in Evangel. tom. 5. lib. 8. Cap. 13. Quæſt. 7. a n. 58. & a pag. 551.

147 De maneira, que ſendo o noſſo Padre Sylveira de tanta, e taõ grande authoridade, que com juſto, e honorifico applauſo, he reſpeitado, e reconhecido até dos Eſcritores Eſtrangeiros, e tendo elle por mais provavel a ſentença de que Chriſto fora na Cruz com quatro cravos crucificado corroborando-a pelos repetidos exemplares das antiquiſſimas Imagens, que neſta fórma em diverſas partes ſe veneraõ, eſpecialmente a de

Luca

Luca por Nicodemus effigiada, fica ſendo eſta notavel circunſtancia ſinal evidente, de que a de Matozinhos fora por elle obrada, viſto acharſe tambem com quatro cravos na Cruz eſculpida, e por iſſo ſer verdadeira copia fielmente tirada do modo com que no Calvario foy realmente crucificado o Redemptor do Univerſo.

CAPITULO XXII.

Proſegue-ſe a meſma materia do Capitulo precedente.

148 ADvertimos porém, a reſpeito da Imagem de Chriſto, que com quatro cravos ſe diz venerarſe na Igreja de S. Joaõ de Latraõ em Roma, affirmar o referido Malonio que elle, e outros ſogeitos, com eſpecial diligencia foraõ a vella, e lhe naõ diviſaraõ eſta circunſtancia; mas como ella ſe verifica nas que ſe veneraõ em Matozinhos, e em Luca, ſe manifeſta claramente ſerem ambas, naõ ſó mais antigas; mas por Nicodemus formadas, e legitima a tradiçaõ, que aſſim o abona, e ſendo quatro, ou cinco as que ao ſeu artificio ſe attribuem, com evidencia ſe colhe ſerem ellas ſoberanos exemplares, das que ſe acharem antigas por eſte modo delineadas.

Malonius. ad Cap. 19. *Paleoti n.* 9.

149 Opiniaõ foy tambem de alguns Santos Padres, e Doutores, que Chriſto na Cruz tivera taboa, ou madeiro ſuppoſto, em que firmaſſe os pès, e que nelle lhe foraõ cravados. Eſta ſeguio em critica moderna o Padre Serry, fundado em ſe

P.Serry Exercit.Hiſt. critic. Exercit. 59. *n.* 6. *pag.* 373. & 374.

ſe dever dar mayor credito aos Santos Padres, que a declararaõ, por haverem illuſtrado a Igreja antes de Conſtantino Magno, atè o qual uſaraõ os Romanos dar aos culpados de Cruz o ſupplicio, que em reverencia do Redemptor do Mundo prohibio Conſtantino; como porèm do tempo da morte de Chriſto, ao do Imperio daquelle Monarcha mediaraõ quaſi tres ſeculos, e na Romana Republica ſe praticava o dito ſupplicio pelos varios modos, que refere Juſto Lipſio, e nem de todos teriaõ noticia aquelles Padres; mayormente, porque outros igualmente Santos, e antigos, ſeguiraõ rumo diverſo, fica lugar à ponderaçaõ de inclinarſe a qualquer parte.

Juſtus Lipius de Cruce.

150 O doutiſſimo Padre Sylveira breve, e admiravelmente reſolve a queſtaõ, e fundado em boas intelligencias do Sagrado Texto, e revelaçaõ eſpecial de Santa Brigida, aſſenta que naõ teve Chriſto na Cruz ſuppedaneo madeiro, nem outra couſa, que lhe ſuſtentaſſe o pezo, mais que os cravos, donde tambem ſe manifeſta, que foraõ quatro. Por outra revelaçaõ da meſma Santa, que refere Malonio, conſta o meſmo, e tambem que ſuppoſto os verdugos, para Chriſto ſubir à Cruz, e o crucificarem nella, fizeraõ degráos de taboas até o lugar, onde haviaõ de ſer pregados os pés, com tudo que finalizado aquelle acto, tanto elles, como os ſoldados aſſiſtentes as apartaraõ logo velozmente da Cruz, ficando eſta ſó arvorada, e alta, e o Senhor Crucificado nella. Neſta fórma ſem madeiro ſuppoſto ſe acha na Cruz pregada a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças em Matozinhos, e havendo ſido

P. Sylveir. in Euangel. tom. 5. lib. 8. Cap. 13. Quæſt. 7. a n. 55. & a pag. 551.

Malonius de Stigmatib. ad Cap. 6. Paleoti n. 8.

Nico-

Nicodemus testemunha de vista naquella grande tragedia, e tendo do Senhor feito piedosos retratos, fica sendo esta circunstancia hum dos sinais evidentes de haver formado Imagem taõ prodigiosa.

P.Serry. Exercit.54. n.4. p.378.

151 Na questaõ do modo porque Christo foy Crucificado no Calvario, escreve o ditto Padre Serry por commum sentir dos Santos Padres, que fora totalmente nú. Oh quem tivera sufficiente discurso a ponderar, se seria este horroroso tormento aquelle dezemparo, de que a paciencia admiravel de Christo chegou a queixarse ao Eterno Pay no Calvario! Daniel Malonio, o nosso Padre Sylveira, e muitos Santos, e Doutores, por revelaçaõ feita a Santa Brigida, affirmaõ occorrera hum sogeito, e lançara a Christo huma toalha, com que ficara cuberta aquella parte, que a pura decencia naõ permitia manifesta. Naõ consta quem fosse o Executor daquella acçaõ piedosa; mas disso, e das circunstancias da occasiaõ parece colherse teria Christo no dezemparo do Calvario soccorro semelhante, ao que teve na agonia do Horto; mayormente venerando-se ainda entre as reliquias da Payxaõ sagrada aquelle lenço, de que ficou manifesto sinal no Sudario.

Malonius. loco supra. ad cap.6. Paleoti n. 1. P. Sylveira. loco supra. Quæst. 5. n. 36.

152 De sórte que no Calvario foy a nudeza de Christo soccorrida com aquelle lenço, que a cubrilla se lhe lançara, e vista a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças em Matozinhos, parece acharse reprezentado nella todo o referido caso, por estar cuberta (e assim foy feita) na mesma parte que Christo o esteve por aquelle soccorro com huma toalha, da qual huma ponta

ta

ta lhe chega até quasi de hum palmo assima do pé esquerdo, como cazualmente cahida da cintura, e sem final algum de ligadura, com que fosse preza, de que se colhe, que por naõ haver sido a do divino original anteriormente atada nelle, e serlhe depois por acçaõ impulsiva lançada, teve lugar de descer abaixo pela parte esquerda aquella ponta, e tudo manifesta evidencia, de que Nicodemus, que assim o vira, formara esta Imagem Sagrada a reprezentar vivamente, ainda as miudas circunstancias do que na morte de Christo succedera.

153 Muito tem a piedosa attençaõ que admirar nesta primitiva toalha, com que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças por Nicodemus foy feita; mas primeiro advertimos, se enganaraõ muito nesta circunstancia pela naõ verem Pedro de Mariz, e o Padre Joseph Pereira Bayaõ, que o tresladou no que deste particular escreveo; pois dizem, com manifesto engano naõ ter este Senhor toalha cingida; mas em lugar della hum pano de tella de ouro; porém este adorno he sobreposto à primitiva toalha, no que naõ ha duvida, e tambem pela mesma razaõ se enganaraõ em affirmar, que os pès, que na Cruz se achaõ immediatamente pregados com dous cravos, o estavaõ em huma taboa pequena atravessada, porque a naõ tem, nem teve em tempo algum, e menos final de haver tido suppedanco madeiro, como fica ponderado.

Maris. Hist. de S. João Sahagum 1. part. Cap. 11. fol. 60. vers. Bayão Portugal Glorioso lib. 3. pag. 199.

154 Tem pois de admirar a piedosa attençaõ, que parecendo esta toalha esculpida da mesma materia, de que o fora a Imagem sagrada, o

naõ

naõ he; mas ſim de lenço em tal forma, pela primaria encarnaçaõ unido, que neceſſita de bem miudo exame para conhecello. Iſto experimentou jà o Reverendo Doutor Antonio Coelho de Freytas, como elle refere, e nós agora movidos deſta noticia, com reverente diligencia procuramos ſe fizeſſem na noſſa prezenſa dous exames, em hum dos quaes aſſiſtio peſſoalmente o Reverendo Diogo Barboſa Machado Abbade de Santo Adriaõ de Sever, e Academico do numero da Academia Real, que com hum Prothonotario Apoſtolico, e outro Sacerdote, reconhecemos ſer realmente de pano a referida toalha, ſendo prodigio admiravel, naõ ter corrupçaõ alguma em tanta repetiçaõ de largos ſeculos, e moſtra ſer preparado com a meſma conglutinaçaõ do pano das coſtas, e por iſſo igualmente perduravel.

Coelho de Freytas Trat. do Senhor de Matozinhos Cap. 8. p. 32.

CAPITULO XXIII.

Continua a materia dos Capitulos precedentes.

155 COm particular admiraçaõ notamos, que a precioſiſſima Chaga do lado ſe acha taõ natural, e na demonſtraçaõ taõ freſca, como ſe ainda agora foſſe na Veneravel Imagem delineada, e em corpo humano aberta, por reprezentar propriamente ſer mais violenta rotura de cruel lançada, que artificioſo golpe de limada eſcultura, por ter apparencias de carne raſgada, e rota a forças da violencia, e naõ de golpe entalhado por mais ſubtil

ſubtil inſtrumento. He gravada no lado direito, e na meſma fórma, que o foy a de Chriſto no Calvario, conforme a melhor, e mais certa opinião, que apontaõ, e ſeguem o Padre Sylveira, e admiravelmente explica Malonio, ſendo tudo ſinal evidente de haver ſido eſta Veneravel Imagem por Nicodemus formada.

P. Sylveira. in Euangel. tom. 5. lib. 8. Cap. 20. Quæſt. 4. a n. 17. a p. 632. Malonius. de Stigmat. ad Cap. 20. Paleot. a n. 1.

156 Tem a cabeça lateralmente inclinada para a parte direita; mas em forma, que claramente ſe manifeſta, e com temeroſo reſpeito ſe diviſa ter o olho direito para a terra inclinado, e o eſquerdo elevadamente para o Ceo aberto; porèm tudo com delineaçaõ taõ perfeita, que ſem moſtrar defeito algum no artificio, cauſa nos animos hum taõ reverente aſſombro, que naõ ſómente em admirações os ſuſpende, mas parece que infunde attençaõ a grandes myſterios. Para à inclinaçaõ da cabeça daõ varias, e piedoſas razões os Santos Padres, que aponta Malonio; mas para a do olho direito, e elevaçaõ do eſquerdo, naõ ponderadas atégora, era preciza huma remontada eloquencia, em falta da qual a devoçaõ nos anima a conſiderar mais em Chriſto a extremoſa fineza, de que ao conſumar a redempçaõ do Mundo, aſſim como para hir ao Eterno Pay, e ficar com os homens juntamente, havia inſtituido o maximo dos Sacramentos, aſſim na ultima diſpoſiçaõ para o apartamento, quando olhava ao Ceo para onde partia, attendia tambem aos homens, com que por amor ficava.

Malonius ſupra ad Cap. 20. n. 26.

157 E ſeria tambem, porque naquelle extremo, ao meſmo tempo, que olhava ao Eterno Pay, a que pelo attributo da Juſtiça havia ſatisfeito a offen-

offenſa em remir o Mundo culpado; attendia juntamente à Máy de Mizericordia, que de antes dos ſeculos eſcolhida, fora o meyo de ſe effeituar hum portento, que ſó na Jeruſalem Celeſtial ſerà plenamente conhecido; pois a tanto naõ chega o diſcurſo humano. Neſte caſo admiravel parece ſem duvida, que ſendo Nicodemus hum de dous, que no Calvario ſubiraõ à Cruz para deſpregar, e deſcer della o Corpo de Chriſto, havia de obſervar bem a forma, em que tinha poſtos os Divinos olhos: o eſquerdo, ao Ceo elevado, e o direito, para a terra deſcido, e por nem faltar eſſa circunſtancia á ſua idéa na fabrica deſte Soberano retrato aſſim o formaſſe, para ſinal manifeſto de que fora o ſeu artifice, e por iſſo talvez eſte o primeiro emprego do ſeu empenho.

Juſtus Lypſius. de Cruce lib. I.

158 Suppoſtas as formas das Cruzes, que foraõ o antigo ſupplicio dos culpados, e doutamente explica Juſto Lipſio, tem havido grande controverſia entre os Doutores, e Santos Padres, reduzida a queſtaõ as duas, a que chamaõ cõmiſſa, expreſſada na letra T. e a que dizem Immiſſa, notada pelo ſinal de † ſobre qual deſtas era a forma da Cruz, em que Chriſto foy Crucificado! Que fora cõmiſſa o entenderaõ os que ſegue, e aponta o Padre Serry; mas que fora Immiſſa o moſtra doutamente Juſto Lipſio, e naõ menos, entre outros muitos Daniel Malonio referindo huma, e outra opiniaõ; e pelas razões da Immiſſa fundadas todas no Texto indiſputavel de S. Paulo teſtemunha mayor de toda a excepçaõ, parece ſer eſta a verdadeira, e o meſmo Padre Ser-

P. Serry. Exercitat. 53. n. 5. pag. 371. Lipſius de Cruce lib. I. Cap. 10. Malonius. in cap. 6. Palcot. n. I.

Serry reconhece a ſeguiraõ quaſi todos.

159 A Cruz em que veyo, e ſe acha ainda pregada a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças em Matozinhos, he da forma Immiſſa; mas com a circunſtancia de que a ponta eminente ao madeiro dos braços, e em que ſe vê pregado o titulo, he mais pequena, e mais curta, que a das Cruzes que vemos, e ſe tem viſto ordinarias, e diſto ſe faz veroſimil, que por ſer da meſma forma a propria Cruz no Calvario, e talvez por na limitada eminente ponta della ſe pregar o titulo em mayor taboa, e com avultadas letras para melhor poder manifeſtarſe nas tres linguas, em que era compoſto, encubriria o meſmo titulo aquella ponta, de ſorte que chegaria a ſua extremidade ao madeiro dos braços, ſendo tambem eſta huma das razões, porque Chriſto inclinara a cabeça, dando lugar a poder lerſe em qualquer dos idiomas, em que ſe achava eſcrito.

160 Diſto procederia o entenderſe, que a Cruz de Chriſto naõ tivera eminente ao madeiro dos braços mais que a taboa do titulo, e que por eſſa razaõ fora da fórma Commiſſa, ſuppondo com tal fundamento os Eſcritores deſta opiniaõ poder ſalvar as authoridades dos Santos Padres, que affirmaõ, fora de quatro angulos a Cruz ſagrada, formando-lhe as ſuas intelligencias o quarto da taboa do titulo, como porém Nicodemus ajudou a deſpregar da Cruz ao Salvador do Mundo, e vio na realidade a forma della, fica ſendo indubitavel, que fora Immiſſa, e aſſim formou a da Veneravel Imagem do Senhor de Bouças, ſendo eſta circunſtancia tambem huma demonſtraçaõ

evidente, de que elle fora o Artifice, que a esculpira.

161 E como de mais houve entre alguns Escritores controversia, se os braços de Christo foraõ na Cruz pregados pela palmas, se pelos pulsos; advertimos, que pelas palmas se achaõ pregadas as da Veneravel Imagem do Senhor de Bouças, e fica neste particular sendo sem duvida certo o que tinha declarado Justo Lipsio. E havendo sido Nicodemus abonada testemunha da verdade, que neste Soberano Retrato delineou com todas as circunstancias, por ellas parece se faz evidente, e manifesto o piedoso emprego, em que se occupara por todo o tempo, em que a Christo supervivera.

Justus Lipsius de Cruce lib. 2. Cap. 9.

CAPITULO XXIV.

Da occasiaõ que haveria para vir a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças pelo modo que veyo da Palestina à Lusitania.

162 NOs termos ponderados, naõ podendo haver duvida na bem fundada tradiçaõ, que affirma haver sido Nicodemus o piedoso Artifice da Veneravel Imagem do Senhor de Bouças, se nos offerece averiguar a occasiaõ, que haveria para que no anno de 124. viesse aquella Soberana Figura da Redempçaõ humana dirigida da Palestina aportar nas deliciosas prayas da antiga Lusitania; e sendo pela referida Epoca, eviden-

te

te succeder este admiravel prodigio nos tempos do Imperio de Adriano, parece se faz à ponderaçaõ precizo individuar alguns casos dos mais memoraveis, pelo discurso do seu governo succedidos, que foraõ muitos, mas taõ confuzamente na ordem referidos pelos Escritores, que temos visto, que naõ difficultaraõ pouco conjecturar o mais provavel.

163 Advertido bem o commum dos Escritores nos particulares de Adriano, lhe daõ os mais delles vinte annos e onze mezes de Imperio, em que conforme a boa computaçaõ de Beyerlinch entrou em 11. de Agosto do anno de 119. do nascimento de Christo, e falleceo a 10. de Julho do de 141. porque os que com Dion Cassio, Glareano, e outros affirmaõ de entrar nelle no de 120. he numerando-lhe os annos pelos Fastos Consulares, que principiaraõ nas Kalendas de Janeiro; porèm, ou entrasse a reger o Imperio em qualquer dos sobreditos dous annos, ou no de 117. como escreveo o P. Joaõ de Bussieres, sempre o anno de 124. do nosso caso succedeo no Imperio de Adriano.

Beyerlinch. Theatr. vit. hum. tom. 5. lit. M. tit. Magistrat. p. mihi 77. Not. C.

Bussieres Floscul. Histor. Areola. 11. ann. Christi 117. p. mihi 184.

164 E sem nos intrometermos na averiguaçaõ de louvores, ou vituperios deste Principe, he certo que no seu tempo continuou a terceira perseguiçaõ da Igreja Catholica, das attribuidas aos Emperadores Gentilicos, e principiada no de Trajano. Della affirma Beyerlinch haver sido taõ cruel, e violenta, que no anno 2. de Adriano, de huma só vez por ordem de Aureliano em Roma padeceraõ abrazados mil duzentos e cincoenta Martyres, entrando no numero delles o Santo

Beyerlinh. supra tom. 5. lit. M. tit. Martyrium pag. mihi 299. not. G. & tom. 6. lit. P. tit. Persecutio p. mihi 277.

Pontifice Alexandre I. a que se seguirão em outro conflicto dez mil e duzentos e tres martyrizados; e dez mil crucificados no 9. anno em Armenia, àlem dos muitos, a que em todo o dominio Romano fizerão martyrio os Prezidentes das suas dilatadas Provincias.

165 Dous motivos teve principaes esta continua la perseguição da Igreja: hum barbaramente commum a todos os Emperadores Gentilicos, e seus Prezidentes, e outro particular de Adriano: o commum foy o efficacissimo zelo, que tinhão todos da sua falsa Religião Gentilica, e o persuadido receyo de que se admittisse a Catholica, se seguirião damnos graves ao Imperio, rezultando disto as perseguições universaes, que em toda a parte fecundarão a Igreja de innumeraveis Santos Martyres: o particular de Adriano foy o que aponta o Padre João Gabriel Bisciola, de que querendo elle em todas as politicas exceder a Trajano, o fizera em mandar continuar esta perseguição geral com o mayor, e mais rigoroso extremo.

P. Bisciola, Epit. Annal. Baronii. an. Christi. 120. p. mihi 78.

166. Continuou ella na mayor força, conforme o mesmo Padre Bisciola, atè o anno de 128. de Christo, em que as grandes Apologias pelos Catholicos fizerão abrandar o rigor de Adriano. Porèm no anno de 124. era a mesma perseguição na Asia tão excessiva, que a Antonino Pio (successor que foy no Imperio) sendo Prezidente della, se lhe offereceo huma Cidade inteira, com assombro notavel do Tyrano, a padecer pela Fé martyrio, e bem deste caso se manifestão os lamentaveis estragos, que em tal anno haveria por todos

Bisciola. dict. Epit. anno 124.

todos os lugares daquella Provincia.

167 E ſendo entaõ nella taõ exorbitante a perſeguiçaõ contra os Catholicos, he certo ſeria neſtes grande o diſvello de prevenirem vigilantes naõ profanaſſem os Barbaros eſta Veneravel Imagem de Chriſto Crucificado, retirando-a a parte, onde pudeſſem, quando naõ ſeguramente occultalla, por eſtarem naquella Provincia todos ao martyrio expoſtos; fialla ao menos antes dos mares, que em liquidas correntes a conduziſſem ao mais ſeguro porto, que diſpuzeſſe a Divina Providencia; pois já na Creaçaõ do Mundo andara o Eſpirito do Senhor ſobre as aguas: *Et Spiritus Domini ferebatur ſuper aquas.*

Geneſis. Cap. 1. *v.*2.

168 Eſta parece ſem duvida ſeria a occaſiaõ preciza de vir a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças, do modo que veyo da Paleſtina à Luſitania no anno de 124. por ſer nos ponderados termos veroſimil, que os Catholicos em tanta perſeguiçaõ cruelmente pelo Proconſul Antonino executada, movidos de ſuperior impulſo a conduziſſem ao porto de Jope, e lançando-a ao mar, pela naõ verem, ou deixarem expoſta aos irreverentes inſultos dos Barbaros, vir ella per ſi meſma divinamente guiada aportar em Matozinhos, ſendo diſſo demonſtraçaõ evidente o acharſe de limos cuberta, e do braço eſquerdo deſtroçada, como a antiga, e perenne tradiçaõ nos affirma.

CAPITULO XXV.

Conjectura-se adonde, e como estaria na Palestina esta Veneravel Imagem em quanto naõ chegou a occasiaõ de vir aportar à Lusitania.

169 JA' houve questaõ semelhante a respeito do Sagrado Sudario, em que Christo descido da Cruz, fora por Joseph, e Nicodemus envolto, para averiguar adonde, e como estivera na Cidade de Jerusalem, em que fora achado no anno de 1099. quando o esclarecido Gotfredo de Bulhões, na Conquista da Terra Santa, restaurou do poder dos Turcos aquella Metropole da Palestina, com gloria universal do Mundo Catholico, suppostas as repetidas destruições, que em diversos tempos haviaõ naquella Cidade, e sua Comarca succedido, tanto pelos rompimentos dos Emperadores Romanos, quanto pellas posteriores invazões dos Agarenos.

Malonius. de Stigmatib. ad Cap. 2. Paleoti a n. 1.

170 O doutissimo Daniel Malonio, tratando a questaõ, com bons fundamentos pondera, que dous annos antes de ser a Cidade de Jerusalem por Tito, e Vespasiano assolada em justo castigo da morte do Salvador do Mundo, a Igreja congregada nella, fora por Ordem Divina, mandada sahir, e passar a outra parte àlem do Jordaõ; e como tambem foy para mais completo destroço de seus Anjos da guarda desemparada, àlem de outros prodigios, que precederaõ à sua ruina, discorre o mesmo Malonio, que tambem della foraõ

foraõ tiradas as Sagradas Imagens, e mais monumentos da Religiaõ Catholica, para naõ ficarem em poder dos impios, que haviaõ de ser castigados.

171 Porém que depois de executado aquelle memoravel merecido castigo, extincto para sempre o Salamonico Templo, e sogeita a Provincia ao dominio Romano, tornando a ser por permissaõ Divina Jerusalem reedificada, e constituhido nella o Christianismo, se fora tambem continuando em piedosos progressos a Religiaõ Catholica, e reconduzido o Santo Sudario, que algum tempo estivera na Syria em deposito, e em Jerusalem permanecera, naõ obstantes as invazões repetidas, que aquella grande Cidade depois experimentara até a Conquista de Gotfredo, que o achou nella, talvez occulto, e por disposiçaõ Divîna entaõ manifesto.

172 E se todos os monumentos, reliquias, e Imagens Sagradas, que naquella tremenda occasiaõ sahiraõ de Jerusalem ameaçada para naõ ter refugio algum a sua ruina, e foraõ a outras Cidades, e Provincias mudadas, senaõ tornassem depois a recolher nella, por ficarem conservando-se algumas nas partes, a que o zelo por obediente impulso as conduzira, e ainda que occultas ao odio judaico, veneradas sempre da piedade Catholica, he certo que desta sorte permaneceraõ, e foraõ depois em diversos lugares conhecidas, como a de Christo Crucificado, que pelos annos de 740. se manifestou gloriosa na Cidade de Berito da Syria, pelo admiravel jà referido portento, com assombro notavel admira-

do no ſegundo Concilio Niceno.

173 Da meſma maneira permaneceo ignorada ao meſmo tempo, que expoſta em Cezarea chamada de Felipe, a memoravel Eſtatua, que a Chriſto erigio agradecida aquella mulher venturoſa, a que o Senhor curou do fluxo de ſangue, que mencionaõ os Sagrados Evangeliſtas; exiſtindo clara em prodigios pelos tempos de Euzebio Eſcritor Eccleſiaſtico, que a vio, e della eſcreveo. Depois emprehendeo profanalla o Sacrilego Emperador Juliano Apoſtata formando em lugar della, para a veneraçaõ publica, outra ſua Eſtatua, que ſó conſeguio ſerlhe com fogo do Ceo deſtruhida, e a de Chriſto em menos expoſto, e mais decente lugar collocada, onde ſe lhe continuaraõ, como Beyerlinch refere, adorações repetidas.

Euſebius. Hiſt. Eccl. lib. 7. cap. 14. p. mihi 165. Beyerlinch. Theatr. vit. hum. tom. 4. lit. I. tit. Imago pag. mihi. 44. a not. C.

174 Com igual veneraçaõ exiſtiaõ conſervadas por aquelles tempos outras Imagens de Chriſto, e dos Apoſtolos Principes da Igreja, e a Cadeira de San-Tiago Menór primeiro Biſpo de Jeruſalem, de que dà teſtemunho evidente o meſmo Euzebio em ſeus Eſcritos, e em Roma ſe achavaõ as de S. Pedro, e S. Paulo, quando na converſaõ do Emperador Conſtantino Magno reconheceo eſte grande Monarcha ſerem as meſmas, que em viſaõ ſe lhe tinhaõ reprezentado, manifeſtando-lhas o Summo Pontifice S. Sylveſtre na occaſiaõ de adminiſtrarlhe o Sacramento do Bautiſmo, como refere Fr. Jeronymo Roman, e outros muitos Eſcritores.

Euſebius Hiſt. Eccl. lib. 7. cap. 14. & 15. Roman. Republic. del Mundo tom. 1. Republic. Chriſtian. cap. 19. fol. mihi. 126.

175 Por eſte modo ſe colhe, e ſe faz notoriamente veroſimil, que na meſma occaſiaõ da pre-

prevençaõ dos Catholicos, que precedeo à grande destruiçaõ de Jerusalem por Tito, foy a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças huma das que se tiraraõ daquella lamentavel Cidade, a dezemparalla, e conduzida a outra parte, onde, ou à mesma Jerusalem restituhida se venerasse occulta atè os tempos do Imperio de Adriano, em que pela cruelmente continuada perseguiçaõ do Christianismo, feita executar na Asia pelo Proconsul Antonino, e proseguida com mais extremoso rigor no anno 124. do nascimento de Christo, como fica ponderado, haveria occasiaõ de ser precizo lançalla ao mar, e vir ella por Divina disposiçaõ aportar na Lusitania.

CAPITULO XXVI.

Pondera-se a razaõ, que haveria para que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças aportasse na praya de Matozinhos, e naõ em qualquer outro lugar das costas da Lusitania.

176 A Principal, e indubitavel razaõ de apparecer, e sahir a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças na praya de Matozinhos, e naõ em qualquer outra das costas da Lusitania, foy o dispolo assim a Divina Providencia, sempre admiravel, e prodigiosa sempre, mas supposto este fundamento indisputavel entremos a ponderar outras razões de congruencia, porque se faz verosimil, e notoriamente provavel,

vel, que a meſma Providencia em tudo ſoberana permitio deſtinar eſte lugar venturoſo, para ſeguro eſcolhido depoſito do ſagrado penhor da Redempçaõ do Mundo, que alli permanece ha tantos ſeculos venerado.

177 Já no principio tocamos, que o lugar de Matoſinhos fora o primeiro das Eſpanhas, que univerſalmente recebeo a Fé Catholica, annunciada nellas pelo Apoſtolo San-Tiago Mayor, a que foy deſtinada a primaria converſaõ das noſſas Provincias, ſuccedendo eſte raro portento naquella memoravel occaſiaõ, em que no anno 44. do naſcimento de Chriſto, voltando o corpo do meſmo Santo de Jeruſalem, aonde fora ſer o Prothomartyr do Collegio Apoſtolico, embarcado para Galiza com os Diſcipulos, que daqui levara, parando na altura de Matozinhos a embarcaçaõ, a tempo que na praya deſte lugar celebravaõ huns Regios contrahentes ſeus deſpozorios, foraõ, e toda a ſua Corte, que prezente ſe achava por hum prodigio admiravel convertidos.

178 E como he proprio deſte lugar, e deſte aſſumpto o caſo ſempre memoravel, ſuppoſto que o referem o Padre Frey Luiz dos Anjos, o Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha, D. Mauro Caſtellà Ferrer, e outros, aonde nem todos poderaõ vello, e ter circunſtancias dignas de particular ponderaçaõ, o repetimos, ao menos em ſubſtancia, pelo que delle ſerve ao noſſo projecto. Conſiſte pois o principal deſte admiravel ſucceſſo, em que voltando San-Tiago de Eſpanha a Jeruſalem, com os ſete Diſcipulos, que na Provincia Interamnenſe da Luſitania convertera, e havendo triunfado em

P. Anjos Jardim de Portugal n. 1. Illuſtriſſimo Cunha. Catal. dos Biſp. do Porto. 1. part. Cap. 2. a pag. 28. Caſtellà Ferrer. Hiſt. de San-Tiago lib. 2. cap. 2.

em martyrio naquella meſma Cidade, em que Chriſto remira o Mundo, emprehenderaõ os meſmos Diſcipulos, tanto por anterior recomendaçaõ do Santo, como por Divino impulſo, reconduzir o ſeu ſagrado Cadaver a eſta parte, para ter o jazigo, na em que fora Miſſionario Apoſtolico.

179 Embarcados com elle em Jope, porto maritimo da Paleſtina, e navegado em breves dias para o Occidente, o Mediterraneo, coſteando pelo Occeano a Luſitania, com rumo direito a Galiza, parou como em calmaria a embarcação à viſta do venturoſo lugar de Matozinhos, naõ por faltarlhe o vento, pois vinha celeſtialmente eſquipada, e tanto de Divinas auras favorecida, que lhe levou breviſſimos dias a derrota ſendo de extençaõ bem dilatada; mas por permitir o Ceo, que neſta eſcàlla tiveſſe San-Tiago por refreſco huma ſalva Real, como teve na converſaõ do copioſo Gentiliſmo, que naquella praya ſe achava entaõ celebrando os Regios deſpoſorios referidos, em juſtas, torneos, lanças, e outros applauſos ao antiquado uſo, que neſtas partes haviaõ introduzidos os primeiros adventicios dominantes Gregos.

180 E ſendo neſte feſtejo hum dos jogos celebrados, o a que chama o FlosSanctorum antigo de Alcobaça, *andar bafordando*; porque os Cavalleiros na praya em concertados meneyos entravaõ pelas candidas eſpumas, que ao mar coſtumaõ ſervir de creſpo bordado ao ceruleo adorno, com que gallea; ſuccedeo por alto Myſterio, que do noivo o cavallo deſperando do domante freyo os regulados preceitos, ſe arrojou ás ondas intre-

intrepido, com tanto fogo, que julgavaõ magoados os circunſtantes ao cavalleiro diſgraçadamente perdido; porèm elle prodigioſamente venturoſo chegou ſem perigo a abordar a Nào, em que com ſeus Diſcipulos eſtava o corpo de San-Tiago, e lhe ſervio de ſegura taboa a ſalvarſe, e a todo o lugar do naufragio Gentilico, por hir Deos aſſim diſpondo aquelle eſpecioſo terreno para ſoberano depoſito da Veneravel Imagem de Chriſto Crucificado.

181 Junto da Nào, entre os confuſos aſſombros de verſe na fluida inconſtancia das agoas, como em terra firme, ſeguro, notou, e advertio o Cavalleiro, que naõ ſó chegava de maritimas conchas matizado; mas que no meſmo perigo achava quem o livraſſe do ſuſto na milagroſa expoſiçaõ do Myſterio, e inſtruido nos da Fè, recebido o ſagrado Bautiſmo por hum dos Santos Diſcipulos adminiſtrado, impreſſo bem tudo no ſeu conceito, com prazer inexplicavel convertido, e por aquelle Sacramento illuſtrado; advertido finalmente do myſterioſo final, que as conchas haviaõ de ficar reprezentando feito Miſſionario Apoſtolico, triunfante da culpa, e dos mares para elle jà todos de graça, voltou em ayroſa carreira pela liquida torrente ao meſmo ſitio, donde tinha ſahido nanfragante.

182 Deſte prodigioſo caſo ſe manifeſta bem o alvoroço, com que ſeria recebido dos que o tinhaõ por perdido lamentado, principalmente da jà agora feliz eſpoſa, a que adminiſtrou logo o Bautiſmo, acreſcendo por eſte glorioſo modo ao primeiro, o ſetimo dos Sacramentos, para

que

que ambos entraſſem igualmente illuſtrados no do matrimonio, e a ſeu exemplo ſe bautizaraõ todos os mais daquelle eſclarecido congreſſo, que neſta occaſiaõ ſeria bem numeroſo, ficando por eſta maneira, naõ ſó todo o lugar de Matoſinhos a Fè Catholica convertido, mas quantos Cavalleiros, e peſſoas a elle houveſſem concorrido, e ſem demora os circumvezinhos, quaes entre outros, os da Cidade do Porto, tanto por ficar proxima, como por della talvez ſer natural a illuſtre deſpozada, e por tudo com diſpoſiçaõ o terreno de ſer por Deos eſcolhido para taõ ſoberano depoſito.

CAPITULO XXVII.

Proſegue-ſe a meſma materia, e ſe deſcreve hum Hymno que a confirma, com reflexões particulares ao aſſumpto.

183 DA verdade do ſucceſſo referido, que no Portuguez antigo trazem por extenſo os noſſos apontados Eſcritores, e o refere tambem, e approva pelas authoridades, que ſegue, e doutamente confirma o Padre Frey Paulo de S. Nicolao, parece naõ poder duvidarſe, tanto pela grande relevancia dos eſclarecidos talentos, que a deſcrevem, quanto porque a fazem ſem duvida indiſputavel os repetidos, abonados, e uniformes teſtemunhos de tres Breviarios antigos de Eſpanha, quaes o da Sè de Oviedo; o do Franciſcano Convento de S. Joaõ dos Reys na Cida-

P. Nicolas. Antigued. Eccl. de Heſp. ſigl. 1. cap. 7. á pag. 31. e cap. 8. pag. 39.

da-

dade de Toledo, e o do Real Mosteyro Benedictino de S. Cocufate dos Valles no Principado de Catalunha, em hum Hymno, que individualmente propoem o caso, e costuma rezarse naquellas Igrejas a 25. de Julho.

184 Deste Hymo vimos huma copia fielmente tirada ha mais de cincoenta annos do Breviario de Catalunha, o qual visto em todas suas clausulas concorda com o que fica ponderado sem alguma discrepancia, e desta sórte com evidencia confirmado o mesmo, que em hum Flos Sanctorum de pergaminho se achou escrito no Real Mosteiro de Alcobaça, onde acabou de tresladarse de originaes antiquissimos no anno de 1443. servindo assim de authoridade admiravel aos sobreditos Escritores para referirem delle o caso; mas porque nelles se naõacha oHymno totalmente vulgarizado, nos pareceo concernente á curiozidade, e ao assumpto o transcrevello.

Hymno de San-Tiago.

Breviario de Catalun.

158 OCciso tunc Apostolo,
Corpus tollunt divinitus,
Noctis silentis tempore
Sancti septem Discipuli.

Tunc prærufcantis luminis
Face cælesti, protinus
Instructi, Joppem properant,
In navi pignus inferunt.

Ascen-

Aſcendunt vix in littore,
Cum flavit Sanctus Angelus
Velum currentis Cymbæ
Maris calcant volumina.

Brevi, Calenſem, tempore
Portum pertingit barcula,
Quo Regum recens ſoboles
Feſtum pro nuptu peragit.

Vix ſcapham vidit Regulus
Equo quando dilabitur,
Dimiſſis retro cæteris,
Undas maris converberans.

Cunctis mare cernentibus
Natus Regis ſubmergitur,
Sed à profundis ducitur
Totus plenus conchilibus.

Sic Rex ad barcæ marginem
Peruenit ſuper globulos,
Equo inſidens aquatiles
Conchis perfuſus lucidis.

Tunc prehendens Diſcipulos,
Cauſa adventus diſcutit,
Quo pergunt cum cadavere,
Et cujus ſit; perſciſcitat.

Demum quo pacto conchilis,
Sic conſperſus evaſerit,
Devotis petit lachrimis
Pandatur ut myſterium.

Sta-

Statim proni Discipuli,
Orantes Christum supplicant,
Ut tanti eventus symbolum
Illis demonstret patule.

Auditur vox tunc illico,
Jacobo Sancto postmodum,
Futurum signum posteris
Hoc perigrinis placidum.

Tunc ergo Rex convertitur,
Salvus ad littus pervenit,
Christum cognatis prædicat,
Quos per baptismum liberat.

P. Anjos. Jardim de Portug. n. 1. p. 9.

186 Nas clausulas deste admiravel Hymno, e Historia rezumida delle, transcripta no Flos Sanctorum de Alcobaça fez o Padre Frey Luiz dos Anjos tres notaveis reparos: hum entrar este Cavaleiro pelo mar sem se affogar, nem o Cavallo; outro naõ se molhar; e outro o verse cheyo de conchas ao tempo, que junto da Nào se achou livre, e em prompta occasiaõ de salvarse na mesma, que o parecia de perderse; mas nòs reparamos mais, e reparou jà tambem o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha, em chamarlhe o Hymno naõ sò Rey; mas filho de Rey; porque o seria de algum Regulo daquelles, a que os Romanos permitiaõ esta dignidade, em quanto lhe naõ impedia a sujeiçaõ ao seu Imperiõ.

Illustrissimo Cunha. Catal. dos Bisp. do Porto 1. part. cap. 2. p. 32.

187 Naõ ha duvida, que desta sorte houve muitos Regulos em Espanha, nos tempos que a dominaraõ os Romanos. Em Braga da antiga Lusitania

ſitania o foraõ pelos proximamente ſeguintes ao noſſo caſo Cattilio, ou C. Attilio Severo pay das nove Santas Liberata, Quiteria, e outras, e Onteomero pay de Santa Engracia, e no mais interior de Galiza aquelle que perſeguio tanto aos Diſcipulos de San-Tiago depois de chegarem à meſma parte, em que ao conduzido Meſtre deraõ piedoſa ſepultura, onde havia tambem a gentilica Regula, que com igual crueldade os moleſtou, como aſſeveraõ o Padre Frey Franciſco de Bivar, e outros muitos; ſendo que ambos foraõ por admiraveis prodigios convertidos, em forma que ao Santo ſe erigio honorifico ſepulchro, e naõ menos havia em varias partes da meſma Eſpanha outros Regulos, que largamente mencionaõ as noſſas Hiſtorias.

Bivar in Dextrum.Coment.ad.ann. Chriſti 42. n. 1. pag. 88.

188 O Padre Frey Luiz dos Anjos, que entendeo ſerem os noivos deſte caſo Cayo Carpo natural da Maya, e Claudia Loba do Porto, para inſinuar os ſeus nomes, e clara nobreza, os deduz do ſeguinte ſepulchral Epitaphio.

P. Anjos loco citato.

C. CARPUS. AUG. LIB.
PALANTIANUS.
ADJUTOR CLAUDII
ATHENODORI. PRÆF.
ANNONÆ. FECIT
SIBI, ET CLAUDIÆ
LUPÆ CALENSI.
CONJUGI PIISSIMÆ
TITO. CLAUDIO QUIR.
ANTONIO, ET LIB.
CLAUDIO ROMANO

VERNÆ, ET LIBERTIS
LIBERTABUS Q. POS
TERIS Q. EORUM.

189 Na traducçaõ, que delle faz, insinua o mesmo douto Escritor querer dizer: *Cayo Carpo da Maya Liberto de Augusto Cezar, ajudador de Claudio Athenodoro Prefeito da renda dos mantimentos, fez este muimento para si, e para Claudia Loba Calense sua mulher muy pia, e para Tito Claudio Quirino, para Antonio filho, e Liberio Claudio Romano servo, que lhe nasceo em casa, para os que haviaõ sido seus servos, e estavaõ livres, assi homens, como mulheres, e para seus descendentes.*

CAPITULO XXVIII.

Continua a mesma materia do precedente Capitulo.

190 ANtes de repararmos na versaõ, que o Padre Frey Luiz dos Anjos fez ao sobredito Epitaphio, advertimos que o Padre Frey Paulo de S. Nicolao notou, depois de hum doutissimo discurso, a respeito das Inscripçoes de huma Cruz antiga, que traz copiada, que vistas semelhantes a vulto mais causaõ confuzaõ, que clareza, por serem os antigos avarentos de letras, e em lugar de se poderem suas inscripçoes ler, nos deixaraõ letras, que adivinhar, e por estarem as da parte superior da dita Cruz mais confuzas, e sem distinçaõ golpeadas, duvidou da intelligen-

P. Nicolas Antigued. Eccl.de Esp. sigl.1. Cap.8. p.41. e p.43.

telligencia, que o Bifpo Servando lhe havia dado, applicandolhe outra mais adequada: o mefmo fe bem reparamos, fe experimenta em outras muitas das defcubertas, pofto que mais claras, e menos confufas.

191 E vifto com particular attençaõ o Epitaphio de Cayo Carpo fe finaliza a regra primeira delle pela dicçaõ *LIB.* que o P. Fr. Luiz dos Anjos entendeo (e affim coftumaõ entender os Efcritores verfados em liçaõ femelhante) *Liberto.* A mefma dicçaõ *LIB.* fe ve concluindo a decima regra, que fe le toda *ANTONIO, ET LIB.* e naõ alcançamos que razaõ teve o doutiffimo Padre para fuppor, que *Antonio* era filho; mayormente porque a dicçaõ *LIB.* da decima regra, a conftruhio juntamente com as feguintes para infinuar dizerem: Liberio Claudio Romano fervo, que lhe nafceo em cafa; fazendo por efte modo entender hum fó individuo, do que talvéz eraõ dous. E ainda que naõ obftante eftar já collocada a dicçaõ *LIB.* em oraçaõ diverfa, a quizeffe conftruir *Filho*; nunca parece podia attribuirfe ao *Antonio* antecedente, vifta a forma em que fe acha tranfcripto aquelle Epitaphio.

192 Mas fuppoftas as intelligencias, que nas Infcripçoens Romanas coftumaõ darfe à dicçaõ *LIB.* fempre fe entendeo fignificar ella *Liberto*, ou *liberdade*; e fer tambem entre outras fignificações, o *Liberto* muitas vezes expreffado pela unica letra *L.* De maneira que em nenhum tempo efta letra, nem a dicçaõ *LIB.* fignificaraõ *filho*, mas *liberto*; porque *filho* em femelhantes Infcripções coftumava notarfe pelas efpeciaes abre-

Amalthea Laurentiana. in fine liter F. & L.

viaturas *F.* ou *Fl.* o que da Amalthea Onomaſtica, e outros muitos Diccionarios ſe manifeſta; e como o *Antonio* do prezente Epitaphio naõ tenha alguma deſtas ultimas notas, o naõ podemos conſiderar *filho*, nem ainda *liberto*; mas peſſoa particular, ſalva ſempre a grande authoridade de taõ abalizado Eſcritor.

193 Nos termos referidos, como a dicçaõ *LIB.* e a letra *L.* naõ coſtumavaõ ſignificar *filho*, mas *liberto*, em todas, e qualquer das Inſcripções Romanas, ſuppoſto naõ duvidemos, que a abreviatura *LB.* ſignifique, ou poſſa ſignificar tambem *liberi*, pelos filhos; naõ eſtamos com tudo neſſe caſo, porque viſto o prezente Epitaphio, tanto na primeira, como na decima regra, ſendo identica a clauzula *LIB.* que ſempre ſignificou *liberto*, e naõ havendo nelle a de *LB*; que alguma vez podia ſignificar *filho*, parece certo, que a dicçaõ *LIB.* de que tratamos, tanto em huma, como em outra parte do meſmo Epitaphio, ſignificava *liberto*, denotando a ſua repetiçaõ, diverſidade de peſſoas, e talvez de tempos, por naõ rezultar da multiplicidade de termos o defeito da redundancia, contra a Romana policia, e circunſpecçaõ latina.

194 O que bem advertido entendemos, que Tito, e Claudio, Quirites, ou da Familia Quirîna, e Antonio, que ſuppomos diverſos, por eſtarem entre ſi com pontos os ſeus nomes gravados, eraõ peſſoas diſtintas, e da obrigaçaõ de Cayo Carpo, e de ſua mulher, e que o ſegundo Claudio era actualmente ſeu liberto, e por eſta razaõ o denota o Epitaphio com a dic-

çaõ

çaõ *LIB.* a differençalo do outro Claudio antecedente jà ſingularizado pela dicçaõ *QUIR*, e Romano era ſervo naſcido em caſa, que tudo iſſo ſignifica o nome *Verna*, e para todos fez Cayo Carpo monumento, e para os Libertos, e Libertas, que vieſſe a ter, e ſuceſſores de huns, e outros, e aſſim o conſtruimos: *Cayo Carpo Liberto de Auguſto, natural, ou vezinho da Maya, Ajudante de Claudio Athenodoro Prefeito dos mantimentos fez eſte ſepulchro para ſi, e para Claudia Loba Portuenſe ſua mulher piiſſima, e para Tito, e Claudio, Quirites, ou da familia Quirina, e para Antonio, e ſeu Liberto Claudio, e para Romano ſervo naſcido em caſa, e para os Libertos, e Libertas, que vieſſe a ter; e deſcendentes de huns, e outros.*

195 Mayor difficuldade parece haver em conciliar o Hymno com o Epitaphio, para entendermos ſe Cayo, e Claudia Loba, mencionados neſte, haviaõ ſido os deſpozados, a que ſuccedera o prodigio referido naquelle, viſto como o Hymno ſem expreſſarlhes os nomes, os declara geraçaõ Regia, e ao deſpozado Regulo, e filho de Regulo, e o Epitaphio o nomea Liberto de Auguſto, e Ajudante de Claudio Athenodoro Prefeito da Annona; termos em que para a razaõ de duvidar ſe poderà achar fundamento na diſparidade dos Epitetos. Porém naõ he ainda eſta a difficuldade mayor; porque ſuppoſto Cayo Carpo foſſe Liberto, como o era de Auguſto, e eſte Monarcha fizeſſe raras vezes, e com grande attençaõ eſtas graças ſó a ſogeitos, que naõ desluſtraſſem a Mageſtade do Imperio, como delle eſcre-

vem Alexandre ab Alexandro, e Suetonio, e talvez Cayo Carpo, como prizioneiro de guerra, feito servo em conquista, qual seria a ultima dos Cantabros, que pessoalmente emprehendeo Augusto conseguiria delle, com respeito à sua qualidade, o favor de Liberto.

Alexand. ab Alex. apud Tiraquel. lib. 4. genial. cap. 10. Suetonius in Augusto Cap. 40.

196 E Liberto tal, que foy digno de contrahir matrimonio com mulher da Familia Claudia, que era Patricia, e huma das principaes do Romano Imperio; mayormente sendo nelle prohibidos entre Libertos, e Ingenuos, especialmente Patricios, os cazamentos, o que denota ser Cayo Carpo, posto que Liberto, fóra da Ordem commua deste genero; e se os Manumissos ordinarios conseguiaõ muitas vezes em Roma o serem admitidos às honras publicas, que por seus institutos só pertenciaõ aos Ingenuos, muito melhor as conseguiria hum especial Liberto em Provincia do seu dominio principiando pela de Ajudante do Prefeito da Annona, e subindo à de Regulo, como filho talvez, e successor de outro Regulo, e por essa razaõ haver nascido livre, fundamento tambem especioso para ser restituhido á Ingenuidade, e ordem Equestre com insignia de anel de ouro condecorada.

CAPITULO XXIX.

Continua a mesma materia.

197 AS sobreditas, e outras razões ponderaveis nos poderiaõ segurar serem os conjuges mencionados no Epitaphio, os pro-

proprios, a que ſuccedeo o prodigio referido no Hymno, ſe em conciliar hum, e outro monumento naõ encontraſſemos difficuldade mais relevante, que hum laborioſo eſtudo naõ pode vencer; pois diz o Hymno, que os noivos do caſo eraõ nova, e freſca deſcendencia de Reys: *Regum recens ſoboles*, o que denota ſerem de pouca idade, e pelos Romanos eſtabelecida para os matrimonios, donde emanou a que ainda ſe obſerva de Direito, era nas mulheres de 12. atè 14. annos, e nos homens de 14 atè 18. e que de quaeſquer deſtas foſſem aquelles contrahentes, o manifeſta o adjectivo *recens.* De ſorte que naõ podiaõ, nem hoje podem contrahir matrimonio mulher menor de 12. nem homem menor de 14. annos.

198 O Epitaphio affirma que Cayo Carpo era Liberto de Auguſto: *C. CARPUS. AUG. LIB.* no que ſe inſinua ſer elle de idade ao menos duplicadamente creſcida, que naõ podia reputarſe recente, e freſca; porque ſe bem advertimos, na vida de Auguſto havia de ſucceder a ſervidaõ, e a liberdade de Cayo Carpo, para elle poder intitularſe ſeu Liberto, e havia de ter idade capaz de ſentir o damno, e receber o beneficio; e como Auguſto Ceſar na computaçaõ mais extenſa de alguns Eſcritores, falleceo no anno 18. do naſcimento de Chriſto, ſe naõ foſſe no de 14. como ſentem huns, ou no de 16. como eſcrevem outros, e de qualquer delles atè o de 44. em que San-Tiago padeceo martyrio, e ſuccedeo o referido caſo, ſe tambem por outras computaçoẽs o naõ extendermos aos annos de 45. e 46. mediaraõ ao menos 26., e ao mais 32. annos, acreſcendo a

eſtes os que precizamente havia de ter Cayo Carpo ao tempo da morte de Auguſto para poder haver ſido ſervo, e liberto delle, lhe ſobia tanto de ponto a idade, que jà naõ podia reputarſe recente, e freſca para aquelles celebrados deſpoſorios.

199 Nem podemos recorrer a perſuadirnos, que Cayo Carpo ſeria Liberto de alguns dos Emperadores ſeguintes, em forma que como tal ainda em idade recente pudeſſem correſponder os ſeus deſpoſorios ao tempo daquelle prodigio; porque ſuppoſto os taes Emperadores, entre outros titulos adventicios, arrogaſſem o de Auguſtos, era como ſobrenome deduzido de Octaviano, a que o de Auguſto foy proprio, de quando com elle pelo Senado foy conſtituhido Emperador abſoluto; de ſórte que em todas as Inſcripções Romanas, em que ſe acha unicamente o nome de Auguſto, como na do prezente Epitaphio, ſe entende ſempre, e por Anthonomaſia ſer o dito Emperador Octaviano, e naõ outro algum de ſeus ſucceſſores, e por iſſo devemos precizamente entender que Cayo Carpo era Liberto do Emperador Cayo Cezar Octaviano Auguſto, o que tambem manifeſta o pronome de Cayo.

Pitiſcus. Lexic. Antiquit. Roma. tom.3. Verbo Libertini.
Calvinus. Lexic. Juris. Verbis Liberti Libertini.

200 Menos podemos recorrer a ſuppormos que Cayo Carpo ſeria Libertino filho de Liberto. Eſte era o ponto, a que ultimamente dezejava arrimarſe o noſſo diſcurſo para ſalvarmos a authoridade do Padre Frey Luiz dos Anjos; porem notadas miudamente as circunſtancias, e as differenças de Libertos, e Libertinos, que rezumiraõ todas Samuel Pitiſco, e Joaõ Calvino, como por

por antigo Direito o meſmo foſſe Liberto, que Libertino, havia com tudo a diverſidade, que o Manumiſſo ſe denominava Liberto a reſpeito do Senhor que o libertou, que ainda ficava conſervando o jus de ſeu Patrono, e Libertino a reſpeito dos mais, que nelle naõ haviaõ tido dominio, e ſuppoſto depois ſe introduziſſem algumas outras differenças, foraõ poſteriores aos tempos de Auguſto; e por eſta razaõ nas Inſcripções antigas, qual a do prezente Epitaphio, os Manumiſſos ſe intitulavaõ Libertos dos Patronos, que os manumitiraõ, e nunca ſeus filhos, ainda depois de nomeados Libertinos, ſe denominavaõ taes, pela latinidade do genitivo de *quotieſcumque*, naõ obſtante rezultarlhes tambem da liberdade dos pays o naſcerem livres; mas de reputaçaõ diverſa dos puramente Ingenuos.

201 Naõ rezulta porém diſto defeito algum ao noſſo caſo; mas ſim mais relevante, e abalizado abono, e credito mayor à nobreza, e antiguidade, tanto da Cidade do Porto, como do lugar de Matozinhos; porque de hum, e outro monumento ſe manifeſta o quanto nos tempos de Auguſto conſervava a Cidade os antigos nomes do Porto, e Calle, e ter entre outras a nobre Familia Claudia, por Claudia Loba, que poderia ſer filha de Claudio Athenodoro Prefeito da Annona mencionado no Epitaphio, e quanto ſe enganou o doutiſſimo Gaſpar Eſtaço, quando entendeo que Calle nos tempos de Antonino era lugar de pouco nome; manifeſtando-ſe juntamente, que no Concelho da Maya, que he, e foy ſempre contiguo à meſma Cidade, e onde eſtà ſituado o lugar

Eſtaço. Antiguidad. de Portug. a cap. 86.

gar de Matozinhos, havia cavalhero capaz de cazar com mulher daquella nobre familia, e haver de mais pelo tempo que o Corpo de San-Tiago voltou da Palestina para Galiza, em huma, e outra parte potentados Regulos, cujos filhos contrahissem os desposorios, em que succedeo o prodigio referido no Hymno, e serem sogeitos diversos dos de que trata o Epitaphio.

202 A quelle prodigio por todas as circunstancias admiravel, de que rezultou a total conversaõ do lugar de Matozinhos, e de toda a Nobreza do Porto, e da Maya, que nelle se achava pela occaziaõ de taõ plauziveis, como Regios desposorios, parece fez digno aquelle aprazivel terreno de ser soberano deposito do sinal mais sagrado da redempçaõ do Mundo, e se se reparar porque naõ veyo logo senaõ passados 80. annos, se deve advertir, que sempre as disposiçoẽs Divinas, em grandes casos, tiveraõ muy largas antecedencias, como a vinda de Christo ao Mundo prometida desde a criaçaõ delle, e executada depois de tantos seculos, em que foy suspirada pelos Patriarcas, e Profetas da Ley Escrita, e na da Graça, a instituiçaõ de Portugal em Reyno por Deos escolhido a dilatar seu Santo Nome no Oriente, o que só teve effeito quando depois o mesmo Senhor foy servido.

CAPI-

CAPITULO XXX.

Do que se pòde conjecturar a respeito dos nomes dos felices despozados, a que succedeo taõ milagrozo portento.

203 SUpposto que o Hymno de San-Tiago referido, e Flos Sanctorum do Mosteiro de Alcobaça copiado nesta parte pelo Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha, pelo Padre Frey Luiz dos Anjos, e por D. Mauro Castellà Ferrer, naõ declarem os nomes dos Regios noivos, a que na praya de Matozinhos succedeo o prodigioso milagre ponderado; com tudo dezejando curiosamente indagar este ponto, reparamos, que D. Pedro Seguino por authoridade de D. Servando, ambos Bispos de Orense, escreveo que o Cavalleiro deste prodigio se chamava Rivano, e fora cazado com Valeria filha de Caya Loba, de que descendiaõ os Lobeiras familia illustre em Galiza, e que por essa razaõ tomara Rivano por Armas as Vieyras, e conchas, com que do mar sahira nesta occasiaõ matizado, deixandoas em Brazaõ a seus descendentes, que successivamente as praticaraõ.

Illustris. Cunha Catal. dos Bisp. do Porto 1. part. cap. 2. a pag. 28. P. Anjos Jardim de Portug. n. 1. Castella Ferrer. Hist. de San-Tiago lib. 2 cap. 2.

204 Reconhecemos porém naõ ser solido este fundamento, para nelle podermos estabelecer a certeza de que Rivano se chamasse o noivo daquellas bodas, e fosse por isso o Cavalleiro, a que succedera taõ milagroso portento; mayormente accrescentando aquelles Escritores, que

Rivano

Rivano era filho do Emperador Augusto Cezar, havido de sua segunda mulher Cornelia, e o acompanhara na jornada da Conquista da Provincia de Galiza, aonde ficara, e contrahindo matrimonio com Valeria, filha de Caya Loba, experimentara o grande milagre na celebraçaõ de seus desposorios; porque Cezar Augusto naõ teve mulher Cornelia, e supposto contrahisse esponsaes com Claudia, a repudiou justamente intacta, e cazando com Escribonia, della teve unica filha a Julia, e nenhum da ultima mulher Livia Druzilla, como consta de Suetonio.

Suetonius. in vita Oct. Cæsar. Augusti. cap. 62. & 63.

205 De mais que se Rivano, ainda que fosse filho natural de Augusto, era homem capaz de acompanhallo na empreza da Conquista de Galiza, como esta succedesse 24. annos antes do nascimento de Christo, e o caso de que tratamos no de 44. do mesmo Senhor, havia entaõ de ter Rivano mais de setenta de idade, e porisso naõ podia ser o noivo daquelles celebrados desposorios, de que affirma o Hymno de San-Tiago, que era recente geraçaõ Regia: *Regum recens soboles*; sendo esta tambem a principal razaõ, porque jà ponderamos, o naõ podia ter sido Cayo Carpo mencionado no Epitaphio igualmente produzido; pelo que parece naõ podemos positivamente assentar em qual fosse o nome do matizado Cavalleiro, a que os Discipulos de San-Tiago administraraõ nesta occasiaõ o Sacramento do Bautismo.

206 E ainda que intentemos considerar, que Augusto Cezar, vindo à Conquista da Provincia de Galiza, teria cazualmente este filho de alguma nobre Cornelia Lusitana, ou Galega, sempre

pre encontramos a meſma difficuldade, de que precedendo o ſeu naſcimento baſtantes annos ao de Chriſto, e ſeguindo-ſe a elles quarenta, e quatro, atè o tempo da vinda do Corpo de San-Tiago para Galiza, nunca o tal filho de Auguſto podia ſer o recente noivo daquelle portentoſo caſo, termos em que naõ podemos por algum ſeguro principio aſſentar, que o referido Cavalleiro ſe chamaſſe Rivano, e talvez neſta conſideraçaõ o repugnou já o Padre Frey Felipe de la Gandara em ſeus eſcritos.

P. Gandara Armas, y Triunf. de Galizia cap. 21. pag. 222.

207 Como porem ſe diz que aquelle Cavalleiro fora cazado com Valeria filha de Caya Loba, que com alguma equivocaçaõ do pronome poderia ſer a Claudia Loba Calenſe mulher de Cayo Carpo mencionados no ponderado Epitaphio, que talvez ſeriaõ os pays de Valeria, mais congruencia haveria, e na Chronologia menos difficultoſa, ſe os referidos Biſpos de Orenſe eſcreveſſem, que Rivano filho de Auguſto, ou jà vindo de Roma, ou naſcido depois em Galiza, e foſſe nella conſtituhido Regulo, e cazado tiveſſe tambem filho do meſmo, ou diverſo nome, a tempo que contrahindo matrimonio com Valeria filha de Cayo Carpo, e Claudia Loba, e' jà depois de erecto o dito Epitaphio, em que eſta filha ſe lhe naõ menciona, pudeſſem ſer os recentes deſpoſados do caſo prezente; mas com tudo ſempre ignorado o poſitivo nome do matizado Cavalleiro, que em Matozinhos foy á Fè Catholica convertido.

208 Nem póde haver duvida em haver ſuccedido o referido caſo em Matozinhos da Provincia de Entre Douro, e Minho, e ao tempo da vinda

vinda do Corpo de San-Tiago para Galiza, e terem delle origem as conchas, que o convertido Cavalleiro, e seus descendentes tomaraõ por Brazaõ, e por Armas, e naõ do que se refere de outro Cavalleiro descendente da Loba convertida em Galiza, e talvez succedido depois no tempo dos Mouros, quando retirando-se delles, ou hindo de romaria, como alguns sentem, e tendo ao passar o Rio de Riba de Neira naquella Provincia, notorio risco, invocando nelle ao dito Santo, sahio salvo, e com conchas demonstrativas do beneficio recebido, porque o Hymno, que fica copiado, manifesta claramente, que o nosso primeiro caso succedera junto ao Porto de Calle.

Brevi, Calensem, tempore
Portum pertingit barcula,
Quo Regum recens soboles
Festum pro nuptu peragit.

209 Declarando mais, que o prodigio fora no mar, e naõ em rio:

Cunctis mare cernentibus,
Natus Regis submergitur,
Sed a profundis ducitur
Totus plenus conchilibus

O que bem reconheceo, e doutamente expende D. Mauro Castellà Ferrer na Historia de San-Tiago, e o Padre Frey Paulo de S. Nicolao nas Antiguidades Ecclesiasticas de Espanha, e se alguns Escritores, como Bernabé Moreno de Vargas, e outros

Castella Ferrer. Histor. de San-Tiago lib. 2. cap. 2.
P. Nicolas. Antiguid. Ecclesiast. de Hesp. sig. 1. cap. 7. p. 31.

tros deduziraõ as Armas dos Pimenteis, de menos antigo principio, ou foy por analoga confuzaõ de successos, ou por naõ terem noticia do nosso caso, e tradiçaõ permanente derivada delle.

Vargas. Nobleza de Hesp. Discurso 17. n. 4.

CAPITULO XXXI.

Discorre-se o mez, e o dia, em que succedeo o referido prodigio na Lusitania, e se averigua que foy no primeiro de Abril do anno de 44.

210 PRevisto jà que no memoravel anno do martyrio de San-Tiago, teve o lugar de Matozinhos a felicidade prodigiosa de ser à Fé Catholica reduzido, sendo este milagroso portento por todas as circunstancias taõ grande, parece justo indagarlhe a do mez, e do dia, em que o Ceo permitio admirasse hum prodigio, que servisse a todas as luzes de assombro; e supposta a variedade dos Ecclesiasticos Escritores, em determinarem o anno do martyrio do Santo Apostolo, assignando-o huns no anno de 46. outros no de 44. do nascimento de Christo, e averiguado exactamente por Critico Chronologico Calculo que fora no de 44. uniformemente se colhe de Breviarios, Martyrologios, e mais memorias desta materia, que o dito martyrio em Jerusalem se executara a 25. de Março daquelle anno.

211 E que naõ consentindo os Judeos se desse alli sepultura ao Sagrado Cadaver de San-Tiago, como o haviaõ permitido a Christo, e a Santo

Este-

Estevaõ o mandaraõ lançar em lugar immundo, donde cuidadosamente o recolheraõ os Discipulos, que conduzindo-o ao porto de Jope, com elle, por disposiçaõ Divina, se embarcaraõ, e o trouxeraõ a Galiza, onde se lhe formou o honorifico sepulcro, em que permanece venerado, com todas as circunstancias, que largamente referem os Escritores deste ponto, que por D. Mauro Castellà Ferrer tem sido a propria Historia reduzido, e pelo P. Frey Paulo de S. Nicolao com admiravel critica recopilado.

Castella Ferrer. Hist. de San-Tiago. præcipue ex fol. 88. P. Nicolas. Antiguid. Eccl. de Hesp. sigl. 1. cap. 7. ex pag. 28.

212 Mas como naõ podia celebrarse em 25. de Março de San-Tiago o martyrio, por ser tempo dos Azymos junto da Pascoa, em que sómente fazia, como faz a Igreja, memoria da Payxaõ de Christo; mayormente declarando o Santo Pontifice Calixto II. que não só conseguira San-Tiago o triunfo no mesmo dia, em que o Divino Verbo encarnara; mas que fora sentenciado, e morto as mesmas horas, em que Christo consumou a redempçaõ humana, determinou a Igreja que a 25. de Julho se celebrasse do nosso Santo o Natalicio. Por isto entenderaõ o Bispo Equilino, e outros Escritores, que neste dia fora a tresladaçaõ, e chegada do Sagrado Cadaver de San-Tiago de Jerusalem a Galiza; mas sem a reflexaõ de advertirem, ser grande a distancia de tempo de 25. de Março a 25. de Julho, para supporse que todo se occupara em navegaçaõ, que sem duvida foy prompta, breve, e milagrosa.

Calixtus 2. Tract. de Tribui. solemnitat. S. Jacobi.

Equilinus Catal. Sanctorũ lib 6. cap. 133

213 D. Mauro Castellà Ferrer, advertindo jà neste ponto, o illustrou doutamente na sua Historia de San-Tiago, e segundo as authoridades do Ponti-

Castella Ferrer. Hist. de San-Tiago. lib. 2. cap. 3.

Pontifice Calixto II. e do Breviario Compoſtellano, averigua que ao ſetimo dia depois do ſeu martyrio, chegara o Santo Cadaver a Galiza, correndo jà o mez de Abril do anno do meſmo martyrio, e que o celebrarſe a ſua feſta em 25. de Julho, procedia de que neſte dia o tresladaràõ ſeus Diſcipulos de Iria Flavia a Compoſtella, e aſſim o affirma Baronio, que juntamente declara, que a trasladaçaõ de Jeruſalem a Galiza, em 30. de Dezembro a celebra a Igreja; e tambem porque no meſmo dia, entende D. Mauro, fora depois deſcuberto o ſeu ſepulcro pelo Biſpo Theodomiro, reinando em Eſpanha D. Affonſo o Caſto, que por eſta occaſiaõ, ſendo-lhe notorio, veyo de Oviedo a Compoſtella reconhecer o prodigio, pela qual tambem erigio a San-Tiago honorifico Templo, e lhe fez a notavel doaçaõ copiada na meſma Hiſtoria.

Baronius. in Notis ad Martyrol. Roman. die 25. Julii.

Caſtella Ferrer. lib. 3. cap. 1. fol. 213.

214 Iſto parece ſem duvida certo, por ſer veroſimil, que o tempo, que mediou desde o principio de Abril até 25. de Julho, todo foy neceſſario aos Diſcipulos para converterem em Galiza os Regulos, que haviaõ de dar a licença, e o lugar da ſepultura, tudo à força dos eſtupendos milagres, que referem as Hiſtorias, e os Hymnos deſta materia, lavrarſe-lhe a Capella, e o ſepulchro de fino, e polido marmore, e concorrerem a conſagrallo os mais Diſcipulos, que refere Sampiro, que haviaõ ficado em Eſpanha, continuando por varias partes della a Miſſaõ Apoſtolica. Nem era poſivel que huma navegaçaõ taõ feliz, que à ſua bonança concorreo com auras celeſtiaes a Divina Providencia, e a que ſerviraõ de Pilotos os

Sampirus Aſturicenſis apud Sandovalem. pag. 60.

Eſpiritos Angelicos, ſe dilataſſe quatro mezes de Jope a Iria Flavia.

215 Neſtes termos he certo, que a navegaçaõ ſe ſeguio logo ao martyrio, e que em breviſſi no tempo foy concluida. O Breviario antigo de Salamanca por Frey Paulo de S. Nicolao apontado, diz que deſpois de ſeis dias aportaraõ aquelles venturoſos navegantes em Galiza; e o Compoſtellano por D. Mauro Caſtellà Ferrer produzido, affirma que depois de ſete dias nas ſeguintes clauzulas.

P. Nicolas Antiguid. Eccl. de Heſp. ſigl. 1 cap. 7. p. 33. Caſtella Ferrer. Hiſt. de San-Tiago lib. 2. cap. 3. fol. 128.

Navis parata mittitur
Illis à Deo marium,
Corpus in ea ducitur
Per maris longum ſpatium.
Poſt dies ſeptem Iriæ
Portum intrantes gaudio,
Omnes Cæleſti Curiæ
Laudes cantant tripudio.

Facilmente ſe conciliaõ eſtes pontos, conſiderando-ſe que os ſeis dias foraõ os de navegaçaõ ſeguida, e corrente, como de vento em popa, e ſete entrando nelles o dia, em que a embarcaçaõ eſteve myſterioſamente em calmaria na altura de Matozinhos parada, e ſuccedeo o prodigio referido.

CAPI-

CAPITULO XXXII.

Proseguese a mesma materia.

216 PAra mais clara inteligencia da verdade proposta, he de notar, que toda ella com evidencia se manifesta, e sem duvida se confirma pelo proprio Hymno, que fica copiado, porq̃ tambem consta, que logo que San-Tiago em Jerusalem padeceo martyrio, os sete Discipulos, que o tinhaõ acompanhado de Espanha á Palestina, divinamente avizados, no mais alto silencio da noute o recolheraõ com reverente obzequioso disvello.

Occiso tunc Apostolo
Corpus tollunt divinitus,
Noctis silentis tempore,
Sancti septem Discipuli.

217 E logo entaõ tambem por Numen celestial instruidos, a pressa damente conduziraõ o Santo Cadaver ao porto de Jope, onde com elle se embarcaraõ em Náo que destituida de humanas equipagens acharaõ prompta para conforme a superior instrucçaõ o conduzirem por mar a Galiza.

Tunc prærufcantis luminis
Face Cælesti protinus
Instructi, Jopem properant,
In na vi pignus inferunt.

218 O *Tunc* de hum, e outro versiculo: o

Protinus, e o *Properant* do segundo, manifestaõ bem que logo que o Santo foy martyrizado, o recolheraõ os Discipulos, e sem demora o conduziraõ a Jope, onde embarcaraõ. E he muito de ponderar, que sendo em 25. de Março o martyrio, e logo o cadaver pelos verdugos lançado em lugar exposto, sem se lhe permitir sepultura, se seguio, que no alto silencio, que bem se colhe seria já depois da meya noite daquelle dia, o aprehenderaõ, e partiraõ sem dilaçaõ para Jope, que distando de Jerusalem quarenta milhas, conforme Felipe Ferrario, ou pouco menos de trinta e cinco, como sente seu addicionador Miguel Antonio Baudrand, que saõ as treze legoas, que se inferem, do que escreve Borchardo, se poderia gastar nesta diligencia, e na do embarque todo o seguinte dia 26. de Março.

Ferrarius. Lexic. Geographic. lit. I. Borchardus. Descript. Terræ Sanctæ 1. part. Cap. 7. §. 55.

219 Mayormente havendo as memorias, e a tradiçaõ, que D. Mauro Castellà Ferrer escreve, de que na mesma embarcaçaõ trouxeraõ tambem os Discipulos de San-Tiago a Ara de marmore branco, sobre que diziaõ Missa, e huma columna do mesmo marmore, que como taes se veneraõ no Mosteyro de S. Payo de Antealtares em Compostella, sendo por estas razões verosimil, que em tudo concluiriaõ o dito dia 26. de Março, e seguirse que ligeiramente, e com trabalho embarcados proseguiraõ felizmente a derrota.

Ascendunt vix in littore,
Cum flavit Sanctus Angelus
Velum currentis Cymbæ
Maris calcant volumina.

220 Conforme ao referido, e racionavel contextura defte fingulariffimo Hymno, partiria de Jope em 27. de Março, e chegando em breve tempo ao mar de Portugal ao fexto dia da viagem, e acalmando a embracaçaõ por Divino Myfterio na altura de Matozinhos, a tempo, que na fua praya fe folemnizavaõ os fobreditos defpoforios, fuccedeo nelles o admiravel prodigio ponderado.

> Brevi, Calenfem, tempore,
> Portum pertingit barcula,
> Quo Regum recens foboles
> Feftum pro nuptu peragit.

221 E bem fe infere fucceder ifto ao fexto dia, vifto que no fetimo chegaraõ a dezembarcar em Iria Flavia, e naõ menos fer todo aquelle neceffario a poder fer plenamente inftruido na Fè, e baptizado o defpozado Cavalleiro com todas as circunftancias, que refere o Hymno, e fer a viagem de fete dias, entrando efte no numero delles, pelo que tudo recenceada com bem advertida attençaõ efta conta, della claramente fe manifefta, que no primeiro de Abril do anno, em que San-Tiago padeceo martyrio, fuccedeo em Matozinhos aquelle cafo admiravel, de que refultou fer todo o lugar à Fé Catholica convertido, e que a dous do mefmo mez dezembarcaraõ em Galiza os Difcipulos do Santo Apoftolo, e talvez permittiffe Deos, que logo ao entrar na altura defta Provincia, que entaõ principiava do Rio Douro, qual trovaõ da Divina Graça, deffe hum taõ eftrondofo final de vir a ella fepultarfe.

222 Feliz ditoſo dia foy para os moradores de Matozinhos o primeiro de Abril do anno de 44. digno por certo de eterna, plauſivel, e ſempre memoravel chronologia; aſſim como dahy a oitenta annos o foy o dia tres de Mayo do de 124. em que no meſmo lugar aportou a Veneravel Imagem de Chriſto Crucificado, e o de vinte e cinco tambem de Mayo do anno de 174. em que na meſma parte appareceo o braço, de que havia chegado diminuto, como fica ponderado. Feliz mil vezes tal dia, em que taõ copioſo rebanho, pelo Sacramento do Bautiſmo, ſe recolheo ao ſalutifero gremio da Igreja Catholica, com aſſombro fatal do Tartareo Abyſmo, e felices tambem igualmente os outros dous dias referidos, em que por ambos, e qualquer delles adquirio, e conſerva eſte venturoſo lugar o Soberano penhor da mayor gloria, no expreſſo retrato do Redemptor do Mundo.

CAPITULO XXXIII.

Proſegue-ſe a ponderar a razaõ de ſahir o Senhor de Bouças em Matozinhos.

223 Sendo, como fica viſto, o lugar de Matozinhos o primeiro das Eſpanhas, que univerſalmente recebeo a Fè Catholica, baſtante razaõ de congruencia parece havia para nelle mais que em qualquer outro permittir Deos aquelle depoſito; e a razaõ deſta razaõ ſeria, que como neſta Provincia de Entre Douro, e Minho havia San-Tiago Mayor principiado a Miſſaõ Apoſtolica, apor-

tan-

tando para isso em algum dos portos maritimos della, conforme a melhor opiniaõ de gravissimos Escritores nossos, quaes o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha, o Licenciado Jorge Cardozo, o Doutor Antonio de Souza de Macedo, Frey Bernardo de Brito, Gaspar Estaço, o Padre D. Nicolao de Santa Maria, e dos Espanhões outros muitos, circunstancia tinha relevante este venturoso lugar, que o constituhia jà com disposiçaõ digna de tanto portento.

224 Quantos Escritores affirmaraõ a vinda de San-Tiago a Espanha, reconheceraõ todos, que annunciara a luz da graça em Braga, e em ella instituhira o primeiro Bispo, que houve nestas Provincias, e assintindo muitos em que o seu dezembarque fora em porto da de Galiza, nenhum se encaminhou a conjecturar individualmente, em qual dos della seria. Estevaõ de Garibay se intrometeo a dizer, que San-Tiago principiara a Missaõ Apostolica pelas Asturias, insinuando assim, que em porto dellas dezembarcara primeiro, a que sem duvida o moveo a inclinaçaõ de ser dalli natural; porem de nenhuma sórte se faz verosimil, que vindo o Santo de Levante pelo Mediterraneo, e lado meridional de Espanha fosse com rodeyo taõ largo dezembarcar primeiro no extremo do lado septemtrional da mesma Espanha a que vinha destinado, e nisto se fundaõ melhor os que entendem dezembarcara primeiro em algum dos portos do Mediterraneo.

225 Mas examinando sem particular inclinaçaõ este ponto, se as causas se conhecem pelos effeitos, se fazem à ponderaçaõ taõ grandes

Illustrissim. Cunha Trat. de Primatu Bracar. cap. 11. n. 1. Hist. Eccl. 1. part. cap. 14. n. 1.

Card. Agiol. Lusit. nas Advert. ao tom. 1. §. 4. a pag. 11.

Macedo. Flores de Hesp. cap. 9. Excel. 2. fol. 73. & in Lusit. Liberat. Proœm. 1. a n. 16. p. 33.

Brito Monarch. Lusit. 2. p. lib 5. cap. 3.

Estaço Antiguidad. de Portug. cap. 68 n. 10.

Santa Maria Chronic. dos Coneg. Regrant. lib. 5. cap. 1. n. 2.

Garibay Compend. Hist. de Hesp. lib. 7. cap. 12.

o da total converſaõ do lugar de Matozinhos ao tempo que para Galiza paſſava o Sagrado Cadaver de San-Tiago, e o permitir Deos, que o meſmo lugar, mais que outro, foſſe, e ſe conſervaſſe ſempre ſoberano depoſito da Veneravel Imagem de Chriſto Crucificado, que parece fazem veroſimil a conjectura de que de tudo foy cauſa primaria o haver tambem o Santo a primeira vez dezembarcado neſte lugar, e delle paſſar logo a Braga, hum dos grandes Emporios de Eſpanha, a que entaõ principalmente ſe encaminhava o ſeu dezignio, para que deſta ſorte em continuada ſerie de prodigios ſuccedeſſe, que na meſma parte, onde o Santo dezembarcara para a converſaõ de Eſpanha quando vivo, na meſma paraſſe, quando jà morto a ella vinha reconduzido, para a total converſaõ do lugar, em que aportara primeiro, e por iſſo do meſmo Senhor eſpecialmente attendido para taõ ſoberano depoſito.

226 Na conformidade deſte diſcurſo, viſto naõ haver a encontrallo poſitiva certeza de porto individual, em que San-Tiago dezembarcara, ſendo verdade infalivel, que veyo embarcado, e aportou em Eſpanha, ſe naõ faz impoſſivel que dezembarcaſſe no lugar de Matozinhos, por aver nelle a barra do Rio Leça, poſto que nos prezentes ſeculos menos conhecida, por ſó ſer frequentada a do Douro, que lhe fica proxima; e naquelles tempos o eraõ todas as da Coſta Occidental da Luſitania atè os fins de Galiza, mayormente ſendo entaõ as embarcaçóes ordinariamente mais pequenas, e as fozes dos rios mais largas, e por tudo veroſimil ſer eſta a cauſa primaria daquelles

glo-

gloriosos effeitos; porque em tudo o pela Divina Providencia disposto, ha, e houve sempre particulares, e grandes mysterios.

227 Digno parece de reparo, que ao Rio Leça dessem alguns dos nossos antigos na lingoa latina os nomes de *Celandus*, *Lethe*, e ultimamente o de *Lecia*, ou *Lœcia*, que todos aponta o Padre Frey Pedro de Poyares em seu Diccionario, e como nos dous primeiros houve talvez engano, por elles o serem proprios dos Rios Cavado, e Lima nesta mesma Provincia, ficou sendo só proprio do Leça o terceiro *Lœcia*, que os nossos Padres Pedro de Mariz, e Joseph Pereyra Bayaõ entenderaõ ser derivado de *Lætitia*, pela jucunda alegria, que causavaõ á vista os amenos arvoredos de suas margens; porém sendo, como he commua esta circunstancia, e o foy sempre a todos os Rios de Entre Douro, e Minho, que della naõ derivaõ seus antigos nomes, se manifesta proceder de mais alta etymologia o de Leça, e deduzirse mais propriamente da universal alegria, que rezultou a toda a Espanha, de que por este maritimo Occidental Orizonte, lhe amanhecesse a luz da Graça annunciada pelo seu Sol Apostolico.

Poyares Diccion. Lusitan. Latin. lit. L. Verbo. Leça p. 247.

Mariz Hist. de S. Joaõ Sahagum 1. part. cap. 11. fol. 58. vers.

Bayaõ Portugal Glorioso. lib. 3. n. 22. p. 193.

228 Derivarse hia tambem particularmente o nome de Leça da alegria especial, que a todo o lugar resultasse, tanto pela feliz entrada do Apostolico Sol por elle em Espanha, quanto pelo raro prodigio da plenaria conversaõ, em que o mesmo, havendo alli ostentado as primeiras luzes do berço, as completou mais brilhantes no Occaso, laureando-se depois os triunfos da Graça, com vir depositarse nelle a Veneravel Imagem do Autor

r della. E se antes disso houvesse tido o rio *Leça* o mesmo nome, ou o de *Lethe*, alludindo ao prazer, e descanço, com que os Antigos suppunhaõ, que esquecidas as Almas dos males da vida, passavaõ do *Lethes*, que era o rio *Lima*, aos Campos Elysios, situados nesta Provincia, como entre outros bem mostra o Doutor Antonio de Sousa de Macedo, sempre se manifesta, que em hum, e outro tempo, tanto no Gentilico, como no Catholico, teve o nome do rio *Leça* glorioso alegre motivo.

Ma... Hesp. cap. 1. Excel. 6.

CAPITULO XXXIV.

Continua a mesma materia com algumas particulares excellencias da Provincia de Entre Douro, e Minho.

229 VIsto como Deos piedosamente foy servido favorecer tanto o lugar de Matozinhos, e enriquecello com o precioso thezouro, que nelle ha tantos seculos se conserva, continuando em ponderarmos, que pelos effeitos se conhecem as causas, parece que as muitas, e grandes, excellencias desta Provincia de Entre Douro, e Minho, em que o dito lugar se comprehende, manifestaõ bem o quanto ella, naõ só desde a Redempçaõ do Mundo, mas da Criaçaõ delle foy sempre da Divina Providencia especialmente adornada, e attendida. Desde a Criaçaõ o persuadem a bondade admiravel do seu clima, a fertilidade prodigiosa do seu termo, o ameno recre-

Mendes Sylva Poblac. gener. de Hesp. Descr. de Portug. cap. 1. fol. 144. vers.

recreyo de ſeus prados, o ſuave manancial de ſuas fontes, a prateada corrente de ſeus rios, o rico mineral de ſeus montes, e tudo o mais que della em compendio referem Rodrigo Mendes Sylva, Gaſpar Eſtaço, Joaõ Salgado de Araujo, Joaõ Vazeo, e outros.

230 Deſde a Redempçaõ do Mundo o inſinuaõ tambem alèm das excellencias, que ficaõ ponderadas, as muitas que ſe ſeguiraõ aos primeiros orizontes, com que a luz da Graça amanheceo neſte emisferio, como a de haver nelle inſtituido San-Tiago Mayor o primeiro Biſpo deſtas Provincias, qual foy S. Pedro de Rates em Braga, fundamento verdadeiramente indiſputavel da Primazia das Eſpanhas. Neſta Provincia eſcolheo logo o Santo Apoſtolo os nove principaes Diſcipulos, ſete dos quaes voltando com elle a Paleſtina, reconduziraõ ſeu corpo à Regiaõ Occidental, em que deſcança, como entre muitos bem pondera Frey Luiz de Souza, o Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha, Frey Bernardo de Brito, Antonio de Souza de Macedo, e Jorge Cardozo.

231 Neſta Provincia foy S. Pedro de Rates Arcebiſpo de Braga, e Primaz das Eſpanhas o Prothomartyr naõ ſó dellas, mas de toda a Europa, como por naõ multiplicarmos authoridades, affirma o referido Jorge Cardozo. Nella foy tambem o primeiro Eremita da meſma Europa S. Felix, que deo piedoſa ſepultura ao precioſo Cadaver daquelle Santo, como alèm de outros, certifica o ſobredito Eſcritor. Della foraõ naturaes as Santas nove Irmãs Liberata, Quiteria, e outras naſcidas todas de hum parto, que floreceraõ no principio de

Eſtaço Antig. de Portug. cap. 56. e 72.
Araujo ſuceſ. Milit. lib. 1. cap. 1.
Vaſæus Chronic. Hiſp. cap. 8. n. 10.
Souza Hiſt. de S. Domingos 1. part. lib. 6. cap. 1.
Illuſtriſſimo Cunha Tract. de Primat. Brac. cap. 11. n. 3. a p. 48.
Brito Monarch. Luſit. 2. part. lib. 5. cap. 3. p. mihi 19.
Macedo Flor. de Heſp. cap. 9. Excel. 2. e 3. a fol. 73. & 75.
Card. Advert ao 1. tom. dos Agiol Luſit. §. 4. pag. 12.
Cardozo ditto Agiol. Luſit. tom. 2 dia 26. de Abril pag. 718. e tom. 1 dia 1. de Sant.

de Segundo seculo da Epoca Catholica, de que fazem mençaõ o Padre Frey Paulo de S. Nicolao, e outros muitos; sendo de advertir que todas padeceraõ martyrio dentro dos limites da Provincia de Galiza, e naõ nas varias, e externas, que errada, e confuzamente lhe assinaraõ muitos dos Escritores, que trataraõ desta materia, de que já a outro intento, fizemos Dissertaçaõ copiosa.

232 Da mesma Provincia, e da Villa de Guimaraes della foy natural S. Damaso primeiro Pontifice, que as Espanhas deraõ a Roma, assumpto no anno 367. da Redempçaõ humana, como bem mostra Gaspar Estaço, Antonio de Sousa de Macedo, e he de notar se enganaraõ muito os que o fizeraõ natural da Idanha, por naõ advertirem, que o proprio nome latino antigo della foy *Igaditania*, e Guimaraes o teve de *Egita*, de que se derivava a seus naturaes o de *Egitanenses*, e foy Cidade nesta Provincia, como escreve o Padre Joaõ de Mariana, e affirma Felippe Ferrario, e o que mais he, que foy Cidade Episcopal; mas essa demonstrativa averiguaçaõ naõ he do prezente argumento.

233 Natural desta Provincia foy S. Rozendo, o primeiro das Espanhas pela Igreja canonizado com as solemnidades, que a mesma pratica, como entre outros referem o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha, e Jorge Cardozo. Nella teve o nascimento aquelle esclarecido Principe, o Serenissimo D. Affonso Henriques, por Christo instituido primeiro Rey de Portugal, para as gloriosas emprezas, que no Campo de Ourique foraõ celestialmente estabelecidas, e tem jà sido no Mundo

e seu comment. p. 1. c 5. P. Nicolas Antiguid. Eccl. de Hesp. sigl. 2. cap. 8. a pag. 119. Estaço Antig. de Portug. cap. 18. n. 1. Macedo Flor. de Hesp. cap. 9. Excel. 10. ex fol. 93. Mariana de de Rebus Hisp. lib. 4. cap. 19. Ferrarius Lexic. Geographic. lit. E. Verbo. Egita. Illustrissimo Cunha Catal. dos Bispos do Port. 1. part. cap. 13. pag. 160. & 163. Cardozo Agiol Lusit. tom. 2. com. ao 1. de Março lit. C. a pag. 13.

do

do, com aſſombro admiradas; mas tudo maravilhoſos effeitos das referidas prodigioſas cauſas. De ſórte que eſtando eſte Reyno ſituado na melhor parte de Eſpanha, e ſendo o primeiro, em que fóra de Judea, e Samaria, ſe annunciou a Fé Catholica, e geralmente ſe conſtituhio nella, foy ſempre em todos os tempos eſta Provincia, a por onde tiveraõ principio tantas glorias.

234 Diſto procedeo ſem duvida a grande ſantidade, e piedoſa Religiaõ, que admiraraõ ſempre os noſſos Eſcritores neſta Provincia, que tendo dezoito legoas de comprimento, e doze de largo, nas partes em que o he mais, comprehende duas Cidades, trinta e quatro Villas, e immenſidade de aldeas, com mil e quatro centas e ſeſſenta, ou mil e quinhentas Paroquias; mais de cento e trinta Moſteyros de varias Religiões, cinco Collegiadas, Ermidas, e Oratorios ſem numero; dezoito caſas de Mizericordia, vinte, e outo Hoſpitaes, ſendo alguns delles Albergarias. Nella ſe achaõ depoſitados quatorze Corpos de Santos, e ſaõ ſeus naturaes, onze Canonizados; e o mais que rezumem Joaõ Vazeo, Gaſpar Eſtaço, Duarte Nunes de Leaõ, Joaõ Salgado de Araujo, Manoel de Faria, e Souza, e outros muitos, e por naõ dilatarmos eſte ponto, concluimos em noticiar que na Cidade do Porto ha huma Capella de Santo Antonio vinculada em Morgado, e de ſua inſtituiçaõ conſta ſer a primeira, que em Portugal ſe erigio em honra deſte Santo.

Vaſæus Chronic. Hiſp. cap. 8. n. 10. fol. 14.
Eſtaço Antig. de Portug. cap. 56. a n. 1.
Nunes de Leaõ. Diſcripçaõ de Portug. cap. 34. a fol. 65.
Salgado de Araujo ſucceſſ. Milit. cap. 1.
Faria Epit. das Hiſt. Portug. part. 4. cap. 2. a pag. mihi 342.

CAPI-

CAPITULO XXXV.

Do culto, que teria esta Veneravel Imagem desde o tempo de sua appariçaõ em Matozinhos, atè o da entrada dos Suevos, e outras Nações sepemtrionaes em Espanha.

235 DEsta questaõ jà protestamos tocar sómente o que for precizo ao nosso assumpto, por ser a melhor, e mais exacta averiguaçaõ da Disciplina Ecclesiastica em Portugal, por aquelles tempos da primitiva Igreja, dignissimo emprego ao esclarecido talento do Real Academico o Illustrissimo D. Francisco de Almeyda, que com admiravel indagaçaõ o tem illustrado, e como os fundamentos deste agigantado Atlante em seu instituto se firmaõ em assentar, como regra geral, que as Igrejas de Espanha atè o tempo do primeiro Concilio Niceno se conformavaõ na Disciplina com a de Roma, e de todo o Occidente, he certo que em Matozinhos se havia de dar à Veneravel Imagem de Christo Crucificado o mesmo reverente culto, que a Igreja Romana praticava desde o seu nascimento.

D. Francisco de Almeyda. Disciplin. Eccl. de Hesp.

236 Mayormente, que havendo San-Tiago Mayor annunciado com a Fè Catholica, o culto, e a veneraçaõ das Sagradas Imagens nesta parte da Lusitania, como fica visto, e levando della comsigo à Palestina dos Discipulos, que cà escolhera, os sete, que reconduziraõ seu martyriza-

rizado corpo a Galiza, e voltaraõ depois a Roma, donde vieraõ pelos Santos Apostolos Pedro, e Paulo ordenados Bispos, no que assenta o commum dos Nacionaes Escritores, he sem duvida que estes, naõ só instruidos por San-Tiago, mas pelos Principes da Igreja, haviaõ de continuar a estabelecer nesta Provincia, e em todas as de Espanha, a mesma Religiaõ, e o mesmo culto, que o seu Santo Mestre havia nellas introduzido.

237 E para que a mesma Fé, e o mesmo culto permanecessem firmemente em nossas Provincias, permittio a Divina Providencia, que tambem depois viessem S. Pedro, e S. Paulo a Espanha. De hum, e outro o certifica Frey Francisco de Bivar fundado nos irrefragaveis testemunhos, que aponta, além dos quaes o affirmaõ gravissimos Escritores, que por muitos naõ repetimos: como porém todos, ou os mais delles, mostraõ que estes Santos Apostolos naõ só trouxeraõ Imagens sagradas; mas que em varias partes das em que prégaraõ, erigiraõ Igrejas, em que deixaraõ Bispos, como San-Tiago havia deixado em Braga, e outras Cidades de Espanha, se manifesta havellas nella desde os tempos da primitiva Missaõ Apostolica, e em todas a mesma Ecclesiastica Disciplina; e naõ havia de deixar de havella em Matozinhos, pelas primarias razões jà ponderadas.

Bivar. in Dextrum. Coment. ad ann. Christi 50. n. 1. p. 100. Et coment. ad ann. 64. n. 3. & 4. a p. 123.

238 E tanto as houve com Disciplina Ecclesiastica, naõ só em Matozinhos, e mais partes, e Provincias de Espanha, mas em todo o Orbe Catholico, desde os principios da Conversaõ das mesmas Provincias, que porisso as infestavaõ, e perseguiaõ os Emperadores, e Magistrados Gentilicos;

tilicos; porèm pela Providencia Divina, com taõ pouco effeito, que huns ſe reſolveraõ a diſſimullalas, e outros tiveraõ animo, e vontade de admittillas, ſe algumas erradas politicas do Mundo lho naõ encontraraõ; mas com tudo continuou ſempre, em augmentado, e glorioſo expediente a Religiaõ Catholica, na forma que jà largamente temos moſtrado na proſeguida ponderaçaõ do prezente aſſumpto.

239 Manifeſta-ſe claramente o referido, ſe conſiderarmos a prodigioſa immenſidade de Santos Martyres, que houve em todas eſtas Provincias, de que eſtaõ bem cheas as noſſas Hiſtorias, em tanta fórma, que principiando em tempo de Nero eſte memoravel deſtroço, foy jà nelle taõ exceſſivo, que por iſſo ſe lhe erigio em Eſpanha, como padraõ do mais eſclarecido triunfo, aquella arrogante memoria, que entre outros traz copiada o Cardeal Cezar Baronio; mas como a Religiaõ Catholica, ao meſmo paſſo, que a cega Gentilidade a ſuppunha extincta, proſeguia mais vigoroſa, reſpirando como Feniz nos incendios da graça, agitada dos eſtimulos nas ſagradas Imagens reprezẽtados, fez crecer nas cõtinuadas perſeguições da Igreja a multiplicados eſquadrões os ſeus alumnos, com aſſombro fatal do Tartareo Abyſmo.

Baronius. Annal. Eccl. tom. 1. da impreſſaõ de 1591. Anno Chriſti 69. pag. mihi 772.

240 E ſendo a Provincia de Entre Douro, e Minho, taõ eſpecial em tudo, que deo logo à Igreja em S. Pedro de Rates o primeiro Martyr da Europa: em S. Felix o primeiro Eremita: nas Santas nove Irmãs Liberata, Quiteria, e outras jà referidas as primeiras Anachoretas: Em S. Damaſo o primeiro

primeiro Pontifice Efpanhol a Roma. Em S. Rozendo o primeiro Santo folemnemente canonizado, e no Princepe D. Affonfo Henriques o primeiro Rey a Portugal por Deos efcolhido; fe faz certo que o foy tambem na Religiaõ, e no culto, e por tudo evidente, que aportando a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças no anno de 124. em Matozinhos, a levaraõ em prociffaõ á Igreja os Catholicos, inftituindo-lhe os feftejos, e continuando-lhe os reverentes obzequios permitidos, e praticados naquelles tempos.

CAPITULO XXXVI.

Do que fuccedeo na entrada dos Suevos, e outras Nações Barbaras em Efpanha.

241 A Refpeito da entrada dos Suevos, Vandalos, Silingos, e Alanos em Efpanha, como houve diverfidade nos Efcritores em affentar o anno prefixo della, fe faz digno de ponderaçaõ, que Idacio Bifpo Lamecenfe, e Efcritor, que vivia naquelles tempos a affina no principio, ou primeiro anno da Olympiada 297. que correfponde ao de 409. do nafcimento de Chrifto, como bem adverte o Padre Sirmondo da Companhia de JESUS na expofiçaõ das Notas daquelle Chronicon anterior á fua impreffaõ do anno de 1619. e o mefmo fe colhe da de Frey Prudencio de Sandoval no anno de 1634.

Idatius. in Chronic. apud Sirmondum, & Sandovalium. Olymp. 297.

242 Joaõ Vafeo rezolvendo-fe a feguir nefta

Vafæus. Chronic. Hifp. Anno Chrifti 410.

ta parte a Paulo Orosio Escritor tambem Espanhol, e comtemporaneo, assina esta entrada no anno 410. da nossa Redempçaõ; e supposto que em taõ pequena differença a respeito da de outros Escritores, pareça desnecessario demorar nesta questaõ; com tudo a larga reflexaõ, que a favor da curiosidade fizemos nella, nos move a advertir que nos pareceo melhor, e mais exacta a computaçaõ de Idacio, tanto pela apontada advertencia do Padre Sirmondo, como por mais bem ajustada à Chronologia dos tempos.

243 A diversidade dos Escritores em assinar o anno da entrada destas Nações Septentrionaes em Espanha, entendemos procedeo da que tiveraõ em darem principio certo às Olympiadas; huns regulando-o pelos annos do Mundo, em que houve confusaõ grande; outros principiando-as como de Censorino aponta Agustinho Calmet, no anno 772. e outros no de 775. antes do nascimento de Christo, como os Padres Joaõ de Bussieres, e Antonio Maria Bonucci da Companhia. Porém isto naõ pode subsistir; porque a qualquer daquelles annos, juntandose-lhe os de 409. ou 410. da Epoca Catholica, coincidem com as Olympiadas 295. e 296. e aquella entrada foy na Olympiada 297.

Calmet. Dicion. Biblic. tom. 2. Verbo. Olympias Bussieres Floscul. Histor. Areol. 5. Anno Mundi 3278. pag. mihi 44. Bonucci. Epit. Chronol. lib. 1 cap. 8. a p. 42

244 O Padre Frey Alonso Venero averigua, que as Olympiadas tiveraõ principio no anno 780. antes do nascimento de Christo, a que juntos os 409. do mesmo Senhor somaõ 1189. e repartidos estes pelo numero 4. rezulta a de 297. que he a propria Olympiada daquella entrada, e o 1. que cresce da repartiçaõ denota o haver sido

Vener. Enchiridion de los tiempos. fol. mihi 4. vers.

ſido no anno primeiro della, em que juſtamente a refere Idacio; e nem poriſſo na ſubſtancia encontra ao ſentir de Oroſio; porque como a entrada daquelles Barbaros em Eſpanha foy pelos Pyrineos, e no principio de Outubro do anno de 409. vieraõ devaſtando até à Conquiſta de Toledo, e o Cerco de Lisboa, haviaõ de chegar a eſtas ultimas partes os ſeus progreſſos jà no anno de 410. ſegundo da meſma Olympiada 297. ficando aſſim conciliados eſtes dois Nacionaes Eſcritores.

245 Divulgada por toda a Eſpanha a funeſta noticia da crueldade, com que eſtes Barbaros entraraõ a devaſtalla; flagelo, que a fome, e a peſte faziaõ mais crecido, como refere Idacio, e ſabida ſobre tudo em Braga a furioſa irreverencia, com que vinhaõ profanando as Igrejas, e Imagens ſagradas, ſem eſcapar ao ſeu rigor, nem o religioſo jazigo das ſepulturas, tratou logo o Arcebiſpo Primaz Pancraciano de congregar nella hum Concilio, em que ſe deſſe a providencia poſſivel a tanto damno: o motivo do exordio do meſmo Concilio, e que foy celebrado a tempo, que os Barbaros, com rapida corrente, haviaõ devaſtado a Celtiberia, e Carpentania, e tudo o mais até os Pyrineos; e eſtavaõ imminentes a eſta Provincia, por entrados já na Luſitania.

Idatius. dicta Olymp. 297.

246 Huma das diſpoſiçōes deſte Concilio, depois de eſtabelicida nelle a Fé do Niceno, foy apartar com decencia da irreverencia dos Barbaros as Reliquias dos Santos, e as Imagens Sagradas. Neſta occaſiaõ foy occulta por Arisberto Biſpo do Porto, no lugar, e Igreja de Bouças a Vene-

neravel Imagem do Senhor de Matozinhos, que de muitos annos alli florecia, como refere o Reverendo Doutor Antonio Coelho de Freytas, fundado em noticias de papeis antigos, e tradições conſtantes, abonadas pelas memorias dos Padres Frey Bernardo de Braga, Frey Joaõ do Apocalypſe, e Frey Gil de S. Bento, Antiquarios inſignes deſta Provincia, e ha tradiçaõ permanente ſe formara huma parede de cantaria, que totalmente cubriſſe, a em que eſtava a Imagem do Senhor, em hum vaõ artificial della collocada.

Freitas. Trat. do Senhor de Matozinhos. cap. 7.

CAPITULO XXXVII.

Continua a meſma materia com algumas reflexoens ſobre o dito Concilio.

247 A Razaõ de duvidarſe, poſto que ſem fundamento ſolido, da verdade daquelle Concilio celebrado por eſta occaſiaõ em Braga, deo occaſiaõ a varios diſcurſos em ſeu abono, todos concludentes, e admiraveis todos, eſpecialmente o do douto Academico Real, o Beneficiado Franciſco Leytaõ Ferreira, que com engenho igual ao ſeu talento o exornou muito. O motivo que para iſſo teve, e aponta no fim da Prefaçaõ a eſte aſſumpto, nos moveo tambem; a que em obediente ſacrificio a particular eſtudo Academico, fizeſſemos na materia com attenta ponderaçaõ hum largo exame, em que poſitivamente aſſentamos por reflexoens particulares, que a verdadeira forma deſte Concilio congregado em Braga

Leytaõ Fer- Diſſert. Apologet. no 3. tom. das Collec. Academic. a p. 105.

Braga ao tempo da entrada daquellas Nações Barbaras em Eſpanha, foy a meſma que o dito douto Academico no apontado lugar traz copiada, e naõ outra das que vulgarmente andaõ impreſſas, por varias razões, que entaõ expendemos.

Idem Leytaõ Ferreira no Appendix à Diſſert. ſupra. Docum. 1. à pag. 195.

248 Dois foraõ os pontos, que principalmente diſcutimos a eſte reſpeito: hum o darſe, como na realidade ſe deo, e devia dar a Pancraciano naquelle Concilio o titulo de *Arcebiſpo*, repetido tambem em huma carta de Arisberto, ou Aldeberto Biſpo do Porto a Pamerio Arcediago de Braga por aquelle tempo; outra darſe-lhe, como ſe lhe deo tambem, e devia dar no meſmo Concilio, o titulo de *Senhor* pela palaura *Dominus*. Quanto ao primeiro, moſtràmos com evidencia, que o titulo de *Arcebiſpo*, ſuppoſto que entaõ naõ foſſe geralmente praticado nos Metropolitanos de Eſpanha, naõ era ignorado nella; porque deſde o principio da Igreja o tinhaõ ſómente peſſoas particulares da Jerarquia Eccleſiaſtica, como Patriarchas, e Primazes, e por eſta razaõ o tinhaõ ſómente em Eſpanha o Arcebiſpode Braga.

249 Sem que por iſto lhe ficaſſe ſendo redundante o titulo, que tambem ſe lhe deo de Prelado *primæ Sedis* como de *Arcebiſpo*, por ſerem diverſos, e com ſignificações diſtinctas, ambas competentes a Pancraciano, huma univerſal pelo titulo de *Arcebiſpo*, como Primaz das Eſpanhas, e outra particular pelo de *primæ Sedis*, como Metropolitano eſpecial da Provincia de Galiza, titulo que no eſtado da contracçaõ ſe decretàra aosMetropolitanos particulares dasProvin-

cias no terceiro Concilio Cartaginense celebrado doze, ou treze annos antes deste Concilio de Braga.

250 Quanto ao segundo, com igual evidencia mostràmos, que o titulo de *Senhor* pelo nome *Dominus*, se deo, e devia no mesmo Concilio a Pancraciano, pelos mesmos motivos, que o de *Arcebispo*, por da mesma sórte se praticar com dignidades Ecclesiasticas de semelhante graduaçaõ na Igreja Catholica desde os seus principios, o que senaõ ignorava em Espanha; pois mostràmos, que com a restricçaõ referida se praticara nella, e o tinha, e competia entaõ sómente ao Arcebispo de Braga, como Primaz de toda, alèm de já nos tempos do dito Concilio, e alguns antes se dar na mesma Espanha o titulo de *Senhor* a pessoas de distinçaõ egregia.

251 Muitas mais circunstancias, e bem relevantes, havemos jà ponderado em abono do mesmo Concilio, álem das aureas repostas, que a suas objeções tem dado o referido douto Academico, pelo que tudo se faz indubitavel a sua realidade, e como no fim do anno de 409. principiou a invasaõ dos Barbaros em Espanha, e se foy extendendo pelas Provincias della o destroço, fica sendo conforme a Chronologia dos tempos, e continuaçaõ dos successos, que no anno 410. da Epoca Catholica se celebrasse em Braga o dito Concilio, e que pelo disposto nelle, se occultasse no lugar, e Igreja de Bouças a Veneravel Imagem do Senhor de Matozinhos.

252 Naõ he facil de averiguar o tempo, que assim permanecesse occulta esta Imagem sagrada; mas pelas mesmas razões se faz verosimil

o esta-

o eſtaria por todo, o que foy neceſſario a eſtabelecer os Suevos o dominio, que tiveraõ neſta Provincia: naõ ſeria porèm muito; porque ſupposto grande parte deſtas Nações foſſe inficionada da Seita Arriana, com tudo Hermenerico primeiro Rey dos Suevos neſta parte permitia livremente o exercicio da Religiaõ Catholica, e poriſſo o era ſua filha Cindaſunda, que elle deo em matrimonio a Ataçes Rey jà dos Alanos na Luſitania, e parece que o meſmo fizeraõ os Reys Suevos ſeguintes, Rechila, Reciario, Maldra, Franta, Frumario, e Remiſmundo, atè o tempo que eſte caſou com huma filha de Theodorico Rey Godo, e Arriano em França, como entre outros ſe manifeſta do que eſcrevem Fr. Bernardo de Brito, e Manoel de Faria, e Souza.

Brito. Monarch. Luſit. 2. part. lib. 6. a cap. 8. Faria. Epit das Hiſtor. Portug. part. 2. cap. 3. e 4.

CAPITULO XXXVIII.

Continua-ſe a meſma materia do culto da Veneravel Imagem do Senhor de Bouças em Matozinhos.

253 SEndo pois neſta parte de Entre Douro, e Minho florecente, e pacifico o eſtado da Igreja Catholica nos tempos daquelles Reys Suevos, depois de introduzidos, como explica o referido Fr. Bernardo de Brito, parece ſem duvida que nelles havia de eſtar eſta ſagrada Imagem deſcuberta, continuandoſe-lhe a adoraçaõ, e o culto, com que de antes fora venerada, em quanto Remiſmundo naõ foy totalmente inficiona-

Brito Monarch. Luſit. 2. part. lib. 6. cap. 8. p. mihi. 234.

ficionado dos Arrianos dogmas por Ayax introduzidos em Espanha desde a occasiaõ de seus desposorios, de que naõ he facil averiguar o anno, e só se colhe ser alguns depois do de 464. do nascimento de Christo; porque de entaõ suspenderaõ os Escritores as suas memorias, e as de seus sucessores, tambem inficionados por espaço de noventa, ou cem annos atè Theodomiro.

254 Entendemos porèm, que no discurso dos annos, que mediaraõ entre Remismundo, e Theodomiro, posto que os Reys Suevos, que nella successivamente governaraõ, e alguns de seus vassallos, ou por engano, ou por lisonja seguissem ignorantes o Arrianismo, nem por isso deixava de cultivarse nesta Provincia a Religiaõ Catholica, erigiremseTemplos, e veneraremse as Imagem Sagradas pelos muitos Fieis, que tambem havia, sem serem daquella demente Heregia infectos, e disso procedeo gravarem-se a estes nas sepulturas, quando morriaõ, os Caracteres, *Alpha*, e *Omega*, por onde os Catholicos se differençavaõ dos Arrianos, o que teve primaria origem por aquelles tempos.

255 Entaõ se erigiaõ Templos sagrados, como se erigio o das Religiosas de Vayraõ desta Provincia, no qual se conserva, gravada em pedra, huma antiga memoria, de que jà a outro intento, em beneficio Academico, demos especificada noticia, porque consta com evidencia, que fora fundado, e concluido por Marispalla, mulher nobre, e Religiosa, na era de Cezar de 523. que he anno de Christo 485. tempo em que reinava em Galiza Veremundo, que foy hum dos Reys

Sue-

Suevos naquelle intervallo, e sucessor de Theodulo, que o foy de Remismundo, como se manifesta do que escreve o nosso Manoel de Faria, e Souza em seu Epitome. He pois a Inscripçaõ, que em Vayraõ se conserva: *In nomine Domini perfectum est templum hoc per Marispallã Dõ votã sub die 13. Kalendas Aprilis: era 523. Regnante Serenissimo Veremundo. Re. X.* e huã espada. Da primeira, e ultima clausulas deste monumento se manifesta fora edificado o Templo em nome do Senhor, e por pessoa Catholica, e naõ menos ser erecto reinando Veremundo, hum dos que os Escritores deixaraõ em silencio; mas he de notar darlhe o titulo de *Serenissimo*, insinuando, que ainda que fosse de profissaõ Arriano, era com tudo manso, placido, e no politico de bons costumes, por serem estas, e outras semelhantes circunstancias o motivo, porque aos Principes se dava o titulo de *Serenissimos*, como, entre outros, bem expende o Doutor Francisco de Amaya.

Faria. Epit. das Hist. Portug. part. 2. cap. 4. pag. mihi 116.

Amaya. Comment. in lib. X. Codicis. de Can. largit. tit. Tit. 23. L. 3. n. 1. p. 190

256 De sórte, que naõ obstante, que o reinante Remismundo fosse Arriano, era pelas razões sobreditas permittido erigirem-se de novo Templos, e cultivarse nelles, como nos que havia, a Religiaõ Catholica. E supposto affirme o mesmo Manoel de Faria, que continuando na Heregia os Reys Suevos, naõ davaõ lugar a se convocarem em Portugal Concilios, como nas outras partes de Espanha; com tudo refere, que nunca alcançaraõ extinguir a multidaõ dos Fieis, que nas perseguições se augmentavaõ, e assim o manifesta a creaçaõ daquelle Templo, e os mais prodigios, que aponta a favor dos Catholicos por aquelles

Faria. ibidem

les annos, como o de brotar em Sesta feira Santa huma prodigiosa fonte para o ministerio do Bautismo, e outros evidentes milagres. Pelo que tudo parece continuava em Matozinhos o culto da Veneravel Imagem do Senhor de Bouças: àlem de que o naõ haver por aquelle tempo Concilios em Galiza, onde só dominavaõ os Suevos, seria por naõ haver para isso occasiaõ, nem seriaõ necessarios, visto como os Fieis, em opposta competencia dos Arrianos, observavaõ religiosamente o Christianismo.

257 Depois que pela Misericordia de Deos a diligencias de S. Martinho de Dume, se reduzio totalmente com Theodomiro à Fé Catholica o Reyno Suevo, he sem duvida floreceo desassombrada nesta Provincia a Sagrada Religiaõ do Christianismo, em quanto este dominio senaõ incorporou por Leovigildo no dos Godos, e no destes desde Recaredo, até os infelices Witiza, e D. Rodrigo, celebrando-se por aquelles tempos em Espanha o mayor numero de Concilios, de que ha memoria nella, permitindo a Providencia Divina, que pela mayor parte se conservasse sempre a Fé pura neste insigne Emporio da Lusitania, por haver permitido principiarem della os seus progressos, como fica visto: sendo que a fervorosa diligencia, que precedeo a occultarse a Sagrada Imagem dos insultos, que podiaõ fazerlhe os Barbaros aggressores na sua entrada, foy veneraçaõ, que lhe preveniraõ os Catholicos, por disposiçaõ adequada, e violenta occurrencia daquelles tempos, tudo nascido do mesmo religioso principio, que nos animos fieis Portuguezes permaneceo inconstratavel.

258

258 De ſe haver formádo na antiga Igreja de Bouças no tempo da primaria invaſaõ dos Suevos a referida parede, que encubriſſe a em que a Veneravel Imagem exiſtia collocada, he antiquado indicio o permanecer ainda nos veſtigios, que ficaraõ de ſuas ruinas, huma parte, que moſtra haver ſido primeiro coſtado da Capella Mayor daquelle Templo, em que ſe diviſa formado hum nicho com capacidade de recolhella, e ficar decentemente occulta ſem violencia com a nova parede antepoſta, manifeſtando-ſe aſſim igualmente, que a meſma Igreja já por aquelles tempos era grande, e mageſtoſa, e de antes ereċta, ou amplamente reformada com taõ fortificada eſtruċtura, que permaneceo pelos ſeguintes ſeculos a meſma, até que pelos annos de 1550. foy ao ſitio exiſtente mudada, e poriſſo naõ foy fabricada *à fundamentis* pela Raynha Dona Thereza, como entenderaõ alguns dos noſſos Eſcritores, o que tambem moſtraremos.

CAPITULO XXXIX.

Do tempo da entrada dos Mouros em Eſpanha, até a ſua reſtauraçaõ.

259 HAvendo ſido em tres ſeculos dominada Eſpanha principalmente por Suevos, e Godos, chegou finalmente o fatal anno de 714. em que perdendo-a D. Rodrigo, a ſenhorearaõ os Mouros, fazendo nella os lamentaveis eſtragos, de que laſtimoſamente eſtaõ cheas

cheas as nossas Historias. No confuso terror desta cruel invasaõ çoçobrados de assombro os Catholicos, retiraraõ a varias partes, especialmente a Galiza, e Asturias muitas Reliquias de Santos, e alguns monumentos, occultando com apressada diligencia varias Imagens sagradas, sem mais accordo, que o de evitarlhes pelo modo possivel em tanto aperto irreverentes estragos, o que pelas mesmas Historias he bem notorio.

260 Como porèm, depois de jà dominantes os Sarracenos, aos Christãos que lhes ficaraõ sogeitos (como entre outros affirma Manoel de Faria, e Souza, e Fr. Jayme Bleda) se lhes naõ impedia a piedosa frequencia de sua Religiaõ Catholica, e juntarem-se em suas Igrejas aos Officios Divinos, e a receber os Santos Sacramentos, e a serem instruidos por seus Bispos, e Sacerdotes, para o que lhes ficaraõ reservados Templos em varias partes de Espanha, he sem duvida se foy nella continuando do modo possivel o Christianismo. Naõ he porem facil de averiguar, se das Reliquias, e Imagens sagradas, que no tempo da invasaõ foraõ tumultuariamente occultas, se descubriraõ logo algumas, ou ficaraõ permanecendo em seus escondrigios, em quanto Deos naõ permitia hir livrando a opprimida Espanha daquelle barbaro tyranico dominio, e manifestarem-se com raros prodigios os diversos lugares de seus depositos.

Faria Epit. das Hist. Portug. part. 2. cap. 7. p. mihi 137.
Bleda Chronic. de los Moros de Hesp. lib. 2. cap. 17.

261 O referido se faz certo, por ser bem notorio, que tanto, que a nossa Espanha se foy restaurando, se foraõ algumas das Sagradas Imagens, assim occultas descubrindo, e ao culto pu-

blico

blico manifeſtando, e muitas, ou as mais dellas jà bem depois diſſo, e de largos annos, como pelas particulares Hiſtorias de ſuas individuaes invenções ſe patentea, e ſendo quaſi todas eſtas apparições acaſo, ſe colhe, que quando foraõ eſcondidas, ſe fez iſſo com taõ acelerada diligencia, que nem della havia memorias eſcritas, nem certeza dos lugares poſitivos, em que ficaraõ guardadas; mas tudo à diſpoſiçaõ da Divina Providencia, que pelos ſeus altiſſimos, e inexcrutaveis juizos aſſim o permitira; e por eſta razaõ ſó ſe ſabe, que todas as ſagradas Imagens, que em varias occaſiões, e tempos diverſos foraõ deſcubertas, haviaõ ſido no da invaſaõ dos Mouros pelos Fieis embrenhadas, ſem mais concerto, que o que occaſionou a preſſa a remediar ao menos o mayor damno por naõ haver modo de outro refugio em tanta ruina.

262 E ſuppoſto naõ ha taõ poſitiva clareza; de que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças foſſe occulta no tempo da invaſaõ dos Mouros, como a houve de que o fora na dos Suevos, com tudo he veroſimil, que o ſeria, pela generalidade, com que o foraõ tantas, quantas os Fieis occultaraõ, movidos da confuſaõ temeroſa, com que todos os de Eſpanha ſe viraõ neſta fatalidade, opprimidos dos Agarenos; mayormente naõ entendẽdo entaõ, que aos que eſcapaſſem dos deſtroços, e ficaſſem ſogeitos ao dominio Arabico, ſe lhes permitiria depois o exercicio da Religiaõ Catholica, e tendo para a prevençaõ em memoria o que em caſo ſemelhante ſe havia praticado na entrada dos Suevos, por diſpoſiçaõ do referido

Con-

Concilio celebrado em Braga a eſte reſpeito.

263 Pelo que entendemos, que neſta funeſta, e ſempre lamentavel occaſiaõ tornaria a ſagrada Imagem do Senhor de Bouças a ſer occulta; mas nao o eſtaria taõ largo tempo, como o eſtiveraõ outras Imagens, porque ſendo eſta taõ famoſa em prodigios, e em breves annos teve principio por eſtas Provincias a reſtauraçaõ de Eſpanha, naõ ſó em D. Pelayo, mas nos glorioſos Reys Affonſos, Catholico, Caſto, e Magno, propicios ſempre às felicidades de Portugal, por aquelles tempos, parece ſem duvida ſeria primeiro manifeſta, e com reverentes cultos publicamente venerada, ſendo, que naõ ha certeza da occaſiaõ, em que ſe deſcubriſſe, e o ſeria na mais prompta, e opportuna, que houveſſe.

264 Se já naõ foſſe, que o meſmo Senhor naõ permitiſſe, que houveſſe occaſiaõ de ſer pelos Barbaros ultrajado aquelle ſagrado penhor, que o era certo de naõ dezemparar de todo os Catholicos, viſto como ficaraõ em muitas partes de Eſpanha conſervando Igrejas, e Moſteiros, e ſe lhes concederaõ de entre elles, Condes, e Juizes particulares, que os regeſſem, poſto que tudo entaõ tributario, e ſogeito aos Sarracenos, como bem ſe manifeſta daquella celebre Eſcritura de hum Regulo Mouro de Coimbra, que Frey Prudencio de Sandoval, Frey Bernardo de Brito, e D. Mauro Caſtellà Ferrer trazem copiada, declarando tambem Sandoval, que os muitos que houve nas Cidades mayores de Portugal, deraõ poriſſo occaſiaõ a ſerem brevemente vencidos, e a que os Princepes reſtauradores foſſem alcançando delles, e dos

Sandoval. nas Notas juntas à Hiſt. dos Biſpos Idacio &c. à pag. 87. Caſtella Ferrer. Hiſt. de San-Tiago. lib. 4 cap. 18. á pag. 453. Brito Monarch. Luſit. part. 2. lib. 7. cap. 7 a pag. mihi 403.

e dos que de outras partes acudiaõ a ſeus reparos, os mais glorioſos triunfos.

CAPITULO XL.

Continua a meſma materia, e juntamente ſe moſtra, que muitas das Igrejas, e Moſteiros deſta Provincia de Entre Douro, e Minho, que permanecem reſtaurados, eraõ muito mais antigos, que a invaſaõ dos Mouros em Eſpanha.

265 SE bem repararmos em noſſas Hiſtorias, eſpecialmente na que pelos annos de 870. eſcreveo Sebaſtiaõ Biſpo de Salamanca, acharemos, que logo que o reſtaurador primeiro o eſclarecido D. Pelayo, que ás montanhas de Aſturias ſe havia retirado, alcançou a memoravel milagroſa vitoria de Covadonga, em que morreraõ cento e vinte e quatro mil Mouros, e ſeſſenta e tres mil, que eſcaparaõ della, foraõ com admiravel prodigio, pelas ruinas de hum precipitado monte ſepultados; adverte o referido Eſcritor, que conſeguida ao meſmo tempo outra completa vitoria de Munnuza, hum dos quatro Capitães Mouros, que opprimiraõ Eſpanha, ſe reſtauraraõ as Igrejas, e todas em commum renderaõ a Deos as graças.

Sebaſtianus Salmaticenſis Epiſcopus. a Sandoval relatus p. 47.

266 De ſórte, que ainda que nos eſtragos da invaſaõ primeira, e nas hoſtilidades repetidas em recuperar lugares conquiſtados, houveſſem nas Igre-

s, e nos edificios as ruinas, que encarecem
ſas Hiſtorias; ſempre com tudo nas meſ-
ou já reſtauradas, ou reparadas daquellas
as, ſe continuava do modo poſſivel o divino
ulto em render a Deos as graças pelos triunſos,
que ſe hiaõ alcançando, como ſe vio nos que
deſpois de D. Pelayo, foraõ tambem conſeguindo
os Reys Affonſos, Catholico, Caſto, e Magno já
referidos, e com taõ reverente agradecimento,
que os meſmos, e outros Monarchas erigiaõ Tem-
plos, e fundavaõ de novo Moſteiros nos lugares
recuperados, como das meſmas Hiſtorias he bem
manifeſto, e muitos refere Sandoval allegado, álem
dos de peſſoas particulares, que aponta o Padre
Fr. Leaõ de Santo Thomaz nos Prologomenos das
Conſtituições Benedictinas.

Sandoval. ſupra Fr. Leaõ de Santo Thomaz in Prologomenis.

267 Nos termos da ponderaçaõ referida,
he bem de notar, que todas as Igrejas, e Moſtei-
ros, que permanecem, e outros de que ſó ha
veſtigios neſta Provincia Interamnenſe, a que por
falta de memorias ſe naõ pòde aſſinar principio
certo de ſerem fundados pelos tempos da reſtau-
raçaõ de Eſpanha, naõ ſómente ſaõ mais antigos,
que a invaſaõ dos Mouros nella; mas ainda aquel-
les, a que ſe ignoraõ poſitivas origens, nos domi-
nios dos Suevos, e dos Godos, ſe faz veroſimil,
emanarem todos dos da primitiva Igreja, e ſe fo-
raõ de huns a outros tempos reformando, como
entendemos ſuccedeo, entre outros Templos, à
Igreja de S. Pedro de Miragaya na Cidade de Por-
to, à de S. Pedro de Maximinos em Braga, e à
que primeiro teve no lugar de Bouças o Senhor de
Matozinhos.

268 A

268 A menos advertencia, e pouca reflexaõ nesta materia fez sem duvida enganar a muitos dos nossos Escritores, que suppozeraõ, e tiveraõ por fundadores primarios de alguns Templos desta Provincia, a sogeitos que sómente foraõ reedificadores delles, como o Conde D. Pedro, que teve por fundador do Convento das Religiosas Benedictinas de Vayraõ nesta mesma Provincia a D. Touriz Sarna, o que em sua Chronica seguio o Padre Frey Leaõ de Santo Thomaz, sem embargo de este advertir na Inscripçaõ jà referida, que traz copiada, e alli se conserva, porque consta ser a sua fundaçaõ primeira no anno do Senhor de 485. supposto que entaõ naõ era do prezente instituto; termos em que foy só reedificaçaõ delle a que fez D. Touriz Sarna já pelos annos de 1110. naõ obstantes as razões de differença, que lhe applica o Benedictino Chronista, que padeceo engano nesta parte, em que naõ foy muito o tivesse o Conde D. Pedro, por naõ chegar a alcançar noticia daquella Inscripçaõ, que só foy descuberta no anno de 1608. em ultima reedificaçaõ de todo, ou parte do mesmo Convento.

Conde D. Pedro. no Nobiliario da Impressaõ de Lavaña tit. 40. plana mihi 228.

Fr. Leaõ Bened. Lusit. tom. 2. trat. 2. cap. 6. a pag. 351.

269 Da mesma sórte se enganaraõ o Licenciado Jorge Cardozo, este em dizer que a Rainha Dona Thereza fundara a antiga Igreja de Bouças, e Duarte Nunes de Leaõ, e os que o seguiraõ, em affirmar, que a Rainha Dona Mafalda mulher do Sereníssimo Rey D. Affonso Henriques fundara os Mosteiros de Leça, Agoas Santas, e outros nesta Provincia, se he que o naõ entenderaõ de suas reedificações, e reformas, como em se-

Cardozo Agiolog. Lusit. tom 3. Comẽt. a 10. de Junho pag 625

Nunes de Leaõ. Chronic. del Rey D. Affonso Henriques fol. mihi 48. Bayão Portugal glorioso. lib. 3. n. 11. pag. 182.

melhante caſo jà advertiraõ os Eſcritores, que aponta o Padre Jozè Pereyra Bayaõ; porque os taes Moſteiros, e outros muitos, como antiquiſſimas pertenças dos Biſpos do Porto, foraõ individualmente mencionados nos Breves, que nos annos de 1115. e 1120. da noſſa Redempçaõ paſſaraõ a favor do Biſpo D. Hugo II. (que tal era o a que foraõ concedidos) os Summos Pontifices Paſcoal, e Calixto tambem ſegundos, e traz copiados o Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha em ſeu Catalogo.

Illuſtriſſimo Cunha Catal. dos Biſpos do Porto 2. parte cap. 1. a pag. 3

270 E como naquelles Pontificios Breves ſe menciona o Moſteiro de Bouças juntamente com os de Sedofeita, de Agoas Santas, de Leça, e de Vayraõ, todos em pouca diſtancia neſte Biſpado do Porto, e neſta Provincia, e aos de Vayraõ, e Sedofeita ſe ſabem poſitivas origens dos tempos dos Reys Suevos, e ſe ignoraõ as dos de Bouças, Leça, e Agoas Santas, ſe colhe ſerem as deſtes mais antigas, e com as reformas pelo diſcurſo dos ſeculos occaſionadas, deduzidas deſde o da primitiva Igreja, eſpecialmente o da Igreja de Bouças, por conſtar, como fica viſto, que a tinhaõ naquelle lugar em Matozinhos os Catholicos, quando no anno de 124. collocaraõ nella a Veneravel Imagem de Chriſto Crucificado, que prodigioſamente aportou na praya daquelle ſitio.

CAPI-

CAPITULO XLI.

Continua a materia da antiguidade da Igreja de Bouças.

271 AS razões ponderadas, e o largo exame, que pessoalmente fizemos nos antigos vestigios da Igreja de Bouças, em que dilatados Seculos permaneceo collocada a Veneravel Imagem deste Senhor em Matozinhos, nos fez totalmente persuadir a que desde o primitivo Christianismo fora erecta, porque as argamassas, que ainda se divisaõ em suas ruinas, manifestaõ claramente haver sido aquella fabrica do tempo, e uso Romano, em que a cal se formava, ou compunha de cascas de marisco moido, de que se percebem varios fragmentos em tudo semelhantes aos que se notaõ nas do Castello de Gaya, que foy demolido nos tempos do nosso glorioso Rey D. Joaõ I. havendo sido fundado por Gayo Lelio Pretor Romano, cento e cincoenta e quatro annos antes do nascimento de Christo a rebater os continuados triunfos do insigne Portuguez Viriato II.

272 Notavel, sem duvida, foy a Igreja de Bouças, e seu destricto em todos os tempos, porque logo desde a restauraçaõ de Espanha ficou sendo, ou continuando a ser de Padroado Real; e como tal o era da Rainha Dona Thereza mulher do Conde D. Henrique, troncos esclarecidos da Portugueza Monarchia, e o foy depois de sua neta a Santa Rainha Dona Mafalda, que alli

 per-

pertendeo erigir hum Convento de Religiosas de Cister, e para isso alcançou de Innocencio IV. a Pontificia Bulla, que appresentou ao Bispo do Porto D. Juliaõ II. do nome, e aponta o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha em seu Catalogo, sendo que naõ consta tivesse effeito; porque depois no anno de 1305 deo ElRey D. Diniz aquelle Padroado ao Bispo do Porto D. Giraldo Domingues, que na Capella mayor da Igreja existente se acha sepultado, e tornando á Coroa o unio ElRey Joaõ III. no anno de 1542. à Universidade de Coimbra, que o possue.

Illustrissimo Cunha. Catal. referido. 2. part. cap. 11. a pag. 86. e cap. 14. a p. 119.

273 Assim permaneceo a antiquissima Igreja de Bouças, sem que no tempo dos Mouros fosse destruida, ou violentamente arruinada, como adiante veremos, atè que pelos ditos annos de 1542. ou pelos de 1550. como refere Manoel Tavares de Carvalho, a mudou a Universidade de Coimbra ao ameno, e aprazivel sitio, em que se acha, com as mesmas circunstancias, que o referido Escritor aponta. Porém se a antiga Igreja, ou Mosteiro de Bouças no tempo da restauraçaõ de Espanha, ou em algum outro, foy morada de Conigos Regulares, como entendeo o Licenciado Jorge Cardozo, naõ consta, porque se o fosse, havia de mostrar disso clareza o Padre D. Nicolào de Santa Maria Chronista dos Conigos Regrantes de Santo Agostinho, como as mostra de outros, que foraõ seus nesta Provincia, sem fazer mençaõ alguma do de Bouças; salvo se os naõ mencionou todos, ou o Licenciado Jorge Cardozo achasse algum particular monumento, em que fundasse aquella noticia.

Tavarès de Carvalho Relaçaõ da Procissaõ do S. de Matozinhos ao Porto. Impressa em Coimbra no anno de 1645.

Cardozo. Agiol. Lusit. tom. 3. comment. a 10. de Junho. pag. 625

Santa Maria Chronic. dos Conig. Regrãtes lib. 6. cap. 12. e 13.

274 E

274 E ſe da denominaçaõ, que teve de Moſteiro, como tal ſe mencionava nos já referidos Breves dos Pontifices Paſcoal, e Calixto ſegundos, ſe quizer inferir, que o havia ſido de algum dos Religioſos Inſtitutos, que pelos tempos dos Suevos, ou dos Godos, ouve em Eſpanha, e antes delles, bem poderia ſer; porque houve muitos, mas naõ ha diſſo poſitiva noticia, como fica ponderado; mas de todo o referido inferimos, que a antiga Igreja de Bouças foy huma das primitivas neſta Provincia, e eſteve collocada nella, antes de mudarſe ao ſitio exiſtente, por mais de mil e quatro centos annos a Veneravel Imagem do Senhor de Matozinhos até ſer ao novo Templo tresladada.

275 Bem he verdade, que junto aos antigos veſtigios da primitiva Igreja de Bouças ſe achaõ contiguos outros com baſtantes indicios de Edificios grandes; mas como as argamaſſas de ſuas ruinas moſtraõ a meſma circunſtancia já referida das obras Romanas, nos parece haverem ſido ſolar, ou caſa de campo daquelle Regulo, que na praya de Matozinhos celebrava ſeus deſpoſorios, quando embarcado para Galiza paſſava o Sagrado Cadaver de San-Tiago, e ſuccedeo o notavel prodigio da Converçaõ do Gentiliſmo, de que ſe compunha o feſtivo congreſſo, e como elle meſmo ſeria o que por eſta occaſiaõ erigiſſe junto do ſeu Palacio aquelle Templo, por iſſo de hum, e outro Edificio ſe manifeſta ainda ſerem as fabricas correſpondentes.

276 Nem parece poder haver duvida, que ſempre ouveſſe Igreja no lugar de Mato-

zinhos, ainda que de ſeculos em ſeculos, contra a voracidade dos tempos ſe reformaſſe, ſe jà naõ foſſe, que hum dos continuados prodigios, que Deos obrava pela Veneravel Imagem do Senhor de Bouças, ſe oſtentaſſe, em conſervar illezo hum Templo, que eſtava deſtinado a taõ ſoberano depoſito, ſendo certo, que desde que por eſta Provincia amanheceo em Eſpanha a Luz da Graça, permaneceo ſempre nella a Fé Catholica, a pezar dos mayores combates dos Magiſtrados Gentilicos, havendo Igrejas, e Templos nos primitivos ſeculos, e ainda Conventos Religioſos, como ſe manifeſta das diſpozições dos Concilios Eliberitano, e Toletano chamado primeiro, nos particulares dos ſeus progreſſos.

Concil. Eliberit. & Tolet. 1. apud. Loayſam.

CAPITULO XLII.

Da Antiguidade, e nobreza do lugar de Matozinhos.

277 Do lugar de Matozinhos entenderaõ, mas ſem reflexaõ, alguns dos Eſcritores, que trataraõ do prodigioſo apparecimento da Sagrada Imagem de Chriſto Crucificado, na praya de ſeu deſtricto, ſer por aquelle tempo ſó compoſto de pobres peſcadores; erro em que pela meſma razaõ cahiraõ os que attribuiraõ ſemelhante principio à Cidade do Porto, àlem de lho darem mais moderno do que muitos ſeculos antes havia tido na meſma parte, em que hoje ſe acha ſituada, poſto que com extenſaõ mais ampla, e

ſe

ſe os moveo talvez a conſideraçaõ de ſerem lugares maritimos; da meſma ſorte o ſaõ Lisboa, e outras grandes Cidades, que ſem duvida tiveraõ fundadores eſclarecidos.

278 Alèm de que naõ era a occupaçaõ dos peſcadores antigamente taõ ignobil, e deſpreſivel, como ſoa no conceito dos que a tiveraõ por abatida, regulando-a pelo que neſtes preſentes ſeculos communmente ſe pratica; porque por aquelles tempos, e ſeculos anteriores a exercitavaõ peſſoas de clara nobreza, como a exercitava o Zebedeo pay dos Sagrados Apoſtolos S. Joaõ, e San-Tiago, e eſtes meſmos, que ſendo Peſcadores eraõ nobiliſſimos, ſegundo por authoridades relevantes bem moſtra D. Mauro Caſtellà Ferrer na Hiſtoria do Santo Patraõ de noſſas Eſpanhas; e ainda entre os antigos Romanos tinhaõ os peſcadores as preeminencias, e nobreza, que Samuel Pitiſco refere por ſer tal o ſeu emprego, que o exercitou tambem o Emperador Nero com pomposo fauſto.

Caſtella Ferrer. Hiſt. de SanTiago lib. 1. cap. 1. fol. 1. Pitiſcus. Lexicon Antiquit. Roman. tom. 3. lit. P. verbo Piſcatores.

279 Suppoſto o referido ponderemos jà como o antigo lugar de Matozinhos era adornado por aquelles tempos de eſclarecida nobreza. A certificar eſta verdade baſtava o que largamente fica ponderado daquelles noivos de geraçaõ Regia, que neſte lugar celebraraõ ſeus deſpozorios, na feliz occaziaõ, em que para Galiza paſſava embarcado o Sagrado Cadaver de San-Tiago, e foraõ com toda a ſua Corte, e urbana comitiva à noſſa Santa Fè convertidos, de que reſultou ſer eſte o primeiro lugar das Eſpanhas, a que univerſalmente illuſtrou a luz da Graça, e das cir-

cunſtancias deſte caſo ſempre admiravel, os glorioſos tymbres, que dilatados ſe conſervaõ ainda nas eſclarecidas nobres familias dos Vieyras, Pimenteis, e outros, que daqui ſe difundiraõ por todas noſſas Provincias.

280 E ſendo o ſobredito Real deſpozado, diverſo do nobre Cayo Carpo natural da Comarca da Maya, e talvez deſte lugar, comprehendido nella, e cazado com Claudia Loba natural da Cidade do Porto, que tiveraõ o filho, ou filhos jà ponderados, e a mais familia mencionada no Epitaphio, que o Padre Frey Luiz dos Anjos traz copiado, e aſſiſtindo no acto dos deſpozorios daquelle Regulo muytos Cavalleiros, huns parentes, e outros vaſſallos dos contrahentes, bem ſe manifeſta, que de grande, e eſclarecida nobreza ſe compunha o lugar de Matozinhos por aquelles tempos; mayormente permanecendo ainda junto das ruinas da antiga Igreja evidentes veſtigios de edificios grandes de obra Romana, que entaõ ſe praticava, como fica viſto.

Fr. Luiz dos Anjos no referido Jardim de Portugal. n. 1. p. 7.

281 De taõ claros veſtigios, e outros muitos, que permanentes ſe conſervaõ nos lugares circumvezinhos, ſe manifeſtaõ bem o eſplendor, e a nobreza, de que huns, e outros, todos proximos, ſe compunhaõ; pois bem perto de Matozinhos eſtà ſituada a Freguezia de San-Tiago de Coſtoyas com Igreja, que ſe entende foy erecta (e aſſim o inſinua a proporcionada ethymologia de ſeu antigo nome) em memoria de quando parou naquella coſta a embarcaçaõ de San-Tiago, e ſuccedeo nella o referido prodigio. Neſta ſe conhece huma quinta com a denomi-

nominaçaõ de *Efpozade*, folar de que efcreve o Padre Antonio Carvalho da Cofta, o poffuhira hum Cavalhero Ruy Paes Bugalho, por haver fido de feus afcendentes, e ultimamente de feus pais Payo Paes de Eroza, e Dona Mòr Mendes de Efpozade, de que faz honorifica mençaõ o Conde D. Pedro, e talvez por naõ ter defta quinta noticia o Marquez de Montebello, entendemos fe enganou em afinarlhe o folar junto a Guimaraes.

Cofta Corograph. Portug. tom. 1. trat. 6. cap. 3. pag. 364.

Conde D. Pedro no Nobiliario tit. 71. plana mihi. 375. e 376. n. 4. e 5.

Montebello Nota à dita plana 376.

282 Pelo fobrenome de *Mendes* fe moftra haver fido a mefma Dona Mòr tambem defcendente defta efclarecida Familia, que teve Paços, e folar na freguezia de S. Martinho de Guilhabreu logo proxima, poffuhido ainda agora de peffoas bem illuftres, e como de feu filho Ruy Paes Bugalho era filha Dona Tareja Rodrigues, que foy cazada com hum Ruy Vafques Pimentel, que tambem menciona o Conde D. Pedro, e dos defte apellido, e do de Vieyra, affirma D. Mauro Caftellà Ferrer procederem todos do fobredito Cavalleiro convertido à Fè em Matozinhos, onde ha veftigios de folar grande, e nas fuas vezinhanças os dos Mendes, e outras Familias de origens antiquiffimas, fe faz claro, que enlaçadas, e conjunctas fe ficou por ellas continuando nos feguintes feculos a antiga nobreza de taõ efclarecidos principios originada; ainda que alli houveffem tambem pefcadores, circunftancia commua a todos os lugares maritimos.

Dicto Nobiliario. tit. 35. plana 185. n. 6.

Caftella Ferrer. Hift. de San-Tiago lib. 2. cap. 2. fol. 125. vèrf.

283 Sendo tal, e taõ grande a antiga nobreza do lugar de Matozinhos naquelles primitivos tempos, parece naõ defmereceo efta gloria nos

nos ſeguintes ſeculos, pois àlem do que fica ponderado a eſte reſpeito, chegou a ſer digno do titulo de Condado, havendo tambem jà ſido originario, e nobre berço da eſclarecida familia dos famoſos Sas, hoje Marquezes de Abrantes, que ſem duvida he muito mais antiga, do que por falta de primarias noticias, a reprezentaõ os modernos Eſcritores; mas naõ he por hora eſte o proprio lugar de materia taõ vaſta, e ſer ſufficiente a concluir eſte capitulo a reflexaõ attenta, de que aſſim como nunca faltou em Matozinhos a veneraçaõ, e o culto da Sagrada Imagem de Chriſto Crucificado, naõ faltaraõ tambem animos nobres, que conforme as occurrencias dos tempos exercitaſſem generoſos, tanto as funções reverentes de piedade, como as intrepidas proezas do valor, o que ſeria effeito eſpecial da Divina Providencia, viſto haver permitido, que por eſte occaſo participaſſem as noſſas Eſpanhas da Luz da Graça os matutinos orizontes.

CAPITULO XLIII.

Do eſtado da Igreja de Bouças depois de principiada a reſtaurar dos Mouros a noſſa Eſpanha.

284 JA' deixamos apontado, que ſogeita a noſſa Eſpanha ao dominio Sarraceno, principiara a continuar por eſtas Provincias El-Rey D. Affonſo o Catholico a reſtauralla, e individuando agora mais, quanto for poſſivel eſte ponto,

ponto, he certo pelas memorias, que Sandoval aponta, que por Abdelazin Capitaõ Mouro foy tomada a Cidade do Porto, e todas as outras principaes desta Provincia no anno 716. de Redempçaõ humana. Da brevidade, com que tantas, e taõ famosas Cidades foraõ ao mesmo tempo, e por hum só General conquistadas, se manifesta, que unicamente ficaraõ sogeitas, porém naõ arruinadas; pois consta o foraõ somente as que fizeraõ alguma rezistencia, como Idanha na Luzitania, e Orense na Galiza extrema.

Sandoval. nas Notas jũtas à Hist. dos Bispos, e vida delRey D. Pelayo p. 85.

285 Sogeito pois assim tudo, excepto as Asturias ao dominio Agareno, e rebatida naquella parte por D. Pelayo a continuada conquista, tendo logo nella glorioso principio a restauraçaõ de Espanha, e havendo jà D. Affonso o Catholico extendido a sua Monarquia a toda a Galiza Espanhola; diz o doutissimo Academico o Doutor Fr. Manoel da Rocha, pela mais bem ajustada chronologia daquelles tempos, que com poderoso Exercito passara D. Affonso o rio Minho, e penetrando as terras, que medeaõ entre elle, e o Douro, ficara no anno 745. da Redempçaõ do Mundo, felizmente restaurada esta nobre Provincia, e que passando segunda vez armado a ella, passara o Douro, e entrando pela da Beira, encaminhara a marcha a Agueda, Vizeo, e Lamego, e voltando pela de Tras os Montes a Chaves de seus campos se recolhera.

Doutor Rocha Portugal Renascido. part. 1. a n. 10. cap. 1. pag. 7.

286 Como porém ficara ainda na Provincia da Beira a famosa Coimbra, capital dos Mouros nella, e por essa razaõ considerando o piedoso Monarcha, que naõ poderiaõ conservarse

as

as mais terras invadidas da mesma, tendo naquella Cidade os inimigos o seu mayor poder; em quanto naõ havia opportuna occasiaõ de plenamente os contraitar, demolida a Cidade de Vizeo, e das outras os muros, e Castellos, para naõ poderem rezistir aos Catholicos, quando voltassem a continuar da restauraçaõ a empreza, seguindo os moradores Christãos o seu exercito, se passaraõ ás outras Provincias, que com melhor fortuna se gloriavaõ de plenamente libertadas.

287 Duas cousas ponderaveis ambas, desta douta naraçaõ se manifestaõ. Primeira, que sendo a Cidade do Porto, e toda a mais Provincia de Entre Douro, e Minho, no anno de Christo 716. pelos Mouros opprimida, e no de 745. plenamente libertada, só vinte, e nove annos totalmente esteve ao barbaro dominio sogeita. Segunda, que continuando a proseguirse em libertar tambem a Provincia da Beira, e pela referida razaõ naõ podendo logo entaõ restabelecer, e conservarse, passaraõ della, e só della os Catholicos a terem refugio nas outras Provincias, que se gloriavaõ já libertadas, até que elevado ao trono Real das Asturias, e Galiza o segundo Affonso chamado o Casto, proseguio a devastar da mesma sorte aquella Provincia até Lisboa, sendo a positiva fronteira dos Catholicos até Agueda.

288 Assim continuou do mesmo modo por D. Ramiro I. a restauraçaõ principiada; advertindo porem, que como com D. Affonso o Catholico haviaõ passado os Christãos da parte da Beira às outras Provincias já livres, a ficaraõ habitando somente os Mouros, como vassallos, que

tive-

tiveraõ Regulos eſpeciaes, em Gaya, Vizeu, Lamego, e Agueda, e foraõ eſtes os que como taes aſſinaraõ na doaçaõ, que aos Monges de Lorvaõ entaõ fez o meſmo Rey D. Ramiro I. que tranſcreve Frey Bernardo de Brito, e apontaõ o dito douto Academico, e Frey Prudencio de Sandoval. E he logo de notar, que naõ conſta que na Provincia de Entre Douro, e Minho nos vinte e nove annos, que aos Barbaros eſteve ſogeita, nem depois, houveſſe Regulos ſemelhantes aos que houve na Provincia da Beira, e em Coimbra, o de que tambem Sandoval, e D. Mauro Caſtellà Ferrer daõ noticia.

Brito Monarch. Luſit. part. 2. lib. 7. cap. 13. à pag. mihi 438. Doutor Rocha Portug. Renaſc. 1. part. cap. 2. n. 39. pag. 18. Sandoval na Hiſt. dos Biſpos Vida de D. Ramiro I. pag. 179.

289 Haveria porêm ſomente os Governadores do Prezidio, que ſem duvida houve nas Cidades, e Praças deſta Provincia, e recebedores (dos que da lingoa Arabiga nos ficou o nome dos noſſos Almoxarifes) que cobraſſem os annuaes tributos dos Catholicos; porque todos os que em Eſpanha ſe renderaõ aos Mouros, foy com a condiçaõ de pagar cada vezinho hum Maravedil, quatro medidas de trigo, quatro de ſevada, quatro cantaros de vinagre, hum de mel, e outro de azeite, ao que contribuio muito o bom tratamento, que o General Mouro Abdelazin dava aos Chriſtãos, que rendidos ſe ſogeitaraõ a ficar com ſuas familias em ſeus proprios lugares tributarios, como o referido Sandoval largamente nos expende.

Idem Sandoval ſupra p. 87. Caſtella Ferrer Hiſt. de SanTiago lib. 4. cap. 18. a fol. 453. v.

Sandoval referido p. 83. e 84.

CAPI-

CAPITULO XLIV.

Prosegue a mesma materia do Capitulo precedente.

290 ERaõ os sobreditos Regulos Mouros de Gaya, Vizeo, Lamego, e Agueda na Provincia da Beyra, Vassallos dos Reys de Asturias desde que ElRey D. Affonso o Catholico entrou a devastar a mesma Provincia, e taes o eraõ no reynado de D. Ramiro I. como fica visto. Pouco depois existiriaõ; porque entrando no anno de 866. a reynar D. Affonso o Magno, pacificados alguns intestinos disturbios, constituhio pelos annos de 873. Governador do Porto ao Conde Herminigildo, Avo de S. Rozendo, ao qual no anno de 878. mandou restaurar Coimbra, e porque depois pertenderaõ recobralla os Mouros, veyo elle com formidavel exercito no de 879. restabelecella, deixando ao Conde D. Diogo Fernandes com bom prezidio a sustentalla.

291 E como nesta mesma occasiaõ passasse D. Affonso Magno a Vizeo, onde entaõ foy descuberta a sepultura do infeliz D. Rodrigo, e mandasse levantarlhe os muros, e Castello, que o Catholico lhe havia demolido, ordenando se praticasse o mesmo em Lamego, e por estar jà Coimbra ao seu dominio sogeita, mandasse edificar na extremidade do Monte Herminio a primitiva Cidade da Guarda, que o ficasse sendo, pela parte oriental, da Provincia da Beyra, como tudo bem pondera o dito douto Academico, se manifesta fica-

Doutor Rocha referido dicta 1. part. cap. 3. a n. 47. & a pag. 26.

ficarem já naquelle tempo os Regulos Mouros extinctos nella, e tudo plenamente reduzido ao dominio Catholico.

292 Para diante foraõ continuando os Catholicos Monarcas as emprezas, extendendo cadavez mais por Portugal os ſeus dominios, a pezar do orgulho Sarraceno, que eſtimulado, e receoſo de tantos, e taõ continuados triunfos, em varias occaſioens tentou, naõ ſó rebatellos, mas vingallos, para o que meteraõ varias vezes os Reys Mouros de Cordova, Sevilha, e outras partes, grandes, e poderoſos Exercitos neſtas Provincias, onde lhe foraõ glorioſamente rechaçados pelos eſclarecidos Affonſos, Bermudos, Ramiros, e Ordonhos, até quaſi o fim do decimo ſeculo, em que por eſta parte tornou a padecer Eſpanha hum lamentavel vingativo deſtroço.

293 E ſuppoſto que naquelles antecedentes repetidos aſſaltos, padeceſſem as Cidades, e muitos lugares deſtas Provincias, talvez mayores ruinas, que as que padeceraõ na invaſaõ primeira, com tudo, como naõ tornaſſem a ficar nellas dominantes os Mouros, ſe tornavaõ a reparar logo; maiormẽte desde que as meſmas Provincias foraõ tomando melhores ſemblantes, com as riquezas adquiridas nos deſpojos daquelles rechaçados recontros, e com o livre deſcanço, que goſavaõ, paſſados os ſobreditos diſturbios, no dominio Catholico, fertilizandoſe os ſeus vaſſallos tanto que ao piedoſo exemplo dos ſeus Monarcas, erigiaõ Templos, dotavaõ Moſteiros, e lhes faziaõ as amplas doações, que largamente conſtaõ de noſſas Hiſtorias.

294 Sen-

294 Sendo que entendemos que o mayor estrago, que padeceraõ as Cidades, e Praças destas nossas Provincias foy quasi no fim do decimo seculo, quando reynando jà em Leaõ, e mais dominios Catholicos D. Bermudo II. o Gotozo, havendo principiado com disturbios fataes o seu Imperio, se animou Mahomad Almançor famoso General de Ysem Rey Mouro de Cordova, a invadirlhe os seus Estados, e como a D. Bermudo lhe faltava a melhor, e mayor parte dos Generaes Portuguezes perecidos na horrenda, e lamentavel batalha da Portella de Areas, e se naõ achasse com forças capazes de rebater a furiosa continuada torrente dos contrarios triunfos, teve Almançor melhor modo, de mais facilmente abrazar tudo, o que tambem se reconheçe ser entaõ do Ceo permitido castigo.

295 Por quatro vezes que Almançor invadio as terras de Leaõ, Castella, e Navarra, sogeitas a seu poder, entre outras Praças, Simancas, Zamora, e a propria Cidade de Leaõ, passada a Corte de D. Bermudo ás Asturias, intentou tambem o barbaro General penetrallas, e naõ podendo, ou naõ permitindo Deos conseguillo, para dalli renascer às nossas Provincias novo remedio, passou a conquistar as de Portugal, e Galiza, em que apprehendidas as Cidades de Coimbra, Vizeo, Lamego, Porto, Braga, e Tuy, chegou a profanar a de Compostella, donde assombrado de celestiaes prodigios se retirou a Cordova, fazendo conduzir a ella em hombros de Christãos por sinal de triunfos, as portas, e os sinos do grande Templo de San-Tiago, que depois lhe foraõ com a pe-

Doutor Rocha Portugal ren. 2.part.a cap. 17.& a n. 338.à pag. 382.
Fr. Leaõ de Santo Thomas Benedict. Lusit.tom.2.trat. 1.part.3. Prelud. 2.a pag. 117.e outros

a pena de Taliaõ reſtituidos, reynando já D. Fernando o Magno.

CAPITULO XLV.

Proſegue a meſma materia dos dous Capitulos precedentes com particulares noticias da Cidade do Porto.

296 REduzidas as noſſas Provincias ao lamentavel eſtado referido, na forma que admiravelmente diſcorre o noſſo Douto Academico, a que neſte compendio eſpecialmente ſeguimos, he de notar agora para o prezente caſo, em que de tanta authoridade nos valemos, que tomada Coimbra, naõ foy por Almançor deſtruida, antes deixando boa guarniçaõ nella para acabar de ſogeitar os povos confinantes, e chegando á Cidade do Porto, parece ſem duvida praticou nella o meſmo, por ſe declarar lhe fizera menos reziſtencia, ſendo que alguma houve, e talvez grande; porque naõ podendo livralla ſeus defenſores, que nella tinhaõ dominio, vieraõ depois recobralla, quaes foraõ D. Moninho Viegas, com ſeu Irmaõ, e dois filhos naquella memoravel Armada, chamada dos Gaſções, em noſſos Eſcritores bem conhecida, e pela nobreza, e valor de ſeus Cavalleiros, glorioſamente decantada.

Doutor Rocha ubi ſup. part. 2. cap. 18. a n. 359. & a n. 370. a p. 392.

297 De caminho advertimos, em abono da Cidade do Porto, que o dito D. Moninho Viegas, e ſeu Irmaõ D. Seſnando, naõ ſó eraõ Portugue-

tuguezes; mas filhos do Conde D. Gonçalo Moniz, bem celebrado em noſſas Hiſtorias, o qual foy filho do Conde Portuguez Guilherme Gonçalves, e eſte o era de outro Gonçalo Moniz, que o foy do Conde Munio Nunes, e de ſua mulher Argilo, e eſtes tambem foraõ Avos, ou biſavos maternos do famoſo Conde de Caſtella Fernando Gonçalves, o que tudo moſtrariamos com clara evidencia, ſe aſſim foſſe preciſo ao prezente aſſumpto, em que baſta tocar eſte ponto, e a prezumpçaõ bem fundada de que neſta reziſtencia, que o Porto fez a Almançor, morreria o dito Conde D. Gonçalo Moniz, por naõ haver certeza de que faleceſſe na antecedente Batalha da Portella de Areas, e faltarem deſtes tempos por diante as ſuas memorias.

298 Suppoſto pois que a Cidade do Porto reziſtio valerozamente aos triunfantes progreſſos de Almançor, que a rendeo, como o principal dezignio deſte General, álem da vingança dos deſtroços, que nos Mouros haviaõ feito os Reys Catholicos, era tornar a reduzir toda a Eſpanha ao dominio Agareno, he ſem duvida naõ havia de arrazar totalmente as Cidades principaes, em que hia deixando prezidios (como em Coimbra tinha feito) que ſogeitaſſem os lugares, e povos confinantes, em quanto hia continuando para o interior de Galiza a ſua empreza, de que ſomente rezultariaõ as ſuperficiaes ruinas, que foraõ precizas a vencer as reziſtencias, e depois ſe reparavaõ, ou jà pelos Mouros a conſervarſe, ou jà pelos Catholicos (quando outra vez cobradas) a reſtabelecerſe; morrendo porém neſtes conflitos muita gente,

299 E

299 E ſuppoſto tambem conſte que os Mouros em varias partes arrazaraõ edificios ſeitos em lugares fortes, iſto bem ponderado parece deve entenderſe dos ſituados em dezertas montanhas, que podiaõ ſervir de refugio aos perſeguidos Catholicos, e talvez os meſmos por elles edificados em aſperos ſitios, ou para ſemelhante remedio, ou a perpetuar o emprehendido dominio; mas naõ das Cidades grandes, e principaes, que como Praças de Armas, e cabeças de Provincias, eſtavaõ conſtituidas nas eſtradas publicas, e vias militares, por onde ordinariamente ſe encaminhavaõ os Exercitos, huns a rendellas, e outros a recobrallas, em razaõ de pertendellas cada partido a ſeu dominio ſogeitas, e paſſando de humas a outras em rectas marchas, parece ſem duvida ſe naõ demoravaõ em conquiſtar Aldeas, e lugares abertos, mayormente os de ſituações deſviadas, que perſi ſeguiaõ na ſogeiçaõ a fortuna das Capitaes invadidas.

300 Pela força deſta conſideraçaõ entendemos (e a iſto ſe tem encaminhado a larga expoſiçaõ deſte ponto) que do Porto rendido paſſou Almançor direito a Braga, e della às outras Cidades da meſma graduaçaõ, até chegar a Compoſtella, ſem mais demora, que a mayor, ou menor reſiſtencia de cada huma dellas, e como da eſtrada militar do Porto a Braga, ficava o lugar de Matozinhos deſviado para a parte do mar occidental huma legoa; por tudo entendemos tambem, que nem neſta, nem em outra alguma das invaſões precedentes foy deſtruido, ainda que padeceſſe a geral conſequencia de ficar,

 como

como os mais aos Mouros ſogeitos, e o meſmo ſe pode applicar ao ſuccedido na invaſaõ dos Suevos, e aſſim naõ conſta que em tempo algum daquelles calamitoſos ſeculos, foſſe o Templo do Senhor de Bouças demolido, ſendo talvez eſta notavel circunſtancia, e o ſerem os moradores daquelle lugar menos vexados, hum dos grandes continuados prodigios deſte Senhor ſoberano, que dos afflictos foy ſempre o melhor refugio.

301 Neſte eſtado jà feliz, jà temeroſo pelas conquìſtas Catholicas, e pelas irrupções Agarenas, permaneceo illeza ſempre no lúgar de Matozinhos a memoravel Igreja do Senhor de Bouças, até que os Mouros naõ tiveraõ mais entrada neſta Provincia. Nella teve ſem duvida, em todos os tempos a Sagrada Imagem de Chriſto Crucificado, que alli ſe venera, reverentes cultos, e adorações obſequioſas, que ſerviaõ de perennes ſupplicas a aplacar os tremendos rigores da Divina Juſtiça per nunca faltarem neſte lugar, e neſtas Provincias zeloſos Catholicos, por iſſo permitio a Mizericordia de Deos, que por ellas principiaſſe a reſtauraçaõ de Eſpanha, aſſim como pelas meſmas havia permitido entraſſe a Fé Catholica.

CAPI-

CAPITULO XLVI.

Profegue a mefma materia, e o eftado da Igreja de Bouças desde que Portugal foy dado em dote à Rainha Dona Tereza. Tocam-fe algumas antiguidades da Cidade do Porto.

302 NAõ faltaraõ, tornamos a dizer, no lugar de Matozinhos zelofos Catholicos por aquelles tempos, alentados fempre por efte fagrado final da Redempçaõ humana, que alli tinhaõ em permanente depofito, e animados tambem dos Santos Prelados, que he verofimil houve pelos mefmos tempos no Porto, porque fe pudeffemos com Hauberto Hifpalenfe, e outros eftabelecer efte ponto, achariamos, que desde o anno de Chrifto de fetecentos e quinze atè o de fete centos e vinte e quatro fora Bifpo do Porto Dominio, e ignorados alguns outros, o fora tambem Herbicio desde o anno fete centos e fetenta, atè o de oito centos: dahy por diante temos certeza que o foraõ Gumeado I. Hermogio I. Jufto, Gumeado II. Froalengo, e Hermogio II.

303 Reftaurada por D. Moninho Viegas a Cidade do Porto, poucos tempos depois que por Almançor lhe fora tomada, foy logo feu Bifpo D. Nonego, aquelle celebre Prelado, que os noffos Efcritores entendem havello fido de Vandoma em França, a que fuccedeo D. Sefnando I. Irmaõ

 de

de D. Moninho, e a elle D. Hugo I. a que se seguio D. Sesnando II. e a este D. Hugo II. que o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha suppoz unico do nome, por naõ haver achado as clarezas, que depois manifestaraõ a Serie dos referidos, advertindo que entre os Bispos D. Sesnando, e D. Hugo segundos houve no Porto huma larga Sé vacante, em que successivamente governaraõ esta Diocesi tres Arcediagos D. Payo I. D. Rodrigo, e D. Payo II. Do primeiro ha memorias certas pelos annos de mil e oitenta e oito: do segundo pelos de mil e noventa e dous, e do terceiro pelos de mil e cento e sete.

Illustrissimo Cunha Catal. dos Bisp. do Porto 2. part. Cap. 1. a p. 1.

304 E como todos os sobreditos Prelados eraõ taõ zelosos, e insignes, quanto convinha á perturbaçaõ daquelles tempos, para restabelecer na disciplina Ecclesiastica os Catholicos já livres das irrupções dos Barbaros, he sem duvida que por todos os modos continuou em Matozinhos o culto, com que alli foy sempre a Sagrada Imagem do Senhor de Bouças venerada, e o seu Mosteyro, ou Igreja a ser hum dos principaes Padroados da Rainha Dona Thereza, depois que Portugal lhe foy dado em dote, e talvez a sua piedosa devoçaõ felicissimo presagio de que em seu filho o esclarecido D. Affonso Henriques, havia Christo de instituir para si hum especial, e glorioso Imperio.

305 Na Cidade do Porto fez a Rainha Dona Thereza muita assistencia, em tanta forma, que ainda nella se conservaõ inteiras as proprias casas em que vivia, e a pouco espaço huma antiga escada chamada atègora da Rainha, por donde sobia

bia a frequentar na Sè Cathedral, que com ſeu marido reedificara, e ampliara, aos Divinos Officios a ſua aſſiſtencia, e ha tambem huma calçada, que alludindo a ſeu nome ſe denomina da Thereza, e como eſta Rainha era taõ piedoſamente devota, hiria muitas vezes a Matozinhos em romaria, por lhe ficar em diſtancia de huma ſó legoa, a venerar aquella Imagem Sagrada, de que eraõ bem notorias as maravilhas, e o meſmo he veroſimel faria o Principe D. Affonſo ſeu filho, que deſte Divino Sol, qual Aguia Real, beberia naõ ſó os alentos, com que havia em ſeus deſcendentes de extenderſe às mais remotas regiões do Mundo a Fé Catholica; mas a inſtruirſe já entaõ com preſagio feliz, no reverente reſpeito, com que depois no Campo de Ourique adorou a Celeſtial inſtituiçaõ do ſeu Reynado.

306 Da piedade, e catholico zelo da Rainha Donna Thereza, pelos referidos reſpeitos, he bem veroſimil repararia de algumas couſas de que neceſſitaſſe o Moſteyro, e Igreja de Bouças, eſpecialmente de paramentos, e adornos ſagrados; pois a naõ erigio de novo, como jà fica viſto na ponderaçaõ dos Breves de Paſcoal, e Calixto ſegundos, que aponta o Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha em ſeu Catalogo, mayormente eſtando na poſſe do ſeu Padroado desde o anno de mil e noventa e tres, em que conforme admiravelmente eſcreve o ſempre douto Academico o Reverendiſſimo D. Jozé Barboza, cazou com o Conde Henrique. Da meſma Rainha affirma o ſobredito D. Rodrigo da Cunha, que entre outras mercês, que fizera ao Biſpo do Porto D. Hugo o

Illuſtriſſimo Cunha Catal. dos Biſpos do Porto 2. part. Cap. 1. a p. 3. Barboza Catal. das Rainhas de Portugal na Rainha D. Thereza. lit. B. a n. 28. & a p. 29.

Illuſtriſſimo Cunha. loce ſup. a p. 15.

II. lhe concedera o Mosteyro de Bouças no anno de mil e cento e vinte e oito, e já entaõ trinta e cinco, que era de seu Real Padroado.

307 E porque juntamente lhe concedeo ametade do Porto de Agoa do Douro, que era todo o districto, que corria da Pedra chamada salgada atè o mar Occeano, por merce que no mesmo anno confirmou seu filho o Serenissimo Principe D. Affonso Henriques, se manifesta bem que a concessaõ fora dos fructos, e rendimentos que deste Mosteyro, e deste districto lhe pertenciaõ; mas parece se ficou conservando na Casa Real o Padroado, ou direito delle, pelas doações, que depois houve já referidas. Quanto desde entaõ creceria a veneraçaõ, e o culto da Sagrada Imagem do Senhor de Bouças, bem se deixa entender da zelosa Religiaõ dos Portuguezes agradecidos, naõ só a se reconhecerem jà dos Mouros desassombrados, mas com Rey proprio pelo mesmo Christo instituido.

CAPITULO XLVII.

Das vezes, e occaziões, que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças foy levada de Matozinhos em procissaõ à Cidade do Porto, e porque motivos, e se trata logo da primeira.

308 CInco saõ as vezes de que ha memoria, que a Veneravel Imagem do Senhor

nhor de Bouças fosse levada de Matozinhos em solemne procissaõ á Cidade do Porto, em outras tantas necessidades publicas, quatro dellas universaes em todo o Reyno, e huma especial da mesma Cidade do Porto. Em todas se experimentaraõ da Divina Clemencia os admiraveis milagrosos effeitos, que naõ haviaõ podido alcançarse por outras fervorosas supplicas anteriormente repetidas, donde se originou de humas a outras a piedosa, e segura confiança, de que só por este soberano meyo havia Deos de ostentar benigno os excellentes claros prodigios de sua Mizericordias, nas propias occasiões, em que parecia vibrar sómente os formidaveis, tremendos rigores da sua Justiça.

309 Foy a primeira correndo o anno de Christo de mil e quinhentos e vinte e seis, em que foraõ neste Reyno taõ continuas as arrebatadas enchentes, e multiplicadas as tempestades, que com notoria evidencia se temia nesta quasi alagada Provincia, a total perda de seus fructos, e cultivadas searas, faltando por essa razaõ a preciza subsistencia a seus moradores, fazendo-se-lhes mais horrivel este funesto incidente, por naõ accordarem memoria de taõ extremosa fatalidade, e havendo afflictos recorrido, para o remedio della, a varias Catholicas supplicas, sem conseguirem o suspirado effeito, determinaraõ ultimamente os Cidadões do Porto imploralIo, por meyo da veneravel Imagem do Senhor de Bouças, fazendo todas as precizas diligencias para que em solemne procissaõ de preces fosse á sua Cidade conduzida; pela fervorosa, e alentada espe-

ran-

rança, que talvez por superior impulso concebe-raõ de ser este, em tanta inclemencia do tempo, o unico refugio.

310 Reynava em Portugal o Serenissimo Monarca D. Joaõ III. governava a Igreja de Deos o Santo Pontifice Clemente VII. e era Bispo do Porto D. Pedro da Costa, quando no Mez de Junho do sobre ditto anno (ignorase o dia) havendo o Senado da Camera, e Regencia do Porto regulado com a de Matozinhos celebrarse a procissaõ pertendida, e a formalidade della, se fez em effeito com tanta solemnidade, e occurrencia de povo, que memorias ha que affirmaõ passarem de quarenta mil Almas, as que acompanharaõ este piedosissimo acto. Inexplicavel se faz à ponderaçaõ a jubilosa alegria, com que na Cidade do Porto foy recebida esta Imagem Sagrada; mayormente vendo-se, e com summo prazer admirando-se, que tanto que entrou pela porta de Olival della, se serenaraõ logo os ares convertendo-se as pardas, e densas nuvens em orizontes taõ claros, e taõ rizonhos benignos progressos, que foy por isso aquelle anno nas colheitas o mais fertil, que se acordou em largos tempos.

Mariz. Hist. de S. Joaõ Sahagum. 1. part. cap. 11

311 Com menos verdadeira informaçaõ escreveraõ os Padres Pedro de Mariz, e Jozé Pereira Bayaõ, que nas raras occazioes, em que o Senhor de Bouças era levado em procissaõ à Cidade do Porto, o naõ deixavaõ os moradores de Matozinhos sahir fora, sem primeiro lhes ficar em penhor huma certa quantidade de dinheiro, ou peças de ouro, e prata, e ainda, para mayor segurança, elegiaõ de entre si alguns homens mais valen-

valentes, que armados de chuças, e partazanas, hiaõ fazendo guarda à Sagrada Imagem, atè que lha tornavaõ a ſeu lugar. O Padre Bayaõ tresladou de Mariz, e eſte ſem reflexaõ eſcreveo neſta parte huma acçaõ taõ impolitica, que nem podia eſperarſe da notoria urbanidade dos moradores de Matozinhos, nem ſupporſe naceſſaria á viſta dos fideliſſimos procedimentos, com que ſe portaraõ ſempre os nobres Cidadões do Porto.

312 O Padre Antonio de Vaſconcellos, que foy o que primeiro deo noticia deſta prociſſaõ primeira do Senhor de Matozinhos á Cidade do Porto, naõ a dà da referida incivil circunſtancia, a que os ſobreditos Eſcrittores, menos bem informados, ſe extenderaõ, nem della ha verdadeiramente memoria alguma, ou principio, de que ſe faça veroſimil, ſuppoſta a occaſiaõ, e previſto o motivo, com que aquella piedoſa prociſſaõ foy intentada em beneficio commum de toda a Provincia, e ſendo de taõ numeroſo povo acompanhada, e em neceſſidade, que naõ podia dar lugar a intentarſe, e a prevenirſe huma acçaõ, de que ſem duvida podiaõ rezultar conſequencias muy irreverentes, que mais provocariaõ a ſe continuarem os rigores da Divina Juſtiça, e ſe naõ conſeguiſſem taõ promptamente, como conſeguiraõ, os piedoſos benignos effeitos da Mizericordia.

313 Pelo que devemos ter entendido, que tanto neſta primeira occaſiaõ, como nas mais, em que a contrita affliçaõ dos Catholicos recorreo, por eſte ſoberano meyo, e ſingular Prototypo do Redemptor do Mundo, a implorar os Divinos favoraveis auxilios, foy com todo aquelle urbano

modo

modo, e reverente reſpeito, que naõ ſó às couſas ſagradas he ſempre devido; mas ainda ao Direito das gentes, com que politicamente ſe governa todo o Univerſo, mayormente attenta a ſincera, e amigavel correſpondencia, que em todo o tempo houve entre os moradores de Matozinhos, e os Cidadões, e povo da Cidade do Porto, que continuamente vay obſequiar ao Senhor de Bouças em piedoſas romarias, e toda eſta boa armonia ſe cultivou em todo o tempo, e ſe vio fielmente praticada nas occaziões ſeguintes, em que foy neceſſario implorar do meſmo Senhor ſemelhantes beneficios.

CAPITULO XLVIII.

Da ſegunda, terceira, e quarta vez, que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças foy levada em prociſſaõ à Cidade do Porto.

314 A Segunda vez, de que ha memoria, que o Senhor de Bouças foſſe levado em ſolemne prociſſaõ à Cidade do Porto, foy em ſete de Junho do anno de mil e quinhentos e oitenta e cinco, reynando já D. Felippe II. de Caſtella primeiro em Portugal, tendo o Summo Pontificado Xiſto V. e ſendo Biſpo do Porto D. Frey Marcos de Lisboa, que neſte anno havia feyto novas Conſtituições para o Biſpado, e Synodo em q̃ as publicou a trez de Fevereiro. A occaziaõ que houve para ſe intentar, e conſeguir com effeito eſta

eſta ſegunda prociſſaõ foy em todas as circunſtancias ſemelhante á primeira referida; porque ſendo neſte meſmo anno taõ impetuoſas, e continuas as innundações das chuvas, que naufragavaõ nas ſearas ſoçobrados os frutos, e alagadas as ſementeiras, e naõ havendo neſta geral afflicçaо outro remedio, recorreraõ os Cidadões Portuenſes, cuidadoſos ſempre do bem commum, ao ſeguro penhor, que o he infallivel de benignas influencias. Aſſim o exprimentaraõ, pois viraõ, que conduzida pelo meſmo reverente modo, a veneravel Imagem à Cidade, alcançou logo eſta, e ſua Comarca a dezejada bonança.

315 Terceira vez infeſtou a humida inclemencia do perturbado, e inconſtante tempo no anno de mil e quinhentos e noventa e ſeis as noſſas Provincias, com taõ lamentavel exceſſo, que por ultimo, e unico remedio dos afflictos Colonos, tornaraõ os Cidadões do Porto, attentos ao imminente damno, a recorrer ao ſoberano amparo, e ſingular refugio do Senhor de Bouças, diligenciando, e conſeguindo felizmente o ſer em ſolemne, e piedoſa prociſſaõ conduzido à meſma venturoſa Cidade; mas ſe da primeira, e ſegunda vez foraõ taõ grandes os populares devotos concurſos, memorias ha que neſta terceira foy ſem duvida innumeravel; pois a tanto empenho movia fervoroſamente os animos Catholicos a notoria certificada experiencia dos antecedentes claros prodigios, que neſta favoravel occaziaõ ſe viraõ multiplicados, mudando-ſe logo em proſpera ſocegada bonança toda a tempeſtuoſa inclemencia, conſeguindo-ſe, em abundante copia de frutos,

frutos, huma plena, e admiravel colheita.

316 O Reverendo Doutor Antonio Coelho de Freitas efcreve, que efta terceira prociffaõ fe celebrara em 31. de Mayo do mefmo anno de 1596. mas outra memoria antiga, com que concorda o que como teftemunha de vifta refere Manoel Tavares de Carvalho, affirma, que fora em huma Sefta feira depois da Octava da Afcençaõ do Senhor, em que fe contavaõ 23. de Mayo daquelle pela dita razaõ feliciffimo anno. Nelle reynava ainda o Monarca Caftelhano D. Felippe II. e primeiro em Portugal. Era Summo Pontifice Clemente VIII. e Bifpo do Porto D. Jeronymo de Menezes. Memorias ha, e o efcreve tambem o referido Manoel Tavares de Carvalho, que nefta terceira occaziaõ foy o Senhor de Bouças como em triunfo recebido na Cidade do Porto, com hum grande applaufo, e militar cortejo do Prefidio Caftelhano, que nefta Cidade fe achava governado pelo Sargento Mòr Pedro Bernardes, que em marcial pompa deo entaõ ao Senhor huma regia falva.

Doutor Freitas trat. do S. de Matozinhos. cap. 9. pag. 56. Tavares de Carvalho Relaçaõ do Senhor de Bouças impreffa no anno de 1645.

317 Da quarta vez, que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças foy conduzida em folemne prociffaõ à Cidade do Porto em 20. de Junho do anno de 1644. daõ individuaes expreffas noticias, tanto as memorias referidas, como o fobredito Manoel Tavares de Carvalho, que efpecialmente efcreveo defta materia a Relaçaõ apontada. Foy o motivo defte piedofiffimo acto em tudo femelhante ao das occaziões precedentes, e tambem o foy o reverente precario recurfo dos nobres Cidadões do Porto a efta foberana

na Imagem, que jà coſtumava ſer o unico, e ſingular remedio a ſoçobrados deliquios. Da carta, que o meſmo Eſcritor traz copiada com data de 17. de Junho de 1644. conſta gratificou o Senado da Camara do Porto aos Irmãos da Meſa do Senhor de Bouças em Matozinhos, o bem animo, com que ſe tinhaõ diſpoſto, a que o Santo Chriſto foſſe levado em procifſaõ à meſma Cidade, mas neſta carta ſaõ dignas de notar as clauſulas ſeguintes.

318 Viſta a formalidade da ſobredita carta, depois de expreſſada nella a intelligencia do bom animo dos Irmãos da Meſa, ſe proſegue em declarar que o expediente deſta Religioſa Acçaõ, era para todos juntos pedirem ao Senhor foſſe ſervido uſar da ſua piedade, nas neceſſidades em que ſe viaõ com as inclemencias do tempo, e que as miraculoſas experiencias, que todos tinhaõ das merces, que o meſmo Senhor em muitas outras, que ſe lhe pedio uſaſſe com todos de ſuas Mizericordias, eſtavaõ ſegurando, a que entaõ foſſe ſervido pôr os olhos na ſua fè, dandolhes o tempo, de que os frutos, e novidades tanto neceſſitavaõ, e que obrigados ao dito animo, nas occaziões que no Senado ſe offereceſſem tratar do bem comum de todo o lugar de Matozinhos, lhe ſeria ſempre prezente aquella acçaõ, que por pia, e Chriſtãa eſtava pedindo todo o poſſivel agradecimento.

319 Do referido contexto da ſobredita carta ſe manifeſta com clara evidencia, naõ ſó o reiterado recurſo ao Senhor de Bouças em ſemelhantes cazos; mas que naõ havia para iſſo nos

bem

bem advertidos moradores de Matozinhos repugnancia alguma, e menos a cautelosa circunstancia de penhores, e valentes armados; manifestando-se igualmente a mutua, e politica correspondencia, que entre huns, e outros moradores se cultivava, sem genero algum de desconfiança, e quanto o Senado do Porto attendia a huma armonia taõ caprichosa. Da mesma sórte se patentea ser a huns, e outros povos commua a causa, razaõ porque em taõ ajustados procedimentos se experimentaraõ sempre os milagrosos admiraveis effeitos da Divina Clemencia, como em premio de huma conformidade taõ generosamente primorosa, e assim se vio nesta memoravel occaziaõ o favor do Ceo praticado, melhorando logo sem demora o tempo, que com rizonho semblante correndo a ostentar benignos influxos fez fertilissimo aquelle anno.

CAPITULO XLIX.

Prosegue a mesma materia, e se dà noticia da quinta vez, que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças foy conduzida em procissaõ à Cidade do Porto.

320 REgìa a Monarquia Portugueza naquelle tempo o Serenissimo Rey D. João o IV. e a Romana Igreja a Santidade de Urbano VIII. Nelle estava o Bispado do Porto em Sè Vacante, e só era nomeado para Bispo delle D. Sebastiaõ

baſtiaõ Cezar de Menezes, o que naõ teve effeito. Celebrouſe a dita Prociſſaõ no referido dia de 20. de Junho de 1644. havendo hido para o preparo, e diſpoſiçaõ della, da Cidade do Porto o nobre Cidadaõ Luiz de Valladares Carneiro, Juiz da Confraria do Senhor de Bouças, de que o foraõ pela mayor parte peſſoas nobiliſſimas da meſma Cidade. Neſta occaziaõ acompanharaõ a prociſſaõ de Matozinhos ao Porto os Religioſos Recoletos da Obſervancia de S. Franciſco do Moſteyro da Conceyçaõ ſituado na parte Septentrional do Rio Leça.

321 Veroſimil he que nas tres occaziões antecedentes fizeraõ aquelles Seraficos Religioſos o meſmo reverente obſequioſo acompanhamento; porque de muito antes da occaziaõ primeira, tinhaõ jà naquella margem do Rio Leça o ſeu Moſteiro, mudado do de S. Clemente das Penhas pelos annos de 1478. como refere o Padre Frey Manoel da Eſperança ſeu Chroniſta. De maneira que a meſma ſolemnidade, o meſmo applauſo, e o meſmo reverente numeroſo concurſo, com pouca, ou nenhuma differença, houve neſta occaziaõ, que em todas as mais, de que ha memoria, que a Sagrada Imagem do Senhor de Bouças foſſe levada de Matozinhos ao Porto em Prociſſaõ precaria, e Religioſa; porque em todas era, e foy ſempre igual o continuado ardente zelo, e a perene devoçaõ, com que em fervoroſo aſſeado culto, os moradores do Porto, e deſta Provincia, veneraraõ, e reconheceraõ em todo o tempo os ſoberanos effeitos dos ſeus prodigios; que neſta occaziaõ foraõ como nas mais, grandes, e continuados.

Eſperança. H. ſt. Serifica. 2. part. lib. 10 Cap. 42. pag. 474.

322 Em huma das quatro vezes referidas (ignorase em qual dellas) succedeo que antes de entrar o Senhor de Bouças na Cidade do Porto, por hum violento incidente, parece que tempestuoso, foy precizo recolher o Andor em huma Capella da invocaçaõ de S.Miguel extra muros da mesma Cidade, na qual depois se fundou o Recolhimento chamado do Anjo para Donzellas graves, e dezamparadas Matronas, e ou em memoria do caso, ou para piedosa consolaçaõ dos moradores do Porto, se effigiou em vulto do Senhor de Bouças o Retrato, que no sobredito Recolhimento se venera, e se festeja sempre no primeiro de Mayo, com grande, e pompoza magnificencia àlem de outros cortejos particulares nos dias da Invençaõ, e Exaltaçaõ da Cruz Sagrada, para o que se lhe instituhio huma especial, numerosa Confraria.

323 Quinta vez foy levada a sagrada Imagem do Senhor de Bouças em solemne procissaõ de preces à Cidade do Porto em 2. de Abril do anno de 1696. reynando em Portugal o Serenissimo Monarca D. Pedro II. governando a Igreja Catholica Innocencio XII. e sendo Bispo do Porto D. Joaõ de Souza. Diverso, mas naõ menos lastimoso foy o motivo desta piedosa acçaõ dos das precedentes; porque havendo sido ellas todas em necessidades publicas, e grandes, procedidas da fluida irregular innundaçaõ das agoas, o foy destas o horroroso espetaculo, q̃ occazionavaõ nas multiplicadas doenças, que na Cidade pareciaõ epidemicas, por serem de taõ contagiosos malignados symptomas, que quasi excediaõ, e constratavaõ todos os mais doutos, e fortes Aphorismos

da

da Medicina, cançada jà de ver, e experimentar frustradas, e sem vigo as suas receitas.

324 Por ultimo remedio recorreo, quasi agonizante, a Cidade ao que por sucessiva maravilha reconhecia seguro, diligenciando os prudentes Cidadões do seu Governo, como bons enfermeiros, que em solemne visita sahisse a acudirlhe aquelle Divino Medico, que aos afflictos pulsos, em agitados impulsos de contriçaõ fervorosa, costuma dar sempre a melhor cura, pelos preciosos suavizados cordeaes de suas Mizericordias, depois que no Calvario a puras sangrias, se ostentou da vida Cathedratico, para livrar ao Mundo da Morte eterna; e se da Cruz pendente havia sido nas outras vezes celestial Iris, que annunciando serenidades, permitio tivessem para a vida o necessario sustento os remidos, e remediados Catholicos, nesta occaziaõ permittio tambem ser benignamente o Autor da continuada vida aos mesmos, para gozarem reverentes, e agradecidos em perfeita disposiçaõ aquelles viveres permitidos.

325 Celebrouse em effeito este piedosissimo acto, com a mesma solemnidade, e a mesma pompa, que as semelhantes funções precedentes, de que fez hum douto, e especial Tratado o Reverendo Doutor Antonio Coelho de Freitas Reytor da Igreja de Matozinhos, e de que tambem fomos testemunha de vista na adolescente idade de 17. annos, em que pessoalmente prezenciamos a magestosa magnificencia, com que foy feito, e vimos com admiraçaõ, e assombro ser excessivo, e quazi infinito o devoto concurso do po-

Doutor Antonio Coelho de Freytas Tratado do S. de Matozinhos.

vo immenso, que com fervoroso reverente disvello concorreo a fazer na assistencia mayor, e mais memoravel hum taõ vistoso espectaculo, que por naõ caber, a acompanhar o Senhor pelos caminhos, cobria os montes, e innundava os campos, e parecendo que estes ficavaõ por essa razaõ destruidos, se admirou foraõ nos frutos os mais copiosos, em premio talvez da zelosa fé, que os seus Colonos, a qual mais em competencia, os puzeraõ patentes, e abertos a lograr tanta fortuna.

CAPITULO L.

Prosegue a mesma materia, e com algumas outras noticias se conclue o primeiro assumpto.

326 DOis annos antes, no de 1694. declara o mesmo Doutor Antonio Coelho de Freytas, se havia intentado, e na mesma fórma disposto o ser levada a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças em solemne Prociſsaõ á Cidade do Porto pela necessidade ardente, com que na falta entaõ de chuvas, se esterilizavaõ os campos, e pereciaõ abrazadas as Searas nesta Provincia, abrindo bocas sequiosa a terra, que só lhe serviaõ de lamentar em extremo o adusto ardor de seus prados. Como porém muitas vezes antecipa Deos benigno as suas graças ao empenho mayor das nossas supplicas, permittio entaõ que soltos os diques das grossas nuvens, que logo se con-

constiparaõ densas fizessem huma profuzaõ muy copiosa, e com ella remediada a falta, se suspendeo, e mudou em Acçaõ de Graças a prevenida diligencia.

327 Mas como aos dous annos seguintes se proseguiraõ nas malignas doenças os ardores, poderia aquella anterior esterilidade dos Elemẽtos haver sido antecipado annuncio a tanto flagello, ou talvez esta mizeria, das nossas culpas continuado castigo. E se na sobredita occasiaõ logo que o Senhor de Bouças, já descido do seu trono, se achava exposto a sahir a campo, para ostentar as maravilhas de seus triunfos, permitio entaõ, que alguma contriçaõ lhe deteve os passos, remediar sem dilaçaõ os estragos do voraz incendio; nesta quinta vez, que a requintar os seus prodigios se dignou ser á Cidade do Porto conduzido, por costumar benigno elle mesmo hir ás casas dos enfermos, logo que chegou a fazerlhes geral visita, passaraõ todos de moribundos a viventes, e de mortaes a convalecidos, respirando por este modo, a beneficios de favonio divino alento, a Cidade, que quasi espirava no mais profundo letargo amortecida.

328 Estes admiraveis, soberanos prodigios parecem ser outro sinal evidente, àlem dos jà referidos, de haver sido a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças por Nicodemus delineada; porque sendo della divino molde o proprio Christo remindo o Mundo, vivamente reprezentado na memoria do piedoso Artifice, e este pela comunicada virtude do contacto fizico, de quando o desceo da Cruz no Calvario, participando-a da

mesma sórte ao prodigioso Artefacto, o constituhio taõ peregrino, que ficou sendo proporcionado meyo a taõ milagrosos assombros, e porisso esta sagrada Imagem he, e tem sido sempre bem singular nos portentos, como pelas sobreditas occazioens se tem visto, e com felicidade perpetua se està continuamente exprimentando.

329 Nem tem havido occasiaõ finalmente, em que sendo por este meyo admiravel invocada a Divina Clemencia, naõ experimentassem sempre os opprimidos Catholicos singularissimo remedio, huns que navegando arriscados pelas fluidas correntes do mar inconstante, vendo-se nas furiosas tormentas sogeitos a perecer entre encapelados abysmos, acharaõ sempre neste piedoso soccorro a melhor taboa a salvar do naufragio: outros que nas ancias da morte fluctuando agonizantes, quazi reduzidos a cadaveres frios, só deste Sol receberaõ vigorosos alentos, reconhecendo assim todos os necessitados, que em hum taõ especioso Retrato do Redemptor do Mundo, tinhaõ para tudo o mais soberano refugio.

330 Demonstrações saõ evidentes desta segura confiança os pendentes despojos, e repetidos quadros, que nas paredes do Templo do Senhor de Bouças, estaõ continuamente indicando, como em trofeos esclarecidos, os multiplicados triunfos, que nas guerreiras opposições dos Elementos, alcançaraõ sempre os seus devotos, produzindo lhes a Terra sazonados frutos: dandolhes o Mar saborozos pescados, e cõvenientes chuveiros: ministrando-lhes o Ar purificados alentos: e formando o Fogo temperados estios. Alli se admiraõ

miraõ em varias patentes copias, a morte vencida; a ſaude reſtaurada: as aleijões desſeitas: as muletas arrojadas: os milagres eſcritos: os prodigios declarados, e maravilhas tudo.

331 Digno he de ſaberſe, que alguns homens de negocio da Cidade do Porto, naõ ſeguraõ de outra ſórte as ſuas embarcações de commercio, mais que pela eſtipullaçaõ tributaria de conſignarem devotos ao Senhor de Bouças, a importancia de huma ſoldada, de Capitaõ, Piloto, Meſtre, ou Marinheiro, a que pontualmente ſatiſfazem, conſeguida a viagem a ſalvamento. E muitas vezes dos navegantes os Capitaẽs, e Marinheiros, vendoſe no Mar em grandes apertos, fazem ao Senhor enternecidos votos, de que vindo ao Porto ſem perigo, o vizitarem logo deſcalços, e em algumas lhe offerecem huma vela do proprio navio, que chegando a terra levaõ os meſmos em hombros, e avaliada em Matozinhos, ſatisfazem à Meza do Senhor o ſeu importe, ſendo piedoſamente viſtoſas as fieis execuções deſtas promeſſas.

332 Eſtas ſaõ, quanto pudemos deſcubrir, todas as Antiguidades, que reſpeitão ao primeiro Aſſumpto, das quaes em corolario rezumidas temos viſto, que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças encaminhada myſterioſa, e divinamente da Paleſtina á Luzitania, aportou milagroſa no lugar de Matozinhos em huma terça feira 3. de Mayo da era de 162. anno 124. do naſcimento de Chriſto, que 50. annos ſe venerou neſte Emporio diminuta do braço eſquerdo, que prodigioſamente appareceo em outra terça feira 25.

de

de Mayo terceira Octava do Espirito Santo do anno de 174. que foy legitima, e talvez primogenita fabrica do insigne Varaõ Nicodemus, que no 1. de Abril do anno 44. da Redempçaõ humana succedeo em Matozinhos o admiravel prodigio de ser todo o lugar á Fé Catholica convertido, pelo notavel caso daquelle regio Cavalleiro, que nas suas prayas celebrava desposorios, a tempo que para Galiza passava embarcado o sagrado Cadaver de San-Tiago, de que se dirivou a nobreza, que fez sempre este lugar esclarecido. E finalmente, que na primitiva Igreja deste venturoso lugar de Matozinhos, naõ obstante as varias alterações dos seculos, e tyrannias invazões de Nações Barbaras se venerou sempre a Sagrada Imagem do mesmo Senhor desde o seu apparecimento atè o anno de 1550. em que foy tresladada a dita Igreja ao sitio existente, em que se venera agora. No anteparo de seu portico se acha gravado o seguinte Distico.

Quem colis hic, quondam ad nostras Deus appulit oras
In Cruce, quam subiit, pro rate mensus aquas.
Hæc illi ad portus placuerunt littora, pende
Quæ statio hæc, portum quæ dedit una Deo.

ASSUM-

ASSUMPTO II.

CAPITULO LI.

Do insigne Lugar de Matozinhos.

333 AM ha duvida, e se reconhece pelas aparadas pennas de alguns Escritores, que o lugar de Matozinhos está situado huma legoa ao Poente da Cidade do Porto. Hum delles entendeo (suppondo talvez que este lugar fora nos tempos, que assima tratamos, muy limitado) que tivera o primeiro assento mais junto ao mar Occeano, de que he vezinho; mas se bem se adverte, visto elle, se manifesta naõ ser possivel, que em tempo algum houvesse sido ao mar mais proximo, do que he agora; mayormente porque os que desta circunstancia parecem vestigios, o naõ foraõ mais que de alguns oppostos reparos a impedir que as areas naõ penetrassem a povoaçaõ com excesso, e nelles mesmos accumuladas servem

Manoel Tavares de Carvalho na Relaçaõ referida.

vem hoje, em grande parte, como de muro a defendellas.

334 De mais que, havendo sido, pelos tempos da vinda de San Tiago a Espanha, este lugar taõ nobre, memoravel, e decantado, que se celebravaõ nelle com publicos festejos, e grandiosos applausos os Reais desposorios de hum Regulo, em que succedeo, com assombro dos assistentes, o admiravel prodigio jà ponderado, e de que ao mesmo lugar rezultou de Matozinhos o glorioso nome, sendo por natureza hum paiz taõ delicioso, e alegre, qne equivocaraõ os Antigos o epiteto do seu Rio com o do famoso Lethes nesta Provincia constituhido, bem se manifesta quanto, e qual seria por aquelles seculos a sua extençaõ, e grandeza; e talvez que por esta se dilatasse em parte mais para o mar Occeano, e seriaõ disso destroçada confuza memoria alguns dos referidos vestigios.

335 Mas sobretudo hum lugar, que por ser o primeiro das Espanhas, que universalmente recebeo a Fè Catholica (Prodigio, que naõ seria taõ decantado, se o lugar fosse sómente de poucos, e pobres moradores guarnecidos) parece devemos considerallo de tal sórte memoravel, e numeroso, qne por tudo foy congruamente digno de que a Divina Providencia o escolhesse, para soberano deposito, e Santuario perpetuo do Retrato mais proprio do Redemptor do Mundo, e taõ proprio, que o Reverendo Padre Jozé Ribeyro Sanchristaõ actual da Igreja do Senhor de Bouças nos referio haver observado por medidas vindas das originaes, que em Jerusalem se conser-

vaõ

vaõ da perfeita eſtatura de Chriſto Senhor Noſſo, haver ſido eſta Veneravel Imagem por ellas formalmente delineada, atê pela medida do Sagrado pé, que no Monte Olivete, ficou no dia da Aſcençaõ eſtampado.

336 E ſendo muitos outros lugares deſvanecidos de memoraveis, e grandes pelos ſonhados brazoens de ſeus fundadores: que glorias, que prerogativas, e que excellencias, ſe naõ poderaõ attribuir, e com melhor razaõ conſiderar ao ſempre inſigne, e notavel lugar de Matozinhos? Correndo a fazello illuſtre aquelle Senhor Soberano, que como fundador ſupremo de grandes Imperios, permitio eſtabelecer nelle a ſua Veneravel Imagem, como previa, e myſterioſa diſpoſiçaõ de haver de inſtituhir a Portugal Imperio ſeu eſcolhido, e ſingularmente exaltado pelo Divino Brazaõ de ſuas Chagas para terror, e aſſombro do Mundo? Ponto he eſte nunca plenamente ponderado; mas que muito, ſe infinitamente tranſcende a limitaçaõ do diſcurſo humano?

337 Compoemſe o lugar de Matozinhos de vinte e quatro eſpaçoſas, alegres, e lageadas ruas de divertido, e jocundo paſſeyo, formadas todas de nobres, e luzidas caſas. Nelle ſe trataõ os ſeus moradores com aceado luzimento, fazendo-o aſſim urbanamente ennobrecido; e álem de ſer aprazivel, he notoriamente ſaudavel, com varias circunſtancias de delicioſo recreyo; porque em todo o tempo ſe produzem nelle as odoriferas flores em tanta copia, que naõ ha feſtiva funçaõ no Porto, em que dellas, com abundancia,

cia, naõ seja deste lugar soccorrido, em fórma, que parece as amenas ostentações de Flora formaõ sempre em Matozinhos huma continuada primavera.

338 Tem, como em suburbios, treze lugares, dos quaes, e de Matozinhos se forma o largo districto da sua Freguezia, sendo bem de notar, que a qualquer delles, a que he precizo hir o Santissimo Sacramento da Igreja Matriz por Viatico, he levado com a mesma solemne pompa, que no principal se pratica; porque neste reverente cortejo o naõ excedem as Villas, e as Cidades mais conspicuas, e opulentas. Ha nelle, e seu termo onze Capellas, como Templos de piedosa devoçaõ dedicados á Virgem Senhora N. e a diversos Santos, e em todos a veneraçaõ, e a frequencia manifestaõ bem o religioso culto de seus moradores, e o catholico zelo com que as tem adornadas. Adiante diremos o mais pertencente ao seu politico governo, por continuarmos com a descripçaõ do Templo principal.

CAPITULO LII.

Do Templo existente do Senhor de Bouças em Matozinhos.

339 CONcedido pelo Monarca Portuguez D. Joaõ III. à Universidade de Coimbra o Padroado de Matozinhos no anno de 1542. como fica visto, attendendo-se, ou a estar já pela muita antiguidade ameaçando ruina o Mosteyro

ro de Bouças, ou ao melhor comodo dos moradores, rezolveo a mesma Universidade o mudallo ao sitio existente, formando nelle, pelos annos de 1550. o magestoso Templo, em que agora se venera a Sagrada Imagem do Senhor de Bouças, que por mais de quatorze seculos se havia no primitivo venerado. Em frondosa amena planicie copada de sublimes alamos, logo na entrada deste venturoso lugar foy erecta a sumptuosa fabrica do novo Templo, com elevados capiteis em suas torres, e no interior composto de tres naves, a que pelo meyo sustentaõ altas colunnas todo primorosamente azulejado, e da mesma sórte o frontispicio, em que ficaraõ exteriormente delineadas as figuras de Jozé, e Nicodemus.

340 Sobre o arco da Cappella mayor ficou entaõ tambem gravada, em tres Arithmeticos numeros a conta de 162. que jà ponderamos significar a era, em que a sagrada Imagem do Senhor de Bouças milagrosamente aportara na memoravel praya de Matozinhos, dizendo esta Epoca relaçaõ, e respeito, á que da mesma sórte, existia no Padraõ decifrada. Era magestosa a mesma Capella, antes de se lhe fazer o acrescentamento, com que o he mais agora, e no retabolo do Altar della, custosamente entalhado, conforme a praxe melhor daquelles tempos, se via em particular espaçoso Nicho o Veneravel Crucifixo collocado, com as bem delineadas Imagens da Soberana Virgem Senhora N. e de S. Joaõ Euangelista ao pé da Cruz, em reprezentaçaõ da magoada assistencia, que fizeraõ à Payxaõ do Filho, e Mestre no Calvario.

341

341 Em nichos particulares, e collateraes do mesmo Altar, estavaõ de vulto bem ideadas as Imagens de Jozeph de Arimathea, e de Nicodemus, com insignias indicantes do Descendimento da Cruz celebrado no Calvario, e tudo se acha com a mesma fórma, e situaçaõ agora no retabolo reformado, e caso que as destes Santos Varões naõ sejaõ as mesmas, que da antigua Igreja se mudassem, sempre saõ final manifesto de que nella os havia da mesma sórte retratados, com alluzaõ especial àquella Divina Tragedia; infundindo tudo, ainda exteriormente o mais profundo, e reverente respeito, a quantos visitaõ este sagrado monumento.

342 Eraõ as paredes da mesma Capella, como toda a Igreja, de preciofo azulejo revestidas, e no meyo da parte do Euangelho havia formado de pedra de cantaria a Sepultura do Bispo D. Giraldo Domingues, com o seu Retrato Pontificalmente delineado sobre o elevado tumulo, a que sem duvida se haviaõ reconduzido seus Ossos da Villa de Estremoz, onde falecera na era de 1359. anno de Christo 1321. Agora se acha o mesmo Mausoleo cuberto com o dourado emmadeiramento, de que a Capella se adornou de novo, e nella sómente entalhada a Pontificia figura do Bispo morto, a conservarse-lhe a permanente memoria, em razaõ de cinco Capellanias, que sendo Padroeiro, deixou instituhidas com certas obrigações, que hoje com dobrado numero de Capellães, se reconhecem alteradas pela nova forma, que neste particular introduzio a Universidade de Coimbra, depois de ser Padroeira.

343

343 Tem no corpo da Igreja bons Altares, e proporcionadamente em correſpondencia diſpoſtas duas primoroſas Capellas de excellente fabrica, huma da parte do Norte, eſpecial do Santiſſimo Sacramento, que dalli ſe leva por Viatico aos enfermos, com a ſolemne pompa já referida; e outra da parte do Sul, em que devotamente ſe cultivaõ os ſcberanos myſterios do Santiſſimo Rozario, ſendo na ſua egregia conſtrucçaõ eſte famoſo Templo geometricamente formado, com a porta principal ao Poente, e a ſumptuoſa entrada por hum largo, e eſpaçoſo terreiro, que occupado de frondoſos alamos o faz mais aprazivel, e viſtoſo. Duas ſaõ, e correſpondentes, as portas collateraes, ficando da parte do Sul a Sancriſtia, que para a Capella mayor tem interior ſerventia, e a pouca diſtancia, no principio do meſmo terreiro, hum grande edificio, em que os Irmãos da Meſa do Senhor de Bouças fazem as funções externas da Confraria, e recolhem os paramentos da ſua fabrica.

344 Ao meſmo tempo da Erecçaõ deſte magnifico Templo, ſe reformou tambem na praya de Matozinhos o Padraõ, que ſervia, e ſerve de ſagrada baliza do ſitio, em que ſahira do Mar Occeano a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças, ſendo deſta reformaçaõ ſinal evidente o acharſe nelle a meſma Imagem delineada em azulejo, que moſtra ſer da propria mão, e artificio do do Templo, por em tudo ſemelhante. Na baze ſe achava, e ſe conſerva gravada na meſma forma, que no arco da Capella Mayor da Igreja a era de 162. e de outra parte a conta de 5c- que jà

larga-

largamente ponderamos, significar huma o quando a prodigiosa Imagem alli sahira, e outra os annos, que permanecera do esquerdo Braço diminuta, e a occasiaõ moderna, que houvera de apagarse inadvertidamente a segunda conta, que jà se acha fielmente renovada.

CAPITULO LIII.

Continua a mesma materia do Templo existente.

345 NEste magestoso Templo, que he a Igreja Matriz, e a propria do Senhor de Bouças em Matozinhos, saõ continuas as assistencias dos seus moradores aos Divinos Officios, que nelle se celebraõ, e prodigiosa a quantidade de Missas, que se dizem todos os dias, tanto pelos muitos Sacerdotes do lugar, como pelos que devotamente concorrem a vizitar este admiravel Santuario, aonde tambem saõ perennes, e continuas as romarias, humas em reverente gratificaçaõ de recebidos beneficios, e outras em comprimento de antigos votos, a que saõ obrigadas cento, e tantas Freguezias das circunvezinhas, e àlem destas tambem muitas nos prefixos dias da primeira Dominga depois da Paschoa: na segunda feira seguinte ao da Appariçaõ de S. Miguel em Mayo, e no de Santa Maria Magdalena.

346 A Confraria principal no mesmo Templo, he a do Senhor de Bouças, com Estatutos da

da proteſtaçaõ Real, e os que de prezente ſervem aſſinados pela Mageſtade do Sereniſſimo Monarca D. Pedro II. Delles conſta, que fora inſtituida, quando com as circunſtancias que pratìca formalmente erecta; por das antigas naõ haver individual noticia, pelos homens maritimos deſte lugar, dos quaes por eſtatuto ſaõ ſempre o Eſcrivaõ, e Thezoureiro, que no ſeu anno aſſiſtem continuamente na Igreja em Meza para a cobrança das eſmolas: Juizes della ſaõ, e foraõ ſempre peſſoas da mayor graduaçaõ, e tradiçaõ ha, que o eraõ antigamente os Sereniſſimos Monarcas deſte Reyno; mas houve niſto, como em muitos outros particulares o lamentavel deſcuido de ſe naõ fazerem delles eſpecificas memorias, e ſe as houve eſcritas, totalmente deſapareceraõ.

347 No anno de 1644. conſta pela Relaçaõ de Manoel Tavares de Carvalho, impreſſa em Coimbra no de 1645. que era Juiz deſta Confraria Luiz de Valladares Carneiro, Fidalgo nobiliſſimo do Porto. Houve depois mais advertencia em ſe fazerem algumas lembrancas, poſto que em nomes diminutas, e ſó pelas notorias qualidades, com mais certeza manifeſtas, porque conſta, que ſuceſſivamente foraõ Juizes o Duque do Cadaval, os Marquezes de Arronches, e de Fontes, a que ſe ſeguiraõ Biſpos, Almirantes, Generaes, Governadores, e outros Cavalheros de ſemelhantes predicamentos, e de anno a eſta parte o he ao prezente Diogo de Moura Coutinho e Caſtro, porque alguns, ou os mais delles o foraõ vitalicios, como o foy ſeu Tio D. Gregorio de Caſtel-

lo Branco da Caza dos Condes de Villa Nova.

348 Magnificas saõ as funções, e as circunstancias desta grande Confraria, que tem Irmãos, em avultado numero, naõ só em Matozinhos, mas por toda a parte do Orbe Catholico, com Jubileo plenissimo no dia da entrada, por Bulla Pontificia, e pelos mesmos Irmãos vivos, e defuntos, Mordomos, e Bemfeitores Missa quotidiana, que nas Sestas feiras he solemnemente a canto de orgaõ celebrada. Na seguinte ao dia da Commemoraçaõ geral dos mortos, se lhes ostentaõ sempre funebres exequias, com Sermaõ Panegyrico, e extraordinaria pomposa magnificencia de elevado tumulo de copiosas luzes adornado, e da mesma sorte todo o Templo, aonde para este effeito concorrem os Religiosos do Convento da Conceiçaõ, e quantidade notavel de Ecclesiasticos, que ordinariamente excedem o numero de trezentos, a que a Confraria por Officio, e Missa satisfaz honorificas esmolas.

349 Em cada huma das seis Sestas feiras da Quaresma, dias especiaes, em que a Matozinhos sempre concorre huma grande multidaõ de gente, e tambem por voto muitas das Freguezias referidas, de mais da Missa solemne, com admiravel Musica celebrada, ha Sermaõ correspondente às circunstancias do tempo, em que a Igreja Catholica, com piedosa memoria, nos reprezenta os profundos Mysterios da Redempçaõ humana, porque os Irmãos da Meza do Senhor de Bouças, a todo o custo procuraõ sempre os mais famosos Oradores, que neste emprego exercitaõ bem o importante ministerio de verdadeiros Missionarios Apostolicos.

350

350 Ha na Meza hum Livro, que serve para nelle se escreverem as entradas dos Irmãos da Confraria, e chegando avizo de algum ser fallecido, concorrendo-se com certa porçaõ determinada, se lhe fazem logo por suffragio, e applicaõ vinte duas Missas, dezenove rezadas, e tres cantadas. Ha mais outro livro destinado para a cobrança dos Annaes, e outro dos assentos das esmolas, que saõ copiosas, e continuas, tanto na Igreja, como no sitio do Padraõ, onde em casa particular, aos Mezes assistem Irmãos, que assentaõ em outro Livro particular as que alli recebem, de que daõ conta ao Thezoureiro, e este com a Meza no fim do anno de seus empregos, a daõ geral aos Officiaes da Meza nova, que lhes succede.

CAPITULO LIV.

Prosegue a mesma materia do Capitulo precedente, e do mais que se pratica na Igreja de Matozinhos.

351 AS contas da Meza que acaba, saõ feitas, e assinadas com assistencia dos Irmãos della, na prezença do Reverendo Parocho, em huma Capella de Santo Antonio, e se apprezentaõ para aprovallas ao Doutor Provedor da Comarca da Cidade do Porto, a que pertence esta diligencia, por ser a Confraria do Senhor de Bouças da protecçaõ, e jurisdicçaõ Real, em que senaõ intromete o Visitador ordinario.

Entraõ na receita deſtas contas, quatro mil reis, que impoſtos na Alfandega do Porto ſatisfazem os Marquezes de Fontes (hoje de Abrantes) por legado que hum delles, nomeado ſó pelo titulo, deixou para provimento de hum lampadario de prata, que deo ao Senhor de eſmola, e mais outros quatro mil reis, tambem de legado, que ao meſmo Senhor deixou Manoel Rodrigues da Coſta, Fidalgo da Caſa Real, impoſto na Mizericordia de Lisboa, onde os Irmaõs da Meſa por procuraçaõ mandaõ cobrallo.

352 A propria Feſta do Senhor de Bouças he ſempre, como fica ponderado, na ſegunda Octava do Eſpirito Santo, e pelos dias deſta grande ſolemnidade, ſe faz inexplicavel a profuzaõ de gente, que a Matozinhos concorre de toda a parte. Tudo entaõ reſpira alegrias, tudo regozijos, e applauſos tudo, em continuada permanente memoria do antiquiſſimo tempo, em que milagroſamente apparecido da Veneravel Imagem o eſquerdo Braço, ſe ficou integralmente adorando completo eſte Soberano Retrato, em que Nicodemus ideou fielmente o proprio Redemtor do Mundo. Do notavel concurſo, que a taõ plauſivel feſtejo concorre ſempre, daõ particulares, e bons teſtemunhos o Licenciado Jorge Cardozo, e o Padre Antonio Carvalho da Coſta em ſeus Eſcritos.

Cardozo Agiol. Luſit. tom. 3. comment. a 10. de Junho lit. A. p. 626. Coſta. Corograf. Portug. tom. 3. trat. 6. cap. 5. p. 361.

353 Além da grande Irmandade, e Confraria do Senhor de Bouças, ha tambem na meſma Igreja mais doze, de eſtatutos, e obrigações particulares: como a do Santiſſimo Sacramento: A do Salvador com feſta em dia de Reys: a das

Almas

Almas, e JESUS com feſta no primeiro de Janeiro: a de Noſſa Senhora da Graça com feſta na ſegunda Dominga de Outubro: A dos Paſſos: a de S. Pedro, que he dos Clerigos, e tem feſtas a 29. de Junho, e no 1. de Agoſto: a de S. Miguel com feſta no ſeu dia: a de Noſſa Senhora do Rozario com feſta na Dominga primeira de Outubro: a de Santo Andrè com feſta no ultimo de Novembro: a da Senhora da Graça, dos Pretos com feſta a 24. de Julho, dia de San-Tiago: a da Senhora do Ptanto, Confraria que ſepulta os mortos, tendo para iſſo tumba, e bandeira como a da Mizericordia do Porto: e finalmente a de S. Franciſco Xavier dos Eſtudantes com feſta a 3. de Dezembro.

354 A Irmandade do Senhor dos Paſſos faz ſempre a Prociſſaõ delles na Dominga terceira da Quareſma, com pompa proporcionadamente igual á das Cidades conſpicuas, porque tem ao proprio perfeitiſſima Imagem collocada em Capella particular da meſma Igreja, e conſta de ſeus Eſtatutos, que dezejando os Irmaõs antigamente achar Artifice perito, que lha formaſſe com delineaçaõ adequada, cazualmente ſe lhe offerecera para iſſo hum Romeiro peregrino, que em effeito lha fizera, com eſpecialidade a mais piedoſa, qual da meſma ſe manifeſta, e que nunca mais fora viſto, para a remuneraçaõ, e agradecimento; indicio claro de ſer celeſtial o prodigio; mas na meſma parte, em que a Providencia Divina os oſtentou, e oſtenta ſempre.

355 Nas mais Domingas da Quareſma ha Sermões por conta da Univerſidade Padroeira, e

por ſeus dez Capellães naquelle Templo ſe celebraõ com grande magnificencia os officios da Semana Santa, e ſe oſtenta na Quinta feira de Endoenças a ſempre admiravel ceremonia do Lavapés com Sermaõ do Mandato, e na noite, dilatada Prociſſaõ pelas ruas em reprezentaçaõ dos grandes Myſterios, de que a Igreja ſolemniza memorias naquelle dia. No da Seſta feira da Payxaõ ſe faz com toda a decencia o Deſcendimento da Cruz com Prociſſaõ do Enterro, e Sermaõ de Soledade, concorrendo Sua Mageſtade para eſte piedoſiſſimo acto com certa eſmolla, por Proviſaõ Real, impoſta no Direito, a que chamaõ da Liberdade.

356 A Igreja de Matozinhos he Reytoria; que com a de S. Miguel de Palmeyra ſua annexa, que fica da outra parte ſeptentrional do Rio Leça apprezenta a Univerſidade de Coimbra em ſogeitos formados, que conſeguem eſtes rendoſos Beneficios por oppoſições Theologicas, e de Direito Canonico, conforme a alternativa dos provimentos, do que procede ſerem ſempre os Reytores dos mais inſignes Letrados. Da Capital de Matozinhos he tambem annexa a Freguezia de S. Martinho de Guifoes, em que apprezenta Cura annual o Reytor de Bouças, e de todas percebe os dizimos a dita Univerſidade Padroeira, que ſaõ conſideraveis; e tudo correſpondente à fertilidade, e grandeza deſte ennobrecido terreno.

CAPI-

CAPITULO LV.

Do governo politico do Lugar de Matozinhos, e seu termo, e outras circunstancias.

357 PAra o governo civil, e politico tem o lugar de Matozinhos hum Juiz annual, que nelle o he tambem das sizas, e no lugar de Leça da Palmeyra, e em todo o Julgado de Bouças, feito por eleiçaõ do Povo, e confirmado pelo Senado da Camera da Cidade do Porto. Ha dous Almotaceis feitos pelo Juiz do lugar, que servem de dous em dous mezes. Dous Tabaliães do publico Judicial, e Notas, e hum Escrivaõ das sizas, officios providos por S. Magestade, e hum Meirinho. Tem sua Casa de Audiencia, e Cadea na rua do Ribeirinho, e Pelourinho na Praça. Naõ ha Vereadores, mas sómente nove Eleitos nos tres lugares, ou Villas, em que domina o mesmo Juiz, como das sizas, e saõ factura sua. Hum Capitaõ da Ordenança, que comprehende em sua jurisdicçaõ militar as Freguezias de Matozinhos, Romalde, e Lordello do Douro.

358 Communicamse os dous Lugares de Matozinhos, e de Leça, a que divide o Rio deste nome, por huma grande ponte de pedra de cantaria, formada sobre dezenove arcos, porque passa o mesmo rio a depositar no mar Occeano suas crystalinas vagarosas correntes, que

mais que empolados, crespos arrojos, parecem brandos prateados deliquios, com que delicioso se ostenta, formando claros remanços aos verdes bosques, que rodea. A margem septemptrional lhe adorna, respirando na virtude suavissimos alentos, e na santidade agigantados espiritos, o insigne Sanctuario da Conceiçaõ, Convento Recoleto dos Serafins Religiosos de S. Francisco, que pelos annos de 1478. se mudou do antigo de S. Clemente das Penhas para este solitario, ameno, e mais accommodado sitio, de que o Padre Frey Manoel da Esperança seu dignissimo Portuense Chronista expende noticias individuaes, e mais amplas.

Esperança Hist. Seraph. 2. part. lib. 10. cap. 42. a p. 474.

359 Da mesma parte do Norte do Rio Leça, de mais do Lugar, que naõ he menos delicioso, e aprasivel, composto de magnifico Templo, e nobres casas, com largas, e espaçosas ruas, e provido de urbanos aceados moradores, lhe ficaõ contiguas, junto da barra do mesmo Rio, como atalaya, huma quadrada Fortaleza, de fórma moderna, e guarnecida de Artelharia, com Armazẽs, e quarteis, posto que naõ acabada, e a pouca distancia outra grande, antiga, e completa Fortaleza, com boa guarniçaõ de pessas, e Soldados, e hum Tenente Governador della, apprezentado pelo Marquez de Fontes, hoje tambem de Abrantes, e pago pela Camera da Cidade do Porto, de que o mesmo Marquez he Capitaõ, e Alcayde mòr, com rendas consideraveis em seu destricto, e grandes no lugar de Matozinhos, que por todas as circunstancias he, como sempre, memoravel.

360

360 Da parte do Sul tem o meſmo lugar de Matozinhos na ſua praya outra Fortaleza, denominada S. Franciſco Xavier do Queijo, com guarniçaõ, e Tenente Governador, apprezentado pelo dito Marquez de Abrantes, que da meſma ſórte apprezenta Tenente Governador na Fortaleza de S. Joaõ de Foz do Rio Douro, que fica proxima, e he guarnecido do competente prezidio de Soldados, e Artelharia, tambem pagos pela ſobredita Camera do Porto, ſendo eſta a principal, e mais conſideravel das do meſmo deſtricto, e a que regulla, permite, ou impede as ſahidas, e as entradas dos Navios, e embarcações, que de mar em fóra vem ao Porto deſtinadas.

361 De maneira, que com Fortalezas, e alguns Santuarios particulares, que tambem adornaõ a praya deſte deſtricto, àlem dos delicioſos amenos boſques, porque paſſa o decantado Rio Leça, ſe moſtra taõ apraſivel o ſitio de Matozinhos, que ſe naõ pòde eſtranhar, que alguns dos noſſos Antigos Eſcritores ſuppuzeſſem haverem ſido neſta Provincia os celebrados campos Elyſios, e que deſte lugar o entendeſſem os que ao Leça deraõ o nome de *Lethes*. E mais, ſe com reflexaõ ſe advertir, que o eſpaço de mar, em que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças ſahio à praya no ſitio do Eſpinheiro, e em que havia parado, para grandes prodigios, a embarcaçaõ de San-Tiago, ſe denomina o *Paraizo*, ſem haver de ſeu principio poſitiva memoria, em que algum certo ſe eſtabeleça.

362 Sendo bem de notar neſte ponto,

em que jà tocou o Douto Escritor Portuense, Manoel Tavares de Carvalho, que sendo perguntados os que poderiaõ dar alguma rezaõ deste nome, naõ sabiaõ outra mais, que a de ser antiquissimo, e que se lhe daria por estarem nesta parte as agoas do mar mais sossegadas; de sórte, que por este modo se reconhece, ser elle taõ anterior ás memorias, que ainda excede as tradiçöes da conversaõ do numeroso povo do lugar de Matozinhos, e do apparecimento da Sagrada Imagem de Christo nelle, de que se conservaõ invariavelmente permanentes as que ficaõ ponderadas, e bem poderia ser derivado de mayor antiguidade, talvez em mysterioso final antecedente, de que depois por hum, e outro prodigio, da conversaõ, e apparecimento, se lhe ficasse mais propriamente conservando o especioso nome de *Paraizo.*

Tavares de Carvalho. na Relaçaõ referida.

CAPITULO LVI.

Da Ethymologia do nome de Matozinhos.

363 DO nome de Matozinhos apontamos jà provirlhe das Conchas, e das Vieyras, com que do mar Occeano, na sua praya, sahio matizado, e cuberto aquelle Regio Cavalleiro, que na mesma praya, no 1. de Abril do anno 44. da Redempçaõ do Mundo, celebrara seus desposorios, a tempo, que passando para Galiza embarcado o Sagrado cadaver de San-Tiago, succedeo o admiravel, já ponderado prodigio, de que rezultou a todo o lugar a gloria universal do Christianismo, e deste memoravel principio

o de

o deduzem alguns Efcritores pelas relevantes authoridades dos noffos infignes Antiquarios, os Padres Frey Bernardo de Braga, e Frey Joaõ do Apocalypfe Monges Benedictinos; mas o Cavalleiro diverfo do famofo Cayo Carpo, como largamente fica vifto.

364 A congruencia, que com pouca corrupçaõ, ou abbreviatura tem o nome de *Matozinhos*, com o que fe entende originario de *Matizadinhos*, e alluzaõ, e memoria daquelle notavel fucesso faz notoriamente provavel a proporcionada deducçaõ da fua ethymologia derivandofe *Matozinhos* de *Matizadinhos*; mayormente, porque haver fido efte lugar, cafo que o foffe, provido de pequenos matos, de que alguns Efcritores, fem reflexaõ, o deduziraõ, naõ era iffo circunftancia memoravel, nem de entidade capaz, e fufficiente, que a tanto lugar originaffe de Matozinhos o nome, mudandolhe talvez o mais antigo, que teria por outro menos relevante principio; e muito mais quando os Lugares, Villas, e Cidades, com grande attençaõ affectaraõ fempre remontadas origens a feus appellidos.

365 De mais que no lugar de Matozinhos, por fer ao mar taõ proximo, naõ houve, nem podia haver em tempo algum, difpoziçaõ de nelle fe produzirem pequenos matos, mas fim vaftos, e copiofos juncos, que nas fuas extremidades fe divizaõ, por continuada natureza do terreno, fempre de areas combatido, e fó no interior delle fylveftres, embrenhados bofques, que nas fuas vezinhanças fazem o fitio mais

mais aprazivel, e ameno. De sórte que pequenos matos se criaõ sómente nos montes de outras producções infructiferos, e do mar mais apartados, como he bem notorio, e naõ ser isto da provida natureza estylo moderno.

366 E assim como ao Rio Leça deduzimos jà seu nome do de *Lætitia*, pela grande fervorosa alegria, prazer, e contentamento, com que os Antigos moradores de Matozinhos viraõ sahir do mar matizado, com vieyras, e conchas o Regio Cavalleiro, que foy a prompta, e indubitavel occasiaõ do seu Christianismo, e de se verem por taõ prodigioso modo, reduzidos todos á Luz da Graça, e livres das obscuras trevas do Gentilismo, da mesma sórte, e pelo mesmo adequado principio, parece que naturalmente, e sem violencia, com allusaõ ao mesmo caso, devemos deduzir a este lugar o seu nome, concorrendo para isso tambem a circunstancia, de que atè na pequena corrupçaõ, ou abbreviatura, saõ os de Leça, e Matozinhos analogamente correspondentes, deduzidos *Leça* de *Lætitia*, e *Matozinhos* de *Matizadinhos*.

367 E sem duvida, que o caso foy taõ grande, e por suas raras circunstancias taõ memoravel, que dignamente a perpetuarse, e a repetirse, como em hyeroglyficos, pelos seguintes seculos a sua lembrança, ficaraõ os ditos nomes permanentes, tanto no lugar, como no Rio, para que este em linguas de prata o insinuasse sempre rizonho, e aquelle em obeliscos, padroens, e monumentos o persuadisse sempre festivo. Nem haveria difficuldade, a que entaõ se

lhe

lhe introduziſſem eſtes novos decantados nomes, deſprezados os mais antigos, ſendo niſſo os moradores introducentes os mais empenhados a eternizar por todos os modos, a corrente continuada memoria de tanto prodigio.

368 Neſta glorioſa circunſtancia poderia tambem convir de algum modo, mas allegorico, ao Rio Leça o nome de *Lethes*, que lhe attribuiraõ, como já diſſemos, alguns Eſcritores; porque pelo referido caſo eſquecidos os moradores de Matozinhos do antigo nome, porque jà entaõ foſſe o ſeu lugar celebrado, lhe dariaõ o que perpetuamente ficaſſe ſendo expreſſivo da alegria, que lhe reſultara de hum taõ memoravel portento, e para ſegurarem melhor ſer eſte, e naõ outro, o motivo, imporiaõ ao ſeu lugar, e a ſi meſmos o nome de *Matizadinhos*, abbreviado depois em *Matozinhos*, tanto pelo prazer de verem ſahir do mar illezo o matizado Cavalleiro, que os convertera, como pelo gracioſo caracter, que nas ondas plauſiveis do Bautiſmo lhes imprimira, como no referido Hymno ſe declara.

Tunc ergo Rex convertitur,
Salvus ad littus pervenit,
Chriſtum cognatis prædicat,
Quos per baptiſmnm liberat.

CAPI-

CAPITULO LVII.

Continua-se a materia do Capitulo precedente, e se confirmaõ as Ethymologias dos nomes de Leça, e Matozinhos.

369 VIsto que do mesmo principio havemos deduzido as origens dos nomes do lugar de Matozinhos, e do Rio Leça, e no Capitulo 33. tocàmos naõ serem proprios deste os de *Celando*, e *Lethes*, que sem reflexaõ lhe attribuiraõ alguns Escritores, reparamos que o Doutor Joaõ Salgado de Araujo Abbade de Pera, tratando deste Rio adverte, que recebera engano André de Rezende, quando prezumio ser elle o Rio Celando dos antigos Geographos, e na verdade tem razaõ; sendo cousa notavel, que hum taõ insigne Antiquario, como Rezende, respeitado de todos os Nacionaes, e Estrangeiros, que admiraõ seus Escritos, cahisse em taõ manifesto engano! Mas *etiam aliquando bonus dormitat Homerus.*

Salgado Araujo. Successos Milit. lib. 1. cap. 1. fol. 1. ✠

370 He pois o caso, que Rezende, nas suas admiraveis Antiguidades da Lusitânia, querendo por authoridade de Pomponio Mella dar noticia dos Rios, que havia entre o Douro, e o Minho, supporido que Pomponio os nomeara todos, e prevertera a ordem delles; persuadido talvez de ver, que o Geographo antepuzera o Minho ao Lima, sendo aquelle na situaçaõ o ultimo

Rezendius. Antiquit. Lusit. lib. 2. tit. de Fluminibus Brac. in Hispania illustrat. tom. 2. p. mihi 925.

timo

timo, e assim persuadido tambem de entender que da mesma sórte mencionara primeiro o *Ave*, que o *Celando*, suppondo ser este o *Leça*, pertendendo emmendar a ordem de Pomponio escreveo: *Celandus*, *Avo*, *Nebis*, *Limia*, *Minius*, e proseguio explicando, que *Celandus* era o Rio, que se diffundia no mar, entre os lugares de Leça, e Matozinhos; e como por esta supposiçaõ faltava na ordem dos Rios o *Cavado*, famoso nesta Provincia, entendeo que diffundido elle no *Neiva* entravaõ no mar juntos, como hum só Rio no lugar de Faõ.

371 Porém foy descuido de Homero; porque o Rio *Neyva* naõ só he diverso do *Cavado*, mas nem entra nelle, como he certo, e bem mostra o referido Doutor Joaõ Salgado de Araujo, com a equivocaçaõ, que nesta parte tambem teve Frey Bernardo de Brito. De sórte que Pomponio Mella, a este respeito naõ fez mençaõ alguma do Rio *Leça*, como a naõ fez de outros muitos particulares, e só mencionou do Douro para o Minho os Rios *Ave*, que desagoa entre Azurar, e Villa do Conde: o *Celando*, que he o *Cavado*, e fenece entre Faõ, e Espozende: o *Neyva*, que por entre areas se sepulta junto ao Mosteyro de S. Romaõ: o *Minho*, que sahe junto da Villa de Caminha, e o *Lima*, que antes delle em Viana finaliza, descrevendo-os deste modo: *Sed a Durio ad flexum Gronii: fluunt que per eos Avo, Celandus, Nebis, Minius, & cui oblivionis cognomen est Limia.* E naõ he erro no texto de Pomponio; porque o temos de tres diversas impressões unifórme, e duas dellas bem antigas.

Vadianus. Coment. in lib. 3. Pomponii Mellæ. ad caput. 1. p. mihi 162.

372 Aqui se adverte aos curiosos, que Joaquim Vadiano, no commento ao lugar referido de Pomponio Mella, apontando que ao *Avo* deste (que he o Rio *Ave*) chamava Ptolomeo *Avum*, e que do *Celando* (que he o *Cavado*) se naõ lembraraõ outros tanto, suspeitou, com manifesto engano, estar corrupta nesta parte a liçaõ de Pomponio: *Avo Celandus*, pelo que havia de ser, *Avo dos Celerinos*, que eraõ povos assima dos Bracaros, e Gronios: *Et suspitio est, corruptam esse lectionem Avo Celandus, pro eo quod est Avo Celerinorum. Sunt autem Celerini supra Bracaros, & Gronios in Citeriori Hispania. Plinius quorum agrum is amnis abluit, ut indicat Ptolomeus.* E bem se manifesta o erro deste commento; por haver sem duvida nesta parte os dois Rios *Ave*, e *Cavado* expressados pelos nomes *Avo*, *Celandus*, mas tem naufragado na intelligencia delles bons talentos.

Vasconcellius Descript. Regni Lusit. De Fluviis pag. 410. n. 12. Ferrarius, & Baudrand. Lexic. Geograph. lit. C. Verbo. Celandus

Bluteau. No seu Diccionario tom. 5. p. 86. lit. L. Verbo Lessa

373 Porém nem só o Doutissimo Rezende se enganou na referida liçaõ de Pomponio Mella; porque tambem ao Douto Padre Antonio de Vasconcellos, e a Felippe Ferrario succedeo o mesmo, sendo que depois Miguel Antonio Braudand addicionando a Ferrario, jà destinguio ser *Celando* o *Cavado*. Naõ menos se enganou o Padre Vasconcellos em expressar o nome de *Leça* com dous *SS*, dando por isso occasiaõ ao doutissimo Academico D. Raphael Bluteau a dizer no seu grande Diccionario, que para evitar equivocações deste Rio com o *Cavado*, era melhor pronunciallo, com o dito Padre Vasconcellos: *Lessa.a.* sendo isto manifesto contradictorio

rio á mayor Antiguidade, que ſempre o pronunciou *Leça*, o que advertio Ferrario, dando ao lugar de ſeu nome o latino *Lacia*; e aſſim ſe dava em Portugal nos antigos Inſtrumentos publicos, como ſe deo no que traz copiado o Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha celebrado entre o Biſpo do Porto D. Hugo, e D. Martinho Prior de Leça do Balio, ſobre a compoſiçaõ de hum jantar na era de 1160. anno 1122. da Epoca Catholica.

Ferrarius. loco ſupra citato.

Illuſtriſſimo. Cunha. Catal. dos Biſpos do Porto. 2. part. cap. 1. p. 17

374 Igualmente ſe enganou no lugar referido o doutiſſimo Padre Antonio de Vaſconcellos, e os que com elle ſuppuzeraõ, que o Rio Neyva ſe infundia no Cavado, e nelle perdia o nome, quando em confuza madre entrava com elle no mar Occeano entre Faõ, e Eſpozende, e naõ ſomos nós o primeiro, que niſto fizemos reparo; porque no de noſſo uſo (àlem de que com o Doutor Joaõ Salgado de Araujo fica viſto, ſerem Rios ſeparados, e com exitos diverſos) ſe acha marginalmente huma cota do Doutor Chriſtovaõ Alaõ de Moraes, talento bem conhecido neſte Reyno, que aſſim o deixou declarado, dizendo: *Aberrat Autor omnino in hac re, ut & in eadem pariter aberravit Fr. Bernardus de Brito; neque enim Nebis nomen deponit, neque Cavado immiſcetur, neque intra Faõ, & Spoſende mare ingreditur.* E ſendo iſto ſem duvida certo, o fica tambem ſendo, que nunca o nome *Celandus* competio ao Rio Leça.

Vaſconcellius loco ſupra citato.

O CAPI-

CAPITULO LVIII.

Proſegue-ſe a meſma materia com outras particulares noticias.

375 E Se o Rio Cavado teve antigamente o nome de *Celano*, derivado, ou da ethymologia de Rio do Ceo, *Cæli amnis*, ou da barca, que o frequentava, *Barca Celani*, dando origem ao da Villa de Barcellos, ou de alguma das mais que Antonio de Villasboas SamPayo deſcreve, he certo teve aquelle nome motivo particular; mas proprio, como os de outros Rios, e lugares, que aſſim conſervaõ as memorias mais, ou menos relevantes de ſeus principios; e ſendo tambem certo, que naõ houve outro caſo, nem taõ glorioſo, nem mais adequado, que o portentoſo ſucceſſo do referido matizado Cavalleiro, para dar memoravel nome ao lugar de Matozinhos, nem mayor, e mais juſtificado prazer, que o de ſeus Vaſſallos, parentes, e amigos em tal occaſiaõ, para ficar expreſſado no do Rio Leça, parece ſem duvida, que ambos tiveraõ eſte ſingular, e unico motivo, jà talvez predeſtinado, e diſpoſto pela primeira entrada de San-Tiago em Eſpanha.

376 Se agora ſe mover cazualmente o reparo, de que na poſſivel, e provavel ſuppoziçaõ, que San-Tiago entraſſe primeiro em Eſpanha pela barra do Rio Leça, que razaõ haveria para naõ entrar pela do Douro, ſendo mayor, e mais ampla, e por eſſa razaõ aos navegantes mais notoria?

notoria? Seria, porque he certo, e rcconhecem todos, os que eſcreveraõ deſta Miſſaõ Apoſtolica, que o fervoroſo dezignio do Santo ſe encaminhava primariamente ás Cidades Capitáes das Provincias, como naquelles tempos o era Braga da de Galiza, e por eſſa razaõ deixaria entaõ de dezembarcar na Cidade do Porto, para mais prompta, e facilmente paſſar á Bracarenſe Metropoli, que o era do Gentilico trato, e o havia de ficar ſendo do Chriſtianiſmo, e ſe manifeſta naõ teve demora neſta primeira jornada; porque o Cavalleiro, depois convertido, ainda naõ tinha noticia de JESU Chriſto, além de ſer Regulo, a que as verdades Catholicas chegavaõ mais tarde, e eraõ para iſſo neceſſarios grandes prodigios.

377 Bem poderia ſer, que a primeira terra, que ao dezembarcar pizaſſe o Santo, foſſe a meſma, em que na margem ſeptentrional do Rio Leça ſe erigio depois pelos annos de 1478. o Recoleto Franciſcano Convento dedicado à Puriſſima Conceiçaõ da Virgem MARIA Senhora Noſſa, porque ſe pelos effeitos ſe conhecem as cauſas, e muitos particulares deſtinados pela Divina Providencia ſó tiveraõ executivo complemento depois de largos ſeculos, como fica ponderado, teria talvez diſpoſto a meſma Altiſſima Providencia, que ao tempo de collocarſe naquelle ſitio a Religiaõ do abrazado Serafim humano, occorreſſe, por occulto inſpirado impulſo, dedicarſe o Templo Sagrado a taõ ſoberano Myſterio, por ſer em parte, onde houveſſe dezembarcado primeiro o Apoſtolo San-Tiago, que delle foy eſpecialiſſimo devoto, introduzin-

do a sua veneraçaõ em Espanha.

378 Naõ he do prezente assumpto averiguar, se a veneraçaõ, que San-Tiago introduzio, ou insinuou em Espanha, foy o da Conceiçaõ passiva, quando no ventre de Santa Anna foy a Virgem Senhora para Mãy de Deos singularmente concebida, ou se a da Conceiçaõ activa, em que a mesma soberana Senhora, ab æterno prezervada, recebeo em suas entranhas purissimas, por obra do Espirito Santo, o Divino Verbo; mas tudo poderia ser; porque supposto o douto Frey Francisco de Bivar, commentando a Dextro, pertenda mostrar que elle neste ponto tratara da Festa da Conceiçaõ activa, com tudo além de que Dextro he reputado por Apocripho, ainda que o naõ fosse, se naõ tirava do seu texto concludente argumento, por naõ especificar a qualidade da Conceiçaõ, de que tratava; de mais que em tal caso, como naõ podia haver duvida, na grande relevancia da Conceiçaõ activa, se podia entender fallava da passiva, em que só houve controversia, por permitir Deus pelos altos fins, que ignoramos, apurarse a verdade della com revelações Santas, averiguações Escolastica, e resoluções Pontificias, porque o veneramos, e juramos agora.

Brivar. in Dextram. ad annum Christi.308.Comment. 1. n.9. a pag. 361.

379 Naõ militava porêm a controversia em San-Tiago, hum dos Apostolos promulgadores do Christianismo, e porisso dos primeiros, e principaes Patriarcas da Ley Euangelica, que em se lhe revelar este, e outros particulares Mysterios, naõ tiveraõ menos prerogativas, que os Patriarcas da Ley da Natureza, e Ley Escrita, a

que

que tambem se revelaraõ muitos pelas admiraveis, e proporcionadas disposições da Divina Providencia. E dado caso (o que se naõ averigua) formalmente naõ instituisse festa especial ao Mysterio da Conceiçaõ passiva, manifestallo hia a introduzir tambem a sua veneraçaõ em Espanha, pela reverente, e particular devoçaõ, que tinha á Soberana Senhora, que porisso lhe fez o singularissimo favor de o vizitar duas vezes nas nossas Provincias, como a insigne Escritora da Mystica Cidade de Deos nos affirma; sendo que o Doutor Antonio de Souza de Macedo admiravelmente escreve, que naõ só por San-Tiago, mas pelos mais Apostolos foy logo desde os principios da Igreja celebrada a Immaculada Conceiçaõ passiva da Virgem Senhora.

Mystica Ciud. de Dios. 3. part. lib. 7 cap. 16. n. 322.

Macedo. Eva e Ave parte 2. cap. 15.

380 Pelas circunstancias referidas, naõ parece desproporcionada a inferencia, de que ao tempo de erigirse o referido Templo na margem septentrional do Rio Leça, seria impulso superior o dedicarse ao Soberano Mysterio da Conceiçaõ passiva da Virgem Senhora, e ser ella com especialidade milagrosa, e dos Religiosos neste Santuario taõ perfeita a Regular Observancia, como a experiencia manifesta, e doutamente descreve o Padre Frey Manoel da Esperança; sendo isto, e a notoria Santidade, que deste solitario monumento sempre respira, talvez hum padraõ egnimatico, de haver San-Tiago dezembarcado naquelle sitio, e por tanta felicidade, entaõ repetida, por vir ao Rio Leça o alegre, e jucundo nome, que conserva, derivado de *Lætitia*, pela que disto, e da de salvarse o matiza-

Esperança. Hist. Seraf. 2. part. lib. 10. a cap. 41. a pag. 471.

do Cavalleiro reſultou tambem ao lugar de Matozinhos, a que deo nome.

CAPITULO LIX.

Proſegue-ſe em confirmar as ethymologias dos nomes de Matozinhos, e do Rio Leça.

381 E Se por curioſa metaphora, em eſpeculativa allegoria quizeſſemos deduzir ao Rio Leça o meſmo nome mais antigo; mas ſempre derivado de *Lætitia*, diriamos que como muitos dos Antigos ſuppozeraõ a gentilica, ſonhada Bemaventurança dos Campos Elyſios neſta Provincia, a que pelo Rio Lethes paſſavaõ as Almas de ſeus defuntos, a lograr, eſquecidas das mizerias, e trabalhos da vida mortal, o deſcanço aprazivel daquelles deliciosos Campos taõ celebrados nas ficçoes poeticas, viſto que nella ſe acha o Rio Lima, que por haver tido o nome de Lethes, ſe lhe attribuio do eſquecimento a circunſtancia, e eſta por alguns ſeculos ſe reprezentou aos viventes temeroſa, atè o tempo em que a deſvaneçeo o intrepido arrojo do Conſul Romano Decio Junio Bruto, vinha a parar, e conſiſtir eſta fingida fruiçaõ jucunda nas alegres margens do Rio Leça, a que por eſta razaõ ſe daria o nome de *Lætitia*.

382 Diria-mos mais, que para chegarem a ella, paſſando o Celano, que era o Cavado, já Rio do Ceo, *Cæli amnis*, e proſeguindo ao Rio Ave,

Ave, *Avus*; por talvez fupporem nelle a entrada defte reprezentado Paraizo, e fe deffem mutuamente os parabens, e a congratulatoria faudaçaõ *Ave*, de que lhe refultaria o nome, ou *Have*, dicçaõ Hebrayca, que fegundo Santo Auguftinho, apontado pelo doutiffimo Academico D. Raphael Bluteau, queria dizer *vive*, por entrados já na fufpirada regiaõ do eterno defcanço, qual o que confideravaõ no manfo, e foffegado Rio da alegria *Lætitia*, teria por efte modo jà de antes o Rio Leça, combinadas as allegoricas metaphoras dos proximos Rios *Ave*, *Celano*, e *Lethes*, aquella denominaçaõ alegriffima.

Bluteau. Dicion. tom. 1. let. A. verbo. Ave. p.661,

383 Mas nada difto diremos, tanto porque tudo aquillo foy do mais antiquado Gentilifmo fingimento poetico, quanto por naõ fermos juftamente arguidos, de formar em narraçaõ hiftorico-fagrada, huma digreffaõ profanamente ociofa, e fò de falfas, e apparentes metaphoras reveftida. Advertimos porèm, que a tocamos fómente, para que da fua mefma incongruencia fe conheça, que affim ao efclarecido lugar de Matozinhos, como ao celebrado Rio Leça, lhes naõ provieraõ, nem podiaõ provir os memoraveis nomes, que confervaõ, de outro motivo, mais que o que fica largamente ponderado.

384 E fe como jà tocamos, varios Reynos, Provincias, Cidades, Villas, Lugares, Rios, Mares, e famofos Emporios oftentaõ ennobrecidas antiguidades, deduzidas fómente de humanos principios, quaes as acções valerofas, e as fundações egregias de diverfos Heroes, jà naturaes,

jà peregrinos, todos em fama, e proezas esclarecidos, que por raros acontecimentos, e memoraveis progressos occazionaraõ as origens de seus nomes, que ficaraõ sendo perpetuados monumentos, e continuos hieroglyficos da honra, e do valor, com que adquiriraõ, e lhes impuzeraõ particulares permanentes epitetos; he sem duvida, que mayor gloria resulta ao lugar de Matozinhos, e ao Rio Leça provindolhes as suas denominações insignes do mais prodigioso milagre, que se vio nas suas prayas, e concorrendo o poder Divino com taõ admiraveis circunstancias a ennobrecellos.

385 Mas para que de huma vez assentemos sem duvida, que só de taõ memoravel glorioso principio resultaraõ a Matozinhos, e ao Leça os nomes, que conservaõ, parece advertir, que supposto nos Geographos mais antigos, senaõ achem mencionados, e ainda dos modernos, que temos vistos, só tocasse o ponto, mas com engano, Felippe Ferrario, e com o mesmo alguns poucos dos Nacionaes Escritores, que ficaõ apontados, a que acrescem Manoel de Faria, e Souza, e Duarte Nunes de Leaõ, que dos Rios Leça, e Neyva escreveraõ com igual equivocaçaõ; e tanto Duarte Nunes a respeito do Leça, que entende tomara o nome do lugar, que lhe adorna a margem septentrional da sua barra, o que succedeo em contrario; razaõ porque o Doutor Christovaõ Alaõ de Moraes jà referido marginou no que temos de seu uso o seguinte. *Antes porque o Rio se chama Leça, tomaraõ este nome lugares por onde passa,*

Faria. Descripc. de Portug no fim do Epit. das Hist. Portug. Cap. 7 p. mihi. 359. Nunes de Leaõ. Descriç. de Portug. cap. 18. fol. 37.

ſa, como ſaõ Leça do Balio, e Leça de Matozinhos, e tanto he iſto aſſim, que junto a Alfena por onde eſte Rio paſſa, ha hum lugar, que por eſtar além do Rio ſe chama Trasleça. Com tudo, e por tudo aſſim ſe comprova melhor o prezente argumento.

386 Porque, além de que todos confeſſaõ, que muitos dos noſſos Lugares, e Rios particulares, naõ chegaraõ á noticia dos Antigos Geographos, já fica tambem advertido, que o de Matozinhos ſituado junto ao Mar Occeano, eſtava deſviado huma legoa ao Poente da via militar do Porto a Braga, e por eſta razaõ deſconhecido, e muito mais antes de nelle haver ſuccedido o prodigioſo milagre de San-Tiago; e ainda depois, como ſemelhantes ſagrados progreſſos, naõ entraraõ nos profanos aſſumptos dos Eſcritores Romanos, o naõ tocaraõ, nem os Nacionaes reflectiraõ, que por eſſa meſma razaõ, naõ procediaõ aquelles nomes de fundaçóes, ou proezas heroicas de Varões famoſos, e muito menos de outros principios indignos de repetirſe, como pequenos matos, e Sylveſtres arvoredos; mayormente havendo-os taõ revelantes, e por ſuas admiraveis circunſtancias taõ proporcionadamente adequados, como fica viſto.

CAPI-

CAPITULO LX.

Das razões, que houve para alguns Escritores se enganarem em particulares de Matozinhos, e Leça, e concluzaõ das Ethymologias de seus nomes.

387 DEsculpa tiveraõ os Nacionaes Escritores em se enganarem, e de alguma sórte em naõ reflectirem, no que fica ponderado, por naõ verem pessoalmente, como naõ viraõ, os que mal informados entenderaõ, que o Rio Neyva desta Provincia, se difundia, e perdia o nome no Rio Cavado, e com elle juntamente dezaguava no Mar Occeano entre Faõ, e Espozende, e por tambem naõ verem, nem examinarem as situações delles, e dos mais de Entre Douro, e Minho, equivocarem já o Leça com o Cavado, que foy o Celano, ou Celando, e jà com o Lima, que foy o Lethes, persuadidos talvez pela apparencia dos nomes, que lhes pareceo terem o de *Lethes*, com *Lætitia*, ou *Lecia*, havendo nelles, e nos mais as diversidades expendidas.

388 Pela mesma razaõ de naõ verem, e pela de mal informados, se enganaraõ, como temos advertido, os que escreveraõ, que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças naõ tinha primitiva toalha na cintura, e só a exterior de tella, com que se adorna. De maneira que huns fiados sinceramente em informações menos cer-

tas,

tas, e outros ſeguindo a Eſcritores já da meſma ſórte anteriormente enganados, occazionaõ muitas vezes continuarſe apocrifamente authorizado qualquer erro, que como de faiſca hum incendio, dà depois de atteado grande trabalho a extinguirſe. Eſta conſideraçaõ nos moveo a dilatar tanto neſta materia, a ver ſe conſeguimos o ficar ella agora plenamente diſcutida.

389 E ſe ainda os Eſcritores Portuguezes ſe enganaraõ em alguns particulares dignos de toda a circunſpecçaõ, naõ ſerá muito, que os ſeus Eſcritos occazionem confuzaõ aos exteriores, quando aos naturaes na liçaõ verſados ſuccede o meſmo, por ſupporem com toda a exacçaõ averiguadas as noticias de que naõ tem, nem facilmente podem ter experimental conhecimento; porque como eſte ſe ſuppoem pela mayor parte nos que eſcrevem de ſuas patrias, e Provincias, pela razaõ que tem, ou devem ter de ſaberem melhor os particulares dellas, ſe lhes coſtuma commummente dar niſſo mais inteiro, e abonado credito, poſto que como humanos poſſaõ em algumas circunſtancias enganarſe.

390 Concorreo tambem para a obſcura confuzaõ, e retardadas noticias de grandes emprezas da noſſa Luſitania, o haverem eſtado muitas dellas largos ſeculos em tenebroſo cahos ſepultadas, ſem eſpeciaes Eſcritores, que as deſcubriſſem, e os que depois principiaraõ a fazello, por ſer jà em tempos, em que continuadas ſe lamentavaõ, como deſtroçados efeitos da ultima perdiçaõ de Eſpanha, a ignorancia, e a falta de varias importantes memorias, foraõ indagando,

gando, quazi tremulamente, as que naõ acharaõ estabelecidas em tradições constantes, colhendo a pedaços das Historias Romanas, e outros monumentos, que se foraõ descubrindo, quanto agora corre pelo beneficio da impressaõ vulgarizado; porque de antes o naõ eraõ os manuscritos, e os fragmentos, que cazualmente escaparaõ retirados à violencia.

391 Por tudo pois devemos á tradiçaõ antiquissima, que depois foy confirmada pelo manuscrito Flos Sanctorum descuberto felizmente no Regio Mosteiro de Alcobaça pelos annos de 1443. abonado em tudo pelo admiravel Hymno, que deixamos transcripto, a verdadeira noticia do grande milagre de San-Tiago, porque foy prodigiosamente convertido o matizado Cavalleiro, e todo o lugar de Matozinhos, ficando este assim disposto ao continuado portento de vir a ser tambem soberano deposito da Veneravel Imagem de Christo Crucificado, obrada por Nicodemus na Palestina, e conduzida divinamente, per si mesma, a esta memoravel parte da Lusitania. E naõ havendo, como naõ ha, tradiçaõ, ou memoria alguma de outro diverso notavel successo, a que possa attribuirse a deducçaõ gloriosa do nome de Matozinhos, nem da denominaçaõ alegre do Rio Leça, sendo estes em todas as suas circunstancias adequadamente proporcionados a serem perpetuamente expressivos de hum caso, por admiravel, digno de eterna lembrança, fica sem duvida certo, que delle, e só delle, se derivaõ.

392 Sem que finalmente possa em contrario

rio arguirſe, com dizer o Flos Sanctorum de Alcobaça, que Dom Mauro Caſtellà Ferrer deſcreve, que o milagre ſuccedera chegando a barca de San-Tiago: *Ao direito de Portugal, a hum lugar, que ha nome Bouças*: para entenderſe, que aſſim ſe chamava já entaõ, e naõ Matozinhos; porque além de ſer ſó de nome eſſa queſtaõ, poderia ter alguma apparente efficacia o argumento, ſe o Flos Sanctorum ſe achaſſe eſcrito na lingua latina, que era a que ao tempo do caſo ſe praticava em Eſpanha, eſpecialmente pelos Eſcritores, como he bem notorio; mas naõ, ſendo-o depois na Portugueza, quando o Eſcritor para explicar o ſitio, o fez pelo termo que expreſſava o prezentaneo tempo, em que eſcrevia, mencionando ſó em particular o lugar de Bouças, como eſpecialmente notorio aos Catholicos; por nelle ſe achar a primitiva Igreja de Matozinhos, e nella collocada a Veneravel Imagem do Senhor, que ainda conſerva de Bouças o nome; ſendo que agora o tem mutuo, tanto do lugar, em que no meſmo Emporio eſteve primeiro, como do de Matozinhos, em que de prezente ſe acha, e ſaõ contiguos, como partes integrantes de hum unico terreno.

Caſtellà Hiſt. de San-Tiago lib. 2. cap. 2.

CAPITU-

CAPITULO LXI.

Das novas magnificas obras feitas no Templo existente, que derão occazião ao ponderado nos prezentes Assumptos.

393 NEste esclarecido memoravel Emporio de Matozinhos permanece milagrosa, e venerada dos Catholicos, a Sagrada Imagem de Christo Crucificado desde o anno 124. da Redempçaõ humana, em que prodigiosamente aportou na praya delle. Aquy se seguia referir os admiraveis prodigios, que por antiga, e continuada experiencia, conseguem sempre quantos devotos, ou afflictos necessitados recorrem a taõ alto patrocinio; porèm saõ tantos, que naõ só requeriaõ multiplicados volumes; mas excedem, por innumeraveis, e grandes todo o mayor encarecimento; sendo certo, que pela viva reprezentaçaõ das divinas Chagas, neste admiravel Prototypo do Redemptor do Mundo, está continuamente ostentando a Omnipotencia Divina hum perenne manancial de Mizericordias, com que em beneficios fertiliza, naõ só os elevados montes de Principes, e de Magnates, que qual eminente Olympo, com extençaõ reverente aspiraõ a gosar, em regiaõ taõ sublime, as auras celestes; mas ainda os profundos, e humildes valles dos humanos individuos em todo o Orbe Catholico.

394 A continuada profuzaõ de beneficios occaziona ſer tambem grande, e continua a de obſequioſas offertas em rendido agradecimento, e deſtas adminiſtradas, como fica viſto, pelo fervoroſo zelo dos Irmãos da Meſa, procede o magnifico culto, com que em Matozinhos he venerada a Sagrada Imagem do Senhor de Bouças, por ſer paramentada ſempre a ſua Capella de ricos adornos, precioſas baxellas, e abundancia de prata, tanto nos mageſtoſos, e repetidos lampadarios continuamente acezos, como no frontal, banqueta, caſtiçaes, e outras peças do Altar, tudo primoroſamente lavrado, e de luzido admiravel aceyo compoſto; precioſas, e varias cortinas de cores correſpondentes às Solemnidades annuaes da Igreja; de ſórte, que em todo, e qualquer tempo coſtuma ſer eſte piedoſo Sanctuario, naõ ſó devoto recreyo aos ſentidos, mas ſoberano eſtimulo aos affectos.

395 Nem ſó de todo eſte Reyno, e ſuas dilatadas Conquiſtas; mas de toda a parte, em que ſe achaõ, ou jà negociantes, ou pelo commercio, e comodos da vida exiſtentes, favorecidos devotos deſta Imagem ſoberana, concorrem enviadas a ſeu Templo multiplicadas importantes offertas. E ſendo Deos Omnipotente, o que aos homens dá tudo, o que por eſte meyo admiravel lhe communica portentoſos beneficios, ſe digna ineffavel, pelo ſublime attributo de ſua benigna clemencia, que ſe denominem eſmollas todos eſtes effeitos do devido agradecimento. De tudo reſulta hum perenne producto de rendoſos emolumentos, com que o referido culto, e

pre-

precioso adorno se conserva, e se augmenta a perpetuar em egregios monumentos, quanto reverente tributa a piedosa devoçaõ dos Catholicos.

396 Proseguindo neste zeloso projecto os Irmãos da Meza do Senhor de Bouças, fervorosamente movidos do raro prodigio, com que milagrosamente brotou na praya, junto ao Padraõ, que serve da Sagrada Baliza ao sitio, em que aportou o Divino Hercules, quando chegou ao *Non Plus ultra* deste emisferio, aquella fonte, de que já demos noticia, e vendo-a com admiraçaõ, estabelecida em perenne manancial de maravilhas pela geral acclamaçaõ dos povos, que em copiosos esquadroens concorriaõ continuamente a participallas, dispuzeraõ erigir na mesma parte hum quadrado Pantheon sublime, que cuberto de abobeda de cantaria, sobre proporcionados, e abertos arcos, elevada forma tudo ao Padraõ huma magestosa tribuna, por todos os lados patente, e manifesta, ficando nos interiores capiteis angulares, lavradas peanhas para se collocarem nellas as Imagens dos Santos quatro Euangelistas, e guarnecida por fora no alto de correspondentes pyramides.

397 Com igual empenho mandaraõ tambem cobrir a nova liquida fonte, de quadrado edificio, primorosamente lavrado, e nelle huma só porta ao lado Oriental, e por todos no frizo, quatro bem lançadas tarjas, a que em campo azul adornaõ douradas inscripçoens sagradamente alluzivas ao salutifero remedio deste manancial crystalino, que em fórma de Cruz exalla suas prodigio-

digiosas correntes por cinco nativas partes, e estas de sórte dispostas, que proporcionadamente reprezentaõ as cinco Divinas Chagas, preço principal da Redempçaõ humana, e com todas as mais circunstancias, em outro lugar já ponderadas; sendo que o naõ pòdem ser plenamente os multiplicados prodigios, que neste suavissimo licor se experimentaõ; porque tambem serve ao gosto do mais delicioso regalo.

398 Junto destas magnificas obras, em lugar conveniente se erigio huma casa, com capacidade espaçosa de nella assistirem por turno, aos mezes, continuamente os Irmãos que a Mesa destina á cobrança, e guarda da grande profuzaõ de offertas, que alli concorrem, e a terem promptas medidas do Senhor de Bouças, como na Igreja principal, para toda a pessoa, que em piedosa memoria de haver visitado hum, e outro Sanctuario, as compra para as ter, e communicar como estimadas reliquias, por serem tocadas na Veneravel Imagem do mesmo Senhor. Nesta casa se ajuntaõ, e repetidas vezes suas paredes se adornaõ de todas aquellas insignias, que por varios modos reprezentaõ milagres conseguidos, e delineados em prata, cera, quadros, mortalhas, vestidos, e outras alfayas, que movem sempre a nova admiraçaõ de prodigios; porque sempre estas piedosas demonstrações se estaõ renovando, tanto que as paredes completamente se vaõ enchendo.

CAPITULO LXII.

Proſegue-ſe na meſma materia das novas obras.

399 VEndo com zelo igual os Irmãos da Meſa do Senhor de Bouças, que a Capella mayor do Templo exiſtente, poſto que reveſtida em ſeu continente de precioſo adorno, era eſte jà antiquado, e confórme ao eſtylo praticado no tempo, em que fóra erecta, diſpuzeraõ amplialla, e reduzilla ao eſplendor, e magnifencia moderna, e para iſto conſultaraõ os mais peritos, e famoſos Architectos, que a todo o cuſto, e primoroſo empenho da arte formaraõ, com elegantes idéas, varios riſcos, e deſtes eſcolhido a votos o que pareceo mais acertado, ſe ajuſtou com Meſtres inſignes de pedraria, e eſcultura, o melhor, e mais prompto expediente deſta obra.

400 Preparados ſem dilaçaõ os materiaes neceſſarios, e mudada da Capella mayor para a do Rozario a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças, ficou nella em continuado culto collocada, até ſer ſolemnemente reſtituida ao novo, e magnifico trono, que ſe lhe diſpunha, dandoſe logo principio à ſumptuoſa fabrica, a que fervoroſamente concorria a zeloſa applicaçaõ, e aſſiſtencia dos Irmãos da Meſa, com taõ activa efficacia, que ao meſmo tempo, tanto na praya, como na Igreja, ſe via, e ſe admirava a operaçaõ inceſſantemente laborioſa, ſem repararſe no diſ-

dispendio, e no disvelo, por ser igualmente grande o anciozo dezejo, de que sem dilaçaõ se concluisse hum, e outro Pantheon magestozo.

401 Finalmente de pedra de cantaria a Capella, entrou logo a adornalla o embrincado artificio da esculptura, revestindo-lhe o arco, tecto, e as paredes com o preciozo emmadeiramento da mais primoroza, e miuda talha, ficando nos lados esculpidos de elevado relevo, e reprezentaçaõ bem propria varios passos da Payxaõ Sagrada, e tudo o mais de alto abayxo em curiozas folhagens de enlaçado adorno cuberto, e deliniados, da parte do Euangelho, a figura, e o tumulo do Bispo D. Giraldo Domingues, que alli fora sepultado. Com esta magnifica obra ficou occulta na superficie exterior eminente do arco a era de 162. que nelle se achava transcrita, e jà ponderamos significar a em que o Senhor de Bouças em Matozinhos apparecera.

402 As janellas, que por cristalinas vidraças, daõ copioza, e clara luz a toda a Capella, ficaraõ igualmente de pompoza talha revestidas, servindo tudo de acompanhar em lustroza admiravel correspondencia o famozo retabolo, que formado de novo ostenta por centro em magestoza tribuna o magnifico trono, em que o Senhor de Bouças se venera elevado, ficando nelle ao pé da Cruz assistentes, a Virgem Senhora, e o Euangelista Amado, e de huma, e outra parte, em diversas estancias, os Santos Varões Joseph, e Nicodemus, em viva reprezentaçaõ do Calvario.

403 Seguio-se ao adorno esculpido, o preciozo do dourado, com que toda a talha se osten-

ta huma mina brilhante do mais rico metal guarnecida, e por este esplendido modo vistosa montanha de ouro lavrado a Capella, servindolhe de encarnados esmaltes as franjadas cortinas, que sobrevestem as janellas, e correspondentes portas, e tudo com taõ magestoso apparato, pomposo aceyo, e sublime magnificencia, que parece hum Ceo aberto, em que saõ flamantes luzidos astros, naõ só as ardentes illuminadas tochas, mas os pendentes egregios lampadarios, com que a todas as luzes se mostra claramente desempenhado, para gloria mayor da Confraria, o devoto zelo dos Irmaõs da Meza nesta sumptuosissima fabrica.

404 Ao mesmo tempo que se hia concluindo, foraõ os Irmaõs da Mesa ideando o mais esplendido modo, porque o Senhor de Bouças houvesse de ser em seu novo trono collocado; de sórte que a todo o Mundo se fizesse notoria a magestosa pompa, e elevada grandeza, com que a veneraçaõ empenhada, ostentando-se a multiplicados beneficios agradecida, se portara generosa, e reverente na magnificencia desta obra, de que tambem rezultava, reconhecerem os favorecidos devotos, naõ só bem empregadas as importancias de suas copiosas offertas, mas ficarem com efficazes estimulos de continuallas, e assim dispuzeraõ manifestar a collocaçaõ por huma Procissaõ solemne do mais esclarecido, e glorioso triunfo, a que concorressem festivamente alegres, quantas circunstancias o formassem mais plauzivel.

CAPITULO LXIII.

Das diſpoſições, que precederaõ ao magnifico Triunfo da Collocaçaõ do Senhor em ſeu novo trono.

405 REzolvido que em Prociſſaõ de Triunfo havia de ſer o Senhor de Bouças em ſeu novo trono collocado, ſe aſſentou já pelos fins do anno de 1732. que no dia tres de Mayo do proximo ſeguinte de 1733. dia ſempre memoravel por haver ſido o em que 1609. annos antes na praya de Matozinhos apparecera eſte Sagrado penhor da Redempçaõ humana, ſe celebraſſe o ſolemniſſimo acto, e com elle hum Triduo feſtivo, pelo qual em ſeu Templo, e reformado trono foſſe plauſivelmente congratulado aquelle Senhor, que era o primeiro movel de tudo, e a que ſe haviaõ, e deviaõ tributar em reverentes holocauſtos taõ primoroſos obſequios, principiando-ſe logo a diſpor, e preparar quanto julgou precizo a mais elevada idea, para que com a mayor pompa, e luzida magnificencia, em publica paleſtra ſahiſſem glorioſos a campo os valentes agigantados effeitos de huns animos taõ bem naſcidos.

406 Com eſte fervoroſo, e devoto eſpirito animados os Irmãos da Meza, eſcreveraõ logo em 19. de Dezembro daquelle anno de 1732. huma carta ao Illuſtriſſimo Cabido da Sè Cathedral do Porto, dando-lhe com politica expreſſaõ

noticia de haverem rezolvido collocar a Sagrada Imagem do Senhor em ſua Capella no referido dia tres de Mayo proximo, e nelle fazer Prociſſaõ com a meſma Veneravel Imagem ao ſitio, onde ſahira na praya, e para que eſte acto foſſe com mayor veneraçaõ, e applauſo, intentavaõ celebrar hum Triduo, que principiaſſe no dia primeiro do dito Mez de Mayo, pedindo que em reverencia do meſmo Senhor quizeſſe honrar eſta plauzivel funçaõ com hum dia da ſua aſſiſtencia, ſendo o que ſua Illuſtriſſima determinaſſe.

407 A eſta carta reſpondeo o Illuſtriſſimo Cabido com outra de 10. de Janeiro de 1733. louvando aos Irmãos da Meza o zelo, com que em applauſo da Sacroſanta Imagem do Senhor de Bouças tinhaõ diſpoſto a ſua Collocaçaõ ao novo trono, e lhe agradecia o intereſſallo nos ſeus obzequios, que nunca poderiaõ ſer iguaes ao ſeu dezejo, nem correſponder igualmente a ſua devoçaõ, e que conſiderando aquella acçaõ com a circunſpecçaõ, que pedia a ſeriedade della, lhe parecia, que o Triduo ſe devia ſeguir à Prociſſaõ, no fim da qual, collocada a Santa Imagem no ſeu trono, ſe faria com mais decencia a ſolemnidade do meſmo Triduo, pelo que poderia ſer a Prociſſaõ, que acompanharia, em tres de Mayo, e o primeiro dia do Triduo em quatro, em que aſſiſtiria no Templo com Miſſa, e Sermaõ, e nos ſeguintes com a Muſica da Capella da Sè, o que lho participava para diſporem o mais, e como tudo era em louvor do Senhor, elle dirigiria os acertos.

408 Conformaram-ſe os Irmãos da Meza com

com eſta acertada advertencia, diſpondo que na fórma della precedeſſe a Prociſſaõ ao Triduo, de que ficou pertencendo o dia primeiro ao generoſo eſplendor do Illuſtriſſimo Cabido. Para a ſolemnidade do ſegundo ſe offereceo reverente a Communidade eſclarecida dos Seraficos Religioſos do Patriarcha S. Franciſco do Convento de Noſſa Senhora da Conceiçaõ de Matozinhos, deſtinando-ſe a plauzibilidade do terceiro dia aos Reverendos Sacerdotes Irmãos inſignes da grande Confraria de S. Pedro do meſmo lugar, huma das mayores, e mais notaveis deſta Provincia, fecunda ſempre na producçaõ admiravel de generoſos eſpiritos, para a ſublime exaltaçaõ do Divino Culto; e bem ſe vio depois por huns, e outros glorioſamente dezempenhado o fervoroſo zelo, e caprichoſo eſtimulo, que os moveo a tanto empenho.

409 Com igual providencia eſcreveraõ os Irmãos da Meza huma politica carta ao illuſtre Senado da Camera da Cidade do Porto, para que da ſua parte ſe dignaſſe concorrer, e aſſiſtir, e illuſtrar taõ grande, e pompoſo acto, viſto como em todas as occaziões que foy preciſo, a ſupplicas do meſmo Senado ſer levada a Sacroſanta Imagem do Senhor de Bouças à ſua Portuenſe Cidade, a oſtentar publicos prodigios, tiveraõ elles o dezejado effeito, com aſſombros do Reyno, e do Mundo, eſperando que ſua Senhoria ſempre attento, naõ ſó ao bem commum temporal, mas ás funções elevadamente plauſiveis do eſpiritual, naõ deixaria de aſſiſtir a eſta, para que ſe celebraſſe com os mais ſublimes requizitos de

magnifica, ao que logo se offereceo promptamente o nobilissimo Senado.

410 Por segunda carta de 20. de Abril de 1733. repetiraõ os Irmãos da Meza o representar ao mesmo Senado, que sem duvida no dia tres de Mayo seguinte havia de ser a Procissaõ; e naõ obstante que elle neste dia devia assistir a outra de seu particular instituto se rezolveo nesta occaziaõ a antecipalla, e responder á Meza, continuando-lhe o seguralla, serem taõ lembrados na Cidade, e Senado os antigos, e grandes beneficios, que Deos tinha obrado por meyo da sempre veneranda, admiravel, e prodigiosa Imagem do Senhor de Bouças, que com viva fé, e segura esperança, de que por sua infinita Mizericordia os havia de continuar perpetuamente, estimava, e agradecia a occaziaõ de em corpo de Camera em nome da Cidade hir render reverente os devidos obsequios àquelle Senhor soberano, e acompanhallo na Procissaõ, com que havia de ser collocado em seu novo trono.

CAPITULO LXIV.

Prosegue a mesma materia das disposições antecedentes à Procissaõ, e ao Triduo.

411 PAra que a tanto triunfo concorresse tambem o vistoso marcial apparato, escreveraõ no mesmo dia 20. de Abril de 733. os Irmaõs da Meza ao Coronel do Regimento

mento pago da guarniçaõ da Cidade, Governador das Armas della, e ſeu Partido, participandolhe a meſma noticia do dia para a Prociſſaõ deſtinado, e rogandolhe, quizeſſe com o ſeu Regimento formalmente acompanhalla, e laureaſſe o reverente alegre com ordenar aos Caſtellos da marinha deſte deſtricto, que pellos eſtrondoſos eccos de ſeus canhões deſpedidos em feſtivas ardentes ſalvas applaudiſſem o eſclarecido triunfo do Senhor dos Exercitos, por fiarem da ſua devoçaõ, e notorio zelo fizeſſe huma publica demonſtraçaõ do muito, que venerava a Imagem Sagrada.

412 Agradeceo o Governador das Armas á Meza a attençaõ da ſupplica, eſtimando particularmente a occaziaõ della, por ter a de que, em formados eſquadrões reconheceſſe o Mundo que tambem, entre os militares eſtrondos de Marte, podiaõ com rizos Bellona, e com caricias Minerva, oſtentar alegres huma plauzivel campanha. Para iſto mandou logo, que todo o Regimento ſe diſpuzeſſe em eſtar prompto a fazer marcha, e ſe preveniſſem os neceſſarios baſtimentos a huma funçaõ taõ feſtiva; ordenando juntamente aos guarnecidos Caſtellos, que da meſma ſórte eſtiveſſem diſpoſtos a fazerem alarde publico das vigoroſas Fortalezas, com que triplicados guarnecem o prateado gyro deſta marinha, em que o ſupremo General do Empyreo havia de ſahir a campo.

413 Naõ menos attenta, e primoroſamente politica, convidou a Meza ao Magiſtrado, e Governador das Juſtiças, aos Magnates, e Cavalhe-

lheros de notoria diſtincçaõ da Cidade, para que com a ſua luzida, e reſpeituoſa aſſiſtencia quizeſſem fazer eſta funcaõ mais viſtoza, e ennobrecida, preparandoſe para tudo em Matozinhos ſumptuozos Alojamentos, por ſer a grandeza do lugar bem provida de nobres, e aceados edificios, com commodos, e officinas capazes, de que, ſem oppreſſaõ dos moradores, a ſeu goſto ſe recolheſſem quantas peſſoas de toda a graduaçaõ, e de hum, e outro ſexo, ſe eſperava haviaõ de concorrer a huma ſolemnidade taõ plauzivel, e de tanto nome, que jà pelos ſonoros clarins da ligeira Fama, fazia armonioſo ecco em todo o Reyno.

414 Havendo ſe determinado, que a Prociſſaõ ſe compuzeſſe principalmente de hum proporcionado Paſſo, dos que myſterioſos deſcreve o Sagrado Texto, com reprezentações alluzivas às antigas memorias de quando a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças em Matozinhos apparecera, recorreraõ os Irmaõs da Meza a hum douto Padre da Companhia de JESUS do Collegio de S. Lourenço da Cidade do Porto, para que o ellegeſſe, e a forma de proſeguirſe delineaſſe por figuras allegoricas, que em analoga pompa, e particulares inſignias, fizeſſem entretecidas com outras diverſas, huma clara evidencia, naõ ſó do que ſymbolizaſſem, mas ainda das circunſtancias que ſerviſſem a ſer a demonſtraçaõ mais propria.

415 Aſſim ſe prevenia, e diſpunha tudo, e hia chegando o tempo deſtinado a tanta, e taõ grande ſolemnidade, que por decantada a tinhaõ

feito

feito as esperanças antecedentes mais anciosamente appetecida, naõ só pela espiritual alegria, que della rezultava, mas pelo fervoroso dezejo, com que o mais, e o melhor desta Provincia se achava de concorrer, e assistir a taõ reverente, e pomposa ostentaçaõ do Divino Culto. Ao excessivo alvoroço eraõ iguaes os preparos, com que a tanto empenho se constituhiaõ todos, especialmente no Porto, e Matozinhos, que sempre foraõ germanados em reverenciar, e applaudir a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças, pela vizinhança continuamente communicada, em conforme, e especiosa armonia, entre huns, e outros moradores de largos seculos estabelecida, e em todas as precizas occazioens praticada.

416 E como era sem duvida, que a Matozinhos havia de concorrer o melhor, e a mayor parte da Cidade do Porto, e de todos os lugares circunvizinhos, para que o progresso de tanto triunfo campeasse mais vistoso, e mais extenso, se determinou, que a Procissaõ fizesse hum largo gyro, passando do lugar de Matozinhos, ao famoso emporio de Leça, pela espaçosa ponte do seu Rio, e voltasse por outra, que em proporcionada distancia se formou de grossas madeiras, sobre grandes barcas; mas de construcçaõ taõ segura, e de fabrica taõ perfeita, que duma, e outra ficaraõ sendo, em adequada metaphora, agigantados fortes hombros, em que o Rio Leça duas vezes Atlante esclarecido, sustentasse toda a grandeza do mais alto, e soberano Olympo.

CAPI-

CAPITULO LXV.

Continua a mesma materia das disposições precedentes à Procissaõ do Triunfo.

417 Chegou finalmente o suspirado Mez de Mayo, sempre feliz, e fausto sempre ao lugar de Matozinhos, por nelle o haver Deos constituido perpetuo fiel depositario deste Sagrado Penhor da Redempçaõ do Mundo. A benigna estaçaõ do tempo, que no rizo dos prados, no suave das flores, no sonoro das Aves, no frondoso das plantas, no matizado dos bosques, e no recreyo dos ares, infundindo alentos, estava movendo a dezejarse alegre a amenidade do campo, e sobre tudo o fervoroso empenho, e ancioso cuidado de ver, e admirar do Senhor de Bouças o esclarecido Triunfo, occasionou hirse ajuntando no primeiro, e segundo de Mayo em Matozinhos innumeravel quantidade de gente de toda a condiçaõ, e estado, por ser universal o contentamento, devoçaõ, e alvoroço, com que os Povos se achavaõ dispostos a concorrer, e assistir a hum acto taõ plauzivel.

418 Para a subsistencia commua de tantos individuos da natureza humana, concorreo a Matozinhos huma profuzaõ admiravel de viveres de todo o genero, que em praças publicas se feriavaõ francamente, alèm das prevenidas abundancias, tanto dos moradores, como dos Magistrados, e Cavalheros assistentes, que em mezas

lautas

lautas de variedades exquizitas ſuſtentaraõ por todos os dias, que durou eſta grande ſolemnidade a muitas peſſoas de diſtincçaõ, e ſuas familias, de ſorte que ſe naõ experimentou falta alguma de tudo o que podia ſervir de ſuſtento, e de regalo, além dos deſtinados recreyos, que havia preparados para ſuaviſſimo, deleitavel, e ajuſtado emprego dos ſentidos.

419 Prevenidas havia para a viſta illuminaçóes as mais brilhantes, luzidas, e claras, e grande variedade de tapeçarias, divertidos maſcaras, ſeràos primoroſos, e tudo o mais, que além da Prociſſaõ de Triunfo, podia ſervir aos olhos de agradavel objecto. Havia para ouvir muſicas ſonoras, ajuſtados diſcantes, vilhancicos alegres, diſcretos outeiros, e ſalvas ardentes. Para o olfato ſuaviſſimas flores, ambares ricos, cordovas excellentes, e precioſos aromas. Para o goſto toda a producçaõ comeſtivel, que a beneficio dos viventes ſe cria, e ſe conſerva nas vaſtas regiões dos quatro Elementos, em Aves, caças, peſcados, frutas, e ſaboroſos licores: e para o tacto finalmente quanto podia pertencer ao precizo deſcanço, e multiplicado aceyo, com que tudo havia de ſer magnificamente ſervido, e de policia compoſto.

420 No ſegundo de Mayo ſe achavaõ jà do Porto em Matozinhos o Illuſtriſſimo Cabido, o Nobiliſſimo Senado, os Governadores das Juſtiças, e Armas, Cavalheros, e peſſoas de toda a graduaçaõ Eccleſiaſtica, e ſecular, familias particulares, e quantos haviaõ determinado aſſiſtir a todos os dias deſta funçaõ, e feſtejo, que tudo

do

do formava o mais luzido, e numeroso congresso, ostentando huns, e outros na galas, fausto, pompa, e bizarria urbano especioso trato, e palaciano ajuntamento, de sorte que no esplendor parecia o lugar huma Corte, seguida de tudo o que em grandeza podia adornalla, e ennobrecella, havendo alli para que o fosse pelo modo possivel na terra a Magestade Soberana daquelle Senhor, a que tanta luzida assistencia, e taõ obsequioso culto se tributava.

421 No mesmo dia se expoz a Sagrada Imagem do Senhor de Bouças, no rico andor, que havia de servirlhe de triunfal carroça, e o ficou entaõ sendo portatil cadeira, ou Regio trono, em que daquelle até o outro dia, posto na Capella Mayor com magnifica magestosa decencia admitio em acto continuo, e publico a lhe beijarem os pés quantos Aulicos Catholicos concorriaõ reverentes a lhe fazer salla, e nesta foy grande a profusaõ da gente que acudio a render vassallagem ao mayor Dominante, havendo no dia, e na noite em todo o Palacio do Templo illuminações insignes, e repetidas serenatas, sem faltarem as delicadas bebidas, e copiosos refrescos de lagrimas vertidas em filial contriçaõ alegre, e prazer jucundo, a que se experimentavaõ todos interiormente convidados.

422 Pela meya noite do mesmo dia partio do Porto em fervorosa marcha o Regimento pago da guarniçaõ da Cidade, acompanhado dos Cabos, e Officiaes, que nella haviaõ ficado com ordem a conduzillo; de sorte que ao romper d'Alva, em que despertava a bella Aurora, annunciando

nunciando em luminoſo rizo, havia de ſer todo alegre o dia neſte emporio, ſe achava com bom regimen o Regimento formado no grande atrio, e eſpaçoſo terreiro do famoſo Templo. Delle ſe deſtacou logo huma meya companhia de Soldados para entrarem de guarda ao Senhor, e impedirem alguma deſordem, que poderia cauzar a grande afluencia de gentes, que com ancioſo ardente diſvelo haviaõ de concorrer a lograr a fortuna de beijar os pés deſte Soberano Monarcha, que com os braços abertos os tinha patentes a toda a creatura, que chegava.

CAPITULO LXVI.

Conclue-ſe a materia das diſpoſições precedentes ao referido Triunfo.

423 SEndo já claro o dezejado eſclarecido dia de Domingo tres de Mayo de 1733. Dia verdadeiramente do Senhor, e glorioſamente deſtinado à mageſtoſa oſtentaçaõ do ſolemniſſimo Triunfo, e prevenido eſte do mais pompoſo, e magnifico apparato, foy tanta, e taõ grande a copia de povo, que a Matozinhos concorreo, de mais do muito que jà nelle ſe achava, tanto da Cidade do Porto, como das Freguezias circumvezinhas, e outras partes, que ſe faz inexplicavel pela rara admiraçaõ, e notorio aſſombro, que cauſou o ſer poſſivel comprehender tanto, o que para tanta immenſidade parecia limitado terreno, o que ſem duvida foy milagre eviden-

evidentissimo do mesmo Senhor triunfante; que os obra sempre excessivos; naõ o sendo menos a quietaçaõ, e socego, com que sem confuzaõ, nem desordem! lograraõ todos, ainda repetidas vezes, o verem tudo.

424 Adornadas se viraõ logo as ruas de odoriferas boninas, verdes espadanas, ervas amenas, lirios varios, alecrins floridos, e frescos rosmaninhos. As janellas, e as Praças armadas de vistozas tapeçarias. Os clarins, os tambores, os attabales, as gaitas de folle, as charamellas, e os pifaros em concertado armonioso estrondo infundiaõ festivos nos animos viventes o mais alegre alvoroço. Os passarinhos volantes em suaves melodias, e melifluas consonancias formavaõ por toda a parte, com finissimos requebros entre as jucundas auras de Flora, a mais deliciosa primavera. Os homens, com variedade aprazivel ostentando briosas competencias no custoso aceyo das galas formavaõ o mais nobre, e o mais luzido cortejo.

425 O Sol, que neste dia mais roçagante, parece vestio nova gala, ostentava luminoso, em carro brilhante, o elevado fogoso empenho, com que subia, a ver do Zenith mais alto a laureada pompa de tanto triunfo. O Ceo, que sublime se conformava à natural condiçaõ da sua esphera, vestido de damasco azul ferrete, semeado de Estrellas, cingido de Zonas, armado de Signos, fortalecido de Polos, e adornado de Planetas, com a candida banda da Via làctea, que tambem lhe servia de colar pendente, e clarificada divisa, sendo dos homens observado sempre,

pre, ſe achava obſervando agora as diſpoſições, e os movimentos, com que neſta occaſiaõ em Matozinhos formavaõ os luzidos terrenos Aſtros ſeus plauſiveis progreſſos.

426 O Fogo, como em tudo ſempre de ardentes eſpiritos, veſtindo encarnada purpura formava de ſuas chammas agudas linguas, que luzidas publicaſſem pelas dilatadas regiões do Univerſo, o fervoroſo zelo, e as glorioſas circunſtancias de tanto applauſo. O Ar em roupas bordadas de caſſa, a mais tranſparente, abandado de plumas, e adornado de flamulas, reſpirava Favonio, em brando Zefiro, alentos ſuaves, a comtemplar pela ſerena eſtaçaõ do claro tempo as plauziveis feſtas, e decantados aſſombros, que na freſca paleſtra deſte ennobrecido emporio oſtentava a devoçaõ, e o jubilo, por ſer grande o com que neſta Regiaõ do Occidente brilhava em creſpuſculos de affectos a piedade rizonha dos empenhados viventes, lançarem nos applauſos a barra ás mayores balizas, a que o mais vigoroſo impulſo podia extenderſe.

427 O Mar, que perto ſe achava, por naõ ver de longe tanta maravilha, uzando ſó dos Tritões, como nuncios, para levar ás partes mais remotas dos dominios de Thetis, e Amphitrite a noticia do que em Matozinhos ſe obrava no plauzivel triunfo deſte Senhor, veſtido de ondeado chamalote, guarnecido com franjoes de prata, eſtofados de eſcumilha, em marê de rozas, poſto á capa, ſe diſpunha a ornar a praya de cryſtalinas alcatifas, ao tempo de chegar a ella a Prociſſaõ do mayor fauſto; porque ain-

da que prezo nas liquidas correntes de ſeus limites, tinha, por nobre, a larga omenagem de poder bem eſquipado extenderſe atè donde reverente obſervaſſe o eſtuoſo fervor de tanto jubilo.

428 A Terra, que neſta occaſiaõ era o centro, em que ſe formava o valente numeroſo Exercito de tanta pompa, ſervindo-lhe de eſpaçoſa campanha, regular, e viſtoſa praça o memoravel lugar de Matozinhos, baluarte famoſo, e bem provido de devotos eſquadrões, com plauſiveis baſtimentos, e feſtivas vitualhas, a ſuſtentar o grande empenho com que queria na magnificencia vencer o partido, e exaltar o Triunfo, veſtida de varias cores, que por viſos diverſos lhe teciaõ as plantas, bordavaõ as flores, e guarneciaõ os valles, com que intrincheirada diſputava a Bellona do baſtaõ a regalia, ſe hia diſpondo a ſahir das linhas, e dar em campo aberto a batalha, eſperando, que na victoria conheceſſe o Mundo, com quanta juſtiça ficava neſta parte ſenhora do campo, e em applaudir ao Senhor de Bouças vencedora.

CAPITULO LXVII.

Da Procissaõ do Triunfo, e da forma, e ordem della.

429 Pouco deſpois do meya dia, ordenou o Coronel Governador das Armas ao ſeu Regimento, que no grande atrio do Templo havia

havia entrado em batalha, a quatro de fundo, e por Polotões dividido, se dispuzesse na forma dè huma Cruz perfeita, que fazia principio na porta principal da Igreja, servindolhe no fim de Calvario os Granadeiros, e o Coronel com o espontaõ à mão direita, o Tenente Coronel á esquerda, os mais Officiaes no centro, e as bandeiras nos braços da mesma Cruz, e pelo meyo della, espaçosa rua por onde sahisse a Procissaõ do Triunfo, tudo formado pela ordem, e situaçaõ seguinte.

430 Achava-se jà prompto na Capella Mayor o Illustrissimo Cabido admiravelmente adornado, e com elle da mesma sorte huma boa parte dos Beneficiados, havendo ficado na Sè outra parte dos mesmos para satisfazerem à reza quotidiana, e às precizas obrigações do Coro. De magestosas Cadeiras lhe serviaõ os magnificos assentos de veludo carmizim de palhetões de ouro guarnecidos, que para este effeito haviaõ sido a Matozinhos conduzidos. Na Sancristia se achava paramentado com estolla, e Capa de Asperges de tissu riquissimo o Reverendo Deaõ para levar debaixo do Pallio na Procissaõ a Cruz da Sagrada Reliquia do Santo Lenho. Dous Beneficiados com naõ menos custoso adorno, e dous Thuriferarios de flamantes Dalmaticas de damasco de ouro revestidos, e preparado tudo o mais, que em tanta funçaõ era precizo, se deo principio à solemnidade do acto.

431 Da Sancristia sahio logo com o mais vistoso apparato quanto nella se achava magnificamente disposto, vindo diante o Porteiro da

Maſſa, adornado das proprias, e particulares inſignias do ſeu miniſterio; ſeguiam-ſe dois Meninos do Coro, com caſtiçaes magnificos, que ſaõ os precioſos Ciriaes na Cathedral praticados, e logo outro Menino, com hum mageſtoſo prato de prata a conduzir, e guardar com primoroſo aceyo, da Dignidade referida o barrete: proſeguiáo na ordem os Beneficiados dos Ceptros, os Thuriferarios, o Meſtre das Ceremonias, e ultimamente o Reverendo Deao Dignidade principal neſte eſpecioſo feſtivo projecto, tudo com a mayor pompa, e a mais luzida magnificencia.

432 Entrados na Capella mayor ſaudaraõ de huma, e outra parte ao Illuſtriſſimo Cabido, que correſpondeo urbano pela formalidade praticada, e diſpoſta no Ceremonial, em ſemelhantes cazos, e chegado o Reverendo Deaõ ao primeiro degráo do Altar fazendo com os aſſiſtentes profunda, e reverente inclinaçaõ à Cruz, ſubio aſſima, beijou o Altar, e incenſou a Reliquia a tempo, que ſe cantou a Antifona *Crucem Sanctam*, e pegando della com hum precioſo veo, ſe virou para o povo, cantando-ſe a Fàbordaõ o Hymno: *Te Deum Laudamus* ſuaviſſimamente, com que ſe concluio a previa diſpoſiçaõ da ſahida, procedendo-ſe no expediente da Prociſſaõ glorioſa.

433 Dez Sacerdotes adornados de ſobrepelizes, e eſtollas, pegaraõ logo no rico, e primoroſamente paramentado Andor, em que arvorado ſe achava o Senhor de Bouças de Mizericordias armado para ſahir a campo, por ſerem eſtas as munições excellentes, de que ſempre abun-

abundou neste prezidio, a conquistar, e render os corações humanos; e posto no meyo do Illustrissimo Cabido, levando por hum, e outro lado com aromaticos perfumes de prevenidos incensos os Thuriferarios, foy sahindo pelo centro da militar Cruz, a passar mostra aos seus escolhidos, que eraõ todos os que a tanta rezenha se achavaõ juntos, e na Vedoria da mayor devoçaõ alistados, ao grande soldo dos soberanos beneficios, que pelos pagadores geraes das cinco Chagas hia benigno despendendo.

434 Nesta primeira sahida ostentou flamante o Regimento huma pomposa salva em tres bem ordenadas descargas de brunhida luzente mosquetaria, servindo ao mesmo tempo esta demonstraçaõ obsequiosa, de festivo sinal às correspondentes Fortalezas, e toda aquella dilatada campanha, de que o Senhor de Bouças sahia, e a Procissaõ do seu esclarecido Triunfo principiava. He inexplicavel a piedosa commoçaõ, o penetrante aballo, e o reverente alvoroço, que em todo o povo cauzou a vista deste Senhor, que da terra exaltado attrahia a si os corações contrictos, e os rendidos affectos, com que as Almas da Cruz pendentes pela viva contemplaçaõ dos seus Cravos, exhalando lagrimas copiosas experimentavaõ alegres os mais enternecidos deliquios.

CAPITULO LXVIII.

Prosegue-se a forma da Procissaõ gloriosa.

435 PRoseguia já por Matozinhos a Procissaõ principiada, e compostamente precedida do estrondoso festivo cortejo de clarins, tambores, charamellas, e outros instrumentos sonoros, a que se seguia em notavel, mas bem ordenada multidaõ, hum numero quazi innumeravel de varios Guiões, Bandeiras, e alternadas Cruzes, tanto das Irmandades, e Confrarias do lugar, como de todas as Freguezias circunvezinhas, que concorreraõ a ostentar plauziveis em flamantes egregios estandartes, a solemne pompa, e tremolante apparato de tanto, e taõ memoravel triunfo, que em devota, e continuada profusaõ, se fazia o mais gloriozo, e o mais extenso.

436 Seguia se logo, como vistoso preambulo ao allegorico Passo, a ideada Figura de Matozinhos, a que reprezentava hum venerando Anciaõ de admiravel respectiva prezença, mõtado em hum brioso espumãte Cavallo, com os cascos de pés, e mãos prateados, pescoço, e peitoral de varias conchas guarnecidos, entre maravalhas de cores diversas, alludindo com este maritimo adorno ao Regio Cavalleiro, que no Occeano mar desta praya, fora milagrosamente convertido, pelo prodigioso successo largamente ponderado, de que ao lugar rezultou, tanto a proporciona-
da

da ethymologia do ſeu nome, como a gloria feliz de ſer o primeiro das Eſpanhas, que univerſalmente recebeo a Fé Catholica.

437 Coroada glorioſamente ſe oſtentava eſta notavel Figura de Matozinhos, coroado de hum bem formado, e guarnecido Caſtello, de peças, e guaritas adornado: veſtido, e armado com o forte peito de Armas brancas, e fraldelins de tela verde galonados de prata, e rodeado de huma cinta de melania branca, claro ſymbolo do Rio Leça, que o corta; eſta lhe cahia toda junta a huma parte até o pé, como rio, que aſſim corre ao mar por junto da ſua area: conſtava o precioſo calçado de meas, e çapatos brancos prateados ſobre verde: dos hombros lhe cahia para as coſtas ſobre o brioſo Cavallo hum largo manto de tela verde, ſemeado de varias flores, e freſcos ramos, de que Matozinhos abunda, e abundou ſempre ameno.

438 Arvorado levava na maõ direita hum tremolante vermelho eſtandarte franjado de prata, e de ouro as borlas, e nelle admiravelmente eſculpidas as prodigioſas Armas, e Sagradas Quinas do eſclarecido Reyno de Portugal. Na maõ eſquerda ayroſo oſtentava embraçado hum relevante, e bem adereçado eſcudo, em que ſe admirava pintado o famoſo magnifico Templo do Senhor JESUS de Bouças, alludindo a ſer eſte o fortiſſimo celeſtial baluarte, que em toda a occaſiaõ o defende; e por diviza levava pelo manto abaixo eſtendida huma incripçaõ portentoſa, em que gravado ſe lia: *Jonas deſcendit in Joppen.* Jonæ Cap. 1. ℣. 3. E logo de mais miuda le-

tra, em outra regra, na mesma Epigraphe decifrada a allegorica exposiçaõ, que dizia: Ideſt: *In oppidum habens portum.* Laureto. Verbo: Joppe.

439 Formavam-lhe viſtoſa ennobrecida Praça quatro ayroſos flamantes lacayos, veſtidos á Caſtelhana com vermelhas, e bem talhadas libres, guarnecidas de galões de prata, oſtentando ſobre candidas finas, e ondeadas perucas, ſeus brunidos capaçetes adornados de varias tremolantes, e elevadas plumagens, e dos braços pendentes bordados telizes, que em matizado eſpecioſo debuxo, reprezentavaõ patentes as decoroſas Inſignias, e relevantes emprezas, com que o nobiliſſimo Matozinhos ſe havia oſtentado Illuſtre nos antigos ſeculos, formando, para aſſombro da poſteridade, os Brazões eſclarecidos, que dignamente o fazem reſpeitar no Mundo por Anciaõ o mais venerando.

440 Admiravel ſe ſeguia, como Figura primeira do delineado, e diſpoſto Paſſo, a Sagrada Eſcritura, a que reprezentava huma fermoſa, e elegante mulher, ricamente toucada, e precioſamente veſtida de tella branca, franjada de ouro, ſervindo-lhe de inferior adorno o calçado branco, e prateado: oſtentava na maõ eſquerda hum flamante livro, encardernado em vermelho veludo marchetado de prata, e na maõ direita huma viſtoſa, e bem concertada penna, como que deſcrevia na mais bem formada letra ayroſamente lançado do hombro para as coſtas o decifrado lemma, em que indicava: *Factum eſt verbum Domini ad Jonam . . . . . Vade in civitatem*

tem grandem. Jonæ. Cap. 1. verſ. 1. & 2.

CAPITULO LXIX.

Continua a fórma da Prociſſaõ do Triunfo.

441 SEguia-ſe, como ſegunda Figura do diſpoſto Paſſo, o famoſo Profeta Jonas, veſtido á tragica de adornos os mais competentes, a reprezentar, com expreſſaõ proporcionada, e bem propria o ſeu delineado retrato, com hum viſtoſo turbante na cabeça, e na mão hum livro, que ſymbolizava o das ſuas Profecias, como Sagrado Texto, de que tanto Emblema ſe allegorizava, e no meſmo livro ſobreposta huma ideada Balea, em ſignificaçaõ allegorica da que no mar o tragara por myſterioſa diſpoziçaõ do Altiſſimo. Levava, como as mais Figuras, do hombro, lançada a ſignificativa letra em que tranſcripto ſe via: *Aſcendit Jonas navem fugiens, & Chriſtus in Crucem per mare tranſiens.* Laureto Verbo: *Jonas.*

442 Em terceiro lugar ſe ſeguia a elegante eſpecioſa Figura da Allegoria reprezentada na de huma proporcionada brilhãte mulher bem toucada, com hum veo de eſcomilha pelo roſtro, e hum arco Iris adornado de ſuas proprias apparentes cores, que elevado lhe ſubia dos hombros ſobre a cabeça, veſtida eſplendidamente de pompoſa tella, de furtacores, attrenada de ouro. Exornavalhe os pés hum branco primoroſo

cal-

calçado, de preciozidades guarnecido: levava na maõ hum embrincado Celindro, e nelle por Diviza a letra, em que transcripto se achava: *Jonas descendit ad interiora navis.* Jonæ 1. vers. 5. *Idest. Ad mysteria in Sacra Scriptura latentia.* Laureto. Verbo: *Intus.*

443 Proseguia em quarto lugar flamante a fabuloza Deuza Thetis, senhora do mar antigamente prezumida, a que pompoza reprezentava huma mulher, soberana primorozamente toucada, e hum candido veo de escumilha cahido, com briozo lançe, da cabeça pera as costas, e coroada de finas perolas, e preciosos aljofares, que lhe formavaõ sublimado diadema, vestida de huma rica, roçagante, e esplendida gala de cor verdemar franjada de prata, e branco calçado, com varios pendulos, e tremulos, de aljofar, e perolas, semeados pelo admiravel vestido, e na mão hum elevado Cetro, que na parte superior rematava hum maritimo buzio, e por diviza a letra, que textualmente dizia: *Tulerunt Jonam, & miserunt in mare.* Jonæ 1. vers. 15.

444 Em quinto lugar se seguia o entumecido Eolo, fabuloso Deos dos ventos, representado na Figura de hum homem bem disposto, coroado elegantemente de vistosos martinetes, com varia tremolante plumagem, rematando-lhe na cabeça a Coroa huma sublimada grimpa, e vestido de branca transparente escumilha, adornado de ligeiras azas, calçado de branco, e empoado escuro, e hum artificiozo folle de vento pendente por hum listaõ a tiracollo: Levava na maõ direita

reita huma bem ideada trombeta, com que mostrava hir ſoprando com o mais vigoroſo alento, e na mão eſquerda huma Nào empavezada, e com velas de vento cheyas a todo o pano: e por diviza, que moſtrava: *Miſit ventum magnũ in mare, & facta eſt tempeſtas.* Jonæ 1. ℣. *Ideſt. Perſecutio Judæorum in Chriſtum.* Laureto Verbo. *Tempeſtas*,

445 Seguiaſe em ſexto lugar o famoſo Neptuno imaginado Deos dos mares, a que reprezentava hum alentado, e corpulento homem proporcionadamente veſtido de cor de carne com apparencias de deſpido, e ſómente o peito adornado de prateadas eſcamas, attrenado pelos braços, e pelos pés de galões de prata, e toda a figura franjada de branco, com varias perolas, e aljofares pendentes, e pelo corpo intrometidos alguns verdes muſgos, e miudos peixes, coroado de freſcas eſpadanas: levava na maõ direita hum bem formado Tridente, com que por modo impetuoſo vibrava fulminantes golpes a huma balea, conduzida na maõ eſquerda, e por diviza o duplicado lemma, que inſinuava *Acceſſit ad eum Gubernator.* Jonæ ℣. 6. *Stetit mare a fervore ſuo.* Ibidem. ℣. 15.

446 A Neptuno ſe ſeguia, em ſetimo lugar, o variavel Protheo, fabulado Deos dos Rebanhos marinhos, ideado na viſtoſa proporcionada figura de hum gentilhomem, trajado em precioſo veſtido de cor verdemar, franjado de prata, matizado de varios peixes, e diverſas maritimas conchas. Levava por inſigne diadema na cabeça huma Regia coroa, entre plumagem

azul

azul, e branca, e calçado ao mesmo modo, com hum pastoril cajado na maõ, em que se via enroscado hum grande peixe. A Inscripçaõ da sua divisa, em breve epigrafe declarava: *Præparavit piscem grand m.* Jonæ. 2. ℣. 1.

CAPITULO LXX.

Prosegue-se a mesma forma da Procissaõ de Triunfo.

447 SEguia-se em oitavo lugar ao referido Protheo, o naõ menos fingido Palemon fabulosamente na Antiguidade reputado Deos dos Portos maritimos, reprezentado na figura de hum homem, que se ostentava vestido da preciosa galla de tella verde, da cinta para sima com guarniçaõ de ouro, matizado de varias roçagantes flores, servindo-lhe de coroa na cabeça huma populosa, e bem ideada Cidade; as meas, e os çapatos eraõ brancos, e por hum verde listaõ tecido com seda amarella levava pendente de hum lado huma Ancora, e na maõ hum forte, e bem petrechado Castello, denotando o allegorico Lemma da Incripçaõ, que levava: *Evomuit Jonam in aridam.* Jonæ. 2. vers. 11.

448 A Palemon se seguia em nono lugar a especiosa Figura de huma fermosa maritima Ninfa, daquellas, a que a ficçaõ poetica publica Nereydas, vestida á tragica de cor verdemar com franjas de prata, e graciosamẽte toucada do ameno precioso adorno de varias flores, perolas, e

alambres

alambres, e a pomposa flamante gala matizada de diversos canotilhos vistosamente pendentes de fios verdes. Levava na maõ por insignia, hum sonoro instrumento musico, com que acorde decifrava em duplicado allegorico lemma. *Pelagus operuit caput meum.* Jonæ.2.℣.6. *In voce laudis immolabo tibi.* Ibidem ℣. 10.

449 Ayrosamente alegre, em decimo lugar se seguia a nobre Figura do decantado, e sempre famoso Rio Douro, a que reprezentava hum homem galhardo, com preciosó vestido de cor de ouro, franjado de prata, alludindo ao soberano metal de suas areas, que lhe occasionaraõ o proprio nome; coroado se ostentava com flamante diadema, tecida curiosamente de varias flores, e matizada de verdes musgos, entre frescas folhas de cerùleas espadanas; guarnecida a pomposa gala de tremolantes canotilhos; calçava meas, e çapatos brancos do mais primoroso artificio, e levava de hum fermoso listaõ pendente hum rico gomil de prata, enramado de suavissimas vistosas flores, e de folhagens diversas, que lhe formavaõ a mais aprazivel prospectiva. Na demonstrativa Inscripçaõ se decifrava: *Veniat ad te Oratio mea ad templum sanctum.* Jonæ. 2. vers. 8.

450 Seguia-se em undecimo lugar ao Rio Douro, como seguio sempre, o decantadamente brando, e suavemente pacifico, e ameno Rio Leça, gravemente reprezentado na proporcionada Figura de hum homem bizarro, vestido de chamalote branco bem justo no corpo, coroado de vistosas folhas de brancos, verdes, azuis,

e ama-

e amarellos lirios, que em variado, e bem composto matiz lhe formavaõ admiravel diadema, calçava meas, e çapatos de cor verdemar, semeados de candidas, e refulgentes lentijoulas, e do mar miudas conchas, todo pelo corpo enlaçado de frescos ramos, e odoriferas flores, e pelos braços varios fios, em propria reprezentaçaõ de verdes maritimos limos. De hum listaõ azul claro levava pendente hum precioso gomil de prata, lançando brandamente agoa, em liquida alluzaõ ao prateado socego, com que placido corre. Na sua Inscripçaõ se lia: *Quæcumque vovi, reddam pro salute Domino.* Jonæ 2. vers. 10.

451 Proseguia em duodecimo lugar a Venerada Figura da Igreja Catholica, que como conduzindo o Sagrado Hospede para a sua caza, se ostentava ricamente vestida de brocado branco, e pomposamente coroada com thiara Pontificia, calçada de prata, adornada toda de magestosa magnificencia: levava huma Cruz Pontifical na mão, hindo acompanhada de seus santos familiares, e toda a decencia correspondente, e devida ao seu especioso caracter; servialhe de empreza o gravado lemma, em que allegoricamente se decifrava: *Rursus videbo templum sanctum tuum.* Jonæ 2. vers. 5.

452 Todo este magnifico apparato, e solemne pompa do Passo expendido se rematava com a fausta, e jucunda Figura da Alegria, que alguns devotos lhe addicionaraõ para significar ao innumeravel povo, que havia concorrido ao especioso espectaculo de tanto, e taõ esclarecido Triunfo, o quanto deviaõ todos jubilosamente

alegrar-

alegrarse de verem, com o mayor fausto, restituida a Sagrada Imagem do Senhor de Bouças ao seu Altar, e novo trono magnificamente reformado, no famoso Templo de Matozinhos. Era reprezentada por sogeito de agradavel, e ayrosa prezença, montado em hum poderoso Cavallo, e preciosamente vestido de roçagante, e pomposa gala, com todas as insignias conducentes ao seu reprezentado ministerio: tremolava-lhe na mão hum arvorado estandarte, acompanhando-o de pé com flamantes telizes, quatro bem adornados lacayos, e concluindo-se assim magestoso o figurado mystico Passo.

CAPITULO LXXI.

Continua-se em referir o mais da pomposa ostentaçaõ deste esclarecido Triunfo.

453 SEguia-se na pomposa magnificencia do continuado plauzivel Triunfo a numerosa Communidade dos Meninos Orfãos da Cidade do Porto, candidados Innocentes, de vermelha peitoral Cruz guarnecidos, e no proprio lugar do coraçaõ rubricados, como particulares insignias de que sendo da Soberana Mãy, e Senhora da Graça piedosos filhos, formassem, a louvar o Senhor, hum Angelico Coro: *Laudate pueri Dominum*, e assim o louvaõ alegres, e reverentes, reconhecendo-se, em seu terno, e suave canto, que da boca dos Meninos recebe o mesmo

Psal. 112. ℣. 1.

o mesmo Senhor perfeitos louvores: *Ex ore infantium ..... perfecisti laudem*; e por tudo quam admiravel he sempre o Nome do Altissimo em toda a terra - *Quam admirabile est nomen tuum in universa terra.*

Psal. 8. ℣. 3.

Id Psal. ℣. 10

454 Proseguia o solemnissimo acto a Communidade Religiosa do Recoleto Convento de N. Senhora da Conceyçaõ do proximo, e annexo lugar de Leça da Palmeira da Sagrada Ordem do Patriarca Serafico, que nestes esclarecidos filhos tresladou o espirito ardente, com que Serafim abrazado assombrou, e assombra a todo o Mundo, porque em todo saõ notorios os elevados obeliscos da santidade, e virtude, que sendo fundados na summa pobreza da sua Regra, se haõ visto taõ sublimes, e eminentes, que igualaõ as alturas do Empyreo. Na terra o formavaõ agora, ostentando, como em celestial Jerarquia, divinos louvores ao Senhor, que havendo deposto de glorioso assento aos poderosos, quaes o soberbo Lucifer, e seus sequazes, se dignou exaltar os humildes: *Deposuit potentes de sede, & exaltavit humiles.*

Luca 1. 52.

455 Na Ordem deste esclarecido Triunfo, se seguia o copioso Clero, que dos lugares de Matozinhos, e Leça, da Cidade do Porto, e de toda a parte havia concorrido, e ostentava tudo hum coroado esplendor taõ numeroso, e magnifico, que naõ só parecia excessivo, mas era por quazi infinito reputado. De brancas sobrepelizes esplendidamente adornado se formava plauzivel este candidado exercito, fazendo para mayor gloria, e elevada exaltaçaõ de tanto applau-

zo,

zo, o continuado exercicio de hir em canticos louvando o Soberano, e ſempre excelſo Redemtor do Mundo, com reverentes acclamações expreſſivas de o venerarem Pay de immenſa Mageſtade: *Te.... candidatus laudat exercitus..... Patrem immenſæ majeſtatis*, por haver jà, em beneficio dos homens, conquiſtado, e aberto o Reyno do Ceo aos remidos Catholicos, deſtroçada a morte, e vencido da Cruz o tormento: *Tu devicto mortis aculeo aperuiſti credentibus regna Cælorum.*

456 Seguia-ſe ao Clero hum eſplendido coro de beliſſimos Anjos adornados de flamante ayroſa gala, de precioſas reſplandecentes joyas guarnecida, e faldelins de ouro franjados, azas volantes, e tremolantes plumagens, alparcas inſignes de matizes brilhantes. Empregavaõ-ſe no reverente miniſterio de com ricas baxellas hirem diante do Senhor a cada paſſo lançado ſuaviſſimas flores ſobre as varias, e muitas, com que jà ſe viaõ alcatifadas as Praças, e as ruas, por onde paſſava a melhor Flor do campo, e o Lyrio melhor dos convalles; mayormente pelos enternecidos deliquios, com que por todas, ſe achavaõ infinitas Almas devotas, ſuſpirando amantes participarem da Flor, e do fruto, que da Arvore da Vida viaõ pendentes, os mais vivos alentos, como dizendo: *Fulcite me floribus, ſtipate me malis, quia amore langueo.*

Cantic. 2. 1. 5.

457 Admiravel ſe ſeguia finalmente, e jà por entre as viſtoſas alas do Illuſtriſſimo Cabido, a Triunfante Carroça, e Andor ſoberano, em que a peito deſcuberto, e mageſtoſa conducta, hia o

R Senhor

Senhor de Bouças fortemente conquiſtando quantas Almas, ſahindolhe ao encontro, ſe lhe proſtravaõ logo rendidas, e reverentes, para gloria mayor de ſeus triunfos, e victoria completa de ſuas Mizericordias, que ſaõ, e foraõ ſempre os canhões, e as bandeiras, com que piedoſo milita. Servialhe de tremolante eſtandarte a precioſa cortina, que nas eſpaldas, flamante, formava eſpecioſo ſinal do trofeo, que vencida a morte, alcançara do Tartareo Abyſmo nas batarias do Calvario. As meſmas Almas, que hia rendendo, eraõ neſte grande Triunfo os ricos deſpojos, que o infinito valor do ſeu ſangue havia remido, oſtentando-ſe aſſim magnifico o triunfal apparato.

458 Immediatamente proſeguio o reſto do illuſtre Capitular congreſſo, e no fim delle com magnifica ſolemnidade, e luzidiſſima pompa o Reverendo Deaõ, levando debaixo de hum rico Palio a Sagrada Cruz do Santo Lenho, a que acompanhavaõ, em conforme, e primoroſa uniaõ o Senado da Camera, o Governador das Juſtiças, Miniſtros Togados, e Juſtiças de Matozinhos, e Leça com viſtoſiſſimo apparato, rematando, e fazendo corpo de guarda a tanto Triunfo o Governador das Armas com todo o ſeu Regimento em proporcionadas, e extenſas fileiras formado, hindo em ſeus competentes poſtos, o Tenente Coronel, o Sargento-Mor, Capitães, Tenentes, Alferes, e mais Cabos; de ſórte que neſte marcial expediente ſe vio praticada, com admiravel bizarria, toda a militar diſciplina.

CAPI-

CAPITULO LXXII.

Prosegue-se a mesma materia.

459 DEste modo foy discorrendo pelas ruas, e Praças de Matozinhos este solemnissimo Triunfo, em que continuamente se hiaõ revezando, com prevençaõ cuidadosa, os Sacerdotes conductores da Sagrada Imagem do Senhor de Bouças; naõ porque estranhassem, ou sentissem o pezo della; porque de si disse o Senhor, que era leve o seu pezo: *Onus meum leve*; mas por participarem os mais, que fosse possivel, tanta fortuna, que anciosamente dezejavaõ todos; pois era universal o devoto empenho, e generoso fervor, com que reverentes queriaõ, quantos prezentes se achavaõ, piedosamente estimulados, pòr hombros ao mayor obzequio.

Matth. c.11. vers.30.

460 Assim passou ao lugar de Leça da Palmeira, pela famosa ponte, que com Matozinhos mutuamente o communica, e discorrendo da mesma sórte pelas ruas, e Praças delle, que igualmente se achavam adornadas: as janellas de varias vistosas tapeçarias, e de copiosas amenas flores as ruas. Deo logo a Fortaleza deste nobre lugar ao Senhor huma Regia Salva de estrondozas plauziveis peças de artilharia, repetidas por todo que logrou a gloriosa vista, e soberana prezença do mesmo Senhor, que triunfante illustrava este vizinho, e annexo terreno, sendo talvez esta a primeira feliz occaziaõ, que o vizitava;

 pois

pois das tradições, e antigas memorias naõ consta, que depois de apparecido na fronteira praya fizesse do Templo, em que fora collocado, outra sahida diversa das em que a grandes prodigios, foy à sempre insigne Cidade do Porto conduzido.

461 Fertilizado jà da Divina bençaõ este vizinho lugar, voltou o Soberano Senhor, em circulado gyro, e continuado Triunfo, a reconhecer o em que antigamente havia aportado, passando a elle pela portatil magnifica ponte, que para isso se havia formado na parte, em que o Rio Leça dezagua no mar Occeano. Neste passo foraõ notaveis, e grandes as ardentes estrondossas salvas de humas, e outras Fortalezas, da de Leça, que plauzivel agradecia a Soberana vizita de que ficava com bem saudosa memoria, e das de S. Francisco Xavier, e S. Joaõ da Foz, que festivas congratulavaõ a volta ao venturoso domicilio, que o gozava de largos seculos. Em huma, e outra passagem teve o Rio Leça a fortuna de a dar duas vezes franca ao melhor Moyzes, e todo o seu povo, que mais fiel, e reverente, que o Israelitico, o seguia pelo metaforico dezerto, symbolizado nestas prayas, atè o ver collocado em seu proprio Templo.

462 Chegado o Senhor à praya meridional do Rio Leça, que de innumeravel povo se achava guarnecida, foy continuando em progresso plauzivel toda a solemne pompa deste grande triunfo, sendo, a màres à vista do mar, as lagrimas occazionadas do jubilo, prazer, e contentamento, com que piedosamente os Catholicos,

neste

neste grande, e espaçoso Amphiteatro estavaõ vendo, e com attentas admirações observando o mais portentoso espectaculo. Nesta dilatada campina dezejavaõ as Almas novamente enternecidas, igualar em numero de rendidos affectos, e ardentes jaculatorias a immensa vastidaõ das miudas areas. Alli respirava em brando Zefiro o Senhor Soberano, pelo occidental orizonte de suas Chagas, inspirações salutiferas, com que abertos do coraçaõ os olhos, como as flores no campo, exalavaõ suaves nos animos para a virtude firmes propozitos.

463 Ao referido Padraõ chamado da Arêa, por ser a notoria baliza do memoravel sitio em que nesta alegre praya havia aportado a Sacrosanta Imagem do Senhor de Bouças, denominado tambem agora da Fonte do Milagre, pela que em manancial copia de prodigios, aqui brotou no mez de Mayo de mil, e sete centos e vinte seis, que jà referimos, chegou finalmente a procissaõ honorifica, com que a mesma Imagem Sagrada era conduzida à mesma parte, em que havia mil, e seis centos, e nove annos apparecera, e de que em todos neste felicissimo dia, se faz, em votiva Procissaõ, anniversaria memoria. Aqui parou; porque aqui vinha principalmente dirigida a pomposa ostentaçaõ deste magnifico Triunfo; naõ pararaõ porem os assombros; porque nunca paraõ tambem os prodigiosos milagres, e continuas maravilhas, com que o Senhor de Bouças abona ha tantos seculos, a certeza da sua mysteriosa vinda da Palestina á Lusitania.

464 Defronte deste memoravel Padraõ, que

que faz direita face ao mar Occeano, esteve o Senhor, como vendo delineado nelle o seu Retrato, e se a Cruz foy a sua gloria, aqui parece a teve repetida, tanto na em que exaltado se achava, como na em que retratado se via. Aqui mostrava aos fieis servos, em suas Chagas, hum rio de agoa de vida, como resplandecente crystal: *Ostendit.... fluvium aquæ vitæ, splendidum tanquam Crystallum.* Este rio procedia do assento de Deos, que era a Cruz, e do Cordeiro sacrificado nella: *Procedentem de sede Dei, & Agni.* Aqui no meyo da praya, que lhe servia de espaçosa rua, de huma, e outra parte do mystico rio allegoricamente symbolizado pela nova fonte, se via o Lenho da vida, tanto na Cruz, em que o Autor della se achava exposto, como na do Padraõ, que o tinha delineado, segurando em doze frutos, que por todos, e cada hum dos Mezes os produzia sempre, e ainda medicinaes folhas, para saude, e piedoso remedio das gentes: *In medio plateæ ejus, & ex utraque parte fluminis, lignum vitæ afferens fructus duodecim per menses singulos reddens fructum suum, & folia ligni ad sanitatem gentium.*

CAPITULO LXXIII.

Continua a mesma materia.

465 NA baze do mesmo Padraõ, sobre o pedestal delle se acha formado de pedra lavrada hum Altar guarnecido de azulejo, e nesta occasiaõ se ostentava paramentado rica-mente

mente, e adornado de luzes: nelle collocou o Reverendo Deaõ a Cruz da Sagrada Reliquia do Santo Lenho, a que depois de reverente, e profunda inclinaçaõ, incensou, cantando-se a Antifona: *Crucem Sanctam*, e o Cantico *Benedictus*, com a solemnidade mais plauzivel, a que se seguio a ceremonia de hir incensarse, a tres ductos ao Santo Christo, que defronte estava no seu andor elevado logo abaixo da milagrosa fonte alli nascida, e de huma, e outra parte o Illustrissimo Cabido, que tambem foi incensado a dous ductos, e com hum os Beneficiados.

466 Da mesma sorte, e com a praticada Ceremonia foi incensado a dous ductos o Senado da Camera, Magistrados, Justiças, e Magnates assistentes, e com hum só ducto todo o povo, e entoadas solemnemente a Ecclesiastica deprecaçaõ: *Dominus Vobiscum*, e Oraçaõ: *Deus qui pro nobis*, remataraõ este obzequio incidente quatro Meninos do Coro, em suavissimas vozes cantando a sagrada congratulaçaõ. *Benedicamus Domino.* Dispozse logo a bençaõ do Mar, com a Solemnidade preciza a hum acto de tanta piedade, e tanta gloria, vista a plausivel occasiaõ de chegar a esta felicissima praya o mesmo Senhor, que antigamente a santificara, sahindo nella, e a santificava de novo agora, pelo magestoso apparato, e singular beneficio da sua divina prezença.

467 Em ordem solemnemente composta, foy o Senhor chegando para junto do Mar, pelos mesmos passos, que a tradiçaõ affirma que delle sahira, cantando de huma, e outra parte em alternado Coro o Illustrissimo Cabido o Psalmo 19.

Exaudiat te Dominus. Proseguio o Reverendo Deaõ, e o mesmo Coro os Versos, Responsorios, Orações, e Preces, que o Ritual determina em semelhantes casos. E se saõ admiraveis as crespas elevações do mar: *Mirabiles elationes maris*; agora aprazivel, com movimento rizonho, em prateado socego, parece convidava pelas claras vozes de muitas agoas: *à vocibus aquarum multarum*, os Ceos, e a Terra, para com elle, e sua plena vastidaõ cerulea, se alegrarem todos, e de tudo terem particular jubilo os dilatados campos de suas prayas, e quantos viventes se achavaõ nelles: *Lætentur Cæli, & exultet terra, commoveatur mare, & plenitudo ejus: Gaudebunt campi, & omnia, quæ in eis sunt.*

Psal. 91. vers. 4.

Psal. 95. vers. 3.

468 E sem duuida que foy universal a alegria, com que os Ceos, a terra, e os homens, os campos, e os rios, que tambem formavaõ vozes sonoras: *Elevaverunt flumina vocem suam*; se houveraõ todos neste dia, e o mar nesta hora com urbanidade especial, como mostrava no reverente cortejo, com que brandamente dezenrolando, na sua praya, candidos lenços de escumilha, bordava alegre o pavimento, que para esta bençaõ servia ao Senhor de theatro. Mas que gloria seria a do mesmo Senhor, que havendo sahido neste sitio cuberto de verdes limos, que ná embarcaçaõ, ou no leito de sua Cruz, lhe serviraõ na viagem da Palestina a Lusitania de rude pavilhaõ, e tosco cortinado, acharse nelle agora taõ solemnemente applaudido, e em magnifico Triunfo sublimado?

Psal. 92. vers. 3.

469 Que gloria seria o acharse aqui comple-

pleto, de todas as ſuas integrantes partes eſte Divino compoſto, que tantos ſeculos antes tinha ſahido do braço eſquerdo deſtroçado? Se já naõ foſſe deſtinado myſterio, que ao entrar neſte Reyno, Imperio ſeu eſcolhido para grandes triunfos, diſpuzeſſe fazer nelle ſó com a mão direita a ſua entrada, como feliz annuncio, e notorio preſagio, de que por Mizericordia ineffavel ſua, entre tantos do Mundo, para ſi particularmente o eſcolhera? E que gloria ſeria a dos Catholicos, renovando aqui, pela invariavel tradiçaõ, a antiga memoria, de que havendo os antepaſſados em tanta felicidade padecido cincoenta annos a magoada aflicçaõ de faltarlhes o outro braço, ſem acharem humano remedio, com que ſuprillo, chegaſſem depois a deſcubrir, entre raros prodigios, o proprio?

470 Que gloria teriaõ quantas peſſoas de todo o Reyno ſe achavaõ prezentes, de verem neſte prodigioſo Senhor a myſtica fonte, donde havia emanado de mizericordias, e beneficios hum mar immenſo? Verem que até no raro, e peregrino da ſua ſoberana eſcultura eſtava com aſſombros admirando? Vendo que havendo tantos ſeculos, que Nicodemus em Jeruſalem delineara de ſeu Divino Meſtre, em remir o Mundo, eſta bem ideada copia, ſe achava ella nas rubricas taõ freſcas, que parecia menos antiga; naõ ſendo, nem podendo ſer em tempo algum poſterior retocada, por mais que a iſſo ſe empenhaſſe repetidas vezes a deligencia humana? E ſer além do ſublime da forma, taõ permanente a materia, que de perpetuada ſe anima?

CAPI-

CAPITULO LXXIV.

Prosegue-se a mesma materia com algumas observações particulares sobre a grandeza da tarde, em que se solemnizou o Triunfo.

471 CElebradas de taõ piedoso acto as previas Ecclesiasticas Ceremonias logo o Reverendo Deaõ, como Prezidente do Illustrissimo Cabido, e por levar na Procissaõ a Reliquia do Santo Lenho, e ser juntamente, nesta plauzivel occasiaõ, constituido, como lugar Tenente do Senhor de Bouças, lançou ao Mar, com deprecações proprias, tres bençaõs solemnissimas. A primeira rogando ao Senhor, que assim como ao seu Imperio socegados os ventos, e o mar, houvera grande tranquillidade, que a supplicas dos seus fieis por aquelle final da Cruz permittisse se apartassem de todos as tempestades do mar, e da terra. A segunda pedindo que neste mar houvesse sempre bondade serena, paz socegada, e segurança perfeita: e a terceira intercedendo, que a mesma bençaõ permanecesse perduravel, e portentosa sobre o mar, e seus habitantes por entaõ, e para sempre.

472 Naõ faltaraõ naquelle dilatado congresso de animados viventes alguns attentos devotos, a que pareceo terem visto, e com advertencia observado, que no mar, ao tempo de o estar a benigna prezença do Senhor santificando

do, ſaltavaõ, como de prazer varios peixes, e ſuppoſto em tanta occurrencia formalmente ſe naõ averiguaſſe deſte caſo a certeza; bem era poſſivel que ſuccedeſſe; pois aſſim como Deos permittio, que às Euangelicas vozes do eſclarecido Portuguez, Santo Antonio, por occaſiaõ muy diverſa, em outro mar acudiſſem attentos os peixes, naõ era incongruente à Omnipotencia Divina, pela potencia obediencial, com que reverente a reconhece todo o criado, permittiſſe tambem neſte, que tanto, e taõ grande Triunfo atè os maritimos peixes o celebraſſem.

473 Naõ faltou tambem peſſoa Religioſa, e de conhecida virtude no Serafico Convento de Santa Clara de Villa de Conde, que deſpois ſe affirmou, obſervara parar o Sol na tarde deſte dia, occazionando-a taõ grande, que houve nella largo tempo de ſolemnizarſe, com bem ordenado ſocego, e mageſtoſo fauſto, a dilatada pompa deſte eſclarecido triunfo; e fazendo-ſe por eſta divulgada advertencia poſterior reflexaõ com que tudo em tal dia ſe obrara, pareceo a bons ſogeitos veroſimil a referida obſervaçaõ; e em abono della recordando varias peſſoas o muito, que tinhaõ prezenciado, e viſto naquella memoravel tarde, a tiveraõ por juſtificada, dando louvores a Deos na piedoſa intelligencia, de que aſſim o permittira; mas a certeza deſta admiravel circunſtancia ſaberia com evidencia a obſervante Religioſa na gloria, a que em breves dias foy tranſplantada.

474 Medico houve na Cidade do Porto, que depois de vizitar pelas duas horas da meſ-

ma

ma tarde ; os copiosos enfermos do Hospital della , chegou a sua casa a mudar de vestido , foy a Matozinhos , vio a Prociſſaõ muito a seu gosto , tornou a voltar , e trocando o segundo pelo primeiro adorno , sahio a vizitar pela Cidade varios doentes de seu partido , e se recolheo finalmente ao domicilio proprio , a horas de auzentarse o Sol em tanto dia , e bem se manifesta desta observação , entre outras muitas , que entrando pelas duas horas no Hospital à vizita , que costuma ser larga , mudança de vestido , jornada de huma grande legoa a Matozinhos , ver a Prociſſaõ com socego , andar outra legoa de volta , preparar de novo a sahir pela Cidade a vizitar doentes , com as pauzas a isso precizas , e em grandes distancias , tudo com Sol, neceſſita sem duvida , em racionavel conjectura, de mais , e mayor tempo , que o ordinario das tardes no principio de Mayo.

475 O que neste particular podemos segurar com certeza , he sómente que o Reverendo Doutor Antonio Coelho de Freitas Reytor de Matozinhos , e hum dos graves Escritores, que tem sido do Senhor de Bouças , nos disse praticando neste ponto , que tambem pela referida advertencia com attençaõ reflectiva , que acompanhando elle , como Parocho , a Prociſſaõ , que acabara de sahir pelas duas horas da tarde , e assistindo pessoalmente a todos os actos de solemnidade taõ grande , celebrados com todas as circunstancias de reverente plauzivel culto , e notavel aceyo , e recolhido o Senhor a seu Templo , em que houvera a larga demora de

se

ſe pòr em terminante ſocego tudo, ſe recolhera a ſeu domicilio, que fica diſtante, e poſto em mitigado deſcanço, rezara com Sol todo o Officio Divino; o que tambem parece efficaz argumento do referido prodigio.

476 Mas que muito ſuccedeſſe, para glorioſa oſtentaçaõ de tanto Triunfo aquelle raro prodigio, ſe pela Divina permiſſaõ já em outra occaziaõ tambem grande, a vozes de Joſué parou o Sol. *Sol contra Gabaon ne movearis*, e ao ſeu Imperio ſuſpendeo o meſmo Sol no meyo da ſua esfera, por eſpaço de hum dia o correr ligeiramente ao Occazo: *Stetit itaque Sol in medio Cæli, & non feſtinavit occumbere ſpatio unius diei*, obedecendo Deus (raro aſſombro!) à voz do homem: *Obediente Domino voci hominis.* Em diverſa occaſiaõ, ao meſmo tempo, que o Senhor permitio favorecer a Ezechias, ſe atrazou o relogio de Achaz dez linhas, retrocedendo o Sol outras tantas, pelos gràos, que havia deſcido: *Ecce ego reverti faciam umbram linearum, per quas deſcenderat in horologio Achas in Sole, retrorſum decem lineis. Et reverſus eſt Sol decem lineis per gradus, quos deſcenderat.* Naõ foi menos glorioſa, e memoravel a em que, a ſupplicas do noſſo inſigne Portuguez D. Payo Peres Correa, parou o Sol, para eſte valeroſo Capitaõ acabar de dar, e vencer huma grande Batalha aos Mouros em Eſpanha, de que entre muitos, Frey Antonio Brandaõ expende clara noticia. A' viſta pois de taes exemplos, bem era poſſivel, em tam grande occaziaõ, hum prodigio ſemelhante.

Joſue. c. 10. verſ. 12. 13. 14.

Iſaias. c. 38. verſ. 8.

Brandaõ. Monarch. Luſit. 3. part. lib. 15. cap. 44. fol. mihi 249. 17.

CAPI-

CAPITULO LXXV.

Prosegue o mesmo glorioso Triunfo.

477 FInalizada a Ceremonia de bençaõ taõ solemnissima, voltou o Senhor do mar para a terra, e dispondo se que tambem lançasse à Cidade do Porto outra bençaõ semelhante, se virou para aquella parte, naõ só a abendiçoalla, mas a pòr nella seus Divinos Olhos, que mizericordiosos lhe tem sido sempre, e como da mesma se achava prezente innumeravel povo, que em rendidos affectos lhe tributava adorações reverentes, e deprecações fervorosas, parece lhe promettia benigno, como a Ezechias, que o livraria, e á mesma Cidade de contrarios insultos: *Liberabo te, & civitatem hanc*, mayormente reconhecendo em todo o tempo os seus moradores, que se o Senhor a naõ guardasse, sem effeito o faria toda a vigilancia humana: *Nisi Dominus custodierit civitatem, frustra vigilat, qui custodit eam.*

Regum. 4. c. 20. vers. 6.

Psal. 126. vers. 1.

478 Aqui em notoria, e plena Junta de Tres Estados formavaõ os nobres Portuenses Alvarás de lembrança, trazendo à memoria as repetidas vezes, que a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças havia hido á sua Cidade, a guardalla, e defendella dos apertados sitios, que em varias occaziões, e diversos tempos lhe haviaõ posto naõ menos que os quatro Elementos. O Fogo, que assestandolhe, em ardentes bombas, mali-

malignos incendios, lhe maquinava horrorosos estragos. O Ar, que fulminando-lhe os contratempos de tempestades furiosas, lhe annunciava evidentes ruinas. A Agoa, q̃ soltando-lhe os lugubres diques das Nuvens mais grossas, lhe dispunha submersaõ infallivel. A Terra, que ou já pelos adustos callores esteril, ou já por repetidas innundações alagada, negandolhe dos frutos aprovidencia, terriveis fomes lhe occazionava; e tendo-a o Senhor livrado de tudo, vendo-o agora exposto a darlhe em nova bençaõ a segurança de haver sempre de soccorrella, reverentes o glorificavaõ.

479 Mas ò tu, venturosa Cidade, a que symbolicamente pode dizerse o mesmo, que à de Jerusalem insinuou já o Real Profeta: Louva ao Senhor, e como a seu Deos o louve tambem o ajuntamento de teus moradores: *Lauda Jerusalem Dominum, lauda Deum tuum Sion: Sion, idest, Acervus*; porque confortou, e fortaleceo os aldrabões de tuas portas, e em ti mesma abendiçoou repetidas vezes a teus filhos nas occaziões em que foi a soccorrerte: *Quoniam confortavit seras portarum tuarum: benedixit filiis tuis inte.* Por ser este aquelle Senhor soberano, que poz em paz os teus limites, e com fertil abundancia de riquezas te sustenta: *Qui posuit fines tuos pacem, & adipe frumenti satiat te.* Aquelle benigno Senhor, que manifesta a sua voz elegante a toda a terra, e por toda corre velozmente sua Divina Palavra: *Qui emitit eloquiũ suum terræ: velociter currit sermo ejus*; como correo, corre, e correrà sempre deste Reyno, a que de Portugal dèstes nome, pelas quatro partes de todo o Universo.

Psalm. 147. Index Biblic.

E

480 E vòs, Alto Senhor, que permitiſtes dar a Portugal eſte Divino Retrato, em que a golpes, e raſgos de aguda cortada pena, ſe achaõ em tantas rubricas copioſamente delineados os portentoſos effeitos, e finos extremos de voſſas grandes Mizericordias, e foſtes ſervido depozitallo em Matozinhos, como ſeguro penhor de haveres eſcolhido por voſſo ſingularmente eſte Reyno, em que depois imprimiſtes, por ſoberana diviza, o eſpecioſo ſinete das Cinco Chagas, que no Sagrado Penhor ſe achavaõ, tanto de antemaõ, eſculpidas, permitti, que deſta Divina Fonte mane ſempre, como atègora, taõ perenne copia de graças, e beneficios, que os participem alegres os viventes do Porto, Matozinhos, e de toda a parte, que vos adoraõ, e reconhecem, e ſe poſſa ſegurar a todos, que a todo o tempo tiraraõ agoas, com goſto, das fontes do Salvador: *Hauretis aquas in gaudio de fontibus Salvatoris.*

Iſaiſ.c. 12. *verſ.*3.

481 Eſtando a Sagrada Imagem do Senhor de Bouças, com piedoſa demonſtraçaõ, virada para a venturoza Cidade do Porto, delle ſempre bem viſta, e pelos referidos modos nas neceſſidades publicas, e particulares em todos os tempos favorecida, lhe lançou da meſma ſorte o Reverendo Deaõ, em nome do meſmo Senhor tres bençaos expreſſivas dos glorioſos fins para que lhas lançava, obſervando em todas, e qualquer dellas as formalidades, e Ceremonias pelo Ritual reguladas, tudo com mageſtoſa pompa, e a mais ſolemne magnificencia; ſendo inexplicavel o commum prazer, e a univerſal alegria, que

que a todos os circunſtantes occazionou huma acçaõ de tanta gloria, porque ao meſmo Senhor ſe rendiaõ com reverente jubilo, e profunda adoraçaõ as devidas graças, tributando-lhe fervorozas, e ardentiſſimas jaculatorias, daquelles que aſpiraõ a penetrar o Empyreo.

482 Deo logo o militar Regimento, que para iſſo eſtava prevenido, e regularmente formado tres flamantes deſcargas de moſquetaria, a que ſe ſeguiraõ correſpondentes das Fortalezas repetidas ſalvas em feſtivo obſequio do Senhor de Bouças, que ſe achava no campo, e como a direcçaõ principal do ſeu eſclarecido triunfo era encaminhada a eſte ſitio, em que havia ſahido, houveraõ nelle para ſeu agradavel, e mais bem aceito divertimenro as mayores batarias do aplauſo, e os diſputados combates do mayor jubilo; porque as petições formavaõ juſtas, e os diſcurſos torneyos, em que os jogos de prazer foraõ canas; os affectos argolinhas, humiliações as contoadas, deprecações as ſortilhas, ſupplicas as lanças, favores os premios, e graças as alcanzias, exercitado tudo no eſprayado, e grande circo deſte populoſo terreno.

CAPITULO LXXVI.

Proſegue, e finaliza o eſpecioſo acto deſte eſclarecido Triunfo.

483 DAqui ſe diſpoz finalmente o encaminharſe a Prociſſaõ ao Templo, e continuando a pompoſa oſtentaçaõ do Triunfo, foy pelo vaſto areal diſcorrendo, atè tornar a entrar por outra parte no famoſo lugar de Matozinhos, na meſma ſumptuoſa ordem, com que delle havia ſahido, e chegando aos ſeus povoados limites o foy por varias, e diverſas ruas circulando com tanta alegria de ſeus moradores, quantas expreſſavaõ as demonſtrações plauziveis, com que feſtivos, e alegres viaõ voltar o Senhor triunfante a ſeu Soberano domicilio, oſtentando por toda a parte as mizericordias, e beneficios, que em ſeu portentoſo alcaçar oſtenta Divino ſempre, ſendo univerſal o prazer, e o jubilo em todos os que prezenciaraõ, e aſſiſtiraõ á ſolemne viſtoſa celebridade deſte eſclarecido eſpectaculo.

484 Deſde que o ſoberano Senhor ſahio atè recolherſe, foy geralmente lançando huma plena bençaõ a todo o criado. Aos Aſtros, para que em benignos influxos occazionaſſem ás racionaes creaturas ſalutiferos alentos. Aos Elementos, para que em concertada armonia, naõ moleſtaſſem inclemente, os homens, e fertilizaſſem ſerenos os campos. Ás Aves, para que em ſuaves diſcantes, e ſaboroſas iguarias ſem pena, e

com

com ella ſerviſſem de licito abundante regalo. Aos Montes, e aos Boſques, para que na vaſta producçaõ de caças ſublimes fizeſſem juſtamente lautas as mezas dos ſervos, que amantes cultivaõ os divinos louvores. As plantas, e às flores, para que em vegetativa fragante affluencia, aos ardores ſerviſſem de copado refugio, e aos ſentidos de oloroſo recreyo. Ao Mar, e à Terra, para que em abundantes peſcados, e frutos miniſtraſſem à vida todo o precizo neceſſario ſuſtento.

485 Naõ menos hia lançando Divina benção a todas as racionaes creaturas, que velozes, como o Cervo, ás fontes das aguas, haviaõ concorrido ao ſeu pompoſo Triunfo, em que ſe via manarem das cinco Chagas, correntes, e liquidas as mizericordias: *Quemadmodum deſiderat Cervus ad fontes aquarum, ita deſiderat anima mea ad te Deus*, pois havendo o Senhor convidado a todas eſtas Almas ſequioſas para que vieſſem às ſuas agoas: *Omnes ſitientes venite ad aquas*, com prevençaõ admiravel as ſahio lançando de ſi meſmo, que era a myſtica pedra, de que as deduzira: *Aquam de petra eduxiſti eis ſitientibus. Petra autem erat Chriſtus*; e aſſim foy abendiçoando toda a multidaõ vivente, que o adorava *Benedixit univerſæ multitudini*. Pelo que em rendido obzequio, e acçaõ de graças ſe lhe repetio o plauzivel cantico de Zacharias: *Benedictus Dominus Deus Iſrael*.

Pſal. 41.
Iſaias. c. 55. *verſ.* 1.
2. *Eſdræ. c.* 9. *verſ.* 15.
Epiſt. 1. *Paul. ad Corint. c.* 10. *verſ.* 4.
Paralip. 2. *c.* 6. *verſ.* 3.
Lucæ. 1.

486 Chegado já o benigno Senhor ao portico do ſeu magnifico Templo, tornou regularmente a formarſe no Atrio delle o militar Regi-

 mento,

mento, como na manhã ao entrar, e na praya o havia feito, e por ultima demonstraçaõ festiva, lhe fez huma vistosa salva de tres ardentes descargas de luzida mosquetaria, respirando em linguas de fogo os corações abrazados a saudosa memoria, com que ficavaõ em anciosos dezejos de o terem sempre à vista. Recolheo-se ao esplendido gabinete da sua Capella, permitindo se auzentassem a tomar corporeo descanço os fervorosos assistentes, que lhe haviaõ formado plauzivel cortejo na grande solemnidade do seu esclarecido Triunfo, posto que a todos se fazia violenta esta digressaõ preciza, que o era tambem para depois com menos concurso, e mais socego, a portas fechadas, ser o Senhor collocado no seu Regio trono, em que havia de ficar, e estar exposto para a celebridade honorifica do seguinte Triduo.

487 Marchou logo á disfilada, o commum do militar Regimento para a Cidade a continuar na assistencia da guarniçaõ della, com alguns Officiaes subalternos, e precizos ao expediente das guardas, e he bem de notar, que chegaraõ à mesma Cidade ainda com Sol, o que tambem serve de argumento provavel à grande extensaõ daquella tarde, em tudo memoravel, e felicissima. Ficaraõ em Matozinhos o Coronel Governador das Armas, e os Capitães, e Cabos de mayor graduaçaõ para com o Illustrissimo Cabido, Senado da Camera, Governador das Justiças, Magistrados, Magnates, e Cavalheros, pessoas de distinçaõ, e muitos particulares assistirem a formar de mais lustrosa pompa, e luzida magnificencia

cencia a celebridade do Triduo, que eſtava diſpoſto ſolemnizarſe com a grandeza mais plauzivel.

488 Recolhido o Senhor a ſeu Templo foy o Sol ſentindo a ſua auzencia tanto, que naõ obſtante ſer o Monarca das luzes, chegou a cahir nos braços de Thetis em deſmayos: ella que eſtava para o caſo prevenida lhe preparou logo precioſo reclinatorio, miniſtrandolhe alli Neptuno, em pucaros de cryſtal, refrigerante remedio a ſeus parociſmos, a fim de que cobraſſe alento, e ſahiſſe no outro dia bem diſpoſto, a vir tambem fazer ao Triduo aſſiſtencia brilhante; e como eſte accidente fez no Mundo o aballo de com a capa da noite ſe pòr todo em rebuço, houve lugar de particularmente, com a devida decencia, e ſem popular confuſaõ ſer o Senhor collocado no ſeu novo trono, e diſporſe em conveniente aceada arrumaçaõ o ſeu Templo, com lugares deſtinados ás peſſoas de graduaçaõ ſublime, e tudo com a ordem precisa à mayor oſtentaçaõ do feſtivo applauzo.

CAPITULO LXXVII.

Das diſpozições immediatas à celebridade do Triduo.

489 PReparado, e diſpoſto, de huma para outra magnifica funçaõ, do Senhor de Bouças o grande Templo, logo a noite em Matozinhos, ou por mudar de parecer no

rebuço, ou para tomar melhor femblante no modo, largou a efcura capa, com que no feu principio fentida, fizera demonftrações de magoada, por naõ haver alcançado em tanto triunfo a vifta do melhor Sol, que no Templo fe havia pofto, e veftindo de illuminações brilhante gala, fe oftentou com baftidores alegres de taõ luzida apparencia, que a Lua fe vio obrigada a romper por entre efquadrões de Eftrellas a vir obfervar a fumptuofa maquina da mais viftofa fcena, guarnecida toda de luzes, baftecida de outeiros, ordenada de ferenatas, e de repiques jubilofa, refultando de tudo aos fentidos, admiraveis jucundos divertimentos.

490 Em carro de luzes tirado por dous fogofos Cavallos, fahio a Lua brilhante, quazi chea de refplendores, e como vinha igualmente expofta a fazer feu papel nefta fcena, fe veftio, à tragica, da gala mais roçagante, que havia de ouro tecida em feus quartos, trazendo diante por tochas innumeraveis Eftrellas, para que fe viffe, que no Ceo, em tanto applaufo, fe punhaõ tambem luminarias. A noite à vifta de taõ extraordinario luzimento, fe meteo no arrojado empenho de apoftar ventagens ao dia no efclarecido, e daria a contenda mais cuidado, fe o luminar naturalmente naõ foffe menos, *Luminare minus*; pofto que na pompa fe moftrou taõ exceffivo agora, como empenhado a tirar a luz o feu partido, fiada a Lua no poder da prezidencia: porque ainda que a tiveffe fó na noite: *Ut præffet nocti*, tinha com tudo a regalia de grande: *Duo luminaria magna*.

Genef. c. 1. verf. 16.

491 Por

491 Por eſſes outeiros corriaõ os applauſos, nas elegancias poeticas, com tal facundia, que parece havia tranſportardo o volante Pegaſo da Grecia a Matozinhos o famoſo Parnaſo, com as celebradas ſontes Caſtalia, Hypocrene, e Aganipe; de que as Muſas, e Apollo infundem ſempre em ſeus verſados os elevados licores de peregrinos conceitos. Neſtes fertilizados montes de Helicona, as multiplicadas gloſas o naõ eraõ, em reprovaçaõ das materias, mas em rara expoſiçaõ das inergias. Nelle ſe vio exaltada a florente Poezia, oſtentando ſublime, em ajuſtadas cadencias, medidas armonicas, e metricas conſonancias, os primoroſos requizitos, e regulados preceitos da Arte, livre, e licencioſamente fecunda em pintar; deſcrever, e reprezentar por decimas, ſonetos, romances, e outros poemas todos os aſſumptos, de que formavaõ engenhoſo emprego as ſuas diſcurſivas idèas.

492 Suaviſſimas ſe oſtentavaõ por outra parte as ſerenatas, ferindo os ares ſonoras com agradavel melodia, formadas, e completas de afinados inſtrumentos, e concertadas vozes, aonde, com variedade uniforme, a ſublime agudeza dos tiples, o ſobido arrojo dos contraltos, a ſuſtenida mediaçaõ dos tenores, e a canora gravidade dos contrabaxos, faziaõ taõ plena, e ajuſtada armonia, que podiaõ ſuſpender, naõ ſó de Amſion, e de Orfeo as decantadas lyras; mas de Arion as celebradas cadencias, e mover os Delfins do mar proximo às mais reverentes cortezanias: os violins, as rabecas, as arpas, os

rabecoes, e as citaras, com temperada arrogancia tocados em ligeira meneada destreza soavaõ acordes, repetindo pela differença mais bem composta elevadas consonancias, com que a noite se mostrava muy aprasivel, e divertida.

493 E para que todo o lugar participasse o logro de semelhantes recreaçoens melliſluas, foraõ varios os discantes, que por todas as ruas circulavaõ o seu illuminado terreno sem que houvessem nelles outras peças, mais que as que destramente se tocavaõ nos pulsados instumentos, em tanto jubilo. A cada passo se ouviaõ admiraveis passos de garganta, guarnecidos igualmente de suavissimos requebros, e prodigiosos sustenidos, formando tudo hum taõ doce, aprazivel, e appetecido encanto, que as canoras Sereas do mar vizinho, jà suspensas em seus cachopos, por se naõ terem valido do remedio, que nas costas de Sicilia havia praticado o astuto Ulysses, convertidas em meyos peixes, e mais do que elles emmudecidas, mostravaõ no silencio profundo o raro assombro, com que se viaõ, por melhor, e mais sonoro canto, naõ só naufragantes, e confundidas; mas em marinhos monstros transformadas.

494 Reconhecia-se em tudo a mayor, e mais conformada armonia, sem que algum incidente, ou acaso destemperasse a suavidade alegre, e a diversidade uniforme, com que se formavaõ, e se attendiaõ estes nocturnos serenados applausos. Nelles eraõ as armonias sem discrepancias, as pazes sem controversias, sem escandalos as vistas, sem enfados os passatempos,

sem

ſem notas os ocios, ſem deſinquietaçoens os deſcanços, ſem pertubações os ſentidos, ſem conſuſões os recreyos, ſem penas as glorias, e ſem falencias os divertimentos, mas tudo entre as inconſtancias da vida, e natureza humana foy ſem duvida neſta celebre occaſiaõ hum notorio, e grande milagre da Divina Omnipotencia, continuado nas ſeguintes noites do famoſo Triduo; porque em todas houve os meſmos feſtejos, e ſe exprimentaraõ viſivelmente os meſmos prodigios.

CAPITULO LXXVIII.

Da celebridade do Triduo em ſeu primeiro dia.

495 HAvia já amanhecido em quatro de Mayo o dia primeiro do feſtivo diſpoſto Triduo, taõ apraſivel, alegre, e rizonho, que parece queria oſtentar uſano ſingularidades extremoſas em ſeus progreſſos, e ſe o dia precedente foy feliz, e fauſto ſempre a Matozinhos, pelo que fica ponderado, além de ſer o terceiro de hum mez, que com o nome de Sivan, o era tambem do anno Santo, entre os Iſraelitas, como bem deſcreve Auguſtinho Calmet, e ſempre claro em prodigios pelos muitos, e grandes, que delle refere Frey Pedro Polo, razaõ era ſe lhe ſeguiſſe hum dia igualmente relevante em circunſtancias, viſto deſtinallo a Providencia a ſer o primeiro de huma ſo-

Calmet. Diccion. Bibli. tom. 2. lit. M verbo Menſis. Polo Manſ. Hæbreor. tom. 1. die 3. Maii. & pag. 385. & a n. 2093.

solemnidade taõ plauzivel, para que na possivel, e mais proporcionada correspondencia, se conformasse na celebridade o empenho à grandeza do assumpto.

Polo. Mans. Hebr. tom. 1. *Tract.* 1. *cap.* 16. *Mans.* 12 *n.* 365. *pag.* 54. *Et Diario Sacro. Die* 4. *Maii numer.* 2095. *pag.* 386.

496 Mysterioso, e notavel havia sido na Antiguidade o dia quatro de Mayo, por ser (conforme o referido Polo) o em que Deos no dezerto adoptou em povo seu escolhido ao Israelitico, e o em que por Moysès lhe foy taõ grande beneficio annunciado, e o mesmo povo obediente, e agradecido, se offereceo reverente a executar os Divinos preceitos, principiando neste dia a santificarse, e a prepararse por hum Triduo a recebellos, communicados pelo mesmo Moysés seu Legislador constituido com as admiraveis circunstancias expressadas no sagrado Texto, sendo os dias destinados a este soberano Triduo o quarto, quinto, e sexto do mez de Mayo, e porisso mysteriosamente proporcionadas ao festivo prezente Triduo de Matozinhos

Exod. c. 19.

497 Mas nem só nos ritos sagrados foy o dia quatro de Mayo antigamente memoravel, pelo haver tambem sido no mais sumptuoso fausto profano, em razaõ de nelle se ostentarem sempre em Roma, sendo gentilica, com magnifica pompa os jogos Maximos, assim chamados por se celebrarem no grande Circo, que para elles formou Tarquinio Prisco, restaurou Trajano, e illustraraõ Claudio, Caligula, e Heliogabalo, como entre muitos escreve o referido Polo, sendo este o dia primeiro dos seis, em que aquelles grandes jogos se reprezentavaõ

Polo. Diario Sacro prophano tom. 2. *die* 4. *Maii. a n.* 619. *p.* 172.

tavaõ a cento e cincoenta mil aſſiſtentes, no ſentir de hum, ou a duzentos e ſeſſenta mil no de outros, que affirmaõ ter para tudo capacidade hum taõ eſpecioſo Amphitheatro: e dia tambem celebre por nelle haver triunfado dos Phaliſcos na meſma Roma A. Manlio Torquato.

498 Pertencia ao Illuſtriſſimo Cabido a ſolemnidade plauzivel deſte dia primeiro, para que nelle com o mais luzido expediente, qual outro Moyſés em ſagrado rito annunciaſſe felizmente ao Povo Catholico o quanto eraõ agradaveis a Deos os reverentes ſacrificios, e piedoſos obſequios, com que pela Veneravel Imagem do Senhor de Bouças tributava todo adoraçoens à Divina Mageſtade, moſtrando-ſe grato, e obediente na fiel guarda dos divinos preceitos, de que era indicio evidente a devota oſtentaçaõ de tanto applauſo, e por tudo o ſantificava Deos na continua, e continuada ſerie de tantos, e taõ prodigioſos beneficios, quantos por meyo deſta Imagem admiravel lhe concede benigno ſempre, para mayor, e mais alta demonſtraçaõ de ſuas glorias.

499 Neſta occaſiaõ ſe achava o Sagrado Templo taõ precioſamente adornado, e de copioſas fiamantes luzes guarnecido, que ſendo em ſua conſtrucçaõ magnifico, e mageſtoſo, parecia eſtar feito agora eſpecialmente hum novo, e exquizito Tabernaculo, e ſe no Monte Sinay para o Culto Divino ſe fabricou hum a modo de Templo pelo meſmo Deos delineado com as myſticas circunſtancias, que refere o Sagrado Texto; aqui ſe via formado o Templo à maneira de Tabernaculo

Exod. c. 16. & 17

naculo veſtido de purpuras, adornado de tapeçarias, ſuavizado de perfumes, illuminado de tochas, e candelabros, provido de riquiſſimas baxellas, precioſos aromas, inſtrumentos acordes, cantos melliſluos, vilhancicos armonicos, ſoberanos requebros, vozes ſublimes, elevados primores, e completos aceyos.

500 Era igualmente numeroſo, e luzido o grande cortejo de Magiſtrados, Magnates, Fidalgos, Cavalheros, e peſſoas de todos os Eſtados, e de hum, e outro ſexo, que em magnifico, viſtoſo, e aceado concurſo faziaõ aſſiſtencia a huma ſolemnidade notoriamente plauzivel, e por todas ſuas circunſtancias memoravel, tudo diſpoſto por ordem taõ acertada, que ſem confuſaõ havia competentes lugares para todas aquellas perſonagens, a que eraõ devidos com diſtincçaõ, e no mais huma conformidade taõ modeſta, que parecia milagroſa; de ſórte que ſem perturbaçaõ, ou controverſia, logravaõ todos, e cada hum dos aſſiſtentes o jucundo prazer de ſerem plenamente participantes do pompoſo fauſto, e alegriſſimo jubilo, com que eſta funçaõ verdadeiramente grande ſe celebrava.

CAPI-

CAPITULO LXXIX.

Continúa a celebridade do primeiro dia do Triduo.

501 EM magnifico Coro, e Capitular Communidade ſe achava de canonicas inſignias paramentado o Illuſtriſſimo Cabido, quando ſe deo principio à ſolemnidade do dia com todas as formalidades, que o Ceremonial determina, e que em funções ſemelhantes na Cathedral ſe praticaõ. Celebrou a Miſſa o Reverendo Deaõ, ſendo dois meyos Prebendados os Miniſtros, que de riquiſſimos paramentos reveſtidos ſahiraõ da ſancriſtia precedidos do Porteiro da Maſſa, Meninos do Coro, Meſtre de Ceremonias, Thuriferarios, e a mais comitiva, e apreſtos preciſos ao comico aceyo deſte luzidiſſimo acto, em ſoberana oſtentaçaõ do Divino incruento Sacrificio, que hia celebrarſe no Altar do Cordeiro Crucificado, que ſe achava expoſto em ſeu mageſtoſo trono, e na Cruz da terra exaltado attrahindo a ſi tudo.

502 Fez o Sermaõ Panegyrico, o Reverendo Doutor Manoel dos Reys Bernardes, natural da Cidade do Porto, Conigo Prebendado, e Magiſtral de Eſcritura na Sé Cathedral della, Commiſſario do Santo Officio, e Juiz Conſervador de algumas Religiões deſte Reyno, digniſſimo, e benemerito Collega do meſmo Illuſtriſſimo Cabido, e não ſó deſempenhou, e ſatisfez com egregia heroicidade o grande empenho do ſeu

ſeu eſclarecido Eccleſiaſtico congreſſo, que delle, e ſó delle fiou ſeguramente empreza taõ relevante, mas encheo de admirações, e de aſſombros a todos os circunſtantes, que com geral expectaçaõ hiaõ ſucceſſivamente reconhecendo a vaſtidaõ ſublime, e o profundo engenho deſte ſingulariſſimo talento, na paleſtra concionatoria bem conhecido por grande, e com univerſal applauſo na literaria venerado ſempre por inſigne.

503 Praticaram-ſe na ſolemne celebridade deſta manhã feſtiva todos os ritos, e ceremonias, que formalmente conduziaõ, a que no fauſto, e na pompa ſe admiraſſe a mais viſtoſa, naõ faltando em regulados ductos, além dos incenſatorios feitos ao Altar, Celebrantes, e Coro, todos os mais, que em funções magnificas coſtumaõ urbanamente diſtribuirſe aos Magnatas, e ao Povo, como aſſiſtentes à religioſa oſtentaçaõ de tanto acto, que ſe formava de mayor culto, e ſendo elle taõ ſublime, e mageſtoſo lhe naõ faltou circunſtancia, ou requiſito, que deixaſſe de o fazer em tudo grande, e aſſim ſe concluhio com o mais aceado luzimento.

504 Na tarde deſte primeiro dia houve no meſmo Templo do Senhor de Bouças o muſico ſonoro divertimento, que politicamente ſe denomina féſta, pelo ſer de recreaçaõ melliflua na bem ajuſtada conſonancia de diverſos, e affinados inſtrumentos, nas qualidades os mais ſuaves, e no primor os mais acordes, aſſiſtindo a eſta jucundiſſima ſcena quantas peſſoas de toda a graduaçaõ, quizeraõ participar a ſuavidade

admira-

admiravel de taõ deliciofo recreyo, entre os muitos, varios, e grandes, de que foy copiofa a mefma tarde em Matozinhos, por fe achar em todo o dia patente o Sagrado Templo tanto aos ardentes eftimulos da devoçaõ mais piedofa, quanto às admirações reflexivas da curiofidade mais attenta.

505 Havia pelas ruas difcretos, e divirtidos mafcaras, que em varios generos de figuras, e diverfidade de galantarias faziaõ reprezentaçoens taõ jucundas, que geralmente alegravaõ o immenfo povo, que fe achava prezente a efte univerfal efpectaculo, fendo em commum, e em particular tudo prazer, e contentamento. Em qualquer parte fe encontravaõ à vifta agradaveis objectos, e fuaves divertimentos, ouviam-fe agudos conceitos, vozes fonoras, aves melli-fluas, praticas ferias, e converfações jucundas, fendo circunftancia relevante a tanto jubilo a ferena benigna eftaçaõ do claro tempo, em que fó refpirava favonio o brando Zefiro, colhendo por auras fragrantes nos jardins de Flora os delicados aromas, com que recrear, e dar alento aos humanos viventes.

506 Seguio os na noite huma nova reprezentaçaõ do claro dia, tanto no efplendor das luminarias, como no luminofo candor de Latona, que trajando pompofa gala, e continuando na prezidencia, já Lucina flamante, Delia refulgente, Cinthia brilhante, clara Phebea, fermofa Dictyma, e grande celeftial Luminaria, tirou do efcuro volante a parda fombra à primogenita filha do Châos, e da Terra, e a conftituio

efcla-

esclarecida, e taõ luzidamente roçagante, que occasionou, se vissem, e se admirassem varias formas de galantarias, e em circulaçaõ continua se lograssem suavissimos discantes, poeticos outeiros, e repetidas serenatas, concluindo-se tudo com agradavel, e universal divertimento.

CAPITULO LXXX.

Da celebridade do segundo dia do festivo Triduo.

507 DEstinado se achava o feliz segundo dia do solemnissimo Triduo aos Religiosos de S. Francisco do Recoleto Convento, e admiravel Santuario de Nossa Senhora da Conceyçaõ do lugar de Leça da Palmeira circunvezinho, de que já demos noticia. Amanheceo este taõ brilhante, e taõ claro, como os dois antecedentes; porque a rizonha Aurora com roçagante matutina gala lhe veyo abrindo alegre esplendido campo. Pera dar lugar a tanta pompa se recolheraõ a Lua, e as Estrellas a preparar-se de novas radiantes luzes com que na noite seguinte, que era o tempo mais proprio ao seu instituto, illustrassem magnificas o festivo terreno em continuada flamante ostentaçaõ de tanto jubilo.

Polo Diar. Sacro. Mans. Hebr. tom. 1. die 5. Maii. n. 2096. pag. 387.

508 Notavel foy igualmente este feliz segundo dia, que era o quinto do sempre alegre mez de Mayo, e havia sido tambem no deserto o segundo da preparaçaõ Hebraica a receber a Ley Escri-

Eſcrita. Dia admiravel por ſer o em que Noé, e ſeus filhos ſahiraõ da Arca finalizando o diluvio: ſobio Moyſés com Joſué ao Monte Sinay: ſarou Chriſto na Paleſtina o Paralitico, e o em que o meſmo Senhor do Monte Olivete ſubio ao Ceo triunfante depois de concluida a redempçaõ do Mundo, como ſentem mais provavel Alva, e outros Eccleſiaſticos Eſcritores. Dia em que o Profeta Ezequiel havia viſto grandes prodigios, o que tudo aponta o referido Polo. E dia finalmente para a Igreja Catholica feliciſſimo, por nelle haver Santo Ambroſio convertido, e bautizado a Santo Agoſtinho, hum dos luminares grandes da meſma Igreja no anno 377. da ſua Epoca, como Beyerlinch com Vincencio affirma.

Beyerlinch. Theat. Vit. Human. tom. 2. lit. D. Verbo. Dies in 5. Maii Not. F. pag. mihi 130

509 Neſte dia naſce ſempre o Septentrional Aſteriſmo, ou portentoſa conſtellaçaõ, a que os Gregos denominaraõ Lyra, notado no Kalendario Aſtronomico, que refere Roſino. Della fingio a Antiguidade Gentilica ſer a decantada Lyra, que fabricada por Mercurio, e tocada por Orfeo, attrahìa ſuavemente as duras penhas, conſtituindoſe taõ famoſa, que morto Orfeo, a collocaraõ no Ceo as modulantes Muſas, porèm á Lyra inſtrumento muſico por Mercurio inventado lhe deduzio Santo Izidoro a Etymologia do nome da variedade das vozes, e ſons diverſos, que meneado reprezenta, e pulſada multiplica, e por eſta razaõ de ſeu harmonioſo plectro adverte o ſobredito Polo, ſer ſonoro, enternecido, attrahente, e deleitavel.

Kalend. Aſtron. apud. Roſinum. lib. 4. c. 4. pag. mihi 247.

Polo Diar. S. P. tom. 2. die 5. Maii a n. 623. p. 173.

510. Com propriedade pois myſterioſa foy

T deſti-

destinado este dia aos Religiosos de S. Francisco, por serem mysticamente aquella prodigiosa, e bem temperada Lyra, que pelo Serafico Mercurio inventada, e pelo soberano impulso de melhor Orfeo, o Espirito Santo, em mendicante pobreza instituida, assombrando as Tartareas soberbas penhas, attrahe suavemente pelo destro toque da humildade profunda a mayor altura, e a mais elevada eminencia da eterna gloria, a que Deos exalta os humildes: *Et exaltavit humiles*, pela consonancia admiravel que há entre os altos sublimes daquella Divina ineffavel grandeza, e os pobres humildes baixos desta mystica decantada Lyra.

Lucæ. 1. 52.

511 Lyra, que admiravel se ostenta sonora em toda a parte do Mundo: que suaviza, enternece, e abranda os corações rebeldes, e duros dos peccadores, modificando-os com a Divina Graça: attrahe as almas catholicas ao estado mais perfeito: e deleita os virtuosos espiritos na contemplaçaõ mais activa, e fervorosa, especialmente naquelle sempre insigne Santuario dedicado à soberana Senhora, que por em Graça concebida, faz que esta harmoniosa Lyra, de que he Protectora, seja perpetuamente na Religiaõ Serafica, em perfeiçaõ a mais modulante, enternecida, attrahente, e deleitavel. Mas que naõ haverà de glorioso, santo, e admiravel neste venturoso sitio, jà de tantos seculos, a grandes prodigios habilitado!

512 Era mais antigamente este dia entre os Romanos dos seus jogos Maximos o segundo, e segundo foy tambem, e melhor agora de Maximos

ximos applaufos em Matozinhos; mas fe aquelles gentilicos jogos fe celebravaõ em grande Circo, exornado de pyramides, fortalecido de colunas, guarnecido de eftatuas, e com pavimento admiravel de douradas areas, em que havia famofo obelifco, poço de aguas, e outras delicias para regalo dos afliftentes; com mais acertada providencia aos noffos fagrados feftejos formava nefte dia famofo Circo o Cordaõ Serafico, fervindo-lhe os feus Religiofos de pyramides fublimes em elevadas jaculatorias, colunnas firmes em verdadeira fantidade, eftatuas perennes em afperas penitencias, a que naõ faltava o dourado pavimento das mas folidas virtudes, de fervorofas contemplações fublimados obelifcos, de regular humilde poço profundo, e na benigna direcçaõ das Almas fuaviffimo recreyo.

CAPITULO LXXXI.

Continúa a mefma materia do fegundo dia do Triduo.

513 COm efplendor notavel, e aceyo grande havia jà preparado a Santa, mas por efta razaõ, rica pobreza deftes exemplariffimos Religiofos, de illuminações magnificas o Sagrado Templo, que de tudo o mais fe achava pompofamente adornado, fervindo-lhe na folemne oftentaçaõ defte dia a mefma plaufivel Mufica da Sé Cathedral, e de comico cortejo, em conti-

nuado reverente applauſo ao Senhor de Bouças a luzida aſſiſtencia do Illuſtriſſimo Cabido, Senado da Camera, Governadores, Magiſtrados, Magnates, e Cavalheros, e grande profuſaõ de Povo, com igual ordem, diſpoſiçaõ, e ſocego que no dia primeiro, ficando livre a Capella mayor, em grande parte, aos Religioſos, que em regular Communidade vierão celebrar eſte magnifico Acto.

514 Celebrou a Miſſa o Reverendiſſimo Padre Meſtre Frey Manoel de S. Caetano, Leitor, Jubilado na Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, e Provincial da Religiaõ de S. Franciſco da Provincia de Portugal, que veyo aſſiſtir a eſta ſolemniſſima funçaõ; ſahindo da Sancriſtia ricamente paramentado, e com pompoſa magnificencia de Acolitos, e Thuriferarios aſſiſtido. Neſte luzidiſſimo acto ſe praticaraõ todas as Eccleſiaſticas ceremonias, e ſagrados ritos pelo Ceremonial diſpoſtos, urbanos cortejos, cantos mellifluos, e harmonioſos applauſos, com que digna ſe oſtentava da mais jubiloſa attençaõ eſta grande feſtividade, em que ſe via myſticamente repreſentada a gloria excelſa de Seraficos eſpiritos adornada, e da celeſtiaes cortezões aſſiſtida.

515 Recitou o Sermaõ Panegyrico deſte dia o Reverendo Padre Prégador Frey Joaõ de Deos Monte Alverne, Religioſo do meſmo Serafico Convento, e natural da Cidade do Porto, naõ ſó com o ardente eſpirito, que recebeo do Serafim humano, o ſeu grande Patriarca S. Franciſco; mas com toda a fervoroſa inergia, e ſuavi-

ſuavizada elegancia, que podia ſupporſe, e eſperarſe de hum tal, e taõ douto filho, dotado de quantos predicamentos o conſtituiaõ capàs de ſatisfazer plenamente o zeloſo empenho da ſua Communidade eſclarecida em tanto applauſo.

516 Concluida aplauzivel Eccleſiaſtica funçaõ deſta manhã feſtiva, houve tambem na tarde a feſta harmonioſa, como no primeiro dia, em que a repetida ſonora conſonancia dos inſtrumentos occaſionava deleitavel divertimento, e elevada recreaçaõ a quantos em duplicado, reverente, e devoto culto tornavaõ a vizitar, e a aſſiſtir ao Senhor de Bouças no ſeu egregio Templo; pois nelle continuava patente, e expoſto a receber, como em victimas de affecto, obſequioſos rendimentos, com que todos lhe formavaõ de ternuras holocauſtos, e de orações fervoroſas multiplicados ſacrificios.

517 Pelas ruas, e Praças de Matozinhos, ſe repetiraõ na meſma tarde varios generos de plauſiveis feſtejos, com formalidades diverſas, e repetidas galantarias, em que a viſta tinha multiplicados deleitaveis empregos, e ſe ouviaõ diſcretos conceitos, e harmonioſas conſonancias; pois a differentes invençoens dos maſcaras, as elegancias dos poetas, das vozes os ſuſtenidos, e as cadencias, dos inſtrumento as bem temperadas melodias ſuavizavaõ o terreno tanto em toda a parte, que naõ havia alguma em que tudo naõ foſſe prazer, e jucundo contentamento, ſem circunſtancia, nem acaſo, que pudeſſe diſſaborear os animos concurrentes em tanto jubilo.

518 Auzentouſe o Sol, como era precizo, deſte noſſo ao outro emisferio, ou jà a ſer Antipoda brilhante da clara Noite, ou a hir do occaſo ao Oriente a rociar em perolas da Aurora a freſca gala, com que havia de ſahir no ſeguinte dia, e parecendo jà tudo hum eſpeſſo boſque embrenhado de ſombras, ſahio a campo a triforme Diana com flamante purpura, ſemeada toda de Eſtrellas; mas jà entaõ Matozinhos vigilante a eſperava alegre ornado de luminarias, aſſiſtido de diſcantes, laureado de poetas; de motes provido, circundado de gloſas, e guarnecido de ſerenatas, para que com pompa igual à dos dias precedentes, ſe concluiſſe a celebridade deſte, que da meſma ſórte foy viſtoſa, e magnifica.

CAPITULO LXXXII.

Do dia terceiro do meſmo feſtivo Triduo.

519 CHegou finalmente o terceiro dia deſte ſolemniſſimo Triduo, e era o ſexto dia do mez de Mayo. Nelle ſahio ao romper d'Alva precedido do rizonho cortejo da bella Aurora o flamante Phebo, ou por idioma mais claro, brilhante o Sol, enchendo ao Mundo de reſplendores, e de alegre prazer os viventes, dourando do mar as prateadas ondas, e da terra as amenas floreſtas, e ſubindo tanto de ponto na galhardia dos ſeus rayos, que ſendo,

do, como luminar grande, Preſidente exelſo do dia, no eſplendor ſe oſtentava das luzes Regio Monarca, por a todas ſe extender ſublime a dominante jurisdicçaõ do ſeu ſoberano eſclarecido imperio.

520 Neſte dia oſtentou magnifica a devoçaõ fervoroſa o ardente zelo, e piedoſo empenho, com que continuava a celebridade feſtiva deſte Triduo plauzivel; em que naõ foy menor a pompa; nem menos cuſtoſa a gala, por ſe achar em Matozinhos todo o luzido cortejo, que neſte, e nos dias precedentes, com mageſtoſo apparato fez viſtoſa aſſiſtencia à Veneravel Imagem do Senhor de Bouças, ſendo em tudo igual o applauſo, por em tudo ſer ſemelhante o motivo, nelle moſtravaõ os animos conformes huma perfeita harmonia, e a mais rara complacencia, formando-ſe aſſim a ſolemnidade, naõ ſó numeroſa, mas jucunda, e digna de ficar ſempre nos Annaes da Fama memoravelmente perpetuada.

521 Eſte foy no dezerto, e eſtaçaõ duodecima do Povo Hebraico no Monte Sinay, o feliciſſimo dia, em que os Iſraelitas, como peculio entaõ eſcolhido, receberaõ da maõ de Deos a Ley eſcrita, e por Moyſés communicada, e o ultimo do Triduo da preparaçaõ a recebella, a que ſe ſeguio a magnifica conſtrucçaõ do Templo, ou portatil Tabernaculo, a da Arca do Teſtamento, a dos dois Altares, hum de ouro para os incenſos, outro de precioſa madeira para os Sacrificios, e Holocauſtos, a Meza dos Páes da Propoſiçaõ, e o Candelabro de ouro finiſſimo, a

instituiçaõ dos ritos, e ceremonias, a das solemnidades, e festas, que haviaõ de ter legal observancia até a feliz promulgaçaõ da Ley da Graça, como do Sagrado Texto, e Expositores tudo refere o sobredito Polo.

Polo. Mans. Hebr. tom. 1. tract. 1 Mens. 12. cap. 16. a n. 364.

522 Neste admiravel dia seis de Mayo, se celebravaõ as Hebraicas festas de Pentecoste, e Semanas, e a solemnidade das Primicias. Nelle a beneficio da sua prodigiosa Vara converteo Moysés em agoas doces as amargosas, que no dezerto affligiaõ aos Israelitas. No mesmo livrou Christo a hum homem do espirito immundo, e obrou outros singulares prodigios, entre os quaes foy particularmente memoravel, o que ostentou na casa de S. Pedro, sarando lhe a sogra gravemente febricitante, e opiniaõ ha de que no mesmo dia subio ao Ceo. Dia glorioso tambem à Militante Igreja Catholica pelo esclarecido Triunfo, que nelle alcançou da tina S. Joaõ Euangelista, e ser o do Natalicio dos Justos a S. Joaõ Damasceno, e ao Beato Joaõ Bispo Gerundense, nacional Lusitano.

Polo. ubi supra tom. 1. n. 1480. & 2104.

Polo. dictus. n. 986.

Martyrolog. Roman.

Fr. Antonius a Purificat. Chronolog. Monast. Lusit. lib. 1. die 6. Maii.

523 Este que tambem entre os Romanos, era o terceiro dia dos Jogos Maximos, foy celebre em Roma, pelo esclarecido Triunfo que dos Tuscos alcançou o Dictador C. Marcio Rutilio, como nota Beyerlinch de Tito Livio, e Polo, de Masculo, e Tamayo. E posto que por outras razões, ou delirios no gentilismo fosse o dia sexto de cada mez tido por temeroso, infausto, e de mào agouro dedicado sómente aos Manes, em que por ordem dos seus Pontifices, se abstinhaõ de sacrificar aos fabulosos Deoses superiores; com tudo

Beyerlinch. Theatr. vit. human. tom. 2 lit. D. verbo. Dies 6. Maii pag. mihi 130 Not. F.

Polo. tom. 2. Diar. S. P. 6. Maii. n. 626. & Kalend. prophan. cap. 7. a n. 49.

tudo tambem nelle havia feſtas, a que a Amalthea Onomaſtica, e Bluteau denominaõ Hordaes, ou Hordicidios; mas fóra eſtamos, pela graça de Deos, dos falſos erros profanados, e nas verdades Catholicas fica viſto ſer o dia ſeis de Mayo feliciſſimo.

Amalthea Onomaſt. verbo Horda. Bluteau Diccion. Vocab. verba. Vaca.

524 Achava-ſe o Sagrado Templo do Senhor de Bouças neſte dia, com igual continuada magnificencia, viſtoſo apparato, e pompoſo adorno, mageſtoſamente reveſtido, e copioſamente illuminado, com profuſaõ em tudo taõ ſublime, que a devoçaõ, e a grandeza, em amigavel fervoroſa competencia, parece queriaõ exceder-ſe a ſi meſmas em primor, e bizarria; pois como eſte era o dia terceiro, e ultimo do ſolemniſſimo Triduo, ſe applicava o empenho ao mayor esforço, de que naõ faltaſſe circunſtancia alguma relevante a tanto applauſo, a que podia incitar mais a piedoſa memoria de haver tambem ſido eſte o terceiro dia do reverente Triduo, que em Matozinhos teriaõ celebrado os primitivos Catholicos, depois de colocado na ſua primeira Igreja o Sagrado Crucifixo.

CAPI-

CAPITULO LXXXIII.

Prosegue a solemnidade do terceiro dia do Solemnissimo Triduo.

525 ERa destinado este terceiro dia aos Reverendos Sacerdotes Irmãos da grande Confraria de S. Pedro no lugar de Matozinhos, e parecendo isto da sorte acaso, naõ deixou de ter particularissimo mysterio, pela alta Providencia interiormente talvez disposto em razaõ de os Presbyteros serem mysticos venturosos filhos de hum tal Santo, a que Deos se dignou honrar neste Mundo a casa, e obrar nella neste dia o notavel prodigio já referido. Justo era pois que em tal dia, e em taõ plauzivel occasiaõ succedesse competir a estes primorosos filhos a congratulaçaõ obzequiosa daquelle mystico Pay, escolhido tambem pelo mesmo Senhor para Principe, e Pedra fundamental da Igreja Catholica: *Tu es Petrus, & super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam.*

Matth. 9.16. 18.

526 Mais competia, e com proporcionada razaõ, este terceiro dia aos mysticos filhos de S. Pedro; porque se a Republica Ecclesiastica se compoem communmente de tres Estados no modo diversos; quaes o de Conigos nos Coros das Sés Cathedraes: o dos Religiosos Monachaes, e Mendicantes nos Claustros dos Mosteyros, e Conventos; e os dos Clerigos Seculares, tanto por toda a parte em Parochos, e Paroquianos dispersos, como por muitas em semelhantes Confra-

ſrarias conſtituidos; havendo ſolemnizado o Illuſtriſſimo Cabido o dia primeiro, e os Religioſos Seraficos o ſegundo, pertencia neſta ordem aos Reverendos Sacerdotes o terceiro; naõ ſó por filhos, mas tambem por Irmãos do Principe dos Apoſtolos em Matozinhos. Advertimos porèm que aqui naõ tratamos da Jerarquia Eccleſiaſtica pela individuaçaõ, com que a trataõ Caſſaneo, e Sebaſtiaõ Cezar de Menezes; por naõ pertencer taõ larga materia ao prezente aſſumpto.

Caſſaneus Catal. Gloriæ Mundi 4. *part.*
Meneſius. Releƈt. de Eccl. Hyerarch.

527 Concorria mais para a ſingularidade deſte dia a circunſtancia notavel de ſer o terceiro deſte ſolemniſſimo Triduo. Do numero ternario eſcrevem Polo, e Beyerlinch ſer perfeitiſſimo, por nelle ſe achar a razaõ de principio, meyo, e fim, que tomando a perfeiçaõ da Natureza, principia, continua, e finalmente ſe termina; mas he ſobre tudo, entre os Catholicos, admiravel, e ſagrado, por nelle ſymbolizarſe a Trindade Santiſſima, que com ſer individua na Eſſencia, he ſem detrimento da Divina Unidade, triplicado nas igualmente eternas Peſſoas; por modo porém taõ ineſſavel, que excede a comprehenſaõ humana, e ſó a Fé no lo certifica, como admiravelmente pondera o doutiſſimo Bluteau em ſeu Vocabulario, e aſſim foy eſte Myſterio Altiſſimo repetidas vezes ſymbolizado em myſticas portentoſas figuras aos Antigos Patriarcas, e illuſtrados Profetas, e por tudo myſterioſo, e ſempre Veneravel o numero ternario.

Polo. Diar. S. P. tom. 2. *n.* 212. *pag.* 56. & *n.* 372. *p.* 109.
Beyerlinc. Theatr. Vit humán. tom. 5. *Lit. N. Verbo. Numerus. a pag. mihi* 880. *a Not. H.*
Bluteau. Vocabul. tom. 8. *lit. T. Verbo Trindade.*

528 Naõ deixava de haver entre as obſcuras

tre-

trevas da Antiguidade Gentilica, huma clara, mas confuſa ſombra deſte incomprehenſivel Myſterio; porque nella fabularaõ a Jupiter hum, e trino, reputando-o como aponta o douto Polo, Jupiter Maximo Rey do Ceo: Jupiter Neptuno Arbitro do Mar: e Jupiter Plutaõ Regedor do Abiſmo. De maneira que ſuppoſto o conſideraſſem em tres Peſſoas diſtinctas, quanto aos referidos empregos, o tinhaõ por hum unico, e o meſmo Numen no ſupremo dominio, e por eſte principio, quaſi ſeguindo a Ley da Natureza, obſervavaõ o ternario numero, como ſagrado nas triplicadas ceremonias de ſeus religioſos ſacrificios, delineando aſſim, mas toſcamente, a Unidade Trina do Altiſſimo Myſterio da Trindade Santiſſima, que os Chriſtãos adoramos, como infallivel verdade Catholica, praticando em reverente memoria della o numero ternario nas principaes circunſtancias do Divino Culto.

Polo. loco ſupra citato.

De ſorte que demais das excellencias, que deſte numero admiravel referem, àlem dos ſobreditos, outros muitos, e graves Eſcritores, atè na Jerarquia Eccleſiaſtica, reſtabelecida eſta em pomposa magnificencia desde os tempos de Conſtantino Magno, principiou como ſuperlativo a praticarſe nas acclamações Pontificias, e ainda nas Mageſtoſas ſaudações Regias, como bem deſcreve Samuel Pitiſco. E ſendo elle ſempre attendido, naõ ſó nos nos ritos ſagrados, mas ainda nas expreſſoens do mais profundo reſpeito, entendemos que do meſmo principio procedem os ſolemniſſimos Triduos, que na Igreja Catholica coſtumaõ praticarſe, tanto no que reſpeita a Deos

Pitiſcus. Lexic. Antiquit. Roman. tom. 3 Lit. T. verbo. Ter.

Deos Trino, como ſe obſervava nos antigos Concilios de Eſpanha, que traz Garcia de Loayſa, quanto nas Rogações penitentes, confirmadas pelo admiravel Triſagio Celeſtialmente annunciado em Conſtantinopla, no Pontificado de Leaõ I. imperando Theodoſio o moço, e mandado obſervar em todo o Mundo, de que daõ noticia o doutiſſimo Bluteau, e Guilherme Burio, e outros; e da meſma ſórte os Triduos feſtivos, com que ordinariamente ſe celebraõ as novas Dedicaçoens dos Templos, e as Canonizaçoens plauziveis dos Santos.

Loayſa Collect. Concil. Hiſpan. pag. 543. 686. & 734.

Bluteau. Vocabul. Lit. T. Verbo: Triſagio.

Burius. Notit. Roman. Pontific. ex pag. 68.

530 Nem foy menos relevante a circunſtancia, de que o dia terceiro deſte ſolemniſſimo Triduo em Matozinhos cahiſſe no dia ſeis de Mayo, em razaõ de ſer tambem perfeito eſte numero, pelo que delle referem Philo Hebreo, e os ſobreditos Beyerlinch, e Polo, formados delle, quanto ao mez, para a plauzivel memoria dous Triduos; hum finalizado antigamente no dia tres, em que prodigioſamente appareceo a Veneravel Imagem do Senhor de Bouças neſte lugar, e foy collocado em ſeu primitivo Templo, e eſte ſegundo, em que no dia ſeis acabou de ſolemnizarſe a feſtiva collocaçaõ do meſmo Senhor em ſeu novo, e reformado trono; ſendo de notar, que tanto em hum, como em outro Triduo foraõ os ſeus terceiros dias celebrados por Clerigos; aquelle pelo Reverendo Cura, e primeiros Sacerdotes deſte venturoſo terreno, e eſtes pelos Reverendos Irmãos da Confraria de S. Pedro, e poriſſo lhe competio tambem com particular providencia o terceiro dia deſte ſolemniſſimo Triduo.

Philo lib. de Mundi Opificio a pag. mihi 2.

CAPI-

CAPITULO LXXXIV.

Continúa a celebridade do terceiro dia do Triduo.

531 DIſpoſto com igual magnificencia o Sagrado Templo, deraõ os Reverendos Sacerdotes principio á feſtiva ſolemnidade do dia, em que celebrou a Miſſa o Reverendo Padre Jozé das Neves Quareſma da Freguezia de S. Miguel de Palmeira annexa da de Matozinhos, por ſer neſte anno o Juiz da Confraria de S. Pedro, e lhe competir como a Dignidade principal della, com aſſiſtencia de toda a Clerical, e numeroſa Irmandade, que qual candidado exercito de ſobrepelizes adornado, havia concorrido à plauſivel oſtentaçaõ deſte magnifico acto, a que naõ faltou circunſtancia alguma, das que o podiaõ conſtituir honorifico no eſplendor, e luzimento, por ſer feito com pompa em tudo igual à dos dois dias precedentes.

532 Oſtentou o Sermaõ Panegyrico deſte terceiro dia o Reverendo Doutor Manoel Pereira Alvares Prothonotario Apoſtolico: Reytor da Paroquial Igreja de Santa MARIA de Campanhaã, natural da Freguezia de S. Salvador de Remalde, ambas igualmente quazi ſuburbios da Cidade do Porto. Foy eſte o Orador eſcolhido para o completo dezempenho deſta plauzivel acçaõ, a que doutamente ſatisfez, pelo profundo, e vaſto engenho, com que na paleſtra concionatoria coſtumaõ exaltarſe os talentos grandes; ſendo elle

jà

jà nella por tal taõ conhecido, que notoriamente moſtrou o quanto fora acertada a ſua eleiçaõ a tanto emprego, em que univerſalmente foraõ bem aceitos os ſeus conceitos admiraveis, e os elegantes progreſſos dos ſeus diſcurſos.

533 Finalizada magnificamente no Templo a celebridade plauzivel da manhã deſte terceiro dia, ſe lhe ſeguio, a horas competentes, na tarde o harmonioſo feſtim, com que a feſta nelle ſe oſtentou deleitavel, e jucunda a quantos, em continuada fervoroſa aſſiſtencia faziaõ ao Senhor de Bouças reverentes demonſtraçoens obzequioſas, formando a ſuavidade dos inſtrumentos bem acorde conſonancia ao ardente jubilo, que a benigna, e amoroſa viſta do Senhor occazionava nas Almas devotas, que a ſeus pés rendidas lhe tributavaõ adoraçoens multiplicadas; mas aqui ſe viaõ já enternecidos, ſaudoſos deliquios, na conſideraçaõ de ſer precizo, pela concluzaõ do Triduo, apartarem-ſe os coraçoens amantes daquelle Divino Retrato, e verdadeira Copia, de hum taõ piedoſo Senhor, que ſe dignou expreſſar, ſerem as ſuas delicias o eſtar com os filhos dos homens: *Deliciæ meæ eſſe cum filiis hominum.*

Proverb. 8, 31.

534 Continuavaõ na meſma tarde, pelas ruas, e Praças de Matozinhos, os plauziveis feſtejos, e jocoſerios divertimentos de maſcaras, clarins, tambores, e pifaros, que com variedade harmonioſa, e repetidos galanteyos alegravaõ geralmente o Povo, que ainda bem copioſo neſte lugar ſe achava a lograr o ameno recreyo, que por varios modos ſe oſtentou magnifico em to-

dos

dos os dias deſte applauſo, e deſte Triduo; ſendo em qualquer parte do terreno univerſal o prazer, e o regozijo, quanto particular a boa ordem, e o primoroſo aceyo, com que ſe deo expediente a tanto fauſto, que por agradavel em cada hum dos dias parecia de ſingulares circunſtancias reveſtido, e de novos primores adornado.

535 Jà o Sol havia poſto no Occeano os flamantes rayos, com que fizera o dia eſclarecido, e como no quarto dos do principio do Mundo fora criado para clara diviſaõ delles, obrigaçaõ as que nos quatro do Triunfo, e deſte Triduo, com grande eſplendor, e luzimento, por potencia obediencial, havia ſatisfeito, e devendo pela meſma natural inſtituiçaõ, ſahir a Lua rociada de luminoſas affluencias a illuſtrar a noite, de que lhe foy dada pelo Divino Artifice a prezidencia, ſahio com effeito, e com eſte brilhante ſoccorro ſe oſtentou alegre a meſma, que no eſcuro ſe reputava triſte mãy das funebres Parcas, e ſendo mais de varias illuminaçoens aſſiſtida, ſe admirou taõ clara, que perdeo entaõ do proprio nome a ethymologia, que a Antiguidade lhe formara, dirivandolha *à nocendo*; por impedir tenebroſa aos olhos o exercicio de ver; porque neſta noite o tiveraõ a todas as luzes franco, e com bem divirtido emprego pela multiplicida. de grande de feſtivos objectos, que nella lhe ſerviraõ do mais viſtoſo eſpectaculo.

536 E ſendo eſta a ultima Noite dos dias deſtinados a tanto applauſo, e naõ podendo jà ter nelle mais extenſo dezafogo o ardente zelo

lo dos devotos animos, que o haviaõ fervorosamente emprehendido, foy notavel o cuidado com que todos empenharaõ, e desempenharaõ o resto, nas galantarias, festejos, e divertimentos, que de toda a sorte se dispuzeraõ a alegrar o numeroso povo que em Matozinhos se achava, e hia sentindo o ser precizo terminarse hum taõ plauzivel, e justificado regozijo, rendendo todos em concluzaõ a Deos as graças, por se dignar, e haver permitido, que tudo se executasse com notavel quietaçaõ, e milagroso socego, em taõ grande variedade, e multidaõ de individuos, que haviaõ concorrido, attrahidos da Veneravel Imagem deste Senhor, que na Cruz exaltado està continuamente em perennes beneficios convidando a reverentes adoraçoens a todo o Mundo.

CAPITULO LXXXV.

Da solemnidade dos Triduos; com varias ponderações a esse respeito em abono de Espanha.

537 ASsim finalizou em Matozinhos o solemnissimo Triduo, que se seguio ao esclarecido Triunfo, com que a sagrada Imagem do Senhor de Bouças foy collocada em seu novo, e magnifico trono, e se ao com que em Jerusalem havia entrado, de adorações applaudido o Redemptor do Universo, se seguio o admiravel Triduo, com que no Jazigo do Sepul-

Isaias. c. 11. 10.

cro (a que Izaias pronunciou glorioso) se ostentou triunfante da morte, em que publicamente venceo os Demonios, e os Principes do Judaismo, como tudo allegoriza Laureto, bem se manifesta a origem de a celebridades grandes se seguirem ordinariamente solemnes Triduos, e o quanto nelles, alèm do que fica ponderado a este respeito, veneraõ, e veneraraõ sempre os Catholicos o numero ternario, em que se decifra o primeiro, e principal Mysterio da Fé no Christianismo, ostentando-se em reverente memoria delle os devotos Triduos, que nos sagrados Templos se solemnizaõ.

Lauretus. Sylva Allegor. Verb. Sepulchrum, & Triumphator.

538 Mas illustrando agora mais, *pro coronide*, este ponto, supposto que naõ descubrimos formalmente a positiva origem dos Triduos, e o tempo em que prefixamente principiaraõ, por estatuto, ou por estillo, a praticarse, fazendo nesta indagaçaõ toda a diligencia, e consultando gravissimos talentos na materia; com tudo reparando com reflexaõ attenta no que a respeito da Festa da Santissima Trindade escreve o Padre Frey Jeronymo Roman, notamos insinuar tivera principio, de quando a Igreja Catholica, a impedir os progressos da Heregia de Arrio, que blasfemo negava a igualdade de Christo com o Eterno Pay na Divina Essencia, a instituhira, e que tambem entaõ se provera que no fim de cada Psalmo se dissesse o *Gloria Patri &c.* para que a Trindade Santissima, naõ só fosse continuamente reverenciada, mas estivesse sempre na nossa memoria.

Roman. Republ. del Mundo. Repul. Christian. lib. 5. cap. 5. p. 272.

539 E supposto entre outros escrevaõ o

Padre

Padre Graveſon, e Guilherme Burio, que a Feſta da Santiſſima Trindade a inſtituhira o Summo Pontifice Joaõ II. iſto ſe deve entender ſer ſómente determinaçaõ do prefixo dia de celebrarſe em toda a Igreja na Dominga ſeguinte à do Pentecoſte; porque de antes ſe celebrava por varios modos, e em diverſos tempos, como ſe manifeſta do meſmo Burio, e ſe colhe do referido Padre Roman, e de Guilherme Durando. Do verſo *Gloria Patri &c.* eſcreve tambem, entre muitos o referido Burio, que fora mandado rezar no fim de cada Pſalmo por S. Damazo Pontifice Luzitano: o meſmo affirma Durando, advertindo que dos dois verſos *Gloria Patri* .... e *ſicut erat in principio*... ſe dizia que o primeiro fora formado no Concilio Geral I. Niceno; mas Garcia de Loayſa comentando o terceiro Concilio Toletano, por authoridades de Nicephoro Calixto, Caſſiano, e S. Bazilio, explica que o primeiro verſo *Gloria Patri*... manara do inſtituto Apoſtolico, e o ſegundo *ſicut erat*... lhe fora addicionado contra os Arrianos no Concilio Niceno.

Graveſon. Hiſt. Eccl. tom. 5. pag. mihi 32. Col. 2.
Burius Notit. Roman. Pontif. a p.228.
Roman. loco citat.
Durandus in Rationali lib. 6. cap. 114.
Burius. Supra pag. 58.
Durandus ubi ſupra lib. 5. cap. 2. a.n. 17.
Loayſa. Collect. Concil. Hiſpan. in Concil. Tolet. III. pag. 238

540 De ſorte, que ainda que o primeiro verſo *Gloria Patri*... manaſſe, como na verdade manava, do inſtituto dos Apoſtolos, ou mais propriamente do meſmo Chriſto, que lho inſinuou, com expreſſaõ admiravel da Trindade Santiſſima, quando lhe ordenou, que hindo a Miſſaõ Apoſtolica, a que eſtavaõ deſtinados, enſinaſſem a todas as gentes, e os bautizaſſem em Nome do Padre, e do Filho, e do Eſpirito Santo. *Euntes ergo docete omnes gentes baptiſantes eos in no-*

Matth. 28. 19.

mine Patris, & *Filii*, & *Spiritus Sancti*, o que desde entaõ se observou, e observa entre os Catholicos, com veneravel attençaõ a tanto Mysterio, e sempre com triplicada repitiçaõ de Gloria, fossem pela Igreja reverenciadas as Tres Divinas Pessoas; parece com tudo naõ haver duvida, que o segundo verso *Sicut erat* ... foy addicionado no primeiro Concilio Niceno, a confessar em resumido compendio a igualdade dellas, com mais extensaõ expressada no Symbolo da Fé, que se formou naquelle memoravel Concilio.

541 Nos referidos termos parece certo, que o primeiro Concilio Niceno celebrado no anno 325, da Redempçaõ humana, e ao motivo principal delle, qual foy a condennaçaõ de Arrio, estabelecida a verdade de tanto Mysterio, e confirmada com o raro prodigio, de que havendo de assinarse a regra da Fé pelos Bispos Catholicos, que a tinhaõ firmado, sendo dous delles já fallecidos, e pondo-lhe os mais as copias sobre os sepulchros, com a deprecaçaõ de que se o que naquellas Actas, que com elles haviaõ definido, o tinhaõ por certo, as subescrevessem, ao que no dia seguinte appareceo de proprios sinaes satisfeito pellos dous Bispos mortos; mas na gloria interminavel já vivos, e da mesma verdade plenamente certificados, como refere Carlos Sigonio; se seguio o principiar a celebrarse, com especial veneraçaõ, o Altissimo Mysterio da Santissima Trindade; e porque em diversas Provincias, em dias diversos, e por varios modos se solemnizava, decretou o Summo Pontifice Joaõ XXII. que em toda a Christandade tivesse dia proprio

Sigonius de Imperio Occidentali. lib. 3. pag. 57. n. 50.

proprio de festejarse na Dominga referida.

542 Seguiose tambem ao primeiro Concilio Niceno a instituiçaõ de S. Damazo Summo Pontifice pelos annos de 367. de que em toda a parte no fim de cada Psalmo de dia, e de noite se dissessem os versos: *Gloria Patri*, e *sicut erat*..... para que continuamente neste rezumido sagrado compendio se desse perenne culto a tanto Mysterio; e para que tambem se reconhecesse, e publicamente confessasse, que o que veneramos Trino nas Pessoas, he hum só Deos na Essencia determinou depois S. Gregorio Magno, assumpto ao Pontificado no anno de 590. que no principio de todas as Horas Canonicas se pronunciasse o verso: *Deus in adjutorium*, com o *Gloria Patri* .... e alèm disso os Kyrios da Missa, alternados por tres ternos, em reverencia da Trindade Santissima, como entre outros, escrevem Burio, e Durando, multiplicando-se por este modo na Catholica Igreja a adoraçaõ profunda, e os reverentes Trisagios, com que sempre tributou gloria a Deos, tanto Trino nas Pessoas, como unico na Essencia, havendo-se para tudo jà introduzido no uso commum della pelos Santos Pontifices Xisto I. e Thelesphoro os Angelicos Hymnos: *Sanctus*, *Sanctus*, *Sanctus*, *& Gloria in excelsis Deo.*

Burius in Damaso I. & Gregorio I. pag. 58. *&* 89. *Durandus.lib.*4.*cap.* 12. *an.* 3.

*Burius in Xisto I. pag.*13. *& in Thelesphoro p.* 14. *Durandus lib.*4.*cap.*13. *&* 34.

CAPITULO LXXXVI.

Prosegue a mesma materia da solemnidade dos Triduos, e regalias da nossa Espanha a esse respeito.

Bonucci Epit. Chronolog. lib. 2. Cap. 7. Secul. 4. pag. 233.

543 DE todos os ponderados principios, e especialmente desde os tempos de S. Damaso, de quem escreve o Padre Antonio Maria Bonucci da Companhia de JESUS, que além da instituiçaõ referida, ordenara que na Missa se dissesse o Symbolo do primeiro Concilio Niceno, e supposto que Ilhescas attribua esta acçaõ ao disposto no mesmo Concilio, e tambem tanto elle, como Guilherme Burio ao Santo Pontifice Marcos, tudo seria, naõ só por instituiçaõ, mas por repetida confirmaçaõ Apostolica; e assim mais, depois de no anno de 381. por ordem do mesmo S. Damaso, a diligencias do Espanhol Emperador Theodozio o Grande se celebrar o segundo Concilio Geral Constantinopolitano, em que da mesma sórte se estabeleceo a igualdade admiravel da Terceira Pessoa da Santissima Trindade, pronunciando-se nelle, conforme Ilhescas, outro symbolo semelhante ao que na Missa se canta; entendemos teve primaria origem, naõ só a Festa deste grande, e portentoso Mysterio; mas formalmente a veneravel attençaõ, que os Catholicos mostraraõ sempre ao numero ternario, fazendo pelo discurso dos tempos publica ostentaçaõ delle nos plauziveis Triduos, que ordina-

Ilhescas Histor. Pontific. lib. 2. Cap. 1. 2. 4. 6.
Burius Notit. Roman. Pontific. in Marco. pag. 51.

dinariamente ſolemnizaõ em funções magnificas, e celebridades grandes, qual foy a do prezente aſſumpto em Matozinhos.

554 Mas, ou ſe originaſſem das diſpoſições do primeiro Concilio Niceno, ou dos Decretos do de S. Damaſo celebrado em Conſtantinopla, ou de ambos eſtes principios, mandados obſervar univerſalmente pelos Catholicos Emperadores Conſtantino, e Theodoſio, que concorreraõ, quanto lhes era permitido, ao eſtabelecimento de hum, e outro Concilio; ſe nos faz digno de notar (e a eſſe fim ſe encaminha todo eſte ultimo diſcurſo) que no primeiro Concilio Niceno prezidio, e foy legado de S. Sylveſtre I. do nome nacional Romano, Oſio Eſpanhol, Biſpo de Cordova: o ſegundo Concilio Geral Conſtantinopolitano foy ordenado, e diſpoſto pelo Summo Pontifice S. Damaſo, que naõ ſó era nacional Eſpanhol; mas eſpecialmente Luſitano; e já ſe vay manifeſtando, tanto a conformidade que Eſpanha ſempre teve com Roma, Cabeça eſpiritual da Igreja Catholica, como quanto a grandes progreſſos de Religiaõ, e de piedade da meſma Igreja, concorreraõ nas ſuas inſtituições, talentos graviſſimos da meſma Eſpanha, e com eſpecialidade da Luſitania.

545 De S. Damaſo naõ ha duvida, e o affirma tambem Guilherme Burio, ſer o primeiro Pontifice Eſpanhol, e Luſitano, como na realidade o era, e natural da Villa de Guimarães da Provincia de Entre Douro, e Minho, que tambem foy eſclarecido berço do primeiro Rey de Portugal por Chriſto Senhor Noſſo, com admi-

Burius Notit. Roman. Pontific. in Damaſo. pag. 56.

 ravel

ravel prodigio inſtituido ; e neſtes termos fica claramente manifeſto, que governando a Igreja de Deos hum Luſitano, naõ ſó ſe confirmou em Concilio Ecumenico a verdade definida no 1. Concilio Niceno da igualdade do Filho ao Eterno Pay, mas ſe definio tambem a do Eſpirito Santo, Terceira Peſſoa da Santiſſima Trindade, eſtabelecendo-ſe contra os Hereziarchas a certeza deſte profundiſſimo Myſterio, o qual para ſe fazer mais publico, e manifeſto a todo Orbe Catholico, principiaria logo ſolemnemente a feſtejarſe, e em ſua veneraçaõ o numero ternario, nas funções ſagradas a repetirſe, originando-ſe taõbem deſte religioſo principio a regulada celebraçaõ dos Triduos, q̃ muitas vezes vemos praticarſe.

546 Naõ he menos digno de notarſe que o Emperador Theodoſio I. chamado, por Antonomaſia, o Grande, que tanto concorreo para o expediente, e bom effeito do referido Concilio Conſtantinopolitano, e em obſervancia do decretado nelle, em reverencia do Altiſſimo Myſterio da Santiſſima Trindade expedio para todo o Romano Imperio, os Decretos admiraveis, que Carlos Sigonio traz copiados, foy nacional Eſpanhol, e parece podemos dizer que Luzitano, por ſer natural da antiga Cidade de Cauca na Provincia de Galiza, que jà moſtramos ſe comprehendia na primeira Luſitania; e que de Cauca foſſe natural, expreſſamente o expende o Padre Joaõ de Buſſieres da Companhia de JESUS, dizendo: *Anno 379. Theodoſius Hiſpanus, Caucæ in oppido Galleciæ oriundus.* O meſmo havia já referido Idacio antiquiſſimo Biſpo de Lamego no principio

Sigonius de Occident. Imperio lib. 8. pag. 128. & 130.

Buſſieres Floſculi Hiſtoriarum Areola. 12. pag. 125

cipio de ſua Chronica: *Theodoſius natione Hiſpanus de Provincia Gallecia, civitate Cauca, a Gratiano Auguſtus appellatur.* E ſem duvida que merece todo o credito Idacio, tanto por Eſcritor nacional, e tal Eſcritor, como por contemporaneo; pois acabou de eſcrever no anno de 468 e de muita idade falleceo no de 470.

547 O meſmo da naturalidade deſte grande Monarcha, marginou Frey Prudencio de Sandoval na impreſſaõ do referido Idacio por authoridade de Zozimo, e pela de ambos o ſeguio Frey Pelippe de la Gandara em ſeus Eſcritos, e problematicamente o apontou ſem impugnaçaõ alguma Frey Franciſco de Bivar nos commentarios a Flavio Dextro; e da meſma ſorte Filippe Ferrario; mas admiravelmente explanou eſte ponto o Licenciado Jorge Cardozo no Agiologio Luſitano. E ſuppoſto que eſte doutiſſimo Eſcritor entendeo, que a Cidade de Cauca era Villapouca de Aguiar, que ſe comprehende neſta Provincia de Entre Douro, e Minho do Reyno de Portugal, e naõ pareciaõ deſproporcionados os indicios que diſſo aponta, com tudo como nos Geographos antigos, e no Itenerario de Antonino, ſe naõ acha mencionada mais que huma ſó Cauca, parece naõ podia ſer eſta a dita Villa pelos incontraſtaveis fundamentos, que ſobre eſta materia expende o eruditiſſimo Reverendiſſimo Real Academico D. Jeronymo Contador de Argote.

548 Como porèm reconhece, que Cauca era huma das Cidades da Galiza Romana, naõ da primitiva, nem das dos tempos de Auguſto, mas da

Idatius in Chronic. apud Sandovaliũ, & Syrmondum. in principio.

Sandovalius loco ſupra citato. in margine.

Gandara. Armas y Triumphos de Galicia. Cap. 4. pag. 31.

Bivar in Dextrum. cõment. ad Annum Chriſti. 382. num. 4. pag. 398.

Ferrarius Lexic. Geographic. lit. C. verbo Cauca

Cardoſo. Agiolog. Luſitan. tom. 1. ao dia 17. de Jan. e ſeu Cõment. lit. A. pag. 167. & 172.

Argote. Memorias de Braga tom. 1 lib. 2. cap. 10. a 622. & a pag. 377.

da do Emperador Adriano, que ſuppoem mais extenſa, e que nos termos deſta eſcreveraõ Idacio, e Zozimo, fazendo della natural ao grande Emperador Theodoſio, deixando de apurar agora ſe os Povos Vaceos, a que a tal Cidade pertencia, ou em todo, ou em parte ſe comprehendiaõ na primitiva Galiza, como parece colherſe de Ptolomeo, por naõ ſer eſte o lugar deſſa queſtaõ, e jà ficar apontado, que em largas Diſſertaçoens Academicas moſtramos, que antes que o Emperador Octaviano Auguſto dividiſſe a Eſpanha em tres Provincias, Tarraconenſe, Betica, e Luſitana, havia ella ſido ſó dividida em duas, Citerior, e Ulterior, mediando-as o Rio Ebro, e que naõ ſó a Luſitania antiga ſe extendia ao mar Cantabrico, e comprehendia tudo o que do rio Douro corre atè o Septentriaõ, e do Rio Ebro por aquella parte até o Occidental Occeano; mas ainda tudo o que era Eſpanha Ulterior havia ſido Luſitania, e que ainda depois, naõ obſtante a politica diviſaõ de Auguſto, ſe ficaraõ em muitos annos reputando por da Luſitania, ao menos nas memorias Eccleſiaſticas, muitas Cidades, que della o tinhaõ ſido, como Braga, e outras ſemelhantes, que por aquella diviſaõ ficaraõ ſendo da Provincia de Galiza; ſempre neſtes termos parece podemos reputar Luſitano, poſto que *lato modo*, ao Emperador Theodoſio.

CAPI-

CAPITULO LXXXVII.

Continua a mesma materia do Capitulo precedente.

549 E Se em abono do Licenciado Jorge Cardoso quizessemos addicionar á segunda classe dos Escritores, que aponta affirmarem ser o Emperador Theodosio Espanhol, sem especificarem lugar do seu nascimento, podiamos accumularlhe Lucas Tudense, Affonso Garcia Matamoros, Marco Antonio Sabelico, Rafael Volaterrano, Platina, Carlos Sigonio, Frey Alonso Venero, Frey Bernardo de Brito, Frey Pedro Poyares, D. Francisco de Amaya, e sobre todos Claudiano o Alexandrino Egypcio. Porêm só os apontamos para que se veja o engano com que Ambrosio de Morales, e outros, naõ havendo duvida em ser Theodosio Espanhol, o quizeraõ suppor natural de Italica na Provincia Betica por authoridades de Claudiano, e do Conde Marcelino, havendo neste os defeitos que aponta Jorge Cardozo, e naquelle naõ haver clauzula, que abone lugar certo do nascimento de Theodozio, antes sim ser da Provincia de Galiza, como escreveraõ Zozimo, e Idacio; e o que mais he que tambem dormitou neste ponto o grande Homero Lusitano André de Rezende, que seguindo na mate-

Lucas Tudense. Chronic. Mundi in tom. 4. Hisp. Illustrat. pag. mihi 3. & 37. Matamorus de Accadem. Hisp. tom. 2. Hisp. Illustr. p. mihi. 808. Sabelicus. tom. 2 Eneid. 7. lib. 9. Col. 407. Vollateranus. Anthropol. lib. 23 col. 706. Platina. de Vitis Pontific. in Anastasio I. pag. mihi 44. Sigonius de Occid. Imp. lib. 8. pag. 125. n. 40. Venero Enchir. de los tiempos fol. 98. vers.

Brito Monarch. Lusit. 2. part. lib. 5. cap. 26. Poyares Diccion. Lusit. verbo: Hespanha. §. 6. pag. 163. Amay. J. C. Observat. juris. lib. 3. cap. 5. n. 3. pag. 599. Claudianus. ad 3. & 4. Consulat. Honorii De laud. Stiliconis Et in Panegyrico Serenæ. Morales Chronic. de Hesp. lib. 10. Cap. 45. Resenduis. Respons. ad Moralium. in 2. tom. Hisp. Illustr. pag. mihi 1026.

teria a Claudiano, como ſeguiraõ Sigonio, e Amaya, ſem lhe attribuirem mais que o ſer de Eſpanha, o ſuppoz Italicenſe, pelo que fica ſendo indubitavel, em todas ſuas circunſtancias a authoridade de Idacio, e por ella ſer o Emperador Theodoſio, naõ ſó Eſpanhol, mas natural da Provincia de Galiza, e nos termos propoſtos, o podermos conſiderar Luzitano.

550 De Oſio Biſpo de Cordova, que como Legado da Sè Apoſtolica, prezidio no primeiro Concilio Niceno, em que principiou a eſtabelecerſe a verdade infallivel do Altiſſimo Myſterio do Santiſſima Trindade, naõ parece haver duvida em ſer nacional Eſpanhol, e como ſe lhe naõ deſcobre lugar certo do ſeu naſcimento, poderemos entender com Bernardo Alderete ſer natural da Cidade de Cordova, Colonia Patricia, na Provincia Betica, que tambem foy patria de hum, e outro Seneca, e do Poeta Luciano, e neſte caſo, como da meſma ſorte tudo o daquella Provincia, antes da politica diviſaõ de Auguſto, em que deſtinou novas Provincias, inſtituio Chancelarias, e Conventos Juridicos, pertencia à antiga Luſitania, que na forma referida era toda a Eſpanha Ulterior, parece podiamos, do meſmo modo, conſiderar o ſer Oſio Luſitano; mas preſcindindo de tudo iſſo, nos he ſufficiente o ſer o Romano Pontifice S. Damaſo Luſitano, e Portuguez, e tanto elle, como Oſio Biſpo de Cordova, e o Emperador Theodoſio naturaes de Eſpanha antigamente Ulterior, para termos a gloria, de que della, e ſó della ſahiſſem eſtas tres grandes columnas da Igreja Catholica, a eſtabe-

Alderete. Antig. de Heſp. lib. 1. cap. 3. p. 12. & 16.

eſtabelecer o principal Myſterio da Fé nella, como fica ponderado, rezultando diſſo a piedoſa attençaõ ao numero ternario, e a devoçaõ delle praticada na plauzivel oſtentaçaõ dos Eccleſiaſticos Triduos, deduzindo-ſelhe de talentos egregios de Eſpanha a origem primaria.

551 Grandes ſem duvida foraõ eſtas tres Colunas da Igreja, e Religiaõ Catholica, em que até no numero dellas parece houve myſterio, e naõ foy menos firme a de Oſio, porque a quizeraõ abalar as caviloſas induſtrias dos perfidos Arrianos, e em ſeu acreditado abono, por naõ accumularmos multiplicados, e doutiſſimos Eſcritores, quc ſaõ muitos, e ſobre todos Santo Athanaſio, he baſtante o verſe o que delle larga, e doutamente eſcreveo o ſobredito Bernardo Alderete, e o Padre Frey Paulo de S.Nicolào nas Antiguidades de Eſpanha, dignos de com attençaõ ponderarſe por tratarem largamente eſte ponto, que tambem honorificamente tocaraõ Lourenço Beyerlinch, Matamoros, Frey Franciſco de Bivar, e o Padre Graveſon, ficando aſſim firmes, e de grandes confirmadas as tres colunas referidas, e pendentes dellas a origem primaria dos ſolemniſſimos Triduos, que nas feſtivas celebridades ſe oſtentaõ, como o do prezente aſſumpto em Matozinhos.

Alderete. ubi ſupra lib. 1. cap. 3. a pag. 76.

P. Nicolas. Antig. Eccl. de Heſp. Sigl. 4. cap. 26. final.

Beyerlinch. Theatr. Vit. hum. tom. 3. tit. Epiſcopus. Not. C. pag. mihi 106.

Matamorus. de Accadem. Hiſp. in Hiſp. Illuſtr. tom. 2. pag. mihi 809

Bivar. Comment. Dextri. ad annum. Chriſti 306. n. 2. a p. 388.

Graveſon. Hiſt. Eccl. tomo 1. pag. 95. Col. 1.

552 Mas que muito que da Eſpanha Ulterior, ou antiga Luſitania, ſahiſſem taõ eſclarecidos talentos, a ſerem firmes triplicadas colunas da Igreja Catholica, ſe na meſma Eſpanha, havia entaõ mais de dois ſeculos, ſe achava myſterioſamente em Matozinhos depoſitada a veneravel

vel Imagem daquelle Senhor, em cuja mão havia o Eterno Pay constituhido tudo: *Omnia dedit ei Pater in manus.* E parece que a mão foy o mesmo Senhor, dispondo estes egregios Heroes, a serem agigantados Atlantes do mais Soberano Olympo, qual o Altissimo, e grande Mysterio da Santissima Trindade, taõ elevado, eminente, e excelso, e de esplendor taõ luminoso, que para o Evangelista Aguia perceber delle algum rayo, foy precizo que por reflexo o participasse sò dormindo: *Erat ergo recumbens unus ex discipulis ejus in sinu Jesu. Itaque cum recubuisset ille supra pectus Jesu. Qui & recubuit in cana super pectus ejus.* Sendo notavel a circunstancia, de que tres vezes repitisse esta fineza o Sagrado Texto, e fosse reclinatorio o peito da Segunda Pessoa da Santissima Trindade, e mais o que disto rezultou sò Deos o sabe; porque sendo Christo preguntado na materia: *Domine hic autem quid!* (Permitase-nos accomodar a esta ponderaçaõ o Texto) Respondeo o Senhor: Assim quero que fique; assim particularmente illustrado: *Sic eum volo manere.* E assim ficou o amado Euangelista; mas sempre impenetravel o Mysterio, e sò da Fé difinido por Trino nas Pessoas, e Unico na Essencia, do modo que declarou o mesmo Sagrado Evangelista. *Quoniam tres sunt, qui testimonium dant in Cælo: Pater, Verbum, & Spiritus Sanctus: & hi tres unum sunt.*

Joanis. c. 13. 3.

Joan. C. 13. ℣. 23. 25. & C. 21. ℣. 20. 21. 22.

Joan. Epist. 1 C. 5. 7.

553 Columnas foraõ agigantadas, e do fim da terra da antiga ulterior Espanha extrahidas pela Divina Providencia para firmes propugnaculos da Igreja Catholica, e do Altissimo Mysterio

terio da Santissima Trindade, por este terno de esclarecidos Heroes estabelecido, e com tanta gloria da mesma Espanha, que em seu applauso pòde dizer melhor que Claudiano nos louvores de Serena sobrinha do Emperador Theodosio.

Divitiis undasse Tagum, Callæcia risit
Floribus, & roseis formosus Duria ripis. &c.

E muito mais sendo todos tres, e qualquer delles celestialmente dotados das relevantes excellencias, que insinuaõ as ethymologias de seus nomes; pois o de S. Damaso, em latim he *Domans*, deduzido de vocabulo Grego que significa *domar*, e deste o de precioso *Diamante*, em razaõ da dureza, com que a todo o contrario rezifte, como pondera Guilherme Burio: *Damasus latine .... unde adamas lapis pretiosus præduritie indomabilis.* E por essa razaõ Gaspar Estaço affirma que em hum Concilio fora S. Damaso denominado: *Diamante da Fè.*

Burius. Notit. Roman. Pontific. in Damas. & finali Onomastico. verbo. Damasus p. 56. & 476.

Estaço Antig. de Portug. C. 16. n. 7.

554 Do nome de Osio, escreve Alderete, deduzirse de epiteto Grego, que exprime: *Sancto, honesto, & puro*, e outros predicados de qualidade semelhante; e por Santo era Osio celebrado a 5. de Novembro na Syria, onde havia Igrejas dedicadas a seu nome, notado tambem no Kalendario dellas: *Hosii festum solemne*; como expende Bivar. Do de Theodosio refere Aurelio Victor, que fora em sonho a seus pays revelado, para que delle se entendesse ser dado por Deos: *Huic ferunt nomen somnio parentes monitos sacravisse, ut Latine intelligamus a Deo datum*;

Alderet. Antig. de Hesp. lib. 1. Cap. 3. pag. 12.

Bivar. in Dexrum. cōment. ad ann. Christ. 360. n. 2. pag. 389

Aurelius Victor Epitom. in Theodosio

Camerarius. Catal. Cæsar in Theodos. super post Hist. Eccles. Theodoriti p. mihi. 803. Molanus in Addit. Martyrol. Usuardi. de 17. Januarii. Cardozo Agiolog. Lusit. tom. 1. comment. a 17. de Janeiro. lit. A. p. 174.

datum; e da mesma sorte o insinua Joaquim Camerario: *Theodosius Hispanus divino in somnis monitu hoc nomen sortitus.* Bem desempenhou este grande Monarca do veneravel nome a Ethymologia, e porisso fez delle honorifica mençaõ Molano nas Addiçoens ao Martyrologio de Usuardo, além de outros, e da honra que lhe concede a Igreja Grega pondo-o no Menologio dos seus Santos, como affirma o Licenciado Jorge Cardozo.

CAPITULO LXXXVIII.

Prosegue, e se conclue a materia dos dois Capitulos precedentes.

Paulus Epist. 1. ad Corint. C. 11. 19.

Bonucci Epit. Chronol. lib. 3. Cap. 6. a pag. 341.

555 SEndo taes, e taõ grandes as tres columnas da Igreja referidas, he finalmente digno de notar, dizer S. Paulo, que convinha haver herezias: *Nam oportet & hæreses esse*, e assim as houve por altas disposições da Divina Providencia, desde o principio da Igreja Catholica emanadas de Judas Escariothes, primeiro Apostata do Christianismo, e taes quaes individualmente, entre outros expende o P. Antonio Maria Bonucci, mas he de advertir, que supposto os Hereges Ebionitas, Cerinthios, e Nicolaitas do primeiro seculo, e do segundo os Saturnianos, Capocracianos, Valentinianos, e Montanistas, por varios modos, principiassem a negar a Divindade, e regalias de Christo, e no terceiro seculo Paulo Samosateno, e seus sequazes

zes a conſubſtancialidade do meſmo Senhor, e naõ baptizaſſem em nome da Santiſſima Trindade; com tudo, como entrando o quarto ſeculo, excedeo a todos, e mais geralmente o maldito Arrio, em negar naõ ſó a Divindade de Chriſto, mas tambem a do Eſpirito Santo, havia Deos diſpoſto ao meſmo tempo em Eſpanha ao Biſpo Oſio para propugnaculo de tanto, e taõ alto Myſterio, que elle como Prezidente eſtabeleceo no primeiro Concilio Niceno, e a diligencias da Igreja Catholica, e do Emperador Conſtantino Magno, por elle na verdadeira Fè inſtruido, eſtabeleceo o meſmo em outros Concilios, como das Hiſtorias Eccleſiaſticas he bem manifeſto.

556 Mas porque ainda no meſmo quarto ſeculo continuou Photino a negar a conſubſtancialidade de Chriſto, e Macedonio a do Eſpirito Santo, e contra elles houve varios Concilios, em alguns dos quaes prezidio ainda o Biſpo Oſio, diſpoz Deos da meſma ſorte, que de Eſpanha ſahiſſem o Summo Pontifice S. Damaſo, e o grande Emperador Theodoſio para acabarem de eſtabelecer na Igreja Catholica a infallivel verdade do Altiſſimo Myſterio da Santiſſima Trindade, em que houve o plenario effeito, que fica referido, e das meſmas Eccleſiaſticas Hiſtorias ſe faz certo, e por tudo indubitavel, que a Eſpanha Ulterior foy ſingularmente o berço, em que ſe criaraõ os tres Heroes eſclarecidos, que na meſma Catholica Igreja foraõ os agigantados Atlantes, e as firmes columnas, que ſuſtentaraõ nella o pezo infinito, e eſſencial de toda a gloria interminavel, a pezar do Inferno, e ſeus terrenos Mi-

nistros, quaes os abominaveis Hereziarchas, procedendolhe os vigorosos alentos a dissipar tantos contrarios, daquelle sagrado Penhor, que jà dos principios do segundo seculo se achava em Matozinhos depositado.

557 E supposto, que já no fim do quarto seculo, por altos Juizos de Deos se suscitasse tambem em Espanha a tremenda seita dos Priscilianistas, houve com tudo logo nella os fortes Idacios, e outros Prelados insignes, que cortandolhe a raiz a dissiparaõ. E supposto que tambem nella entrasse com as Nações Barbaras a do Arrianismo, alêm de ser sempre impugnada, naõ foy na mesma taõ geral, como nas outras Provincias, pelos muitos Concilios que se celebraraõ em Espanha a constraitalla; e nem durou tanto, que naõ fosse ainda nos tempos dos Suevos reprimida, e no dos Godos totalmente extincta reinando em toda a Espanha o gloriosissimo Recaredo, que com prodigioso assombro no terceiro, e sempre memoravel Concilio Toletano celebrado no anno de 589. fez publica profissaõ da Fé Catholica, com expressaõ admiravel do Altissimo Mysterio da Santissima Trindade sempre na mesma Espanha pelos Nacionaes reverenciado, e por essa razaõ em todo o tempo affectos ao numero ternario, de que se seguio observarem-no religiosamente nas Ecclesiasticas funções dos Triduos pelos ponderados principios das difinições estabelecidas nos Concilios Geraes Niceno primeiro, e Constantinopolitano segundo por Osio, e S. Damaso, e mandadas observar em todo o Romano Imperio pelo Emperador Theodosio.

558 E

558 E ſe finalmente dos tres Hereziarchas Arrio, Photino, e Macedonio, taõ empenhados em negar o admiravel Myſterio da Santiſſima Trindade, ſe pode conſiderar ſerem o Infernal Cerbero de tres cabeças, que lá do Oriente furioſamente arrogantes, pertendiaõ devorar, e eſcurecer a verdade infallivel da plena igualdade das Tres Divinas Peſſoas, permitio Deos, por todas as razões de congruencia referidas, que cá do Eſpanhol Occidente, ſe lhe oppuzeſſe o mais que Herculeo alento de outras tres Catholicas cabeças a deſtroçar aquellas hereticas, como deſtroçaraõ com tanta gloria, e triunfo da Igreja Romana, que tambem na parte Occidental do Mundo conſtituhida pode gloriarſe de por eſtas tres columnas haver chegado ao *Non plus ultra* de ver reſtabelecida em ſeu gremio a confiſſaõ reverente do Myſterio principal, que como filhos della adoramos.

559 Bem acreditada ſe achava já neſte Occidente com eſclarecidos prognoſticos, e antecipados annuncios, tanto no figurado Myſterio, como na triplicada repreſentaçaõ dos Atlantes delle. Prodigioſamente havia ſido figurado o Myſterio, quando no feliz dia do naſcimento de Chriſto, com aſſombro admiravel foraõ viſtos tres Soes em Eſpanha, que logo em hum ſó ſe uniraõ, como por authoridades de Julio Obſequente, e Santo Thomaz eſcreve Luiz Marinho de Azevedo, e adverte o Padre Frey Joaõ de la Puente, que eſte portento foy ſymbolo da Trindade Santiſſima, que neſta parte havia de ſer primeiro, e melhor annunciada, e reconhecida,

Marinho de Azevedo. Fundaçaõ, e Antig. de Liſboa. lib. 3. cap. 11. pag. 240. Puente. Convenienc. de las dos Monarch. lib. 1. cap. 7. §. 4. p. 42. & lib. 3. cap. 34. §. 2. pag. 208.

 da,

da, que em qualquer outra naçaõ, ou Provincia, ensinando o Ceo aos Espanhóes por este modo, que Deos he Tres Pessoas em huma só substancia, e que por esta genuina razaõ desde que em Espanha se recebeo a Fé deste Divino Mysterio, nunca nella faltou a verdadeira Religiaõ, sendo sempre a Theologia delle mais altamente explicada nos nossos antigos Concilios, como bem delles se manifesta.

560 E porque na luz, e no Sol, na Lua, e nas Estrellas se symbolizaõ os Mestres da Igreja, e os mayores foraõ sempre no Sol symbolizados, pondera mais o Padre Puente, que nos referidos tres Soes apparecidos em Espanha se symbolizavaõ tambem os tres grandes Apostolos San-Tiago, S. Pedro, e S. Paulo, que haviaõ de vir, como vieraõ, successivamente a ella estabelecer a Fê Catholica; e como Deos permitio por altissimos fins da sua Divina Providencia, taes disposiçoens em Espanha, attendida sempre a grandes emprezas, parece podemos considerar que neste prodigioso symbolo se reprezentavaõ juntamente os tres esclarecidos Heróes, que da mesma Espanha haviaõ de hir propagar em todo o Mundo a verdade do Mysterio estabelecido, e reverenciado nella desde a prègaçaõ Apostolica, vindo a ser isto, como huma retribuiçaõ agradecida, com que em mutua sagrada correspondencia celestialmente disposta gratificasse o Occidente ao Oriente as luzes communicadas do mais alto esplendor da eterna gloria, qual o Mysterio da Trindade Santissima, e tudo por admiravel antecipada reprezentaçaõ delineado nesta Espanhola Provincia.

561 E

561 E aſſim parece que á vinda de Sant-Tiago, que foy o Sol, ou grande Meſtre primeiro, que veyo a Eſpanha, correſpondeo o grande Oſio Biſpo de Cordova; ſendo tambem dos tres Heroes o primeiro, que foy do Occidente Eſpanhol, qual outro ardente rayo forjado na ſolida doutrina de tanto Myſterio, illuſtrar com a pura confiſſaõ delle, a mayor parte dos Concilios, que por eſta occaſiaõ ſe celebraraõ no Oriente Aſiatico. A S. Pedro, e S. Paulo, ſegundo, e terceiro dos grandes Meſtres, ou Soes eſclarecidos, que em pouca differença de tempos vieraõ à meſma Eſpanha, correſponderaõ della o ſegundo, e terceiro Atlantes da meſma Fé S. Damaſo, e Theodoſio, correndo deſta para aquella parte, como brilhantes Aſtros, a concluir, e eſtabelecer no Orbe Catholico o claro conhecimento de taõ profundo Myſterio. A S. Pedro, que naõ ſó foy pedra; mas pedra ſeixo, eſpecie a mais dura deſte genero: *Petrus ſaxum, petra*, dizia reſpeito S. Damaſo, pela propriedade do nome, ſymbolizado no de Diamante, pedra a mais dura das precioſas, como fica ponderado. A S. Paulo, vazo de eleiçaõ por Deos eſcolhido: *Vas electionis eſt mihi*, para Prègador Apoſtolico, e Doutor das Gentes na Fé, e na verdade: *Prædicator & Apoſtolus, Doctor Gentium in fide, & veritate*, correſpondeo Theodoſio, dado por Deos, para ſer Monarca do Romano Imperio, em que formou edictos publicos a todas as Gentes delle, com expreſſoens da Fé, e da verdade do meſmo admiravel Myſterio.

Index Interpret. nom. Bibl. lit. I. verbo: Petrus

Act. Apoſtol. c. 9. ỳ. 15.

Paul. Epiſt. 1. ade Timot. c. 9. ỳ. 7.

562 Na certeza ultimamente de prodigios

taõ

taõ claros ſe manifeſta bem a diſpoſiçaõ admiravel, que havia neſta parte Occidental da antiga ulterior Eſpanha, naõ ſó para ſer perpetuado memoravel depoſito da Sagrada imagem de Chriſto Crucificado, que em Matozinhos ſe venera como Retrato de Chriſto Filho de Deos, ſegunda Peſſoa da Santiſſima Trindade, desde os primitivos progreſſos da Igreja Catholica; mas tambem para que della ſahiſſem os tres eſclarecidos Heroes, Oſio, S. Damaſo, e Theodoſio a reſtabelecer na meſma Igreja, e propor a ſeus militantes filhos a reverente adoraçaõ a tanto Myſterio; reconhecendo-ſe naõ menos, que de taõ altos, e glorioſos principios procede a religioſa attençaõ dos Eſpanhoes ao numero ternario, e que pela continua, e proporcionada ſerie dos tempos vieraõ a conſagrar em ſolemnes Triduos a perenne memoria delle, tudo por diſpoſiçoens ineffaveis da Divina Providencia, que por todos os ſeculos eternamente ſeja louvada.

LAUS DEO OPTIMO MAXIMO,
Virgini que Matri.

PROTESTAÇAM

DO AUTOR.

TUdo quanto fica dito, ponderado, e eſcrito neſte volume, ſogeitamos humildemente, e a nós meſmo à correcçaõ da Santa Madre Igreja Catholica Romana, com todos os reverentes requiſitos, e proteſtos neceſſarios para eſte effeito, que havemos por individualmente expreſſos, e declarados &c.

Antonio Cerqueira Pinto.

INDEX
DAS COUSAS NOTAVEIS.

O numero denota o numero das paginas

A

B

C

S. Dama-

D

E

F

G

H

Imagens

L

Porto

R

S

T

SER-

SERMAM EUANGELICO,

PANEGYRICO, HISTORICO, E APOLOGETICO,

Que em quatro de Mayo de 1733. primeiro dia do Triduo,

C O N S A G R A D O

A' SACROSANTA IMAGEM DO SENHOR

D E

MATOZINHOS

NA SUA TRASLADAC,AM SOLEMNE PARA a Capella Mòr do ſeu grande Templo, e Exaltaçaõ a hum novo, e magnifico Throno,

Havendo no dia precedente acompanhado a Procissaõ, em que a meſma Imagem Veneravel foy levada a abençoar os Mares atè àquelle ſitio aonde fora ſeu milagroſo apparecimento, o Illuſtriſſimo Cabido da Santa Igreja Cathedral do Porto, e o Nobiliſſimo Senado da Camera da meſma Cidade; ſeguidos do Regimento do partido da meſma, e de hum grande concurſo de Nobreza, e multidaõ de Povo.

P R E' G O U

O M.R. MANOEL DOS REYS BERNARDES,

Conego Prebendado da Santa Igreja Cathedral do Porto, e Magiſtral de Eſcritura, Commiſſario do Santo Officio, e Juiz Conſervador de algumas Religioens deſte Reyno.

J. M. J.

Sciens Jesus, quia omnia consummata sunt .... dixit, sitio .... dixit: consummatum est. Joan. 19. n. 28. & 30. *Nunc vado ad eum, qui misit me.* Joan. 16.

GRANDE solemnidade, e taõ superiormente grande, que para lhe formar a idèa, foy necessario recorrer a dous Textos do mesmo Euangelista. O Euangelista S. Joaõ, que pela geraçaõ eterna do Verbo Divino, deo principio à sua Chronologia Sagrada: *In principio erat Verbum: & Verbum erat apud Deũ:* nos diz, que humanado o mesmo Verbo,

Joan. Cap. 1.

 appa-

apparecera no Mundo: *In Mundo erat.* E foy advertir com agudeza devota o grande Drexelio, que logo, que o Verbo fora concebido, ſe achara Crucificado; antecipando na intenſaõ a fineza em Nazareth, o que depois havia de executar a ingratidaõ no Calvario: *A primo vitæ momento Chriſtus in Crucem actus eſt*, diz o Padre, *triginta quatuor annis in Cruce pependit.* Eſte pois amante Crucificado, Imagem, que era do Pay Eterno, diz o Evangeliſta, que no Mundo, onde apparecera, fora deſconhecido: *Mundus eum non cognovit*; e que pelos ſeus meſmos fora recuſado: *Et ſui eum non receperunt.* Continùa o Sagrado Chronologico os Annaes deſte amante Crucificado, e diz, que attraveſſára os mares: *Abiit Jeſus trans mare*; e que paſſára àlem de hum rio: *Trans Jordanem*: e que aſſim no mar, como na terra obrára tantas maravilhas, que na ſua vaſſalágem reconheciaõ todos os Elementos o ſeu imperio. E que naõ menos eraõ feudatarios ao ſeu dominio os eſpiritos malignos, quando a efficacias da ſua voz deixavaõ

Drexel. de Chriſto moriente p.412

Joan. Cap. 1.

Joan. 6.

os

os Energumenos: Que eraõ tantos os ſeus prodigios, como publicavaõ em rendimentos agradecidos os cegos, a quem reſtituhio a viſta: os Paraliticos inveterados, a quem tirou das Piſcinas: os Febricitantes moribundos, a quem, para lhes extinguir o calor ardente, baſtou ſó a fê dos Padrinhos: Os Aridos eſtupidos, a quem fez flexiveis os nervos: Os leproſos incuraveis, a quem purificou do contagio maligno: Os mortos (e algum já cadaver quatriduano) a quem fez reviver dos ſepulchros, ſem mais fadigas, que proferir hum *ſurge*, e dizer hum *veni foras.* E muitos mais; porque innumeraveis foraõ os que pelas ſuas converſões reſurgiraõ do mortifero eſtado da culpa para a vida da Graça. Bem o exaggerava em Samaría aquella peccadora, que levada do acaſo a huma fonte; fonte, que tambem era de poço: *Erat ibi fons: Puteus altus eſt*; dezejando beber agoa da vida, reconheceo, que a fonte era de milagres, e do Salvador: *Quoniam hic eſt Salvator*; naõ ſó porque abjurou entre outros erros

Joan Cap.4.

Joan. ibi

ros, os falſos Dogmas dos Saduceos; mas porque publicando a maravilha, foy inſtrumento para a converſaõ de innumeraveis ſciſmaticos: *Et multo plures crediderunt in eum.* Refere mais o Evangeliſta, que por algum tempo eſtivera eſte Crucificado amante occulto: *Non manifeſte, ſed quaſi in occulto*; e logo deo a razaõ: Para que a impiedade (ſempre dezagradecida a beneficios) naõ violaſſe a ſua peſſoa com dezacatos: *Quia quærebant eum Judæi interficere.* Diz mais, que a beneficio univerſal de todos os Povos, e dos habitadores da ſua entre todas mais querida Jeruſalem, fora repetidas vezes àquella Cidade; ſendo a ultima para a livrar de todo de hum maligno contagio, cuja epidemia da cabeça de Adam trouxera a ſua origem; e que diffundida por todas as partes a noticia deſtes portentos, era ſem numero a multidaõ, dos que em Prociſſaõ o ſeguiaõ, e incomputaveis os que em ſucceſſivos concurſos com adorações o buſcavaõ: *Sequebatur eum multitudo magna, quia videbant ſigna, quæ faciebat ſuper eos,*

Joan.

Joan. Cap. 6.

quæ

quæ infirmabantur. Ultimamente paſſando a ingratidaõ a executar no Calvario o meſmo, que havia feito o amor em Nazareth; nos moſtra o Evangeliſta o Filho de Deos, e Imagem do Eterno Pay em huma Cruz pendente; onde vendo, que para a Redempçaõ do genero humano, eſtavaõ todas as obras, naõ ſó conſummadas; mas perfeitas: *Sciens Jeſus, quia omnia conſummata ſunt*: outras verſoens tem: *Intuitus Jeſus, quia omnia perfecta ſunt*: entre agonias de morte declarou huma ſede ardente: *Dixit*: *Sitio*: e logo proferida mais huma palavra, concluhio, qne eſtava conſummado, e perfeito hum edificio grande, e preexcelſo: *Conſummatum eſt*: E Santo Agoſtinho tem *Perfectum eſt*: E Drexelio explica: *Conſummatum eſt Ædificium grande, præexcelſum.*

E invertendo S. Joaõ a ordem da ſua hiſtoria, ſegundo o eſtylo dos mais Evangeliſtas, prediſſe dantes no Capitulo 16. o que parece havia dizer depois do Capitulo 19. No Capitulo 19. affirma que para a Redempçaõ do Ge-

nero humano eſtavaõ completas, e acabadas todas as obras: *Omnia conſummata ſunt*; e conſummado aquelle Edificio grande, e preexcelſo: *Conſummatum eſt Ædificium grande præexcelſum.* E que ſe ſeguio depois? O que o Evangeliſta havia predito dantes. Hir o Senhor para o ſeu Templo, e collocarſe no ſeu Throno. O Templo de Deos, diz David, que he no Ceo, e que no Ceo tem o ſeu Throno: *Dominus in Templo Sancto ſuo: Dominus in Cælo ſedes ejus.* Pois para eſſe Throno, e para aquelle Templo, diz o Senhor, que vay agora; porque agora vay para o Throno do Pay, que o mandou: *Nunc vado ad eum, qui miſit me. Illius gloriæ ſociatur in Throno*; diſſe S. Leaõ Papa. E com taõ mageſtoſa ſoberania, que diz S. Paulo, que naquelle Throno excelſo, eſtá de honra, e gloria coroado: *Vidimus Jeſum per paſſionem gloria, & honore coronatum.* Mas eſta exaltaçaõ foy depois, que ſe acabaraõ da Redempçaõ as obras: *Poſtea, quia omnia conſummata ſunt*: E ſe conſummou na perfeiçaõ aquelle grande, e pre-

Pſalm. 10.

Joan. 16.

S. Leo. Pap. apud. Drexel.

Paul. ad Hebr. 2. 9.

e preexcelſo throno, ou Edificio: *Conſummatum eſt ædificium grande, & præexcelſum.*

Naõ refere o Evangelho o apparato magnifico, com que neſte feſtival triunfo entràra Chriſto no ſeu Templo, e ſe exaltara no ſeu Throno; porque talvez preoccupado de admiraçaõ, naõ lhe coube na penna a expreſſaõ de tanto jubilo. O certo he, que naquelle triunfal progreſſo ſe achou hum numeroſo concurſo, e taõ luzido, q́ nelle ſociavaõ os Anjos: *Hominum, & Angelorum turmis ſtipatus revertitur.* Là veyo da Santa Cidade de Jeruſalem hum bem formado Coro, que capitulando louvores, em alternadas vozes, repetia de David a letra: *Deus, Deus meus magnificatus eſt vehementer.* Concorreraõ tambem da meſma Cidade Santa celeſtiaes Cidadões, que vendo a Chriſto em ſangue banhado com a gloria de triunfante, formando-lhe da admiraçaõ o elogio, como em conſulta, ou em Senado, perguntavaõ com Izaîas: *Quis eſt iſte, qui venit de Edon tinctis veſtibus de Boſra? Iſte*

Drexel.

Pſal. 103.

Iſai. 63. 3.

Iſte formoſus in ſtola ſua. Aſſiſtiraõ tambem de outra Jerarquia da Milicia celeſte, celeſtiaes militares, que fazendo-lhe corpo de guarda, como a ſeu Soberano, ao meſmo tempo, que ſe admiravaõ, de que ſahiſſe da Campanha taõ ferido: *Quid ſunt plagæ iſtæ in medio manuum tuarum?* o acclamavaõ Rey, e Senhor victorioſo: *Iſte eſt Rex gloriæ, Dominus fortis, & potens; Dominus potens in prælio.* Finalmente que entre feſtivos applauſos, e incomparaveis jubilos, como tinha profetizado David: *Aſendit Deus in jubilo, & Dominus in voce tubæ:* entrou o Senhor Jeſus, e Imagem do Pay Eterno no ſeu Templo, e ſe exaltou no ſeu throno: *Vado ad eum, qui miſit me: Illius gloriæ ſociatur in Throno: Dominus in templo Sancto ſuo: Dominus in Cœlo ſedes ejus.*

Zach.1.36.

Pſal. n.18.

Jà agora tereis percebido huma parte da minha idèa para o aſſumpto; e para que a comprehendais de todo, vou advertir naquella clauſula do Texto, que me ficou por ponderar. Entre agonias da morte, diſſe Chriſto, que

tinha

tinha huma ſede ardente: *Dixit, ſitio.* Neſta ſede diſtinguem todos os Padres duas formalidades: huma corporal, porque realmente teve Chriſto ſede; e aſſim o havia profetizado David: *In ſiti mea potaverunt me aceto*: outra eſpiritual; e eſta he a ſede, que Santo Agoſtinho diz, que Chriſto ainda hoje tem: *Nunquam erit ſine ſiti.* Iſto ſuppoſto; notem. Eſta palavra *Sitio* foy a quinta, que Chriſto proferio na ſua Cruz; e correſponde em numero às cinco vezes, que o Senhor de Matozinhos foy à Cidade do Porto. Direi agora: Que desde a quinta vez, que a Cidade do Porto logrou eſta ventura, ficou o Senhor de Matozinhos com eſta ſede? Digo, que ſim, e me favorece em algum ſentido a authoridade de S. Lourenço Juſtiniano, dizendo, que aquella ſede de Chriſto fora hum dezejo ardente de ſe communicar ſempre a todos: *Sitiebat, & dare ſe nobis deſiderabat.* Mas que ſede he eſta do Senhor de Matozinhos? Eu o digo.

Joan. C. 19.

Auguſt. apud. Sylv. in Joan. c. 19.

D. Laurent. Juſtin apud Sylv. ubi ſupra a n. 34.

Quinta vez eſtava determinado, que

que em Prociſſaõ ſolemne foſſe ao Porto aquella Imagem ſagrada; para que em huma eſterilidade experimentaſſemos os effeitos da Divina Mizericordia. E que ſuccedeo? Obrarſe o milagre; porque ſe liquidou o Ceo em aguas; mas ainda até hoje chegou o reconhecimento do beneficio; pois nem o Senhor foy ao Porto; nem do Porto vieraõ render as graças ao Senhor. Sim, quinta vez foy o Senhor ao Porto; porèm naõ em reconhecimento daquella antiga Mizericordia, mas ſim por inſtancia de nova neceſſidade. E eſta foy a ſede do Senhor de Matozinhos. Dezejava o agradecimento daquella piedade, para fazer novas demonſtrações da ſua clemencia: queria os noſſos obſequios, para multiplicar os ſeus beneficios. Abona o penſamento o Naſianzeno: *Sitit ſitiri Deus.* Diz, que Deos tem ſede da noſſa ſede: iſto he, quer, que em nòs ſejaõ inſaciaveis os fervores para as ſuas adorações, e fervoroſos os affectos para os ſeus cultos: *Ut inſatiabiliter eum amemus, & optemus*: diz Alapide

Naſiãz. apud Alap. in C. Joan. 19.

Alap. in Joan. 19. n. 28.

pide commentando ao Nasianzeno. E para que? Para multiplicar as suas beneficencias, vivificando a nossa fé com os seus prodigios: assistindo às nossas necessidades com o seu remedio: suavizando os trabalhos da vida com gostosas conformidades com a sua providencia, que esta he de Christo a espiritual sede, disse Drogo Hostiense: *Vestram sitio fidem, vestram salutem, vestrum gaudium.*

Drog. Hostiens. apud Sylveir. ubi supra.

Diga pois muyto embora Santo Agostinho, que esta sede espiritual de Christo he immutavel: *Nunquam erit sine siti*; que eu hey de dizer (methaforicamente fallando, e em sentido allegorico) que igualmente satisfeita, que extincta fica agora a sede mystica do Senhor de Matozinhos; naõ só, porque em magestoso Triunfo sahio com sua prezença a vivificar os povos, fecundar as terras, serenar os Ceos, e alegrar os mares: naõ só porque entre festivaes applausos, musicas sonoras, vivas repetidos, entrou no seu Templo sagrado, aonde consummadas as obras mais

mais primoroſas: *Omnia conſummata, perfecta ſunt*, lhe tinha a devoçaõ mais ardente erigido hum Throno excelſo: *Conſummatum eſt ædificium grande, præexcelſum*, em que ſe exaltou: *Vado ad eum, qui miſit me*: *Illius gloriæ ſociatur in throno*; mas tambem porque continuando os obſequios, por hum Triduo ſe lhe repetem os cultos; por tres dias em ſagradas Aras ſe lhe triplicaõ os Sacrificios. Oh Triduo, e como pela inveja dos ſeculos futuros ſeràs ſempre famigerado! Oh dias, ſe a voſſa duraçaõ vos reprime na limitada esfera do tempo; a voſſa celebridade vos farà memoraveis no incomprehenſivel eſpaço da Eternidade!

Jà Moyſès havia ſanctificado ſemelhantes dias; porque naõ ſó em acçaõ de Graças erigio em honra de Deos hum Altar; *Ædificavit Moyſes Altare*, em o dia tres de Mayo, que correſponde ao de hontem, como obſervaraõ Lorino, e Tirino, citados pelo Minorita Valentino: *Quod ad præfatum diem tertium Sivan, ſive Maii referunt citati Authores*; mas

Exod. Cap. 10. *n.* 17.

Lorin. Tirin. apud Petrum Polo in die 3. *Maii Exod. C.* 19. 10.

mas tambem lhe consagrou hum Triduo, a que chamou da Purificaçaõ, e Santificaçaõ; o qual principiou no dia quatro de Mayo, continuou no quinto, e findou no sexto, cuja opiniaõ naõ tem menos abonados Authores, que Ribera, Bellarmino, Alapide, Menochio, e Tirino: *Hæ dies præparationis, & purificationis fuerunt quarta, quinta, & sexta Sivan; sive Maii.* E que resultou a Moysès de taõ religiosos cultos? Que? Que no dia quatro de Mayo, primeiro daquelle Triduo, fosse o Povo Israelitico por Deos escolhido, como mais amado, cujo grande beneficio mandara notificar por Moysès ao mesmo Povo: *Die quarta Maii populus hebræus fuit a Deo electus in peculium: Ipsa die quarta hoc tam ingens beneficium Dei populo hebræo fuit notificatum per Moysen.* E continuando os beneficios até o sexto dia, que era o ultimo do Triduo, neste lhe deo no Decalogo hum seguro das suas benificencias; se as naõ viera a desmerecer aquelle Povo com as suas rebeldias: *Datum est Decalogum populo hac die sexta Sivan,*

Riber. Belar. Alap. Menochio. Tirin. apud Petre Pol. ubi sup Exod. 19.

quæ

quæ ſexto diei Maii correſpondet. Aſſim dizem no Capitulo dezenove do Exodo os jà referidos Authores. Logo ſe em ſemelhantes dias ſe dedicaõ ao Senhor de Matozinhos mais ſagrados cultos, quem o naõ conſiderarà empenhado, para conceder multiplicados beneficios? Pois ſendo eſta ſede reciproca, que o Senhor tem, e quer, que tenhamos: *Sitit ſitiri Deus: ut inſatiabiliter eum amemus, & optemus;* quem o duvidarà com tanto obſequios na ſua myſtica ſede ſaciado para o ter nos favores propicio? *Veſtram ſitio fidem, veſtram ſalutem, veſtrum gaudium.*

No que tendes ouvido, ſe deixa jà ver, qual ha de ſer a idèa do aſſumpto: o qual para mayor clareza dividirey em dois diſcurſos. O primeiro ſerà Hiſtorico Apologetico: o Segundo Panegyrico Demonſtrativo. Serà Hiſtorico Apologetico o primeiro; porque nelle moſtrarey, como na meſma ſagrada hiſtoria, que ouvimos do filho de Deos, e Imagem do Eterno Pay a Saõ Joaõ, como Euangeliſta, fallou o meſ-

mo

mo Euangelista do Senhor de Matozinhos, e Imagem do verdadeiro Filho de Deos, como Profeta. Serà Panegyrico Demonstrativo o segundo; porque nelle mostrarey, que os obsequiosos cultos, que nesta acçaõ consagramos ao Filho de Deos na Exaltaçaõ da sua Imagem prodigiosa, saõ huns seguros reais, para nos conceder beneficios multiplicados. E assim em hum, como em outro systema, ajustarey todas as circunstancias da solemnidade com as clausulas dos Textos: *Sciens Jesus, quia omnia cõsummata sunt, dixit, sitio. Dixit, consummatum est: vado ad eum, qui misit me.* O empenho està pedindo superior auxilio, alcancemo-lo do Divino Espirito por intercessaõ de MARIA Santissima, que por Esposa sua he Mãy de Graça. *Ave Maria.*

§. I.

HE o systema do primeiro discurso, confrontar com a Historia Sagrada, que ouvimos do Filho de Deos, e Imagem do Eterno Pay, a Historia prodigiosa do Senhor de Matozinhos Imagem do Filho

de

de Deos, para que ſe veja, que a meſma Chronologia, que S. Joaõ eſcreveo de Chriſto, como Euangeliſta, he huma Apologia, que fez do Senhor de Matozinhos, como Profeta. E aſſim como ao Euangeliſta, recorrendo àquelle principio, ſem principio: *In principio erat Verbum*; ſervio de exordio à ſua narraçaõ o meſmo Verbo feito homem: *Verbum Caro factum eſt*: aſſim tambem a eſte diſcurſo ſervirà de Prologo a noticia do principio, e formatura daquella Imagem Sacroſanta.

Que Nicodemos Princepe em Judèa, Meſtre em Iſrael, e Diſcipulo de Chriſto, formaſſe algumas Imagens de ſeu Divino Meſtre, naõ ſó he aſſeveraçaõ de muitos, e graves Authores; mas foy tambem reflexaõ do Concilio Niceno. E que foſſe o Artifice engenhoſo daquella Imagem Veneranda, he tradiçaõ inconcuſſa; para cuja demonſtraçaõ deixo muitas razoens de congruencia, que naõ he o lugar para diſſertaçóes. O certo he, que Nicodemos por obſervante da Ley de Chriſto foy pelos Judeos ſeus Antagoniſtas depoſto do ſeu Magiſterio; privado de ſeus bens:

e al-

e algum Autor diz, que flagellado com açoutes: *Principis dignitate ſpoliatum: ejus bona populati, verberibus ita affecerunt, ut pene exanimem reliquerint.* E fugindo a eſta perſeguiçaõ, ſe retirou de Jeruſalem para hum lugar ſolitario, de que era ſenhor ſeu tio Gamaliel, Meſtre que foy de S. Paulo.

Calmet. verb. Nicod.

Neſta ſoledade paſſava Nicodemos em vida contemplativa; e como na ſua alma tinha impreſſa de ſeu Divino Meſtre a Effigie; naõ lhe ſoffrendo o amor, que aquella impreſſaõ ficaſſe ſó em idêa de amores, fez pratica a meſma idêa, formando aquelle ſagrado tranſumpto. E aqui temos apparecida no Mundo em huma Cruz a Imagem do Filho de Deos; aſſim como do Filho de Deos, e Imagem do Eterno Pay, diſſemos com o Euangeliſta, e com Drexelio, que na ſua Cruz apparecera no Mundo: *In Mundo erat: A primo vitæ momento in Crucem actus eſt.* E que ſuccedeo? Ficar Chriſto na ſua Imagem, aſſim como o fora na ſua Peſſoa; naõ ſó no Mundo deſconhecido: *Mundus eum non cognovit*; mas pelos ſeus meſmos recuzado: *Et ſui eum non receperunt.* Porque renovan-

do-ſe de dia em dia pelos annos 33. e 34 da morte de Chriſto a perſegüiçaõ contra os Profeſſores da Ley Euangelica, muitos delles ſe para Deos foraõ ſagradas victimas; do odio Fariſaico ficaraõ ſanguinolento deſpojo; pois no anno 43. por Herodes Agrippa foy degollado San Tiago, e prezo S. Pedro. E como à violenta vexaçaõ da Igreja correſpondia a irreverente perſeguiçaõ das Imagens; para que aquella Imagem Sagrada naõ experimentaſſe a impiedade dos homens, ſe reſolveo Nicodemos a fialla da inconſtancia das ondas. E deſcendo ao Porto de Jope (como he veroſimel, por naõ ter Judèa outro Porto no mar Mediterraneo) a lançou aos Mares; como quem entendia, que era Senhor do Imperio cryſtalino, quem lhe moderava ſeus movimentos fluctuantes: *Tu dominaris poteſtati maris; motum autem fluctuum ejus tu mitigas.* Em fim, como quem ſabia do mar os caminhos, as paragens, os Portos, os Bancos, os Cabos, e Promontorios, como diſſe David: *In mari via tua; & ſemitæ tuæ in aquis multis.* Começou a ſulcar aquella Sagrada Imagem eſſe liqui-

Pſalm. 76. ℣. penult.

liquido Elemento por todo o Mediterraneo de Levante a Poente: desembocou o Estreito de Gibraltar; engolfou-se no Occeano; buscou o caminho do Norte; e depois de vencer a altura, virou para Leste, e aportou na praya desta muitas vezes venturosa povoaçaõ de Matozinhos; verificando-se em navegaçaõ taõ milagrosa daquella Imagem, o que do seu Prototypo disse o Euangelista: *Abiit Jesus trans mare.*

Joan. ubi supra.

Naõ he averiguavel o anno, em que para illustrar, e enriquecer esta terra appareceo nella taõ precioso thezouro. Alguma opiniaõ, e para mim de grande credito, fazendo distincçaõ entre as Epocas de Christo, e de Cezar; pois pela era de Cezar se numeravaõ em Espanha os annos atè o tempo del-Rey D. Joaõ o I. que estabeleceo, se contassem pelo nascimento de Christo; se persuadè, que no anno de 90. de Epoca de Christo apparecera aquella Sacrosanta Imagem; e tendo de duraçaõ 1699. annos, vem a ter de residencia neste lugar 1609. Venero esta computaçaõ, que he para mim de grande authoridade; naõ menor pelos seus fundamentos, que

Antonius de Cerqueira Pinto. Academic. Regal. Academ. in suis annotat. manuscriptis.

 pelo

pelo ſeu Autor : porèm reſolvo-me a ſeguir o parecer de outro , que ſendo na profiſſaõ todo Serafico,he na intelligencia, como no nome todo Angelico ; o qual advertindo , que entrando neſte lugar de Matozinhos a Fè , e o bautiſmo , donde ſe diffundio para toda a Eſpanha, na Epoca de Chriſto de 46. por eſte , e outros fundamentos ſe perſuàde, que no anno de 50. fora daquella Imagem Sagrada o feliz apparecimento ; vindo a ter de permanencia neſte lugar 1683. annos , fazendo-ſe o calculo pela era de Chriſto. Porèm , ou o ſeu apparecimento foſſe na Epoca de Chriſto de 50. ou de 90. o certo he , que no arrojo dos mares , foy daquella Imagem a primeira maravilha ſeu prodigioſo apparecimento. A eſte ſe ſeguio a ſua Collocaçaõ na Igreja de Bouças ; aonde continuando os ſeus prodigios , naõ ſó moſtrou, que era Senhor dos mares , mas tambem da terra , e de todos os Elementos. Refleɛtî , o que diſſemos de Chriſto com Saõ Joaõ , e applicay o meſmo àquelle ſeu exemplar ; que naõ he juſto deſaſſoſegue a voſſa attençaõ , repetindo maravilhas , de

Fr. Raphael Ordin. Seraphic. in ſuis annotat.

que

que ſaõ teſtemunhas as voſſas experiencias. Faculte-me porèm a voſſa urbanidade, que faça memoria da reſurreiçaõ de hum morto; que he o meſmo, que a converſaõ de hum ſciſmatico; por ſer, naõ ſó a minha Patria, mas a minha Rua, o theatro deſta maravilha.

Pela rua nova na ultima Prociſſaõ, em que foy à Cidade do Porto, paſſava eſte Senhor Soberano; e pondo na ſagrada Imagem hum Olandez os olhos; como os Iſraelitas na myſtica Serpente do Dezerto; tal foy a luz que pelos olhos lhe entrou no coraçaõ; que arrojando o veneno, que lhe introduzira a Serpente de Luttero, deteſtou os erros daquella ſeita infeliz, e abraçou os documentos da Fè ortodoxa. Deixo de referir outras converſoens maravilhoſas, por dizer daquelle Senhor o que de Chriſto diſſe jà com o Euangeliſta: *Et multo plures crediderunt in eum.* Lembro tambem, que para multiplicar os ſeus prodigios, deſcobrio eſte Senhor no lugar, onde appareceo, entre infructiferas areas, hum Poço, e Fonte de milagres; a qual, como a de Samaria, ſe pòde chamar Po-

Joan. ubi ſupra.

ço, e Fonte do Salvador: *Quoniam hic est Salvator: Erat ibi fons: Puteus altus est.*

Agora vejo me preguntaõ os mais versados nas Historias: Que se aquella Imagem tem de residencia em Matozinhos 1683. annos, aonde estavaõ as suas veneraçoens, e cultos no anno de 412. em que entraraõ nesta Provincia os Suevos, Vandalos, Alanos, e Selingos, declarados inimigos das Imagens Sagradas? No anno de 585. em que Leovigildo Rey dos Godos conquistou toda a Espanha, sendo o Corifeo dos Arrianos? No anno de 633. em que Sezinando se acclamou primeiro Rey de toda a Espanha, lançando della os Romanos, que em toda a parte tinhaõ presidios, e Colonias? No anno de 713. em que extincta a Monarquia dos Godos, senhorearaõ esta Provincia os Arabes pelo seu Ulit, graõ Califa de Babilonia? Finalmente onde estava pelos annos de 982. e de 985. em que os Gascöens entrando pela Barra do Porto, inteyramente destruiraõ a Almançor Capitaõ Mouro dos Reys de Cordova; ficando esta Provincia livre do jugo Mauritano? A taõ bem fundada

vid. D. Roderic. da Cunha in suo Cathalogo.

fundada pregunta respondo com a Historia, e com o Euangelista. A Historia diz, que no anno de 410. mandara Arisberto Bispo do Porto, que em cavernas subterraneas escondessem aquella Santa Imagem, para a eximir de desacatos sacrilegos. E assim esteve todo aquelle tempo em Bouças entre brenhas occultas; para que se verificasse daquella Imagem, o que nos disse o Euangelista do seu Prototypo: *Non manifeste, sed in occulto: quia quærebant eum Judæi interficere.*

Joau. ubi supra.

Livre em fim com Espanha esta Provincia do tiranico infiel dominio, se collocou aquella Imagem veneranda no Templo, que em Bouças lhe edificou a Raynha Dona Thereza, donde depois se trasladou para este sumptuoso, e magnifico Templo. Continuou o Senhor de Matozinhos os seus portentos, sendo de todas as necessidades infallivel refugio; e por occasiaõ das mais publicas, e transcendentaes, repetidas vezes, ao menos foraõ cinco (segundo numèra do Senhor de Bouças o Historiador mais moderno, e mais culto: suspendo o Elogio digno do seu talento; por-

porque a ſua modeſtia, ſendo meu ouvinte, me embarga o ſer ſeu orador) cinco vezes digo foy à Cidade do Porto, que por ſer Cidade da Virgem, *Civitas Virginis*, là tem ſua analogia com a Cidade de Jeruſalem, pois he, como diſſe Richardo de S. Lourenço, Cidade de Jeruſalem a Virgem MARIA: *MARIA Jeruſalem Civitas.* Sendo a ultima para a livrar de huma quaſi epidemia maligna, em que pereciaõ ſeus moradores flagellados pela Divina Juſtiça. E como a todo o Mundo ſaõ manifeſtos effeitos taõ milagroſos; quem poderà numerar as Procisſoens continuas, que de todas as partes vem obſequiar o Senhor de Matozinhos, em deſempenho de ſeus votos ſagrados? Quem poderà fazer calculo dos quotidianos concurſos, que ou a honrar, ou a agradecer, buſcaõ aquelle Senhor com adorações reverentes? Mas aſſim havia de ſer, para que ſe viſſe na Imagem do Senhor de Matozinhos, o que jà diſſemos com S. Joaõ do Divino Original: *Sequebatur eum multitudo magna, quia videbant ſigna, quæ ſaciebat ſuper his, qui infirmabantur.*

Rich. à S. Laurent. de Laudib. B. Virg. lib. 11.

Joan. ubi ſupra.

E co-

E como taõ continuos beneficios eſtaõ ſempre, e ſempre movendo os animos para novos, e repetidos obſequios; com heroico zelo renovou a Irmandade do Senhor de Matozinhos com taõ primoroſa, e ſobredourada eſcultura no ſeu Templo a ſua mayor Capella; erigio hum novo Altar, para as victimas, e firmou hum Trono de ouro para as adoraçoes, ficando obra taõ magnifica inveja da mayor grandeza? Ou ſe naõ digamos, que hum Ceo aberto na terra; porque na terra he emula do Ceo a Igreja: *Regnum Cœlorum præſentis temporis Eccleſia dicitur*: diſſe jà S. Gregorio. E naõ ſó acabadas, mas perfeitas todas as obras: *Omnia conſummata: Omnia perfecta ſunt*: Conſummado em perfeiçaõ aquelle Trono Excelſo: *Conſummatum eſt ædificium grande præexcelſum*: que ſe havia de ſeguir? Senaõ hum proceſſional triunfo, em que á ſemelhança do Filho de Deos Imagem do Eterno Pay; entrar o Senhor de Matozinhos, Imagem do Filho de Deos no ſeu Templo, e exaltarſe no Ceo do ſeu Trono: *Vado ad eum: Dominus in Templo ſancto ſuo: Dominus in Cœlo*

Joan. ubi ſupra.

Joan. ubi ſupra.

Psal. ubi supra Laurent. ubi supra.

lo sedes ejus: Cælum dicitur ipsa Ecclesia. E ainda que o Texto nos insinue, que o Senhor vay para o mesmo Trono donde sahio: *Vado ad eum, qui misit me*: tanto mais glorioso lhe fica nesta exaltaçaõ o mesmo Trono, que já dissemos com S. Paulo, que nelle está de honra, e gloria coroado: *Videmus Jesum per passionem gloria, & honore coronatum.*

D. Paul. ubi supra.

Qual fosse a pompa magnifica, e concurso lustroso, com que aquelle Senhor entrou no seu Templo, e se exaltou no seu Trono; se a vossa admiraçaõ o advertio; a minha o naõ comprehendeo! O certo he, que para este processional triunfo veyo (como há pouco dissemos da Jerusalem Celeste) da Cidade do Porto, Jerusalem analogica, hum Coro, q̃ se póde chamer Angelico por Canonico; pois sendo o exercicio de Conegos cantar a Deos louvores; este he o officio dos Anjos: *Laudate eum omnes Angeli ejus: Laudate eum omnes virtutes ejus.* Vieraõ tambem da mesma Cidade Illustres Cidadões, condecorando com a sua assistencia a taõ festival progresso, como acclamando por novamente glorio-

Psalm. 148. a n. 2.

so

ſó o ſeu Deos Crucificado : *Iſte formoſus in ſtola ſua.* Chegaraõ de outra Jerarquia Eſquadrões de Militares , que bordando as ruas , davaõ por bocas de metal em mayores diſtancias do ſeu alvoroço as noticias , pelo que reſpondia o ecco : *Iſte eſt Rex Gloriæ : Dominus fortis , & potens , Dominus potens in prælio.* Finalmente que entre univerſais acclamações, e glorioſos vivas , como prediſſe David : *Aſcendit Deus in jubilo ; & Dominus in voce tubæ* ; como o Filho de Deos no Trono do ſeu Templo: *Dominus in Templo ſancto ſuo.· Dominus in Cælo ſedes ejus* ; entrou aquella Imagem no ſeu Templo; e ſe exaltou no ſeu Throno : *Vado ad eum , qui miſit me.· Illius gloriæ ſociatur in Throno .· Cælum dicitur ipſa Eccleſia.* E para que eſtas exaltações do Filho de Deos no Throno do Ceo , e do Senhor de Matozinhos no Ceo do ſeu Trono foſſem em tudo ſemelhantes ; hoje 4. de Mayo he o primeiro dia , em que veneramos collocado no ſeu Trono o Senhor de Matozinhos. E affirma Tirino , que em 4. de Mayo fora o dia , em que ſe exaltàra no ſeu ſolio o Senhor dos Ceos : 4. *die Maii aſcendit in Cælum.*

Pſalm. Supra cit.

Pſalm. Supra cit.

Vid. Pol. in 4. die Maii

Ago-

Agora do que tendes ouvido, inferi, ſe S. Joaõ fallou do Senhor de Matozinhos como Profeta, na meſma Hiſtoria Sagrada, que nos refere do ſeu Prototypo, como Euangeliſta, que eu, ſe me naõ engano, nem faltey à narraçaõ hiſtorica; nem á confrontaçaõ apologetica, conferindo com as circunſtancias da Solemnidade as clauzulas do Thema: *Sciens Jeſus, quia omnia conſummata ſunt &c.*

§. II.

HE o ſyſtema do ſegundo diſcurſo, a que chamey Panegyrico Demonſtrativo (porque o ſer Demonſtrativo, como ſabem os Rethoricos, he huma parte do genero de ſer Panegyrico) moſtrar, que os obſequioſos cultos, que neſta acçaõ conſagramos ao Filho de Deos na exaltaçaõ da ſua Imagem prodigioſa, ſaõ huns ſeguros reais para nos continuar beneficios multiplicados. Aſſim ſe paga do noſſo obſequio, ainda que limitado; porque eſte he da ſua Mageſtade o tymbre glorioſo.

Nebu-

Nebula implevit Domum Domini. Diz Samuel no terceiro livro dos Reys, que huma grande nevoa enchera a Caſa do Senhor, e que ainda que luzida, fora taõ denſa, que nem os Sacerdotes alli podiaõ aſſiſtir, nem adminiſtrar: *Et non poterant Sacerdotes ſtare, & miniſtrare propter nebulam.* E a que atè agora Samuel chama nevoa, já diz, que he a Gloria do Senhor, que enchera a ſua caſa: *Impleverat enim Gloria Domini Domum ſuam.* Donde admirado Salamaõ de taõ grande maravilha; vendo, que o Ceo lhe fazia, e ao ſeu Povo hum beneficio, que tranſcendia na grandeza as balizas a todo o merecimento, diſſera que naquella nevoa glorioſa eſtava o Senhor eſcondido: *Tunc ait Salomon: Dominus dixit, ut habitaret in nebula.* Agora pergunto aſſim: E donde veyo a Salamaõ, e ſeu Povo, dignarſe Deos de lhe fazer hum taõ alto beneficio, como foy fazer emprego de ſeus olhos corporaes hum ſinal ſenſivel da ſua Gloria ſoberana, e da ſua prezença divina. *Hic conſequenter oſtenditur ſignum Divinæ præſentiæ,* quãdo eſte he hum objecto, q̃ naõ ſe comprehende na esfera de mate-

riaes

3. *Reg.* C. 8. *n.* 10.

Ibi n. 11.

Ibi n. 11.

Ibi n. 12.

Lira in 3. *Reg. Cap.* 8.

riais ſentidos? Eu o digo, dem-me attençaõ.

Edificou Salamaõ hum Templo magnifico, e nelle erigio hum throno excelſo, em que havia de collocar a Arca do Teſtamento. E depois que vio conſummada na perfeyçaõ obra de taõ ſuperior grandeza: *Perfecit omne opus, quod faciebat Salomon in Domo Domini*: convocou da Cidade de Jeruſalem o Capitulo da Igreja de Iſrael: *Omnis enim Eccleſia Iſrael ſtabat.* Congregou da meſma Cidade os Senadores principaes, que como primeiros tinhaõ o governo dos Tribus: *Congregati ſunt omnes majores natu Iſrael cum principibus tribuum*: Chamou, como militares do Partido de todas as familias, as companhias a quem ſerviſſem de guia os ſeus Capitáes: *Et Duces familiarum filiorum Iſrael.* Diſpoz, que toda eſta multidaõ innumeravel acompanhaſſe a Arca em Prociſſaõ ſolemne: *Omnis autem multitudo Iſrael, quæ convenerat ad eum, gradiebatur cum illo ante Arcam.* E com eſta luſtroſa pompa foy de Siam, onde aſſiſtia: *De Civitate Sion*, levada por Sacerdotes a Arca do Teſtamento

3. Reg. Cap. 7. n. 51.

3. Reg. Cap. 8.

Ibi n. 1.

Ibi n. 1.

Ibi n. 5.

Ibi 6.

mento para o ſeu Templo, e exaltada no Sancta Sanctorum, que era o ſeu Trono, condecorando tanta Mageſtade dois Cherubins aos ſeus lados: *Et intulerunt Sacerdotes Arcam fœderis Domini in locum ſuum, in Oraculum Templi, in ſancta Sanctorum, ſubter alas Cherubim.*

Ibi 6.

Ibi 7.

Atéqui a letra do Texto, vamos agora á inergia do Myſterio. Que outra couſa era a Arca do Teſtamento, que hum exemplar, e Imagem de Chriſto Crucificado? Sim, porque dizendo S. Paulo, que dentro neſſa Arca hia a Vara de Aram, que era a meſma de Moyſés; e ſendo eſta Vara huma figura myſteriosa da Cruz de Chriſto, como com S. Joaõ Damaſceno, dizem muitos Padres: *Virga Moyſaica in Crucis figuram efformata.* E ſendo tambem a Arca huma myſtica repreſentaçaõ do meſmo Chriſto; como com a torrente dos Doutores, diz o Meſtre das Allegorias: *Arca poteſt & ipſum Chriſtum deſignare*, jà ſe deixa ver, que eſtando neſſa Arca Chriſto na ſua Cruz; que era exemplar, e Imagem de Chriſto Crucificado a Arca do Teſtamento. Agora conclua-

D.Paul.Cap. 9. ad Hebr.

Damaſc. lib. de fide orodox.

Lauret.Verb. Virg.

C mos

mos. E como Salamaõ depois de consummar a obra de hum Templo magnifico, e erigir hum Trono excelso; convocada toda a Nobreza Ecclesiastica, Secular, e Militar, com hum innumeravel concurso da multidaõ de Israel: *Convenit universus Israel*: conduz da Santa Siam em Procissaõ solemne para o seu Templo, e exalta no seu Trono o exemplar, e Imagem de Christo Crucificado, como lhe naõ haviaõ de chover do Ceo os beneficios, como diz o Texto: *Factum est autem, cum exissent Sacerdotes de Sanctuario, nebula implevit Domum Domini*? E para Deos mostrar o quanto lhe eraõ aceitos aquelles obsequios, como disse Lira: *Quod Domus ab eo ædificata erat Deo accepta*; lhe fez, e a todo o Povo taõ altos beneficios, como foy fazer emprego dos seus olhos huma representaçaõ da sua gloria: *Impleverat enim gloria Domini Domum Domini*, e de lhe mostrar hum final da sua Divina Presença: *Dominus dixit, ut habitaret in nebula: Hic consequenter ostenditur signum Divinæ præsentiæ.*

Ibi n. 2.

Ibi n. 10.

Lyr. hic.

Parece, que está provado o assumpto; e na applicaçaõ do lugar desempenharey

nharey de todo a Idèa. Se a Arca do Teſtamento he exemplar, e Imagem de Chriſto Crucificado; digo que do Senhor de Matozinhos foy o melhor exemplar, e Imagem a Arca do Teſtamento. E ſe naõ vede. A Arca do Teſtamento, diz Laureto, que era formada de materia incorruptivel: *Arca erat de lignis Sethim imputribilibus.* A materia, de que he formada a Imagem do Senhor de Matozinhos, jà ſabemos, que a incorrupçaõ a reſpeita, porque ha 1683. annos, que permanece. Da Vara, que vinha dentro neſſa Arca, myſtica figura de Chriſto, e da ſua Cruz, ſabemos o prodigio, de que do Porto do Egypto atraveſſara o Mar Vermelho atè outro Promontorio; ſem que os ſuſtos do perigo fizeſſem aballo em algum dos Iſraelitas. Daquella Sagrada Imagem na ſua Cruz diſſemos jâ, que do Porto de Jope na Judéa cruzara os mares até aportar em Matozinhos; e como ſe viera a pè enxuto, diz David, que naõ ficaraõ nas agoas de ſeus pès veſtigios: *In aquis multis veſtigia tua non cognoſcentur.* Da meſma Vâra, diz o Texto, que fizera a maravilha,

Lauret. Verb. Arca.

de que em hum Dezerto arido dèſcobrira huma fonte, deſentranhando agoa de huma pedra. E bem moſtrou, que a agoa era milagroſa, e de Chriſto a fonte; pois diz S. Paulo, que era Chriſto a pedra: *Petra autem erat Chriſtus.* No arido Dezerto de huma area infructifera abrio huma fonte prodigioſa aquelle Senhor Soberano; e para teſtemunha de que he milagroſa a ſua agoa, diz huma das ſuas inſcripções, que he do Senhor de Matozinhos a fonte: *Haurietis aquas in gaudio de fontibus Salvatoris.* Finalmente ſendo eſte myſtico exemplar de Chriſto Crucificado taõ prodigioſo, que ſuſpendia as agoas nas afluencias, que as dava nas eſterilidades; ſendo de todas as neceſſidades communas ſingular remedio; e ſendo tambem eſtes do Senhor de Matozinhos os effeitos portentoſos, verificados com as experiencias de tantos ſeculos, quem duvidarà, que do Senhor de Matozinhos foy expreſſa Imagem a Arca do Teſtamento? E ſe nas maravilhas ha taõ grande identidade, vede nas trasladações huma total ſemelhança.

Conſummadas na perfeiçaõ todas as obras

obras deſte Templo magnifico : *Omnia conſummata perfecta ſunt* : ou como diz o Texto em que diſcorremos : *Perfecit omnee opus ...in domo Domini.* Convocado para a aſſiſtencia o congreſſo de todos os Capitulares ; ou Corpo de todos os Eccleſiaſticos da Cathedral do Porto, Jeruſalem interpetrativa: *Omnis enim Eccleſia Iſrael ſtabat.* Juntos em Aſſemblea , ou formalidade Senatoria os Cidadões, que tem as primazias do governo politico ; *Congregati ſunt maiores natu Iſrael cum Principibus Tribuûm.* Chamados para o obſequio do preſidio do Porto os Militares, para que na diſciplina da milicia ſeguiſſem nos applauſos ſeus Capitães : *Et Duces familiarum filiorum Iſrael.* E diſpoſto , que todo eſte numeroſo concurſo com toda a multidaõ acompanhaſſe em Prociſſaõ ſolemne aquella Imagem prodigioſa : *Omnis autem multitudo Iſrael , quæ convenerat ad eum, gradiebatur cum illo ante arcam.* Com eſte feſtival apparato ſahio de Siam; *de Sion* ; iſto he do Altar de MARIA Santiſſima ; aonde antes de acabadas as obras aſſiſtia a Sagrada Imagem por ſer MARIA Santiſſima a Cidade de Sion, em que Chriſ-

S. Anſelm. in Poliant. Marian. Verb. Sion.

to habitára ? *MARIA Civitas Sion , in qua Chriſtus habitavit* , diſſe Santo Anſelmo : E por Sacerdotes foy levada para o ſeu Templo , e exaltada no Sancta Sanctorum do ſeu Throno ; onde vemos, como de guarda para o reſpeito, dois Cherubins aos ſeus lados : *Et intulerunt Sacerdotes Arcam in locum, in Oraculum Templi : in Sancta Sanctorum ſubter alas Cherubim.* E ſendo eſtes obſequioſos cultos , conſagrados neſta acçaõ àquelle Senhor em tudo ſemelhantes aos que com ſeu Povo dedicou Salamaõ a hum exemplar , e Imagem ſua ; como naõ eſtaremos ſeguros , de que nos ha de conceder beneficios multiplicados , aſſim como para Salamaõ , e ſeu Povo foraõ os beneficios copioſos : *Nebula implevit Domum Domini : Impleverat enim gloria Domini Domum Domini : hic conſequenter oſtenditur &c.*

Aſſim ſe paga aquelle Senhor do noſſo obſequio , ainda que limitado , por ſer eſte da ſua Mageſtade o timbre glorioſo. Lembra-me a mim , que fazendo Marcial huma lizonja , naõ ſey ſe à propria vaîdade , diſſe ao ſeu Poſthumo com exagerativo hiperbole , que era de eſpirito

taõ

taõ elevado, que para eſtar ſempre a remunerar o beneficio tinha na memoria o obſequio: *Quæ mihi præſtiteris, memini, ſemperque tenebo.* Mas deſpindo do profano eſte apothema, he ſó daquelle Senhor proprio o elogio; que poriſſo explicou por huma ſede o dezejo das noſſas adorações rendidas: *Sitio ſitiri*, para conferir com liberalidade dadivas multiplicadas: *Veſtram ſitio fidem, veſtram ſalutem, veſtrum gaudium.* Aſſim o viſtes em huma figura do Teſtamento velho; e aſſim o vereis agora eſtabelecido em o meſmo figurado no Teſtamento novo: porque moſtrarey, que os obſequios deſta acçaõ ſaõ àquelle Senhor igualmente gratos, que aceitos; e que naõ ſó os retribue com a affluencia de beneficios repetidos; mas paſſando do poſitivo ao ſuperlativo, o empenhaõ para lhe correſponder com dões, mais que copioſos, copioſiſſimos.

Martial. 5.

Em huma pratica, que Chriſto teve com ſeus Diſcipulos, diz S. Lucas, que levantando o Senhor as mãos lhes lançara a ſua bençaõ · *Elevatis manibus, benedixit eis.* Neſta bençaõ, diz Silveyra, que

Luc. Cap. 24.

lhes infundira o Senhor naõ ſó copioſos, mas copioſiſſimos dões: Vede o ſuperlativo: *Largiſſima Dona eis infundens.* Reparo aſſim. He certo; porque conſta do Sagrado Texto, que antes deſta occaſiaõ tinha Chriſto concedido aos Diſcipulos graças, merces, e beneficios copioſos: logo que occaſiaõ foy eſta, em que de muitos, e copioſos paſſaraõ a ſer copioſiſſimos os dões, que lhes communica? *Largiſſima Dona eis infundens?* Que occaſiaõ havia de ſer, Senhores, ſe naõ a em que Chriſto entrou no ſeu Templo, e ſe exaltou no ſeu Throno? Day-me attençaõ, e ouvi a S. Lucas.

Diz eſte Euangeliſta, que acompanhado o Senhor do Sagrado, Canonico, e Apoſtolico Collegio fora para Bethania: *Eduxit autem eos foras in Bethaniam: Diſcipuli Dominum comitabantur:* explicou Silveira; e acreſcenta, que naquella Prociſſaõ ſolemne hia hum numeroſo concurſo: *Multi alii congregati aderant*, no qual naõ faltariaõ, como Diſcipulos de Chriſto, os Senadores principaes da Cidade de Jeruſalem Nicodemos, e Jozè ab Arimathea: *Joſeph Judæorum Senator.* Nem o Centuriaõ, que

Calmet. verbo Joſeph.

que dos militares do partido da meſma Cidade, era o principal Cabo, e Capitaõ: *Centurio dux centum militum.* Tudo diz Calmet. Por Bethania ſe dirigio eſte luzido congreſſo: *Eduxit eos foras in Bethaniam.* E acompanhado eſtas demonſtrações obſequioſas, e adorações rendidas, como diz o Euangeliſta: *Et ipſi adorantes*, foy o Senhor levado para o ſeu Templo, e exaltado no ſeu Trono: *Factum eſt dum benediceret illis, receſſit ab eis, & ferebatur in Cœlum: Dominus in Templo Sancto ſuo: Dominus in Cœlo ſedes ejus.* E para Chriſto moſtrar, que neſta acçaõ lhe eraõ aceitos aquelles obſequios rendidos, e que lhe eraõ gratas aquellas adoraçoens reverentes; agora que entra no ſeu Templo, e ſe ſublima no ſeu Trono, lhes communica na ſua Cruz, iſto he na ſua bençaõ: *Crucis figuram repræſentavit*, diſſe Drexelio, naõ ſó beneficios copioſos, mas copioſiſſimos dões: *Elevatis manibus, benedixit eis: Et ferebatur in Cœlum: Largiſſima Dona eis infundens.*

Calm. verbo Centurio.

Drexel. 448 *Col.* 2.

Parece, que na ſua Hiſtoria Sagrada fez S. Lucas huma Cronologia deſta acçaõ feſti-

festiva! Naõ vistes hontem, que entre taõ Nobilissimo Congresso, e taõ grande multidaõ, *multi alii congregati aderant*, seguiaõ com os obsequios, e adorações àquelle Senhor: *Et ipsi adorantes*, hum Capitulo, que canonicamente se pode chamar Apostolico; pois dos Sagrados Apostolos foy a sua origem: *Canonici dicti sunt a Canone, sive regula ab Apostolis præscripta*? Hum Magistrado politico, e Tribuno Senatorio: *Joseph Senator*? Hum luzido, e militar esquadraõ: *Centurio dux centum militum*? E por onde o seguio taõ Illustre, como copioso concurso? Por Matozinhos: Melhor dissera por Bethania. *Eduxit eos foras in Bethaniam*; porque de Matozinhos he Bethania o melhor retrato, que achey em toda a Escritura. Permita-me a vossa curiosidade hum parentesis noticioso.

Beyerlin. verb. Canonic.

Bethania estava situada em hum lugar dezerto: *Est locus desertus*, e depois pelos milagres, com que Christo a ennobreceo; hum dos quaes foy a suscitaçaõ de Lazaro, se fez huma Villa celebre; assim o diz Quaresmio. Matozinhos foy hum lugar solitario; e depois que aquelle Senhor sobera-

ſoberano appareceo neſte Dezerto : *In terra deſerta, & invia, & inaquoſa, ſic in Sancto apparui tibi*, ſe fez pelos ſeus prodigios hum lugar nobre, e populoſo. Bethania diſtava da Cidade de Jeruſalem huma legoa, diz o meſmo Autor: *Ab Jeruſalem leuca eſt una*, e por huma legoa ſe conta a diſtancia de Matozinhos à Cidade do Porto. Por huma parte confrontava Bethania com o mar, e pela outra viſinhava com outra Bethania, ou Bethàbara, porque entre ambas mediava o Rio Jordaõ : *Bethebara, altera ab ea, ubi Laſarus fuerat mortuus, eſt locus trans Jordanem.* E o que mais he dizer o meſmo Quareſmio, que alli pelos Chriſtãos ſe erigira huma Ponte : *Fuit a Chriſtianis erectus Pons.* Digaõ agora os meus ouvintes o que vem os ſeus olhos? Que haõ de ver! Por hum lado confrontar Matozinhos com o mar Oceano; por outro lado correſponder a Leça da Palmeira, e por entre eſtes dous lugares famoſos correr o celebrado Rio Leça, ou Lettes, ſobre o qual eſtà edificada huma nobre Ponte : *Erectus eſt Pons.* Tambem em Matozinhos hà, como em Bethania houve, hum nobre

Pol. 1579.

Quar. apud Pol. 746. 747.

Pol. 1697.

nobre Caſtello: *Eſt Bethania nobile Caſtellum.* E o que ſobre tudo he, dizer o Sagrado Texto, que nas viſinhanças de Bethania fora o lugar, em que S. Joaõ Precurſor de Chriſto, convertendo, e bautizando introduzira o Chriſtianiſmo em Judèa: *Ubi erat Joannes baptizans, ſcilicet, in Bethania,* explicou o douto Minorita. Nas viſinhanças tambem deſta myſtica Bethania foy o lugar em que paſſando para Galiza o Corpo de San-Tiago, Precurſor do Senhor de Matozinhos, converteraõ, e bautizaraõ ſeus Diſcipulos com prodigio raro (que ſupponho ſabido) ao Regulo Cayo Carpo, morador em Bouças; o qual inſtruindo na Ley de Chriſto a ſua mulher Claudia Loba, foy o inſtrumento para a introducçaõ da Fé, naõ ſó neſte lugar de Matozinhos; mas tambem para a eſtabelecer em toda a Eſpanha, verificando-ſe o que cantara David: *Mota eſt terra a facie Dei Jacob.* Finalmente (para que nem eſta circunſtancia faltaſſe) havia em Bethania huma fonte; melhor diſſera hum Poço; porque o douto Quareſmio a intitula Ciſterna; junto àqual ſe via erigida

Joan 10.40

Polo 158.

huma

huma Pedra, que por elevada era hum Padraõ: *Cisternæ Marthæ proximus est Lapis .... non multum a reliqua rupe elevatus.* Porèm o douto Haye affirma, que este Padraõ era huma Cruz: *Fuit a Christianis erecta Crux.* Refere mais o citado Autor, com Beda, e S. Jeronymo, que alli se edificara huma Capella: *Sacellum olim circa ipsum extructum.* E naõ he isto o que vemos no Lugar de Matozinhos? Huma fonte, ou Poço milagroso, e junto a este de Pedra huma levantada Cruz, Padraõ, que se chama do Senhor, em memoria, de que na quelle lugar fora o apparecimento da sua Imagem Sacrosanta: *Statuere posteris æternum monumentum*, disse Cicero. Assim como aquelle Padraõ, e Cruz foy erigida em memoria, de que Christo estivera sentado naquella pedra; disse o mesmo Quaresmio: *Christus super eum sedit.* E para que esta Cruz Santa, e religioso monumento fosse pelos fieis com mayor decencia venerado, lhe edificou com primorosa Arquitectura a piedade Christãa, huma como Capella, ou Oratorio devoto: *Sacellum circa ipsum extructum.*

Quar. T. 2. P. 330. C. 8. & 9.

Hay. apud Pol. ubi supra Bed. & D. Hieron. apud Sylv. in Luc. Cap. 24.

Cicero apud Plut.

E com

E com tantas ſemelhanças bem poſſo dizer, que indo o Senhor por Matozinhos, paſſou por Bethania: *Eduxit eos foras in Bethaniam.* E ſe o dia de hontem por tres de Mayo foy o dia, diz Calixto Placentino, em que Chriſto paſſou de Tyro para o mar de Galilea: *Hic dies itineris Chriſti è finibus Tyri per Sidonem ad mare Galileæ:* tambem hontem tres de Mayo paſſou o Senhor por eſta myſtica Bethania a viſitar de Matozinhos os mares: os quaes, parece, que vivificados com a Divina Preſença, ſe queriaõ arrojar a terra em obſequio da Mageſtade; mas ſendo inſuperavel eſte impoſſivel; alcatifáraõ a branda area com eſpumada prata; e como que huma onda ſe lhe hia, e outra ſe lhe vinha, por naõ poder beijar os pès de quem os pizou com as plantas; e jà retirando-ſe á ſua procelloza morada, ſahiaõ de ſua voragem immenſa entumecidos, mas liquidos montes, que quebrando-ſe nos Rochedos, eraõ ſuas eſpumas nos olhos de Amphitrite correntes lagrymas, as quaes com fluctuante ſuſſurro explicavaõ a queixa de ver comprimidos os ſeus impulſos dentro em huma clau-

Calixt. Placent. apud. Pol.

clauſura, cujos limites naõ podia exceder ſeu chriſtalino Imperio. Da ſua Bethania, ou Matozinhos, paſſou o Senhor àlem do Rio Leça; que ſe atègora lhe fabularaõ, que era Rio do eſquecimento, eſte maravilhoſo tranſito o fará Rio da memoria, ou como o Jordaõ, Rio do Juizo: *Fluvius Judicii*: e ſe verificarà melhor: *Abiit Jeſus trans Jordanem.* Para paſſar a Arca do Teſtamento pelo Rio Jordaõ; ſeparandoſe as agoas lhe abriraõ caminho por maravilha. E por maravilha ſe erigio ſobre o Leça huma Ponte. *Erectus eſt Pons*, para paſſar aquelle Senhor, de quem foy Imagem a Arca do Teſtamento, e com tanta exaltaçaõ, e prazer de todo o ſeu luſtroſo ſequito, como prediſſe David: *In flumine pertranſibunt; ibi lætabimur in ipſo.* Por Leça da Palmeira fez circulo eſta Prociſſaõ ſolemne, e naõ ſem myſterio; notem. Sobre o noſſo Texto: *Eduxit eos in Bethaniam*, dizem muitos dos Sagrados Expoſitores, que Chriſto dirigira aquella comitiva por Bethania; porque naquelle Caſtello aſſiſtiaõ Lazaro, Marta, e Maria; e como eſtes habitadores eraõ o emprego do ſeu amor,

Joan. ub. ſupra.

Pſalm. 65.

amor, quiz, que com o ſeu obſequio foſ-
ſem teſtemunhas do ſeu triunfo. Agora di-
go aſſim. Para teſtemunharem a gloria da
ſua exaltaçaõ, quiz aquelle Senhor hon-
rar com o ſeu Tranſito, e preſença aquel-
la Bethania de Leça, como jà lhe chamey,
para moſtrar a ſeus devotos habitadores,
que em ſatisfaçaõ aos ſeus obſequios, ſe
por huma parte os tinha ao ſeu lado; por
outro eraõ do ſeu amor o emprego. Em
fim, que entre exaltações, rendimentos,
adorações, e applauſos foy aquelle Senhor
levado ao ſeu Templo: *Et ferebatur in Cœ-
lum. Dominus in Templo Sancto ſuo: Dominus
in Cœlo ſedes ejus. Cœlum dicitur ipſa Eccleſia.*
Sendo eſtas venerações áquelle Senhor taõ
gratas, que por obſequioſas levaõ os ſe-
guros de aceitas. E aſſim o empenhaõ,
naõ ſó para os correſponder poſitivamen-
te com beneficios repetidos; mas para os
premiar ſuperlativamente com copioſiſſi-
mos dõs, como diffuſamente vimos na
combinaçaõ do Texto. *Eduxit eos foras in
Bethaniam: Benedixit eis: largiſſima Dona eis
infundens.*

Sylv. Lyr. Alap.

A mais dilatados periodos ſe devera
exten-

extender eſta demonſtraçaõ panegyrica; porêm vou excedendo a hora, e naõ devo cançar a voſſa attençaõ urbana. Concluo, que ſe a ſede eſpiritual de Chriſto foy hum dezejo ardente dos noſſos cultos; *Sitit ſitiri Deus: ut inſatiabiliter eum amemus, & optemus*; para nos repitir beneficios multiplicados: *Veſtram ſitio fidem, veſtram ſalutem, veſtrum gaudium*: quem naõ dirà, que o Senhor de Matozinhos eſtá empenhado para nos fazer beneficios, mais que copioſos, copioſiſſimos; porque daquella ſede allegorica, que diſſemos, eſtà ſaciado com os prezentes obſequios; pois completas, e perfeitas as ſuas obras; conſummado em perfeiçaõ o ſeu Throno; dedicado ao ſeu culto hum ſolemne Triduo, entrou em mageſtoſo triunfo no ſeu Templo, e ſe exaltou no ſeu Trono. *Sciens Jeſus &c.*

Acabey o Sermaõ, cujo Syſtema dividî em dous diſcurſos: Hiſtorico Apologetico hum: Panegyrico Demonſtrativo outro. E ſe neſtas emprezas naõ ſatisfiz inteyramente ao empenho do primeiro dia; bem pòdem nos mais dias eſperar os meus ou-

vintes mayores dezempenhos. Em hum orador; porque lhe he innata a ſubtileza; em outro; porque lhe he natural a Eloquencia; porém a mim naõ me farà admiraçaõ o exceſſo; porque ſey, que o ſegundo pelo eſpirito he na profiſſaõ Serafico; e o terceiro pela facundia no engenho Aquilino; e que pondo a coroa ao Triduo, darà por conſummado o Triunfo.

Soberano Senhor, Sacra, e Milagroſa Imagem da verdadeira Imagem do Filho de Deos. Duas couſas me occorrem; huma, que expoz David; e outra, que fez Salamaõ. Depois que Salamaõ trasladou para o Templo, e ſublimou no ſancta Sanctorum huma Imagem voſſa (porque foy figura voſſa a Arca do Teſtamento) levantou ao Ceo as mãos; proſtrou-ſe diante do voſſo Altar, na preſença da principal Igreja de Iſrael, e de todo aquelle innumeravel concurſo: *Stetit autem Salomon ante altare Domini in conſpectu Eccleſiæ Iſrael expanſis manibus.* Day-me agora licença, Senhor para que com humilde rendimento proſtrado a voſſos Santiſſimos Pès; diante do voſſo Altar, na preſença do Eccleſiaſtico congreſſo

3. Reg. c. 8. 22.

gresso da principal Igreja Portuense, e de todo este nobilissimo concurso, diga, e peça; o que pedia, e dizia Salamaõ. Direy, Senhor, que saõ tantas as vossas maravilhas, que me persuado naõ haver em todo o Mundo Imagem semelhante à Vossa, pela qual Deos obra tantos prodigios; que he o que de Deos dizia Salamaõ: *Dominus Deus Israel non est similis tui Deus in Cœlo desuper, & super terram deorsum, qui custodit pactum, & misericordiam servis suis.* Pedirey, Senhor, como Salamaõ, que attendais às nossas preces, e ouçais as nossas orações, e que para as piedades tenhaes, naõ só hum, mas ambos os olhos abertos: *Respice ad orationem servi tui, & ad preces ejus; ut sint oculi tui aperti.* Que fecundeis as terras: purifiqueis os ares: frutifiqueis as plantas: concedais as agoas: enclaustreis os diluvios: modereis os mares: anihileis os contagios: desterreis as enfermidades; feliciteis as armas; e prospereis o Reyno, para que em todo o Orbe seja conhecida a grandeza do vosso Nome: *Audiatur enim nomen tuum magnum.* Para que se veja, que he taõ poderosa a vossa

Ibi ver. 23.

Ibi n.28.29.

Ibi 43. n.

ſa maõ ; e taõ esforçado o voſſo braço ; que ſe em algum tempo hum dos voſſos ſe lamentou deſperdicio da ondas ; pode hum prodigio fazer , com que reſtituiſſem eſta reliquia os mares , para que em milagres ſe conheceſſe o poder daquella máo, e a valentia daquelle braço : *Manus tua fortis ; & brachium tuum extentum ubique.* Aſſim, Senhor propiciai ao voſſo povo , *Propitiaberis populo tuo* ; pois he eſte voſſo Povo a voſſa herdade : *Populus enim tuus eſt , & hæreditas tua.* Atè aqui com Salamaõ as minhas preces ; e parece , que David em profecia nos ſegura novas , e mayores dadivas ; porque fallando comvoſco (e diſſera eu , que com os olhos neſta acçaõ) dizia : quando vòs Senhor com grande pompa ſahires à viſta do voſſo Povo , dirigindo o caminho por hum lugar deſerto : *Deus cum egredereris in conſpectu populi tui , & prætranſires in deſerto* : *Incedere cum pompa* , explicou Lorino ; entaõ ſerà tal o concurſo , que á voſſa viſta ſe abalarà toda a terra. *Terra mota eſt a facie Dei* ; e entre o voſſo amado Clero : *Inter medios Cleros* ; acompanhado de hum Magiſtrado politico:

Pſalm. 67. n. 8.

Ibi n. 9.

litico: *Ibi Principes Juda*: e de hum luzido militar Esquadraõ: *Duces eorum*; veraõ todos a vossa entrada magestosa no vosso Templo magnifico: *Viderunt ingressus tuos, Deus; ingressus Dei mei, qui est in Sancto*; e a vossa exaltaçaõ a hum Trono excelso: *Ascendisti in altum: in sublimitatem* (disse Tertuliano) E posto, que jà dantes depositàra em vossas mãos o Eterno Pay todos os seus dõs: *Omnia dedit ei Pater in manus*: com tudo agora diz David, que exaltado no vosso solio: *In sublimitatem*, recebieis para communicar aos homens novas dadivas: *Accepisti dona: mittenda hominibus* (diz outra letra) cujas dadivas, e dõs saõ os do Espirito Santo, segundo nos dizem os vossos Interpretes. E se tudo o que David nos refere neste Texto, parece huma profecia da presente acçaõ, bem podemos estar seguros, de que exaltado no vosso Trono excelso nos concedais, naõ só temporaes venturas em bens multiplicados; e beneficios sobre copiosos copiosissimos; mas tambem espirituaes felicidades nos influxos da graça, e dõs do Espirito Santo: *Gratia spiritualis, & ipse Spiritus Sanctus*. Tu-

do para todos vos exoro; e muito eſpecialmente para os que com incançavel zelo ſe empregaõ nos voſſos cultos. E permitta-me a voſſa ſoberanîa immenſa, que com humiliaçaõ rendida ponha aos voſſos pés ſacroſantos eſtes meus amados irmãos, e filhos voſſos; que talvez por lhe premiares a veneraçaõ, com que vos reſpeitaõ, e o reſpeito, com que vos adoraõ, os quizeſtes intereſſar nos voſſos obſequios; que he tal a voſſa benignidade, que reputais merecimentos os meſmos que vos ſaõ devidos cultos para os correſponder com beneficios grandes. E eu entre todos o minimo (que ha menos de quarenta dias, para a ſaude temporal achou a minha devoçaõ em vòs recurſo) vos peço a eſpiritual da alma, que ſem duvida por mais enferma, mais carece de voſſos auxilios; para que entre os mais obrigados á voſſa Divina Benificencia publique, e cante na voſſa Igreja, como manda David no meſmo Pſalmo, a Mageſtade do voſſo Triunfo, e a glorioſa exaltaçaõ no voſſo Trono: *In Eccleſiis benedicite Deo: Cantate Deo, Pſallite Deo,*

Ibi 27. 33.

qui

qui aſcendit ſuper Cœlum : Cœlum dicitur ipſa Eccleſia. Ad quam &c.

FINIS LAUS DEO

VIRGINIQUE MATRI SANCTISSIMÆ MARIÆ; ejus que Sponſo Sacratiſſimo Joſeph ; ac meis Advocatis , Franciſco Seraphico ; Petro de Alcantera , & Magnæ Getrudini.

SERMAM
DA PRODIGIOSA, E ADMI-ravel Imagem
DO SANTO
CHRISTO
DE MATOZINHOS,

QUE EM CINCO DO MEZ DE MAYO, DIA SEgundo do decantado Triduo, que na mesma Igreja de Matozinhos, celebraraõ os Religiosos Recoletos do Convento da Conceyçaõ, em acçaõ de Graças pela Collocaçaõ, que da mesma Sagrada Imagem fizeraõ os Irmãos da sua Confraria, trasladando-a para hum Magnifico Tabernaculo anno de 1733.

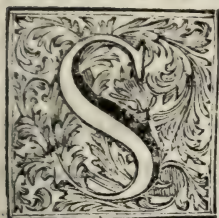
PREGOU

O P. FREY JOAM
DE DEOS MONTE ALVERNE

Religioso do mesmo Convento da Provincia de Portugal.

DADO A' ESTAMPA

PELOS IRMAOS DA MESMA Confraria.

Omnia consummata sunt. Joan. 19. vers. 28.

SE houve já quem discretamente filosofando inferisse de huns assombros outros assombros, naõ faltou tambem quem com discreta Filosofia inferisse o silencio por consequencia das admirações. Entrou em pensamentos aquelle famoso Principe da Historia Romana, *Salustio.* descrever com a penna da lingoa a celebrada Cidade de Carthago, emula de Roma, e maravilha do Mundo, e advertindo na sua grandeza, considerando a empreza transcendente á sua idéa, veyo descobrir nas clausulas do mais discreto silencio, as mais cabaes expressões da sua melhor explicaçaõ. *De Carthagine melius tacêre*. Dando a entender Salustio com estas dis-

cretas

cretas palavras, que ſó o ſilencio era o melhor, e mais digno panegyriſta das materias, que para os diſcurſos eraõ todas aſſombros, e admirações. *De Carthagine melius tacere.*

Mas para que he hir buſcar o diſcurſo taõ longe, e taõ antigo o credito deſta verdade, ſe taõ proximo á noſſa lembrança ſó com a interpolaçaõ de hum dia, a vimos hontem neſte lugar abonada, pela relevancia do aſſumpto, elegancia das noticias, e elevaçaõ do eſtylo de taõ douto, e inſigne Orador, que com aſſombro das attenções de taõ illuſtre, e nobiliſſimo Auditorio, deo principio com admiraçaõ univerſal aos encomios decantados deſte ſolemniſſimo Triduo; pois era bem que empreza taõ ſoberana tiveſſe em primeiro lugar hum Orador ao meſmo tempo extatico, e eloquente: extatico, para com inflamado eſpirito penetrar do objecto a eminencia; e eloquente, para com elevado eſtylo ſuſpender das potencias as operações. Aſſim o confeſſaraõ hontem com reverentes, e merecidos applauſos os diſcurſos mais elevados; e naõ menos

Prègoũ no primeiro dia do Triduo, o R. D. Manoel dos Reys Bernardes Conego da Sè do Porto, e Magiſtral de Eſcrittura da meſma Sè.

menos o publicaraõ univerſalmente concordes ainda as mais imperitas intelligencias. *Mirati ſunt univerſi.* A' viſta pois deſtas antecedencias de aſſombros, e admirações, que veneraraõ noſſas attenções no Orador primeiro, quem duvida que por forçoſa conſequencia ſe ſeguia agora o ſilencio por ſatisfaçaõ mais digna do Prègador deſte dia? Quando he certo que para dezempenhar aſſumptos que tranſcendem a esfera do proprio engenho, naõ baſtaõ do coraçaõ os alentos, quando muito mais ſobra a penuria do diſcurſo; que poriſſo eſcrevia hum diſcreto enſinando, que nunca as emprezas deviaõ vencer a baliza dos talentos para calificaçaõ do dezempenho: *Sumite materiam veſtris qui ſcribitis æquam; viribus &c.* Mas ſe contra mim meſmo corre o argumento propoſto a concluir por temerario meu impulſo, alente-ſe com tudo do animo a cobardia, anime-ſe do eſpirito apuſillanidade; porque tambem aos Menores revela o Ceo couſas grandes; e ſe eſtas em algum ſentido ſaõ materia para o ſilencio: *Melius eſt tacere*; ſaõ tambem em outra opiniaõ

Luc. 1.

Horatius i Arte Poetica.

niaõ aſſumpto para naõ callar. *Inde oritur difficultas fandi, unde adeſt ratio non tacendi.*

D. Leo. Pap. Serm. 6. de Nativit. Domin.

As reliquias que ficaraõ da meſa do dia de ontem, quero que ſejaõ hoje voſſo ſuſtento, dizia S. Joaõ Chriſoſtomo fallando com prodigioſa methafora em hum Sermaõ a ſeus ouvintes. *Reliquias heſternæ menſæ hodie vobis reddere volo*, e as reliquias que ſobraraõ da copioſa enchente dos penſamentos do Prègador do dia paſſado, digo eu hoje ao meu Auditorio, que ſerà a materia de ſuas attenções; pois naõ parece ſerá novidade eſtranha continuar-ſe hum feſtivo culto com as reliquias de penſamentos. *Reliquiæ cogitationum diem feſtum agent tibi.* Mas dirigindo já o diſcurſo à contemplaçaõ do preſente objecto; e entrando jâ o penſamento a examinar com attenta reflexaõ ſuas prodigioſas circunſtancias, e qualidades miſterioſas, pareceo-me que jà lá nos primitivos ſeculos, tinhaõ ſido vaticinadas por huns dos Profetas menores. *Dominus in Templo Sancto ſuo, ſileat à facie ejus omnis terra: Sileat omnis caro à facie Domini, quia conſurrexit*

D. Chriſ. in Pſalm. 50. homil. 2.

Pſal. 75. 11.

Habac. cap. 2. ℣. 20. Zach. cap. 2. ℣. 13.

ſurrexit de habitaculo ſancto ſuo. Quando jà (querem dizer eſtes dous Profetas) quando jà o Senhor ſe adora em ſeu magnifico, e mageſtoſo trono, depois de ſe levantar, e trasladar de hum humilde habitaculo, ſejaõ as reverencias de ſeu culto, o mais profundo ſilencio de toda a terra, e a mais reverente admiraçaõ de todos os homens, porque aſſim o dicta a Soberana Mageſtade de ſeu Divino Roſtro. *Sileat omnis terra, ut revereatur*; explicaraõ os Setenta. Paõ de muitos roſtros ſe intitulava o meſmo Senhor, nas antiguas figuras do Teſtamento Velho: *Panis facierum*: e neſte feſtivo culto o eſtamos vendo, e adorando a duplicadas faces naquelle maravilhoſo trono collocado, naquella tremenda Imagem desfigurado, e ao vivo retratado; desfigurado pelos tormentos da Cruz, em que padeceo pelo noſſo remedio: *Vidimus eum, & non erat aſpectus*: e ao vivo retratado naquella Thaumaturga Imagem; como conſta da mais certa, e commua tradiçaõ: pois quando Chriſto com eſtas circunſtancias ſe traslada de hum habitaculo humilde, para ſe collocar, e adorar

Apud Alap. ſup. Cap. 2. ℣. 20. in Habac.

Iſai. cap. 53. ℣. 2.

adorar em ſeu mageſtoſo tabernaculo, ſejaõ nos homens os ſilencios reſpeito, e tributo digno a tanta mageſtade: ſejaõ as eloquencias humanas eſtatuas mudas de admiraçaõ; e fallem ſó as perfeições primoroſas daquelle magnifico trono, e ſumptuoſo tabernaculo; porque quando o objecto, por ſoberano, naõ cabe nos limites da explicaçaõ, ſó o que mais extatico o admira, eſſe he o que conſagra à ſua grandeza mayor culto, e veneraçaõ. Com propugnaculos, diz a Eſcritura ſagrada, que fizera David a torre de hum Templo, que a Deos conſagrara, para o Culto de ſeus Divinos louvores. *Quæ ædificata eſt cum propugnaculis.* E dizendo Octaviano Tufo, e Gislerio, que as pedras eſtavaõ taõ primoroſamente lavradas, que veſtiaõ as apparencias, e ſemelhanças de bocas. *Lapides turris exciſos fuiſſe ad oris ſimilitudinem*, declara o motivo Rabbi Abraham, dizendo que fora, para ſuſpender as eloquencias de todos, quantos viſſem a obra. *Ædificata eſt ad ſuspendenda ora.* De ſorte que queria David que a fabrica do Templo foſſe maravilhoſa, e ſingular em todo o Mundo

Cantica cantic.4 ℣. 4.

Tuf. & Giſler. in Eccle. 1.

Mundo; e como a torre era o indice, q́ moſtrava do Templo a grandeza, poriſſo myſteriosamẽte organizou as pedras à maneira de bocas, para q́ quãtos nas perfeições da obra contẽplaſſem ſeus myſterios, ficaſſem como extaticos por admiraçaõ: *Lapides &c.*

Naõ ſey Senhores na verdade ſe fallo das perfeições da torre do Templo de David, ou ſe pondêro as primoroſas maravilhas daquelle ſumptuoſo Tabernaculo deſte Templo? Mas com pouca declinaçaõ do diſcurſo, perſuado-me, que melhor ſe verifica neſte Templo, o que là ſe repreſentava no Templo de David; porque ſe nelle dizem as Eſcritturas, que o Senhor ſe adorava em huma pèdra ſafira collocado: *Viderunt Deum Iſrael, & ſub pedibus ejus quaſi opus lapidis ſaphirini*, e na pedra ſafira, diz o douto Ribeira, que ſe repreſenta a ſoberana Imagem de Chriſto: *In ſaphiro ille ſignificatur, qui portat imaginem Cœleſtis, id eſt, Chriſti*: que outra couſa vem os noſſos olhos, e veneraõ as noſſas attenções naquelle tabernaculo deſte Templo, ſenaõ aquella Imagem ſoberana de Chriſto, retrato verdadeiro de ſeu Proto-

Exod. 24. ỳ. 10.

Rib. in cap. 21. *Apoc.*

typo, e bem debuxada copia de ſeu Original: *Imaginem Cæleſtis, id eſt, Chriſti?* Tanta ſemelhança, ſe bem com exceſſo, fuy deſcobrir entre as circunſtancias deſte Témplo, e o de David, que me pareceo, ou o de David ſe trasladàra para eſte, ou que a viſaõ, que no Templo de David tivera o Profeta Iſaîas, fora huma clara profecia da verdade, que eſtamos vendo neſte Témplo. Porque ſe o zelo de Salamaõ, filho de David, reedificou, e fez de novo no meſmo Templo hum maravilhoſo Santuario, ou Tabernaculo mageſtoſo, de taõ primoroſa Arquitectura, que ſervindo de remora dos ſentidos as perfeiçoens da obra, parecia, que as realidades da madeira ſe equivocavaõ com as ſubſtancias do ouro: *Sanctuarium facies, id eſt, tabernaculum quod eſt propria domus facta de tabulis .... de auro hæc facta ſunt*; commentou o Abulenſe: o meſmo admiramos naquelle maravilhoſo Tabernaculo, ou mais propriamente fallando, naquelle rico, e precioſo monte de ouro, que fabricado de novo a expenſas da devoçaõ, diligenciou o mais heroyco, e ardente zelo. Se no lugar

Exod.cap.25

Abul. hic

lugar mais nobre do Templo de David, vio Isaías o Filho de Deos assistido de Angelicos Espiritos, e nas apparencias humano, pendente dos braços de huma Cruz: *Vidi Dominum sedentem, id est, filium Dei in figura humana.... pendentem de Cruce:* commentou Hugo Cardeal, seguindo a S. Bernardo: o mesmo estamos vendo realmente no lugar mais illustre deste Templo, em que adoramos aquella Soberana Imagem do Filho de Deos, collocada no alto daquelle Tabernaculo, assistida de Angelicos Espiritos, e pendente dos braços daquella Cruz. Se o Trono que vio Isaías cercado de Espiritos Angelicos, e com a presença do Filho de Deos Crucificado, fazia equivocar o Templo em hum Ceo glorioso: *Seraphin stabant super illud, & ea quæ sub ipso erant, replebant Templum ..... Gloria ejus*, com a soberana presença daquella Divina Imagem do Filho de Deos naquelle Trono collocado, e de Espiritos Angelicos assistido, tudo quanto vemos neste Templo saõ vozes que lhe cantaõ mudamente louvores divinos, e glorias celestiaes: *Et in Templo ejus omnes dicent gloriam.*

Isai. Cap. 6. ℣. 1.
Hug. & D. Bern. hic.

Está o Tabernaculo do Senhor de Mathozinhos cercado todo de Anjos de admiravel architectura.

Psalm. 28.

Di-

Ditoſo aquelle povo que em glorioſos jubilos de devoçam aſſiſte neſtes dias a eſtes cultos neſte Templo! *Beatus populus qui ſcit jubilationem!* Pois neſtes dias logra jà executados aquelles deſejos fervoroſos, em que antigamente ſe abrazava o coraçaõ de David, talvez vendo com os olhos da profecia, os cultos maravilhoſos deſta ſolemnidade, que celebramos. Porque ſe David deſejava ver patentes as portas da graça, e gloria, para que dentro do Templo do Senhor, ſolemnizaſſe tanta dita com devotos, e cordeaes louvores. *Aperite mihi portas juſtitiæ, ingreſſus in eas confitebor Domino, ideſt, laudabo Deum*: commentou o meu Lyra: eſta venturoſa felicidade logra hoje eſte Povo, e todos aquelles, que neſtes dias aſſiſtem a eſtes cultos neſte Templo, adorando aquelle ſoberano Senhor como porta da graça, e gloria, q́ perennemente neſtes dias nos diſpende. *Gratiam, & gloriam dabit Dominus; hæc porta Domini: Portæ iſtæ ad unam ſcilicet Chriſtum referuntur*; commentou o Cardeal Hugo. Mas ſe David naõ vio logrados nos ſeus dias os ſeus dezejos, deixou com tudo enſinado

Pſal. 88.

Pſal. 117. Lyr. hic

Pſal. 83. Hugo in Pſ. 117.

nado aos Povos venturosos de tanta dita, as qualidades, e circunstancias, com que havia de ser solemnisada taõ festiva Solemnidade. *Dicat nunc Israel, dicat nunc domus Aaron, dicant nunc qui timent Dominum, quoniam in seculum misericordia ejus.* Nas quaes palavras diz o doutissimo Incognito seguindo o meu Lyra, que quizera David convidar para tanta solemnidade os Anjos entendidos pela casa de Israel: *Invitat Angelos*; os Ecclesiasticos entendidos pela casa de Aaraõ: *Invitat ad Clericos*: os Religiosos, e Seculares entendidos pelos que servem, e temem a Deos: *Religiose viventes, Seculares, & laicos.* E individuando o mesmo David as obrigações, e ministerios dos que assistissem a tantos cultos, acrescenta o mesmo Incognito, que os Anjos haviaõ de solemnizar com suaves musicas: *In voce exultationis*: os Ecclesiasticos, e Religiosos, com predicativos elogios; *Prædicando*; e os Seculares, e leigos com reverentes assistencias, e devotos louvores: *Laudantes Deum.* Agora voltemos o discurso ao nosso intento, e ponhamos os olhos nestes cultos, e neste Templo. E que outra

Psalm. 117.

Incog. & Lyr. hic.

Solemnizaraõ este Triduo o R. Cabido da Sè do Porto com a Musica da sua Capela: Os Religiosos da Cõceyçaõ de Matozinhos, e o Clero, e moradores do mesmo lugar de Matozinhos.

tra couſa vemos, e admiramos nelle ſenaõ abertas as portas da graça, e gloria daquelle Senhor, a quem acordes conſonancias de Angelicas muſicas, plauſiveis oratorias de encomiaſticos panegyricos, e devoto concurſo de reverentes attenções, eſtaõ fazendo eſte Templo hum Ceo na terra? Tudo com circunſtancias expreſſas, e manifeſtas qualidades, que David deixou advertidas, e ao meo parecer, para eſta ſolemnidade vaticinadas: *Dicat nunc Iſrael &c. invitat Angelos &c.* Todas eſtas circunſtancias, e qualidades, eſtaõ ſolemniſando o objecto, que temos hoje à noſſa veneraçaõ da prodigioſa Invençaõ, da Traſladaçaõ triunfante, e mageſtoſa Collocaçaõ daquella ſoberana Imagem do Senhor de Matozinhos; obra que mais conforme com ſeu original, retratou ao vivo a idéa de Nicodemus, para que nella collocaſſe a Clemencia Divina o Trono, e miſericordioſo Oraculo de ſuas piedades em ordem ao remedio do Mundo; e deſtas meſmas circunſtancias deduzo eu a mais conveniente accomodaçaõ das palavras do meu Thema: *Omnia conſummata ſunt.*

Joan. ſup.

Que

Que nas prayas do mar, que circula esta terra, fosse achada miraculosamente aquella Sagrada Imagem, he certa, e antigua tradiçaõ trasladada com luzidos applausos daquelle Altar, a donde estava, para aquelle maravilhoso Tabernaculo, donde agora se adora collocada, vimos como Domingo passado se cantaraõ solemnemente seus Triunfos nesta terra, e nesse Templo; para serem por todos os seculos decantados em todas as idades. Suspiravaõ até aqui os corações devotos por esta gloriosa dita; e cada hum ancioso de ver satisfeitos seus cuidados, diante daquella divina Imagem respirava em repetidas vozes da devoçaõ: *Surge Domine in requiem tuam, tu, & arca Sanctificationis tuæ.* Correraõ os tempos, e continuavaõ-se os dezejos; até que chegaraõ estes dias em que celebrados estes decantados cultos, com vozes de alegria, e cordeal affecto a todos està dizendo a devoçaõ: *Omnia consummata sunt: completa, & perfecta.* Jà estaõ satisfeitas as vossas ancias, ò povo de Matozinhos, jà estaõ completos vossos dezejos, ò devotos daquella Soberana Imagem;

Psalm. 131.

Sylv. in Joann. hic.

porque jà eſtaõ conſummadas, perfeitas, e acabadas as obras, que pedia o culto de taõ divino Simulacro: *Omnia conſummata ſunt.* Bem he verdade que eſtas palavras eſcreveo o Euangeliſta S. Joaõ fallando de Chriſto no Monte Calvario, amphiteatro de ſuas penas: porém hoje, e neſtes dias as eſtá dizendo a devoçaõ daquella Soberana Imagem do meſmo Chriſto jà collocado naquelle monte de ouro, teatro de ſuas glorioſas exaltações. Là no Monte Calvario fallou o Euangeliſta das obras da noſſa redempçaõ conſummadas pelo Amor Divino: porèm hoje, e neſtes tres dias, falla a devoçaõ das obras daquelle mageſtoſo Tabernaculo acabadas pelo zelo mais heroico. E ſe là buſcou Chriſto com grande myſterio o Monte Calvario, para que elevado no Trono da ſua Cruz atrahiſſe a ſi o Mundo todo: *Cum exaltatus fuero, omnia traham ad me ipſum*: para atrahir a ſi os homens todos com altiſſima providencia ſua, elegèo o meſmo Senhor naquella ſua Imagem Sacroſanta eſte maravilhoſo Templo, em que collocado naquelle Tabernaculo maravilhoſo, e exaltado naquelle luzido

Joan. 12.

zido monte de ouro, como ſeu deſcanço glorioſo, e habitaçaõ perpetua cõmunicaſſe a todos ſeus devotos os beneficios da ſua piedoſa bençaõ: aſſim parece que o eſtà dizendo do alto daquelle Trono, neſſtas palavras de David. *Hæc requies mea in ſeculum ſeculi, hic habitabo quoniam elegi eam.* Ouçaõ agora a Rainerio commentando eſtas palavras muito a eſte intento: *Hæc Eccleſia eſt requies mea in perpetuum, hic habitabo in benedictionibus meis, quoniam elegi eam ex pura gratia mea.* Sendo pois às circunſtancias eſſenciaes, que concorrem nos cultos deſta ſolemnidade, a Invençaõ, Trasladaçaõ, e Collocaçaõ daquella Soberana Imagem do Senhor de Matozinhos, ſatisfazendo a minoridade de meu talento a todas, e aproveitando-me das reliquias, que para colher a Ruth de minha ignorancia deixou o doutiſſimo Orador primeiro, moſtrarey o Sermaõ deſte ſegundo dia do Triduo decifrado em dous pontos. Serà o argumento do primeiro as conveniencias felices, e glorioſos luſtres, que vieraõ a eſta terra de Matozinhos, com a Invençaõ daquella Thaumaturga Imagem. Serà o argumen-

Rainer. in Pſ. 131.

gumento do ſegundo, os triunfos ſingulares da ſua Trasladaçaõ, e reſultancias venturoſas que aſſegura a todos ſeus devotos aquella ſoberana Imagem collocada naquelle novo, e magnifico trono, acabadas as obras, que pedia o culto, e veneraçaõ de taõ divino ſimulacro: *Omnia conſummata ſunt &c.* Eſte o aſſumpto do Sermaõ, individuado em dois pontos: para que me naõ falte o acerto que dezejo, neceſſito dos auxilios da divina graça por interceſſaõ de MARIA Santiſſima; ajudem-me a implorallos com as palavras do Anjo.

Ave MARIA.

Omnia conſummata ſunt. Loc. ſup. cit.

DItoſo mil vezes te conſidero, ò lugar de Matozinhos? Terra bendita, em que foy achado, e deſcuberto o mais precioſo teſouro das riquezas do Ceo? Venturoſos infinitas vezes teus habitadores, povo eſcolhido, para gozar a poſſe da mais divina perola do Reyno da Gloria, que trazida a influxos divinos pelos dilata-

dilatados, e tumultuosos mares Orientaes, atè tuas Occidentaes prayas, os enriquecco com a mais singular dita, que achou a sua felicidade na Invençaõ miraculosa daquella Soberana Imagem de Christo filho de Deos, que he o tesouro precioso das riquezas do Ceo, como lhe chamou S. Paulo: *In quo sunt omnes thezauri*; e a perola mais excellente da Gloria, como allegorisou Lauteto: *Christus est pretiosissima Margarita.* Com gratificaçaõ condigna a tanta felicidade, celebra annualmente este povo, e nestes dias com especial culto solemnisa o mais ardente zelo a Invençaõ prodigiosa daquella Thaumaturga Imagem; cuja dita querendo a Providencia Divina, que fosse para esta terra gloriosa, dispoz que fosse a Invençaõ daquella Imagem do Senhor de Matozinhos no mesmo dia, em que o Mundo solemnisava a mysteriosa invençaõ da Cruz do mesmo Senhor; para que ficasse igualmente correspondente a dita do Mundo, pela Invençaõ da Cruz, à gloria desta terra de Matozinhos pela Invençaõ daquella soberana Imagem de Christo: *Invenire Crucem nihil aliud est, quam invenire*

Epist. ad Coloss. 2.

Laur. in alleg. verb. Margar.

Foy achada a Imagem do S. de Matozinhos em 3. de Mayo.

D. Bonav. Serm. de Invent. Cruc.

venire illum, qui pependit in Cruce; honor quippe Crucis ad Crucifixum refertur: disse o meu Doutor Serafico S. Boaventura.

De sorte que vinha para esta terra por altissima disposiçaõ aquella Sagrada Imagem, para obrar prodigios, e maravilhas em remedio de todos; e permitio o Ceo, que fosse achada com aquella mesma Cruz, em que agora se venera, e adora preservada do naufragio das agoas do mar, por donde tinha passado, desde Jerusalem atè esta terra; muito melhor que Moysês na prodigiosa passagem, que fez pelo mar Roxo, quando vadeava as agoas vindo do Egypto para a Palestina. Porque se Moysês nunca obrou maravilha alguma, sem q fosse por virtude da Vara, figura da Cruz de Christo, como disse Severiano: *Sine Virga, quæ typus Crucis fuit, nihil admiratione dignum Moyses fecit*; a mesma Vara lhe servio como de mysterioso baixel, em que passou o mar a salvo sem naufragio de suas ondas. *Virga Moysaica in similitudinem Crucis mare percussit, & salvatus est Israel*: disse Machario Filadelfo; e como Moysès vinha por ordenaçaõ divina á terra

Severian.

Machar. Filadel.

terra da Paleſtina para obrar prodigios em favor de ſeus habitadores, myſterio grande houve em paſſar o mar com a Vara na maõ, para que à virtude da Vara ſe atribuiſſe o prodigio da ſua miraculoſa paſſaſem: *Virga Moyſaica in ſimilitudinem Crucis &c.* Com ſinaes, e demonſtrações de jubilos, e alegrias, diz o Texto, que celebrara Moyſès com todo o povo de Iſrael o prodigio ſingular de ſe acharem nas prayas da terra da Paleſtina: *Cantemus Domino, glorioſe enim magnificatus eſt.* Mas com razaõ mayor ſe alegraraõ os primeiros habitadores deſta terra de Matozinhos, achando miraculoſamente na praya do mar aquella ſoberana Imagem do Divino Moyſés, Crucificada na Vara da ſua Cruz, deſterrados os Godos, Mouros, e Romanos, Senhores que haviaõ ſido deſte territorio, e perſeguidores dos Catholicos, como conſta de muitos eſcrittos, e antigua tradiçaõ. Celebrada diz a Eſcrittura que fora a invençaõ de Iſmael filho da Nathanias, pelos moradores do lugar de Maſphat, quando o acharaõ junto das agoas do lago de Gabaon: *Invenerunt eum ad aquas mul-*

Exod. 15.

Jerem. 41.

multas, quæ ſunt in Gabaon; cumque vidiſſet omnis populus .... lætati ſunt. Mas muito melhor, e com mayor motivo foy aplaudida, e he todos os annos celebrada pelos moradores deſte lugar de Matozinhos, a Invençaõ prodigioſa daquella ſoberana Imagem: porque ſe a invençaõ de Iſmael foy celebrada pelos moradores de Maſphat, porque achado elle acharaõ o remedio das terriveis oppreſſões, que padeciaõ: *Lætati ſunt pro ſua liberatione*; commentou o meu Lyra; com a Invençaõ daquella ſoberana Imagem, ſe alegraraõ os moradores de Matozinhos, porque achada ella, acharaõ ſua mayor dita, e remedio das perſeguições, com ſeguro infallivel de todas as adverſidades. *Lætati ſunt &c.* Diga muito embora Jeremías aos moradores de Maſphat, que com a invençaõ de Iſmael, eſtà o Senhor com elles para os livrar, e ſalvar de todos os males: *Nolite timere dicit Dominus, quia ego vobiſcum ſum ut ſalvos faciam vos.* Que eu hoje publicamente digo, que os moradores de Matozinhos com a Invençaõ daquella Divina Imagem eſtaõ ſeguros de todas as adverſidades; porque

Nicol. Lyran. hic.

Jerem. 42. v. 12.

porque com elles eſtà a Divina Clemencia em ſeu remedio; para cujo fim veyo a eſta terra taõ divino ſimulacro trazido a influxos divinos para beneficio de todos. *Hic habitabo in benedictionibus meis. Ego veni ut vitam habeant, & abundantius habeant.* *Joan. 20.*

Eſta verdade que aſſegura a pia devoçaõ de meo penſamento aos moradores de Matozinhos, com a Invençaõ, e poſſe daquella Imagem Sagrada, parece que jà là em Jeruſalem quiz myſterioſamente manifeſtar o ſeu divino Prototypo: porque Crucificado Chriſto no Monte Calvario dizem as Eſcrituras, que ficara com as coſtas para as partes do Oriente, voltado o roſtro para as partes do Occidente, como querendo ſignificar, que deixada Jeruſalem, teatro de ſuas pennas, olhava para as partes da Europa, que depois havia de buſcar naquella ſua Imagem ſingular, para as illuſtrar com beneficios, e graças: *Chriſtus pependit in Cruce facie à Jeruſalem averſa, quam nempe relinquebat, & converſa ad Occidentem, tanquam Europam ſpectans .... ut ſignificaret ſuo ſplendore illuminaturum.* eſcreveo o Doutor Sylveira. Poriſſo

Sylv. tom. 5. lib. 8. Cap. 13. quæſt. 7.

ſo

ſo conſiderava eu que eſte fora o motivo de recuſar o titulo de Rey (que lhe davaõ os de Jeruſalem) com a inclinaçaõ da Cabeça: *Inclinato Capite*: como moſtrando, que deixado aquelle ingrato povo a ſeus beneficios, e graças, havia depois de eſtabelecer nas partes da Europa o ſeu Imperio, e querendo que eſte foſſe o noſſo Reyno de Portugal (parte mais nobre da Europa) ſegundo a voz do meſmo Divino Oraculo ao primeiro Monarqua deſte Imperio Luſitano: *Volo in te, & in ſemine tuo ſtabilire Imperium mihi, fide purum, pietate dilectum*: por altiſſima providencia ſua veyo naquella Sagrada Imagem ſua a eſta terra, elegendo eſte lugar para ſua Corte, eſte Templo para ſeu Palacio, e aquelle maravilhoſo Trono para ſeu aſſento, e habitaçaõ perpetua; de donde a todos os Catholicos, como ſeus fieis vaſſalos, eſtà lançando a bençaõ de ſeus divinos beneficios, graças, e maravilhas, que a huns promete, a outros moſtra, e finalmente a todos diſpende, em ſeu favor, amparo, e remedio. *Hæc Eccleſia eſt requies mea, hic habitabo in benedictionibus &c. Benedictio Dei erga homines*

Joan. 19.

Chronic. de Portug.

D. Amb. de Benedict. Patriarch.

homines, eſt divina pollicitatio alicujus boni, ſeu illius exhibitio: diſſe Santo Ambroſio. Quiz por ſua divina clemencia aſſegurar com mais indubitavel abono eſta verdade o meſmo Senhor, e parece que atè no lugar que elegeo para a Invençaõ daquella ſua Soberana Imagem, eſtabelecidas quiz moſtrar as miſericordioſas graças, e beneficios, que prometia a todos, e trazia aos moradores deſta terra. Para Deos tratar do remedio dos Iſraelitas, que padeciaõ as barbaras oppreſſões dos Egipcios, debaixo do jugo de ElRey Faraò, diz a Eſcritura que apparecera a Moyſès no meyo de hum eſpinheiro: *Apparvit ei Dominus de medio rubi..... vidi afliƈtionem populi mei in Ægypto, deſcendi ut liberem eum.* E ſuppoſto que ſaõ muitas, e varias as razões, que daõ os Santos Padres, e Expoſitores, porque Deos buſcara o eſpinheiro neſta occaſiaõ; todavia a que mais ſerve agora ao meu intento, he a que dà Filo Hebreo, dizendo que no meyo do eſpinheiro reſplandecia huma Imagem taõ portentoſa, e ſoberana, que atrahia divinamente as attenções humanas, illuſtrando a terra com

Exod. 3. ℣. 2. & 3.

 reſplan-

Phil. Jud. de vita Moyſ. lib. 1.

reſplandecentes luzes. *E medio rubi promicabat forma quædam pulcherrima, nulli viſibili ſimilis divinum ſimulacrum luce clariſſima lucens.* De ſorte que buſcou a Clemencia Divina para trono, em que fizeſſe a Moyſès participante de ſua piedade, e deſpachaſſe as ſupplicas do povo de Iſrael para ſeu remedio, porque no eſpinheiro eſtava collocada huma prodigioſa Imagem ſem ſemelhante a alguma na terra: *Nulli viſibili ſimilis.* Pois com altiſſima Providencia ſua, conſiderava eu, que buſcara aquella Soberana Imagem o lugar chamado do Eſpinheiro; para que ſendo nelle a ſua miraculoſa Invençaõ, ſeguraſſe a todos os Catholicos, e devotos ſeus, a felicidade, que lhes trazia para ſeu remedio, e ſeguro de ſuas adverſidades. *Apparuit ei Dominus in medio rubi &c. E medio rubi promicabat &c.*

Appareceo a Imagem do Senhor de Matozinhos em hum lugar chamado Eſpinheiro junto ao mar, que cerca a terra de Matozinhos.

Confeſſe o Mundo todo os favores, que tem conſeguido da Divina piedade, por meio do patrocinio deſta Thaumaturga Imagem, pois ſaõ com tanta copia diſpendidos, e em todo o tempo multiplicados os prodigios, e maravilhas que obra

em

em favor de ſeus devotos, que me atrevo a conſiderar que eſtà acreditando eſta terra com os brazões de patria ſua, inda que vinda là das partes do Oriente. Se me naõ engana o penſamento, parece que lhe heyde descobrir a prova, que me abonarà a devoçaõ. Diz o Sagrado Euangeliſta S. Matheus, que ſahindo Chriſto Prototypo verdadeiro daquella Sagrada Imagem, dos fins de Genezareth, paſſando o mar, viera aportar às prayas da ſua Cidade: *Et aſcendit in naviculam, transfretavit, & venit in Civitatem ſuam.* E querendo os Padres ſaber que terra, ou Cidade foſſe eſta, a quem o Euangeliſta chama patria de Chriſto, diz o meu Lyra com outros muitos, que era a Cidade de Carpharnaum. *Quis dubitat Capharnaum Civitatem Domini?* Agora o meu reparo: pois ſe a terra que ſe intitula patria, ou he aquella, que dà o naſcimento, ou aquella em que ſe concebe hum ſogeito, como ſendo Chriſto gerado em Nazareth, e naſcido em Belem, chamava o Euangeliſta a Capharnaum patria ſua: *Venit in Civitatem ſuam: Quis dubitat Capharnaum Civitatem Domini?* A eſte argumento,

Math.9.℣.1.

Lyr. & Hug. hic.

 e du-

e duvida, reſponde o meſmo Lyra dizendo que fora, porque Chriſto em Capharnaum fizera muitos prodigios, e maravilhas em favor de ſeus moradores. *Dicitur Civitas Domini, quia ibi multa miracula fecit. Suam fecit non naſcendo, ſed miraculis illuſtrando*: explicou o Biſpo Zacharias. Agora digo eu ao noſſo intento: pois ſe a Cidade de Capharnaum ſe conhecia ennobrecida com o brazaõ de patria de Chriſto pelos milagres que nella obrava; quem duvidarà que pelos prodigios, e maravilhas que neſta terra de Matozinhos eſtà obrando Deos quotidianamente por aquella Soberana Imagem, a eſtà illuſtrando com os creditos de patria ſua? Mas adiantando mais o penſamento nas azas da devoçaõ, lá fuy deſcobrir na meſma ſemelhança mayor, e mais excellente exceſſo; porque ſe a terra de Capharnaum ſe gloriava com o brazaõ de patria de Chriſto, pelos prodigios que nella obrava o meſmo Chriſto em peſſoa; eſta terra de Matozinhos ſe acredita com a meſma excellencia, e mais exceſſiva, pelos milagres, que nella eſtà obrando o meſmo Senhor naquella ſua admira-

Ita Zachar. Epiſcop.

mira-

miravel Imagem; e muito mais maravilhosos, e admiraveis saõ os prodigios obrados pela Imagem, do que saõ os que saõ executados pela pessoa. A prova deste pensamento darey depois a seu tempo, quando melhor tiver lugar.

Que parte do Mundo haverà, a quem o Ceo concedesse favor semelhante, como a esta terra privilegiou com graça taõ singular? Glorie-se muyto embora Roma com a posse dos mayores astros do Ceo Apostolico S. Pedro, e S. Paulo: festeje-se Achaya com o martyrio de Santo Andrè; jacte-se Efezo com a doutrina de S. Joaõ Euangelista; engradeça-se Scythia com S. Filippe, Jerusalem com San-Tiago Menor, Albania com S.Bartolomeo, e Salerno com S. Mattheus. Contenda muito embora a Persia, e Inglaterra sobre a posse dos dous Irmãos S. Simaõ, e S. Judas; honre-se Espanha com San-Tiago Mayor; a India com S. Thomè, a Ethiopia com S. Matthias; e finalmente as mais partes do Mundo com os Discipulos de Christo; que muito mais, e com mayor razaõ se engrandece, e blazona o lugar de Matozinhos,

dandoſe a ſi os parabens de ſer a terra que no Reyno de Portugal logra a poſſe daquella Soberana Imagem do Divino Meſtre, e Senhor de todos os Apoſtolos; porque ſe elles foraõ mandados ás mais partes do Mundo pelo meſmo Divino Meſtre, para as illuſtrar com prodigios, e maravilhas; com altiſſima providencia reſervou para ſi o Reyno de Portugal, e nelle o lugar de Matozinhos, para o enriquecer com o thezouro da poſſe daquella ſua divina Imagem, fineza taõ ſingular que naõ concedeo a nenhuma outra naçaõ alguma: *Non fecit taliter omni nationi; ſicut populo ſuo dilecto, & credenti*, commentou Rainerio. Bem he verdade, que inviar Chriſto a ſeus Apoſtolos em peſſoas às mais partes do Mundo foy ardente zelo de ſeu amor divino; mas reſervar para ſi eſta terra, para vir a ella naquella ſua admiravel Imagem, naõ ha duvida que de ſeu amor divino foy fineza mais maravilhoſa. Dizem os Theologos todos que para Deos reparar o Mundo, podia vir a elle em qualquer das Divinas peſſoas; porèm querendo o Euangeliſta S. Joaõ manifeſtar

Pſalm. 147.
Rai. ibi
Theol. cõmun.

nifeſtar o exceſſo do amor de Deos, em ordem á reparaçaõ do Mundo, diz que a ſua prova conſiſtira em vir ao Mundo na Peſſoa do Filho. *Sic Deus dilexit Mundum, ut filium ſuum unigenitum daret. Sic denotat magnitudinem amoris*: explicou o Doutor Sylveira. Mas daqui naſce huma difficuldade; porque ſe a reparaçaõ do Mundo ſuppunha culpa, a culpa diz privaçaõ da graça, e a graça he vinculo de amor, porque naõ viria o Eſpirito Santo ao Mundo, ſe naõ a Segunda Peſſoa, quando à Terceira Peſſoa ſe attribue o amor, e à Segunda ſe attribue a ſabedoria? Mas o certo he que aſſim o diſpoz a Providencia por excellencia do Myſterio; porque como a Segunda Peſſoa da Trindade he a que ſó ſe chama Imagem do Padre, e ſua perfeita Imagem, como diſſe Santo Ambroſio ſeguindo a Theologia celeſte de S. Paulo: *Filius imago Patris: ſolus enim Chriſtus eſt plena Dei imago*: poriſſo veyo o Filho, e naõ o Eſpirito Santo para a reparaçaõ do Mundo, por ſer obra de ſeu Amor Divino; ſendo eſta a razaõ de dizer o Euangeliſta que mandar Deos ſeu Filho ao Mun-

Joan. 3. Sylveir. ibi

Paul. Hebr. Epiſt. 1. D. Amb. in Luc. C. 22. lib. 10.

Mundo, fora moſtrar a calificaçaõ de ſeu amor, por ſer ſó o Filho ſua Imagem, e naõ o Eſpirito Santo: *Sic Deus dilexit Mundum &c.* Ou ſe naõ digamos (para darmos a prova ao penſamento que fica jà tocado) digamos que a vinda de Deos ao Mundo, fora empenho maravilhoſo de ſeu amor divino para com os homens; e querendo o meſmo Deos moſtrarſe maravilhoſamente deſempenhado, naõ diſpoz vir na Primeira, ou Terceira Peſſoa, mas ſim mandar ſeu Filho, que he ſeu retrato, e ſua Imagem; para que ſe viſſe que nos empenhos do amor divino para com o Mundo, he muito mais mandar, do que vir, he mais fineza, e maravilha mayor, mandar a peſſoa que he juntamente Imagem. Todos ſabem que a creaçaõ, e formaçaõ do homem foy empenho grande, e obra maravilhoſa do amor de Deos: *Faciamus hominem ad imaginem, & ſimilitudinem noſtram. Conſidera totum Deum occupatum*, diſſe Tertuliano; e naõ foy tambem menos maravilhoſa a reformaçaõ, e reparaçaõ do meſmo homem: *Ex quo apparet maxima Dei dilectio*; eſcreveo o Alapide. Porèm

Geneſ. 2. ℣. 7. Tertulian. ibi.

rèm he de notar que dizendo a Igreja que Deos ſe houvera maravilhoſo em ſeu amor na obra da formaçaõ : *Mirabiliter condidiſti* : affirma que muito mais maravilhoſo ſe moſtrara na ſua reparaçaõ. *Et mirabilius reformaſti.* Pois como aſſim ! Se tanto em huma, como em outra obra, ſe moſtrou Deos amante, e maravilhoſo, porque mais realçou ſeu empenho na formaçaõ, do que na reparaçaõ do homem ? A razaõ jà fica dita : he porque para a creaçaõ do homem veyo Deos ao Mundo todo Trino : *Conſidera totum Deum occupatum* ; e para a ſua reformaçaõ mandou o Padre ſeu Filho : *Miſit Deus filium ſuum ut repararet hominem lapſum* : e como o filho he Imagem, e retrato do Padre ; e a ſua vinda ao Mundo era effeito do Amor Divino; poriſſo a Igreja illuſtrada pelo Eſpirito Santo, diſſe que mais ſuperlativamente maravilhoſo ſe houvera Deos na obra da reformaçaõ do homem, do que na ſua creaçaõ, para que ſe viſſe que mais maravilhoſas ſaõ as obras executadas pela Imagem, do que pela propria peſſoa ; e que nos empenhos do amor de Deos para com o remedio do Mundo,

Eccleſ. in Sacrif. Miſ.

D. Aug. & Greg.

he

he muito mais mandar, do que vir; he muito mayor fineza, e maravilha mayor, mandar o retrato, do que vir na peſſoa. *Mirabiliter condidiſti, & mirabilius reformaſti.* Parece-me Senhores, que ſuperfluo ſeria accomodar o lugar ao penſamento, porque me eſtaõ ouvindo taõ doutiſſimas intelligencias: baſteme ſó dizer por concluſaõ do diſcurſo, que fora fineza maravilhoſa do amor, e piedade divina, para com eſta terra de Matozinhos, vir a ella aquella Soberana Imagem, retrato ſingular de ſeu Prototypo, para communicar, e diſpender a todos ſeus devotos os beneficios de ſua divina bençaõ, que ſaõ os prodigios, e maravilhas, que eſtà obrando em favor do Mundo, naquelle maravilhoſo Tabernaculo collocada, acabadas jà as obras que pedia o culto, e veneraçaõ de taõ divino Simulacro: *Omnia conſummata ſunt, perfecta, & completa: Hæc Eccleſia eſt requies mea, hic habitabo in benedictionibus meis, quoniam elegi eam ex pura gratia mea Benedictio Dei erga homines &c.*

Eccleſ. ſup.

Joan. ſup.

Rain. ut ſup. cit.

SEGUN-

SEGUNDO DISCURSO.

SAtisfeitos já ſe contentaõ os corações devotos do Senhor de Matozinhos, quando vem aquella ſua ſoberana Imagem trasladada para quelle magnifico Tabernaculo. Devida ſem duvida era a ſua Trasladaçaõ para aquelle lugar, em que agora ſe adora collocado, conſiderados os beneficios divinos, que por meyo de taõ ſoberano Oraculo da piedade, eſtà diſpendendo a todos a Divina Clemencia. Naõ foy taõ merecido (entrando jà a aproveitarme das reliquias, que ſobraraõ do Sermaõ do dia de hontem) naõ foy taõ merecida a trasladaçaõ da Arca do Teſtamento, nem em tanta obrigaçaõ eſtavaõ os Iſraelitas para a trasladarem; e dizendo com tudo a Eſcritura as circunſtancias da ſua trasladaçaõ, descubro eu naõ ſó ſemelhança, mas ainda exceſſo, que lhe fez a trasladaçaõ daquella Soberana Imagem da Arca viva do Teſtamento Novo: *Chriſtus eſt vera Arca Teſtamenti*: eſcreveo o Doutor Sylveira. Diſpoz o Profeta David taõ amante, como agrade-

Syl. in Apocal. 11.

agradecido aos beneficios divinos, traſladar a Arca do Teſtamento da caſa de Obededon, para mais decente, e decoroſo lugar; e diz o Texto que em ſeu Palacio lhe fabricara hum ſumptuoſo Tabernaculo, no meyo do qual collocada tiveſſe a devida veneraçaõ. *Ædificavit locum Arcæ Dei... & conſtituerunt eam in medio Tabernaculi, quod tetenderat ei David.* Quiz o Santo, e devoto Rey, que foſſe celebre por todos os ſeculos a ſua Trasladaçaõ; e fazendo concorrer a Jeruſalem os povos circunvezinhos de todos os eſtados, e qualidades, fez huma triunfante Prociſſaõ pelas ruas com a meſma Arca, levada aos hombros dos Sacerdotes com taõ plauzivel apparato, que os campos ſe povoavaõ com a multidaõ das gentes, as muſicas recreavaõ os ouvidos, e ſuavizavaõ os ares, enchendo a terra de prazer, as ruas de alegria, e finalmente a todos de contentamento, que manifeſto nas lagrymas com que os coraçoes moſtravaõ o goſto, eraõ linguas com que aclamavaõ de tanto triunfo o applauſo. *Congregavit David univerſum Iſrael.... Vocavit que cantores ut reſonaret in excelſis ſonitus*

Paralip. lib. 1. 13.

tus lætitiæ.... Santificavit que Dominus Sacerdotes, ut portarent Arcam Domini.

Naõ ſey, ſenhores, ſe fallo da Traſladaçaõ da Arca do Teſtamento, ou daquella Imagem Soberana? E que foy o que vimos, e admirámos Domingo paſſado neſta terra, ſenaõ aquella Imagem Divina da Arca viva do Teſtamento novo, traſladada para aquelle magnifico Trono, levada aos hombros dos Sacerdotes com triunfante apparato, em plauſivel Prociſſaõ pelas ruas deſtes dois lugares de Matozinhos, e Leça, acompanhada de infinita multidaõ de devotas almas, e ſonoras muſicas? Que coraçaõ houve que ſe lhe naõ conſagraſſe? Que lagrymas de hum terno goſto ſenaõ viaõ? Que applauſos ſe naõ ouviaõ? E que adorações ſe lhe naõ tributavaõ? Os edificios dos lugares ſe adornaraõ de galas, as ruas ſe alcatifaraõ de oloroſas, e engraçadas flores, o Ceo concorreo com claras luzes do Sol, os ares com ſerenidade dos Elementos: a terra concorreo com eſtrondoſos, e feſtivos applauſos, eſtes dous lugares com viſtoſas luminarias, ſeus moradores com vivas acclama-

clamações, naõ faltando finalmente os eſtrondoſos applauſos dos Militares, que vindos da Cidade do Porto a impulſo fervoroſo da ſua cordeal devoçaõ, moſtravaõ ſeus vivas jubiloſos em bem compoſto, e ordenado eſquadraõ com os feſtejos de ſeus inſtrumentos marciaes. Tudo aſſim paſſou, porque a todos eſtes affectos incitava a glorioſa, e decantada Trasladaçaõ daquella Soberana Imagem. Seja muito embora celebrada a Trasladaçaõ da Arca do Teſtamento pelos Iſraelitas, que conſiderado o applauſo da Trasladaçaõ daquella Diuina Imagem, realça tanto mais o ſeu Triunfo, que naõ pude achar na terra a quem comparaſſe ſeu applauſo, e ſó no Ceo fuy deſcobrir ſua verdadeira ſemelhança. Entre as mais revelações que teve o Euangeliſta Profeta no ſeu Apocalypſe, foy ver no Ceo manifeſto o Templo de Deos, e nelle collocada a Arca do Teſtamento. *Apertum eſt Templum Dei in Cælo, & viſa eſt Arca Teſtamenti.* E proſeguindo adiante o meſmo Euangeliſta as meſmas revelações, diz que innumeravel concurſo de habitadores celeſtes acompanhavaõ o Trono

Acompanhou o Regimento dos Militares do Porto a Prociſſaõ da Trasladaçaõ da Sãta Imagem.

Apocal. c. 11.

Trono do Templo ; e juntamente que ao ſom de acordes inſtrumentos applaudiaõ os feſtejos glorioſos, que no meſmo Templo ſe dedicavaõ à Arca : *Centum quadraginta quatuor millia ... & vocem quam audivi cytharedorum cytharizantium in cytharis ſuis , & cantabant canticum novum ante ſedem Dei.* O que ſuppoſto notèm agora : aquella Arca que vio feſtejada no Templo do Ceo o Euangeliſta Profeta, diz o Doutor Sylveira referindo ao douto Mendoça, e Santo Anſelmo, que era a Arca do Teſtamento, que o Profeta Jeremías na transmigraçaõ dos Hebreos a Babilonia tinha eſcondido na terra de Moab. *Per Arcam intelligit ipſammet Arcam fœderis , quæ abſcondita fuit á Jeremia Propheta in terra Moab.* Agora digo eu: e como da terra para o Ceo ſe tinha traſladado a Arca para ſe collocar no trono do Templo de Deos, poriſſo era celebrada a ſua Trasladaçaõ com taõ glorioſos applauſos, e feſtivos triunfos. *Apertum eſt &c.*

Gap. 14.

Sylv. in Apoc. 11. *q.* 34 *n.* 265. & 267.

Semelhantes aos applauſos do Ceo na Trasladaçaõ da Arca do Teſtamento, vimos Domingo paſſado neſte Templo os effeitos com que a mais heroica devoçaõ

moven-

movendo com eſtrondos de piedade taõ innumeravel concurſo a eſta terra, celebrou a Trasladaçaõ triunfante daquella Divina Arca do Teſtamento novo, para ſe collocar no Ceo glorioſo deſte maravilhoſo Templo. Mas ſe naõ faltou a ſemelhança dos applauſos de huma a outra Trasladaçaõ, venerouſe mayor Myſterio na Trasladaçaõ daquella Soberana Imagem com exceſſo à da Arca do Teſtamento; e ſe naõ vejaõ. Na Arca do Teſtamento, que Jeremîas occultàra, diſſe Pedro Comeſtor, que nella ſe encerrava juntamente a Vara de Moyſés: e que veria tempo, ſegundo o vaticinio de Jeremîas, em que ſahindo hum dia a publico a Arca com a Vara em triunfante Prociſſaõ para ſe collocar no alto do Monte Siaõ, todos os que a ſeguiſſem, alcançariaõ a mais venturoſa felicidade: *Arcam Teſtamenti cum his quæ erant in ea tulit .... Reſurget hæc Arca, & ponetur in Monte Sion, & omnes congregabuntur ad eam ſuſtinentes regreſſum Domini.* Profecia he na verdade eſta ao meu parecer vaticinada para o dia de Domingo paſſado, em que vimos ſahir deſte Templo aquella Soberana Imagem da viva

Pedr. Comeſt. cap. 3. in lib. Tob.

Idem circa finem.

Arca

Arca do Teſtamento novo em glorioſa, e triunfante Procissaõ juntamente com a Vara da ſua Cruz para ſe collocar naquelle elevado, e maravilhoſo Trono deſte Templo, que he tambem entendido pelo Monte Siam: *Mons Sion interdum ſignificat Eccleſiam.* Logo claramente ſe deixa ver, como com razaõ ponderava eu, que eraõ mais devidos os applauſos à Trasladaçaõ daquella ſoberana Imagem, do que os que tributaraõ os Iſraelitas à Trasladaçaõ da Arca do Teſtamento, naõ ſó pela differença que ſe deſcobre entre aquella Imagem, e a Arca, ſe naõ tambem pela excellencia das maravilhas que ſe notaõ. Porque ſe na Arca do Teſtamento experimentavaõ os Hebreos o abrigo de ſuas miſerias como oraculo das conſultas do Ceo, e remedio de todas as adverſidades, como diſſe o meu douto Carthagena: *In dubiis bonum conſilium, in adverſitatibus magnum ſolatium*: muito melhor, e com mais efficacia experimentaõ os Catholicos eſta dita naquella Soberana Imagem, em que a Piedade Divina collocou o Trono de ſuas Clemencias para o remedio de ſeus devotos. De David

Laur. in Aleg. verb. Sion.

Carthag. de Arc. Dei homil. 1.

G

vid sendo pastor sahindo a peleijar com o Gigante, disse Santo Agostinho fallando de seu valor, que ElRey Saul considerara nelle influxos divinos: *Intellexit rex aliquid in eo esse divinitatis*; porque como o povo de Israel padecia as oppressões dos Filistheos, na vitoria, que David alcançou do Gigante, ficou remediada a sua necessidade; e porisso entendeo Saul aquella excellencia de David, como conhecendo mais que humano a hum sogeito, que acodia a tanta ruina consolando tanta multidaõ de gente. *Intellexit Rex &c.* Este conceito que Saul formou do David, pelo que nelle experimentaraõ os Israelitas em seu remedio, fórma a nossa devoçaõ daquella sagrada Imagem de David verdadeiro, e divino, pelo que nella lucraõ as conveniencias de seus devotos: *Habet aliquid divinitatis*, lhe disse hum seu devoto, e penitente espirito, e se David se vio gloriosamente exaltado no trono de eximios applausos, que lhe tributaraõ os Israelitas, como em festiva acçaõ de graças pelo beneficio que por meyo de seu valor receberaõ do Ceo: *Egressæ sunt mulieres cantantes, & dicentes: percussit*

Aug.

O P. Fr. Antonio das Chagas, vizitando a Imagem do S. de Matozinhos.

Lyr. ibi

cussit David decem millia. Plus honoris attribuebant David; commentou o meu Lyra: aquella Divina Imagem do Divino David, exaltada pela ſua collocaçaõ naquelle Trono, he neſtes dias applaudida com feſtivos louvores, porque em todo o tempo he aclamada de ſeus devotos prodigioſa, como ſe vè no infinito concurſo de gente, que vem a eſte Templo de remotas regiões, com devotas offertas em agradecimento dos beneficios recebidos.

Lembrame a mim ter lido nos eſcritos de Marco Tullio, que no Reyno de Sicilia havia hum magnifico Templo, e nelle collocada huma imagem da DeoſaCeres, a quem a ſuperſtiçaõ dos Gentios tinha em tanta veneraçaõ, que ſe a naõ adoravaõ como original vivo, tinhaõ para ſi que era viva imagem obrada pelo Ceo, e naõ por artificio da terra: *Cujus ſimulacrum tanto erat affectum artificio, ut qui illud intuerentur, aut ipſam Cererem viderent, aut effigiem non manufactam, ſed de Cœlo delapſam arbitrarentur.* E como eſta era a fé daquelles barbaros diſcurſos; concorria a cada paſſo, e cada dia ao Templo infinita multidaõ dos povos,

adorando aquella falſa Imagem com offertas de louvores, e agradecimentos das graças, que imaginavaõ haver recebido por meyo de ſeu patrocinio: *Gaudentes in donationibus pro beneficiis.* Mas iſto que naquelles Barbaros era cegueira, he clara verdade em todos os Catholicos, que vindo perennemente a eſte magnifico Templo, adoraõ aquella Sagrada, e Divina Imagem de ſeu Creador, exaltada, e collocada naquelle mageſtoſo Trono; muito melhor, que Moyſès coroado de triunfos, e muito mais engrãdecido que Salamaõ em toda a ſua gloria. Para aqui parece que foy vaticinada aquella profecia de Iſaías, dizendo: *Oculi videbunt habitationem opulentam..... & tabernaculum quod nequaquam transferri poterit.... quia tibi ſolummodo magnificus eſt Dominus noſter.* Quer dizer o Profeta: Verás, oh povo venturoſo, o teu Deos na ſua habitaçaõ, e no ſeu Tabernaculo exaltado; porque nelle mageſtoſamente collocado atè o fim do mundo, lograrà a ſua magnificencia declarada na grandeza dos prodigioſos effeitos de ſuas maravilhas para teu remedio, e ſalvaçaõ: como explicaõ

Idem Cic. in fin.

Iſai. 31. ℣. 20.

caõ as Gloſas de Lyra, e Hugo : *Secundum magnificentiam ſuam declaratus , faciens magna in miraculorum operatione , in qua nihil deficit de neceſſario ad ſalutem.* E que outra couſa reſiſtaõ os noſſos olhos neſte Templo ſenaõ aquella Divina Imagem de noſſo Deos, collocada naquelle maravilhoſo Trono , habitaçaõ opulenta de glorias , que neſte perpetuo Tabernaculo da ſua Igreja , que elegeo para ſua habitaçaõ , eſtá oſtentando em ſi pela ſua collocaçaõ, e deſpendendo a todos os beneficios de ſua benção? Aſſim ſe engrandecem as glorias daquelle Senhor naquelle Trono , e lograrà para ſempre na ſua collocaçaõ mais exaltada magnificencia. Agora alcanço eu a razaõ da differença de ver Iſaîas a Deos em hum Trono entre glorias exaltado : *Super Solium excelſum , & elevatum* , e eſtar ſem eſta magnificencia , quando foy viſto de Daniel em outro Trono. *Aſpiciebam donec Throni poſiti erant , & antiquus dierum ſedit.* Sendo a razaõ ao meu parecer ; porque Deos collocado no Trono entre Eſpiritos Seraficos , e aſſiſtido de louvores ſe manifeſtou a Iſaías : *Seraphin ſtabant , & clamabant Sanctus*

Lyr. & Hug. hic in Iſai.

Iſai. 6. ℣. 1.

Daniel. 7. ℣. 9.

ctus &c. E como estas acclamações, e louvores naõ se lé que tivesse Deos no Trono em que o vio Daniel, porisso no Trono de Isaias lograva magnificas, e gloriosas exaltações; para que se entendesse que os louvores a Deos, quando se ostenta collocado em hum Trono magnifico, augmẽtaõ mais em certo modo a sua gloria. Foy este pensamento do Doutor Sylveira: *Ostendebatur Thronus Dei Isaiæ inter Seraphin stantia, Dei que laudes canentia: ubi autem Deus inter cæelestes mentes ad altiora tendentes, ejusque magnalia decantantes ostenditur, non potest non ostendi altior, & elevatior.*

Sylv. in Apoc. 11. q. 33. n. 264.

Esta verdade veneraõ as nossas attenções devotas naquelle magnifico Tabernaculo, em que aquella soberana Imagem do Filho de Deos se adora, acclamada por admiravel com estes festivos cultos, e louvores de seus devotos, ostentando mayor magnificencia na sua Exaltaçaõ, e na sua Collocaçaõ mayor gloria, realizando com sua presença veneranda, e tremenda aquella figura, que ElRey Salamaõ collocara no tabernaculo do seu Templo. Despois que o Rey Sabio acabou a renovaçaõ do Templo

plo, que para os louvores divinos consagràra, consta das Escritturas, que collocando no lugar mais nobre do Tabernaculo huma luzida Estrella, que como brilhante diadema estava coroando toda a obra, illustrava gloriosamente o Templo com brilhantes resplendores, e rayos, à semelhança de braços estendidos, e abertos, como escreve o Doutor Sylveira: *In suprema parte Throni Stella stabat, quæ duo protendebat brachiola patula, & aperta.* No Trono, diz o douto Rabano, que se simbolisava a Igreja: *Solium Salomonis Ecclesia esse dicitur.* E na Estrella assim circunstanciada, escreve o mesmo Sylveira, que se representavaõ as condições de hum Principe, e Senhor, affavel, e amoroso: *Quo significatur Princeps brachiis apertis debere esse.* Mas isto que là no trono de Salamaõ naõ passou de huma figura representada no Templo, ainda que misteriosa em seu emblema, estaõ agora resistando os nossos olhos na realidade, naquelle magnifico Tabernaculo deste maravilhoso Templo, em que adoramos aquella Divina Imagem do Supremo Monarcha, e Senhor do Ceo, e

Sylv. in Apoc. 12. ℣. 1. q. 4.

Rab. apud. Lyr.

Idem Syl.

da, terra Rey dos Reys, e Senhor dos ſenhores, coroando toda aquella obra maravilhoſa com os braços abertos chamando a todos, prometendo-lhes, e aſſegurando-lhes os copioſos beneficios, donativos, e graças de ſua divina bençaõ, para cujo effeito elegeo por ſua Divina Graça eſte magnifico Templo para ſua habitaçaõ perpetua, e remedio de todos ſeus devotos. *Hæc Eccleſia eſt requies mea in perpetuum, hic habitabo in benedictionibus meis, quoniam elegi eam ex pura gratia mea. Benedictio Dei erga homines, eſt divina pollicitatio alicujus boni, ſeu illius exhibitio.* Para abono deſte penſamento, e credito deſta verdade conſidero eu que viera a eſta terra aquella Sagrada Imagem, ſó com o braço direito, ſegundo a mais certa opiniaõ, como he tradiçaõ antigua, e como aſſim refere o R. Autor que eſcreveo a ſua prodigioſa Invençaõ: porque como no braço direito de Chriſto, de quem he aquella Sagrada Imagem copia ſingular, dizem muitos dos Santos Padres, e Expoſitores que eſtaõ depozitados os teſouros da Mizericordia Divina para remedio, e protecçaõ dos homens: *Firmetur*

Rain. ut Jup.

D. Amb.

metur dextera tua: ideſt protectio tua firmetur, in malorum depreſſione, & bonorum ſublimatione; poriſſo quiz o Ceo que vieſſe a eſta terra aquella Imagem Soberana ſó com o braço direito, como penhor ſeguro da Piedade Divina que a todos vinha aſſegurando. Paſſaram-ſe alguns annos, e appareceo miraculoſamente o ſeu braço eſquerdo no meſmo lugar da Invençaõ do braço direito; naõ para ſinal de caſtigos que ameaçava, mas ſim para mais certificar as opulencias, e bens, que a ſeus devotos aſſegurava na bençaõ de ſeus divinos beneficios, entendidos tambem pela mão eſquerda de Chriſto. *In ſiniſtra illius divitæ, & gloria: Lœva medetur, & juſtificat*, diſſe S. Bernardo. Eſtes ſaõ os bens que nos braços daquella Divina Imagem tem os homens ſeguros para ſeu remedio: mas tambem naquelle amoroſo peito tem todos o atractivo mais efficaz para obrigar as attençóes humanas a buſcar naquelle lugar os favores da Clemencia Divina depoſitados no ſoberano Oraculo daquella Imagem prodigioſa.

Prov. 3. D. Bern.

Là cantava dizendo o Rey Pſalmiſta que

que os paſſaros grandes habitavaõ nas copas do Cedros eminentes; mas que o Herodio Capitaõ de todos os levava, e attrahia para ſeu ninho, e domicilio: *Illic paſſeres nidificabunt, Herodii domus dux eſt eorum.* Por eſte Paſſaro grande chamado Herodio entendem as gloſas de Lyra, e Hugo (ſeguindo a ſaõ Jeronymo na expoſiçaõ deſte lugar) a Chriſto Senhor noſſo; a caza, e domicilio para donde atrahe as aves, he ſeu peito amoroſo, porque nelle cabem os peccadores todos ſignificados nas mais aves de rapina. *Herodius id eſt Chriſtus, qui eſt domus rapaciſſimorum, nec tales deſerit*; mas inquirida a razaõ porque Chriſto ſe aſſemelha a hum paſſaro Capitaõ das aves de rapina, reſponde o Abulenſe admiravelmente a eſte reparo. He o Herodio, diz o Padre, huma ave de taõ raro, e ſingular genio, que nas prezas que faz, ſe diſtingue das mais aves de rapina, porque ſe ellas com as garras, e bico goſaõ da preza que cativaõ, o Herodio tem o peito taõ agudo, e animoſo, que formando no meyo della huma ponta mais firme, que a mais valente eſpada, recolhendo em ſi as

Pſalm. 103.

Hug. & Lyr. ibi

as garras, e bico, ſe arroja com o peito ſobre a preza, ſem que lhe poſſa eſcapar do tiro, nem o abutre da mayor corpulencia, nem tampouco a mais remontada Aguia. *Capit prædam ſuper ipſam irruendo pectore, quin eam lædat roſtro, vel ungue*: eſcreveo o Abulenſe. Pois ave de genio taõ raro, e ſingular, he Chriſto noſſo Capitaõ, diz David, porque vencer, e cativar aves de rapina, iſto he; converter, e atrahir a ſi peccadores, uſando ſó do tiro amoroſo de ſeu peito, para os levar ao lugar donde habita, bem ſe deixa ver que eſta prodigioſa Ave naõ pode ſer outra ſe naõ Chriſto: *Herodius eſt Chriſtus &c. Capit prædam ſuper ipſam irruendo pectore, quin eam lædat roſtro, vel ungue.* Sirva de confirmaçaõ deſta verdade a experiencia que nos moſtraõ todos aquelles que a eſte Templo cõcorrem a adorar aquella Divina Imagem de Chriſto; porque ſe entraõ peccadores diſtrahidos, pondo os olhos naquelle Soberano Simulacro, e proſtrados reverentemẽte diante de ſua mageſtoſa, e tremenda preſença, ſahem deſte Templo contritos, e penitentes: Se entraõ outros enlaçados

Abul. ad Cap. 11. de vit. & & D. Hyer. apud. gloſ. Lyran.

dos

dos nas redes do amor profano, adorando aquella Soberana Imagem, ſahem conſagrados ao Amor Divino; e que outra couza he iſto ſe naõ effeitos daquelle amoroſo peito, que como atractivo iman das attenções humanas, cauſa eſtes prodigios nos homens? Poriſſo todos vem buſcar perennemente a eſte Templo aquella Divina Imagem atrahidos das Divinas Clemencias, que nella achaõ os corações de ſeus devotos; porque quiz a Providencia Divina recopilar naquelle Divino Simulacro, por modo eminencial, aquelles inſtrumentos prodigioſos, de que em huma, e outra Ley, velha, e nova, uſou a Omnipotencia Divina para remedio dos humanos.

Exod. 7.

Porque ſe na Ley velha houve huma Vara que exaltada nas mãos de Moyſès, obrava prodigios, e maravilhas em favor dos Iſraelitas; aquella Divina Imagem exaltada naquelle Trono, obra portentos, e milagres em remedio de ſeus devotos; digam-no aquelles que concorrem a eſte Templo agradecidos, e obſequioſos abeijarlhe os Pès pelos beneficios recebidos, e outros

tros a porlhe nas Mãos ſuas petições para alcançarem ſeu deſpacho, e abrigo em ſuas miſerias. Se na Ley velha houve huma miſterioſa Serpente exaltada no alto de hum madeiro, na qual todos os que punhaõ os olhos, ſe viaõ logo livres de ſuas enfermidades; naquella Divina Imagem todos os que empregaõ os olhos de viva fè, e a ella recorrem cordealmente em ſuas afflições, achaõ contra ſuas enfirmidades o mais actívo colirio. Confeſſemno os moradores da ſempre nobre, e leal Cidade do Porto, que na occaſiaõ que a ſua meſma Cidade eſtava hum hoſpital de enfermos apeſtados, alcançaraõ logo o ſeu remedio naquella Divina Imagem ſendo levada pelo meſmo motivo á Cidade do Porto. Se na Ley velha houve huma miſterioſa pedra collocada no alto do Monte Horeb, daqual os Hebreos recebiaõ abundancias de agoa para remedio da ſede que padeciaõ; naquella Divina Imagem, naquelle elevado Trono, Monte de ouro collocada, recebem os Catholicos as copioſas abundancias da piedade divina, para alivio de ſeus males, e calamidades temporaes. Publiquem-

Num. 21.

Exod. 17.

quem-no os meſmos moradores do Porto; que nas occaſiões em que a ſua Cidade ſe achava huma Lybia ardente pelas faltas de agoa, que por largos tempos naõ chovera, recorrendo áquella Divina Imagem, em quatro vezes que foy levada à meſma Cidade em deprecativa Prociſſaõ, receberaõ as terras as enchentes de agoa, que o Ceo lhes chovera, para a producçaõ dos frutos, de que neceſſitaõ os humanos.

Joan. 15. Se na Ley velha houve huma miſterioſa Piſcina em cujas agoas a influxos ſuperiores do Ceo, ſe curavaõ as enfermidades, e achaques todos; nas prodigioſas agoas da fonte, que aquella Divina Imagem, miraculoſamente fez emanar no dezerto de hum areal, naõ ha enfermidades, ou achaques, que naõ achem o ſeu remedio. Digam-no todos aquelles, que aſſim o tem experimentado por virtude das agoas de taõ miraculoſa fonte, mais prodigioſa que a de Siloe. *Geneſ. 7.* Se na Ley velha houve huma Arca que ſalvou a Noè, e outros muitos do naufragio univerſal; naquella Divina Imagem, achaõ todos ſeus devotos o Porto ſeguro de ſuas felicidades, como

Arca

Arca miſtica da Ley da Graça para remedio dos Catholicos. Aſſim o teſtemunhão todos aquelles que navegando eſſes dilatados, e furioſos mares de hum, e outro Polo, ſe tem viſto livres de ſeus perigos, e promontorios, clamando devota, e cordealmente por aquella Soberana Imagem, que como Divino Santelmo livrando-lhe as vidas das ſepulturas das ondas, os tem trazido às prayas do Porto ſuſpirado. Se na na Ley nova finalmente, nos deixou o Filho de Deos humanado nos Miſterios, e Sacramentos, que inſtituhio, cartas de ſeguro da mizericordia, alvarás da ſumma bondade, e penhores da Bemaventurança: naquella Divina Imagem do meſmo Filho de Deos, verdadeiro retrato de ſeu Original, achaõ todos os Catholicos os ſeguros certos de ſuas felicidades, aſſim temporaes, como ſempiternas, cuja verdade parece que eſtà ſignificando com a miſterioſa diſpoſiçaõ de ſeus olhos; porque ao meſmo tempo que com hum nos promete as felicidades do Ceo, com outro nos aſſegura as conveniencias da terra: *Oculi Domini aliquando ſignificant miſericordiam & benig-*

Eccleſ.& Sãct. PP.

Tem a Imagem do S. de Matozinhos hum olho no Ceo, outro na terra.

Laur. in Alleg. verb. oculus.

benignitatem: oculus dexter, eſt conſiliarius, & amicus in rebus divinis, ſiniſter vero conſiliarius in rebus terrenis: allegoriſou Laureto.

Compendio de muitas graças, e excellencias, virtudes, e perfeições, quiz a Providencia Divina, que ſahiſſe das mãos de Nicodemus aquella ſoberana Imagem; para que entre todos os retratos de Chriſto, que venera a fé Catholica na terra, foſſe aquelle Divino Simulacro eſtimado ſingularmente das humanas attenções, por ſer o mais conforme com ſeu Original, e poriſſo venerado entre todos por admiraçaõ. Entre todas as creaturas viſiveis, e inviſiveis, ſó do homem ſe diz, que he pintura divina, por ſahir das mãos de Deos huma Imagem, e ſemelhança ſua: *Faciamus hominem ad imaginem, & ſimilitudinem noſtram. Secundum hanc imaginem, quæ refulget, pictura eſt Adam,* diſſe Santo Ambroſio. Bem he verdade que os Anjos ſaõ creaturas perfeitiſſimas, como ſubſtancias todas eſpirituaes; mas como no Anjo naõ ſe acha aquella excellencia, e prerogativa, que ſe deſcobre no homem, poriſſo ſó do homem ſe diz o que naõ ſe affirma do Anjo.

Geneſ. 2.
D. Ambr. ibi

Anjo. He o homem hum compendio de todas as perfeições naturaes pelas mais creaturas repartidas; porque se na pedra he perfeiçaõ ter ser, e substancia, nos irracionaes o sensitivo, nas plantas o vegetativo, e o intellectivo nos Anjos, todas estas perfeições pelas mais creaturas repartidas se achaõ no homem recopiladas: *Juxta aliquid omnis creatura est homo. Habet namque cõmune esse cum lapidibus, sentire cum animantibus, vivere cum arboribus, intelligere cum Angelis*, disse S. Gregorio Magno. Sendo pois esta razaõ porque só o homem se diz pintura divina, e admiravel imagem de Deos, por esta razaõ tambem he aquella Soberana Imagem para as nossas admirações admiravel, porque nella compendiou a Providencia Divina todas as prerogativas, e excellencias, que pelas mais Imagens de Christo na terra estaõ divididas. Estas gloriosas excellencias està ostentando nos prodigiosos effeitos q́ obra em remedio de seus devotos; e com razaõ adorada com summa reverencia naquelle magnifico Tabernaculo, donde collocada magestosamente, pela mais heroica devoçaõ,

D. Greg. humil. 9.

H lo-

logra as mais elevadas exaltações naquelle Trono; acabadas as obras, que pedia o culto, e veneraçaõ de taõ ſoberano, e divino Simulacro: *Omnia conſummata ſunt &c. Hæc Eccleſia eſt requies mea &c. Benedictio Dei erga homines &c.*

Mageſtoſo, e adorado Senhor, Imagem divina de Chriſto Filho do Eterno Padre, atè aqui puderaõ chegar os voos de meu limitado diſcurſo, para elogiar as glorioſas exaltações, que pela voſſa mageſtoſa collocaçaõ oſtentaes neſſe magnifico Tabernaculo, como Ceo de taõ ſuprema Gloria, como Erario de taõ rica joya, como Cuſtodia de taõ ſagrada Reliquia, como Cofre de taõ ſoberano Sacramento, e como Campo de taõ precioſo Theſouro, que o Ceo quiz deſcobrir neſta terra para enriquecer os homens de maravilhas prodigioſas de voſſa Divina bençaõ. Bem conheço Senhor, que fuy diminuto na publicaçaõ das voſſas excellencias; mas aceitayme piadoſo a vontade por cabal ſacrificio da minha devoçaõ; pois bem ſabeis que o preceito da obediencia me fez ſubir a eſte lugar temeroſo. E jà que a todos os voſſos

vosſos devotos liberalmentente deſpendeis tantos beneficios, para mim vos peço hoje primeiramente o perdaõ da minha confiança (ſe he que a obediencia naõ diſculpa os confiados) e deſpois vos ſuplico que a eſtes meus Irmãos que em Religioſa Cõmunidade, celebraõ tambem a voſſa Collocaçaõ, liberalizeis as enchentes da voſſa graça, pois nos voſſos applauſos ſe moſtraõ tambem empenhados com razaõ eſpecial, como filhos daquelle Pay, que foy na vida voſſa imagem, e retrato vivo: *Franciſcus fuit imago Chriſti*, para que a elles, e a todos os que vos aſſiſtem neſte feſtivo Culto de voſſos applauſos, aſſiſtidos tambem da voſſa graça, vaõ com ella goſar no Ceo da voſſa Gloria. *Quam mihi & vobis &c.* Amen.

Cardeal Pizano in vita S. Franciſc.

ſi in contemplatione ſedentis in Throno.

Suppoſto pois, que hoje haviaõ de ſer os paſmos, e os aſſombros os melhores Panegyriſtas de tanta grandeza; vamos ao menos vendo, como o meſmo Ceo (que aqui vemos trasladado na terra) enſinandonos a reſpeitalla ſuſpenſos deo a forma, e o molde para a magnificencia deſtes applauſos.

Saõ Dionyſio, e Celeſtino referidos pelo grande Alapide no commento de Iſaias ao Capitulo ſexto, diſſeraõ vira o Profeta a Deos no Trono louvado, e applaudido daquelles Celeſtiaes Eſpiritos, para delles aprender como na terra as couzas Divinas haviaõ ſer tratadas: *Ut á Cæleſtibus Spiritibus diſceret, quomodo Divina tractanda ſint.* E o meſmo, em que foy entaõ Iſaias inſtruido, he o que neſte magnifico culto vemos com promptualidade executado; porque ſe là no Ceo Ezequiel vio Cherubins; Iſaias Serafins, e Anjos o Euangeliſta; rendendo todos gratificativos louvores ao Senhor no ſeu Trono, tambem na terra dentro do Ceo deſte Templo, vemos, e temos viſto correrem por conta dos Cherubins,

D. Dioniſ. & Cæleſtin. ab Alap. relati in Coment. ad Cap. 6. Iſai.

rubins, Serafins, e Anjos os applauſos do Bom JESUS reſtituido ao ſeu Solio; ſenaõ vejaſe a congruencias; e propriedade.

No primeiro dia deſte Triduo, a que aſſiſtio o Illuſtriſſimo Cabido, correo o applauſo por conta dos Cherubins, que conſidero nos ſugeitos daquella Gerarquia, naõ ſómente pelo elevado das Intelligencias, e graduaçōes; mas tambem pelo encarnado das murças; de encarnardo ſe ornaõ os Cherubins: ſaõ logo os primeiros aſſiſtentes Cherubins, atè pelas inſignias, com que ſe condecoraõ.

No ſegundo, e precedente dia, a que aſſiſtiraõ os Religioſos da Conceyçaõ, correo o culto por conta dos Serafins; que tambem vejo reprezentados naquella Gerarquia, naõ ſómente pelos ardores do Eſpirito, mas tambem pela profiſſaõ do habito, de pardo ſe veſtem os Serafins; ſaõ logo Serafins aquelles ſegundos aſſiſtentes até pela cor do habito, que profeſſaõ.

E hoje neſte ultimo dia, e terceiro, a que aſſiſtem os filhos, e irmãos de S. Pedro

Pedro corre o remate da festa por conta dos Anjos; que contemplo nos sogeitos desta ultima Gerarquia, assim pelos candores da sua pureza; como pelo candido de suas sobreprelizes, que de branco se vestem os Anjos.

E porisso com muito acerto vem estes no ultimo lugar; porque depois de Ezequiel, e Isaias verem os Cherubins, e Serafins assistindo ao Senhor no seu Trono; vio S. Joaõ no ultimo lugar os Anjos todos germanados; ou em corpo da Irmãdade para o mesmo empenho: *Omnes Angeli stabant in circuitu Throni, & adoraverunt Deum.* Em Christo adoraraõ a Deos os Anjos, e assim o fazem, como o devem fazer, os filhos, e irmãos de S. Pedro; imitando a seu Pay, e Principe nas acclamações da Divindade: *Tu es Christus Filius Dei vivi:* porque hoje por remate das glorias de applaudido acclamaõ ao Senhor tres vezes santificado: *Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Deus exercituum, plena est omnis terra gloria ejus.*

Apoc. 7. 11.

Matth. 16. 16.

Na triplicidade uniforme dos sugeitos, por cuja conta corre a magnifica assistencia

tencia deſte Culto, ſe me eſtaõ reprezentando aquellas tres arvores que naſceraõ da boca de Adaõ depois de morto; as quaes ſendo tres differentes plantas; como eraõ, Palma, Cypreſte, e Cedro, ſe uniraõ taõ maravilhoſamente entre ſi, que de tres trõcos vegetativos, ſe vieraõ a germanar em hum ſó tronco, reduzindo-ſe com milagroſa armonia as tres plantas a huma ſó arvore: aſſim o diz Villarroel referindo a Pineda, que o tirou de outro Autor mais antigo: *Steterunt tres iſti rami, ſeu potius arbores actis in Adami ore radicibus ad uſque ſæculum Noé: ergo Deo ſic volente in ſe ſe mutuo tres illi rami influxerunt, & conjunctione mirabili in unam ingentem arborem coaluerunt.*

Vilarroel.

Figura expreſſa da Cruz foy aquella arvore, que de Palma, Cypreſte, e Cedro no parecer de Bozio ſe compoz o Sagrado Lenho da Cruz: *Ligna Crucis Palma, Cupreſſus, & Cedrus*; e foy providencia, que aſſim como pela boca de Adaõ a penas com vida entrou no pomo vedado o veneno da morte; depois de ſua morte lhe ſahiſſe da meſma boca a melhor idêa da arvore da vida: havia porém de formar

Boz. de Cruce Chriſti.

aquella

SERMAM

NO TRIDUO, COM QUE os Irmãos devotos

DO SENHOR

DE MATOZINHOS

Celebraraõ a Reposiçaõ daquella Veneranda Imagem no Trono depois de consummada toda a obra da sua Capella.

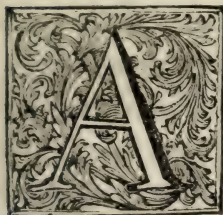
PRÉGADO

No terceiro, e ultimo dia a seis de Mayo do Anno de 1733.

PELO REVERENDO DOUTOR

MANOEL PEREIRA ALVARES

Protonotario Apostolico de sua Santidade, e Reytor de Santa Maria de Campanhãa do Bispado do Porto.

Consummatum est. Joan. Cap. 19. n. 30.

A SEIS de Mayo com a sexta palavra, que Christo proferio da sua Cruz, venho no terceiro, e ultimo dia deste Triduo pòr o remate aos applausos, com que os devotos do Bom JESUS dando graças por graças lhe solennizaõ neste Templo a Encenia, ou nova dedicaçaõ do seu Trono. A seis de Mayo, que no dia sexto, e na sexta hora; quando o Mundo estava na sua infancia, e primavera, cahio Adaõ do trono da Graça, para que no sexto dia, e na hora sexta, vissemos o segundo Adaõ Autor da Graça mostrandonos no Trono da sua Cruz redimidos da culpa. Desde a hora sexta, em que o Senhor da sua Cruz fez Trono:

Glos. ad text.

Ex Hymn. Ecclesiæ. *Regnavit in ligno Deus*, com razaõ occultando as luzes callaraõ os aſtros as linguas. *Matth. 27. 45.* *A' ſexta autem hora tenebræ factæ ſunt*; porque à viſta do Senhor no ſeu Trono, as linguas mais apuradas haviaõ ficar com razaõ às eſcuras emmudecidas: *A' ſexta autem hora tenebræ factæ ſunt.*

Quando no Templo do Calvario poſto no Trono da ſua Cruz, conſummou o Senhor a obra da Redempçaõ; todos os que preſenciaraõ aquelle Soberano Eſpetaculo, ferindo os peitos com amiudados golpes, reverentemente ſuſpenſos, ſe apartavaõ daquelle lugar attonitos. *Omnis* *Luc. 23. 48.* *turba eorum, qui ſimul aderant ad ſpectaculum iſtud, & videbant quæ fiebant percutientes pectora ſua revertebantur.* Mas que havia de ſer? Vio aquella turba que os aſtros com os ſeus ecclypſes, a terra com os ſeus tremores, os marmores com os ſeus abalos, as pedras com as ſuas ſciſſuras; e até os homens com os ſeus teſtemunhos, havendo reconhecido em Chriſto, como Deos o *non plus ultra* da ſua Gloria; ainda depois de morto no ſangue, e agua que derra-

derramou do peito, moſtrava terem as ſuas clemencias *plus ultra*; e verem as turbas que depois de conſummada huma taõ grãde obra em Trono de Mageſtade collocado, oſtentando Chriſto de ſua Gloria o *non plus ultra*, moſtrava ainda alli ter *plus ultra* a ſua Clemencia: quem haveria, que chegando-o a ver, deixaſſe attonito, e ſuſpenſo de o venerar? *Omnis turba &c.*

Iſto meſmo que ſuccedeo no Calvario á viſta da realidade, muito antes o tinha viſto Iſaias em repreſentaçaõ? Os Serafins, que como Palacianos do Ceo aſſiſtiaõ a Deos na Corte da Gloria, com as ſuas azas cobriaõ o Roſtro do Senhor, e mais os Pès, e os ſeus proprios Pès, e proprio Roſtro: *Duabus velabant faciem ejus, & duabus velabant pedes ejus.* O Caldeo, Vatablo, e outros: *Duabus velabant facies ſuas, & duabus velabant pedes ſuos*; mas vio o Profeta, que o Senhor alli eſtava em hum magnifico Trono. *Super Solium excelſum*, e naõ de outra ſórte, ſenaõ feito hum anticipado retrato do Bom JESUS Crucificado, que iſto meſmo he, o que diz S. Bernardo vira o Profeta naquelle excelſo Solio. *Iſaias vidit*

Iſai. 62.

Cald. & Vatabl. relat. â Corn. Alap. in hunc locum.

D. Bernard.

vidit Christum sub Patre in Cruce pendentem, fazendo ostentaçaõ taõ grande de sua Gloria, em abono da sua Clemencia, que sendo a Esfera do Ceo pequeno Theatro para ostentaçaõ da sua Gloria, e Magestade, toda a redondeza da terra encheo benevola a Magestade da sua Gloria: *Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Deus exercituum, plena est omnis terra Gloria ejus.*

Isai. ubi supra n. 3.

E quando no seu Solio, e no seu Trono, se vè de Christo o melhor retrato com jubilos alegres applaudido, na ostentaçaõ de sua Gloria, e clemencias empenhado, naõ ha intelligencia, que abrindo as azas do discurso na exploraçaõ deste soberano Mysterio, saiba por donde caminha, porque faltando-lhe a actividade da perspicacia, a cada passo tropeça.

Saõ os Serafins naõ sómente puras intelligencias, mas as intelligencias mais puras; e quando as mais puras intelligencias na exploraçaõ de tanta grandeza cruzando as azas suspendem os voos; que terreno discurso na sua exploraçaõ remontàdo os voos, alargarà os passos? He sem duvida, que perdendo o tino aos primei-

ros

ros paſſos, eſcurecida a actividade da perſpicacia, a cada paſſo perderaõ os voos o tino. *Duabus velabant facies ſuas, & duabus velabant pedes ſuos.*

Oh meu Deos, e meu Senhor? E que farey eu agora á voſſa viſta, ſendo vòs de Chriſto o melhor retrato, e eu da terra o menor bichinho, entre as creaturas a mais vil, e entre os rudes o mais inerte: para que hoje poſſa da parte dos homens dezempenharme nos voſſos louvores, e com elles dezempenharvos para com mão prodiga nos diſpenderes os voſſos beneficios? He certo meu Bom JESUS, que voando ſem ceſſar com as azas do coraçaõ, como faziaõ os Serafins do Trono: *Et duabus volabant*, ainda que para louvores naõ poſſa montar o impoſſivel de comprehendervos; moſtrarey ao menos a reverente ſubmiſſaõ, com que dezejo applaudirvos; que là voaõ muitas vezes os affectos, aonde naõ pòdem chegar os diſcurſos; venerarey affectuoſo, o que naõ poſſo decifrar diſcurſivo, dizendo com David ſuſpenſo, e mais attonito?

He a Sagrada Imagem do Bom Jeſus de Bouças retrato verdadeiro de Chriſto.

Iſai. ubi ſupra 62.

Quis

Isai. 14. 13. *Quis aſcendet in montem Domini*, *aut quis ſtabit in loco Sancto ejus?* Quem (dizia o humilde coraçaõ do Real Profeta) quem poderá ſubir com o penſamento, naõ a entronizarſe vanglorioſo como Lucifer: *In Cœlum conſcendam*, *& ſuper aſtra Dei exaltabo Solium meum*, *ſedebo in monte teſtamenti*; que iſſo he experimentar ſem fallencia as ruinas de deſpenhado, nos delirios de atrevido: mas a decifrar reverente a Gloria, que oſtenta o Bom JESUS no ſeu Trono: *Quis aſcendet in montem Domini?* Ou quem poderà ſem temer, e tremer a pè fixo fazer alto com o diſcurſo naquelle abyſmo de clemencias, em que eſtá empenhado o Bom JESUS reſtituido ao ſeu Solio? *Aut quis ſtabit in loco Sancto ejus?* moſtrando cabalmente neſta acçaõ de graças os dezempenhos, e empenhos deſte magnifico culto? He eſte hum projecto que para deſenganar a temeridade do mayor atrevimẽto com as creaturas inſenſiveis no Calvario, o reſpeitaraõ os homens eſtupefactos, aſſim como os Serafins do Trono o veneraraõ ſuſpenſos, e mais attonitos, diz o melliſluo Bernardo: *Stabant attoniti,& ſuſpen-*

ſi i

aquella arvore para Christo da sua Cruz o seu Trono; diz Hugo. *Crux est Thronus Christi.* E como havia de ser Trono, em que Christo no Mundo apparecido se havia de ver glorificado: logo na diversa triplicidade das plantas, de que se formou a propriedade, e conveniencia dos assistentes deste culto nos descobrio.

Hugo Card. in indice

Todos procedemos de Adaõ; que nelle tiveraõ principio as nossas rayzes; e porisso somos crescendo, & multiplicando como arvores; que isto bem o vio, quem ainda naõ via bem: *Video homines velut arbores*; mas tendo todas as suas semelhanças com os diversos estados, e sexos das creaturas. No Cedro com muita propriedade se reprezentaõ os primeiros assistentes deste culto pela altura de sua dignidade: *Cedri in Ecclesia*, (diz Hugo) *sunt viri sublimes in dignitate.* No Cipreste se reprezentaõ os segundos assistentes, porque sendo symbolo dos Religiosos, e Penitentes, que sem pender para a terra sempre vaõ com os olhos no Ceo, como diz Picinelo. *Cupressus Religiosos, & penitentes adumbrat.* Os Religiosos da Conceyçaõ saõ da Ordem da Penitencia.

Marc. 8. 24.

Hug. Card. in indice.

Picinel. lib. 9. n. 154. & 115.

 E ul-

E ultimamente na Palma ſe retrataõ os filhos, e iamãos de S. Pedro; naõ porque no animo, e affecto, com que aſſiſtem a levem aos de mais aſſiſtentes, que, aonde vemos huma tal uniaõ de affectos, naõ podemos admitir mayoria nos extremos; mas porque ſendo a Palma ſymbolo da pureza, o he da fraternal uniaõ: aſſim o decifrou Arezio em duas Palmas enlaçadas com eſte timbre. *Caſtum Conjugium*, que quer dizer, ajuntamento caſto; e que mais caſto ajuntamento, que o deſta devotiſſima Irmandade, que no amor, e zelo a todas ſe leva a palma?

Arezius à Picinel. relat. lib. 9. n. 354.

Logo com acerto imitando no Ceo os Anjos (que todos ſaõ de huma meſma natureza) com prodigioſa armonia ſe juntaraõ na terra os homens para os applauſos do Bom JESUS reſtituido ao ſeu Trono, que ſendo-o para elle a ſua Cruz, ſe vio na diverſidade daquellas plantas; de que eſtes ramos de Adaõ uniformes, e cõjuntos com ſingularidade do objecto, querem oſtentar hũa ſó a arvore para o meſmo fim naſcida de hum ſó tronco; e poriſſo em quanto eu deſcifrando o culto das pala-

palavras do Tema dirivo o argumento; as Palmas, os Cypreſtes, e os Cedros, poſtrem reverentes aos Pês do Bom J E S U S ás ſuas Coroas, e inſignias, aſſim como o faziaõ os Anciões, que aſſiſtiaõ ao Senhor no ſeu Trono ſubmetendolhes aos pés as Coroas: *Mittebant Coronas ſuas ante Thronum.* Apoc. 4. 10.

Neſte culto moſtraõ os devotos do Bom JESUS o prazer de verem aquella ſua veneranda Imagem reſtituida ao ſeu Trono, do qual eſteve ſeparada em quanto ſe dourou a obra da ſua Capella, e o meſmo Trono ao Senhor dedicado; por cuja divida neſta Encenia, ou nova dedicaçaõ, com o rendimento deſtas graças o querem ter propicio para novas graças; e eſta foy a razaõ de eu dizer ao principio, vinha pòr o remate a eſtes applauſos, dando graças por graças: e iſto meſmo, nem mais, nem menos, inſinuaõ as palavras do noſſo Euangelho, que tomey por tema, as quaes ſaõ aquellas meſmas, com que o Senhor deo a obra da Redempçaõ por conſummada. *Conſummatum eſt opus redemptionis*, diz a Gloſa. Gloſ. ad text.

Porque alli na ſua Cruz com apparato regio dedicou o Senhor para ſi o melhor Trono, diz o Cartagena. *Crux Domini Thronum, & ſolium, quem ipſe.... authoritata Regia dedicavit.* E eſta he a congruencia de ſer a elle reſtituido no dia da Invẽçaõ do Sagrado Lenho da Cruz; porque ſe o Senhor da ſua Cruz fez Trono, quiz dever as glorias de applaudido à Mageſtade de Crucificado, e foy a Cruz no Templo do Calvario, Trono, aonde ultimamente, e por remate de tudo deſcançou o Senhor, diz o doutiſſimo Baeça: *Non enim Deo digna requies ubi non omnia, quæ incæpit facere conſummavit.*

Cartha. ad noſtr. tent.

Baeça ad textum.

Dignamente deſcançou o Senhor no ſeu Trono, porque jà eſtava conſummada a obra de que lhe reſultava da ſua Gloria a melhor Coroa, diz o jà referido Cartagena. *Conſummatum eſt, ideſt conſtantiam in coronando incæpto opere ſignificavit.* Coroou o Senhor a obra, e poz-lhe o remate moſtrando do ſeu amor o *non plus ultra*, diz Philo, ou Cartagena referindo-ſe a Philo. *Conſummatum eſt, ſignificare ait Chriſtum Dominum, ejus amorem ultra progredi non potuiſſe.*

Cartag. ubi ſupr.

Philo à Cartag. relatus ad hunc.locũ.

E por-

E poriſſo inclinando o Senhor a Cabeça para eſpirar, rendeo a ſeu Eterno Pay as devidas graças por haver permitido deſcançaſſe no Trono da ſua Cruz depois de conſummada a obra da Redempçaõ, diz o Sylveira: *Capitis inclinatione denotavit Chriſtus ſummam adorationem, & reverentiam erga Patrem cum gratiarum actione pro Cruciatibus toleratis, hominum redemptione adimpleta.*

Sylv. lib.8. cap.28. q.9. §. 1.

E ſe no Calvario rendeo o Senhor a ſeu Eterno Pay as devidas graças por haver permitido deſcançar no Trono da ſua Cruz, que para oſtentaçaõ de ſua Gloria, e clemencia com apparato Regio para ſi dedicou com univerſal applauſo das creaturas racionaes, e inſenſiveis; moſtrando alli por remate, e coroa da mayor gloria o *non plus ultra* do ſeu amor, ſerà argumento deſta Oraçaõ por ultimo remate deſta acçaõ de graças vermos oſtentar o Bom JESUS reſtituido ao ſeu Trono o *non plus ultra* da ſua gloria; porque alli ha de ter ſempre a ſua Clemencia *plus ultra*; gravando neſtas duas columnas o Divino Hercules o *plus ultra* da ſua Clemencia àlem do *non plus ultra* da ſua Gloria; que neſte empenho poem

aò Bom JESUS, que por coroa, e remate destes applausos mostra do seu amor os desempenhos. *Consummatum est opus redemptionis. Constantiam in coronando incæpto opere significavit. Significare ait Christum Dominum ejus amorem ultra progredi non potuisse. Non enim Deo digna requies ubi non omnia, quæ incæpit facere consummavit. Crux Domini Thronum, & solium, quem ipse authoritate Regia dedicavit. Capitis inclinatione &c.*

Assim como ha satisfações que obrigaõ, ha dezempenhos, que empenhaõ: he o mesmo que eu considero nesta acçaõ de graças, com que os devotos do Bom JESUS lhe solemnizaõ a Encenia, ou nova dedicaçaõ do seu Trono, depois de acabada, e perfeita a obra da sua Capella; porque quanto mais os devotos do Senhor se empenhaõ nos applausos da sua gloria, tanto mais o empenhaõ para os favores da sua Clemencia aos applausos da sua gloria: nesta celebridade hoje se lhe dà o fim, mas desde hoje nos promete o Senhor serem sem fim as enchentes da sua Clemencia.

Eu naõ quero dizer terà fim a gloria do Senhor, que essa, assim como he immensa,

ſa, tambem he eterna, e deſta ſórte conſiderada ſempre tem *plus ultra*; mas como he temporal, a que lhe reſulta dos applauſos daquella Imagem veneranda, officina admiravel dos prodigios da Divina Omnipotencia; tendo hoje o ultimo termo ganancea ſerem ſem termo do Senhor as mizericordias. E poriſſo eu dizia, que no remate deſta celebridade em hum *non plus ultra* ſe deſcobria hum *plus ultra. Conſummatum eſt ſignificare ait Chriſtum Dominum ejus amorem ultra progredi non potuiſſe. Conſtantiam in coronando incæpto opere ſignificavit.* Mas para reduzirmos eſte culto, e eſte aſſerto a termos praticos, ſaybaimos primeiro, que vem a ſer Encenia, ou nova dedicaçaõ no rigor eſpeculativo.

Lauret. in Sylva allegor.

Encenia, diz Laureto, que he a dedicaçaõ de qualquer couſa, ou feſta, que ſe faz pela renovaçaõ da meſma couſa: *Encenia dicuntur, quando fit dedicatio cujuſcumque rei, vel feſtum, quo res qualiſcumque innovatur.* Conſiſte eſta dedicaçaõ, ou Encenia em huma ſolemne, e plauſivel acçaõ de graças rendidas ao Senhor por haver permitido chegar a couſa dedicada ao fim dezejado.

Aſſim o diz Lourenço Beyerlinck no ſeu Theatro. *Dedicatio nihil aliud eſt, quam ſolemnis quæddam, & cum ſumma exultatione facta Deo gratiarum actio; quod domus illa ad optatum finem perducta ſit.*

Theatrum Vitæ Humanæ. lit. T. verbo. Templum.

E ſendo eſte culto hum reverente applauſo conſagrado ao Senhor pelo vermos reſtituido ao ſeu Trono, aonde felizmente deſcança depois de conſummada a obra da ſua Capella: *Non enim Deo digna requies, ubi non omnia quæ incæpit facere conſummavit*, com juſta razaõ lhe compete a eſte culto o nome de Encenia, ou nova dedicaçaõ, e com elle moſtrando-ſe a gloria do Bom JESUS elevada à mayor altura, claramente ficarà a ſua Clemencia por interminavel conhecida: ou para o dizer melhor, oſtenta o Senhor reſtituido ao ſeu Trono o *non plus ultra* da ſua Gloria; porque alli teraõ ſempre as ſuas Clemencias *plus ultra.* Temos hum lugar que ſendo idèa do aſſumpto, nos prova fielmente o argumento.

Para Salamaõ celebrar a dedicaçaõ do ſeu Templo (que foy huma das maravilhas do mundo) mandou convocar to-

dos

dos os Principes, Capitães, e Grandes do ſeu Reyno, para que com a mayor pompa, que podia oſtentar a ſua grandeza, foſſe com triunfal ſolemnidade levada a Arca do Teſtamento para Trono, que no Propiciatorio, ou Oraculo do Templo lhe tinha fabricado: *Congregati ſunt omnes maiores natu Iſrael cum Principibus Tribuum, & duces familiarum ad regem Salomonem in Hyeruſalem, ut deferrent Arcam fœderis Domini de Civitate David.*

3. Reg. 8. a 1. & 2. Paralip. 5. a 1. uſque ad finem

Juntos em fim no fim do mez de Abril, ou principios de Mayo com immẽſidade de Victimas, e coreas, e muſicas tiraraõ a Arca de Siaõ Cidade de David, e nos hombros dos Sacerdotes a levaraõ em Prociſſaõ ſolemne para o Trono do Propiciatorio, aonde lhe eſtava fabricado o ſeu jazigo ſobre as azas de dous Cherubins. *Intulerunt Sacerdotes Arcam fœderis Domini in locum ſuum in Oraculum Templi in Sanctum Sanctorum ſubter alas Cherubim.* O Alapide, *duo Cherubim erant ſuper Propitiatorium; ita ut per alas ſuas expanſas, & conjunctas, exhiberent quaſi ſedem Deo.*

Alap. ſup.

3. Reg. ub. ſupra n. 6.

Alap. in Exod. 25. 10. pag. 580. lit. A.

E poſta no Trono a Arca do Se-

nhor

nhor lhe rendeo Salamaõ as graças por haver permitido pôr ultimo remate á obra do ſeu Templo, e Trono; aſſim como o prometera a David ſeu Pay dando deſta ſórte principio à celebridade da ſua dedicaçaõ: *Benedictus Dominus Deus Iſrael, qui quod locutus eſt David patri meo, opere complevit,* de que reſultou ao Senhor tanta gloria, que para fazella manifeſta encheo de nevoa reſplandecente todo aquelle admiravel Sanctuario em tanta forma, que para moſtrarſe impenetravel á comprehenſaõ dos juizos rebatia aos aſſiſtentes a perſpicacia dos olhos: *Non poterant Sacerdotes ſtare, & miniſtrare propter nebulam, impleverat enim gloria Domini domum Dei.*

2. Paralip. 6. 4 & 3. Reg. 8. 15.

3. Reg. ubi ſupra n. 11.

Eu jà naõ reparo em que a gloria do Senhor encheſſe o Templo; porque eſſa, como he immenſa, todo o lugar occupa: e aſſim o viraõ os noſſos olhos ſe Deos elevando-os lha quizera fazer manifeſta: no que reparo he, que rendendo Salamaõ a Deos as graças na dedicaçaõ do ſeu Templo por ver a Arca do Senhor jà de aſſento no ſeu Trono para continuarlhas, fizeſſe o Senhor alli huma vizivel, e manifeſ-

ta

ta oſtentaçaõ da ſua gloria: *Impleverat enim gloria Domini domum Dei.* Oh ſenhores, que naõ podia deixar de ſer!

De maneira, que a Arca collocada ſobre as azas dos Querubins no Trono do Propiciatorio, como lhe chama o Alapide, *Propitiatorium erat quaſi ſoliumDeiTriumphantis,* era hum anticipado Retrato de Chriſto Crucificado poſto de aſſento no ſeu Mageſtoſo Trono. Porque ſe a Arca era figura de Chriſto no commum ſentir dos Expoſitores, que ſeguem a Ruperto, e a S. Gregorio; collocada ſobre as azas, que os Cherubins tinhaõ eſtendidas, e cruzadas; vinha a ſer huma verdadeira Imagem de Chriſto Crucificado na ſua Cruz. E quando o melhor retrato de Chriſto Crucificado em Trono de Mageſtade he com reverentes latrias applaudido; entaõ para oſtentaçaõ das grandezas da ſua Clemencia com juſta razaõ quiz alli moſtrar Deos o *non plus ultra* da ſua gloria. *Impleverat enim gloria Domini Domum Dei.*

Alap.inExod. 25. 18. *pag.* 514. *lit. D.*

Rupert.& D. Greg. Homil. ult. in Ezechiel. & Cyril. lib. 4. *in Joan. Cap.* 28.

2. *Paralip.* 7. 5.

Celebrou Salamaõ, e todo o povo a dedicaçaõ do ſeu Templo, e Trono, *Dedicavit domum Dei Rex, & univerſus populus,*

lus, e deſcendo o fogo do Ceo a conſumir as victimas, viaõ os aſſiſtentes a meſma Gloria do Senhor enchendo, e exuberando aquelle Sanctuario, razaõ porque proſtrados, e rendidos com reverentes latrias lhes davaõ os devidos louvores; e graças. *Videbant deſcendentem ignem, & gloriam Domini ſuper domum, & corruentes proni in terram .... adoraverunt, & laudaverunt Dominum.* Via porém aquelle povo, que eſtando aquella Veneranda Imagem do Senhor de aſſento jà no ſeu Trono; o meſmo Deos, que naõ tem plus ultra, para oſtentar vizivelmente o *non plus ultra* da ſua Gloria; alli moſtrava ter para ſempre *plus ultra* a ſua Clemencia: *Quoniam in æternum miſericordia ejus.* E quando em trono de Mageſtade venerado, e applaudido, oſtenta o Senhor ſem termo a ſua Clemencia, he para moſtrar da ſua Gloria o *non plus ultra*; e o ultimo termo. *Impleverat enim Gloria Domini domum Dei, quoniam in æternum miſericordia ejus.*

2. *Paralip. ubi ſupr. n.* 3.

2. *Paralip. ubi ſupr. n.* 3. & 6.

O paſſo he taõ de molde para o aſſumpto, e para o feſtejo; que naõ neceſſitava de accomodaçaõ, ſenão fora preſi-

zo

zo fazer com elle manifesto, e claro, quizeraõ os devotos do Bom JESUS na reformaçaõ deste Templo, e grandeza deste culto, imitar a grandeza de Salamaõ, naõ sómente na fabrica do seu Templo; mas tambem no applauso da sua dedicaçaõ, depois de descançar no Trono do Propiciatorio a Arca do Senhor, retrato verdadeiro da Imagem do Bom JESUS, jà no seu Trono posta de assento, e como no parecer de Alapide aquella dedicaçaõ primeira de todas as outras foy idèa: *Dedicatio Templi significabat dedicationem Ecclesiæ, & cujuslibet Templi Christiani*, para lhe investigarmos a congruencia mais ao perto, o havemos de hir premeditando ponto por ponto.

Alap. in 1. Reg. cap. 8. ℣. 2. pag. 147. lit. B.

Ordenando Salamaõ depois de acabado o seu Templo trasladar a Arca do Senhor de Siaõ Cidade de David, para o Trono do Propiciatorio, e celebrar a sua dedicaçaõ com apparato em tudo Regio, digo celebre, como advertio Lourenço Beyerlinck no seu Theatro: *Fecit que Salomon tempore illo festivitatem celebrem*, mandou (como jà disse) convocar todos os Grãdes

Theatr. Vitæ Humanæ lit. T. Verbo Tẽpl.

des de ſeu Reyno para com triunfal appatato collocar a Arca do Senhor no ſeu mageſtoſo Solio, que lhe tinha mandado fabricar todo cuberto de ouro, e pedrarias, e naõ ſómente o Trono, e Querubins delle, mas tambem o Altar, e paredes em roda, à maneira, que mandou Deos fabricar o Altar do Tabernaculo: *Veſtieſque illud auro puriſſimo tam craticulam ejus, quam parietes per circuitum.*

Exod. 30. 3.

E ſe neſte Templo naõ vemos a grandeza, com que Salamaõ mandou fazer aquella maravilha, ao menos vemos huma tal grandeza de animo, fervor, e eſpirito nos devotos do Bom JESUS; que depois de diſpenderem com a magnifica obra da ſua Capella, e fabrica da ſua Tribuna, naõ as riquezas de Ofir; mas aquellas com que a devoçaõ concorreo de todo eſte Reyno, e ſuas Conquiſtas; que foraõ baſtantes para fazer hum monte de ouro todo aquelle admiravel Sanctuario; do qual ſe póde dizer com verdade, o que diſſe do Sol o Poeta Sulmonenſe, quando affirmou exceder o artificio da obra à precioſidade da materia. *Materiam ſuperabat opus.*

Ovid. Metham.

E ao

E ao depois para trasladarem a elle a Imagem veneranda do Bom JESUS á imitaçaõ do Sabio Rey, convocaraõ todas as Peſſoas principaes de huma, e outra milicia, para com triunfal ſolemnidade a collocarem no ſeu feliz jazigo; tirando-a da Capella de Noſſa Senhora do Roſario; aonde eſteve depoſitada (qual Arca do Teſtamento em Siaõ Cidade de David) podẽdo hoje dizer com muita propriedade a melhor filha de David, e de Siaõ; fora deſcançar no ſeu Tabernaculo, o meſmo que lhe dera o ſer com tanto privilegio: *Qui creavit me, requievit in Tabernaculo meo.*

Aſſiſtio o R. Cabido da Sè do Porto; a Camara, e o Governador das Armas Antonio Mõteyro de Almeyda com a gẽte de Guarniçaõ.

Ecleſ. 24. 12.

E a tres de Mayo dia da Invençaõ do Sagrado Lenho da Cruz (que neſte anno cahio em o dia de Roſa) ſahio com razaõ da Capella do Roſario a melhor Roſa de Jericò, para que deſafiando coroada de eſpinhos as flores da primavera, viſſem todos, que na Vara da Cruz franqueava mais liberal os aromas da ſua Clemencia. Sahio naquelle dia o Senhor; e como tudo ſe fez parente aos Elementos, todos uniformes quizeraõ celebrar reverentes do Senhor os Triunfos.

Eſteve o Senhor na Capella do Roſario, em quãto ſe dourou a obra da ſua Capella, e no dia da Roſa, que foy a 3. de Mayo ſahio della em Prociſſaõ, e ſe recolheo na ſua propria.

O Fo-

O Fogo, afogado em glorias, e abrazado em luzes: o Ar ardendo em chamas, e confuzo em vivas: a Terra alcatifada de flores; e adormecida em consonancias; e o Mar nadando em alegrias, ainda que cheyo de saudades. Entaõ vio a perola, que para enriquecernos de felicidades, em semelhante dia arrojara nas prayas entre as areas, sem duvida para mostrar, que sem numero nos havia de cõmunicar o Senhor as venturas; e porisso o celebrou orgulhoso com o coro das Ninfas; a Terra, com a turba dos Faunos; o Ar, com a musica das Aves, e o Fogo com as lingoas dos Astros; mas todos taõ empenhados em applaudir do Bom JESUS a gloria, que attingindo cada hum a sua ultima baliza, chegou ao seu *non plus ultra.*

Assim o testemunhaõ os corações; que acompanhando entaõ ao Senhor desfeitos em ternuras se viaõ fluctuar em hum abysmo de alegrias; nesse dia ao som armonico de bem concertadas vozes, se puderaõ levantar os muros de outra melhor Thebas; que para isso se moveriaõ voluntariamente senão os riscos duros do cora-

çaõ

çaõ dos montes ; a montes brandos como cera, corações de pedra. Nesse dia os corações mais duros foraõ as victimas mais abrazadas : naõ houve naquelle dia alma por mais distrahida , que abalada com a presença da Magestade daquella Imagem veneranda, se lhe naõ desejasse sacrificar por victima.

Chegou em fim a melhor Arca do Senhor, a Sagrada Imagem do Bom JESUS, nos hombros dos Sacerdotes ao seu magestoso Trono , onde tinha o seu jazigo: *Intulerunt Sacerdotes Arcam fœderis Domini in locum suum , in Oraculum Templi.* Continuou logo em acçaõ de graças ao Senhor este solemnissimo culto da Encenia , ou nova dedicaçaõ do seu Trono , e da sua Capella neste sumptuoso Templo, imitando em tudo os seus devotos a grandeza de Salamaõ, assim nos Sacrificios , como na bem disposta ordem, com que os Sacerdotes com devotos Hymnos, e Canticos, empenhados nos applausos daquella Divina Magestade lhe vaõ dando, e rendendo graças por graças.

3. *Reg.* 8. 6.

Tres vezes , diz Tertuliano , e outres,

Tertulian.

tros, foy dedicado o Templo de Salamão em Jeruſalem; foy a primeira dedicaçaõ feita, e celebrada pelo meſmo Salamaõ; a ſegunda por Zorobabel; e a terceira por Judas Machabeo: *Semel, iterum, & tertio, dedicatum fuit Hyeroſolymitanum Templum. Prima dedicatio facta fuit á Salomone, ſecunda à Zorobabel, tertia à Juda Machabæo.* E tres vezes ſey eu, tem ſido dedicada ao Bom JESUS a ſua Capella neſte Templo: a primeira, quando nella ſe collocou vindo da Igreja de Bouças; a ſegunda, quando accreſcentando-ſe-lhe a meſma Capella, e fazendo-ſe-lhe a ſua nova Tribuna, collocaraõ ao Senhor nella antes de douralla; e a terceira, e ultima agora de prezente, quando depois de dourada, e conſummada de todo a ſua obra, foy o Senhor a ella reſtituido, e poriſſo lhe naõ compete a eſte culto o nome de collocaçaõ, ou dedicaçaõ primeira, mas ſim de reſtituiçaõ, ou Encenia. Razaõ porque diſſe advertidamente Tertuliano; que à primeira ſolemnidade da dedicaçaõ ſe ſeguira a ſegunda da reſtituiçaõ, ou Encenia: *Prima dedicationis ſolemnitate, ſecunda reſtitutionis*

Tertul. à Cartagen. relat.

nis gratulatione. Mas em tudo foraõ as novas dedicações, ou Encenias, huma festiva imitaçaõ da primeira; e este he o motivo de senaõ referir por extenso nas Escrituras a sua pompa.

E supposto, que dos Expositores discrepem sobre a relaçaõ do dia, em q̃ foy collocada a Arca do Senhor no Oraculo do Templo, como muitos affirmaõ com o Alapide encontrarse a festa da dedicaçaõ com a festa dos Tabernaculos; a qual tinha o seu principio a tres de Mayo; em cujo dia, no parecer de Adricomio, collocou Moysês no Tabernaculo a Arca do Senhor: *Die primo Maii Castra figunt ad Montem Synay, Moyses autem ascendit montem, quem Deus jubet sanctificari, & paratum esse in diem tertium,* atè no dia de tres de Mayo, em que a veneranda Imagem do Senhor foy restituida ao seu Tabernaculo, convem com o dia festivo, em que foy collocada no Propiciatorio a Arca do Testamento; e tudo assim foy por disposiçaõ do Ceo succedendo, para que no dia da Invençaõ do Sagrado Lenho da Cruz, em que foy apparecido em Trono de Magestade, nos fizesse

Alapid.

Adricom. Theatr. Terræ Sanct. in Exod. 19.

zesse conhecer a sua gloria à mayor altura elevada.

Ezech. 10. 4. *Elevata est gloria Domini desuper Cherub*; diz Ezequiel, que estando o Senhor no Trono sobre as azas dos Querubins; se vira a sua Gloria elevada á mayor altura, mas que havia de ser? No Trono, quando apparecia a Cruz, na forma com q́ os Querubins cruzavaõ as azas, tambem alli apparecia o Senhor sobre as azas dos Querubins Crucificado na sua Cruz. E quando de Christo a melhor Imagem se vè em Trono de Magestade collocada, quando no dia da Invençaõ do Sagrado Lenho da Cruz apparecida; entaõ para o Senhor ostentar o *non plus* da sua Gloria, no seu Trono a inculca remontada à mayor altura: *Elevata est Gloria Domini desuper Cherub.* Menos mal o hey de dizer, e com melhor propriedade.

No Trono do Propiciatorio se divizava huma Palma entre Querubim, e Querubim; *& Palma inter Cherub, & Cherub.* E como a Palma seja figura da Cruz, em que Christo pelas prodigalidades da sua Clemencia ostentou o *non plus ultra* da sua glo-

Ezech. 41. 18

ria

ria: *Ligna Crucis Palma*, diz Anaſtaſio Synaita, e S. Drogo. *Crux tua gloria tua oh Domine!* Quando em Trono de Mageſtade collocado ſe vè de Chriſto o melhor Retrato à viſta do Sagrado Lenho da Cruz, no dia de cuja Invençaõ foy apparecido; naõ tendo Chriſto como Deos mais glorias, que oſtentar, ou naõ tendo a ſua Gloria mais alta esfera a que ſubir, a Cruz porque oſtentou interminavel à ſua Clemencia, elevou à mais alta esfera a Mageſtade da ſua Gloria. *Elevata eſt Gloria Domini deſuper Cherub, & Palma inter Cherub, & Cherub.*

Anaſtaſ. Synait. & D. Drog.

Servem os Querubins ao Senhor de Trono: *Qui ſedet ſuper Cherubim*, e como na Cruz das ſuas azas appareceo Crucificado, aſſim como as memorias da Cruz lhe realçaraõ a Gloria de apparecido, eſtas meſmas memorias quiz o Senhor lhe eſmaltaſſem a Gloria de entronizado; mas de tal ſórte excedem as Glorias, que oſtenta o Senhor reſtituido ao ſeu Trono, às que oſtentou no ſeu apparecimento, que deixando a olhos viſtos, outra qualquer gloria a perder de viſta; no ſeu Trono

Pſ. 98. a 1.

voa a ſua Gloria a taõ remontada esfera; que nem os juizos a comprehendem; nem a penetraõ os olhos; eſconde-ſe ao intuito dos olhos para moſtrar, que a naõ penetra a perſpicacia dos entendimentos. *Elevata eſt Gloria Domini deſuper Cherub.*

Inclinou Deos para a terra os Ceos, quando deſcendo dos Ceos, appareceo na terra: *Inclinavit Cœlos, & deſcendit*: o meſmo Senhor, que apparecido na terra cifrou toda ſua Gloria na oſtentação da ſua Clemencia: poſto no Trono da ſua Cruz, por onde moſtrou ſem termo a ſua Clemencia, remontou a ſua Gloria ao ultimo termo, para que viſſemos, que no Senhor realçavaõ muito as Glorias de entronizado às que oſtentou quando apparecido: *Inclinavit Cœlos, & deſcendit, & aſcendit ſuper Cherubim, & volavit.* Ainda temos mais que notar neſte paſſo.

2.Reg. 22.n. 11.

Era a Arca do Senhor, como Retrato verdadeiro de Chriſto, a Gloria de Iſrael, e eſſa foy a razaõ de ſe dizer fora trasladada a gloria de Iſrael, quando ſeus inimigos cativarão a Arca do Senhor: *Translata eſt gloria Iſrael, quia capta eſt Arca Dei.* A gloria

1. Reg.4. n. 41.

gloria deste povo, e de todo este Reyno he a venerãda Imagem do Bom JESUS de Bouças; entre as cinco, que fabricou o Santo Varaõ Nicòdemus, a principal, e a primeira; naõ sómente, porque he entre todas a mais milagrosa, senão tambem, porque no parecer de Jorge Cardoso, no seu Agiologio Lusitano, primeiro que todas as outras Imagens venerandas veyo sahir a Espanha nas prayas de Matozinhos, para que logo pelo Mundo se esprayasse a fama dos seus portentos; e pelas franquezas da sua Clemencia, nos desse a conhecer a Magestade da sua Gloria.

Jorg. Cardos. in Agiolog. Lusit.

Porque assim na terra, como no mar he o Bom JESUS de Bouças o seguro de todas as venturas, e felicidades todas. Elle he o Capitaõ das batalhas, o fiador das victorias, o segurador das vidas, e o abonador das fazendas. A elle se devem os bons despachos, e as boas viagens, sendo aquella Imagem sagrada Oraculo sempre propicio para os devotos, que com limpeza do coraçaõ neste Templo buscaõ para as suas necessidades, o remedio, para suas tribulações o amparo, e para suas

perseguições o abrigo: e como agora entronizado quer mostrar o *non plus ultra* da sua Gloria, pelas franquezas da sua Clemencia, serà a sua Clemencia mais ampla para todos com muita Gloria.

Continuando Salamaõ a grande celebridade da dedicaçaõ do seu Templo; na qual mostrou a grandeza de animo, com que lhe rendia ao Senhor as graças por haver permitido descançar a Arca no Trono do Propiciatorio depois de consummada aquella grande obra, para mostrar o Senhor o quanto se agradàra da magnificencia daquelle applauso como seguro de futuras graças lhe disse do Oraculo do Templo estas misteriosas palavras, as quaes me parece estou ouvindo ao Senhor do seu Trono, donde nos està animando aquelle Divino Oraculo.

2. *Paralip.* 7. 15. & 16.

Occuli mei erunt aperti, & aures meæ erectæ ad orationem ejus, qui in loco isto oraverit, elegi enim, & sanctificavi locum istum, ut sit nomen meum ibi in sempiternum, & permaneant oculi mei, & cor meum ibi cunctis diebus. Do seu Trono (assim como o Senhor do Oraculo do Templo) nos està dizendo

do o Bom JESUS, que ſempre ha de ter os olhos abertos para ver piedoſo as noſſas miſerias, e remediar compaſſivo as noſſas neceſſidades, e applicados os ouvidos para ouvir as Orações, e ſupplicas de todos, os que devotos, e penitentes o vierem buſcar a eſte ſeu Templo; porque nelle elegeo, e ſantificou o ſeu Trono; para que nelle permaneça athe o fim do mundo a gloria do ſeu nome; e alli eſtejaõ ſempre ſeus Divinos Olhos, e Coração Divino, todos os dias do ſeculo. Eſtas ultimas palavras do Senhor ſaõ muito dignas de ſobre ellas ſe fazer hum reflexo.

Porque ſe o Senhor alli fallava com alluſaõ à Peſſoa do Verbo fazendo mençaõ das partes do corpo, que havia de ter encarnado, como para ſeguro dos ſeus beneficios, naõ diz que haõ de permanecer para ſempre alli ſeus Divinos Braços, como tymbres de ſua Omnipotencia? E ter perennemente abertas para os favores ſuas Divinas Mãos; que ſaõ as que correm, e abrem os regiſtos ás torrentes das ſuas miſericordias? Direy: Em ſeus Divinos Braços, e Mãos Divinas; aſſim como nelles

tem

tem o Senhor, como inſtrumento da ſua Omnipotencia, o Tribunal para os favores; tambem igualmente o tem para os caſtigos; porq́ no Senhor ſe moſtraõ iguaes os attributos: da ſua Juſtiça, e da ſua Clemencia: e como o Senhor no ſeu Trono, como Rey benigno, e piedoſo, queria moſtrar pelas prodigalidades da ſua Clemencia, o *non plus ultra* da ſua Gloria; como eſquecido dos caſtigos da ſua Juſtiça ſómente quer ter Olhos para ver as noſſas miſerias; e Coraçaõ para remediar compaſſivo as noſſas neceſſidades, porque ſe he o Coraçaõ, como fonte do amor, o centro da Clemencia, e os Olhos ſaõ, como janellas da alma, as portas do Coraçaõ; alli todos os dias do ſeculo, como brazaõ da ſua Clemencia, quer o Bom JESUS ter promptos para remediarnos ſeus Olhos, e Coraçaõ: para moſtrar, que as noſſas neceſſidades lhe haõ de eſtar ſempre levando o Coraçaõ apos os Olhos: *Et permaneant oculi mei, & cor meum ibi cunctis diebus.*

E iſto meſmo moſtrou a Providencia Divina em permitir, que eſta Imagem vene-

veneranda apparecesse nas prayas do mar sem o Braço esquerdo, porque como ap-parecera para Deos franquearnos por ella o mare magnum de sua Clemencia, na falta do Braço esquerdo para o castigo das nos-sas culpas, quiz naõ apparecesse sinal da sua Justiça. E tendo o Olho direito fecha-do para a terra, e o esquerdo aberto para o Ceo: ou estando com hum Olho no Ceo, outro na terra; porque naõ quer ver os nossos defeitos, olha para o Ceo, donde nos està impetrando os beneficios, e mi-nistra-nos do Ceo os beneficios sem olhar para os nossos defeitos. Imagem porten-tosa, que sendo de Christo o melhor Re-trato, nos està mostrando o *plus ultra*, e *non plus ultra* da Gloria, e Clemencia do mesmo Original Divino.

Attingit à fine usque ad finem fortiter, & disponit omnia suaviter. Quando no Cal-vario consummou Christo da Redempçaõ a obra, attingindo alli a sua gloria a ul-tima baliza, e o seu *non plus ultra*; que is-so denota o *fortiter*; mostrou o Senhor o *plus ultra*, e o sem fim da sua Clemencia; que isso quer dizer o *suaviter*. Mas alli no

Sap. 8. a 1.

Trono

Trono da ſua Cruz ſem olhar para os aggravos de quem o crucificàra, eſtava o Senhor pedindo a ſeu Eterno Pay favores, e perdões para quem o offendia: *Pater ignoſce illis, quia neſciunt, quid faciunt.* E quando o Senhor ſem fazer cazo de aggravos, aõ Ceo eſtá ſupplicando os beneficios; entaõ o *plus ultra* da ſua Clemencia acredita o *non plus ultra* da ſua gloria: *Attingit á fine uſque ad finem fortiter, & diſponit omnia ſuaviter.*

Vio o Santo Varaõ Nicodemus, como aquelle Original Divino ſupplicava ao Ceo os beneficios, para os que lhes eſtavaõ fazendo os mayores aggravos. E que fez? Debuxou eſte ſeu Retrato de tal ſorte, que pelos olhos, como portas do coracaõ, nos eſtiveſſe moſtrando depois do Bom fim da terra, o ultimo fim ſem fim no Ceo; eſculpindo aquella Imagem Soberana com hum Olho no Ceo, outro na terra. A iſto alludio S. Bernardo: *Attingit à fine uſque ad finem, ideſt à ſummo Cælo uſque ad inferiores partes terræ.* Porque ſe alèm do fim, que he o *non plus ultra*, naõ pòde haver outro fim, o fim, que depois de hum fim

D. Bernard.

eſtá

eſtá o Senhor attingindo, he o ſem fim, e o *plus ultra* da ſua Clemencia, depois do fim, e *non plus ultra* da ſua Gloria.

Vio S. Joaõ no ſeu Apocalypſe ao Senhor reſtituido ao ſeu Trono, jà deſpozado com a ſua Igreja formada de novo, e della diz o Euangeliſta lhe diſſera o meſmo Senhor eſtas palavras: *Dixit qui ſedebat in Trono, ecce nova facio omnia, ego ſum alpha, & omega, initium, & finis, ego ſitienti dabo de fonte aquæ vitæ gratis.* Eu (diſſe o Senhor) neſta funçaõ dos meus deſpoſorios, para tudo ſahir de gala, tudo reformo de novo. *Dixit qui ſedebat in Trono, ecce nova facio omnia:* Eu ſou o principio, e mais o fim, ou para o dizer melhor com Cornelio Alapide; ſou ſem fim, nem principio, porque ſou eterno: *Ego ſum ſine principio, & fine, ideſt, ſum Æternus.* E por iſſo a todo o que tiver ſede de ſatisfazerſe na fonte viva dos meus favores, chamo, porque para todos eſtaõ ſempre aqui correndo as aguas de Graça. *Ego ſitienti dabo de fonte aquæ vivæ gratis.*

Apoc. 21. 5. & 6.

Alap. ubi ſup.

E pois porque o Senhor no ſeu Trono ſe oſtenta principio, e fim, ou ſem fim,

fim, nem principio, he que ha de ſatisfazer a todos a ſede dos ſeus deſejos, na fonte viva dos ſeus favores? Sim ſenhores, poriſſo meſmo. De ſorte que o fim he hum *non plus ultra*, e o *plus ultra* he hum ſem fim, e como o Senhor alli eſtava reſtituido ao ſeu Trono, deſpoſado com a ſua Igreja formada de novo: *Vidi Hyeruſalem novam .... paratam ſicut ſponſam ornatam viro ſuo*: franqueava liberal a torrente dos ſeus favores, para que dalli, como Deos, que ſendo principio, e fim, he ſem fim, nem principio: pelo *plus ultra* da ſua Clemencia nos fizeſſe reconhecer o *non plus ultra* da ſua Gloria: *Dixit qui ſedebat in Trono; ecce nova facio omnia.... Ego ſum Alpha, & Omega, initium, & finis: Ego ſitienti dabo de fonte aquæ vitæ gratis. Ego ſum ſine principio, & fine.* Eſtà o Bom JESUS poſto já de aſſento no ſeu glorioſo Trono, e alli nos eſtà moſtrando o *non plus ultra* da ſua Gloria, pelo *plus ultra*, e ſem fim da ſua Clemencia, que nos eſtà prometendo de graça, e ſem trabalho: *Ego ſtienti dabo de fonte aquæ vitæ gratis.* Grandeza, que neſte ſeu Retrato, quiz moſtrar o Original Divino no Templo

Apoc. ſup. n. 7

plo do Monte Calvario, quando no Trono da ſua Cruz, que para ſi dedicou, conſummou a obra da Redempçaõ: *Conſummatum eſt opus Redemptionis; conſtantiam in coronando incæpto opere ſignificavit. Significare ait Chriſtum Dominum ejus amorem ultra progredi non potuiſſe. Non enim Deo digna requies, ubi non omnia, quæ incæpit facere, conſummavit. Crux Domini Tronum, & Solium, quem ipſe authoritate Regia dedicavit. Capitis inclinatione denotavit Chriſtus ſummam adorationem, & reverentiam erga Patrem cum gratiarum actione pro cruciatibus toleratis, hominum redemptione adimpleta.*

Concluamos agora com huma obſervaçaõ de Pinciano, que atando-nos alguns fios deſta Oraçaõ, lhe poem o ultimo remate. Quando o Senhor no Templo do Monte Calvario, aonde no Trono da ſua Cruz ſe deſpoſou com a ſua Igreja, inclinou a Cabeça para a terra, olhando para o noſſo principio, e fim, depois de regar com o ſeu Sangue a càveira, ou oſſos de Adaõ, que alli jaziaõ aonde ſe arvorou a Cruz do Senhor, a qual foy a arvore Triforme, que diz Pineda, ſahia da boca do meſmo

Pincianus.

Pineda ſup. relatus.

mo Adaõ depois de morto; moſtrando-lhe, e a ſeus filhos as entranhas da ſua mizericordia, cujo oleo prometera a noſſo primeiro Pay, quando o excluio do Parayſo, nos ſegurou o ſem fim da ſua Clemencia, por brazaõ unico da ſua Gloria; preconizou as felicidades, e mizericordias, que por eſte ſeu Retrato haviaõ de ter os filhos de Eva, aſſim como no Parayſo foraõ prometidas ao primeiro Adaõ. Folgarà de ouvir o ſucceſſo, quem ainda delle naõ tiver noticia.

Eſtava moribundo Adaõ, e conſiderando ſeus dias cheyos, mandou a Seth, que foſſe ter com o Cherubim ao Parayſo, e lhe pediſſe do oleo da mizericordia, que Deos lhe prometera, quando o lançou fóra delle. Partio Seth, e eſtando quaſi chegado ao Parayſo, lhe ſahio ao encontro o Cherubim, e perguntando-lhe a que hia, lhe contou Seth a empreza. Recebeo-o o Cherubim muito bem, e mandou-lhe, que levantaſſe os olhos, e obſervaſſe bem o que via: aſſim o fez Seth, e em primeiro lugar vio huma fonte; e junto a ella huma arvore grande eſtendida em ramos, mas

mas ſem folha, nem caſca alguma, e alli advertio Seth o peccado de noſſos primeiros Pays; e a Cruz da Penitencia, que havia de ſer o ſeu remedio.

Admoeſtado Seth, ſegunda vez, que viſſe mais, torna a olhar, e vè dentro do Parayſo huma arvore taõ grande, que chegando com as ſuas pontas, e ramos, qual eſcada de Jacob ao Ceo, na ſua mayor eminencia tinha hum Menino ſentado, que gemia, e chorava: entaõ lembrando-ſe do peccado original torna a olhar, e vè, que aquella arvore dobrando os ramos para a terra, penetrava com elles o meſmo Inferno. Vira-ſe neſte aſſombro para o Anjo, e eſte lhe explica o miſterioſo enygma, dizendo-lhe, que aquelle Menino, que eſtava entronizado no alto daquella arvore, era o Filho de Deos no alto da ſua Cruz, e que eſſe era o oleo da mizericordia prometido a Adaõ ſeu Pay.

Partio Seth, e dando conta de tudo ao venerando velho, alegre Adaõ, cheyo de prazer levantou as mãos ao Ceo, e rendeo ao Senhor as graças por lhe ſegurar a ſua Clemencia, e mizericordia na-

quella Imagem de Chriſto poſta de aſſento no Trono da ſua Cruz. E niſto pondolhe nas mãos toda ſua eſperança, eſpirou, entregandolhe ſua alma: *Adamus de ſuo, intra tres dies, obitu certior factus á Seth, atque de rebus aliis inſtructus, totus ridibundus, atque hilaris gratias Deo reddidit, & poſt ſatis longam vitam, ſpiritum in illius manus deponit,* traz iſto Pinciano jà referido, tirado de outros Autores antigos. Agora para o intento.

Pincian. ſup. relatus.

A fonte que vio Seth junto do Parayſo, he a fonte milagroſa do Senhor, que eſtà, aonde o Senhor ſahio no lugar do Eſpinheiro, por outro nome chamado o Parayſo: a arvore ſem rama, ou folhas, he o Padraõ do Senhor, que eſtà junto della, e a outra arvore frondoſa, que eſtava dentro do Parayſo com o Menino Deos entronizado no Solio de ſeus ramos, he a Cruz, em que eſtà a veneranda Imagem do Bom JESUS de aſſento jà no ſeu Trono dentro do Parayſo deſte magnifico Templo, e verdadeiro oleo da mizericordia, e Clemencia para todos os filhos de Adaõ, que hoje imitando aquelle bom Pay, lhe devem render as graças por haver permitido

por-ſe

por-ſe a ultima coroa á obra da ſua Capella, e o remate aos applauſos deſta nova dedicaçaõ do ſeu Trono. *Conſummatum eſt.*

Infinitas graças a voſſos Pés proſtrados vos rendemos meu Bom JESUS todos os filhos de Adaõ por haveres permitido por-ſe o remate a eſte glorioſo Culto da dedicaçaõ do voſſo Trono. Confiados em que aſſim,como a povo Hebreo em duas columnas, huma de fogo, outra de nuvem, moſtrates gravados o *non plus ultra*, e *plus ultra* da voſſa Gloria, e da voſſa Clemencia, ahi neſſe glorioſo Trono a eſte voſſo povo, e a todos os filhos de Eva, que peregrinamos neſte deſterro, ſeguraes na vida o *plus ultra*, e ſem fim da voſſa Clemencia, para que depois da morte vaõ goſar o ultimo fim, e *non plus ultra* da voſſa Gloria. *Quam mihi &c.*

LAUS DEO,

VIRGINIQUE MATRI.

Omnia ſubjicio correctioni Sanctæ Matris Eccleſiæ.